STEPHEN KING



SR. MERCEDES

A NOVEL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



STEPHEN KING

SR. MERCEDES

SCRIBNER
New York London Toronto Sydney New Delhi

Pensando em James M. Cain

Eles me jogaram do caminhão de feno por volta do meio-dia...

9-10 de Abril de 2009

Augie Odenkirk tinha um Datsun 1997 que ainda andava, apesar da grande quilometragem rodada, mas como a gasolina estava cara (especialmente para um desempregado), e o Centro Municipal ficava do outro lado da cidade, decidiu pegar o último ônibus da noite. Saiu às onze e vinte, de mochila nas costas e saco de dormir enrolado debaixo do braço. Achou que ficaria grato por ter levado a mochila cheia, por volta das três da madrugada. A noite estava úmida e gelada.

"Boa sorte, cara," o motorista disse ao vê-lo desembarcar. "Deveria ganhar alguma coisa por ser o primeiro"

Só que ele não era o primeiro. Quando Augie chegou ao final da íngreme e larga passagem para o grande auditório, viu um aglomerado de, pelo menos, trinta pessoas já esperando do lado de fora da divisória das portas, alguns em pé, a maioria sentada. Faixas amarelas de NÃO ULTRAPASSAGEM cruzando-se em postes, criavam um caminho complicado que dobrava-se sobre si mesmo, como um labirinto. Augie já vira isto em cinemas e no banco onde estava atualmente no vermelho**,** e entendia o propósito: amontoar o máximo de pessoas, em um mínimo de espaço possível.

Ao chegar ao fim do que logo seria uma fila-conga[1] de candidatos a empregos, Augie ficou tão surpreso quanto chocado ao ver que a mulher do fim da fila trazia um bebê adormecido em um sling[2]. As bochechas do bebê estavam coradas de frio; cada expiração acompanhava-se de um chiado fraco.

A mulher ouviu a respiração ofegante de Augie, e se virou. Ela era jovem e bem bonita, mesmo com os círculos escuros sob os olhos. A seus pés estava uma pequena sacola acolchoada. Augie imaginou que era onde ela trazia as coisas do bebê.

- Oi, - ela disse. – Bem vindo ao Clube dos Pássaros Madrugadores.

- Espero que a gente consiga uma minhoca, - ele hesitou por um momento, então pensou "por que diabos não?", e estendeu sua mão. – August Odenkirk. Augie. Fui disponibilizado para o mercado de trabalho há pouco tempo. É o jeito moderno de dizer que fui demitido.

Ela apertou sua mão. Tinha um bom aperto, firme e nem um pouco tímido.

– Eu sou Janice Cray, e meu pequeno bebê é Patti. Acho que fui disponibilizada também. Era governanta de uma boa família em Sugar Heights. Ele, hum, era dono de uma concessionária de carros.

Augie piscou.

Janice anuiu. – Eu sei. Ele disse que sentia muito ter de me dispensar, mas

eles também tinham de apertar os cintos.

- Tem acontecido muito disto ultimamente, - Augie disse, pensando: *Não conseguiu achar ninguém para cuidar de sua filha? Ninguém mesmo?*

- Eu tive de trazê-la. – aparentemente, Janice Cray não precisava ler mentes para saber o que ele estava pensando. – Não tenho ninguém. Literalmente ninguém. A garota do fim da rua não podia cuidar dela a noite inteira, mesmo que eu pudesse pagá-la, e não posso. Se não conseguir o emprego, eu não sei o que vou fazer.

- Seus pais não podiam ficar com ela? – Augie perguntou.

- Eles vivem em Vermont. Se eu tivesse meio cérebro, levaria Patti para lá. É bonito. Só que eles tem seus próprios problemas. Papai diz que a casa deles está afundando. Não literalmente, eles não moram no rio, nem nada disso, é algo relacionado a dinheiro.

Augie anuiu. Havia muito daquilo rolando também.

Poucos carros subiam a íngreme rua Marlborough, onde Augie tinha descido do ônibus. Eles viraram à esquerda, no enorme espaço vazio do estacionamento, que sem dúvida estaria lotado na manhã do dia seguinte... pouco antes da abertura das portas da Primeira Feira Anual de Empregos da Cidade. Nenhum dos carros parecia novo. Os motoristas estacionavam, e da maioria deles, saíam três ou quatro candidatos a empregos, se dirigindo à porta do auditório. Augie já não era mais o último da fila. Ele agora quase alcançava a primeira curva.

- Se eu conseguir um emprego, poderei ter uma babá, - ela disse. – Mas por hoje, eu e Patti teremos de aguentar.

O bebê deu uma tossida rouca a qual Augie não deu atenção, se esticou no sling, e então se posicionou de novo. Pelo menos a criança estava agasalhada; usava até pequenas luvas nas mãos.

Crianças sobrevivem a coisas piores, Augie disse a si mesmo, desconfortável. Ele pensou nas tempestades de areia da década de 1930 e na Grande Depressão. Bem, esta aqui era suficientemente grande para ele. Dois anos atrás, tudo estava bem. Ele não era propriamente rico, mas *conseguia* viver, com um pouco de sobra no fim do mês. Agora tudo virou uma merda. Eles fizeram algo com o dinheiro. Não compreendia o que; estivera em um emprego estagnado no departamento de logística da Transportes Grandes Lagos, e o que ele sabia era sobre faturas e operar computadores para rastrear cargas em navios, trens e aviões.

- As pessoas me verão com um bebê e pensarão que sou irresponsável, - Janice Cray afligiu-se. – Eu sei que sim, eu já vejo em seus rostos. Eu vi no seu. Mas o que mais posso fazer? Mesmo se a garota do fim da rua pudesse olhá-la a noite inteira, ainda me custaria oitenta e quatro dólares. *Oitenta e quatro!* Eu separei o dinheiro para pagar o aluguel do mês que vem, e depois disto, estou falida. – Ela sorriu, e à luz dos postes do estacionamento, Augie viu lágrimas se

acumulando sob seus cílios. – Estou tagarelando.

- Não precisa se desculpar, se é o que está fazendo – A fila agora, virava a primeira esquina, e alcançara o ponto onde Augie estava. E a garota estava certa. Ele viu muitas pessoas encarando o bebê adormecido no sling.

- Oh, chega, está certo. Eu sou uma mãe solteira desempregada. Quero pedir desculpas a todos, por tudo. – Ela se virou e encarou a faixa afixada acima da fileira de portas. **1000 EMPREGOS GARANTIDOS!** Estava escrito. E mais abaixo: "*Nós* apoiamos as pessoas de nossa cidade!" – **PREFEITO RALPH KINSLER.**

- Às vezes eu quero me desculpar por Columbine e o Onze de Setembro, e por Barry Bonds tomar esteróides. – Soltou uma risada quase histérica. – Às vezes eu quero me desculpar até mesmo pela explosão do ônibus espacial, e olha que quando isto aconteceu, eu ainda estava aprendendo a andar.

- Não se preocupe, - Augie disse a ela. – Você ficará bem. – Era só uma daquelas coisas que se dizia.

- Queria que não estivesse tão úmido, só isso. Eu a agasalhei para o caso de fazer realmente frio, mas esta umidade... – Ela balançou a cabeça. – Mas vamos conseguir, não vamos, Patti? – Ela deu a Augie um sorrisinho desesperançado. – Mas é melhor que não chova.

***

Não choveu, mas a umidade aumentou até que só o que podiam ver eram gotas suspensas através da iluminação de vapores de sódio. Em certo ponto Augie percebeu que Janice Cray estava dormindo em pé. Ela estava torta, de ombros caídos, com o cabelo pendurado em mechas úmidas em volta do rosto e o queixo quase colado ao peito. Ele olhou para o relógio e viu que ainda eram quinze para as três.

Dez minutos depois, Patty Cray acordou e começou a chorar. Sua mãe (sua *mamãe-criança*, Augie pensou) deu um salto, soltou um ronco parecido a um relincho, ergueu a cabeça e tentou tirar a criança do sling. De início, a garota não saiu; as pernas estavam presas, Augie se adiantou, segurando os lados do suporte. Quando Patti saiu, agora gemendo, ele pôde ver gotas de água brilhando sobre todo o seu pequeno agasalho cor-de-rosa e chapeuzinho combinando.

- Ela está com fome, - Janice disse. – Posso amamentá-la, mas ela também está molhada. Posso sentir pelas calças. Deus, eu não posso trocá-la assim – olhe como está frio!

Augie se perguntou que espécie de divindade cômica teria arranjado para ele estar na fila logo atrás dela. Ele também se perguntou como esta mulher atravessaria o resto de sua vida – *a vida inteira*, não só os próximos dezoito anos ou mais enquanto ela ainda seria responsável pela filha. Sair de casa numa noite

daquelas, com nada além de uma sacola de fraldas! Estar tão malditamente desesperada!

Ele tinha colocado seu saco de dormir no chão, perto da sacola de fraldas de Patti. Agora, se abaixou, soltou as amarras, desenrolou-o, baixou o zíper. - Entre aqui. Aqueça-se e aqueça-*a*. Eu te passo o que precisar.

Ela olhou para ele, segurando o bebê que chorava e esperneava. – Você é casado, Augie?

- Divorciado.

- Tem filhos?

Ele negou com a cabeça.

- Por que está sendo tão bom com a gente?

- Porque estamos aqui, - ele disse, e deu de ombros.

Ela olhou para ele por mais um momento, decidindo, então entregou-lhe o bebê. Augie segurou-a nos braços, fascinado pelo rostinho vermelho e furioso, a gota de ranho que caía do pequenino nariz retorcido, as perninhas que pedalavam no mijãozinho de flanela. Janice se enfiou no saco de dormir, então estendeu os braços. – Passe-a prá mim, por favor.

Augie passou, e a mulher se enfiou mais fundo no saco. Ao lado deles, onde a fila se dobrava sobre si mesma mais uma vez, dois homens jovens estavam encarando.

- Cuidem de suas vidas, rapazes, - Augie disse, e eles desviaram o olhar.

- Me dê uma fralda? – Janice disse. – É melhor eu trocá-la antes de amamentar.

Ele se ajoelhou no chão molhado e abriu a sacola acolchoada. Ficou momentaneamente surpreso ao encontrar fraldas de pano ao invés de fraldas descartáveis, mas então compreendeu. As de pano podiam ser usadas várias vezes. Talvez a mulher não estivesse totalmente desesperançada.

- Vejo um frasco de loção Baby Magic também. Quer?

De dentro do saco de dormir, onde agora só se via um tufo de seus cabelos castanhos. – Sim, por favor.

Ele estendeu-lhe a fralda e a loção. O saco de dormir começou a tremer e sacolejar. De início o choro se intensificou. De uma das curvas da fila, perdida na neblina espessa, alguém disse, - Calem a boca desta criança. – outra voz emendou – Alguém devia chamar o Conselho Tutelar.

Augie esperou, olhando o saco de dormir. Por fim ele parou de se mover e uma mão emergiu, segurando uma fralda. – Pode guardar na bolsa para mim? Há um saco plástico para as fraldas sujas. – ela olhou para fora, para ele como uma toupeira saindo de seu buraco. – Não se preocupe, não é cocô, só xixi.

Augie pegou a fralda, colocou na sacola plástica (COSTCO impresso ao lado), então fechou o zíper da sacola de fraldas. O choro de dentro do saco de dormir (*tantos sacos*, ele pensou) continuou por quase outro minuto, então

subitamente parou quando Patti começou a mamar no estacionamento do Centro Municipal. Sobre a fileira de portas que permaneceriam fechadas por mais umas seis horas, a faixa deu um único farfalhar indiferente. **1000 EMPREGOS GARANTIDOS**.

Certo, Augie pensou. *Também, dá para se evitar AIDS se enchendo de vitamina C.*

Vinte minutos passaram. Mais carros chegaram vindos da Rua Marlborough. Mais pessoas se juntaram à fila. Augie estimava que já havia umas quatrocentas pessoas esperando. Naquele passo, provavelmente haveria duas mil pessoas quando as portas se abrissem às nove, estimando por baixo.

Se alguém me oferecer emprego de fritador do McDonalds, eu aceito?

Provavelmente.

E ajudante no Walmart?

Oh, definitivamente. Sorrisão e *como está hoje?* Augie pensou que ele poderia brigar por um emprego de recepcionista no próprio estacionamento.

Eu sou uma pessoa sociável, ele pensou. E riu.

De dentro do saco. – Qual a graça?

- Nada. – ele disse. – Cuide dessa criança.

- Estou cuidando. – Havia um sorriso em sua voz.

***

Às três e meia, ele se ajoelhou, ergueu a borda do saco de dormir, e espiou lá dentro. Janice Cray estava enrodilhada, com o bebê em seu seio. Isso o fez pensar em *As Vinhas da Ira*. Qual era o nome da garota do livro? A que acabava amamentando o homem? Um nome de flor, ele achava. Lily? Não. Pansy? Absolutamente não. Ele pensou em colocar as mãos ao redor da boca e gritar, perguntando à multidão QUEM AQUI LEU AS VINHAS DA IRA?

Ele estava em pé novamente (e sorrindo diante do absurdo daquilo tudo), quando lembrou do nome. Rose. Aquele era o nome da garota do livro *As Vinhas da Ira*. Mas não era só Rose; era Rose de Sharon. Soava bíblico, mas ele não tinha certeza; nunca fora um leitor da Bíblia.

Olhou para baixo, para o saco de dormir no qual esperara passar algumas poucas horas da noite, e pensou em Janice Cray dizendo que sentia vontade de se desculpar por Columbine, 11 de Setembro e Barry Bonds. Provavelmente ela se desculparia pelo aquecimento global também. Talvez quando tudo isso acabasse e eles estivessem em empregos seguros – ou não; não era provável e nem plausível – ele a chamaria para um café. Não um encontro, nada disso, só um pouco de ovos mexidos e bacon. Depois disto, jamais se veriam novamente.

Mais pessoas chegavam. Eles chegaram ao fim da fila demarcada pelos postes com a importante faixa de NÃO ULTRAPASSAGEM. Uma vez

demarcada, a fila começava a se estender por toda a área de estacionamento. O que surpreendia Augie – e o deixava inquieto – era como tudo estava *silencioso*. Como se todos soubessem que esta missão estava fadada ao fracasso, e estivessem somente esperando o anúncio oficial.

O banner deu outra sacudida indiferente.

A neblina continuou a espessar.

***

Um pouco antes das cinco da manhã, Augie emergiu de seu estado de semi-adormecimento, bateu os pés para o sangue circular, e percebeu que uma desagradável luz cinzenta cortava o ar. Era a coisa mais distante do mundo do amanhecer róseo das poesia e filmes coloridos antigos; era uma anti-alvorada, úmida e pálida como as bochechas de um corpo morto há mais de um dia.

Ele podia ver o auditório do Centro Municipal lentamente se revelando em toda sua glória brega arquitetônica dos anos setenta. Ele podia ver as duas dúzias de pessoas na curva das filas pacientemente esperando, e então a fila desaparecendo na neblina. Agora havia um pouco de conversa, e quando um zelador vestindo um uniforme cinzento passou pelo saguão, do outro lado das portas, uma pequena animação satírica se ergueu.

- A vida foi descoberta em outros planetas! – gritou um dos jovens que encarara Janice Cray – era Keith Frias, cujo braço esquerdo logo seria decepado de seu corpo.

Houve uma leve risada diante desta piadinha, e as pessoas começaram a falar. A noite tinha acabado. A luz que se infiltrava não era particularmente encorajadora, mas ainda assim, era um pouco melhor do que as horas que tinham passado.

Augie se ajoelhou ao lado de seu saco de dormir de novo e apurou o ouvido. Os roncos baixos e regulares que ouviu, o fizeram sorrir. Talvez sua preocupação com ela fosse desnecessária. Achava que havia mesmo pessoas que passavam pela vida sobrevivendo – talvez até mesmo prosperando – da caridade de estranhos. A jovem mulher que cochilava em seu saco de dormir com o bebê bem podia ser uma delas.

Ocorreu-lhe que ele e Janice Cray podiam apresentar-se às várias mesas de recrutamento como um casal. Se fizessem isto, a presença do bebê podia não ser um indicador de irresponsabilidade, mas de dedicação conjunta. Ele não podia dizer com certeza, muito da natureza humana era um mistério a ele, mas achava possível. Decidiu apresentar a ideia à Janice assim que acordasse. Ver o que ela achava. Eles não podiam alegar serem casados; ela não usava uma aliança e ele tinha tirado a dele há uns bons três anos, mas podiam alegar estarem em uma... como é que as pessoas chamavam atualmente? União estável.

Carros continuavam chegando ao alto da Rua Marlborough a intervalos regulares. Logo haveria também pedestres, recém saídos de seus ônibus matutinos. Augie tinha quase certeza que eles começavam a rodar às seis. Por causa da neblina espessa, os carros que chegavam eram apenas faróis com vagas formas sombreadas por trás dos para-brisas. Alguns motoristas viam a enorme multidão que já aguardava e voltavam, desencorajados, mas a maior parte seguia em frente, se dirigindo às vagas restantes do estacionamento, seus faróis traseiros diminuindo.

Então Augie notou um carro que nem voltava, nem continuava em frente para alcançar as área distantes do estacionamento. Seus faróis eram incomumente brilhantes e rodeados por luzes de neblina amarelas.

Faróis dianteiros HD, Augie pensou. *Aquele é um Mercedes-Benz. O que um Benz faz em uma feira de empregos?*

Achou que podia ser o Prefeito Kinsler, para fazer um discurso para o Clube dos Pássaros Madrugadores ali. Para parabenizá-los por sua força de vontade, seu bom e velho espírito de iniciativa Americano. Se fosse, Augie pensou, chegar naquele Mercedes – mesmo que fosse um modelo antigo – caía muito mal.

Um velho na fila em frente de Augie (Wayne Welland, agora em seus últimos momentos de existência terrena) disse: “Aquele é um Benz? Parece um Benz.”

Augie começou a dizer é claro que é, não dá para confundir os faróis HD de um Mercedes, e então o motorista diretamente atrás da sombra tocou a buzina – um estouro longo e impaciente. As luzes HD brilharam mais forte do que nunca, cortando cones branco brilhantes pelas gotas suspensas de neblina, e o carro saltou para frente, como se a buzina impaciente o tivesse despertado.

- Ei! – Wayne Welland disse, surpreso. Foi sua última palavra.

O carro acelerou diretamente ao local onde a multidão de desempregados estava mais compactamente amontoada, arrancando as fitas de NÃO ULTRAPASSAGEM. Alguns tentaram correr, mas somente os que estavam na traseira da multidão conseguiram fugir. Aqueles mais próximos das portas (os Pássaros *verdadeiramente* Madrugadores) não tiveram chance. Eles foram empurrados contra os postes e os derrubaram, se enroscaram nas faixas, ricochetearam uns contra os outros. A multidão balançou para frente e para trás em uma série de ondas agitadas. Os menores e os mais velhos caíram e foram pisoteados.

Augie foi empurrado fortemente para a esquerda, cambaleou, recobrou-se, e foi empurrado para a frente. Um cotovelo voador atingiu seu malar logo abaixo do olho direito enchendo este lado da visão de clarões de 4 de Julho. Com o outro olho ele podia ver o Mercedes, não só emergindo da neblina, mas parecendo *criar-se* a partir dela. Um grande sedan cinzento, talvez um SL500, o tipo com doze cilindros, e naquele momento, todos aqueles cilindros gritavam.

Augie se jogou de joelhos ao lado do saco de dormir, e foi chutado repetidamente ao tentar voltar a ficar em pé: no braço, no ombro, no pescoço. Pessoas gritavam. Ele ouviu uma mulher chorar, *"Olhem, olhem, ele não está parando."*

Ele viu Janice Cray botar a cabeça para fora do saco de dormir, os olhos piscando de surpresa. Mais uma vez, ele pensou em uma toupeira tímida espiando para fora de sua toca. Uma senhora toupeira com um caso grave de cabelos desalinhados.

Ele caiu para a frente, apoiado nas mãos e joelhos e deitou-se sobre o saco com a mulher e o bebê dentro, como se ao fazer isso, pudesse protegê-las de duas toneladas de engenharia alemã. Ouviu pessoas gritando, o som delas quase se perdia sob a aproximação do ronco do motor do grande sedan. Alguém lhe deu um terrível soco na base da cabeça, mas ele quase não sentiu.

Houve tempo para pensar: *Eu tomar um café da manhã com a Rose de Sharon.*

Houve tempo para pensar: *Talvez ele desvie.*

Aquela parecia ser sua melhor chance, provavelmente a única chance. Ele começou a erguer a cabeça para ver o que estava acontecendo, e um enorme pneu preto toldou sua visão. Sentiu o aperto da mão da mulher em seu antebraço. Teve tempo de esperar que o bebê ainda estivesse dormindo. Então o tempo acabou.

DET./REF.

1

Hodges sai da cozinha com uma lata de cerveja na mão, senta na poltrona La-Z-Boy, e coloca a lata na mesinha à sua esquerda, próximo à arma. É um revólver Smith & Wesson M&P .38, M&P significa: Polícia Militar. Ele o acaricia de forma distraída, do jeito que acariciaria um velho cão, então pega o controle remoto e liga no canal sete. Está um pouco atrasado, e a platéia no estúdio já está aplaudindo.

Ele lembra de uma moda, breve e sinistra, que havia na cidade no fim dos anos oitenta. Ou talvez a palavra fosse *infestara*, pois fora como uma febre passageira. Os três jornais da cidade escreveram editoriais sobre o assunto o verão inteiro. Agora, dois daqueles jornais tinham fechado e o terceiro estava nas últimas.

O apresentador aparece correndo no palco em um terno alinhado, acenando para a platéia. Hodges assiste a este programa quase todos os dias da semana desde que se aposentou da força policial, e acha que este homem é feliz demais para aquele emprego, que era mais ou menos como fazer mergulho em um esgoto sem roupa de proteção. Acha que o apresentador é o tipo de homem que às vezes comete suicídio e depois todos os seus amigos e familiares próximos diriam que nunca tinham percebido que havia algo errado; eles falariam sobre como ele estava alegre na última vez que o viram.

E diante daquele pensamento, Hodges acaricia distraidamente o revólver, de novo. É do modelo Victory. Uma velharia, mas totalmente funcional. Sua própria arma, quando na ativa, era uma Glock .40. Ele comprara-o (oficiais municipais compravam sua própria arma de serviço) e agora estava segura em seu quarto. Seguramente guardada no cofre de segurança. Ele descarregara-a e a guardara após a cerimônia de aposentadoria e não tinha olhado para ela desde então. Não tinha interesse. Mas ele gostava do .38. Tinha valor sentimental, mas era mais do que isto. Um revólver que nunca falhava.

Lá estava a primeira convidada, uma jovem de vestido azul. Seu rosto era meio retardado. Mas tinha o corpo bonito. Em algum lugar abaixo daquele vestido, Hodges sabia, haveria algum tipo de tramp-stamp[3]. Talvez duas ou três. Os homens na platéia assobiavam e batiam o pé. As mulheres na platéia aplaudiam mais gentilmente. Algumas reviravam os olhos. Ela era o tipo de mulher que voce não gostaria de pegar seu marido olhando.

A mulher já chega emputecida. Ela diz ao apresentador que seu namorado tem um filho com outra mulher e que os visita constantemente. Ela ainda o ama, ela diz, mas odeia aquela –

As próximas palavras foram censuradas, mas Hodges conseguiu fazer a leitura labial e entender *maldita piranha*. A platéia vibra. Hodges dá um gole na

cerveja. Ele sabe o que vem em seguida. Este programa é tão previsível quanto uma novela da tarde.

O apresentador deixa ela se expressar um pouco e então apresenta... A OUTRA MULHER! Ela também tem um belo corpo e muitos metros de um comprido cabelo louro. Há uma tramp-stamp em um tornozelo. Ela se aproxima da outra mulher e diz, "Entendo como se sente, mas eu o amo também."

Ela tem mais em mente, mas é o máximo que pode fazer antes que a Primeira Corpo Bonito entre em ação. Alguém fora do palco soa uma campanhia, como se fosse o início de uma luta de campeonato. Hodges acha que é, já que todos os convidados neste programa deviam ser pagos; porque mais alguém passaria por isso? As duas mulheres se batem e se arranham por alguns segundos, e então os dois fortões com SEGURANÇA impresso nas camisetas, que assistiam de fora do palco, correm para separá-las.

Elas gritam uma com a outra por um tempo, uma troca completa e justa de opiniões (a maior parte censurados), enquanto o apresentador observa benignamente, e desta vez é a Corpo Bonito Dois que inicia a luta, dando um grande safanão que atinge a Corpo Bonito Um bem na nuca. O gongo soa novamente. Elas caem do palco, os vestidos se erguem, arranhando, golpeando e estapeando. A audiência vai ao delírio. Os seguranças as separam e o apresentador se interpõe entre elas, falando em uma voz que é apaziguadora na superfície, mas provocadora no fundo. As duas mulheres declaram a profundidade de seu amor, cuspindo uma no rosto da outra. O apresentador diz que estarão de volta em instantes e então uma atriz classe C entra em cena, vendendo pílulas para emagrecer.

Hodges toma outro gole de sua cerveja e percebe que mal chegou à metade da lata. É engraçado, porque quando estava na corporação, era quase um maldito alcoólatra. Quando a bebida acabara com seu casamento, ele assumira que *era* um alcoólatra. Fora preciso toda sua força de vontade para superar, prometendo a si mesmo que beberia o quanto quisesse depois que passasse dos quarenta anos de serviço – um número bem surpreendente, quando metade dos policiais civis se aposentavam depois de vinte e cinco anos, e setenta por cento depois de trinta. Só que agora que ele tinha ultrapassado aquela marca, o álcool já não o interessava tanto. Às vezes se forçava a ficar bêbado, só para ver se ainda conseguia, e ele conseguia, mas estar bêbado já não era melhor do que estar sóbrio. Na verdade, era um pouco pior.

O programa volta. O apresentador diz que há outro convidado, e Hodges sabe quem será. A audiência também. Eles gritam de antecipação. Hodges ergue a arma de seu pai, olha no tambor e a coloca de volta em cima do guia de TV.

O homem por quem Corpo Bonito Um e Corpo Bonito Dois brigam tão arduamente emerge no palco à direita. Dá para saber a aparência dele antes mesmo que apareça, e sim, ele é o cara: um frentista, montador de caixas da

Target ou talvez o cara que aspira seu carro (mal e porcamente) no Lava Rápido Sr. Speedy. Ele é magro e pálido, com cabelos pretos caindo sobre a testa. Usa calças com cores extravagantes e uma gravata verde e amarela maluca, muito apertada na garganta, logo abaixo de seu pomo de adão proeminente. Os dedos pontudos das botas de camurça aparecem por baixo das calças. Dava para saber que as mulheres tinham tramp-stamps e dava para saber que este cara era dotado como um cavalo e espirrava um esperma mais poderoso que uma locomotiva e mais rápido que um tiro a bala; uma donzela virgem que sentasse em uma privada após este cara se masturbar certamente acabaria grávida. Provavelmente de gêmeos. No rosto dele há o meio sorriso espertinho de um cara tranquilo em um bom estado de espírito. Emprego dos sonhos: aposentadoria por invalidez. Logo o gongo iria soar e as mulheres se atracariam novamente. Mais tarde, depois de ouvirem o suficiente deste sujeito, elas olharão uma para a outra, acenarão lentamente, e o atacarão juntas. Desta vez os seguranças esperariam um pouco mais para separá-las, porque esta batalha final é o que a audiência, tanto no estúdio quanto em casa, realmente queriam ver: as galinhas surrando o galo.

Aquela moda terrível e fugaz no final dos anos 80 – a febre – era chamada "briga de vagabundos". Algum gênio da sarjeta teve a ideia, e quando se tornou lucrativa, três ou quatro outros empreendedores se juntaram para refinar o negócio. O que faziam era pagar trinta dólares para alguns vagabundos atacarem uns aos outros, em um horário e local determinados. O local que Hodges mais se lembrava, era a área de serviço atrás de um desprezível e caindo aos pedaços clube noturno chamado Bam Ba Lam, para lá da Zona Leste. Depois de combinada a luta, fazia-se propaganda (boca a boca naqueles dias, com o uso da internet ainda muito longe no horizonte), e cobrava-se vinte dólares por espectador. Havia mais de duzentos naquele que Hodges e Pete Huntley tinham estourado, a maior parte deles fazendo apostas e gritando uns com os outros como filhos da puta.

Lá também havia mulheres, algumas em vestidos chiques e cheias de jóias, assistindo enquanto aqueles bêbados vagabundos acabavam uns com os outros, se debatiam, chutavam, caiam, se erguiam e gritavam abobrinhas. A multidão ria, torcia e incentivava os combatentes a continuar.

Este programa era mais ou menos aquilo, só que agora havia pílulas emagrecedoras e companhias de seguro para patrocinar a luta, então os oponentes (era o que eles eram, embora o apresentador os chamassem de "convidados") ganhavam um pouco mais que trinta dólares e uma garrafa de bebida barata. E não há policiais para prendê-los, pois é tudo tão legal quanto bilhetes de loteria.

No final do programa, a juíza, dama implacável, apareceria revestida de sua conscienciosa e característica impaciência, ouviria com raiva mal contida os

pleiteantes borra-bosta a se lamentarem diante dela. Em seguida, o psicólogo gordo da família faria os convidados chorar (ele chamava aquilo de "romper a barreira de negação"), e os convidaria a se retirar caso algum ousasse questionar seus métodos. Hodges achava que o psicólogo gordo podia ter aprendido aqueles métodos em velhos vídeos de treinamento da KGB.

Hodges se alimenta desta merda televisiva todas as tardes da semana, sentado na poltrona La-Z-Boy com a arma de seu pai – a que o pai portara quando policial militar – na mesa a seu lado. Ele frequentemente a pega, olha para o tambor. Inspeciona aquela escuridão redonda. Em algumas ocasiões, ele a punha entre os lábios, só para ver como era ter uma arma carregada sobre a língua, cutucando o palato. Para se acostumar.

"Se eu conseguisse beber, poderia parar com isto", ele pensa. Eu poderia parar com isto por pelo menos um ano. E se eu pudesse parar com isto por dois, a vontade talvez passasse. Eu poderia começar a se interessar por jardinagem, ou observação de pássaros, ou mesmo pintura. Tim Quigley se deu bem pintando, lá na Flórida. Em uma comunidade de aposentados, cheia de velhos policiais. Ao que constava, Quigley realmente gostara daquilo, e até vendera algumas de suas peças no Festival de Arte de Venice. Pelo menos até ter um derrame. Depois do derrame ele passara oito ou nove meses na cama, totalmente paralisado do lado direito. Não podia mais pintar, Tim Quigley. Então ele se foi. Buuu..

O gongo da luta toca, e com certeza, as duas mulheres cairão sobre o cara magrelo da gravata maluca, exibindo unhas pintadas, cabelos compridos esvoaçantes. Hodges estende a mão novamente para a arma, mas não chega a tocá-la, quando ouve o ruído da porta da frente e o farfalhar da correspondência delizando ao chão da entrada.

Nada importante chegava pelos correios nesta época de e-mails e Facebook, mas se levanta mesmo assim. Vai dar uma olhada nas correspondências e deixar o .38 M&P de seu pai para outro dia.

2

Quando Hodges volta à poltrona com o pequeno monte de cartas, o apresentador do programa se despede e promete à audiência de sua Tvlândia que amanhã traria anões. Se do tipo físico ou mental, ele não especifica.

Ao lado da La-Z-Boy há dois pequenos recipientes plásticos, um para garrafas retornáveis e latas, e o outro para o lixo. Para o lixo vai a propaganda do Walmart prometendo PREÇOS IMPERDÍVEIS; uma oferta de seguro funerário endereçado ao NOSSO VIZINHO FAVORITO; um anúncio de que todos os DVDs estarão pela metade do preço somente naquela semana na Discount Electronix; um pedido em tamanho de cartão postal de "seu importante voto" vinda de um camarada que concorria a uma vaga no conselho municipal. Havia a fotografia do candidato, e Hodges o achou parecido com o Dr. Oberlin, o dentista que o aterrorizara na infância. Havia também um jornalzinho do supermercado, Albertson. Este, Hodges separa (cobrindo a arma do pai por ora) porque está cheio de cupons.

A última parece uma carta de verdade – respeitosamente volumosa, ao que parecia – em envelope tamanho comercial. Endereçada ao *Detetive K. William Hodges (Ref.) rua Harper, 63*. Não havia remetente. No canto superior esquerdo, onde geralmente há endereço de resposta, está seu segundo adesivo Smiley da correspondência do dia. Só que aquele não era o Smiley do logotipo do Walmart, mas um emoticon típico de e-mails do Smiley usando óculos escuros e mostrando os dentes.

Aquilo lhe trouxe de volta uma lembrança, e não uma lembrança boa.

Não, ele pensa. Não.

Mas abre a carta tão rápida e violentamente que o envelope se rasga e as quatro páginas datilografadas caem – não datilografadas de verdade, não datilografadas em *máquina de escrever*, mas em uma fonte de computador que se assemelha a datilografia.

Caro Detetive Hodges, a linha inicial dizia.

Ele tateia às cegas, derruba o jornalzinho do Albertson no chão, passa os dedos sobre o revólver sem nem mesmo notá-lo, e pega o controle remoto da TV. Aperta o mute, silenciando a juíza implacável em meio a um discurso rabugento, e volta sua atenção à carta.

Caro Detetive Hodges,

Espero que não se incomode de eu usar seu título, mesmo que esteja aposentado há 6 meses. Acho que, se juízes incompetentes, políticos ladrões e comandantes militares estúpidos podem manter seus títulos após a aposentadoria, o mesmo deveria ocorrer a um dos mais condecorados oficiais de polícia da história da cidade.

Então, que seja Detetive Hodges!

Sir, (outro título que merece, pois é um verdadeiro Cavaleiro de Distintivo e Armas), escrevo por muitas razões, mas devo começar por parabenizá-lo pelos seus anos de serviços prestados, 27 como detetive e 40 ao todo. Eu assisti a um trecho da Cerimônia de Aposentadoria na TV (Acesso Público Canal 2, um recurso ignorado pela maioria das pessoas), e por acaso, descobri que na noite seguinte, houve uma festa no Raintree Inn, perto do aeroporto. Aposto que aquela foi a verdadeira *Cerimônia de Aposentadoria!*

*Eu mesmo nunca fui convidado para uma festança destas, mas já vi programas policiais suficientes na TV, e apesar de saber que muitos deles representam uma versão muito caricata da corporação, alguns retrataram festas de aposentadoria (*NYPD Blue Homicide, The Wire*, etc., ect,), e eu gosto de achar que eles são retratos acurados de como os Cavaleiros de Distintivo e Armas se despedem de seus compatriotas. Acho que devem ser, pois também li cenas de festas de aposentadoria em pelo menos dois livros de Joseph Wambaugh, e eram similares. Ele deve saber por que, como você, também é um Detetive Reformado.*

Imagino balões dependurados no teto, muita bebida, muita conversa obscena, e um monte de reminiscências sobre os Velhos Dias e os velhos casos. Houve, provavelmente, música alta e animada, e possivelmente uma dançarina ou duas rebolando seus traseiros enfeitados. Deve ter havido discursos - bem mais engraçados e mais verdadeiros do que aqueles da cerimônia oficial.

Acertei?

Nada mal, Hodges pensa. Nada mal mesmo.

De acordo com minhas pesquisas, durante seu tempo como detetive, resolveu literalmente centenas de casos, muitos deles do tipo que a imprensa (que Ted Williams chamava de Cavaleiros do Teclado) chama de espalhafatosos. Você prendeu Assassinos e Gangues de Assaltantes e Incendiários e Estupradores. Em um artigo (publicado mais ou menos na época de sua Cerimônia de Aposentadoria), seu parceiro de longa data (Detetive de 1º Grau Peter Huntley) o

descreveu como "uma combinação de alguém que segue o protocolo, mas que é intuitivamente brilhante."

Um belo elogio!

Se isto for verdade, e eu acho que é, a esta altura você já deve ter percebido que sou um dos que você não conseguiu pegar. Eu sou, de fato, o homem que a imprensa decidiu chamar:

a) O Charada.
b) O Palhaço
ou
c) O Mercedes Assassino.

Prefiro este último!

Tenho certeza que você fez tudo o que podia, mas infelizmente (para você, não para mim), falhou. Imagino que, se houve *um criminoso que você tenha desejado realmente capturar, Detetive Hodges, este deve ser o homem que deliberadamente atropelou a multidão na Feira de Empregos no Centro Municipal, ano passado, matando oito e ferindo muitos outros (devo dizer que excedi minhas expectativas mais exageradas). Eu estava em sua mente quando lhe fizeram aquelas homenagens na Cerimônia de Oficial Aposentado? Eu estava em sua mente quando seus amigos, Cavaleiros do Distintivo e Armas te contavam estórias sobre (só estou supondo) criminosos que eram pegos de calças literalmente arriadas ou de pegadinhas engraçadas que ocorriam na boa e velha repartição?*

Eu aposto que estava!

Tenho de lhe dizer como foi divertido. (estou sendo honesto). Quando eu pisei fundo naquele acelerador e guiei o Mercedes da pobre Sra. Olivia Trelawney em cima da multidão, tive a maior ereção de minha vida! E meu coração batia a 200 por minuto? "Claro que sim!"

Aqui havia outro Smiley de óculos escuros.

Deixa eu te dar uma verdadeira informação confidencial, e se quiser rir, tudo bem, porque é mesmo meio engraçado (embora eu ache que também mostre como fui cuidadoso). Eu estava usando uma camisinha! Porque eu estava com medo de ter uma ejaculação espontânea, e deixar vestígios de DNA detectáveis! Bem, não aconteceu, mas eu me masturbei muitas e muitas vezes depois daquilo, enquanto pensava no quanto eles tentaram correr e não conseguiram (eles estavam amontoados como sardinhas), *e o quão assustados todos pareciam (aquilo foi tão engraçado), e do jeito que eu fui jogado para frente quando o carro os atingiu. Tão forte que o cinto de segurança travou. Deus, foi muito excitante.*

Para dizer a verdade, eu não sabia o que *poderia acontecer. Eu achava que as chances eram meio a meio de que eu fosse pego. Mas sou um otimista nato, e me preparei para o Sucesso ao invés do Fracasso. A camisinha é uma informação*

confidencial, mas aposto que o seu Departamento Forense (eu também assisto ao CSI*) ficou bem desapontado quando não conseguiu nenhuma amostra de DNA do lado de dentro daquela máscara de palhaço. Eles devem ter dito, "Merda! Que maufeitor*[4] *habilidoso! Deve ter usado uma touca de cabelos por baixo da máscara!"*

E eu usei mesmo! E também tomei banho com água sanitária!

Eu ainda me alegro de pensar nos sons que ouvi quando os atingi, os ruídos dos ossos se partindo, e o jeito que o carro sacolejou ao passar por cima dos corpos. Em termos de força e controle, o Mercedes de 12 cilindradas é o melhor!! Quando vi no jornal que um bebê *foi uma das vítimas, fiquei deliciado!! Acabar com uma vida tão jovem! Pensar em tudo o que ela deixou de viver, eh? Patricia Cray, descanse em paz! Peguei a mãe também! Geléia de morango em um saco de dormir! Que delícia, eh? Eu também adorei pensar no homem que perdeu o braço e ainda mais nos dois que ficaram paralisados. O homem, somente da cintura para baixo, mas Martine Stover virou praticamente um vegetal! Eles não morreram, mas certamente* desejariam *ter morrido!* Que tal isso, Detetive Hodges?

Agora você deve estar pensando, "Que tipo de pervertido doente e depravado temos aqui?" Não posso realmente te culpar, mas isto é discutível! Eu acho que um grande número de pessoas adoraria fazer o que eu fiz, e é por isso que gostam tanto de livros e filmes (e até mesmo de programas de TV) com Torturas e Desmembramentos, etc, etc, a única diferença é que eu realmente fiz*. Mas não porque eu seja doido (em qualquer sentido da palavra). Só porque eu não sabia exatamente o que a experiência seria, só que seria totalmente eletrizante, gerando "lembranças que durariam a vida inteira" como eles dizem. A maior parte das pessoas é presa a Botas de Chumbo que lhe são impostas ainda na infância e tem de usá-las a vida inteira. Estas Botas de Chumbo se chamam CONSCIÊNCIA. Eu não tenho nenhuma, então eu posso planar bem acima da cabeça da multidão mediana. E se eles tivessem me capturado? Bem se isto tivesse acontecido, se o Mercedes da Sra. Trelawney tivesse pifado ou algo assim (improvável, já que tinha uma manutenção cuidadosa), suponho que a multidão poderia ter me linchado, eu sabia que esta era uma possibilidade, e isso só me deixou ainda mais excitação. Mas eu não pensei que eles realmente o fariam, porque a maior parte das pessoas é como ovelha, e ovelha não come carne. (Eu acho que poderia ter apanhado um pouquinho, mas aguento uns golpes). Provavelmente eu teria sido preso e ido a julgamento, onde eu alegaria insanidade. Talvez eu seja mesmo insano (esta ideia definitivamente me passou pela mente), mas é um tipo bem* peculiar *de insanidade. De qualquer forma, tirei a sorte grande e me safei.*

A neblina ajudou!

Agora eis algo que eu vi, desta vez em um filme (não me lembro o nome).

Tinha um assassino em série muito inteligente e de início os tiras (um era Bruce Willis, na época em que ainda tinha um pouco de cabelo) não conseguiram pegá-lo. Então Bruce Willis disse, "Ele fará novamente porque não consegue se segurar e mais cedo ou mais tarde, cometerá um erro e vamos pegá-lo."

E eles pegaram mesmo!

Isso não é verdade no meu caso, Detetive Hodges, porque eu não tenho vontade nenhuma *de fazer novamente. Em meu caso,* uma só vez foi o bastante. *Eu tenho minhas lembranças, e elas são tão claras quanto um lago cristalino. E é claro, as pessoas ficaram aterrorizadas depois do ato porque tinham certeza que eu* faria *de novo. Lembra-se dos eventos públicos que foram cancelados? Não foi muito divertido, mas* até *que achei interessante.*

Então veja, estamos ambos *aposentados.*

Por falar nisto, meu único arrependimento é não ter conseguido chegar à sua festa de aposentadoria no Raintree Inn para fazer um brinde a você, meu bom Detetive. Você absolutamente fez o seu melhor. Detetive Huntley também, é claro, mas se as informações dos jornais e da internet sobre suas carreiras forem verdadeiras, você era o melhor e ele sempre foi mediano. Tenho certeza que, caso ele ainda esteja na ativa, ainda pega aqueles relatórios antigos de vez em quando para estudá-los, mas ele não descobrirá nada. Acho que nós dois sabemos disto.

Posso finalizar com uma Nota de Preocupação?

Em alguns desses programas de TV (e também em um dos livros de Wambaugh, eu acho, mas pode ter sido um de James Patterson), a grande festa com balões e bebidas e música acaba em uma triste cena final. Os Detetives vão para casa e descobrem que, sem suas Armas e Distintivo, suas vidas não têm sentido. O que eu consigo entender. Quando se pensa nisso, o que é mais triste do que um Cavaleiro Velho Aposentado? De qualquer forma, o Detetive finalmente atira em si próprio (com seu revólver de serviço). Eu procurei na internet e descobri que este tipo de coisa não é só ficção. Realmente acontece!

Os índices de suicídio em policiais aposentados são altíssimos*!!*

Na maioria dos casos, os tiras que fazem esta coisa triste não têm familiares próximos para perceber os Sinais de Alerta. Muitos, como você, são divorciados. Muitos têm filhos crescidos, que moram longe. Eu penso em você sozinho em sua casa na Estrada Harper, Detetive Hodges, e me preocupo. *Que tipo de vida você está levando, agora que a emoção da caça ficou para trás? Está assistindo muita TV em dias-da-semana? Provavelmente. Está bebendo mais? Possivelmente. As horas passam mais lentamente porque sua vida agora está vazia demais? Está sofrendo de insônia? Jesus, eu espero que não.*

Mas receio que esteja acontecendo exatamente isto!

Você provavelmente precisa de um passatempo, para ter algo no que pensar ao invés do caso não resolvido e o maufeitor que jamais será capturado Seria ruim demais se começasse a pensar que a sua carreira inteira foi uma perda de tempo

porque o cara que matou todas aquelas Pessoas Inocentes escapou por entre seus dedos.

Seria uma pena que começasse a pensar na sua arma.

Mas você tem pensado *nela, não tem?*

Eu gostaria de finalizar com um pensamento final daquele "que escapou". Que seria:

FODA-SE, PERDEDOR.

Brincadeirinha!

Sinceramente seu,
O MERCEDES ASSASSINO..

PS: Sinto muito pela Sra. Trelawney, mas quando você entregar esta carta ao Det. Huntley, diga-lhe para não se incomodar em procurar qualquer foto que eu tenho certeza que a polícia tirou no funeral dela. Eu estava lá, mas só em imaginação. (Minha imaginação é muito poderosa.)

PPS: Quer me contatar? Compartilhar suas impressões? Tente o site Sob o Guarda-Chuva Azul da Debbie. Eu até cadastrei um nome de usuário para você: "kermitfrog19". Eu posso não responder, mas, "ei, você jamais saberá."

PPPS: Espero que esta carta o tenha animado!

4

Hodges permanece sentado onde está por dois minutos, quatro minutos, seis, oito. Completamente imóvel. Ele segura a carta na mão, olhando para o quadro de Andrew Wyeth que tinha pendurado na parede. Por fim, põe as folhas na mesa ao lado de sua poltrona e segura o envelope. O selo postal era dali mesmo na cidade, o que não o surpreendia. Seu correspondente queria que soubesse o quão perto estava. Faz parte da provocação. Como seu correpondente diria, é...

Parte da diversão!

Novos processos químicos e tecnológicos são capazes de identificar excelentes impressões digitais em um papel, mas Hodges sabe que quando entregar esta carta aos forenses, eles não encontrarão nenhuma impressão digital além das suas. Este cara é louco, mas sua autoafirmação de ser "*um maufeitor habilidoso",* está absolutamente correta. Só que ele escreveu maufeitor, e não malfeitor, e duas vezes. Também...

Espere um momento, um momento.

O que quer dizer com *quando entregasse?*

Hodges se levanta, vai até a janela segurando a carta, e olha para a Estrada Harper. A garota Harrison passeia por ali em seu ciclomotor. Ela é nova demais para ter um daqueles, não importa o que a lei dizia, mas pelo menos estava usando um capacete. O caminhão do Sr. Saboroso passava por ali: no tempo calorento ele trabalhava na zona leste da cidade entre o horário da saída escolar até o anoitecer. Um pequeno carro smart preto passa por ali. A mulher de cabelos grisalhos atrás do volante usa bobs no cabelo. Era mesmo uma mulher? Podia ser um homem usando uma peruca e vestido. Os bobs seriam um toque final perfeito, não seriam?

É o que ele quer que você pense.

Mas não. Não exatamente.

Não *o que*. É *como* o auto-denominado Mercedes Assassino (só que ele estava certo, foram os jornais e os noticiários da TV que o tinham batizado assim) queria que ele pensasse.

É o sorveteiro!

Não, é o homem vestido de mulher no carro pequeno!

Aham, é o cara dirigindo o caminhão de gás, ou o medidor de luz!

Como desencadear uma paranóia dessas? Ajuda se, casualmente, revelar saber mais do que somente o endereço do ex-detetive. Você sabe que ele é divorciado e que isto significa que ele tem um filho ou filhos em algum lugar.

Olhando para o gramado agora, nota que precisa ser aparado. Se Jerome não aparecer logo, Hodge pensa, terei de chamá-lo.

Filho ou filhos? Não se engane. Ele sabe que minha ex se chama Corinne e

que temos uma filha adulta, chamada Alison. Ele sabe que Allie tem trinta anos e vive em São Francisco. Ele provavelmente sabe que ela tem um metro e sessenta e sete e joga tênis. Todas essas coisas estão disponíveis na internet. Hoje em dia, *tudo está*.

Sua próxima ação devia ser entregar esta carta ao Pete, e à nova parceira de Pete, Isabelle Jaynes. Eles herdaram o caso Mercedes, junto com outras coisas, quando Hodges se aposentou. Alguns casos são como computadores ociosos; eles dormiam. Esta carta despertaria o caso Mercedes mais do que depressa.

Ele refaz o trajeto da carta em sua mente.

Da caixa de correio ao chão da entrada. Do chão da entrada à poltrona La-Z-Boy. Da La-Z-Boy até aqui, perto da janela, onde ele agora observava o carro dos correios voltando por onde viera – Andy Fenster encerrara o dia. Daqui à cozinha, onde a carta iria em um totalmente desnecessário saquinho Glad, do tipo com fechamento zip, porque velhos hábitos são hábitos fortes. Dali para Pete e Isabelle. De Pete aos Forenses para uma análise total e imparcial, onde o desnecessário saco Glad seria conclusivamente provada: não haveria impressões digitais, sem pelos, sem nenhum tipo de DNA, papel encontrado aos montes em qualquer papelaria da cidade, e – por fim, mas não menos importante – impressora laser padrão. Eles até poderiam dizer que tipo de computador fora usado para compor a carta (sobre isto ele não poderia ter certeza, pois conhecia pouco sobre computadores, e quando tinha problemas com o seu, chamava Jerome, que morava convenientemente próximo) e se fosse esse o caso, poderia ser um Mac ou um PC. Grande bosta.

Dos Forenses a carta voltaria de novo para Pete e Isabelle, que sem dúvida balbuciariam em policiês o discurso sem sentido que se vê nos programas de crime da BBC, como *Luther* e *Prime Suspect* (os quais seu correspondente psicopata provavelmente adorava). Este palavrório seria acompanhado de uma apresentação em quadro branco com fotos ampliadas da carta, talvez mesmo um laser de ponta. Hodges também via alguns daqueles programas britânicos de crimes, e acreditava que a Scotland Yard de certa forma não conhecia o ditado que diz que muita gente metendo a colher, desandava a receita.

O palavrório policial conseguiria uma coisa, e Hodges acreditava que era o que o psicopata queria: com dez ou doze detetives em serviço, a existência da carta iria inevitavelmente vazar para a imprensa. O psicopata provavelmente não dizia a verdade sobre não ter vontade de repetir seu crime, mas uma coisa Hodges tem certeza absoluta: ele sente falta de ser notícia.

Dentes de leão se espalhavam pelo gramado. Era definitivamente hora de chamar Jerome. Além da grama, Hodges sentia falta dele por ali. Garoto legal.

Algo mais. Mesmo que o psicopata *esteja* dizendo a verdade sobre não sentir vontade de perpetrar outro assassinato em massa (improvável, mas não impossível), ele ainda está extremamente interessado no assunto morte. As

entrelinhas da carta não podiam ser mais claras. *Suicide-se. Você já está pensando nisto, então dê o próximo passo. Que a propósito é o último passo.*

Teria ele me visto brincando com o .38 de meu pai?

Teria ele me visto colocá-lo na boca?

Hodges tinha de admitir que era possível: ele jamais pensara sequer em fechar as cortinas. Sentindo-se estupidamente seguro em sua sala de estar, onde qualquer um podia espiar usando binóculos. Ou Jerome podia ter visto. Jerome saltitando pelo caminho para perguntar se teria tarefas para ele: o que ele gostava de chamar de *trabáio pro neguim*.

Só que, se Jerome tivesse visto-o brincando com aquele velho revólver, teria morrido de susto. Teria dito algo.

O Sr. Mercedes realmente se masturbava pensando na morte de todas aquelas pessoas?

Em seus anos na força policial, Hodges vira coisas sobre a quais nunca falara com ninguém que também não as tivesse visto. Tais lembranças tóxicas o levavam a acreditar que seu correspondente dizia a verdade sobre a masturbação, bem como ele certamente falava a verdade sobre não ter consciência. Hodges lera que há poços na Islândia tão profundos que é possível jogar uma pedra e jamais ouvir o som dela atingindo a fundo. Ele acha que algumas almas humanas também são assim. Coisas como briga de vagabundos eram só a metade daqueles poços.

Ele volta à sua La-Z-Boy, abre a gaveta da mesa, e tira seu celular. Ele substitui pelo revólver .38 e fecha a gaveta. Utiliza a discagem rápida para ligar para o Departamento de Polícia, mas quando a recepcionista pergunta com quem quer falar. Hodges diz:

- Oh, maldição. Eu acho que disquei errado. Desculpe o incômodo.

- Sem problemas, senhor, - ela diz, com um sorriso na voz.

Sem telefonemas, não ainda. Sem ação de qualquer tipo. Precisava pensar sobre aquilo.

Ele realmente, realmente precisava pensar naquilo.

Hodges se senta, olhando para a televisão, desligada em um dia de semana pela primeira vez em meses.

5

Naquela tarde, ele dirige-se ao Newmarket Plaza e come em um restaurante tailandês. O sr. Buramuko serve pessoalmente.

Há quanto tempo, *oficial Hutches*.

Tenho cozinhado desde que me aposentei.

Deixa que eu cozinho. Melhor assim.

Ao sentir o gosto do Tom Yum Gang do Sr. Buramuk novamente, ele percebe o quão enjoado estava de seus hambúrgueres mal passados e espaguetes com molho pronto. E o Sang Kaya Fug Tong o fez perceber como estava cansado de bolo de coco Pepperidge Farm. "Se eu jamais comer outro pedaço de bolo de coco", ele pensa, "poderei morrer feliz." Ele bebe duas latas de Singha junto com a refeição, e é a melhor cerveja que toma desde a festa de aposentadoria do Raintree, a qual ocorrera quase exatamente quanto o Sr. Mercedes dissera: houvera até mesmo uma stripper "balançando o rabo enfeitado." Junto com tudo o mais.

Será que o Sr. Mercedes estivera por lá, nos fundos do salão? Como diria o gambá do desenho. "É possível, Muskie, é possível".

Novamente em casa, ele se senta na La-Z-Boy e pega a carta. Ele sabe qual devia ser o próximo passo – caso não fosse entregá-la à Pete Huntley – mas também sabe que é melhor não tentar fazer isso após umas cervejas. Então ele coloca a carta de novo na gaveta, em cima do .38 (ele nem chegou a se incomodar em usar o saco Glad) e pega outra cerveja. A da geladeira era uma Ivory Special, marca local, mas o gosto era tão bom quanto a Singha.

Ao acabá-la, Hodges liga o computador, abre o Firefox, e digita *Sob o Guarda-Chuva Azul da Debbie*. A descrição não era muito descritiva: *Uma rede social onde pessoas interessantes trocam pontos-de-vistas interessantes*. Ele pensa em avançar mais, mas desliga o computador. Não aquilo, também. Não esta noite.

Ele costumava ir tarde para a cama, porque isto significava menos horas se revirando e se contorcendo, repassando velhos casos e velhos erros, mas nesta noite, desiste cedo e sabe que adormecerá quase instantaneamente. É um sentimento maravilhoso.

Seu último pensamento antes de apagar foi o jeito venenoso que Sr. Mercedes encerrara a carta. O Sr. Mercedes quer que ele cometa suicídio. Hodges se pergunta o que ele pensaria se soubesse que, ao invés disto, dera a este específico ex-Cavaleiro do Distintivo e Armas uma razão para viver. Pelo menos por um tempo.

Então o sono o leva. Ele tem seis longas horas de descanso, antes de sua bexiga acordá-lo. Ele cambaleia para o banheiro, mija até esvaziar-se, e volta

para a cama, onde dorme por mais três horas. Quando acorda, a luz do sol entra inclinado pela janela e os pássaros cantam. Ele vai até a cozinha, onde prepara um café-da-manhã completo. Enquanto transfere um par de ovos fritos em um prato já cheio de bacon e torradas, ele pára, estupefato.

Alguém está cantando.

É ele.

6

Após colocar a louça do café-da-manhã na lavadora, ele vai até o escritório para destrinchar a carta. Uma coisa que já fizera dúzias de vezes antes, mas nunca sozinho; quando detetive, Pete Huntley sempre estava lá para ajudá-lo, e antes de Pete, tivera dois parceiros. A maior parte das cartas eram ameaças de ex-maridos (e uma ou duas ex-esposas). Que não traziam nada de muito desafiador. Algumas eram exigências de extorsões. Outras eram chantagem – que eram, na verdade, outro tipo de extorsão. Uma veio de um sequestrador exigindo um insignificante e prosaico resgate. E três – quatro, contando aquela do Sr. Mercedes – eram de assassinos confessando seus crimes. Duas, eram claramente fantasias. Uma podia ser ou não do assassino em série que eles chamavam de Joe Turnpike[5].

Mas esta aqui? Verdadeira ou falsa? Real ou fantasia?

Hodges abre a gaveta da escrivaninha, retira um bloco de anotações amarelo, e arranca a primeira página com a lista de compras semanal. Então, ele pega uma das canetas Uni-Ball do porta-canetas ao lado do computador. Primeiro reflete sobre o detalhe da camisinha. Se o cara realmente estivesse usando uma, ele a levou com ele... mas fazia sentido, não fazia? Camisinhas retinham impressões digitais além de porra. Hodges considera outro detalhe: o modo como o cinto de segurança travou quando o cara atingiu a multidão, o jeito que o Mercedes sacolejou quando passou por cima dos corpos. Coisas como aquelas não saíram em nenhum dos jornais, mas bem podiam ser coisas que ele inventara. Ele mesmo dissera...

Hodges relê a carta, e lá está: *Minha imaginação é muito poderosa.*

Mas havia dois detalhes que ele não poderia ter inventado. Dois detalhes foram mantidos longe dos noticiários.

Em seu bloco de anotações, abaixo de É VERDADE?, Hodges escreve: REDE DE CABELO. ÁGUA SANITÁRIA.

O Sr. Mercedes levara a rede de cabelo junto com ele do mesmo modo que levara a camisinha (provavelmente ainda pendurada no pau, assumindo que tenha realmente usado uma), mas Gibson da Forense tinha sido incisivo na conclusão de que houvera uma, porque o Sr. Mercedes tinha largado a máscara de palhaço e lá não havia nenhum fio de cabelo preso ao látex. Sobre o cheiro de piscina da água sanitária matadora de DNA não havia dúvidas. Ele deve ter usado um monte.

Mas não eram só essas coisas isoladas; era tudo. A segurança. Não havia nada de hesitação nela.

Ele pensa um pouco, então escreve: ESTE É O CARA.

Hesita de novo. Rabisca CARA e escreve BASTARDO.

7

Já fazia um tempo que ele não pensava mais como um tira, e ainda mais tempo desde que fizera este tipo de serviço – um tipo especial de análise forense que não requeria câmeras, microscópios, ou produtos químicos especiais – mas uma vez que ele começou, se aqueceu rápido. Começou com uma série de linhas.

PARÁGRAFOS DE UMA SÓ FRASE.
LETRAS MAIÚSCULAS.
FRASES ENTRE ASPAS.
FRASES REBUSCADAS.
PALAVRAS INCOMUNS.
PONTOS DE EXCLAMAÇÃO.

Aqui ele pára, batendo a caneta contra o lábio inferior e lendo a carta novamente desde *Caro Detetive Hodges* até *Espero que esta carta o tenha animado!* Então adiciona mais duas linhas ao papel, que já está ficando lotado.

USA METÁFORAS DE BEISEBOL, PODE SER UM FÃ.
ENTENDE DE COMPUTADORES (MENOS DE 50 ANOS?)

Ele está longe de ter certeza quanto a estas duas. Metáforas esportivas tinham se tornado comuns, especialmente entre analistas políticos, e atualmente era fácil encontrar octogenários no Facebook e Twitter. Hodges mesmo usava somente doze por cento do potencial de seu Mac (é o que dizia Jerome), mas aquilo não significava que fazia parte da maioria. Tinha de se começar de algum lugar, e além disto, a carta tinha um tom jovial.

Ele sempre tivera talento para este tipo de trabalho, e muito mais do que doze por cento disto era devido à intuição.

Ele listara aproximadamente uma dúzia de exemplos abaixo de PALAVRAS INCOMUNS, e agora circula dois deles: *compatriotas* e *ejaculação espontânea*. Ao lado delas, adiciona um nome: *Wambaugh*. O Sr. Mercedes podia ser um monte de bosta, mas era um monte de bosta inteligente, leitor de livros. Possui um largo vocabulário e não comete erros gramaticais. Hodges consegue imaginar Jerome Robinson dizendo, "Corretor ortográfico, meu caro, digo, *dã*?"

Certo, certo, atualmente qualquer um com um bom programa de processamento de textos pode soletrar como um campeão, mas o Sr. Mercedes

escrevera *Wambaugh*, não *Wombough*, nem mesmo *Wombow*, que é o som da palavra. Só o fato de ele se lembrar de ter escrito aquele *gh* mudo sugere um nível elevado de inteligência. A carta do Sr. Mercedes pode não ser literatura de alto nível, mas sua escrita é bem melhor do que os diálogos exibidos em programas como *NCIS* ou *Bones*.

Educação domiciliar, escola pública ou autodidata? Isso importa? Talvez não, mas talvez importe.

Hodges não acha que seja autodidata, não. A escrita é muito... o que?

- Expansiva, - diz à sala vazia, mas é mais do que aquilo. "Exibição. Este cara escreve para se exibir. Ele aprendeu de outros. E escreveu *para* outros.

Uma dedução duvidosa, mas apoiada por certos floreios – aquelas FRASES REBUSCADAS. *Devo iniciar por parabenizá-lo,* ele escreve. *Literalmente centenas de casos*, ele escreve. E – duas vezes – *Eu estava em sua mente.* Hodges acumulara As nas aulas de Inglês do colegial, Bs na faculdade, e se lembra que este tipo de coisa se chama: repetição incremental. Será que o Sr. Mercedes imagina sua carta sendo publicada no jornal, circulando na internet, sendo citada (com um certo respeito relutante) na *Notícias das Seis do Canal Quatro*?

- É claro que você imagina. - Hodges diz. - Há um tempo, você lia suas redações nas aulas. E gostava. Gostava de estar em evidência. Não gostava? Quando eu lhe encontrar, *se* eu lhe encontrar, descobrirei que você ia tão bem quanto eu em suas aulas de Inglês. - Provavelmente melhor. Hodges não se lembra de já ter usado repetição incremental, a não ser por acidente.

Só que há quatro colégios públicos na cidade e Deus sabe quantos colégios particulares. Sem falar em escolas preparatórias, a Faculdade Municipal e a Universidade Católica St. Jude. Montanhas de palheiros para ocultar uma agulha. Isso se ele frequentara a escola por aqui, e não em Miami ou Phoenix.

Além disto, ele é um cão preguiçoso. A carta é cheia de falsas impressões digitais, as frases com iniciais em maiúsculas como *Botas de Chumbo* e *Nota de Preocupação,* as frases entre aspas, o uso extravagante de pontos de exclamação, os parágrafos extremamente curtos. Se lhe fosse pedido para escrever um modelo de escrita, o Sr. Mercedes não incluiria nenhum daqueles dispositivos estilísticos. Hodges sabe tão bem daquilo quanto sabe seu próprio desafortunado nome: Kermit, como em *kermitfrog19*.[6]

Mas.

Este cuzão não é tão esperto quanto pensa. A carta quase certamente contém duas impressões digitais *reais*, uma um pouco indefinida e outra clara como cristal.

A impressão indefinida é seu uso persistente de números ao invés dos nomes dos números: 27 ao invés de vinte e sete; 40 ao invés de quarenta. Det. 1º Grau ao

invés de Detetive de Primeiro Grau. Com algumas exceções (ele escrevera um arrependimento ao invés de 1 arrependimento), mas Hodges acha que são as excessões que provam a regra. Os números *podem* ser somente mais uma camuflagem, ele sabe disto, mas as chances são grandes de que Sr. Mercedes não tenha se dado conta deles.

Se pudesse levá-lo à sala de interrogatório número 4 e pedir-lhe para escrever *Quarenta ladrões roubaram oitenta alianças de casamento*...?

Só que K. William Hodges jamais entrará em uma sala de interrogatório novamente, inclusive a IR4, que fora sua favorita – sua IR da sorte, como sempre pensara nela. A menos que fosse pego mexendo com aquela merda, isso sim, mas então, estaria do lado errado daquela mesa de metal.

Tudo bem então. *Pete* pega o cara em uma IR. Pete ou Isabelle ou ambos. Eles o fazem escrever *40 ladrões roubaram 80 alianças de casamento*. E daí?

Então eles lhe pediriam para escrever *Os tiras pegaram o malfeitor escondido no beco*. Só que eles queriam flagrar o erro "malfeitor". Porque, apesar de toda sua habilidade de escrita, o Sr. Mercedes pensa que a palavra malfeitor é *maufeitor*. Talvez ele também pense que o antônimo de bem é mau e que o antônimo de bom é mal.

Hodges não ficaria surpreso. Até a faculdade, ele mesmo pensara que o camarada que arremessava a bola no jogo de beisebol, a coisa de onde se tirava água, e os objetos emoldurados que pendurávamos na parede para decorar seu apartamento eram escritos da mesma forma. Ele tinha visto a palavra *picture* em todos os tipos de livros, mas sua mente de alguma forma se recusava a gravá-la. Sua mãe dizia *endireite aquela pintura, Kerm, está torta*, seu pai às vezes lhe dava dinheiro para o *pitcher show*, e aquilo tinha simplesmente gravado em sua cabeça[7].

"Eu saberei assim que encontrá-lo, docinho." Hodges pensa. Escreve a palavra e circula-a várias vezes, fazendo-a ressaltar. Você será o cuzão que chama um malfeitor de maufeitor.

8

Ele dá uma volta no quarteirão para clarear a mente, cumprimentando pessoas que não cumprimentava há um tempão. Semanas, em alguns casos. A Sra. Melbourne trabalha no jardim e quando o vê, o convida para um pedaço de bolo de café.

– Ando preocupada com você, - ela diz, quando se acomodam na cozinha. Ela tem o olhar brilhante e inquisitivo de um corvo olhando para um esquilo esmagado.

– Tem sido difícil me acostumar a vida de aposentado". - ele dá um gole no café. Está horrível, mas bem quente.

– Algumas pessoas jamais se acostumam, - ela diz, medindo-o com aqueles olhos vivazes. Ela não seria nada tímida na IR4, Hodges pensa. - Especialmente aqueles com empregos de alta tensão.

– Andei um pouco perdido no começo, mas agora melhorei.

– Fico feliz em saber. Aquele negrinho simpático ainda trabalha para você?

– Jerome? Sim. - Hodges sorri, se perguntando como Jerome reagiria se soubesse que alguém na vizinhança se referia a ele como *negrinho simpático*. Provavelmente ele escancararia os dentes em um sorriso e exclamaria *Num judia di eu, sinhôzim*! Jerome e seus trabáio pro neguim. Já de olho em Harvard. Princeton como segunda opção.

– Ele está ficando relaxado, - ela diz. - Seu gramado está descuidado. Quer mais café?

Hodges negou com um sorriso. Estar quente não era suficiente para melhorar um café tão ruim.

9

Novamente em casa. Pernas formigavam, a cabeça cheia de ar fresco, a boca com gosto de jornal de forrar gaiola, mas o cérebro zunia por causa da cafeína.

Ele loga no site do jornal da cidade e faz uma busca por vários artigos sobre a matança no Centro Municipal. O que ele quer não está no primeiro artigo, publicado sob uma manchete assustadora em onze de abril de 2009, ou na matéria mais longa na edição de domingo de doze de abril. Está no jornal de segunda: uma foto do volante do carro assassino abandonado. A legenda indignada: ELE ACHOU ENGRAÇADO. No centro do volante, colado acima do emblema da Mercedes, há um smiley amarelo. Do tipo que usa óculos de sol e mostra os dentes.

Houve uma porção de ira policial a respeito daquela foto, porque os detetives encarregados – Hodges e Huntley – pediram às mídias de notícia para não divulgarem a imagem do Smiley. O editor, Hodges lembra, pediu humildes desculpas. Uma falha na comunicação, ele disse. Não acontecerá novamente. Prometo. Palavra de escoteiro.

– Falha meu cu – ele se lembra de Pete exclamar. - Eles tinham uma foto que injetaria um pouco de esteróides em sua circulação de cu-frouxo e eles fodidamente usaram.

Hodges amplia a foto da notícia até aquela carinha sorridente amarela preencher toda a tela do computador. "A marca da besta", ele pensa, "estilo século vinte e um".

Desta vez o número que ele disca não é a recepção do Departamento de Polícia, mas o celular de Pete. Seu antigo parceiro atende no segundo toque.

– Aê, seu velho rabugento. Como a aposentadoria o está tratando? - ele parece realmente feliz, o que faz Hodges sorrir. Também o faz sentir-se culpado, ainda que o pensamento de recuar não lhe cruze a mente.

– Estou bem, - ele diz, - mas sinto falta de sua cara gorda e hipertensa.

– É claro que sente. E vencemos no Iraque.

– Juro por Deus, Peter. Que tal almoçarmos para papear um pouco? Escolha o lugar que eu pago.

– Soa ótimo, mas eu já comi hoje. Que tal amanhã?

– Minha agenda está cheia, Obama está vindo para me pedir assessoria no orçamento, mas eu acho que posso arranjar as coisas. Para ver como você está.

– Vai se foder, *Kermit*.

– Quando você me fode tão melhor? – a brincadeira é uma velha canção de letra simples.

– Que tal o Demasio's? Você sempre gostou de lá.

– Demasio's está ótimo. Ao meio-dia?

– Tudo bem.

– E tem certeza que tem como arranjar tempo para uma puta velha como eu?

– Billy. Você nem precisa perguntar. Quer que eu leve Isabelle?

– Ele não queria, mas diz:

– Se quiser.

Um pouco da velha telepatia deve ter ocorrido, porque após uma breve pausa, Pete disse

– Talvez seja melhor a gente fazer um clube do bolinha desta vez.

– Que seja, - Hodges diz, aliviado. - Mal posso esperar.

– Eu também. Bom ouvir sua voz, Billy.

Hodges desliga e olha para o sorriso de dentes expostos um pouco mais. Ele preenche a tela de seu computador.

10

Ele se senta em sua La-Z-Boy naquela noite, assistindo ao noticiário das onze. Em seus pijamas brancos ele parece um fantasma acima do peso. Sua cabeça brilha suavemente por entre os cabelos escassos. A grande notícia do dia é que a Deepwater Horizon vazou no Golfo do México onde o petróleo ainda está jorrando. O âncora diz que uma espécie de atum está ameaçada de extinção, e a indústria de mariscos da Louisiana pode ser destruída por uma geração. Na Islândia, um vulcão ameaçou entrar em erupção (com um nome que o âncora pronuncia algo como *Eeja-fill-kull) e* ainda está arruinando o tráfego aéreo. Na California, a polícia diz que podem ter finalmente uma conclusão no caso do assassino serial Grim Sleeper. Sem nomes, mas o suspeito (o *maufeitor,* Hodges pensa) é descrito como "um alinhado e bem articulado afro-americano." Hodges pensa, "Agora se somente alguém pudesse ensacar o Turnpike Joe. Sem mencionar Osama bin Laden."

Entrou a previsão do tempo. Temperaturas altas e céus ensolarados, a garota do tempo promete. Hora de tirar as roupas de banho do armário.

– Eu bem que queria vê-la em um biquíni, querida. - Hodges diz, e usa o controle remoto para desligar a TV.

Ele tira o .38 do pai da gaveta, descarrega-o enquanto caminha para o quarto, e o guarda no cofre com a Glock. Ele passara um bom tempo nos últimos dois ou três meses obcecado com o Victory .38, mas esta noite mal tomou consciência dele enquanto o trancava no cofre. Pensava em Turnpike Joe, mas não realmente; agora Joe era problema de outra pessoa. Como o Grim Sleeper, aquele bem articulado afro-americano.

Seria o Sr. Mercedes também um afro-americano? Era tecnicamente possível – ninguém viu nada além da máscara de palhaço, uma camiseta de manga longa, e luvas amarelas no volante – mas Hodges achava que não. Deus sabe que há muitos negros capazes de assassinato nesta cidade, mas há a arma a considerar. A vizinhança onde a mãe da Sra. Trelawney morava era predominantemente rica e predominantemente branca. Um homem negro perambulando em volta de um Mercedes SL500 estacionado certamente teria sido notado.

Bem. Provavelmente. Pessoas podiam ser absurdamente desatentas. Mas a experiência levara Hodges a acreditar que pessoas ricas tendiam ser um pouco mais observadoras do que a grande maioria dos americanos, especialmente em se tratando de seus brinquedos caros. Ele não diria que eram *paranóicos*, mas...

O caralho que não eram. Pessoas ricas podiam ser generosas, mesmo aqueles com visões políticas monstruosas podiam ser generosos, mas a maioria acredita na generosidade em seus próprios termos, e por baixo (mas não muito

profundamente), estão sempre com medo de que alguém roube seus presentes e coma seus bolos de aniversário.

Que tal alinhado e bem articulado, então?

Sim, Hodges decide. Não havia nenhuma evidência forte, mas a carta sugere que seja. O Sr. Mercedes pode vestir terno e trabalhar em escritório, ou pode vestir jeans e camisas Carhartt e calibrar pneus em uma garagem, mas não é um desleixado. Pode ser que não fale muito – tais criaturas são cuidadosas em todos os aspectos de suas vidas, e aquilo incluía promíscua tagarelice – mas quando fala, provavelmente é claro e objetivo. Se você estivesse perdido e precisasse de informações, ele lhe daria as corretas.

Enquanto escova os dentes, Hodges pensa: DeMasio's. Pete quer almoçar no DeMasio's.

Aquilo estava bem para Pete, que ainda portava a arma e o distintivo, e parecia legal para Hodges quando falaram ao telefone, porque então, Hodges estivera *pensando* como um tira ao invés de um aposentado quinze quilos acima do peso. Provavelmente estaria tudo bem – luz do dia e tudo o mais – mas o DeMasio's fica nos limites de Lowtown, que não é uma comunidade de veraneio. Um quarteirão abaixo do restaurante, depois do viaduto do pedágio, a cidade se torna uma terra de ninguém de terrenos baldios e galpões abandonados. Drogas eram vendidas abertamente nas esquinas, há um comércio florescente de armamentos ilegais, e incêndios eram o esporte favorito da vizinhança. Se é que se pode chamar Lowtown de vizinhança. O próprio restaurante – um italiano realmente fantástico – era seguro. O dono tinha conexões, e aquilo lhe dava passe livre no Monopólio.

Hodges enxagua a boca, volta ao quarto, e – ainda pensando no DeMasio's – olha em dúvida para o armário onde o cofre está escondido atrás das calças e camisas penduradas e os casacos que ele não mais vestia (ele agora estava grande demais para quase todos).

Devia levar a Glock? A Victory, talvez? A Victory é menor.

Não a ambos. Seu porte ainda era válido, mas ele não iria armado a um almoço com seu antigo parceiro. Aquilo o tornaria auto-consciente, e ele já estava auto-consciente demais a respeito da investigação informal que queria fazer. Ele vai até o armário, ergue uma pilha de cuecas, e tateia por baixo. O Happy Slapper ainda está lá, como sempre, desde a cerimônia de aposentadoria.

O Slapper bastará. Só uma pequena segurança em uma parte arriscada da cidade.

Satisfeito, vai para a cama e desliga a luz. Põe as mãos no místico bolso frio embaixo do travesseiro e pensa em Turnpike Joe. Joe tivera sorte até o momento, mas eventualmente seria pego. Não só porque ele continuava a atacar naquelas áreas de descanso das rodovias, mas porque ele não conseguia mais parar de matar. Ele pensa no Sr. Mercedes escrevendo, *Não é o meu caso, porque eu não*

tenho absolutamente nenhuma vontade de voltar a fazer.

Dizia a verdade, ou mentia do jeito que mentira com suas FRASES EM LETRAS MAIUSCULAS e MUITOS PONTOS DE EXCLAMAÇÃO e PARÁGRAFOS DE UMA SÓ FRASE?

Hodges acha que está mentindo – talvez para si mesmo além de para K. William Hodges, Det. Ref. – mas naquele momento, enquanto Hodges estava deitado ali esperando o sono vir, não importava. O que importava era que o cara achava que estava seguro. Ele positivamente se gabava sobre aquilo. Não parecia perceber a vulnerabilidade que tinha exposto escrevendo uma carta ao homem que era, até a aposentadoria, o detetive encarregado do caso do Centro Municipal.

Você precisa falar sobre isso, não precisa? Sim você precisa, queridinho, não minta para o velho tio Billy. E a menos que o site Guarda-Chuva Azul da Debbie seja outra pista falsa, como todas aquelas aspas, você até mesmo abriu um canal até sua vida. Você quer falar. Você precisa falar. E se você pudesse me convencer a fazer o que você quer, então seria a cereja do bolo, não seria?

No escuro, Hodges diz: - Estou ansioso para ouvi-lo. Tenho tempo de sobra. Estou aposentado, afinal.

Sorrindo, ele adormece.

11

Na manhã seguinte, Freddi Linklatter está sentada na beira da plataforma de carga, fumando um Marlboro. Sua jaqueta da Discount Electronix está dobrada cuidadosamente ao seu lado com seu boné combinando sobre ele. Ela fala sobre um fanático religioso qualquer que tinha lhe dado um sermão. Pessoas estão sempre lhe dando um sermão, e ela conta tudo a Brady nas pausas para descanso. Ela conta tudo tim-tim por tim-tim, porque Brady é um bom ouvinte.

- Então ele me diz, que todos os homossexuais vão para o inferno, e este livreto explica tudo. Então eu o pego, certo? Há uma imagem na capa destes dois carinhas magrelos gays – em roupas de banho, juro por Deus – de mãos dadas e encarando uma caverna em chamas. E mais, o diabo! Com um tridente! *Não* é brincadeira. Então eu disse, Você precisa tirar a fuça do Livro do LaBitticus ou sei lá o que, por tempo suficiente para aprender alguns estudos científicos. Gays *nascem* gays. Digo, *dã*! Ele continua, Isto não é verdade. Homossexualidade é um comportamento aprendido e pode ser desaprendido. Então eu não pude acreditar, sabe? Digo, o cara *tem de estar* de brincadeira. Mas eu não digo isso. O que eu digo é, Olhe pra mim, cara, dê uma boa olhada. Não tenha vergonha, olhe de cima a baixo. O que vê? E antes que ele possa me encher com mais merda, eu continuo, Você vê um *cara*, é o que você vê. Só que Deus se distraiu e se esqueceu de me botar um pinto antes de ir para o próximo da fila. *Então*, ele disse...

Brady continua com ela – mais ou menos – até que Freddi chega ao Livro do LaBitticus (ela quer dizer Levíticos, mas Brady não se importa o suficiente para corrigi-la), e então ele meio que deixa de acompanhá-la, mantendo atenção mínima suficiente para emitir um ocasional *aham*. Ele não se importa na verdade com o monólogo, é tranquilizador, como o sistema de som LCD que ele às vezes ouve em seu iPod quando vai dormir. Freddi Linklatter é alta demais para uma garota, com quase um metro e noventa, ela se agiganta diante de Brady, e o que ela diz é verdade: ela parece uma garota tanto quanto Brady se parece com Vin Diesel. Ela usa jeans retos, botas de motoqueiro, e uma camiseta branca lisa comprida demais, que não mostra nem o contorno de suas tetas. Seu cabelo louro escuro é cortado bem curto. Ela não usa brincos, nem maquiagem. Ela provavelmente pensa que Max Factor é uma teoria sobre o que um cara qualquer fez a uma garota qualquer atrás do velho celeiro do pai.

Ele diz *é* e *uh-huh* e *é mesmo?*, todo o tempo se perguntando o que o velho tira teria feito com sua carta, e se o velho tira tentaria contatá-lo no Guarda-Chuva Azul. Ele sabe que se arriscara ao enviar aquela carta, mas não fora um risco muito grande. Ele compunha um estilo de prosa totalmente diferente do dele próprio. As chances de que o velho tira descobrisse algo útil da carta ia de tênue a

não existente.

O site Guarda-Chuva Azul da Debbie era um risco um pouco maior, mas se o velho tira acha que poderia rastreá-lo por aquele caminho, teria uma grande surpresa. Os servidores do Debbie ficam no Leste Europeu, e no Leste Europeu a privacidade virtual é como a limpeza na América: quase sagrada.

– Daí ele continua, juro que é verdade, ele continua. Há várias mulheres cristãs jovens em nossa igreja que poderiam lhe mostrar como se arrumar, e se você deixasse seu cabelo crescer, seria bem bonita. Acredita? Então eu digo a ele, com um pouco de batom, você também ficaria bem bonito. Com uma jaqueta de couro e uma coleira de rebites poderia até achar alguém para transar no Curral. Dar sua primeira mijada na Torre do Poder. E isso o incomodou prá caralho e ele voltou a dizer, "Se você insistir em me atacar assim..."

De qualquer forma, se o velho tira quiser seguir o rastro virtual, ele terá de entregar a carta aos policiais da área técnica, e Brady não acha que ele fará isto. Não de imediato, pelo menos. Ele deve estar entediado sentado lá com nada além da TV por companhia. E o revólver, é claro, aquele que ele mantém ao alcance com a cerveja e revistas. Não se pode esquecer o revólver. Brady nunca o tinha visto realmente metendo o revólver na boca, mas muitas vezes o vira com ele na mão. Pessoas felizes da vida não andam por aí com armas daquele jeito.

– Então eu digo a ele, Não se irrite. Alguém vai contra suas ideias preciosas e vocês logo se zangam. Já notou isso nos cristãos?

Ele não tinha, mas disse que sim.

Só que este ouviu. Ele realmente ouviu. E acabamos indo até a Padaria Hosseni's e tomando um café. Onde, eu sei que é difícil de acreditar, nós realmente chegamos um pouco mais próximos de um diálogo. Não tenho muita esperança na raça humana, mas de vez em quando...

Brady tem quase certeza que sua carta vai revigorar o velho tira, pelo menos inicialmente. Ele não fez todas aquelas citações por estupidez, e ele verá nas entrelinhas as sugestões veladas de que ele também devia cometer suicídio, como a Sra. Trelawney. *Velada?* Não muito. É praticamente explícito. Brady acredita que o velho tira vai enlouquecer de entusiasmo, pelo menos por um tempo. Mas quando falhar em obter resultados, ele cairá em uma apatia ainda maior. Então, assumindo que o velho tira morda a isca do Guarda-Chuva Azul, Brady pode realmente começar a trabalhar.

O velho tira está pensando, *se eu conseguir fazê-lo falar, posso pegá-lo.*

– Só que Braddy aposta que o velho tira nunca lera Nietzsche; Brady aposta que o velho tira é mais do tipo de leitor de John Grisham. Se é que lia alguma cosia. *Quando você olha para o abismo*, Nietzsche escrevera, *o abismo também olha para você.*

Eu sou o abismo, garotão. Eu.

O velho tira é certamente um desafio maior do que a pobre Olivia Trelawney

cheia de culpa... mas aproximar-se dela tinha sido um jato quente em seu sistema nervoso que Brady não conseguiu evitar querer fazer novamente. De certa forma provocar a Doce Livvy para além do limite tinha sido mais excitante do que atropelar aquele bando de cuzões caçadores de emprego no Centro Municipal. Porque exigiu cérebro. Exigiu dedicação. Exigiu planejamento. E um pouquinho da ajuda dos policiais que não atrapalharam também. Teriam eles adivinhado que suas deduções falsas eram parcialmente culpadas pelo suicídio da Doce Livvy? Provavelmente não Huntley, tal possibilidade nunca teria passado pela sua mente tacanha. Ah, mas Hodges. *Ele* pode ter tido suas dúvidas. Uns poucos ratos já deviam roer os fios no fundo de seu cérebro de tira esperto. Brady assim esperava. Caso contrário, ele teria uma chance de lhe dizer. No Guarda-Chuva Azul.

Mas na maior parte, era ele. Brady Hartsfield. A Cesar o que é de Cesar. Centro Municipal fora uma marretada. Em Olivia Trelawney, ele usara um bisturi.

– Está me ouvindo? - Freddi pergunta.

Ele sorri. - Acho que divaguei por um momento.

Jamais diga uma mentira quando pode dizer uma verdade. A verdade nem sempre é o caminho mais seguro, mas na maioria das vezes é. Ele se pergunta vagamente o que ela faria se ele dissesse *Freddi, eu sou o Mercedes Assassino.* Ou se ele dissesse, *Freddy, há cinco quilos de explosivo plástico caseiro no* armário de meu porão.

Ela o encara como se pudesse ler estes pensamentos, e Brady teve um incômodo momentâneo. Então ela diz,

– Você tem dois empregos, cara. Isto está acabando com você.

– É, mas eu gostaria de voltar à faculdade, e ninguém vai pagá-la para mim. Além disto, tem minha mãe.

– A vinhólatra.

Ele sorri.

– Minha mãe prefere vodka.

– Me convite para jantar, - Freddi diz sombriamente. - Eu a arrastarei para a porra de uma reunião dos AA.

– Não funcionaria. Você sabe o que disse Dorothy Parker, certo? Você pode levar uma puta até a cultura, mas não pode forçá-la a pensar.

Freddi considerou aquilo por um momento, então jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada rouca de Marlboro.

– Não conheço Dorothy Parker, mas vou guardar esta citação. - ela ficou séria. - De verdade, porque não pede a Frobisher uma jornada integral? Aquele outro emprego seu é ultrajante.

– Eu te digo porque ele não pede a Frobisher uma jornada integral, - Frobisher diz, chegando à plataforma de carga. Anthony Frobisher é jovem e usa

óculos de aparência intelectual. Nisto ele se parece com a maior parte dos empregados da Discount Electronix. Brady também é jovem, mas tem melhor aparência que Tones Frobisher. Não que fosse bonito. O que está bem. Brady queria mais era passar despercebido.

– Então nos conte. - Freddi diz, e joga fora a bituca de seu cigarro. Do outro lado da área de carga atrás da grande loja quadradona, que fica no extremo sul do Shopping Birch Hill, estão os carros dos empregados (a maioria muito velhos) e três Beetles da VW pintados de verde brilhante. Estes são sempre mantidos impecáveis, e o sol de final de primavera brilhava seus para-brisas. Na lateral, em azul, estava escrito PROBLEMAS COM COMPUTADORES? CHAME A PATRULHA CIBERNÉTICA DA DISCOUNT ELECTRONIX!

– A Circuit City fechou e a Best Buy está nas últimas – Frobisher diz em uma voz estudadamente teatral. - A Discount Electronix *também* está cambaleando, assim como várias outras empresas estão se mantendo graças à revolução dos computadores: jornais, editoras de livros, lojas de discos e os correios dos Estados Unidos. Só para mencionar alguns.

– Lojas de discos – Freddi diz, acendendo outro cigarro – O que são lojas de discos?

– Que engraçado – Frobisher diz – Tenho um amigo que diz que sapatas não tem senso de humor, mas –

– Você tem amigos? - Freddi pergunta. - Uau. Quem diria?

– Mas você obviamente provou que ele estava errado. Vocês dois não trabalham mais horas porque a companhia agora sobrevive só de computadores. Os mais baratos feitos na China e nas Filipinas. A grande maioria de nossos clientes não querem mais as outras merdas que vendemos. - Brady acha que só Tones Frobisher diria *a grande maioria*. - Isto é em parte por causa da revolução tecnológica, mas também é porque...

Juntos, Freddi e Brady ecoam – *Barack Obama é o pior erro que este país já cometeu!*

Frobisher os observa amargamente por um tempo, então diz

– Pelo menos vocês me escutam. Brady, você sai as duas, certo?

– Sim. Meu outro emprego começa às três.

Frobisher franze a enorme nareba que tem no meio de seu rosto para mostrar o que pensa do outro emprego de Brady.

– Eu ouvi você falar algo sobre voltar a estudar?

Brady não responde, porque qualquer coisa que dissesse poderia ser a coisa errada. Anthony "Tones" Frobisher não pode saber que Brady o odeia. Fodidamente o *abominava.* Brady odeia todo mundo, inclusive sua mãe bêbada, mas é como a velha canção diz: ninguém tem de saber agora.

– Você tem vinte e oito anos, Brady. Velho o bastante para não precisar fazer seguro de seu carro contra uma piscina de merda – o que é bom – mas um

pouquinho velho demais para iniciar uma carreira em engenharia elétrica. Ou programação de computadores, a propósito.

– Não seja babaca – Freddi diz. – Não seja um Tones Babaca.

– Se dizer a verdade faz de um cara um babaca, então um babaca eu serei.

– É, - Freddi diz. - Você vai ficar na história. Tones, o Falador de Verdades Babaca. As crianças aprenderão sobre você na escola.

– Um pouco de verdade não me incomoda, – Brady diz mansamente.

– Bom. Você pode então não se incomodar enquanto cataloga e etiqueta os DVDs. Comece agora.

Brady anui de bom humor, fica em pé, e limpa a poeira das calças. Semana que vem começaria a queima de estoque a 50%; a direção em New Jersey tinha decidido que a DE devia parar de vender DVDs até Janeiro de 2011. Aquela linha anteriormente rentável de produto havia sido estrangulada pelo Netflix e Redbox. Logo não haveria nada na loja além de computadores domésticos (feitos na China e nas Filipinas) e TVs de tela plana, que poucos nesta época de recessão conseguiam comprar.

– Você, - Frobisher diz, se virando para Freddi, - temos um chamado – Ele lhe entrega uma ordem de serviço cor-de-rosa. - Uma velhota com a tela travada. É o que ela diz, pelo menos.

– Sim, *mon capitan*. Vivo para servi-lo – Ela se levanta, faz uma saudação, e pega a folha de papel que ele lhe estende.

– Arrume a camisa. Use o boné para não assustar a cliente com este cabelo feio. Dirija devagar. Leve outra multa e a vida como você conhece na Patrulha Cibernética vai acabar. E pegue suas bitucas antes de sair.

Ele desaparece dentro da loja antes que ela possa retrucar.

– Etiquetas de preço para você, uma velhota com uma CPU provavelmente cheia de migalhas de biscoitos para mim, - Freddi diz, descendo e vestindo o boné. Ela dá um abano meio *gangsta* à ordem de serviço e começa a atravessar em direção aos VWs sem nem olhar para suas bitucas de cigarro. Ela faz uma pausa longa suficiente para olhar para Brady, com as mãos nos seus não-existentes quadris de garoto. – Isto *não* é a vida que eu imaginei para mim quando estava na quinta série.

– Nem eu, - Brady diz mansamente.

Ele observa-a partir, em uma missão de resgate a uma velhota que provavelmente está ficando doida por não conseguir baixar suas receitas favoritas de torta de maçã. Desta vez Brady se pergunta o que Freddi diria se ele lhe contasse como era a vida *dele* quando era criança. Quando matou o irmão. E sua mãe encobriu tudo.

Por que não encobriria?

Afinal, meio que tinha sido ideia dela.

12

Enquanto Brady cola etiquetas amarelas de preço com desconto de 50% em filmes antigos do Tarantino e Freddi ajuda a idosa Sra. Vera Willkins na Zona Oeste (acaba sendo o teclado que está cheio de migalhas de biscoito), Bill Hodges está virando Lowbriar, a rua de quatro mãos que corta a cidade e dá à Lowtown seu nome, e entra no estacionamento ao lado do Ristorante Italiano DeMasio's. Não é preciso ser Sherlock Holmes para saber que Pete já estava lá. Hodges estaciona ao lado de um Chevrolet sedan todo cinzento com pneus preto que quase grita: polícia municipal e salta de seu velho Toyota, um carro que quase grita: tira aposentado. Ele toca o capô do Chevrolet. Ainda está morno. Pete chegou há pouco tempo.

Ele para por um momento, aproveitando esta manhã quase-meio-dia com o sol forte e sombras escuras, olhando para o viaduto um quarteirão adiante. Ele era território de gangues**,** e embora estivesse vazio agora (meio-dia é hora do café-da-manhã para os habitantes jovens de Lowtown), ele sabe que se andar até lá, sentiria o fedor amargo de vinho barato e uísque. Seus pés pisariam cacos de garrafas quebradas. Nos esgotos, mais garrafas. Do tipo pequenas e marrons.

Não era mais problema dele. Além disto, a escuridão embaixo do viaduto está vazia, e Pete espera por ele. Hodges entra e fica surpreso quando Elaine, em pé na recepção sorri e o cumprimenta pelo nome, apesar dele não aparecer por ali há meses. Talvez há mesmo um ano. Claro que Pete está em uma das mesas reservadas, já se erguendo para cumprimentá-lo, e Pete pode ter refrescado a memória dela, como dizem os advogados.

Ele ergue a própria mão em resposta, e na hora em que chega à mesa, Pete está ao lado, de braços abertos para envolvê-lo em um abraço de urso. Eles dão tapinhas nas costas um do outro e Pete lhe diz que ele parece estar bem.

- Você sabe as três Idades do Homem, não sabe? – Hodges pergunta.

Pete nega com a cabeça, sorrindo.

- Juventude, meia-idade, e você-parece-fodidamente-ótimo.

Pete ri alto e pergunta se Hodges sabe o que a loira disse quando abriu a caixa de Cherrios[8]. Hodges diz que não. Pete arregala grandes olhos surpresos e diz.

– Oh! Olhe para essas pequenas sementes de donuts!

Hodges dá a risada esperada (embora ele não tenha achado muita graça na batida piadinha de loira), e deixando as amenidades para trás, se sentam. Um garçom se aproxima – não havia garçonetes no DeMasio's, somente homens maduros que usavam aventais impecáveis amarrados até os peitos magros – e Pete pede uma caneca de cerveja. Bud Lite, não Ivory Special. Quando ela chega, Pete ergue um brinde.

- A você, Billy, e à vida após o trabalho.

- Obrigado.

Eles brindam e bebem. Pete pergunta sobre Allie e Hodges pergunta sobre os filhos de Pete (ele tem um filho e uma filha). Suas esposas, ambas do tipo ex, são mencionadas (como se para provar um ao outro – e a eles mesmos – que não têm medo de falar nelas), e então banidas da conversa. Pedem a comida. Quando chega, eles terminavam com os dois netos de Hodges e já tinham analisado as chances do Cleveland Indians, que aparentemente eram o maior time da liga. Pete comeu ravióli, Hodges espaguete alho e óleo, que é o que ele sempre comia ali.

Em meio a estas bombas calóricas, Pete pega um pedaço dobrado de papel do bolso de seu paletó e deposita-o cerimoniosamente, ao lado do prato.

- O que é isto? – Hodges pergunta.

- Prova de que minhas habilidades de detetive andam tão afiadas quanto sempre. Eu não o vejo desde o show de horrores no Raintree Inn... minha ressaca durou três dias, a propósito... e eu falei com você, o que, duas vezes? Três vezes? Então, bum, você me chama para almoçar. Fico surpreso? Não. Farejo intenções escusas? Sim. Então deixa eu ver se acertei.

Hodges dá de ombros

– Eu sou como o gato curioso. Sabe o que eles dizem... satisfação o traz de volta.

Pete Huntley sorri abertamente, e quando Hodges estica a mão para o pedaço de papel dobrado, Pete põe a mão sobre ele.

- Não-não-não-não. Você tem de dizer. Não seja tímido, *Kermit*.

Hodges suspira e enumera quatro itens com os dedos de uma mão. Quando termina, Pete empurra para ele o papel dobrado através da mesa. Hodges abre e lê:

Davis

Estuprador do parque

Loja de Penhores

Mercedes Assassino

Hodges finge desconforto.

– Me pegou, xerife. Não conte nada se não quiser.

Pete fica sério.

– Jesus, se você não se interessasse pelos casos nos quais batalhávamos quando se aposentou, eu ficaria decepcionado. Eu andei... meio preocupado com você.

- Eu não quero me intrometer, nem nada disto. – Hodges fica um pouco horrorizado com a suavidade com que esta enorme mentira sai.

- Seu nariz está crescendo, Pinóquio.

- Não, sério. Tudo o que quero é uma atualização.

- Fico contente em responder. Vamos começar com Donald Davis. Você sabe

o roteiro. Ele fracassou em todos os negócios que tentou, o mais recente Carros Clássicos do Davis. O cara se afundou tanto em dívidas que devia mudar o nome para Capitão Nemo. Além de duas ou três gatinhas como acompanhamento.

- Eram três quando eu me aposentei. – Hodges diz, voltando a trabalhar em seu macarrão. Não era por Donald Davis que tinha vindo, ou pelo Estuprador do Parque Municipal, ou o cara que vinha roubando lojas de penhores e lojas de bebidas pelos últimos quatro anos; eram só camuflagem. Mas não podia evitar o interesse.

- A esposa se cansa das dívidas e das gatinhas. Ela estava dando entrada nos papéis do divórcio quando desapareceu. A história mais velha do mundo. Ele dá parte do desaparecimento e declara falência no mesmo dia. Dá entrevistas à TV e chora litros de lágrimas de crocodilo. Sabemos que ele a matou, mas sem corpo... – ele dá de ombros – Você estava lá nas reuniões com Diana, a Viciada. – Ele se referia a promotora pública.

- Ainda não conseguiu persuadi-la a processá-lo?

- Sem corpo de delito, sem processo. Os tiras em Modesto sabiam que Scott Peterson era tão culpado quanto o pecado e ainda assim não o processaram até recuperarem os corpos da esposa e filho. Sabe disso.

Hodges sabia. Ele e Pete discutiram muito o caso Scott e Laci Peterson durante sua investigação do desaparecimento de Sheila Davis.

- Mas adivinha o que? Havia sangue na cabana no lago. – Pete fez uma pausa de efeito, então soltou a bomba – Sangue dela.

Hodges se inclina para a frente, esquecendo temporariamente a comida.

– Quando foi isto?

- Mês passado.

- E você não me contou?

- Estou contando agora. Porque agora você está perguntando. A busca ainda está em andamento. Os tiras do Condado de Victor estão encarregados.

- Alguém relatou tê-lo visto na área antes do desaparecimento de Sheila?

- Ah sim. Dois garotos. Davis diz que estava caçando cogumelos. Porra de Euell Gibbons[9], sabe? Quando eles acharem o corpo... se acharem, o velho Donnie Davis não vai mais precisar esperar sete anos até que ela seja declarada morta para receber o seguro. – Pete sorri largamente. – Pense no tempo que ele poupará.

- E o Estuprador do Parque?

- É só questão de tempo, na verdade. Sabemos que ele é branco, sabemos que está na adolescência ou na casa dos vinte anos, e sabemos que ele não consegue resistir a uma boceta idosa bem cuidada.

- Você está usando iscas, certo? Porque ele gosta do tempo quente.

- Estamos, e vamos pegá-lo.

- Seria legal se os pegasse antes dele estuprar outra cinquentona a caminho do

trabalho.

- Fazemos o que podemos. – Pete pareceu um pouco irritado, e quando o garçom apareceu para perguntar se estava tudo bem, Pete o dispensou com um aceno.

- Eu sei, - Hodges diz. Reconciliador. – O Cara das Casas de Penhores?

Pete abre outro sorriso.

– Young Aaron Jefferson.

- Hã?

- É o nome real dele, mas quando jogava futebol pelo Colégio Municipal, ele se chamava YA. Sabe, como YA Tittle[10]. Embora sua namorada, também mãe de seu filho de três anos, nos diga que ele chamava o cara de YA Titties[11]. Quando perguntei se era de brincadeira ou a sério, ela disse que não fazia ideia.

Lá estava outra história que Hodges já conhecia, outra tão velha que podia estar na Bíblia... e era provável que lá até houvesse uma versão em algum canto.

Deixe-me adivinhar. Ele assalta uma dúzia de lojas...

- Quatorze até agora. Apontando aquela arma com a numeração raspada por aí como Omar em *The Wire*.

… e continua se safando porque tem uma sorte dos diabos. Então ele trai a mulherzinha. Ela fica puta e o entrega.

Pete aponta uma arma feita com os dedos para seu ex-parceiro.

– Acertou. E da próxima vez que o Jovem Aaron entrar em uma Loja de Penhores ou tentar assaltar um mercadinho com a arma na cintura, saberemos exatamente a hora e o pegaremos.

Por que esperar?

DA[12] de novo – Pete diz. – Traga um bife à Diana-a-Viciada, e ela diz "Frite para mim, e se não acertar o ponto, eu devolvo".

- Mas você pegou o cara.

- Aposto um novo jogo de pneus que YA Titties estará na penitenciária municipal para o Quatro de Julho e na estadual na época do Natal. Davis e o Estuprador do Parque podem levar um pouco mais de tempo, mas vamos chegar até eles. Quer sobremesa?

- Não. Sim. – Ao garçom ele diz, - Você ainda tem aquele bolo de rum? O de chocolate?

O garçom pareceu insultado.

Sim, senhor. Sempre temos.

Quero um pedaço dele. E café. Pete?

Eu quero mais uma cerveja. – Assim dizendo, ele estende a caneca. – Tem certeza sobre o bolo, Billy? Você ganhou peso desde a última vez que te vi.

Era verdade. Hodges vinha comendo bastante na aposentadoria, mas só nos últimos dias a comida voltara a ter gosto para ele.

Estou pensando em entrar para os Vigilantes do Peso.

Pete acena.

É mesmo? Eu estava pensando em virar padre.

Foda-se. E o Mercedes Assassino?

Ainda estamos rastreando a vizinhança de Trelawney... na verdade, Isabelle está lá neste exato momento... mas eu me surpreenderia se ela ou alguém mais aparecesse com algo novo. Izzy não está batendo em nenhuma porta que já não tenhamos batido dezenas de vezes antes. O cara roubou o veículo luxuoso da Trelawney, dirigiu pela neblina, fez a coisa toda, dirigiu de volta pela neblina, abandonou-o, e... nada. Dane-se o YA Titties, é o cara do Mercedes que *realmente* tem a sorte do demônio. Se tivesse tentado aquele golpe uma hora mais tarde, haveria policiais ali. Para controlar a multidão.

- Eu sei.

- Você acha que *ele* sabia, Billy?

Hodges meneia a mão em um gesto que expressava que era difícil dizer. Talvez, se ele e o Sr. Mercedes engrenassem uma conversa naquele site Guarda-Chuva Azul, ele perguntasse.

- O assassino filho da puta podia ter perdido controle da direção quando atingiu as pessoas, e batido, mas não. Engenharia alemã, a melhor do mundo, é o que Isabelle diz. Alguém podia ter pulado no capô e bloqueado a visão dele, mas ninguém o fez. Um dos postes segurando a faixa de NÃO ULTRAPASSAGEM podia ter caído por baixo do carro e fazendo-o atolar, mas não aconteceu também. E alguém podia tê-lo visto quando estacionou atrás daquele galpão e tirou a máscara, mas ninguém viu.

- Era cinco e vinte da manhã. – Hodges esclarece, - e mesmo ao meio-dia, aquela área estaria quase deserta.

- Por causa da recessão, - Pete Huntley diz mal humorado. – É, é. Provavelmente metade das pessoas que trabalhavam naqueles galpões estavam no Centro Municipal, aguardando a abertura da bosta da feira de empregos. Aprecie a ironia nisto, é bom para seu sangue.

- Então não descobriu nada.

- Estamos absolutamente na mesma.

O bolo de Hodges chega. Cheira bem e o gosto é ainda melhor.

Quando o garçom se afasta, Pete se inclina sobre a mesa.

– Meu pesadelo é que ele faça aquilo de novo. Que outra neblina venha do lago e que ele faça de novo.

"Ele diz que não o fará", Hodges pensa, levando outra garfada do delicioso bolo à boca. "Ele diz que não tem *vontade nenhuma*. Ele diz que *uma vez foi suficiente*."

- Isto ou outra coisa, - Hodges diz.

- Eu tive uma briga imensa com minha filha em março – Pete diz. – *Briga*

monstruosa. Eu não a vejo desde abril. Ela não veio nenhum fim de semana.

- É?

- Uh-huh. Ela queria ver a competição de líderes de torcida. O nome é *Bring the Funk*. Praticamente todas as escolas no estado participam. Lembra como Candy sempre foi doida por líder de torcida?

- Sim. – Hodges diz. Ele não lembrava.

- Ganhou uma sainha plissada quando tinha quatro ou seis anos, e não conseguíamos fazê-la tirar. Duas das mães disseram que levariam as garotas. E eu disse não a Candy. Sabe por quê?

Claro que sabia.

- Porque a competição era no Centro Municipal, por isso. Com os olhos de minha mente, eu podia ver centenas de adolescentes e suas mães se amontoando do lado de fora, esperando as portas se abrirem, ao anoitecer ao invés de ao amanhecer, mas sabe que a neblina vem do lago também. Eu podia ver aquele filho da puta atropelando-as em outro Mercedes roubado... ou talvez na porra de um Hummer desta vez... e as meninas e as mães só paradas ali, encarando como cervos paralisados por um farol. Então eu disse não. Você devia ter ouvido o grito que ela deu, Billy, mas eu ainda mantive meu não. Ela ficou um mês sem falar comigo, e ela ainda não falaria comigo se Maureen não tivesse a levado. Eu disse a Mo "De jeito absolutamente nenhum, não se atreva", e ela disse, "Foi por isto que me divorciei de você, Pete, porque eu me cansei de ouvir *de jeito nenhum* e *não se atreva*." E, é claro, nada aconteceu.

Ele toma o resto da cerveja, então se inclina para a frente de novo.

- Eu espero que haja muitas pessoas comigo quando eu o pegar. Se eu o pegar sozinho. Acho que o mato só por ter me colocado nesta situação com minha filha.

- Então porque esperar que tenha mais gente por perto?

Pete considerou isto, então sorriu um sorriso lento.

– Tem razão.

- Você às vezes pensa na Sra. Trelawney? – Hodges pergunta casualmente, mas ele vinha pensando muito em Olivia Trelawney desde que a carta anônima caíra pela caixa de correio. Mesmo antes daquilo. Em muitas ocasiões durante os tempos cinzentos pós aposentadoria, ele realmente sonhara com ela. Aquele rosto comprido... o rosto de um cavalo aflito. O tipo de rosto que diz *ninguém compreende* e *o mundo inteiro está contra mim*. Todo aquele dinheiro e ainda assim incapaz de agradecer as bênçãos de sua vida, a começar com a liberdade de não ter de trabalhar. Há anos que a Sra. T. não precisava equilibrar suas contas ou monitorar a secretária eletrônica por telefonemas de cobrança, mas ela só contava as maldições, somando uma longa conta de cortes feios de cabelo e prestadores de serviço rudes. Sra Olivia Trelawney com seus vestidos de golas canoa disformes, sempre entortando a tal gola de um lado para o outro, os olhos

lacrimosos que sempre pareciam à beira das lágrimas. Ninguém gostara dela, e aquilo incluía o Detetive de Primeiro Grau Kermit William Hodges. Ninguém se surpreendera quando ela se matara, incluindo aquele mesmo Detetive Hodges. As mortes de oito pessoas... sem falar na mutilação de muitos outros... tinha sido demais para ela carregar na consciência.

- Penso nela como? – Pete pergunta.

- Se no final das contas ela dizia a verdade. Sobre a chave.

Pete ergueu as sobrancelhas.

– Ela achava que estava falando a verdade. Você sabe disto tão bem quanto eu. Ela se convenceu de forma tão completa que poderia ter passado pelo detector de mentiras.

Era verdade, e Olivia Trelawney não fora surpresa para nenhum dos dois. Deus sabe que eles viram outras como ela. Criminosos contumazes agiam de forma culpada mesmo quando não cometeram o crime ou crimes que lhes eram atribuído, porque eles sabiam malditamente bem que eram culpados de *alguma coisa*. Cidadãos de bem simplesmente não conseguiam acreditar, e quando um deles era interrogado antes da acusação, Hodges sabia, quase nunca era por porte de armas. Não, geralmente era um carro. *Eu pensei que tinha atropelado um cão,* eles diziam, não importa o que tivessem visto pelo retrovisor após aquele sacolejar duplo, eles acreditavam.

Só um cão.

- Mas me pergunto, - Hodges diz. Esperando parecer pensativo ao invés de insistente.

- Vamos lá, Bill. Você viu o que eu vi, e se precisar de um refresco de memória, pode vir até o departamento e olhar as fotos.

- Acho que sim.

As primeiras notas de "Night on Bald Mountain" soou do bolso do casaco esportivo da Men's Wearhouse de Pete. Ele tira o celular, olha para o visor e diz, - Preciso atender.

Hodges faz um gesto de fique-à-vontade.

- Alô? - Pete ouve. Seus olhos se arregalam, e ele fica em pé tão rápido que sua cadeira quase vira. – *O que?*

Outros fregueses param de falar e olham em volta. Hodges observa com interesse.

- Sim... sim! Estou a caminho. O que? Sim, sim, está certo. Não espere, vai indo.

Ele fecha o celular e se senta de novo. Todas as suas luzes estão de repente acesas, e naquele momento, Hodges inveja-o amargamente.

- Eu devia comer mais vezes com você, Billy. Você é meu amuleto da sorte, sempre foi. Falamos sobre as coisas, e de repente acontece.

- O que? – Pensando, "é o Sr. Mercedes." O pensamento que se seguiu foi

ridículo e desamparado: “Ele era meu.”

- Era Izzy. Ela acabou de receber uma ligação do delegado da Polícia Estadual que está no Condado de Victory. Um guarda florestal avistou uma ossada em um velho poço de cascalho há cerca de uma hora. O poço fica a menos de três quilômetros da cabana de veraneio de Donnie Davis no lago, e adivinha? Os ossos parecem trazer os restos de um vestido.

Ele ergue a mão sobre a mesa. Hodges espalma-a em um cumprimento.

Pete guarda o celular no bolso e pega sua carteira. Hodges balança a cabeça, sem enganar a si mesmo sobre seu sentimento: alívio. *Enorme* alívio.

Não, eu pago. Você tem de ir encontrar Isabelle lá fora, certo?

Certo.

Então corre.

Está certo. Obrigado pelo almoço.

Uma coisa mais – alguma novidade sobre Turnpike Joe?

Está com os Estaduais – Pete diz. – E os Federais agora. Eles gostaram de assumir. O que eu fiquei sabendo é que não descobriram nada. Só estão esperando que ele aja novamente para terem sorte. – Ele confere o relógio.

Vá, vá.

Pete começa a se afastar, volta à mesa e dá um grande beijo na testa de Hodges.

Foi ótimo vê-lo novamente, querido.

Vai se foder, - Hodges diz. – Pessoas pensarão que somos amantes.

Pete se afasta com um grande sorriso no rosto, e Hodges pensa no modo como eles, às vezes, chamavam a si próprios: Os cães farejadores do paraíso.

Ele se pergunta o quão aguçado era seu próprio faro naquela época.

13

O garçom volta a perguntar se ele quer mais alguma coisa. Hodges começa a dizer não, então pede outra caneca de café. Ele só quer ficar ali sentado, saboreando felicidade dupla: não era o Sr. Mercedes, e *era* Donnie Davis, o filho da puta hipócrita que assassinara sua própria esposa e então providenciara que seu advogado armasse um fundo de recompensa para quaisquer informações sobre seu paradeiro. Porque, oh Deus, ele a amava tanto e tudo o que queria era que ela viesse para casa para que pudessem começar de novo.

Ele também queria refletir sobre Olivia Trelawney, e o Mercedes roubado de Olivia Trelawney. Ele *fora* roubado, sem dúvida. Mas apesar de todos os seus protestos em contrário, ninguém duvidara que ela facilitara as coisas para o ladrão.

Hodges lembrava de um caso que Isabelle Jaynes, então recém chegada de San Diego, lhes contara depois deles terem trazido-a para acelerar a parte inadvertida da Sra. Trelawney no Massacre do Centro Municipal. Na história de Isabelle *havia* uma arma. Ela dissera que ela e sua parceira tinham sido chamadas para uma casa onde um garoto de nove anos tinha atirado e matado sua irmã de quatro anos de idade. Eles andavam brincando com uma pistola automática que o pai deles deixara na escrivaninha.

– O pai não foi acusado, mas ele carregará aquela culpa pelo resto da vida. – ela disse. – Isto acabará por ser a mesma coisa, aguarde e verá.

Aquilo fora um mês antes da velha Trelawney engolir as pílulas, e ninguém na investigação do Mercedes Assassino tinha ligado muito. Para eles – e para ele – a Sra. T. era só uma ricaça cheia de autopiedade que se recusava a aceitar que desempenhara um papel em tudo aquilo que acontecera.

O Mercedes SL estava no centro da cidade quando fora roubado, mas a Sra. Trelawney, uma viúva que perdera o marido rico para um ataque cardíaco, vivia em Sugar Heights, um subúrbio tão rico quanto seu nome, onde várias entradas muradas levavam para Mansões de quatorze ou vinte cômodos. Hodges crescera em Atlanta, e quando ele dirigia por Sugar Heights ele pensava em uma pomposa vizinhança em Atlanta chamada Buckhead.

A mãe idosa da Sra. T., Elizabeth Wharton, morava em um apartamento – um muito bom, com quartos tão grandes quanto promessas de candidatos políticos – em um exagerado condomínio de luxo na Avenida Lake. O lugar tinha espaço suficiente para uma empregada que dormisse no serviço, e uma enfermeira particular que vinha três vezes por semana. A Sra. Wharton sofria de escoliose grave, e foi a Oxycontin dela que sua filha afanara do armário de remédios quando decidira se matar.

Suicídio é prova de culpa. Ele lembrava do Tenente Morrissey dizer, mas

Hodges mesmo sempre tivera suas dúvidas, e ultimamente as dúvidas tinham se tornado mais fortes do que nunca. O que ele sabe agora, é que a culpa não é a única razão porque pessoas cometem suicídio.

Às vezes você simplesmente se sente entediado com a programação das tardes da TV.

14

Dois patrulheiros encontraram o Mercedes uma hora após os assassinatos. Estava atrás de um daqueles galpões que se amontoavam na área a beira do lago.

O enorme terreno pavimentado estava cheio de containeres enferrujados, posicionados como os monolitos da Ilha de Páscoa. O Mercedes cinzento estava estacionado cuidadosamente de esguelha entre dois deles. Na hora em que Hodges e Huntley chegaram, cinco carros de polícia estavam estacionados no terreno, dois enfileirados bem próximos ao porta-malas do carro, como se os policiais esperassem que o grande sedan cinzento fosse ligar sozinho, como aquele velho Plymouth no filme de terror, e então tentassem fugir. A neblina tinha engrossado para uma chuva fina. Os giroflex das viaturas iluminavam as gotículas em conflitantes vibrações de luz azul.

Hodges e Huntley aproximaram-se do amontoado de patrulheiros. Pete Huntley conversou com os dois que encontraram o carro enquanto Hodges fazia o reconhecimento do terreno. A frente do SL500 estava só levemente amassada – aquela famosa engenharia alemã – mas o capô e o para-brisa estavam cobertos de sujeira. Uma manga de camisa, agora endurecida de sangue seco, estava grudada no paralama. Mais tarde, descobririam que era de August Odenkirk, uma das vítimas. Havia algo mais, também. Algo que brilhava mesmo sob a luz pálida da manhã. Hodges se baixou sobre um joelho para olhar mais de perto. Ele ainda estava naquela posição quando Huntley se juntou a ele.

– Que diabo é isso? - Pete perguntou.

– Acho que é uma aliança de casamento, - Hodges disse.

E era. O anel simples de ouro pertencia à Francine Reis, 39 anos, da Estrada Squirrel Ridge, e fora eventualmente devolvida à sua família. Ela teve de ser enterrada com a aliança no terceiro dedo de sua mão direita, pois ela fizera um gesto reflexivo de defesa quando o Mercedes a atingiu. Dois daqueles dedos foram encontrados na cena do crime logo antes do meio-dia de dez de abril. O indicador jamais fora achado. Hodges achava que um pelicano – um dos grandões que patrulhavam o lago – podia tê-lo encontrado e levado para longe. Ele preferia isso à macabra alternativa: que um sobrevivente do Centro Municipal tivesse levado como souvenir.

Hodges se ergueu e se dirigiu a um dos patrulheiros motorizados logo ali. - Temos de arranjar uma lona antes que a chuva lave qualquer...

– Já estamos providenciando, - o policial disse, e apontou um dedo para Pete – Foi a primeira coisa que ele nos disse.

– Bem, *você* é mesmo especial, - Hodges disse, em uma imitação, não de todo ruim, de uma velha carola, mas o sorriso que o parceiro deu em resposta foi tão pálido quanto o dia. Pete estava olhando para o focinho amassado e coberto de sangue do Mercedes, e para a aliança presa no metal.

Outro policial se aproximou, de caderninho na mão, aberto em uma página que já estava ficando enrolada com a umidade. O nome em seu crachá o identificava como F. SHAMMINGTON. - O carro está em nome da Sra. Olivia Ann Trelawney, Lilac Drive, 729. Fica em Sugar Heights.

Onde a maioria dos bons Mercedes vão dormir quando acabam seus longos dias de trabalho, - Hodges disse. - Descubra se ela está em casa, Oficial Shammington. Se não estiver, veja se consegue rastreá-la. Pode fazer isto?

– Sim, senhor, absolutamente.

– Só rotina, certo? Uma investigação de roubo de carro.

– Pode deixar.

Hodges se virou para Pete.

– Frente do painel. Notou algo?

– Sem dispositivo de airbag. Ele o desativou. Denota premeditação.

– Também denota que ele sabia como fazer. O que me diz da máscara?

Pete espiou através das gotas de chuva na janela do motorista, sem tocar o vidro. Sobre o assento de couro do motorista havia uma máscara de borracha, do tipo que recobria a cabeça. Tufos de cabelos alaranjados estilo Bozo se amontoavam nas têmporas como chifres. O nariz era um bulbo de borracha vermelho. Sem uma cabeça para esticá-la, o sorriso pintado de vermelho se tornara uma careta.

– Assustador para caralho. Já viu aquele filme na TV sobre o palhaço no esgoto?

Hodges meneou a cabeça. Mais tarde - apenas semanas após sua aposentadoria – ele tinha comprado um DVD do filme e Pete tinha razão. O rosto da máscara era muito semelhante ao rosto de Pennywise, o palhaço do filme.

Os dois deram a volta novamente no carro, desta vez notando sangue nos pneus e painéis do balancim. Muito dele seria lavado antes que a lona e os técnicos chegassem; ainda faltavam quarenta minutos para a tímida sete da manhã.

- Oficiais! - Hoges chamou, e quando eles se aproximaram. - Quem tem um celular com câmera?

Todos tinham. Hodges organizou-os em um círculo em volta do que ele já pensava ser o carroassassino – tudo junto assim, carroassassino – e eles começaram a tirar fotos.

O oficial Shammington estava em pé, um pouco afastado, falando ao telefone. Pete acenou para ele.

– Sabe a idade da mulher Trelawney?

Shammington consultou suas anotações.

– Data de nascimento em sua carta de motorista é 3 de Fevereiro de 1957. O que a faz ter... hum...

Cinquenta e dois – Hodges disse. Ele e Pete Huntley trabalhavam juntos à

mais de dez anos, e agora um monte de coisas não precisavam ser ditas em voz alta. Olivia Trelawney era do sexo e idade preferidos pelo Estuprador do Parque, mas totalmente errada para o papel de farra assassina. Eles sabiam que havia casos de pessoas perderem o controle de seus veículos e acidentalmente atropelar pessoas – só no ano passado, nesta mesma cidade, um homem de oitenta anos, senil borderline, tinha jogado seu Buick Electra na área externa de uma cafeteria, matando uma pessoa e ferindo mais uma dúzia – mas Olivia Trelawney também não se encaixava naquele perfil. Jovem demais.

Além disto, havia a máscara.

Mas...

Mas.

15

A conta chega em uma bandeja de prata. Hodges coloca seu cartão de crédito sobre ela e beberica seu café enquanto espera que lhe devolvam. Ele está confortavelmente cheio, e no meio do dia, aquela condição geralmente o deixava pronto para uma soneca de duas horas. Não esta tarde. Esta tarde ele se sentia totalmente desperto.

O *mas* era tão evidente que nenhum deles precisara falar em voz alta – não para os patrulheiros (viaturas chegavam cada vez mais, apesar da maldita lona só ter chegado após às sete e quinze) e não um para o outro. As portas do SL500 estavam trancadas e o buraco da ignição estava vazio. Não havia sinal de arrombamento visível a nenhum dos detetives, e mais tarde naquele dia, o mecânico chefe da revendedora Mercedes da cidade confirmara aquela informação.

– Quão difícil seria para alguém forçar a janela? - Hodges perguntara ao mecânico. - Talvez subir a trava deste jeito?

– Totalmente impossível, - o mecânico dissera – Estes Mercedes são reforçados. Se alguém conseguisse fazer isto, deixaria sinais. - Ele colocara o boné de volta na cabeça. - O que aconteceu é claro e simples, Oficiais. Ela deixou a chave na ignição e ignorou o alarme quando saiu. Provavelmente estava distraída. Como mais ele poderia ter trancado o carro quando o largou aqui?

– Você continua dizendo *ela*, - Pete disse. Eles não tinham mencionado o nome da dona do carro.

– Ei, vamos lá. - O mecânico sorrira um pouco. - Este é o Mercedes da Sra. Trelawney. Olivia Trelawney. Ela o comprou em nossa loja e nós fazemos a manutenção de quatro em quatro meses, pontualmente. Temos poucos doze cilindradas, e conheço todos. - Então, falando nada mais que a verdade gritante: - Este bebê é um tanque.

O assassino dirigiu o Benz entre os dois containeres, desligou o motor, tirou a máscara, lavou-a com água sanitária, e saiu do carro (as luzes e a rede de cabelo provavelmente enfiadas dentro da jaqueta). Então um foda-se final ao se afastar pela neblina: ele trancou o carro com a chave smart de Olivia Ann Trelawney.

Lá estava o seu *mas*.

16

Ela nos pediu para falar baixo pois sua mãe estava dormindo, Hodges se lembrou. Então, nos deu café e biscoitos. Sentado no DeMasio's, ele beberica o resto de sua atual caneca, enquanto aguarda a devolução de seu cartão de crédito. Ele pensa na sala de estar naquele imenso condomínio de luxo, com uma vista deslumbrante do lago.

Junto com o café e biscoitos, ela lhes dera o olhar arregalado de *é claro que não fiz isto*, que é propriedade exclusiva de cidadãos honestos que nunca se metiam em encrenca com a polícia. Que não podem nem imaginar tal coisa. Ela até dissera em voz alta, quando Pete perguntou se era possível que ela tivesse deixado a chave na ignição do carro quando o estacionou na Avenida Lake um pouco a frente do prédio de sua mãe.

– É claro que não deixei. - As palavras tinham vindo através de um sorrisinho constrangido que dizia *acho sua ideia idiota e um tanto quanto insultante*.

O garçom por fim volta. Baixa a pequena bandeja de prata, e Hodges escorrega uma nota de dez e uma de cinco às suas mãos antes que ele possa se endireitar. No DeMasio's, os garçons dividiam as gorjetas, uma prática que Hodges fortemente desaprovava. Se isso o tornava antiquado, que seja.

– Obrigado, senhor, e *buon pomeriggio.*

– Você também, - Hodges diz. Ele guarda seu recibo e o cartão, mas não se levanta de imediato. Restam algumas migalhas em seu prato de sobremesa, e ele usa seu garfo para amassá-las, do jeito que fazia com os bolos de sua mãe quando era um garotinho. Para ele, aquelas últimas migalhas, sugadas lentamente sobre sua língua por entre os dentes do garfo, sempre parecia a parte mais doce do pedaço.

17

Aquela crucial primeira entrevista, poucas horas após o crime. Café e biscoitos enquanto os corpos massacrados dos mortos ainda estavam sendo identificados. Em algum lugar, parentes estavam chorando e rasgando suas vestes.

A Sra. Trelawney atravessa o saguão frontal do apartamento, onde sua bolsa de mão jaz em uma mesinha de apoio. Ela trouxe a bolsa de volta, remexendo, começando a franzir a testa, ainda remexendo, começando a ficar um pouco preocupada. Então sorriu. - Aqui está – ela disse, e estendeu-a a eles.

Os detetives olharam para a chave smart, Hodges pensando no quão comum aquilo era para vir junto com um carro tão caro. Era basicamente um palito plástico preto com uma protuberância na extremidade. A protuberância era estampada com o logo da Mercedes em um dos lados. No outro havia três botões. Um mostrava um cadeado trancado. No botão ao lado, o cadeado estava aberto. O terceiro botão estava identificado com PÂNICO. Presumivelmente, se um ladrão o atacasse enquanto estivesse destravando o carro, podia apertar aquele botão e o carro começaria a berrar por ajuda.

– Posso ver porque você demorou para encontrá-lo na bolsa. - Pete considerou em sua melhor voz estou-só-passando-meu-tempo. - A maioria das pessoas usa um cordão em suas chaves. Minha esposa tem o dela em uma grande margarida de plástico. - Ele sorriu de forma agradável, como se Maureen ainda fosse sua esposa, ele achasse muito fofo ela carregar por aí uma margarida cafona de plástico na bolsa.

– Que bom para ela, - a Sra. Trelawney disse. - Quando poderei ter meu carro de volta?

– Isso não é com a gente, madame, - Hodges disse.

Ela suspirou e endireitou a gola canoa de seu vestido. Era a primeira das dezenas de vezes que a veriam fazer isto.

– Eu terei de vendê-lo, claro. Jamais conseguirei dirigi-lo depois disto. É tão perturbador. Pensar que *meu* carro... - Agora que ela tinha a bolsa na mão, ela remexeu novamente e retirou uma caixinha de lenços de papel. Usou-o para secar os olhos. - É *muito* perturbador.

– Eu gostaria de repassar tudo com a senhora de novo, - Pete disse.

Ela revirou os olhos, que estavam raiados de vermelho e injetados de sangue. - Precisa mesmo? Estou exausta. Passei a noite quase toda com minha mãe. Ela não conseguiu dormir antes das quatro. Sente tanta dor. Queria dormir um pouco antes da Sra. Greene chegar. Ela é enfermeira.

Hodges pensou, Seu carro acabou de ser usado para matar oito pessoas, e oito só se nenhum dos feridos morresse, e você quer dormir. Mais tarde ele não teria

certeza se foi ali que começara a antipatizar com a Sra. Trelawney, mas provavelmente sim. Quando algumas pessoas estão aflitas, você quer abraçá-los e dizer *vai ficar tudo bem* enquanto dá tapinhas tranquilizadores em suas costas. Com outras, dava vontade de estapear fortemente nas fuças e dizer-lhes para virar macho. Ou, no caso da Sra. T., virar fêmea.

– Seremos tão rápidos quanto possível – Pete prometeu. Ele não disse a ela que esta podia ser a primeira de muitas entrevistas. Quando acabassem com ela, ela conseguiria ouvir a si mesma contando sua história em seu sono.

– Oh, tudo bem, então. Eu cheguei aqui na casa de minha mãe um pouco antes das sete horas da noite de quinta...

Ela vinha pelo menos quatro vezes por semana, disse, mas eram nas quintas que ficava para dormir. Ela sempre parava na B'hai, um excelente restaurante vegetariano localizado no Shopping Birch Hill, e comprava o jantar, que ela esquentava no forno ("Embora mamãe coma muito pouco agora, é claro. Por causa da dor.") Ela disse a eles que sempre agendava suas visitas das quintas de forma que chegasse após as sete, pois era quando paravam de cobrar o rotativo, e a maioria dos espaços na rua ficavam vazios. "Eu não consigo fazer baliza. Simplesmente não consigo."

– Por que não usa o estacionamento do fim da rua? - Hodges perguntou.

Ela olhou para ele como se estivesse louco.

– Custa dezesseis dólares estacionar lá a noite toda. As vagas na rua são *grátis*.

Pete ainda segurava a chave, embora não tivesse ainda dito a Sra. Trelawney que eles a levariam com eles.

– Você parou em Birch Hill e encomendou comida para você e sua mãe no – Ele consultou suas anotações. B'hai.

– Não, eu encomendei antes. De minha casa em Lilac Drive. Eles sempre gostam de me atender. Sou uma cliente antiga e fiel. A noite passada mamãe comeu kookoo sabzi – é um omelete herbal com espinafre e cilantro – e gheymeh para mim. Gheymeh é um espeto delicioso com ervilhas, batatas, e cogumelos. Muito fácil de ser digerido. - Ela endireitou sua gola. - Eu tenho um refluxo terrível desde minha adolescência. Mas tive de aprender a viver com ele.

– Acredito que seu pedido tenha sido... – Hodges começou.

– E sholeh zard para sobremesa – ela completou. - É pudim de arroz com canela. E açafrão. - ela exibiu seu sorriso estranhamente perturbado. Como a compulsão por endireitar a gola, o sorriso era um Trelawneyismo com o qual eles se tornaram bastante familiarizados. - É o açafrão que dá um toque especial. Mesmo a Mãe sempre come o sholeh zard.

– Parece gostoso, - Hodges disse – e seu pedido já estava pronto e embalado quando chegou lá.

– Sim.

– Uma caixa?

– Oh não, três.

– Em uma sacola?

– Não, só as caixas.

– Deve ter sido complicado sair do carro com tudo aquilo, - Pete disse. - Três caixas para carregar, sua bolsa...

– E a chave, - Hodges disse. - Não esqueça, Pete.

– Além disto, você queria chegar em casa o mais rápido possível. - Pete disse. - Comida fria não é legal.

– Estou vendo onde está querendo chegar com isto, - Sra. Trelawney disse, - e posso te garantir... - uma breve pausa. - … vocês, *cavalheiros* que estão seguindo pelo caminho errado. Eu coloco minha chave na bolsa assim que desligo o motor, é a primeira coisa que sempre faço. E as caixas, estavam amarradas juntas em uma pilha... - ela afastou as mãos cerca de quarenta e cinco centímetros para demonstrar... - e isto tornava muito fácil de carregar. Eu trazia a bolsa pendurada no braço. Veja. - Ela dobrou o braço, pendurou a bolsa, e andou em volta da grande sala de estar, segurando uma pilha de caixas invisíveis do B'hai. - Vê?

– Sim, madame. - Hodges disse. Ele pensou ter visto outra coisa também.

– Quanto a ter pressa... não. Não havia motivo, já que o jantar tinha mesmo de ser aquecido no forno. - fez uma pausa – Menos o sholeh zard, é claro. Não precisa aquecer o pudim de arroz. - Ela exprimiu um sorrisinho. Não um riso, Hodges pensou, mas um risinho. Como o marido dela estava morto, ele achava que podia chamar até mesmo de risinho de viúva. Seu desgosto adquiriu mais uma camada – quase fina o suficiente para ser invisível, mas não de todo. Não, não completamente.

– Então me deixe revisar suas ações ao chegar à Avenida Lake. - Hodges disse – Você chegou um pouco depois das sete.

– Sim. Sete e cinco, talvez um pouquinho mais.

– Uh-hu. Você estacionou... o que? Três ou quatro casas abaixo?

– No máximo quatro. Tudo o que preciso são duas vagas juntas, de forma que eu possa estacionar sem ter de dar ré. Odeio dar ré. Eu sempre viro para o lado errado.

– Sim, madame, minha esposa tem o mesmo problema. Você desligou o motor. Retirou a chave da ignição e colocou na bolsa. Colocou a bolsa no braço e pegou as caixas de comida...

– A *pilha* de caixas. Amarradas juntas com um forte fio de barbante.

– A pilha, certo. E então?

Ela olhou para ele como se ele fosse, de todos os idiotas em um mundo geralmente idiota, o maior. - Então eu fui para o prédio de minha mãe. A Sra. Harris – a empregada, sabe – liberou o portão para mim. Às quintas, ela sai assim que eu chego. Eu peguei o elevador para o décimo-nono andar. Onde você

está agora me fazendo perguntas ao invés de me dizer quando vou poder vender o carro. Meu *carro roubado*.

Hodges fez uma anotação mental para perguntar à empregada se ela tinha visto o Mercedes da Sra. T. ao sair.

Pete perguntou, - Em que momento você tirou a chave de sua bolsa de novo, Sra. Trelwaney?

– De novo? Por que eu...

Ele segurou a chave no alto – Evidência A – Para trancar o carro antes de entrar no prédio. Você o trancou *mesmo*, não trancou?

Uma breve incerteza brilhou em seus olhos. Ambos viram-na. Então se foi.

– É claro que tranquei.

Hodges sustentou o olhar dela. Ela desviou, para a vista do lago além da janela panorâmica, e ele capturou-o novamente.

– Pense cuidadosamente, Sra. Trelawney. Pessoas morreram, e isto é importante. Você especificamente se lembra de ter manuseado aquelas caixas de comida de forma que pudesse pegar a chave na bolsa e apertar o botão TRANCAR? E ver as lanternas piscarem em resposta? Elas fazem isto, sabe.

– É *claro* que eu sei. - Ela mordeu o lábio inferior, ao perceber que estava fazendo isto, parou.

– Se lembra especificamente disto?

Por um momento toda expressão abandonou o rosto dela. Então aquele sorriso superior apareceu em toda sua irritante glória.

– Espere. Agora eu lembro. Eu coloquei a chave na minha bolsa *depois* de pegar as caixas e sair. E depois que eu apertei o botão que tranca o carro.

– Tem certeza? - Pete disse.

– Sim. - Ela tinha, e continuaria tendo. Ambos sabiam disto. Do jeito que um cidadão de bem que atropela e foge diria, quando finalmente fosse pego, que *é claro* que fora um cão que ele atropelara.

Pete fechou seu bloco de anotações e ficou em pé. Hodges fez o mesmo. A Sra. Trelawney parecia mais do que ansiosa por acompanhá-los até a porta.

– Mais uma pergunta, - Hodges disse ao chegarem a porta.

Ela ergueu sobrancelhas cuidadosamente delineadas

– Sim?

– Onde está sua chave reserva? Precisamos levá-la também.

Não houve olhar inexpressivo desta vez, nem desvio de olhar, nem hesitação. Ela disse:

– Eu não tenho chaves reservas, e não preciso de uma. Sou muito cuidadosa com minhas coisas, Oficial. Eu sou dona da Dama Cinzenta – é como eu a chamo – há cinco anos, e a única chave que tenho está agora no bolso de seu parceiro.

18

A mesa onde ele e Pete haviam almoçado fora limpa de tudo, menos seu copo meio bebido de água, e Hodges ainda permanecia sentado lá, olhando pela janela para o estacionamento e o viaduto que delimita a fronteira não oficial de Lowton, onde habitantes de Sugar Heights como a falecida Olivia Trelawney jamais se aventuravam. Porque se aventurariam? Para comprar drogas? Hodges tem certeza de que há viciados nos Heights, muitos deles, mas quando se vivia lá, os fornecedores atendiam pedidos por telefone.

A Sra. T. estava mentindo. Ela *tinha* de estar mentindo. Era isso ou encarar o fato de que um único momento de esquecimento levara a consequências tão terríveis.

Suponha, no entanto – só a guisa de argumentação – que ela dizia a verdade.

Está bem, vamos supor. Mas se estávamos errados sobre ela ter deixado o Mercedes destrancado com a chave na ignição, como nos enganamos? E o que *realmente* aconteceu?

Ele fica sentado olhando pela janela, relembrando, inconsciente de que alguns dos garçons começaram a olhar para ele com desconforto – o aposentado obeso sentado caído em sua cadeira como um robô sem baterias.

19

O *carroassassino* fora levado para a garagem da polícia em um caminhão, ainda trancado. Hodges e Huntley receberam esta informação quando voltaram a seu próprio carro. O mecânico chefe do Ross Mercedes acabara de chegar, e afirmara poder destrancar o maldito. Eventualmente.

– Diga-lhe para não se incomodar, - Hodges disse – Estamos com a chave dela.

Houve uma pausa do outro lado da linha, e então o Tenente Morrissey disse,

– Vocês estão? Vai me dizer que *ela*...

– Não, não, nada disso. O mecânico está por perto, Tenente?

– Ele está lá fora, olhando para o estrago no carro. Quase chorando, pelo que eu vi.

– Pode ser melhor ele guardar uma lágrima ou duas para as pessoas que morreram. - Pete disse. Ele estava dirigindo. Os limpadores de pára-brisa subiam e desciam. A chuva engrossara. - Só para constar.

– Diga a ele para entrar em contato com a revendedora e checar uma informação. - Hodges disse. - Então faça-o ligar no meu celular.

O tráfego estava pesado no centro, parcialmente por causa da chuva, parcialmente pela interdição da rua Marlborough na altura do Centro Municipal. Eles tinham andado somente quatro quarteirões quando o celular de Hodges tocou. Era Howard McGrory, o mecânico.

– Pediu para alguém checar aquela informação que te pedi na revendedora? - Hodges perguntou a ele.

– Não foi preciso, - McGrory disse. - Eu trabalho na Ross desde 1987. Devo ter visto mil Mercs saírem por aquela porta, e posso te dizer que todos saem com duas chaves.

– Obrigado, - Hodges disse. - Chegaremos logo. Tenho mais perguntas para você.

– Estarei aqui. É terrível. *Terrível*.

– Hodges encerrou a chamada e repassou o que McGrory disse.

– Está surpreso? - Pete perguntou. Adiante havia uma placa laranja de DESVIO que os levaria a contornar o Centro Municipal... a menos que eles quisessem acender as luzes azuis, é claro, mas nenhum deles queria. O que precisavam agora era conversar.

– Não. - Hodges disse. - É procedimento padrão de operação. Como os britânicos dizem, um herdeiro e um reserva.[13] Eles entregam duas chaves quando se compra um carro novo...

– ...e te dizem para colocar em um local seguro, de forma que possa encontrá-la se perder a chave principal. Algumas pessoas, ao precisarem da

chave reserva um ano ou dois depois, até se esquecem de onde as guardou. Mulheres que carregam grandes bolsas – como aquela mala que a Trelawney tinha – tendem a perder ambas chaves dentro delas e se esquecem da chave extra. Se ela diz a verdade sobre não colocá-la em um cordão, ela provavelmente estava usando as duas de forma alternada.

– É, - Hodges diz. - Ela chega à casa da mãe, está preocupada com a ideia de passar outra noite lidando com a dor da Mãe, ela carrega as caixas e a bolsa...

– E esquece a chave na ignição. Ela não quer admitir... não para nós, e nem a si mesma... mas é o que ela fez.

– Só que o alerta sonoro... - Hodges diz, em dúvida.

– Talvez um grande e barulhento caminhão estivesse passando enquanto ela saía e ela não ouviu o alarme. Ou um carro de polícia, de sirene ligada. Ou talvez ela estivesse só tão profundamente imersa em seus próprios pensamentos, que ignorou-o.

Fazia sentido e mesmo mais tarde, quando McGrory contou-lhes que o *carroassassino* não fora arrombado ou sofrera ligação direta. O que confundia Hodges – a única coisa que o confundia, na verdade – era o quanto ele *queria* que fizesse sentido. Nenhum deles gostava da Sra. Telawney, ela, a das blusas de decote canoa, sobrancelhas perfeitamente delineadas, e risinho tenso de viúva. A Sra. Trelawney que não pedira por nenhuma notícia dos mortos e feridos, nenhum único detalhe. Ela não foi a executora – de jeito nenhum – mas seria bom imputá-la um pouco de culpa. Dar-lhe algo para pensar além de jantares vegetarianos do B'hai.

– Não complique o que é simples, - seu parceiro repetiu. O tráfego tinha melhorado e ele pisou no acelerador. - Ela tinha duas chaves. Ela diz que só tinha uma. E agora isto é verdade. O bastardo que matou aquelas pessoas provavelmente jogou a chave que ela largou na ignição bueiro abaixo ao abandonar o carro. A que ela nos entregou é a chave reserva.

Aquela tinha de ser a resposta. Quando você ouve barulhos de cascos batendo, você não acha que são zebras.

20

Alguém o cutuca gentilmente, do jeito que se faz quando se tenta acordar alguém profundamente adormecido. E, Hodges percebeu, ele *quase* adormeceu. Ou se hipnotizou pelas lembranças.

Era Elaine, a recepcionista do DeMasio's, e ela o encara com preocupação.

– Detetive Hodges? Sente-se bem?

– Bem. Mas agora é só Sr. Hodges, Elaine. Estou aposentado.

Ele vê preocupação nos olhos dela, e algo mais. Algo pior. Ele é o único cliente no restaurante. Observa os garçons amontoados em volta da porta da cozinha e subitamente se vê como Elaine e os outros, devem estar vendo-o, um cara velho que ficou sentado ali por tempo demais após sua companhia de almoço (e todo mundo mais) ir embora. Um velho obeso que lambeu as últimas migalhas de bolo do garfo, como uma criança lambendo um pirulito e então ficou olhando pela janela.

Eles estão se perguntando se estou viajando no Expresso Alzheimer rumo ao Reino da Demência, ele pensa.

Ele sorri para Elaine – seu sorriso número um, largo e charmoso.

– Pete e eu falávamos de velhos casos. Eu estava relembrando um deles. Meio que revivendo-o. Desculpe, vou embora agora.

Mas quando se levanta, ele cambaleia e esbarra na mesa, fazendo o copo meio cheio de água virar. Elaine coloca a mão sobre seu ombro para apoiá-lo, parecendo mais preocupada do que nunca.

– Detetive... Sr. Hodges, sente-se bem o suficiente para dirigir?

– Claro, - ele disse, muito cordialmente. Sentia uma profusão de alfinetadas atingindo-o dos tornozelos ao saco, e então descendo ao tornozelo de novo. - Só tomei dois copos de cerveja. Pete bebeu o resto. Minhas pernas ficaram dormentes, só isso.

– Oh, e está melhor agora?

– Bem, - ele disse, e suas pernas realmente pareciam melhores. Graças a Deus. Ele lembra de ter lido em algum lugar que homens mais velhos, especialmente velhos obesos, não deviam permanecer muito tempo sentados. Um coágulo de sangue poderia se formar atrás do joelho. Quando se levantasse, o coágulo se soltaria e faria sua viagem letal até o coração, e aí, baubau.

Ela o acompanha até a porta. Hodges se pega pensando na enfermeira particular cujo trabalho era cuidar da mãe da Sra. T. qual era mesmo o nome? Harris? Não, Harris era a empregada. A enfermeira era Greene. Quando a Sra. Wharton queria ir à sala de estar, ou ao banheiro, será que a Sra. Greene a acompanhava do jeito que Elaine o acompanhava agora? É claro que sim.

– Elaine, estou bem. - ele diz. - De verdade. Sóbrio. Corpo firme. - Ele abre os braços para demonstrar.

– Tudo bem, - ela diz. - Venha nos ver novamente, e vê se não demora tanto.

– Prometo.

Ele verifica o relógio de pulso ao sair para a forte luz do sol. Já passa das duas horas. Ele está perdendo os programas da tarde, e não liga a mínima. A juíza e o psicólogo Nazi podiam se foder. Sozinhos ou em grupo.

21

Ele caminha lentamente pelo estacionamento, onde os únicos carros que restam, além do seu, pertencia à equipe do restaurante. Ele pega as chaves e brinca com elas em sua mão. Ao contrário da Sra. T., a chave de seu Toyota está em um chaveiro. E sim, há um cordão – um retângulo plástico com a foto de sua filha embaixo. Allie aos dezessete anos, sorrindo e vestindo seu uniforme de lacrosse do colégio municipal.

A respeito da chave do Mercedes, a Sra. Trelawney jamais cedera. Através de todas as entrevistas, ela continuava a insistir que só havia uma. Mesmo depois de Peter Huntley mostrar a ela o envelope, com CHAVE PRINCIPAL (2) na lista de itens que vieram com seu carro novo quando ela o comprara em 2004, ela continuava a insistir. Ela disse que a lista estava errada. Hodges lembrava da certeza férrea em sua voz.

Pete diria que ela confessara no final. Não houve necessidade de um bilhete: o suicídio é uma confissão por natureza. Sua parede de negação finalmente ruíra. Como quando o cara que atropelava e fugia, finalmente arrancava aquilo de seu peito. *Sim, está certo, era uma criança e não um cão. Era uma criança e eu estava olhando para o celular para ver quantas chamadas eu tinha perdido e eu o matei.*

Hodges lembra como as entrevistas seguintes com a Sra. T. produziram um estranho tipo de efeito amplificador. Quanto mais ela negava, mais eles antipatizavam com ela. Não só Hodges e Huntley mas o esquadrão inteiro. E quanto mais eles antipatizavam, mais ela negava de forma mais estridente. Porque ela sabia como eles se sentiam. Oh sim. Ela era auto-centrada, mas não estúp—

Hodges para, uma mão na maçaneta de seu carro, quente pelo sol, a outra sobre os olhos. Ele olha para as sombras sob o viaduto. É quase meio da tarde, e os habitantes de Lowtown já começavam a se erguer das tumbas. Quatro deles estão naquelas sombras. Três grandalhões e um pequenino. Os grandalhões parecem empurrar o pequenino. O pequeno traz uma mochila e Hodges observa, um dos grandões arrancá-la de suas costas. Isto provoca um estouro de risadas monstruosas.

Hodges desce pela calçada do viaduto. Ele nem pensa a respeito e não tem pressa. Ele está com as mãos enfiadas nos bolsos de seu casaco esportivo. Carros e caminhões passavam pela extensão da rodovia, projetando suas formas na rua de baixo como uma série de persianas. Ele ouve um dos monstrinhos perguntarem ao pequeno quanto dinheiro ele tinha.

– Não tenho dinheiro, - o garotinho diz – Me deixa em paz.

– Mostre os bolsos e veremos, - O Monstro Dois diz.

– O garoto tenta correr. O Monstro Três passa os braços por trás, em volta do peito magro do garoto. O Monstro Um remexe o bolso do garoto e debocha:

- Ei, ei, eu ouço o som de dinheiro dobrado, - ele diz, e o rosto do garotinho se contorce em esforço para não chorar.

– Meu irmão vai descobrir quem vocês são, e vai enfiar seus bonés nos seus rabos – ele diz.

– É uma ideia ótima, - o Monstro Um diz. - Quase me fez mijar nas...

Então ele vê Hodges, andando a passos lentos pelas sombras para juntar-se a eles com a barriga chegando primeiro. Suas mãos profundamente afundadas nos bolsos de seu velho e informe paletó, com remendos nos cotovelos, dos quais não dava para se desfazer nem quando já estava todo esburacado.

- O que você quer? - Monstro Três pergunta. Ele ainda agarra o garoto por trás.

Hodges considera dar uma de John Wayne, e decide não. O único Wayne que esses merdinhas deviam conhecer era o L'il. - Eu quero que vocês deixem este homenzinho em paz. - ele diz. - Saiam daqui. Agora.

Monstro Um parou de remexer nos bolsos do pequeno. Ele usava um agasalho com capuz e o obrigatório boné dos Yankees. Ele põe a mão nos quadris magros e inclina a cabeça para o lado, parecendo divertido. - Dá o fora, gorducho.

Hodges não perde tempo. Eles estão em três, afinal. Ele tira o Happy Sapper do bolso direito do casaco, apreciando o velho peso familiar. O Slapper é uma meia argyle[14] com parte do pé cheia de rolamentos de esferas, fechado com um nó no tornozelo para manter as esferas do lado dentro. Ele golpeia ao lado do pescoço do Monstro Um, em um arco limpo, cuidando para não atingir o pomo de Adão; o que seria quase mortal, e aí a burocracia o engoliria.

Houve um som metálico. O Monstro Um cai para o lado, seu divertimento mudando para surpresa. Ele tropeça para fora da calçada e cai na rua. Rola de costas, engasga, aperta o pescoço, olhando para o lado de baixo do viaduto**.**

O Monstro Três se adianta.

- Caralho – ele começa e então Hodges ergue a perna (as agulhadas e pontadas se foram, graças a Deus) e chuta-o vivamente no saco. Ele ouve o fundilho da calça rasgar e pensa, Oh seu gordo fodido. O Monstro Três solta um urro de dor. Com os carros e caminhões passando sobre eles aqui embaixo, o som é estranhamente baixo. Ele se curva em dois.

A mão esquerda de Hodges ainda está no casaco. Ele estica o indicador de forma que forme uma saliência do bolso e aponta para o Monstro Dois.

- Ei, cara de caralho, não precisa esperar pelo irmãozão do garotinho. Eu mesmo vou enfiar o boné no seu rabo. Três contra um me deixa puto da vida.

– Não, cara, não! - Monstro Dois era alto, forte, talvez quinze anos, mas seu medo o fazia parecer ter doze. - Por favor cara, estávamos só brincando!

– Então fuja, mauricinho, - Hodges diz – Dá o fora.

O Monstro Dois sai correndo.

O Monstro Um, enquanto isto, tinha se ajoelhado.

Você vai se arrepender, gord—

– Melhor correr também, - Hodges diz, - ou o gordão vai quebrar a sua cara. Quando sua mamãezinha chegar ao pronto socorro, não vai te reconhecer. - Naquele momento, com a adrenalina a mil e sua pressão sanguínea provavelmente acima de duzentos, ele realmente falava sério.

– O Monstro Um se levanta. Hoges faz um movimento zombeteiro na direção dele, e o Monstro Um recua mais satisfatoriamente.

– Leve seu amigo com você e coloque gelo nas bolas, - Hodges disse. - Elas vão inchar.

O Monstro Um passa os braços em volta do Monstro Três e eles cambaleiam em direção ao lado Lowtown do viaduto. Quando o Monstro Um se considera seguro, se vira e diz,

– Nos vemos de novo, gordão.

– Reze a Deus para que não, espertinho de merda, - Hodges disse.

Ele pega a mochila e a estende ao garoto, que o olha de olhos arregalados e desconfiados. Ele deve ter dez anos. Hodges guarda o Slapper no bolso.

– Por que não está na aula, homenzinho?

– Mamãe está doente. Estou indo comprar remédio para ela.

Era uma mentira tão audaciosa que Hodges teve de sorrir.

– Não, você não está. - ele disse – Está matando aula.

O garoto não diz nada. Aquele é um policial, ninguém mais o protegeria do jeito que este cara fez. Ninguém mais teria uma meia cheia no bolso, também. Melhor ficar calado.

– Vai matar aula em um lugar mais seguro, - Hodges diz. - Há um parquinho na Avenida Oito. Tente ficar por lá.

– Eles vendem pedra naquele parquinho. - o garoto diz.

– Eu sei, - Hodges diz, quase gentilmente. - mas você não precisa comprar. - Ele podia acrescentar “Você também não precisa vender, mas aquilo seria ingenuidade”. Em Lowtown, a maioria dos pequeninos vendiam. Podia-se prender um garoto de dez anos por posse, mas o processo nunca dava em nada.

Ele começa a voltar para o estacionamento, do lado seguro do viaduto. Quando olha para trás, o garoto ainda estava lá olhando para ele. A mochila dependurada em uma mão.

– Homenzinho, - Hodges diz.

O garoto olha para ele, sem dizer nada.

Hodges ergue uma mão e aponta para ele.

– Eu acabei de fazer algo bom para você. Antes que o sol se ponha esta tarde, quero que o retribua a alguém.

Agora o olhar do garoto exibia incompreensão, como se Hodges tivesse falado em uma língua estrangeira, mas tudo bem. Algumas vezes a mensagem

se enraizava, especialmente em mentes jovens.

Pessoas ficariam surpresas, Hodges pensa. Elas realmente ficariam.

22

Brady Hartsfield trocou de uniforme – vestiu o branco – e foi para o caminhão, rapidamente repassando a planilha de checagem, do jeito que o Sr. Loeb's gostava. Estava tudo lá. Ele põe a cabeça dentro do escritório, para dizer oi à Shriley Orton. Shirley é uma porca gorda, viciada na mercadoria da empresa, mas ele quer manter boas relações com ela. Brady quer manter boas relações *com todo mundo*. Era muito mais seguro daquele jeito. Ela também tinha uma queda por ele, e aquilo ajudava.

Shirley, sua bonequinha! - ele exclama, e ela enrubesce até a raiz dos cabelos da testa cheia de espinhas. "Porquinha, oinc oinc oinc", Brady pensa. Você é tão gorda que sua boceta deve virar do avesso quando se senta.

– Oi, Brady. Zona Oeste de novo?

– A semana inteira, querida. Você está bem?

– Bem. - O rubor ficou ainda mais forte.

– Que bom. Só queria dizer oi.

Então ele saiu, obedecendo a todas as leis de trânsito, mesmo que levasse quarenta fodidos minutos para chegar ao seu território, devagar daquele jeito. Mas não tinha escolha. Ser pego com o veículo da empresa, em alta velocidade, depois que as escolas fechassem, o mandaria para a cadeia. Sem apelação. Mas ao chegar à Zona Oeste – esta era a parte boa – está na vizinhança de Hodges, e cheio de motivos verdadeiros para estar lá. Escondido em plenas vistas, é o velho ditado, e ao que constava a Brady, era mesmo um sábio ditado.

Ele vira na Rua Spruce e cruza lentamente até a Estrada Harper, passando direto pela casa do Det./Ref. Oh, olha lá, ele pensa. O negrinho na frente da casa dele, nu da cintura para cima (para que todas as mamães que não trabalham pudessem dar uma bela olhada em seu brilhoso abdomem suado, sem dúvida) empurrando um cortador de grama.

Já não era sem tempo, Brady pensa. O gramado estava mesmo negligenciado. Não que o velho Det./Ref. aparentemente se importasse. Estava ocupado demais assistindo TV, comendo bolinhos e brincando com a arma que mantinha em uma mesinha ao lado da poltrona.

O negrinho ouve sua aproximação acima do ruído do cortador e se vira para olhar. Eu sei o seu nome, negrinho, Brady pensa. É Jerome Robinson. Eu sei quase tudo sobre o velho Det./Ref. Não sei se ele sente tesão por você, mas não ficaria surpreso. Deve ser por isto que te mantém por perto.

Por trás do volante do caminhãozinho do Sr. Saboroso, que é coberto com adesivos de crianças felizes e de onde soam gravações de sininhos felizes, Brady acena. O negrinho acena de volta e sorri. É claro que sorri.

Todo mundo gosta do sorveteiro.

SOB O GUARDA-CHUVA AZUL DA DEBBIE

1

Brady Hartsfield cruza o emaranhado de ruas da Zona Oeste até as sete e meia, quando o crepúsculo começa a escoar o tardio azul do céu de primavera. Sua primeira leva de clientes, entre três e seis da tarde, consiste de garotos recém saídos da escola, usando mochilas e abanando notas de amarfanhadas de um dólar. A maioria nem lhe dirige o olhar. Estão ocupados demais tagarelando com os amigos ou falando em celulares, que não são vistos como acessórios, mas necessidades tão vitais quanto comida e ar. Poucos deles chegam a agradecer, mas a maioria nem se incomoda com isto. Brady não se importa. Ele não quer ser olhado e não quer ser lembrado. Para estes pirralhos, ele é só o traficante de açúcar de uniforme branco, e é deste jeito que ele gosta das coisas.

Das seis às sete era a hora morta, pois os animaizinhos tinham ido jantar. Talvez uns poucos – os que diziam obrigado – até mesmo conversassem com seus pais. A maioria devia ir direto a apertar botões de seus celulares enquanto Mamãe e Papai tagarelavam um com o outro sobre seus empregos ou assistiam às noticias da noite, de forma que pudessem entender o grande mundo lá fora, onde eram os manda-chuvas que realmente faziam coisas.

Na sua última meia hora de turno, as coisas voltavam a esquentar. Desta vez, tanto os pais quanto as crianças se aproximavam do caminhão barulhento do Sr. Saboroso, comprando sorvetes que tomariam com seus traseiros (a maioria gordos) grudados nas cadeiras do quintal. Ele quase sentia pena deles. Eram pessoas de visão pequena, tão estúpidas quanto formigas se arrastando em volta do formigueiro. Um assassino em massa está lhes servindo sorvete, e eles não fazem a menor ideia.

De vez em quando, Brady se pergunta se seria difícil envenenar um caminhão de sorvetes: a baunilha, o chocolate, o de frutas vermelhas, o sabor do dia, as casquinhas saborosas, o delícia de brownie, e até mesmo os picolés. Ele chegara até a pesquisar sobre isto na internet. Fizera o que Anthony "Tones" Frobisher, seu chefe na Discount Electronix provavelmente chamaria de "estudo de viabilidade", e concluíra que, embora fosse possível, seria também estúpido. Não que ele fosse avesso a assumir riscos; ele se safara do Massacre do Mercedes quando as chances de ser pego eram maiores do que as de se safar. Mas não queria ser pego agora. Tinha trabalho a fazer. Seu trabalho no fim desta primavera e começo de verão era o ex-tira gordo, K. William Hodges.

Ele poderia fazer sua rota da Zona Oeste com um carregamento de sorvetes envenenados após o ex-tira se cansar de brincar com a arma que mantinha na sala de estar e realmente usá-la. Mas não antes. O ex-tira gordo incomodava Brady Hartsfield. Incomodava muito. Hodges se aposentara com honrarias, eles até lhe deram uma *festa*, e como aquilo podia ser correto se ele falhara em capturar o mais notório criminoso desta cidade?

2

Em sua última volta do dia, ele cruza pela casa na Alameda Teaberry onde Jerome Robinson, o empregadinho de Hodges, mora com a mãe, pai e a irmãzinha. Jerome Robinson também incomoda Brady. Robinson é bonito, trabalha para o ex-tira, e sai todo fim de semana com uma garota diferente. Todas bonitas. Algumas até brancas. Isso era errado. Contra a natureza.

– Ei! - Robinson chama. - Sr. Sorveteiro! Espere!

Ele corre suavemente, atravessando o gramado com o cão, um grande setter irlandês, correndo a seus pés. Atrás deles, vem a irmãzinha, de cerca de nove anos.

– Quero um de chocolate, Jerry! - ela grita. - *Por favoooor?*

Até o nome dele é de um garoto branco. Jerome. *Jerry*. É ofensivo. Porque não pode ser Traymore? Ou Devon? Ou Leroy? Porque não pode ser a porra do Kunta Kinte[15]?

Os pés de Jerome estão sem meias dentro de mocassins, os tornozelos ainda esverdeados da grama cortada do gramado do ex-tira. Traz um grande sorriso em seu rosto inegavelmente bonito, e quando dá aquele sorriso em seus encontros de finais de semana, Brady aposta que as garotas baixam as calcinhas e abrem os braços. Seja bem vindo, *Jerry*.

O próprio Brady jamais estivera com uma garota.

– Como vai, cara? - Jerome pergunta.

Brady, que saíra do volante e agora estava na janela de servir, sorri. - Estou bem. Quase hora de ir para casa, isso sempre me deixa bem.

– Ainda tem de chocolate? A Pequena Sereia aqui quer um.

Brady faz sinal de positivo com o dedo, ainda sorrindo. É basicamente o sorriso que trazia por baixo da máscara de palhaço ao despedaçar a multidão de infelizes desempregados no Centro Municipal pisando o acelerador no máximo.

– Um grande positivo para o chocolate, meu amigo.

A irmãzinha chega, olhos brilhando, trancinhas balançando.

– Não me chame de Pequena Sereia, Jere. Odeio isso!

Ela tem mais ou menos nove anos, e também um nome ridiculamente branco: Barbara. Brady acha a ideia de uma criança preta de nome Barbara tão surreal que nem chega a ser ofensiva. O único na família com um nome crioulo é o cão, sentado sobre as patas traseiras, com as patas plantadas ao lado do caminhão e o rabo balançando.

– Senta, Odell! Jerome diz, e o cão senta, arfando e parecendo feliz.

– E você? - Brady pergunta a Jerome. - Vai querer algo?

– Uma casquinha de baunilha, por favor.

Baunilha é o que você queria ser, Brady pensa, e entrega o que foi pedido.

Ele gosta de manter Jerome sob vigilância, ele gosta de *investigar* Jerome, porque atualmente Jerome parece ser a única pessoa a passar algum tempo com o Det./Ref., e nos últimos dois meses, Brady tinha observado-os juntos o bastante para ver que Hodges trata o garoto como um amigo, muito além de um empregado de meio período. Brady jamais tivera amigos, amigos eram perigosos, mas ele sabia o que eram: calmantes para o ego. Redes de segurança emocionais. Quando se sente mal, a quem se volta? Aos amigos, é claro, e seus amigos dizem coisas como *aw, Jesus* e *anima-se* e *estamos ao seu lado* e *vamos sair para beber*. Jerome só tem dezessete, e não é velho o bastante para sair com Hodges para beber (a menos que tome refrigerante), mas ele sempre pode articular um *anime-se* e *estou ao seu lado*. Então ele continua vigiando.

A Sra. Trelawney não tinha nenhum amigo. Nem marido. Só a idosa mãe doente. O que a tornara uma vítima fácil, especialmente depois dos tiras começarem a trabalhar nela. Porque, eles tinham feito metade do trabalho de Brady. O resto ele mesmo fizera, mais ou menos debaixo do nariz da velha rabugenta.

– Aqui está, - Brady diz, entregando a Jerome o sorvete que ele desejava que estivesse polvilhado de arsênico. Ou talvez varfarina. Uma pessoa envenenada com varfarina sangra pelos olhos, ouvidos e boca. Além do cu. Ele imagina todas as crianças da Zona Oeste largando as mochilas e seus preciosos celulares com o sangue jorrando de cada buraco. Que filme de terror seria.

Jerome lhe dá uma nota de dez, e junto com o troco, Brady lhe dá um biscoito canino.

– Para Odell, - ele diz.

– Obrigado, senhor! - Barbara diz, e lambe sua casquinha de chocolate. - Que delícia!

– Aproveite, querida.

Ele dirige o caminhão do Sr. Saboroso, e frequentemente dirige um VW da Patrulha Cibernética em atendimento a chamados, mas seu verdadeiro trabalho neste verão é o Detetive K. William Hodges (Ref.). E certificar-se de que o Detetive Hodges (Ref.) use aquela arma.

Brady volta à Fábrica de Sorvetes Loeb's para devolver o caminhão e trocar o uniforme pelas suas próprias roupas. Ele mantém o limite de velocidade o caminho inteiro.

O seguro morreu de velho.

3

Depois de sair do DeMasio's – com uma paradinha para lidar com os valentões que judiavam do garotinho sob o viaduto – Hodges simplesmente dirigiu seu Toyota pelas ruas da cidade sem nenhum destino em vista. Ou ele assim achava até se ver na Lilac Drive no elegante subúrbio de Sugar Heights, a beira do lago. Lá ele estacionou do outro lado da rua de um portão onde havia uma placa com 729 escrito em uma das pilastras de pedra.

A casa da finada Olivia Trelawney ficava no alto de uma entrada asfaltada quase tão larga quanto a rua à sua frente. No portão havia uma placa de VENDE-SE convidando Compradores Qualificados a ligarem para IMOBILIÁRIA MICHAEL ZAFRON. Hodges acha que aquela placa vai ficar ali um tempão, dada a situação do mercado imobiliário neste Ano do Nosso Senhor, 2010. Mas alguém mantinha o gramado bem cuidado, e dada a altura do corte, aquele alguém deve estar usando um cortador muito maior do que o modelo portátil do Hodges.

Quem será que paga a manutenção? Deve sair da herança da Sra. T. ela devia ser cheia da grana. Ele parecia lembrar que o montante que ela deixara era cerca de sete milhões de dólares. Pela primeira vez desde a aposentadoria, quando entregara os casos não-resolvidos do Massacre do Centro Municipal a Pete Huntley e Isabelle Jaynes, Hodges se perguntou se a mãe da Sra. T. ainda era viva. Ele se lembrava da escoliose que praticamente dobrava a pobre idosa ao meio, e provocava terrível e constante dor... mas escoliose não era necessariamente fatal. Além disto, Olivia Trelawney não tinha uma irmã que vivia em algum lugar do oeste?

Ele tenta lembrar o nome da irmã, mas não consegue. O que ele lembra é que Pete passara a chamar a Sra. Trelawney, Sra. Cacoete, porque ela não parava de esticar as roupas, e arrumar aqueles cabelos fortemente presos que não precisavam ser arrumados, e remexer na pulseira de ouro do relógio Patek Philippe, virando-a vezes sem conta no punho ossudo. Hodges não gostara dela; Pete chegara quase a odiá-la. O que tornara um tanto satisfatório imputar-lhe um pouco da culpa pela atrocidade do Centro Municipal. Ela facilitara para o cara, afinal; não havia dúvida alguma. Foram-lhe dadas duas chaves na compra do Mercedes, mas ela só encontrara uma.

Então, logo depois do dia de Ação de Graças, o suicídio.

Hodges lembra claramente o que Pete dissera quando receberam as notícias: “Se ela encontrar aquelas pessoas mortas do outro lado – especialmente a dona Cray e seu bebê – ela vai ter muitas perguntas sérias para responder.” Para Pete fora a confirmação final: em algum lugar de sua mente, a Sra. T. soubera o tempo inteiro que deixara a chave na ignição do carro que ela chamava de Dama Cinzenta.

Hodges acreditara também. A questão é, ele ainda acreditava? Ou a carta venenosa que recebera ontem do auto-proclamado Mercedes Assassino o fizera mudar de ideia?

Talvez não, mas a carta suscitava dúvidas. Suponha que o Sr. Mercedes tenha escrito uma carta semelhante a Sra. Trelawney? Sra. Trelawney com todos aqueles tiques e inseguranças sob uma fina casca de desafio? Não era possível? Sr. Mercedes certamente sabia da raiva e desprezo da opinião pública que se seguiram às notícias das mortes; bastava ler os editoriais do jornal local para saber disto.

É possível...

Mas aqui seus pensamentos se interromperam, porque um carro tinha estacionado atrás dele, tão perto que quase tocava o porta-malas do Toyota. Não havia luzes giratórias no teto, mas era um modelo antigo Crown Vic, azul claro. O homem que saltava pela porta do motorista é corpulento e de cabelos à escovinha, o casaco esportivo sem dúvida encobrindo uma arma no coldre de ombro. Se ele fosse policial civil, Hodges sabia, a arma seria uma Glock .40, igual àquela em seu cofre em casa. Mas ele não é um policial civil. Hodges ainda conhecia todos eles.

Ele baixou a janela.

– Tarde, senhor, - Escovinha disse. - Posso perguntar o que faz aqui? Porque faz um tempo que está aí parado.

Hodges olha para o relógio e vê que é verdade. São quase quatro e meia. Devido ao trânsito da hora do rush no centro da cidade, ele teria sorte se chegasse em casa a tempo de ver o Scott Pelley no *Jornal da Noite da CBS*. Ele costumava assistir à NBC até decidir que o Brian Williams era um bem intencionado pateta que gostava demais de vídeos do YouTube. Não o tipo de repórter que ele queria ver quando parecia que o mundo inteiro estava desab-

- Senhor? Sinceramente espero uma resposta. - Escovinha se abaixa. A lateral de seu casaco esportivo se abre. Não uma Glock, mas uma Ruger. Típica arma de cowboy, na opinião de Hodges.

- E eu, - Hodges diz – espero sinceramente que tenha autoridade para perguntar.

As sobrancelhas do interlocutor se ergueram.

– Como é que é?

– Acho que você é segurança particular, - Hodges diz, cheio de paciência. - Mas quero ver sua identificação. Sabe o que mais? Quero ver sua licença para portar este canhão que traz dentro do casaco. E é melhor que esteja em sua carteira, e não no porta-luvas do carro, ou você estará violando a seção dezenove do código municipal de armas, que, em resumo diz: “se você portar a arma de modo visível, também deve carregar sua licença de porte de forma igualmente visível.” Então me mostre a papelada.

Escovinha franziu ainda mais o cenho

– Você é da polícia?

– Aposentado. - Hodges diz, - o que não significa que tenha esquecido meus direitos, ou minhas responsabilidades. Me mostre sua identificação e seu porte de armas, por favor. Não é obrigado a me entregar...

– Não sou mesmo.

– … mas eu quero vê-los. Então poderemos discutir minha presença na Lilac Drive.

Escovinha pensa um pouco, mas só por uns segundos. Então retira a carteira e abre. Nesta cidade – como em quase todas, Hodges achava – o pessoal da vigilância particular tratava policiais aposentados como se ainda estivessem na ativa, porque policiais aposentados tinham muitos amigos que *estavam* na ativa, e que podem dificultar sua vida se tiverem motivo. O cara era Radney Peeples, e seu crachá funcional o identificava como empregado da empresa Serviço Guarda Vigilante. Ele também mostra a Hodges o porte de arma que era válido até Junho de 2012.

Radney, não Rodney – Hodges diz. - Como Radney Foster, o cantor de música country.

O rosto de Foster se abre em um sorriso.

– Isso mesmo.

– Sr. Peeples, meu nome é Bill Hodges, eu terminei minha carreira como Detetive de Primeira Classe, e meu último grande caso foi o Mercedes Assassino. Acho que isto lhe dá uma boa ideia do que estou fazendo aqui.

– Sra. Trelawney, - Foster diz, e dá um passo para trás respeitosamente quando Hodges abre a porta do caso, sai e se estica. - Viajando nas antigas memórias, Detetive?

– Sou só um civil atualmente, - Hodges estende a mão. Peeples a cumprimenta. - No resto, tem razão. Me retirei da corporação na mesma época que a Sra. Trelawney se retirou da vida.

– Isso é triste, - Peeples diz. - Sabia que crianças jogaram ovos nos portões dela? Não só no Halloween. Três ou quatro vezes. Pegamos alguns, mas os outros... - meneou a cabeça – Além de papel higiênico.

– É, eles adoram jogar isso – Hodges diz.

– E uma noite alguém pendurou uma faixa no muro à esquerda. Conseguimos retirar antes que ela visse, ainda bem. Sabe o que estava escrito?

Hodges negou com a cabeça.

Peeples baixou a voz.

- PUTA ASSASSINA é o que dizia, em grandes letras maiúsculas escorridas. O que não era justo. Ela só cometeu um erro, só isso. Quem nunca cometeu um erro?

– Eu já, com certeza. - Hodges diz.

– Certo. A Bíblia diz quem nunca pecou, que atire a primeira pedra.

Aquele seria o dia, Hodges pensa, e pergunta (com curiosidade honesta)

– Você gostava dela?

Os olhos de Peeples se moveram para cima e para a esquerda, um movimento involuntário que Hodges já vira em muitas salas de interrogatório ao longo dos anos. Significava que Peeple ou evitaria a pergunta, ou mentiria deslavadamente.

Ele se saiu com uma evasiva.

– Bom, - ele diz, - ela era generosa no Natal. Às vezes confundia os nomes, mas sabia quem éramos, e cada um ganhava quarenta dólares e uma garrafa de uísque. Uísque *bom*. Acha que ela herdou este comportamento do marido? - ele zomba. - Dez dólares dentro de um cartão do Hallmark era só o que ganhávamos quando aquele mão-de-vaca ainda era vivo.

– Para quem exatamente os Vigilantes trabalham?

– Chamam de Associação Sugar Heights. Sabe, uma coisa de vizinhança. Eles protestam sobre as regulamentações de zoneamento quando não gostam e fazem com que todos na vizinhança mantenham um certo... ah, padrão, acho que pode-se dizer. Há um monte de regras. Como só colocar luzes brancas de natal, nunca coloridas. E não podem piscar.

Hodges revira os olhos. Peeple sorri. Eles tinham passado de antagonistas em potencial a colegas – bem, quase – e por que? Porque Hodges por acaso identificou o primeiro nome ligeiramente diferente do cara. Chame aquilo de sorte, mas sempre há algo que vai te colocar no mesmo lado que a pessoa que você quer questionar, *algo*, e uma parte do sucesso de Hodges na carreira policial se devia a conseguir reconhecer este algo, pelo menos na maioria dos casos. É um talento que Pete Huntley nunca tivera, e Hodges ficou encantado em descobrir que ainda tinha.

– Acho que ela tinha uma irmã, - ele diz. - A Sra. Trelawney, digo. Mas não a conheci, e não consigo lembrar o nome.

– Janelle Patterson, - Peeples diz prontamente.

– Você a conhece, pelo visto.

– Conheço sim. É uma boa pessoa. Tem semelhanças com a Sra. Trelawney, mas mais jovem e mais bonita. - Suas mãos descrevem o formato de um violão no ar. - Mais bem formada. Sabe se teve algum progresso no caso do Mercedes, Sr. Hodges?

Não era uma pergunta que Hodges comumente responderia, mas se você quer informação, tem de dar informação. E o que ele considerava razoavelmente seguro, porque nem era informação de verdade. Ele usou a frase que Pete Huntley usou no almoço há algumas horas.

- Estão absolutamente na mesma.

Peeples anui como se não esperasse nada diferente.

– Crime de momento. Sem vínculo às vítimas, sem motivo, só pelo gosto de matar. Teriam mais chances se ele tentasse de novo, não acha?

Sr. Mercedes diz que não fará, Hodges pensa, mas esta informação ele absolutamente *não* quereria revelar, então concorda. Concordância entre colegas é sempre bom.

– A Sra. T. deixou uma grande herança, - Hodges diz, - e eu não falo só da casa. Estava imaginando se a irmã é a herdeira.

– Ah, sim. - Peeples diz. Faz uma pausa, então diz algo que o próprio Hodges diria a alguém em um futuro não muito distante. - Posso contar com sua discrição?

– Sim. - Quando alguém lhe pergunta isto, a resposta mais curta é sempre a melhor. Sem enrolação.

– A mulher Patterson estava vivendo em Los Angeles quando sua irmã... voce sabe. As pílulas.

Hodges anui.

– Casada, sem filhos. Não era um casamento feliz. Quando descobriu que herdara zilhões e uma propriedade em Sugar Heights, se divorciou do marido como um raio e veio para o leste. - Peeples apontou um polegar para o portão, a larga entrada, e a grande casa. - Viveu lá por alguns meses enquanto o testamento ainda em andamento. Se aproximou da Sra. Wilcox, que mora no 640. Wilcox gosta de falar, e me considera um amigo.

O que podia significar qualquer coisa entre amigos que tomam café juntos ou que fazem sexo à tarde.

– A Sra. Patterson assumiu as visitas à mãe, que vive em um condomínio luxuoso no centro. Sabe sobre a mãe?

– Elizabeth Wharton, - Hodges diz. - Será que ainda está viva?

– Tenho certeza que sim.

– Porque ela tinha uma terrível escoliose. - Hodges dá alguns passos todo encurvado para demonstrar. Se quer ter, tem de dar.

– É mesmo? Que pena. De qualquer forma, Helen – a Sra. Wilcox – diz que a Sra. Patterson a visitava pontualmente como um relógio, do mesmo jeito que a Sra Trelawney. Isto é, até há um mês. Então as coisas devem ter piorado, porque eu acho que a velha senhora agora está internada em uma instituição no Condado de Warsaw. A Sra. Patterson se mudou para o apartamento dela. E é onde está agora. Mas ainda a vejo de vez em quando. A última vez foi há uma semana, quando o cara da imobiliária estava mostrando a casa.

Hodges decidiu que já tinha tido tudo o que podia razoavelmente esperar de Radney Peeples.

– Obrigado pelas informações. Eu tenho de ir. Desculpe se começamos com o pé esquerdo.

- De maneira alguma, - Peeple diz, dando na mão estendida de Hodges dois

balanços fortes - Você agiu como um profissional. Só se lembre, eu não disse nada. Janelle Patterson pode estar vivendo no centro, mas ela ainda é parte da Associação, e isso a torna uma cliente.

– Você não disse nada, - Hodges diz, voltando a entrar no carro. Ele espera que o marido de Helen Wilcox não pegue a mulher e esse cara no rala e rola juntos, se é que era o que rolava entre eles; isso seria o fim do acordo entre os moradores de Sugar Heights e a empresa Serviços Guarda Vigilante. Peeples mesmo seria demitido por justa causa. Quanto a isto, não havia nenhuma dúvida.

Provavelmente ela só pula no carro dele com biscoitos recémassados. Hodges pensa enquanto se afasta. Você tem assistido a terapia para casais nazistas demais na programação vespertina da TV.

Não que a vida amorosa de Radney Peeples lhe interessasse. O que interessava a Hodges, ao voltar a sua – muito mais humilde - casa na Zona Oeste é que Janelle Patterson herdara a fortuna da irmã, Janelle Patterson estava morando aqui na cidade (pelo menos atualmente), e Janelle Patterson deve ter feito algo com as posses da finada Olivia Trelawney. O que incluiria seus documentos pessoais, e seus documentos pessoais poderiam conter uma carta – talvez mais de uma – do perturbado que contatara Hodges. Se tal correspondência existisse, ele gostaria de ver.

É claro que isto era assunto da polícia e K. William Hodges não era mais um policial. Ao investigar isso ele patinava bem além das fronteiras da legalidade, e ele sabia disto – por um lado, ele estava escondendo evidências – mas ele ainda não tinha intenção de parar. A arrogância pretensiosa da carta daquele pervertido o irritara. Mas, ele admite, o irritara de uma maneira boa. Dera-lhe um senso de propósito, e depois daqueles poucos meses, aquilo parecia uma coisa ótima.

Se eu fizer um pequeno progresso, entrego tudo a Pete.

Ele não está olhando pelo retrovisor enquanto estes pensamentos cruzam sua mente, mas se estivesse, teria visto seus olhos desviarem momentaneamente para cima e para a esquerda.

4

Hodges estaciona seu Toyota em uma área coberta à esquerda de sua casa, usada como garagem, e para, admirando seu gramado recém cortado antes de ir até a porta. Lá ele encontra um bilhete pendurado na abertura de correspondência. Seu primeiro pensamento é que fosse do Sr. Mercedes, mas tal coisa seria audaz demais até para o cara.

É de Jerome. Sua letra elegante contrasta grandemente com a merda de gíria que a mensagem continha.

Caro Sinhôzim Hodges,

Cortei sua grama e guardei o cortador no seu cafofo. Ispero que não tropece nele, sinhô! Se tem qualquer outo trabáio prá seu neguinho, me ligue no faladô. Vou ficá feliz em falar com o sinhô se não estiver em um dos trabáios com meus colega. Como o sinhô sabe, eles dão muito trabáio e às veiz precisa de corretivo, porque ficam muito arrogantes, especialmente os moreninhos mais claros! Mim sempre vai estar lá procê, sinhô!

Jerome

Hodges balança a cabeça de maneira cansada, mas não consegue evitar o sorriso. Seu empregado só tira nota A em matemática avançada, sabe trocar calhas caídas, conserta a caixa de e-mail de Hodges quando dá pau (como frequentemente acontece, em grande parte porque ele não sabe usar direito), ele pode fazer encanamento básico, sabe falar francês, e se perguntar o que ele anda lendo, ele te deixará entediado por uma hora e meia sobre a droga do simbolismo de D. H. Lawrence. Ele não quer ser branco, mas ser um negro dotado em uma família de classe média-alta tinha lhe dado o que ele chama de problemas de identidades. Ele diz isto em um tom de zombaria, mas Hodges não achava que fosse brincadeira. Não de verdade.

O pai de Jerome era professor universitário e a mãe, contadora – ambos meio carentes de senso de humor, na opinião de Hodges – ficariam indignados diante de um bilhete destes. Eles podiam até achar que o filho precisa de terapia psicológica. Mas não descobririam por Hodges.

- Jerome, Jerome, Jerome, - ele diz, entrando em casa. Jerome e seus trabáio pro neguim. Jerome que não conseguia decidir, pelo menos não ainda, em que Liga Ivy da faculdade queria entrar; já que qualquer uma o aceitaria como aposta certa. Ele é a única pessoa na vizinhança que Hodges pensava como um amigo, e realmente, o único que precisava. Hodges acreditava que o conceito de amizade era supervalorizado, e neste aspecto, se não em outros, ele era igual a Brady Hartsfield.

- Ele chegara em casa em tempo para a maioria dos jornais da noite, mas

decide não assistir. Há um limite para o quanto de Vazamento no Golfo do México e as políticas partidária ele conseguia suportar. Ele liga o computador, carrega o Firefox, e digita "Sob o Guarda-Chuva Azul da Debbie" no campo de busca. Só aparecem seis resultados, uma pesca muito pequena no vasto oceano da Internet, e só uma coincidência da frase exata. Hodges clica no link e aparece uma imagem.

Sob um céu cheio de nuvens ameaçadoras está uma paisagem interiorana. Chuva animada – um loop simples em repetição, ele achava – cai em linhas prateadas. Mas as duas pessoas sentadas abaixo de um grande guarda-chuva azul, um homem e uma mulher jovens, estão seguros e secos. Não se beijam, mas suas cabeças estão bem juntas. Eles parecem imersos em uma profunda conversa.

Abaixo da imagem, há uma breve descrição da razão de ser do Guarda-Chuva Azul.

Ao contrário de sites como Facebook e LinkedIn, o Sob o Guarda-Chuva Azul da Debbie é um site de relacionamentos voltado para conversações onde velhos amigos podem se encontrar e novos amigos podem se conhecer em ANONIMATO TOTAL GARANTIDO. Sem fotos, sem pornografia, sem limitação de caracteres, só a BOA E VELHA CONVERSA.

Abaixo disto há um botão escrito REGISTRE-SE AGORA! Hodges passa o cursor sobre ele, então hesita. Cerca de seis meses antes, Jerome teve de deletar seu endereço de e-mail e lhe dar um novo, porque todo mundo da lista de contatos de Hodges recebera uma mensagem dizendo que ele estava encrencado em Nova York, alguém tinha roubado sua carteira com todos os cartões de crédito, e precisava de dinheiro para voltar para casa. O destinatário do e-mail poderia por favor enviar cinquenta dólares – mais se pudesse – para uma caixa postal em Tribeca? "Devolverei assim que conseguir sair desta encrenca," a mensagem terminava.

Hodges ficara tremendamente envergonhado porque a mensagem de pedido tinha ido para sua ex, seu irmão em Toledo, e mais de quarenta policiais com quem trabalhara ao longo dos anos. Além de sua filha. Ele tinha esperado que seus telefones – tanto fixo quanto o móvel – tocassem como loucos pelas próximas quarenta e oito horas mais ou menos, mas poucas pessoas realmente ligaram, e só Alison parecera realmente preocupada. Isso não o surpreendera. Allie, uma pessimista por natureza, esperava que o pai perdesse a tramontana desde que ele completara cinquenta e cinco anos.

Hodges ligara para Jerome em busca de ajuda, e Jerome explicara que ele fora vítima de phishing[16].

- A maioria das pessoas que phish seu endereço só querem vender Viagra ou imitações de jóias, mas eu já vi este tipo de coisa também. Aconteceu ao meu professor de Educação Ambiental e ele acabou tendo de devolver mais de

duzentos dólares às pessoas. É claro, já faz muito tempo, antes das pessoas ficarem mais sábias -

- Muito tempo exatamente quando, Jerome?

Jerome deu de ombros.

- Dois, três anos atrás. Há um novo mundo lá fora, Sr. Hodges. Teve sorte pelo phisherman não te atacar com um vírus que torrasse seus arquivos e programas.

- Eu não perderia muito, - Hodges disse. - Eu praticamente só navego na Net. Embora eu *realmente* sentiria falta do jogo de Paciência. Ele toca 'Happy days are here again' quando eu ganho.

Jerome deu-lhe seu típico olhar Sou-educado-demais-para-te-chamar-de-burro.

- E os dados de seu de Imposto de Renda? Eu te ajudei na declaração ano passado. Quer que alguém veja o que você pagou ao velho Tio Sam? Além de mim, digo?

Hodges admitiu que não.

Naquela estranha (e de certa forma cativante) voz pedagógica que os jovens inteligentes sempre empregam quando tentam ensinar algo a velhos burros, Jerome disse:

- Seu computador não é só um tipo novo de televisor. Pare de pensar assim. Cada vez que você o liga, está abrindo uma janela para sua vida. Se alguém estiver olhando por ela, claro.

Tudo isto lhe cruza a mente enquanto olha para o guarda-chuva azul e a ininterrupta chuva prateada. Pensa outras coisas também, coisas de sua mente de policial, que andara adormecida mas agora estava totalmente desperta.

Talvez o Sr. Mercedes queira falar. Por outro lado, talvez o que ele realmente quer é olhar por aquela janela a qual Jerome se referira.

Ao invés de clicar em REGISTRE-SE AGORA, Hodges sai do site, pega o telefone e escolhe um dos poucos números que tem em discagem rápida. A mãe de Jerome atende, e depois de uma conversa rápida e agradável, passa o telefone para o jovem Sr. Trabáio Pro Neguim.

Falando no mais terrível Negrinhês que consegue, Hodges diz: “Aê, meu camarada, tá mantendo as vagabas no jeito? Elas tão querendo? Tá mandando ver?

- Oh, oi, Sr. Hodges. Sim, está tudo bem.

- Não gosta d'eu falando desse jeito no seu faladô, mano?

- Uh...

Jerome está verdadeiramente perplexo e Hodges tem dó dele.

- O gramado ficou ótimo.

- Oh, Bom. Obrigado. Algo mais que eu possa fazer para o senhor?

- Talvez. Eu gostaria de saber se você poderia passar aqui depois da aula amanhã. É uma coisa de computador.

- Claro. Qual o problema desta vez?

- Eu prefiro não falar pelo telefone, - Hodges diz, - mas acho que vai achar interessante. As quatro amanhã?

- Pode ser.

- Bom. Me faça este favor e deixe o Tyrone Feelgood Deelite em casa.

- Está bem, Sr. Hodges, farei isto.

- Quando é que vai relaxar e me chamar de Bill? Sr. Hodges faz eu me sentir como seu professor de História Americana.

- Talvez quando eu me formar no colegial. - Jerome disse, muito serio.

- Contanto que aconteça em algum momento.

Jerome ri. O garoto tinha uma risada expansiva e franca. Ouvi-la sempre animava Hodges.

Ele se senta à frente do computador em seu pequeno escritório, tamborilando os dedos, pensando. Ocorre-lhe que raramente usa este cômodo à noite. Se acorda no meio da noite e não consegue voltar a dormir, sim. Vem até aqui para jogar Paciência por mais ou menos uma hora antes de voltar para a cama. Mas geralmente ficava em sua poltrona La-Z-Boy das as sete à meia-noite, assistindo a filmes antigos na AMC ou TCM e se entupindo de doces e gorduras.

Pega o telefone de novo, liga para o Auxílio à Lista, e pergunta à voz robótica do outro lado da rua, o número do telefone de Janelle Patterson. Não tem muita esperança; agora que é a recém-divorciada Mulher de Sete Milhões de Dólares, a irmã da Sra. Trelawney provavelmente mantém o número fora da lista.

Mas o robô vomita o número. Hodges fica tão surpreso que demora para pegar o lápis e então pressiona dois para repetir. Ele tamborila os dedos mais um pouco, pensando em como se aproximar dela. Provavelmente não daria em nada, mas seria seu próximo passo caso ainda fosse um policial. Já que não era, exigiria uma delicadeza extra.

Ele se surpreende ao descobrir o quão ansioso estava por este desafio.

5

Brady já tinha ligado para a Pizzaria do Sammy em seu caminho de volta e pega uma pizza pequena de peperoni com cogumelos. Se ele achasse que sua mãe comeria alguns pedaços, ele teria pego um tamanho maior, mas ele sabia que não.

Só se fosse peperoni com vodka Popov, ele pensa. Se vendessem dessas, ele teria de levar logo a de tamanho gigante.

Existem muitas moradias populares na Zona Norte da cidade. Foram construídas entre as guerras da Coréia e a do Vietnã, o que significa que, basicamente parecem iguais e todas estão caindo aos pedaços. Muitas ainda tinham brinquedos de plástico espalhados nos gramados malcuidados, embora já estivesse totalmente escuro. A mansão dos Hartsfield fica no número 49 da Rua Elm, onde não existem elmos e provavelmente nunca existiram. Só que todas as ruas naquela área da cidade – conhecida, de forma bem razoável por Campo Norte – têm nomes de árvores.

Brady estaciona atrás do Honda enferrujado da Mãe, que precisa de um novo sistema de exaustão, novos pneus e novos freios sem mencionar um novo selo de inspeção.

Ela que providencie isto, Brady pensa, mas sabe que ela não o fará. Ele terá de fazê-lo. E fará. Precisa. Do jeito que cuida de tudo.

Do jeito que cuidei do Frankie, ele pensa. Na época em que o porão era só um porão ao invés de meu centro de controle.

Brady e Deborah Ann Hartsfield não falam sobre Frankie.

A porta está trancada. Pelo menos ele conseguira fazê-la aprender isto, embora Deus saiba como fora difícil. Ela é o tipo de pessoa que pensa que *está bem* resolve todos os problemas da vida. Diga-lhe *Coloque as sobras de volta na geladeira depois de terminar*, ela diz esta bem. Então você volta para casa e lá estão os restos no balcão, azedando. Você diz *Por favor lave as roupas para que eu tenha um uniforme limpo para as entregas de sorvete amanhã*, ela diz está bem. Mas quando você enfia a cabeça na lavanderia, tudo continua lá nos cestos.

O ruído da TV o saúda. Algo sobre um desafio de imunidade, então o programa que passa é *Survivor*. Ele tentara dizer a ela que era tudo falso, combinado. Ela diz, tudo bem, ela sabe, mas ainda assim assiste todos os dias.

- Cheguei, Mã!

- Oi, querido! - Somente uma lentidão moderada, o que é bom para esta hora da noite. Se eu fosse seu fígado, Brady pensa, pularia fora da sua boca qualquer noite enquanto ela está roncando e daria no pé.

Contudo, sente aquele pequeno tremor de antecipação ao entrar na sala de estar, o tremor que odeia. Ela está sentada no sofá, vestindo aquele roupão de

seda branco que ele lhe dera de presente no Natal, e ele consegue ver mais tecido branco, onde o roupão se abre acima de suas coxas. Sua roupa de baixo. Ele se recusa a pensar na palavra *calcinhas* aliada à sua mãe, é sexy demais, mas lá no fundo de sua mente, dá tudo no mesmo: uma serpente escondida em um arbusto. Além disto, ele consegue ver as pequenas sombras arredondadas de seus mamilos. Não era direito que tais coisas o excitassem – ela tem quase cinquenta anos, começava a engordar, era sua *mãe*, pelo amor de Deus – mas...

Mas.

- Trouxe pizza, - ele diz, segurando a caixa e pensando, Eu já comi.

- Eu já comi, - ela diz. Provavelmente comera mesmo. Algumas folhas de alface e um pote de iogurte dietético**.** É como ela conseguia manter o que restara de sua forma.

- É sua favorita, - ele diz, pensando. Pode comer, querido.

- Pode comer, querido, - ela diz. Ela levanta o copo e beberica elegantemente. As goladas sôfregas só viriam mais tarde, depois dela achar que ele já estava dormindo. - Pegue uma coca e venha se sentar comigo. - Ela dá tapinhas no sofá. Seu roupão se abre um pouco mais. Roupão branco, calcinhas brancas.

Roupas de baixo, ele lembra a si mesmo. Roupas de baixo, é só isto, ela é minha mãe, ela é Mã, e quando se trata de sua Mã, é só roupa de baixo.

Ela o vê observando-a e sorri. Sem ajustar o roupão.

- Os sobreviventes estão em Fiji este ano. - ela franze o cenho. - Acho que é Fiji. Uma daquelas ilhas, de qualquer forma. Venha assistir comigo.

- Não, acho que vou descer e trabalhar um pouco.

- No que está trabalhando, querido?

- Um tipo novo de roteador. - ela não distinguiria um roteador de um detonador, então era suficientemente seguro.

- Um desses dias você inventará algo que nos deixará ricos, - ela diz. - eu sei que inventará. Então, adeus lojinhas de eletrônicos. E adeus carro de sorvete. - Ela olha para ele com olhos arregalados, somente um pouco lacrimejantes de vodka. Ele não sabe o quanto ela bebia em um dia normal, e contar as garrafas vazias não adiantava, porque ela as escondia em algum lugar, mas ele sabia que sua capacidade estava se ampliando**.**

- Obrigado, - ele diz. Sentindo-se lisonjeado a contragosto. Sentindo outra coisa também. Muito a contragosto.

- Venha dar um beijo na Mã, meu amorzinho.

Ele se aproxima do sofá, tentando não olhar para a fenda frontal do roupão e tentando ignorar a sensação rastejante sob seu zíper. Ela vira o rosto para o lado, mas quando ele se inclina para beijá-la no rosto, ela vira a cabeça e pressiona sua boca úmida semi aberta sobre a dele. Ele sente o gosto da bebida e sente o cheiro do perfume que ela sempre passa atrás das orelhas. Ela o passa em outros

lugares também.

Ela coloca a palma de uma mão na nuca dele e acaricia seu cabelo com a ponta dos dedos, enviando-lhe um arrepio pelas costas. Ela toca seu lábio superior com a ponta da língua, só um pequeno movimento, um momento, então se afasta e o encara com grandes olhos sedutores.

- Meu amorzinho, - ela suspira, como a heroína de algum filme romântico feminino – do tipo onde homens brandem espadas e as mulheres usam vestidos decotados com seus peitos puxados para cima como bolas reluzentes.

Ele recua apressadamente. Ela sorri para ele, então volta a olhar para a TV, onde pessoas jovens e bonitas em roupas de banho correm pela praia. Ele abre a caixa de pizza com mãos que ainda tremem levemente, tira um pedaço e deposita na tigela de salada dela.

- Coma isto, - ele disse. - Ajudará a enxugar a bebida. Um pouco dela.

- Não seja mau com a mamãe, - ela diz, mas sem rancor, e certamente sem se sentir ofendida. Ela fecha o roupão, de forma distraída, novamente perdida no mundo dos sobreviventes, tentando descobrir quem será votado para fora da ilha na próxima semana. - E não se esqueça do meu carro, Brady. Precisa do selo de inspeção.

- Ele precisa de mais do que isso, - ele diz, e vai para a cozinha. Pega uma coca da geladeira, então abre a porta do porão. Fica lá no escuro por um momento, então fala uma única palavra: - Controle. - Abaixo dele, as lâmpadas fluorescentes (ele mesmo as instalara, da mesma forma que reformara o porão) se acenderam.

Ao pé da escada, pensou em Frankie. Ele quase sempre pensava nele quando pisava no lugar onde Frankie morrera. A única vez que deixara de pensar em Frankie, foi quando cuidava dos preparativos para os ataque ao Centro Municipal. Durante aquelas semanas, tudo o mais saíra-lhe da mente, e que alívio tinha sido.

Brady, Frankie dissera. Sua última palavra no Planeta Terra. Engasgos e arquejos não contavam.

Ele coloca sua pizza e seu refrigerante na bancada no meio do cômodo, então entra no banheiro minúsculo e baixa as calças. Ele não conseguirá comer, não conseguirá trabalhar em seu novo projeto (que certamente não era um roteador), ele não conseguirá *pensar*, até que ele cuide de alguns negócios urgentes.

Em sua carta ao ex-policial gordo, ele afirmara que ficara tão sexualmente excitado quando atropelara os desempregados no Centro Municipal que precisara usar uma camisinha. Ele também afirmara que se masturbava relembrando o evento. Se aquilo fosse verdade, daria todo um novo sentido ao termo autoerótico, mas não era. Ele mentira um bocado naquela carta, cada mentira cuidadosamente calculada para enrolar Hodges um pouco mais, e sua falsa fantasia sexual não foi a maior delas.

Na verdade, ele não tem muito interesse em garotas, e as garotas pressentem

isto. Provavelmente era por isto que ele se dava tão bem com Freddi Linklatter, sua colega sapatona cibernética na Discount Electronix. Pelo que constava a Brady, ela achava que *ele* era gay. Mas ele também não era gay. Ele era um grande mistério até para si mesmo – uma frente oclusa – mas uma coisa ele sabia com certeza: ele não era *assexuado*, pelo menos, não completamente. Ele e sua mãe dividiam um secreto arco-íris gótico, uma coisa sobre a qual não deviam pensar mais do que o absolutamente necessário. Quando realmente se tornava necessário, vinha à tona, era resolvido e novamente esquecido.

Mã, eu vejo suas calcinhas, ele pensa, e resolve seu problema tão rápido quanto possível. Há vaselina no armarinho de remédios, mas ele não usa. Ele quer que arda.

6

De volta a sua área confortável de trabalho no porão, Brady diz outra palavra. Desta vez diz *caos*.

Do outro lado da sala de controle há uma comprida prateleira cerca de 3 pés de altura do chão. Sobre elas há sete laptops com as telas levantadas, apagadas. Há também uma poltrona de rodinhas, para que ele possa rolar rapidamente de um para outro. Quando Brady diz a palavra mágica, todos os sete ganham vida. O número 20 aparece em cada tela, então 19, então 18. Se ele permite que esta contagem regressiva alcance zero, um programa suicida rodaria, formatando completamente os discos rígidos para então reescrevê-los de baboseiras.

- Escuridão, - ele diz, e o grande número da contagem regressiva desaparece, substituída por imagens de fundo que mostravam cenas de seu filme favorito, *The Wild Bunch*[17].

Ele tentara *apocalipse*, e *Armagedon*, palavras de comando muito melhores em sua opinião, cheias de gritante fatalidade, mas o programa de reconhecimento de voz tivera problemas com elas, e a última coisa que ele quer é ter de substituir todos os seus arquivos por causa de uma falha estúpida. Palavras de duas sílabas eram mais seguras. Não que houvesse muita coisa em seis dos sete computadores. O Número Três é o único com o que o ex-tira chamaria de "informação incriminatória", mas ele gosta de olhar para a admirável série de computadores poderosos, ligados simultaneamente, como agora. Fazia a sala do porão parecer um verdadeiro centro de comando.

Brady se considerava um criador além de destruidor, mas sabe que até agora não conseguira criar nada que realmente impactasse o mundo, e ele vivia atormentado pela possibilidade de jamais conseguir. De que ele fosse, no máximo, uma mente criativa de segunda classe.

Por exemplo o Rolla. Viera a ele com uma inspiração súbita, uma noite, ao passar aspirador de pó na sala de estar (igual à lavar roupas, tal tarefa estava geralmente abaixo das habilidades de sua mãe). Ele projetaria um dispositivo parecido a um banquinho sobre rolamentos, com um motor e uma pequena mangueira anexada do lado de baixo. Com um programa de computador simples, Brady conseguiria que o dispositivo se movesse pela sala, aspirando todo o caminho. Ao encontrar um obstáculo – uma cadeira, digamos, ou uma parede – ele se viraria sozinho e se moveria para outra direção.

Ele tinha até começado a construir um protótipo, quando viu uma versão de seu Rolla rolando apressadamente pela vitrine de uma loja de aparelhos de luxo no centro. Até o nome era parecido: era chamado de Roomba. Alguém tinha construído, e aquele alguém provavelmente estava ganhando milhões. Não era justo, mas o que era justo na vida? A vida é um festival de bosta com prêmios de

merda.

Ele tinha feito um blue-box[18] nas Tvs da casa, o que significava que Brady e sua mã tinham acesso não somente aos canais premium (incluindo algumas exóticas incursões na Al Jazeera) de graça, e não havia merda nenhuma que a Time Warner, Comcast, ou XFINITY pudessem fazer a respeito. Ele tinha hackeado o DVD player para que rodasse não só os DVDs americanos, mas mídias de todas as regiões do mundo. É fácil – três ou quatro passos rápidos com o controle remoto, além de um código de reconhecimento de seis dígitos. Ótimo em teoria, mas jamais fora usado? Não, na Rua Elm 49. Mã não assistia a nada que não fosse empurrado goela abaixo por uma das quatro maiores redes, e Brady mesmo estava quase sempre trabalhando em um dos seus dois empregos ou aqui embaixo na sala de controle, onde ele fazia seu trabalho *de verdade*.

As blue boxes eram ótimas, mas também ilegais. Pelo que ele sabia, os truques no DVD também eram ilegais. Sem falar em seu Redbox e Netflix. *Todas* as suas grandes ideias eram ilegais. Veja a Coisa Um e a Coisa Dois.

A Coisa Um estivera no banco do passageiro do Mercedes da Sra. Trelawney quando ele saíra do Centro Municipal naquela manhã de neblina de início de abril, com sangue pingando da lataria amassada e escorrendo do para-brisa. A ideia veio a ele durante o período sombrio há uns três anos, depois dele decidir matar um monte de gente – o que ele então pensava como seu *golpe terrorista* – mas antes de decidir o modo, quando, ou onde fazê-lo. Ele andara cheio de ideias na época, agitado, não dormia direito. Naqueles dias ele sempre sentia como se tivesse engolido uma garrafa térmica inteira de café misturado com anfetaminas.

A Coisa Um era um controle remoto de TV modificado tendo um microchip como cérebro e uma bateria para ampliar seu alcance... embora o alcance ainda fosse bem curto. Se o apontasse para um semáforo dezoito ou vinte metros de distância, poderia mudar de vermelho para amarelo com um toque, vermelho para amarelo intermitente com dois toques, e vermelho para verde com três.

Brady se encantara com ele, e usara-o várias vezes (sempre enquanto estacionado em seu velho Subaru, o caminhão de sorvete era chamativo demais) em cruzamentos cheios. Depois de várias quase falhas, ele finalmente tinha conseguido provocar um acidente de verdade. Só uma batidinha sem maiores consequências, mas tinha sido engraçado ver os dois homens discutindo quem era o culpado. Por um tempo, parecera que eles realmente chegariam às vias de fato.

A Coisa Dois veio logo depois, mas foi a Coisa Um que fez Brady focar seu alvo, porque ela ampliava radicalmente as chances de uma fuga bem sucedida. A distância entre o Centro Municipal e o depósito abandonado que escolhera para desovar o Mercedes da Sra. Trelawney ficava a exatos três quilômetros de distância. Havia oito semáforos ao longo da rota que ele pretendia fazer, e com

este dispositivo esplêndido, ele não teria de se preocupar com nenhum deles. Mas naquela manhã – Jesus Cristo, quem diria – cada uma daquelas luzes de semáforo estavam verdes. Brady achava que podia ser o horário, mas ainda assim, era enfurecedor.

Se eu não o tivesse, ele pensa, ao se dirigir para o closet do outro lado do porão, pelo menos quatro daqueles faróis estariam vermelhos. É o jeito que minha vida funciona.

A Coisa Dois era a o único de seus dispositivos que se tornara realmente rentável. Não rendia milhões, mas como todo mundo sabia, dinheiro não era tudo. Além disto, sem a Coisa Dois, não haveria Mercedes. E sem Mercedes, não havia o Massacre do Centro Municipal.

Boa e velha Coisa Dois.

Um grande cadeado Yale se dependurava do ferrolho da porta do closet. Brady abre-a com uma chave de seu chaveiro. As luzes de dentro – mais lâmpadas fluorescentes – já estão acesas. O closet é pequeno e parecia ainda menor pelas prateleiras planas de madeira. Em uma delas há nove caixas de sapatos. Dentro de cada caixa há meio quilo de explosivo plástico caseiro. Brady testara um pouco daquela coisa em um poço de cascalhos abandonado no interior, e funcionara bem.

Se eu estivesse lá no Afeganistão, ele pensa, usando um trapo na cabeça e um daqueles roupões de banho fedidos, eu podia ter uma carreira e tanto explodindo tropas.

Em outra prateleira, em outra caixa de sapato, havia cinco celulares. Do tipo descartável, que os traficantes de Lowtown usavam a rodo. Os celulares, disponíveis em farmácias chiques e lojas de conveniência em todo lugar, são o projeto de Brady para esta noite. Eles precisavam ser modificados para que um único número fizesse todos eles tocar, criando a fagulha necessária para detonar a areia explosiva nas caixas de sapato. Ele não decidira ainda, propriamente, usar o explosivo, mas parte dele queria. Sim, de verdade. Ele disse ao ex-tira que não tinha vontade de repetir sua obra prima, mas era outra mentira. Muito dependia do próprio ex-tira. Se ele fizer o que Brady quer – como a Sra. Trelawney fizera o que Brady queria – com certeza a vontade sumiria, pelo menos por um tempo.

Se não... bem...

Ele pega a caixa de celulares, sai do closet, então para e olha para trás. Em uma das prateleiras há um colete acolchoado de lenhador da L.L. Bean. Se Brady realmente fosse uma pessoa que se embrenhasse em florestas, um colete de tamanho médio serviria bem – ele é magro – mas este era extra-grande. No peito há um adesivo de um smile, daqueles que usavam óculos de sol e mostrava os dentes. O colete guarda mais quatro pacotes de meio quilo de explosivo plástico, dois nos bolsos externos, dois nos internos. O corpo do colete está inchado, porque está recheado de rolamentos de esferas (iguais as que havia no

Happy Slapper do Hodges). Brady abrira o tecido para joga-las lá dentro. Até tinha passado pela sua mente pedir à Mã para costurar os rasgos, e aquilo o fizera dar boas gargalhadas enquanto fechava-os com fita isolante.

Meu próprio colete suicida, pensou afetuosamente.

Ele não usará... *provavelmente* não usará... mas esta ideia também tinha uma certa atração. Poria um fim a tudo. Não haveria mais Discount Electronix, nem chamados para a Patrulha Cibernética para limpar manteiga de amendoim ou migalhas de biscoito da CPU de alguma velhota idiota, nada mais de caminhão de sorvete. Também não haveria mais cobras se arrastando no fundo de sua mente. Ou atrás de seu zíper.

Ele se imagina fazendo aquilo em um show de rock; ele sabe que o Springsteen tocará na Arena Lakefront em Junho. Que tal no desfile de Quatro de Julho na Rua Lake, a principal rua da cidade? Ou talvez no dia de abertura do Festival de Arte da Rua da Feira, que acontece anualmente, no primeiro sábado de agosto. Aquilo seria legal, exceto que ele não pareceria engraçado, vestindo um colete acolchoado numa tarde quente de agosto?

Verdade, mas tais coisas sempre podem ser contornadas por uma mente criativa, ele pensa, espalhando os celulares decartáveis na bancada e começando a remover os cartões SIM. Além disto, o colete suicida é só para uma espécie de cenário apocalíptico. Provavelmente jamais seria usado. Mas era legal tê-lo a mão.

Antes de subir, ele se senta diante do Número Três, abre a internet, e verifica o Guarda-Chuva Azul. Nada do ex-tira gordo.

Ainda.

7

Quando Hodges aperta o interfone do lado de fora do condomínio de luxo da Sra Wharton na Avenida Lake, às dez da manhã do dia seguinte, ele usa um terno pela segunda ou terceira vez desde que se aposentou. Era bom estar em um terno de novo, ainda que apertado na cintura e embaixo dos braços. Um homem de terno sentia-se como um homem trabalhador.

A voz de uma mulher veio do interfone.

- Sim?

- É Bill Hodges, senhora. Conversamos a noite passada.

- É verdade, e você está bem no horário. É no 19C, Detetive Hodges.

Ele começa a dizer a ela que não é mais um detetive, mas a porta faz um ruído, então ele não se incomoda. Além disto, ele já dissera a ela que estava aposentado, quando falaram ao telefone.

Janelle Petterson o aguarda na porta, do jeito que a irmã o aguardara no dia do Massacre do Centro Comercial, quando Hodges e Pete Huntley chegaram para interrogá-la pela primeira vez. A semelhança entre as duas mulheres era grande o bastante para trazer a Hodges uma poderosa sensação de déjàvu. Mas ao cruzar o corredor, saído do elevador em direção à porta do apartamento (tentando andar ao invés de se arrastar), ele vê que as diferenças são ainda mais numerosas. Patterson tem os mesmos olhos azuis claros e malares salientes, mas onde a boca de Olivia Trelawney era contraída e tensa, os lábios geralmente brancos com uma combinação de mau-humor e irritação, a de Janelle Petterson parecia, mesmo em repouso, pronta para sorrir. Ou para mandar um beijo. Seus lábios são brilhantes com uma aparência molhada; parecem bons o bastante para comer. E ela não usava golas canoa. Ela usava uma blusa gola rolê que abrigava um par de seios perfeitamente redondos. Não são grandes, aqueles peitos, mas como o querido pai de Hodges costumava dizer, mais do que o que cabe na mão, é desperdício. Ele estaria olhando para o trabalho que um vestuário de boa qualidade executava ou um aprimoramento pós-divórcio? Aprimoramento parecia mais provável a Hodges. Graças à irmã, ela podia pagar toda a recauchutagem que desejasse.

Ela estende sua mão e lhe dá um cumprimento objetivo.

- Obrigada por vir. - Como se estivesse ali a pedido dela.

- Fico feliz que tenha podido me receber, - ele diz, seguindo-a para dentro.

Aquela mesma vista deslumbrante o atinge bem na cara. Ele se lembra bem dela, embora só tivessem tido um encontro com a Sra. T. ali; todos os outros foram ou na mansão em Sugar Heights ou no departamento de polícia. Ela tinha ficado histérica em uma das visitas ao departamento, ele lembrava. *Todo mundo me culpa*, ela disse. O suicídio não fora muito depois daquilo, só algumas

semanas.

- Quer café, Detetive? É jamaicano. Muito gostoso, eu acho.

Hodges tem por hábito não beber café no meio da manhã, porque isso geralmente lhe dava azia apesar dos Zantac. Mas aceita.

Ele se senta em uma das cadeiras fundas próximas à janela panorâmica da sala de estar, enquanto espera que ela volte da cozinha. O dia está quente; no lago, barcos flutuam e se curvam como patinadores. Quando ela volta, ele fica em pé para pegar a bandeja de prata que ela carrega, mas Janelle sorri, balança a cabeça dizendo não, e a pousa na mesinha de centro com um gracioso dobrar de joelhos. Quase uma reverência.

Hodges considerara cada possível desvio e revés que esta conversa poderia ter, mas seus pensamentos prévios se mostraram irrelevantes. Era como se, depois de uma sedução cuidadosamente planejada, o objeto de seu desejo o tivesse recebido na porta em uma camisolinha curta e sapatos de salto agulha.

- Eu quero descobrir o que levou minha irmã a se suicidar. - ela disse enquanto serve o café deles em canecas de porcelana. - mas eu não sabia como proceder. Seu telefonema foi como um sinal de Deus. Depois de nossa conversa, eu acho que você é o homem certo para o trabalho.

Hodges fica surpreso demais para falar.

Ela lhe oferece uma caneca.

- Se quiser creme, terá de servir-se. Em se tratando de aditivos, eu não me responsabilizo.

- Puro está bom.

Ela sorri. Seus dentes são ou perfeitos ou perfeitamente implantados.

- Um homem com os mesmo gostos que eu.

Ele beberica, mais para ganhar tempo, mas o café é mesmo delicioso. Ele pigarreia e diz, - Como lhe disse quando conversamos a noite passada, Sra. Patterson, não sou mais da força policial. No dia vinte de novembro do ano passado, eu me tornei somente mais um cidadão particular. Temos de deixar isto bem claro.

Ela o observa por sobre a borda da caneca. Hodges se pergunta se a umidade brilhosa de seu lábio deixa uma marca, ou se a indústria cosmética já tornara este tipo de coisa obsoleta. É uma coisa doida de se estar pensando, mas ela é uma mulher bonita. Além disto, ele não vinha saindo muito.

- Pelo que me consta, - Janelle Patterson diz – só há duas palavras que importam no que acabou de dizer. Um é *particular* e a outra é *detetive*. Eu quero saber quem meteu-se com ela, quem brincou com ela até ela se matar, e ninguém no departamento de polícia parece se importar. Eles gostariam de pegar o homem que usou o carro dela para matar aquelas pessoas sim, mas para minha irmã – posso ser vulgar? - eles não se importam merda nenhuma.

Hodges podia ter se aposentado, mas ele ainda era leal.

- Isso não é necessariamente verdade.

- Eu entendo porque diz isto, Detetive.

- Senhor, por favor. Só Sr. Hodges. Ou Bill, se preferir.

- Bill, então. E *é* verdade. Há uma conexão entre aqueles assassinatos e o suicídio de minha irmã porque o homem que usou o carro é o mesmo que escreveu a carta. E outras coisas. Aquelas coisas do guarda-chuva azul.

Calma. Hodges ordenou a si próprio. Não estrague tudo.

- A que carta se refere, Sra. Patterson?

- Janey. Se você é Bill. Sou Janey. Espere aqui, vou te mostrar.

Ela se levanta e sai da sala. O coração de Hodges bate forte – mais forte do que quando ele enfrentou aqueles monstrinhos sob o viaduto – mas ele ainda percebe que a visão de Janey Patterson saindo da sala é tão boa quanto a da frente.

Calma, garoto, ele diz a si mesmo, e bebe mais café. Você não é nenhum Philip Marlowe[19]. Sua caneca já está meio vazia, e nada de azia. Nem um traço dela. Café milagroso, ele acha.

Ela volta segurando dois pedaços de papel pelos cantos com uma expressão de desgosto.

- Eu os encontrei quando separava a papelada da mesa de Ollie. Seu advogado, Sr. Schron, estava comigo... ela nomeou-o o executor de seu testamento, então ele tinha de estar... mas ele estava na cozinha, tomando um copo d'água. Ele nunca viu isto. Eu escondi. - Ela disse objetivamente, sem uma ponta de embaraço ou desafio. - Eu sabia o que era, logo de cara. Por causa *disto*. O cara deixou um no volante do carro. Eu acho que é o que pode se chamar de marca registrada.

Ela aponta para a carinha sorridente amarela de óculos escuros no meio da primeira página da carta. Hodges já notara. Ele também notara a fonte da carta, que ele identificou de seu próprio programa processador de texto como American Typewriter.

- Quando encontrou isso?

Ela tenta se lembrar, calculando a passagem do tempo.

- Eu vim para o funeral, que foi quase no final de novembro. Descobri que era a única beneficiária de Ollie quando o testamento foi revelado. Deve ter sido na primeira semana de dezembro. Perguntei ao Sr. Schron se podíamos terminar o inventário do espólio e posses até janeiro, porque eu tinha alguns assuntos a resolver em Los Angeles. Ele concordou. - Ela olha para Hodges, um olhar neutro de olhos azuis com uma fagulha brilhando neles. - O assunto que eu tinha de resolver era o divórcio de meu marido, que era – posso ser vulgar de novo – um cuzão mulherengo, cheirador de cocaína.

Hodges não queria enveredar por este caminho.

- Você retornou a Sugar Heights em janeiro?

- Sim.

- Foi quando encontrou a carta?

- Sim.

- A polícia não a viu? - ele sabia a resposta. Janeiro fora há quatro meses atrás, mas a pergunta tinha de ser feita.

- Não.

- Por que não?

- Eu já te disse! Porque não confio neles! - aquele brilho nos olhos dela transborda quando ela começava a chorar.

8

Ela pergunta se ele lhe dá licença. Hodges diz com certeza. Ela desaparece, presumivelmente para se controlar e retocar o rosto. Hodges pega a carta e, enquanto toma golinhos de café, começa a leitura. O café é realmente delicioso. Agora, se ele tivesse um biscoito para acompanhar...

Cara Olivia Trelawney,

Espero que leia esta carta inteira antes de jogá-la fora ou queimá-la. Eu sei que não mereço sua consideração, mas imploro por ela mesmo assim. Veja, sou o homem que roubou seu Mercedes e atropelou aquelas pessoas. Agora estou queimando como você vai queimar minha carta, só que com vergonha, remorso e pesar.

Por favor, por favor, por favor me dê uma chance de explicar! Eu jamais terei o seu perdão, eis outra coisa que sei, e não espero por ele, mas se puder apenas entender*, será o bastante. Me dará esta chance? Por favor? Para o público eu sou um monstro, para as notícias na TV eu sou só mais uma história sangrenta para vender comerciais, para à polícia eu sou só mais um maufeitor que querem capturar e jogar atrás das grades, mas* eu sou também um ser humano*, igual a você. Eis a minha história.*

Eu cresci em um lar fisica e emocionamente abusivo. Meu padrasto foi o primeiro, e você sabe o que minha mãe fez quando descobriu? Ela se juntou à diversão*! Já parou de ler? Não te culpo, é nojento, mas espero que não tenha parado, porque eu tenho de tirar isto do meu peito. Posso não permanecer na terra dos vivos por muito mais tempo, vê, mas não posso acabar com minha vida sem alguém saber O PORQUÊ de eu ter feito o que fiz. Não que eu mesmo compreenda completamente, mas talvez você, vendo de fora, consiga compreender.*

Aqui havia outro Smiley.

O abuso sexual continuou até meu padrasto morrer de ataque cardíaco quando eu tinha 12 anos. Minha mãe disse que se eu contasse, seria considerado culpado. Ela disse que se eu mostrasse as queimaduras de cigarro cicatrizadas em meus braços e pernas e no meio das pernas, ela diria às pessoas que eu mesmo tinha feito. Eu era só uma criança e eu pensava que ela dizia a verdade. Ela também me disse que se as pessoas acreditassem em mim, ela iria para a prisão e eu seria colocado em um orfanato (o que provavelmente era verdade).

Eu mantive minha boca fechada. Às vezes, "o diabo que você conhece é melhor do que o que você não conhece!"

Eu nunca cresci muito mais e eu sempre fui muito magro porque eu era tão

nervoso que quando comia, acabava vomitando (bulimia). Assim e por causa disto, eu era zoado na escola. Eu também desenvolvi uma série de cacoetes, tais como remexer as roupas e arrumar o cabelo (as vezes puxando-os aos montes). Isto fazia as pessoas rirem de mim, não só os outros garotos, mas os professores também.

Janey Patterson voltou e mais uma vez se sentou em frente a ele bebendo seu café, mas naquele momento, Hodges mal a notou. Ele pensava nas quatro ou cinco entrevistas que ele e Pete tiveram com a Sra. T. ele lembrava como ela estava sempre arrumando a gola da blusa. Ou puxando a saia. Ou tocando os cantos de sua boca tensa, como se para remover uma crosta de batom. Ou enrolando um cacho do cabelo em volta do dedo e puxando-o. Isto também.

Ele volta à carta.

Eu nunca fui um garoto mau, Sra. Trelawney. Eu juro. Nunca torturei animais ou bati em crianças menores que eu. Eu era só um ratinho assustado no lugar de uma criança, tentando passar pela minha infância sem ser zoado ou humilhado, mas nisto eu não fui bem-sucedido.

Eu queria ir à faculdade, mas nunca fui. Vê, eu acabei cuidando da mulher que abusou de mim*! É quase engraçado, né? Mã teve um derrame, possivelmente por beber demais. Sim, ela também é uma alcoólatra, ou era quando podia ir ao bar comprar suas garrafas. Ela consegue andar um pouco, mas não muito. Eu tenho de ajudá-la com o banheiro e limpá-la após ela terminar suas necessidades. Eu trabalho o dia todo em um emprego que paga mal (provavelmente tenho sorte em ter um emprego nesta nossa crise econômica, eu sei) e então volto para casa e cuido dela, porque só posso pagar uma mulher para vir algumas horas por dia. É uma vida má e estúpida. Não tenho amigos e nenhuma possibilidade de sucesso onde trabalho. Se a Sociedade é uma colméia-de-abelhas, então eu sou só somente mais uma abelha operária.*

Finalmente, comecei a ficar zangado. Eu queria fazer alguém pagar. Eu queria me vingar do mundo e fazer o mundo saber que eu estava vivo*. Pode entender isto? Já se sentiu assim? Quase certeza que não, já que é rica e provavelmente tem os melhores amigos que o dinheiro pode comprar.*

Seguido a este comentário mordaz há outro smiley de óculos escuros, como que para dizer que ele estava brincando.

Um dia atingi meu limite e fiz o que fiz. Não foi planejado...

O caralho que não foi, Hodges pensa.

... e eu pensei que as chances eram pelo menos 50-50 de que fosse pego. E eu CERTAMENTE não sabia como aquilo ia me assombrar depois. Eu ainda revivo os chacoalhões que resultaram do atropelamento, e ainda ouço os gritos. Então quando vi as notícias e descobri que tinha matado até um bebê, eu realmente acordei para a coisa terrível que tinha feito. Eu não sei como viver comigo mesmo.

Sra. Trelawney por que, oh por que, por que você deixou a chave na ignição? Se eu não tivesse visto, caminhando na madrugada porque eu não podia dormir, nada disto teria acontecido. Se não tivesse deixado sua chave na ignição, aquele bebezinho e a mãe ainda estariam vivos. Não a estou culpando, tenho certeza que sua mente está cheia de seus próprios problemas e ansiedades, mas eu queria que as coisas tivessem acontecido de outro jeito, que você tivesse se lembrado de levar a chave. Eu não estaria queimando neste inferno de culpa e remorso.

Você também deve estar sentindo culpa e remorso, e eu sinto muito, especialmente porque logo mais você descobrirá como as pessoas podem ser más. Os noticiários da TV, e os jornais falarão em como seu descuido facilitou o meu terrível ato. Seus amigos irão parar de falar com você. A polícia vai cercá-la. Quando você for ao supermercado, as pessoas irão olhar para você e sussurrarão umas para as outras. Alguns não se contentarão em cochichar e falarão na sua cara. Eu não ficaria surpreso se houvesse vandalismo em sua casa, então diga a sua equipe de segurança (tenho certeza que você tem uma) para ficarem de olho.

Não acho que queira falar comigo, quer? Oh, eu não quero dizer cara a cara, mas há um lugar seguro, seguro para nós dois, onde podemos falar usando computadores. É chamado Sob O Guarda-Chuva Azul da Debbie. Eu já fiz um cadastro para você se quiser usar. O nome de usuário é "otrelaw19".

Eu sei o que uma pessoa normal faria. Uma pessoa normal entregaria esta carta imediatamente à polícia, mas deixe-me fazer uma pergunta. O que eles fizeram por você exceto caçá-la e lhe causar inúmeras noites de insônia? Embora seja uma ideia, se me quiser morto, entregue esta carta à polícia, tão certamente quanto colocar uma arma em minha cabeça e puxar o gatilho, porque eu vou me matar.

Parece loucura, você é a única pessoa que me mantem vivo. Porque você é a única com quem posso falar. A única que entende o que é estar no Inferno.

Agora eu vou esperar.

Sra. Trelawney, eu sinto TANTO.

Hodges abaixa a carta até a mesa de centro e diz.

- Puta merda.

Janey Patterson concorda.

- Foi mais ou menos o que eu também pensei.

- Ele a convidou a contatá-lo...

Janey lhe deu um olhar incrédulo.

- *Convidou?* Experimente *chantageou-a*. “Faça isto ou eu me mato”.

- De acordo com o que disse, ela o contatou. Você viu alguma destas comunicações? Haviam talvez conversas impressas junto com esta carta?

Ela negou com a cabeça.

- Ollie contou a minha mãe que vinha conversando com o que ela chamara de um homem muito perturbado, e tentava convencê-lo a buscar ajuda, porque ele fizera uma coisa horrível. Minha mãe ficou assustada. Ela achou que Ollie estava falando com o cara muito perturbado cara-a-cara, como no parque ou em uma cafeteria ou algo assim. Deve lembrar que ela tem mais de oitenta anos agora. Ela sabe que existem computadores, mas só sabe vagamente para que são usados. O que ela lembra é que Ollie disse que tinha conversado com um homem muito perturbado debaixo de um guarda-chuva azul.

- Sua mãe chegou a ligar este homem ao roubo do Mercedes e as mortes no Centro Municipal?

- Ela nunca disse nada que me fizesse crer nisto. Sua memória de curto-prazo é muito confusa. Se perguntar a ela sobre os japoneses bombardeando Pearl Harbor, ela pode explicar exatamente quando ela ouvira a notícia no rádio, e provavelmente quem era o narrador. Pergunte a ela o que ela comeu no café-da-manhã, ou mesmo onde ela esta... - Janey encolheu os ombros. - Pode ser que ela diga, pode ser que não.

- E onde seria exatamente?

- Um lugar chamado Sunny Acres, cerca de trinta milhas daqui. - Ela ri, um som pesaroso e sem nenhuma alegria. - Quando ouço este nome, penso naqueles antigos melodramas que vemos na TCM, onde a heroína é declarada insana e escondida do mundo em um hospício terrivelmente cheio de correntes de ar.

Ela se volta para observar o lago. Seu gosto assume uma expressão que Hodges acha interessante: um pouco pensativa, um pouco defensiva. Quanto mais olha para ela, mais gosta de sua aparência. As finas linhas ao redor dos olhos sugere que é uma mulher dada a sorrir.

- Eu sei quem eu seria em um desses filmes antigos, - ela diz, ainda olhando para os barcos que deslizavam sobre a água. - A irmã conivente que herda os cuidados a um parente idoso junto com uma pilha de dinheiro. A irmã cruel que mantém o dinheiro mas envia a velha para uma mansão assustadora onde pessoas velhas comem comida de cachorro no jantar e são largadas a se afogar na própria urina a noite toda. Mas Sunny não é assim. É na verdade, bem legal. Nada barato, também. E a Mãe pediu para ir.

- É?

- *É*, - ela diz, zombando dele com um torcer de nariz. - Por acaso lembra da enfermeira dela? A Sra. Greene. Althea Greene.

Hodges se pegou buscando no paletó por um bloco de anotações que já não

estava lá. Mas após um momento pensando, ele lembrou da enfermeira sem ele. Uma alta e imponente mulher de branco que parecia deslizar, ao invés de andar. Com uma massa de cabelos grisalhos ondulados, que a fazia parecer um pouco com Elsa Lanchester em *A noiva de Frankestein*. Ele e Pete perguntaram se ela notara o Mercedes da Sra. Trelawney estacionado na curva, ao sair na noite de quinta. Ela respondera que tinha certeza que sim, o que para o time Hodges e Huntley significava que ela não tinha certeza nenhuma.

- Sim, me lembro dela.

- Ela anunciou que se aposentaria assim que voltei de Los Angeles. Ela disse que, aos sessenta e quatro anos, não se sentia mais apta a cuidar com competência de uma paciente que sofria de uma condição tão séria, e ela manteve essa posição mesmo depois de eu oferecer contratar uma enfermeira para ajudá-la – duas, se ela quisesse. Eu acho que ela se assustou com a publicidade que resultou do Massacre do Centro Municipal, mas se fosse só isso, acho que ainda teria ficado.

- O suicídio de sua irmã foi o golpe final?

- Tenho quase certeza que sim. Não digo que Althea e Ollie fossem melhores amigas ou algo assim, mas elas se davam bem, e elas eram aliadas no cuidado com a Mãe. Agora Sunny é a melhor coisa para ela, e a Mãe ficou aliviada de ir para lá. Em seus melhores dias, ao menos. E eu também. Pelo menos, eles cuidam melhor das dores dela.

- Se eu quisesse ir lá para falar com ela...

- Ela pode lembrar de algumas coisas, ou não. - ela desvia os olhos do lago e olha diretamente para ele. - Aceitará o trabalho? Eu pesquisei os honorários de detetives particulares na internet, e estou disposta a pagar bem mais. Cinco mil dólares por semana, despesas à parte. Um mínimo de oito semanas.

Quarenta mil por oito semanas de trabalho, Hodges se espanta. Talvez ele pudesse ser Philip Marlowe afinal de contas. Ele se imagina em um escritório de dois cômodos cheios de ratos, no terceiro andar de um prédio comercial barato. Contratar uma secretária gostosona com um nome como Lola ou Velma. Uma loira comunicativa, é claro. Ele usaria uma capa de chuva e um chapéu fedora marrom em dias chuvosos, que ele puxaria sobre uma das sobrancelhas.

Ridículo, e não o que o atraía. A atração é não estar em sua poltrona La-Z-Boy, assistindo à juíza e se entupindo de salgadinhos. Ele também gostava de estar usando um terno. Mas havia mais. Ele deixara o Departamento de Polícia com assuntos pendentes. Pete tinha identificado o ladrão de lojas de penhores, e parece que ele e Isabelle Jaynes poderiam, muito em breve, estar prendendo Donald Davies, o pulha que matara a esposa e fora para a TV, exibir seu sorriso charmoso. Bom para Pete e Izzy, mas nem Davies ou o ladrão de lojas era a Sorte Grande.

Também, ele pensa, o Sr. Mercedes devia ter me deixado em paz. E a Sra. T.,

ele devia tê-la deixado em paz também.

- Bill? - Janey estala os dedos como um hipnotizador de palco tirando um hipnotizado do transe. - Está aí, Bill?

Ele volta a atenção a ela, uma mulher de quarenta e tantos que não teme sentar-se sob a luz do sol.

- Se eu disser sim, você estará me contratando como assessor em segurança.

Ela pareceu divertida.

- Como os homens que trabalham para a embpresa de Segurança Guarda Vigilante lá nos Heights?

- Não, não como eles. Eles são registrados, para começar. Eu não. Nunca precisarei ser, ele acha. - Eu seria somente um segurança particular, como o tipo de cara que trabalha nos clubes noturnos da cidade. Nada que você possa deduzir do imposto de renda, sinto muito.

O divertimento se alargou em um sorriso, e ela enrugou o nariz de novo. Um gesto encantador e fascinante na opinião de Hodges.

- Não importa. Caso não tenha notado, sou podre de rica.

- O que estou tentando deixar bem claro, Janey, é que eu não tenho licença para ser detetive particular, o que não vai me impedir de sair por aí fazendo perguntas, mas o quanto vou conseguir apurar sem um distintivo ou um registro de Detetive Particular, é algo que ainda não sei. É como pedir a um homem cego para perambular por aí sem seu cão guia.

- Certamente há os seus amigos na polícia?

- Há, mas se eu tentar usá-los, estaria colocando tanto os amigos quanto eu mesmo em uma posição ruim. - O que ele já tinha feito ao pressionar Pete por informação é uma coisa que ele não compartilhará com ela, assim em tão pouco tempo.

Ele ergue a carta que Janey lhe mostrara.

- Primeiro, eu serei culpado de reter evidências se concordar em manter isto somente entre nós. - Que ele já estava retendo uma carta semelhante é outra coisa que ela não precisava saber. - Tecnicamente, pelo menos. E reter evidências é um crime grave.

Ela pareceu assustada.

- Oh meu Deus, eu nem pensei nisto.

- Por outro lado, duvido que haja algo que os forenses pudessem apurar. Uma carta deixada em uma caixa de correios na rua Marlborough ou Avenida Lowbriar é quase a coisa mais anônima do mundo. Houve uma época – me lembro bem - em que era possível ligar as cartas à máquina onde foram datilografadas. Se pudesse achar a máquina. Era uma boa impressão digital.

- Mas esta não foi datilografada.

- Não. Impressão a laser. Que significa não haver As inclinados ou Ts tortos. Então eu não estaria retendo muito coisa.

É claro que omissão é omissão.

- Eu vou aceitar o trabalho, Janey, mas cinco mil dólares por semana é ridículo. Eu aceito um cheque de dois mil, se quiser. E você paga as despesas.

- Isso não parece dar nem para o cheiro.

- Se eu chegar em algum lugar, falaremos de um bônus. - mas ele não achava que aceitaria um, mesmo que conseguisse encontrar o Sr. Mercedes e prendê-lo. Não quando ele já tinha decidido investigar o bastardo, e tinha tido intenção de convencê-la a ajudá-lo.

- Tudo bem. Concordo. E obrigada.

- De nada. Agora me conte sobre sua relação com Olivia. Tudo o que sei é que era boa o bastante para você chamá-la de Ollie, e seria legal saber mais.

- Vai levar um tempo. Quer outro café? E um biscoito ou dois para acompanhar? Tenho biscoitos de limão.

Hodges aceitou os dois.

9

- Ollie.

Janey diz, e então silencia por tanto tempo que Hodges bebe um pouco de sua nova caneca de café e come um biscoito. Então ela se volta para a janela e os barcos novamente, cruza a perna, e fala sem olhar para ele.

- Você já amou alguém sem na verdade gostar deste alguém?

Hodges pensa em Corinne, e os dezoito tempestuosos meses que precederam o rompimento final.

- Sim.

- Então você entenderá. Ollie era minha irmã mais velha, oito anos mais velha que eu. Eu a amava, mas quando ela partiu para a faculdade, eu fui a garota mais feliz da América. E quando ela trancou a matrícula, três meses depois e voltou correndo para casa, me senti como uma uma garota cansada que tivesse de voltar a carregar um saco de tijolos após terem permitido que descansasse por um tempinho. Ela não era má para mim, jamais me xingava ou puxava meu cabelo, ou me provocava quando eu voltava da escola de mãos dadas com Marky Sullivan, mas quando ela estava em casa, estávamos sempre em Alerta Amarelo. Sabe o que significa?

Hodges não tinha certeza, mas anuiu assim mesmo.

- A comida a deixava doente do estômago. Ela tinha brotoejas quando se estressava com qualquer coisa – entrevistas de emprego eram o pior, embora ela eventualmente tenha conseguido um emprego de secretária. Tinha habilidades e era bem bonita. Sabia disto?

Hodges faz um ruído de concordância. Se fosse para responder honestamente, ele poderia ter dito, só posso acreditar porque vejo em você.

- Uma vez ela concordou em me levar a um show. Era um show do U2, e eu estava doida para vê-los. Ollie gostava deles também, mas na noite do show ela começou a vomitar. Foi tão grave que meus pais acabaram levando-a para o pronto-socorro e eu tive de ficar em casa assistindo TV ao invés de dançando e gritando por Bono. Ollie jurou que foi intoxicação alimentar, mas comemos a mesma comida, e ninguém mais ficou doente. Estresse é o que era. Puro estresse. E por falar em hipocondria... Com minha irmã, cada dor-de-cabeça era um tumor cerebral e cada espinha era câncer de pele. Uma vez ela teve conjutivite e passou uma semana convencida de que ia ficar cega. Suas menstruações eram horroramas. Ela ficava de cama até terminar.

- E ainda conseguiu manter o emprego?

A resposta de Janey foi tão seca quanto do Vale da Morte.

- As menstruações de Ollie costumavam durar exatamente quarenta e oito horas, e sempre vinha aos finais de semana. Era incrível.

- Oh. - Hodges não conseguiu pensar em nada mais a dizer.

Janey revira a carta algumas vezes na mesinha de centro com a ponta dos dedos, então ergue para Hodges aqueles olhos azuis luminosos.

- Ele usa uma frase aqui... algo sobre ter tiques nervosos. Notou isso?

Sim. - Hodges tinha notado uma grande quantidade de coisas naquela carta, em grande parte como era de tantas formas uma imagem negativa da que ele recebera.

Minha irmã também tinha as suas. Deve ter notado algumas.

Hodges puxou a gravata primeiro para um lado, depois para outro.

Janey sorri.

- Sim, esta era uma delas. Havia muitas outras. Apalpar interruptores de luzes para ter certeza de estarem apagadas. Tirava a torradeira da tomada após o café-da-manhã. Ela sempre dizia pão-e-manteiga antes de ir para algum lugar, porque supostamente se fizesse isso, se lembraria do que esqueceu. Eu me lembro de um dia em que ela teve de me levar à escola porque eu perdi o ônibus. Mãe e Pai já tinham ido para o trabalho. Já estávamos no meio do caminho, então ela se convenceu de que tinha deixado o forno ligado. Tivemos de voltar e verificar. Nada mais resolveria. Estava apagado, é claro. Eu não consegui chegar à escola até a segunda aula, e me deram minha primeira detenção. Fiquei furiosa. Eu sempre ficava furiosa com ela, mas eu a amava também. Mãe, Pai, nós sempre a amamos. Como se fosse fisicamente conectada. Mas cara, ela sempre foi um saco de tijolos.

- Nervosa demais para sair, mas ela não só casou, mas casou-se com um homem rico.

- Na verdade, ela casou-se com um escriturário prematuramente careca na companhia de investimento onde trabalhava. Kent Trelawney. Um nerd... no bom sentido. Kent era muito legal... apaixonado por videogames. Começou a investir em algumas das companhias que os produziam, e aqueles investimentos lucraram. Minha mãe diz que ele tinha o toque mágico e meu pai dizia que ele era sortudo, mas não era nada disto. Ele conhecia o campo, é tudo, e o que ele não conhecia ele se dedicava a aprender. Quando se casaram mais ou menos no final dos anos setenta, a situação deles era só confortável. Foi quando Kent descobriu a Microsoft.

Ela joga a cabeça para trás e solta uma gargalhada sincera, assustando-o.

- Desculpe, - ela diz. - Só estava pensando na pura ironia americana disto tudo. Eu era bonita, bem ajustada e sociável também. Se participasse de um concurso de beleza, que eu chamo de show de carne para homens, se quer saber, e provavelmente não quer, eu ganharia o título de Miss Simpatia de primeira. Muitas amigas, muitos namorados, muitos telefonemas, e muitos encontros. Eu estava encarregada da orientação aos novatos durante meu ano final no Colégio Católico, e fiz um excelente trabalho, se posso dizer. Acalmei um monte de nervos. Minha irmã era também bonita, mas ela era a neurótica. A obsessiva

compulsiva. Se ela entrasse em um concurso de beleza, vomitaria na rouba de banho.

Janey ri um pouco mais. Outra lágrima corre pelo seu rosto quando o faz. Ela a enxuga com as costas da mão.

- Então eis a ironia. A Miss Simpatia acaba com o estúpido, cheirador de cocaína e a Miss Neurótica fisga o cara legal, o fazedor de dinheiro, o marido fiel. Entende?

- Sim, - Hodges diz. - Entendo.

- Olivia Wharton e Kent Trelawney. Uma relação com tanta chance de sobrevivência quanto um prematuro de seis meses. Kent insistia em convidá-la para sair e ela insistia em dizer não. Finalmente, concordou em jantar com ele... só para fazê-lo deixá-la em paz, ela disse... e quando foram ao restaurante, ela paralisou. Não conseguiu sair do carro. Tremia como uma folha. Alguns caras teriam desistido ali, mas não Kent. Ele levou-a ao McDonalds e pediu MacOfertas pela janela do DriveThru. Eles comeram no estacionamento. Acho que eles fizeram muito disto. Ela ia ao cinema com ele, mas sempre tinha de sentar no corredor. Dizia que sentar lá dentro a deixava sem respirar.

- Uma mulher com todos os predicados.

- Minha mãe e pai tentaram por anos levá-la ao psiquiatra. Onde falharam, Kent conseguiu. O psiquiatra receitou pílulas, e ela melhorou. Ela teve um de seus típicos ataques de ansiedade no dia do seu casamento... fui eu quem segurou seu véu enquanto ela vomitava no banheiro da igreja... mas ela conseguiu. - Janey sorriu melancolicamente e completou, - Ela foi uma linda noiva.

Hodges permanece em silêncio, fascinado por este relance de Olivia Trelawney antes dela se tornar a Nossa Senhora das Blusas de Gola Canoa.

- Depois do casamento, nos distanciamos. Como irmãos fazem às vezes. Nos víamos umas dez vezes por ano até a morte de nosso pai, e depois ainda menos.

- Ação de Graças, Natal e Quatro de Julho?

- Mais ou menos. Eu podia ver um pouco da velha merda dela voltando, e depois da morte de Kent, de um ataque do coração, então *tudo* voltou. Ela perdeu uma tonelada de peso. Voltou a usar as roupas horrorosas que usava no colégio e quando trabalhava no escritório. Um pouco disto eu vi quando voltei a visitá-la e a mãe, um pouco quando nos falávamos pelo Skype.

Ele anui em assentimento.

- Eu tenho um amigo que vive tentando me fazer usá-lo.

Ela o observa com um sorriso.

- Você é antiquado, não é? Digo, *de verdade*. - Seu sorriso se apaga. - A última vez que vi Ollie foi em maio do ano passado, não muito depois da coisa do Centro Municipal. - Janey hesitou, então usou o nome certo – O massacre. Ela estava horrível. Ela disse que os tiras estavam cercando-a. É verdade?

- Não, mas ela achou que estávamos. É verdade que a interrogamos repetidas

vezes, porque ela continuava insistindo que pegara a chave e trancara o Mercedes. Aquilo foi um problema para nós, porque o carro não foi arrombado e não foi feita ligação direta. O que finalmente decidimos... - Hodges parou, pensando no psicólogo gordo da família que vem todos os dias da semana às quatro. O que era especialista em demolir a parede de negação.

- Vocês decidiram o que?

- Que ela não conseguia encarar a verdade. Parece com a irmã com quem você cresceu?

- Sim. - Janey aponta para a carta. - Você acha que ela finalmente disse a verdade a este cara? Sob o Guarda-Chuva da Debbie? Você acha que foi por isto que ela tomou as pílulas de mamãe?

- Não dá para ter certeza. - mas Hodges achava provável.

- Ela parou de tomar os antidepressivos. - Janey observava o lago de novo. - Ela negou quando perguntei, mas eu sabia. Ela jamais gostara deles, dizia que a faziam sentir a cabeça avoada. Ela tomava-os por Kent, e depois que Kent morreu, ela os tomava por nossa mãe, mas depois do Centro Municipal... - ela negou com a cabeça, respirou fundo. - Já lhe disse o bastante sobre o estado mental dela, Bill? Porque há muito mais se você quiser.

- Eu acho que já ouvi o bastante.

Ela meneia a cabeça em admiração monótona.

- É como se o cara a conhecesse.

Hodges não diz o que parecia óbvio a ele, em grande parte porque ele tinha sua própria carta para fazer a comparação. De alguma forma, ele conhecia.

- Você diz que ela era obsessivo-compulsiva. A ponto de ter de voltar do centro para verificar se o forno estava aceso.

- Sim.

- Parece provável a você que uma mulher destas esquecesse a chave na ignição?

Janey demorou para responder. Então ela diz,

- Na verdade, não.

Também não parece a Hodges. Há uma primeira vez para tudo, é claro, mas... ele e Pete sequer discutiram aquele aspecto da questão? Ele não lembrava com certeza, mas achava que sim. Só que eles não conheciam as profundezas dos problemas mentais da Sra. T. naquela época, conheciam?

Ele pergunta,

- Você tentou entrar neste site do Guarda-Chuva Azul? Usando o nome de usuário que ele deu a ela?

Ela o encara, amedrontada.

- Jamais me passou pela cabeça, e se tivesse passado, eu teria muito medo do que poderia encontrar. Acho que é por isso que você é o detetive e eu sou a cliente. Vai tentar?

- Eu não sei o que vou tentar. Preciso pensar no assunto, e preciso consultar um cara que sabe mais de computadores do que eu.

- Pague o quanto ele quiser, - ela disse.

Hodges diz que pagará, pensando que pelo menos Jerome Robinson terá algo bom nesta história toda, não importa como as cartas caiam. E porque não deveria? Oito pessoas morreram no Centro Municipal e mais três ficaram aleijadas por toda a vida, mas Jerome ainda tinha de ir para a faculdade. Hodges se lembra de um velho ditado: mesmo no dia mais escuro, o sol brilha no cu de um cão qualquer.

- O que fará agora?

Hodges pega a carta e fica em pé. - Agora eu vou até a próxima copiadora. Então devolvo o original a você.

- Não há necessidade. Posso escanear no computador e imprimir para você uma cópia. Me dê.

- Sério? Pode fazer isto?

Os olhos dela ainda estavam vermelhos de chorar, mas o olhar que ela lhe dá não deixa de ser alegre.

- É uma boa coisa que você tenha um especialista em computadores à disposição – ela diz – Já trago. Enquanto isto, pegue mais um biscoito.

Hodges serviu-se de três.

10

Quando ela volta com a cópia da carta, ele a guarda no bolso interno do paletó.

− O original deveria ser guardado em um cofre, se é que você tem um.

− Há um na casa de Sugar Heights... pode ser?

Provavelmente sim, mas Hodges não gostou da ideia. Muitos compradores em potencial entrando em saindo da casa. O que provavelmente é estúpido, mas era verdade.

− Você tem um cofre no banco?

− Não, mas eu posso alugar um. Meu banco é o Bank of America, fica a dois quarteirões daqui.

− Melhor. - Hodges diz, indo para a porta.

− Obrigada por fazer isto, - ela diz, e estende ambas as mãos. Como se ele tivesse convidado-a para dançar. - Não sabe o alívio que é.

Ele toma ambas as mãos, aperta gentilmente, então solta, embora apreciaria segurá-las por mais tempo.

− Mais duas coisas. Primeiro, sua mãe. De quanto em quanto tempo a visita?

− Quase todos os dias. Às vezes, levo-lhe comida do restaurante iraniano que ela e Ollie gostavam... a equipe de cozinha do Sunny Acres esquenta a comida para nós... e às vezes eu levo-lhe um ou dois DVDs. Ela gosta de filmes antigos, aqueles com Fred Astaire e Ginger Rogers. Eu sempre levo algo para ela, e sempre fica feliz de me ver. Em seus dias bons ela realmente me vê. Em dias ruins, ela me chama de Olivia. Ou Charlotte. Minha tia. Eu também tenho um tio.

− A próxima vez em que ela estiver em um bom dia, me ligue para que eu vá vê-la.

− Tudo bem. Eu vou com você. Qual a outra coisa?

− O advogado que você mencionou. Schron. Ele lhe parece competente?

− A faca mais afiada da gaveta, é o que acho.

− Se eu realmente descobrir algo, talvez até identificar o cara, vamos precisar de alguém assim. Vamos vê-lo, entregamos as cartas...

− Cartas? Eu só achei uma.

Hodges pensa Ah, merda, então se recompõe.

− A carta e a cópia, quis dizer.

− Oh, certo.

− Se eu achar o cara, é trabalho da polícia prendê-lo e acusá-lo. O trabalho de Schron será certificar-se de que nós não sejamos presos por agir debaixo dos panos e investigarmos sozinhos.

− Para isso seria preciso um advogado criminal, certo? Não sei se ele atua nesta área.

− Provavelmente não, mas se ele é bom, ele conhecerá alguém que atue.

Alguém tão bom quanto ele. Temos um acordo? Temos de ter. Estou ansioso para xeretar por aí, mas quando virar caso de polícia, deixaremos a polícia assumir.

− Concordo com isto, - Janey diz. Então ela fica na ponta dos pés, coloca a mão nos ombros do paletó apertado dele, e lhe dá um beijo na bochecha. - Acho que você é um cara legal, Bill. E o cara certo para isto.

Ele ainda sente aquele beijo enquanto desce pelo elevador. Um adorável pontinho quente. Ficou contente de ter se barbeado antes de sair de casa.

11

A chuva prateada caía ininterruptamente, mas o jovem casal – amantes? Amigos? - estão seguros e secos sob o guarda-chuva azul que pertence a alguém, provavelmente alguém fictício, chamado Debbie. Desta vez, Hodges nota que é o garoto que parece estar falando, e os olhos da garota estão levemente arregalados, como se surpresa. Talvez ele tenha acabado de lhe pedir em casamento?

Jerome estoura este pensamento romântico como um balão.

− Parece um site pornô, não parece?

− O que um jovem aspirante a Harvard como você sabe sobre sites pornôs?

Eles estão sentados lado a lado no escritório de Hodges, olhando para a página inicial do Guarda-Chuva azul. Odell, o setter irlandês de Jerome, está deitado de costas atrás deles, as pernas traseiras abertas, a língua pendurada de um lado da boca, olhando para o teto em uma contemplação divertida. Jerome trouxera-o em uma coleira, mas só porque era a lei dentro dos limites municipais. Odell sabe ficar fora das ruas e é quase inofensivo a transeuntes quanto um cão pode ser.

− Eu sei o que você sabe, e o que quase todo mundo que tem um computador sabe. - Jerome diz. Em suas calças cáqui e camisa de botões da Ivy League, seu cabelo uma massa espessa de cachos, ele parece a Hodges um jovem Barack Obama, só que mais alto. Jerome tem um metro e noventa e cinco. E em volta dele há o leve e agradavelmente nostálgico aroma de loção pós-barba Old Spice. - Sites pornôs são mais numerosos do que moscas em carniça de beira de estrada. Você navega na net e acaba se deparando com eles. E os de nomes aparentemente inocentes são os que tendem a ser mais pesados.

− Pesados como?

− Com o tipo de coisa que pode mandar alguém para a cadeia.

− Pornografia infantil, quer dizer.

− Ou pornô com tortura. Noventa e nove por cento das coisas de chicote e algemas são encenadas. O outro um por cento... - Jerome se encolhe.

− E como você sabe disto?

Jerome lhe dá um olhar direto, franco e aberto. Não é encenação, só o jeito dele, que Hodges mais gostava no garoto. Sua mãe e pai eram do mesmo jeito. Até a irmãzinha.

− Sr. Hodges, todo mundo sabe. Os que tem menos de trinta, pelo menos.

− Antigamente, pessoas costumavam dizer não confie em ninguém com mais de trinta anos.

Jerome sorri.

− Eu confio neles, mas em se tratando de computadores, uma montanha deles é burra. Eles batem em suas máquinas, então esperam que elas funcionem.

Eles abrem anexos em e-mails suspeitos. Entram em sites destes, e de repente seus computadores dão uma de HAL 9000[20] e começam a baixar fotos de prostitutas adolescentes ou vídeos terroristas que mostram pessoas sendo decapitadas.

Estava na ponta da língua de Hodges perguntar em quem era Hal 9000, parecia um rótulo de gangue para ele, mas a coisa sobre os vídeos terroristas tirou sua atenção.

− Isso acontece de verdade?

− Acontece. E então... - Jerome fecha o punho e bate o nós dos dedos contra o topo da cabeça – Toc-toc, Segurança Nacional à sua porta. - Ele desfaz os nós para apontar um dedo para o casal sob o guarda-chuva azul. - Por outro lado, isto pode ser exatamente o que diz ser, um site de conversa onde pessoas tímidas podem se corresponder virtualmente. Sabe, um negócio de corações solitários. Muitas pessoas lá fora buscando pelo amor. Vejamos.

Ele pega o mouse, mas Hodges o segura pelo pulso. Jerome olha para ele, questionadoramente.

− Não acesse em meu computador, - Hodges diz. - Veja no seu.

− Se tivesse pedido, eu teria trazido meu laptop.

− Faça esta noite, tudo bem. E se pegar um vírus que detone sua máquina, eu pago um novo.

Jerome lhe dá um olhar de diversão condescendente.

− Sr. Hodges, eu tenho o melhor antivirus e programa de prevenção que o dinheiro pode comprar, e o segundo melhor para backup. Qualquer coisa estranha que tentar danificar minhas máquinas será pego rapidamente.

− A intenção pode não ser danificar, - Hodges diz. Ele está pensando na irmã da Sra. T. dizendo Era como se o cara a conhecesse. - Ele pode estar lá só para observar.

Jerome não pareceu preocupado; parece excitado.

− Como chegou a este site, Sr. Hodges? Está se desaposentando? Está, tipo, em um caso?

Hodges jamais sentira tanta falta de Pete Huntley como naquele momento: um parceiro de tênis para jogar, só que com teorias e suposições ao invés de bolinhas verdes rápidas. Ele não tinha dúvidas de que Jerome podia preencher aquela função, ele tinha uma mente boa e demonstrava talento para fazer as deduções corretas.. mas ele também não tinha idade nem para votar, a quatro anos de ter idade para beber, e isto podia ser perigoso.

− Só dê uma olhada para mim, - Hodges diz. - Mas antes de começar, dá uma pesquisada pela net. Veja o que consegue descobrir. O que eu quero saber é...

− Se tem uma história real, - Jerome interrompe, mais uma vez demonstrando aquela admirável habilidade de dedução. - Uma comovocêdiz,

história de fundo. Quer ter certeza de que não é uma armadilha armada só para você.

− Sabe, - Hodges diz – você devia parar de fazer tarefas para mim e procurar emprego em uma dessas empresas que consertam computadores. Provavelmente ganharia muito mais dinheiro. O que me faz lembrar que precisa me dar um preço para este trabalho.

Jerome se ofende, mas não pela oferta de pagamento.

− Estas empresas são para nerds sem habilidades sociais. - Ele estende a mão para trás e acaricia o pelo ruivo escuro de Odell. Odell abana a cauda em apreciação, embora ele preferisse provavelmente um sanduíche de carne. - De fato há um monte deles que andando por aí em Beetles da VW. Não dá para ser mais nerd do que isto. Discount Electronix... conhece eles?

− Claro. - Hodges diz, pensando na propaganda que recebeu junto com sua carta venenosa.

− Eles devem ter gostado da ideia, porque fazem o mesmo negócio, só que chamam-se Patrulha Cibernética, e os VW são verdes ao invés de pretos. Além disto, existem muitos autônomos. Procure online, vai conseguir achar duzentos só aqui na cidade. Acho que continuo com os trabáios, Sinhô Hodges.

Jerome sai do site Sob o Guarda-Chuvas de Debbie, e volta para a tela de fundo do Hodges, que é uma foto de Allie, com cinco anos quando ainda achava que seu pai era Deus.

− Mas já que está preocupado, tomarei cuidado. Tenho um velho iMac no meu armário sem nada instalado, somente uns joguinhos antigos. Vou usar este para acessar o site.

− Boa ideia.

− Algo mais por hoje?

Hodges começa a dizer não, mas o roubo do Mercedes da Sra. T. ainda o incomoda. Há algo muito errado ali. Ele sentia isso na época, e ainda mais forte agora – tão forte que ele quase vê. Mas quase nunca ganhou um brinde numa feira popular. O erro é uma bola que ele quer lançar, e ter alguém para rebatê-la de volta para ele.

− Você pode ouvir uma história, - ele diz. Em sua mente, ele já está inventando uma história fictícia que cobrirá todos os pontos principais. Quem sabe, talvez os olhos jovens de Jerome enxerguem algo que ele mesmo perdera. Improvável, mas não impossível. - Pode fazer isto?

− Claro.

− Então ponha Odell na coleira. Vamos andar até a Big Licks. Estou com vontade de tomar sorvete.

− Talvez cruzemos com o caminhão do Sr. Saboroso antes de chegar lá, - Jerome diz. - Ele anda pela vizinhança a semana inteira, e tem um monte de sorvete gostoso.

− Quanto mais, melhor, - Hodges diz, se levantando. - Vamos.

12

Eles desceram a ladeira até o pequeno shopping center no cruzamento da Estrada Harper e a Rua Hanover com Odell trotando entre eles na guia frouxa. Eles conseguiam ver os prédios do centro, três quilômetros distantes, o Centro Municipal e o Complexo de Cultura e Arte do Meio-Oeste dominando o amontoado de arranha-céus. O MAC não era uma das belas criações de I. M. Pei, na opinião de Hodges. Não que sua opinião sequer já tenha sido solicitada naquele assunto.

− O que tá rolando, mano? Jerome pergunta.

− Bem, - Hodges diz, - digamos que haja este cara, amigo de longa data de uma dama que vive no centro da cidade. Ele vive em Parsonville. - É uma cidade logo após Sugar Heights, menos luxuosa, mas nada pobre.

− Tenho uns amigos que chamam Parsonville de Brancoville, - Jerome diz. - Ouvi meu pai dizer uma vez, e minha mãe lhe disse para cortar aquele papo racista.

− Uh-hu, - os amigos de Jerome, pelo menos os que eram negros, provavelmente chamavam Sugar Heights de Brancoville também, o que fazia Hodges pensar que estava indo bem até agora.

Odell tinha parado para inspecionar as flores da Sra. Melbourne. Jerome afasta-o antes que ele deixe um presentinho de cachorro lá.

− Então, de qualquer forma, - Hodges continua, - a amiga de longa data tem um apartamento em um condomínio luxuoso na área do Parque Branson... Avenida Wieland, Rua Branson, Avenida do Lago, aquela parte da cidade.

− Também é bonito.

− É. Ele vai vê-la três ou quatro vezes por semana. Uma ou duas noites por semana ele a leva para jantar, ou ao cinema e fica para dormir. Nestas noites, estaciona seu carro, um belo carro, um Beemer, na rua, porque é uma área tranquila, bem policiada, bem iluminada. Além disto, o estacionamento é grátis das sete da noite às oito da manhã.

− Se eu tivesse um Beemer, eu o colocaria em um estacionamento pago e não ligaria para as vagas gratuitas. - Jerome diz, e puxa a guia de novo. - Pare, Odell, cães bonzinhos não comem lixo.

Odell olha por sobre o ombro e revira o olho como se para dizer “Você não sabe o que cães bonzinhos fazem.”

− Bom, pessoas ricas tem algumas ideias engraçadas sobre economia, - Hodges diz, pensando na explicação da Sra. T. para fazer a mesma coisa.

− Se você diz. - Eles estavam quase no shopping center. No caminho até lá tinham ouvido o som da musiquinha de sinos do caminhão de sorvetes, uma vez bem perto, mas sumiu quando o cara do Sr. Saboroso tomou o outro lado da cidade pela Estrada Harper.

− Então, uma noite de quinta-feira este cara vai visitar a amiga, como de costume. Ele estaciona, como de costume, há todo tipo de vagas vazias lá fora do horário comercial, e tranca o carro, como de costume. Ele e sua amiga dão uma caminhada até um restaurante próximo, comem uma deliciosa refeição, então caminham de volta. Seu carro está lá, ele o vê antes de entrarem. Ele passa a noite com a dama e quando sai do prédio na manhã seguinte...

− Seu Beemer sumiu. - Eles agora estavam parados do lado de fora da sorveteria. Há um suporte de bicicletas ali perto. Jerome amarra a guia de Odell nele. O cão deita e coloca o focinho entre as patas.

− Não, - Hodges diz, - Está lá. - Ele pensava que era uma boa variação para do que realmente aconteceu. Ele quase acreditava em si mesmo. - Mas virado para o outro lado, porque agora estava estacionado do outro lado da rua.

Jerome ergue a sobrancelhas.

− É, eu sei. Estranho, né? Então o cara vai até ele. O carro parece bem, está trancado do mesmo jeito que ele tinha deixado, só que em outro lugar. Então a primeira coisa que ele faz é verificar se está com a chave, e sim, ainda está em seu bolso. Então o que diabos aconteceu, Jerome?

− Eu não sei, Sr. H. É um verdadeiro mistério para três cachimbos[21]. - Havia um sorrisinho na cara de Jerome que Hodges não conseguia analisar bem e não tinha certeza de gostar. Era um sorriso *sabidinho*.

Hodges retira a carteira do bolso de sua Levi's (o terno era legal, mas era um alívio voltar a usar calças jeans e um agasalho do Indians de novo). Pega uma nota de cinco e a entrega a Jerome.

− Pegue sorvete para nós, eu fico com Odell.

− Não precisa, ele ficará bem.

− Tenho certeza que sim, mas ficar na fila lhe dará tempo para pensar em meu probleminha. Imagine-se como Sherlock, talvez ajude.

− Certo. - Tyrone Feelgood Delight aparece. - Só que você é o Sherlock. Mim seria Dotô Watson.

13

Há um pequeno estacionamento do outro lado de Hanover. Eles atravessam no sinal aberto, escolhem um banco, e observam um punhado de garotos descabelados do ensino médio arriscarem a vida e membros na depressão da pista de skate. Odell divide seu tempo entre observar os garotos e as casquinhas de sorvete.

− Já tentou aquilo? - Hodges pergunta, apontando para os atrevidinhos.

− Não, sinhô! - Jerome olha para ele de olhos arregalados. - Mim é preto. Eu passo meu tempo livre fazendo cestas de basquete e correndo na pista de corrida do Colégio. Nós, os pretos, somos bem velozes, como o mundo inteiro sabe.

− Pensei que você ia deixar o papel de Tyrone em casa. - Hodges usa o dedo para limpar um pouco de sorvete de sua casquinha, e estende o dedo sujo para Odell, que o limpa sofregamente.

− Às vezes o cara simplesmente aparece! - Jerome declara. Então Tyrone some, simples assim. - Não há um cara com sua amiga e nem Beemer. Você está falando do Mercedes Assassino.

Fim da história.

− Digamos que sim.

− Está investigando por conta, Sr. Hodges?

Hodges reflete um pouco, então repete.

− Digamos que sim.

− Aquele site do Guarda-Chuva Azul da Debbie tem algo a ver com isso?

− Digamos que sim.

Um garoto cai de seu skate e fica em pé com os dois joelhos ralados. Um de seus amigos tira sarro dele. O garoto de joelhos ralados passa uma mão sobre um joelho sangrando, e espirra um jato de gotas vermelhas no garoto que ria dele, então corre para longe gritando “AIDS! AIDS!” O garoto que zombava, corre atrás dele, só que agora ele é o Garoto Sorridente.

− Bárbaros, - Jerome murmura. Ele se inclina para acariciar Odell atrás das orelhas, então se endireita. - Se quiser falar sobre isso...

Embaraçado, Hodges diz,

− Eu não acho que a esta altura...

− Eu entendo, - Jerome diz. - Mas eu realmente pensei em seu problema enquanto estava na fila, e tenho uma pergunta.

− Sim?

− O seu cara fictício do Beemer, onde ele guardava sua chave reserva?

Hodges se senta imóvel, pensando em como este garoto era rápido. Então ele vê uma linha de sorvete cor-de-rosa escorrendo da lateral de sua casquinha e a lambe.

− Digamos que ele alega não ter uma.

− Igual à dona do Mercedes.

− Sim. Exatamente igual.

− Lembra-se de que disse como minha mãe ficou zangada com meu pai por chamar Parsonville de Brancoville?

− Sim.

− Quer saber quando meu pai se zangou com minha mãe? A única vez que eu o ouvi dizer, tinha de ser mulher?

− Se tiver a ver com meu probleminha, manda.

− Minha mãe tem um Chevy Malibu, vermelho vivo. Já deve tê-lo visto na garagem.

− Claro.

− Ele comprou-o zerinho há três anos e lhe deu de presente de aniversário, o que provocou muitos gritos de felicidade.

Sim, Hodges pensa, Tyrone Feelgood tinha definitivamente ido dar uma volta.

− Ela o dirigiu por um ano. Sem problemas. Então era hora de renovar o registro. O Pai disse que faria isso para ela em seu caminho para o trabalho. Ele sai para pegar a papelada, então volta da garagem segurando uma chave. Ele não está bravo, mas irritado. Ele lhe diz que se ela deixar a chave reserva no carro, alguém poderia achá-la e levar o carro embora. Ela pergunta onde estava. Ele diz em um saco plástico junto com a licença, o documento do seguro, e o manual do proprietário, que ela jamais abrira. Ainda estava com a fita que fechava o envelope e dizia obrigado por comprar seu novo carro na Chevrolet Lake.

Outra gota escorre do sorvete de Hodges. Desta vez, ele nem percebe quando chega a sua mão e meleca tudo.

− No...

− Porta luvas, sim. Meu pai disse que era um desleixo, e minha mãe disse... - Jerome se inclina para a frente, olhos castanhos fixos nos olhos cinzentos de Hodges. - Ela diz que nem sabia que estava lá. Foi quando ele disse “Tinha que ser mulher.” O que não a deixou muito feliz.

− Aposto que não. - No cérebro de Hodges, todos os tipos de engrenagens estavam se juntando.

− O pai disse, “Querida, tudo o que é preciso é esquecer uma vez e deixar o carro destrancado. Algum viciado em crack aparece, vê o carro destravado, e decide fuçar em caso de haver algo valioso para roubar. Ele inspeciona o porta-luvas em busca de dinheiro, vê a chave no saco plástico, a pega e procura alguém que queira comprar um Malibu de baixa quilometragem em dinheiro vivo.”

− O que sua mãe disse a isto?

Jerome sorri.

− Primeiro, ela tentou colocar a culpa nele. Ninguém faz isso melhor do que

minha mãe. Ela diz, Você comprou o carro e você o trouxe para casa. Você devia ter me dito. Estou tomando meu café-da-manhã enquanto eles têm essa discussãozinha e pensei em dizer, Se você tivesse ao menos aberto o manual do proprietário, Mãe, talvez só para ver o que aqueles botõezinhos no painel significam, mas fiquei de boca fechada. Minha mãe e pai não brigam muito, mas quando o fazem, uma pessoa esperta fica fora. Mesmo a Babster sabe disso, e ela só tem nove anos.

Ocorreu a Hodges que, quando ele e Corinne ainda eram casados, isto era algo que Alison também sabia.

− A outra coisa que ela disse foi que ela nunca esquece de trancar o carro. O que, até onde sei, é verdade. De qualquer forma, aquela chave agora está pendurada em um dos ganchos em nossa cozinha. Segura, protegida e pronta a ser usada caso a chave principal seja perdida.

Hodges olha para os skatistas, mas não os vê. Ele pensa que a mãe de Jerome tinha razão ao dizer que o marido devia ter lhe entregado a chave reserva ou pelo menos ter falado a respeito. Não se pode assumir que as pessoas façam um inventário e encontrem as coisas sozinhas. Mas o caso de Olivia Trelawney era diferente. Ela mesma comprou seu carro, e ela devia saber.

Só que o vendedor provavelmente a sobrecarregou com informações sobre sua nova aquisição cara; eles tinham jeito para isso. Quando trocar o óleo, como usar o navegador, como usar o GPS, não se esqueça de colocar sua chave reserva em um local seguro, aqui é onde conecta o celular, este é o número para chamar o guincho se precisar, clique o botão do farol até o fim para a esquerda para habilitar a função noturna.

Hodges pensava em quando comprou seu primeiro carro zero e o tutorial pós-venda do cara choveu sobre ele – uh-hu, é, certo, entendi – ansioso demais para colocar o novo brinquedo na rua, colocá-lo na estrada e inalar o incomparável cheiro de carro novo, que é para o comprador o perfume do dinheiro bem gasto. Mas a Sra. T. era obsessivo-compulsiva. Não dava para acreditar que ela passara batido pela chave reserva e a deixara no porta-luvas, mas se ela levara a chave principal naquela noite de quinta, ela não teria também trancado as portas do carro? Ela disse que sim, e manteve esta afirmação até o final, e realmente, pense nisso...

− Sr. Hodges?

− Com as novas chaves smarts, é um processo simples de três passos, não é? - ele diz. - Passo um, desligar o motor. Passo dois, retirar a chave da ignição. Se sua mente estiver distraída com algo mais e você esquecer o passo dois, há um alerta sonoro para lhe lembrar. Passo três, fechar a porta e apertar o botão com o desenho do cadeado. Por que se esqueceria disto, com a chave bem ali em sua mão? Testado a prova de burros.

− Verdade, Sr. H., mas alguns burros esquecem do mesmo jeito.

Hodges está perdido em reticências.

− Ela não era burra. Nervosa e cheias de tiques, mas não estúpida. Se ela levou sua chave, eu tenho de crer que ela trancou o carro. E o carro não foi arrombado. Então mesmo que ela tenha deixado a chave reserva no porta-luvas, como o cara a pegou?

− Então é um mistério de carro trancado, ao invés de sala trancada. Deve ser um problema para quatro cachimbos.

Hodges não responde. Ele se perde mais e mais. Que a chave reserva possa ter estado no porta-luvas agora parecia óbvio, mas Pete e ele sequer consideraram a possibilidade? Ele tem certeza que não. Porque eles pensavam como homens? Ou porque estavam zangados com o desleixo da Sra. T. e queriam culpá-la? E ela era culpada, não era?

Não se ela realmente trancara o carro, ele pensa.

− Sr. Hodges, o que aquele site do Guarda-Chuva Azul tem a ver com o Mercedes Assassino?

Hodges volta a sua própria mente. Ele tinha ido fundo, e é uma longa marcha. - Eu não quero falar sobre isso agora, Jerome.

− Mas talvez eu possa ajudar!

Jamais vira Jerome tão excitado. Talvez uma vez, quando a equipe de debate que ele comandava em seu segundo ano vencera o campeonato municipal.

− Descubra mais sobre aquele site e estará ajudando. - Hodges diz.

− Não quer me dizer porque eu sou um garoto. Não é isso?

Em parte era, mas Hodges não tinha intenção de dizer isso. E acontece que tinha outra coisa.

− É mais complicado que isto. Não sou mais um tira, e investigar a coisa do Centro Municipal por conta derrapa bem no limite da legalidade. Se eu descubro algo e não conto ao meu ex-parceiro, que agora é encarregado pelo caso do Mercedes Assassino, eu passarei dos limites. Você tem um futuro brilhante a sua frente, inclusive qualquer faculdade que escolher aceitará sua matrícula. O que eu diria a sua mãe e pai se o arrastasse a uma investigação de minhas ações, talvez como cúmplice.

Jerome fica quieto, digerindo isto. Então ele dá o resto de sua casquinha para Odell, que aceita sofregamente.

− Entendo.

− Entende mesmo?

− Sim.

Jerome fica em pé e Hodges faz o mesmo.

− Ainda é meu amigo?

− Claro. Mas se achar que posso ajudar, prometa que pedirá. Você sabe o que dizem, duas cabeças pensam melhor que uma.

− Trato feito.

Eles começam a subir a ladeira. De início Odell caminha entre eles como na ida, então começa a ir na frente porque Hodges anda devagar. Ele também está sem fôlego.

− Tenho de perder uns quilos, - ele diz a Jerome, - Sabe? Rasguei os fundilhos de umas calças perfeitamente boas um dia desses.

− Ficaria bem com uns dez quilos a menos. - Jerome diz diplomaticamente.

− Preciso perder o dobro disto.

− Quer parar e descansar um pouco?

− Não. - Hodges pareceu infantil até para si mesmo. Mas falava sério sobre seu peso; quando voltasse à casa, cada salgadinho do armário e geladeira vai para o lixo. Então ele pensa. Melhor jogar na caçamba da rua. Senão podia fraquejar e pegar as coisas do lixo da cozinha.

− Jerome, seria melhor se mantivesse minha investigaçãozinha em sigilo. Posso contar com sua discrição?

Jerome responde sem hesitar,

− Absolutamente. Pela alma da minha mãe.

− Bom.

Na próxima quadra, a musiquinha do caminhão do Sr. Saboroso soa pela Estrada Harper e se dirige à Alameda Vinson. Jerome dá um aceno, Hodges não consegue ver se o sorveteiro responde ao cumprimento.

− Agora ele aparece, - Hodges diz.

Jerome se vira, dá um sorriso,

− O sorveteiro é como a polícia.

− Huh?

− Nunca estão por perto quando se precisa deles.

14

Brady avança, obedecendo aos limites de velocidade (trinta quilômetros por hora aqui na Alameda Vinson), mal ouvindo a musiquinha e o ritmo de Buffalo Gals dos falantes sobre ele. Ele usa um suéter por baixo do uniforme branco do Sr. Saboroso, porque a carga atrás dele é gelada.

Como minha mente, ele pensa. Só que o sorvete é *só* gelado. Minha mente também é analítica. É uma máquina. Um computador carregado de zilhões de dados.

Ele vira na direção do que acabou de ver, o ex-tira gordo subindo a Ladeira da Estrada Harper com Jerome Robinson e o setter irlandês com o nome crioulo. Jerome lhe acena e Brady acena de volta, porque é assim que se mistura. Como ouvir a papagaiada infindável de Freddi Linklatter sobre como era ser uma sapatona em um mundo hetero.

Kermit William "Quem dera eu fosse jovem" Hodges e Jerome "Quem dera eu fosse branco" Robinson. Sobre o que a dupla esquisita falava? Eis algo que Brady Hartsfield gostaria de saber. Talvez ele descubra se o tira mordeu a isca e começou uma conversação no Guarda-Chuva Azul da Debbie. Tinha funcionado com a cadela ricaça; uma vez que começara a falar, não parara mais.

O Det./Ref. e seu empregadinho escurinho.

Além de Odell. Não se esqueça de Odell. Jerome e sua irmãzinha amavam aquele cão. Partiria o coração deles se algo acontecesse a ele. Provavelmente nada acontecerá, mas talvez ele faça umas pesquisas a mais sobre venenos na internet quando chegar em casa hoje.

Tais pensamentos sempre flutuavam pela mente de Brady; eles são como morcegos em seu campanário. Esta manhã, na DE, enquanto inventariava outra carga de DVDs baratos (porque continuava chegando mais, ao mesmo tempo em que eles tentavam queimar o estoque, é um mistério que jamais será resolvido), ocorrera a ele que podia usar seu colete suicida para assassinar o presidente, Sr. Barack "Quem dera eu fosse branco" Obama. Morrer em uma explosão de glória. Barack vem bastante a este estado, porque é importante para a estratégia de re-eleição. E quando ele vem ao estado, ele vem a esta cidade. É de praxe. Para falar em esperança. Para falar em mudança. Rah-rah-rah, blah-blah-blah. Brady estava descobrindo como evitar detectores de metal e revistas aleatórias quando Tones Frobisher o chamou e lhe disse que havia um serviço. Na hora em que estava na estrada em um dos VWs verdes da Patrulha Cibernética, ele pensava em outra coisa. Brad Pitt, para ser exato, o fodido ídolo de matinée.

Mas às vezes, as ideias dele permaneciam.

Um garotinho barrigudo vem correndo pela calçada, abanando o dinheiro. Brady estaciona.

- *Eu quelo de chooocolate!* - O garotinho berra – *E quero com confeitos*!

Aqui esta, seu bastardinho gorducho. Brady pensa e sorri seu sorriso mais largo, mais charmoso. Foda-se com todo o colesterol que quiser, não vai chegar aos quarenta, e quem sabe sobreviva ao primeiro ataque cardíaco, que não vai pará-lo, pensou. Não quando o mundo está cheio de cerveja e hambúrgueres e sorvete de chocolate.

- Aqui está, amiguinho. Um chocolate com confeitos saindo. Como vai a escola? Muitas notas boas?

15

Aquela noite a TV não foi ligada no 63 da Estrada Harper, nem mesmo para o *Jornal da noite*. Nem o computador. Ao invés disto, Hodges desengavetou seu bloco de anotações. Janelle Patterson o chamou de antiquado. E ele era, não ia se desculpar por isto. Era o jeito que ele sempre trabalhara, o jeito com o qual estava habituado.

Sentado em um lindo silêncio sem TV, ele lê novamente a carta que o Sr. Mercedes lhe enviou. Então lê a que a Sra. T. recebera. De uma para a outra ele ficou por uma hora ou mais, examinando as cartas linha a linha. A carta da Sra. T. por ser uma cópia, ele sentiu-se a vontade para fazer anotações nas margens e circular algumas palavras.

Ele termina esta parte do procedimento lendo as palavras em voz alta. Usa vozes diferentes. Porque o Sr. Mercedes assumira diferentes personas. A carta que Hodges recebera é presunçosa e arrogante. *Ha-ha, seu velho tolo acabado*, ela diz. *Você não tem nada pelo que viver e sabe disto, então por que não se mata?* O tom da carta de Olivia Trelawney é adulador e melancólico, cheia de remorso e histórias de abuso infantil, mas também há a ideia de suicídio, desta vez redigida em termos de simpatia: *Eu compreendo. Eu totalmente compreendo, porque eu sinto o mesmo.*

Por fim ele coloca as cartas em uma pasta com MERCEDES ASSASSINO escrito na etiqueta da capa. Não há nada além delas dentro da pasta, o que a torna bem fina, mas se ele ainda continuava bom em seu trabalho, ela engrossaria com páginas e mais páginas de suas próprias anotações.

Ele fica sentado por quinze minutos, mãos cruzadas sobre a barriga grande como um Buda meditando. Então, puxa o bloco de anotações e começa a escrever.

> *Acho que eu estava certo sobre a maior parte das pistas falsas estilísticas. Na carta da Sra. T. ele não usa pontos de exclamação, frases em letras maiúsculas, ou muitos parágrafos de uma só frase (as do final são para efeitos dramáticos). Eu me enganei sobre as aspas, ele gosta delas. Também adepto de sublinhar palavras. Ele pode não ser jovem, no final das contas, posso ter me enganado sobre isto...*

Mas ele pensa em Jerome, que já esquecera mais sobre computadores e Internet do que o próprio Hodges jamais aprenderá. E Janey Patterson, que sabia como fazer uma cópia xerox no computador de sua irmã, usando o escaner, e que usa o Skype. Janey Patterson, que deve ter uns vinte anos a menos do que ele.

Ele pega a caneta de novo.

> *...mas não acho que tenha me enganado. Provavelmente não um adolescente (embora não possa jurar) digamos que tem entre 20 e 35 anos. Ele é esperto. Tem um bom vocabulário, capaz de inverter uma frase*.
>
> Ele passa pelas cartas de novo e anota algumas destas frases invertidas: *um ratinho assustado no lugar de uma criança, Geléia de morango em um saco de dormir! a maior parte das pessoas é como ovelha, e ovelha não come carne*.

Nada daquilo se equipararia a Philip Roth, mas Hodges acha que tais frases mostram um grau de talento. Ele descobre mais uma e escreve embaixo das outras: *O que eles fizeram por você exceto caçá-la lhe causando incontáveis noites de insônia*?

Ele bate a ponta da caneta sobre isto, criando uma constelação de pequenos pontinhos azuis escuros. Ele acha que a maioria das pessoas escreveria *lhe dando noites de insônia* ou *lhe trazendo noites de insônia*, mas estas não eram boas o bastante para o Sr. Mercedes, porque ele é um jardineiro plantando sementes de dúvida e paranóia. *Eles* estão lá fora para pegá-la, Sra. T., e *eles* tem um motivo, não tem? Porque você *realmente* esqueceu sua chave. Os tiras dizem isso; eu digo isso, e eu estava lá. Como poderia estar errado?

Ele escreve estas ideias, circula-as, então vira para uma nova página.

> *Melhor ponto de identificação ainda é maufeitor ao invés de malfeitor, ele usa em ambas as cartas, mas também nota-se hífens na carta de Trelawney. Colméia-de-abelhas ao invés de só colméia. Dias-da-semana ao invés de dias da semana. Se eu conseguir identificar este cara e fizer um teste de escrita simples, eu consigo pegá-lo.*

Tais impressões digitais estilísticas não seriam suficientes para convencer um júri, mas o próprio Hodges? Absolutamente.

Ele se senta de novo, cabeça inclinada, olhos fixos no nada. Ele não se dá conta do tempo passando; para Hodges, o tempo, que demorava tanto para passar desde que se aposentou, tinha parado. Então ele volta a se inclinar para a frente, a cadeira do escritório rangendo um protesto mudo, e escreve em grandes letras maiúsculas: O SR. MERCEDES ANDA OBSERVANDO?

Hodges sentia que ele positivamente andava. Era seu modus operandi.

Ele tinha acompanhado a difamação da Sra. Trelawney nos jornais,

observara as duas ou três aparições dela nos noticiários da TV (breves e nada lisonjeiros, aquelas aparições fez cair ainda mais os índices de sua aprovação pública). Ele pode ter passado de carro na frente da casa dela também. Hodges devia falar com Radney Peeples de novo para descobrir se Peeples ou outro empregado da empresa de Segurança notaram certos carros cruzando a vizinhança de Sugar Heights da Sra. Trelawney nas semanas anteriores a ela bater as botas. E alguém tinha pichado PUTA ASSASSINA em um dos muros da casa dela. Quanto tempo antes dela se suicidar? Talvez o próprio Sr. Mercedes tenha feito isso. E, é claro, ele pode agora conhecê-la melhor, *muito* melhor, se ela realmente aceitou o convite para encontrá-lo Sob o Guarda-Chuva Azul.

Então tem eu, ele pensa, e lê de novo sua própria carta: *Eu não iria querer que você começasse a pensar em sua própria arma* seguido por *Mas você está pensando, não está?* O Sr. Mercedes estará falando de sua hipotética arma de serviço, ou ele vira o .38 com o qual Hodges às vezes brincava? Não havia como saber, mas...

A ideia que ele andara observando, enchia Hodges de excitação ao invés de medo ou embaraço. Se ele conseguisse comparar alguns veículos que o pessoal da segurança tivesse notado, com um veículo que passava muito tempo na Estrada Harper...

Bem nesta hora, o telefone toca.

16

– Olá, Sr. H.

– E aí, Jerome?

– Estou Sob o Guarda-Chuva.

Hodges deixa de lado seu bloco de anotações. As primeiras quatro páginas agora estão cheias de notas desconexas, as próximas três com um sumário acurado do caso, como nos velhos tempos. Ele volta a se recostar na cadeira.

– Não detonou seu computador, pelo que posso imaginar?

– Não. Sem vírus, sem programas maliciosos. E eu já recebi quatro pedidos para novas amizades. Uma é de Abilene, Texas. Ela diz que seu nome é Bernice, mas posso chamá-la de Berni. Com i. Ela parece linda pra caramba, e não posso dizer que não estou tentado, mas provavelmente trata-se de um caixeiro-viajante que gosta de se vestir de mulher de Boston que mora com a mãe. A internet, cara... é uma caixinha de surpresas.

Hodges sorri.

– Primeiro o pano de fundo, o que eu basicamente descobri xeretando nesta mesma internet e a maioria de alguns geeks de Ciência da Computação na universidade. Está pronto?

Hodges pega o bloco de anotações de novo em uma página limpa.

– Manda. - Que é exatamente o que ele costumava dizer para Pete Huntley quando Pete vinha com informação nova de um caso.

– Está bem, mas primeiro... sabe qual é a comodidade mais apreciada da Internet?

– Não. - E, pensando em Janey Patterson. - Sou antiquado.

Jerome ri.

– Isso é mesmo, Sr. Hodges. É parte de seu charme.

Secamente:

– Obrigado, Jerome.

– A comodidade mais preciosa da internet é a privacidade, e é isto que o Guarda-Chuva Azul da Debbie e assimilados fornecem. Eles fazem o Facebook parecer um chat por telefone direto dos anos 50. Centenas de sites de privacidade parecem desde o 11 de Setembro. Foi quando vários governos do primeiro mundo realmente começaram a xeretar. Há poderes a serem temidos na Net, cara, e eles tem razão de temer. De qualquer forma, a maioria destes sites EP – que oferecem privacidade extrema – operam na Europa Central. Eles estão para conversas na internet o que a Suíça é para os bancos. Está me seguindo?

– Sim.

– Os servidores do Guarda-Chuva Azul ficam em Olovo, uma vila bósnia que era conhecida quase que só pelas lutas de búfalos até mais ou menos 2005. Servidores encriptados. Padrão NASA, ok? Impossível de ser rastreado, a menos

que a NSA ou o Kang Sheng, que é a versão chinesa da NSA tenham algum programa super secreto que ninguém conheça.

E mesmo que tenham, Hodges pensa, jamais colocariam em ação em um caso como o do Mercedes Assassino.

– Tem outra característica, especialmente útil nesta época de escândalos sexuais. Sr. H., já achou algo na net, como uma foto ou um artigo de jornal, que quisesse imprimir, e não conseguiu?

– Algumas vezes. Quando apertamos imprimir, o preview da impressão que aparece é nada além de uma tela em branco. É irritante.

– Acontece o mesmo no Guarda-Chuva Azul da Debbie. - Jerome não parecia irritado, parecia admirado. - Eu tive uma conversinha com minha nova amiga Berni, sabe, como está o tempo aí, quais seus grupos favoritos, este tipo de coisa, e quando tentei imprimir nossa conversa, só consegui um par de lábios com um dedo sobre eles e a mensagem que dizia SHHHHH. - Jerome soletra, só para ter certeza de que Hodges entendeu. - É possível gravar a conversa...

Aposto que sim, Hodges pensa, olhando ternamente para as anotações escritas em seu bloco.

– … mas só por meio de printscreens ou algo assim, o que dá um trabalho danado. Vê o que eu disse sobre privacidade, certo? Estes caras levam muito a sério.

Hodges vê. Ele volta para a primeira página de seu bloco e circula uma das primeiras anotações: ENTENDE DE COMPUTADORES (MENOS DE 50?)

– Quando clicamos, tem a opção comum – DIGITE O NOME DE USUÁRIO ou REGISTRE-SE AGORA. Já que eu não tinha um nome de usuário, eu cliquei em REGISTRE-SE AGORA e consegui um. Se quiser falar comigo sob o Guarda-Chuva Azul, eu sou tyrone40. Daí, há um questionário a preencher... idade, sexo, interesses, coisas assim... e então você tem de digitar seu cartão de crédito. É trinta dólares por mês. Eu fiz porque tenho fé em seus poderes de reembolso.

– Sua fé será brevemente recompensada, meu filho.

– O computador pensa por noventa segundos mais ou menos, o Guarda-Chuva Azul rodopia e a tela diz SELECIONANDO. Então você recebe uma lista de pessoas com interesses similares aos seus. Você contata alguns e logo está batendo-papo com uma porrada de gente.

– Dá para usar isto para compartilhar material pornográfico? Eu sei que a descrição diz que não, mas...

– Pode usar para trocar fantasias, mas não imagens. Embora eu veja como pervertidos, pedófilos, sádicos, tarados por esmagamento, este tipo de coisa, possam usar o Guarda-Chuva Azul para direcionar amigos com gostos semelhantes para sites onde imagens ilegais estejam disponíveis.

Hodges começa a perguntar o que são tarados por esmagamento, então

decide que não quer saber.

− Basicamente conversa inocente, então?

− Bem...

− Bem o que?

− Posso ver como malucos podem usá-lo para trocar informações perigosas. Tipo como construir bombas e coisas assim.

− Digamos que eu já tenha um nome de usuário. E aí?

− Você tem? - A excitação voltara a voz de Jerome.

− Digamos que sim.

− Vai depender se você mesmo inventou ou se recebeu de alguém que queira falar com você. Tipo, ele se ele lhe deu por telefone ou e-mail.

Hodges sorri. Jerome, uma verdadeira criança de seu tempo, jamais consideraria a possibilidade de que a informação tivesse vindo em uma carta de verdade.

− Digamos que recebeu de alguém, - Jerome continua. - Como do cara que roubou o carro daquela senhora. Como talvez se ele queira lhe contar o que ele fez.

Ele espera. Hodges não diz nada, mas está admirado.

Depois de alguns segundos de silêncio, Jerome diz,

− Não se pode culpar um cara por tentar. De qualquer forma, basta digitar o nome de usuário.

− E quando eu pago os trinta dólares?

− Não paga.

− Por que não?

− Porque alguém já pagou por você. - Jerome parecia sério agora. Muito sério. - Provavelmente não preciso lhe dizer para ter cuidado, mas direi mesmo assim. Porque se você já tem um nome de usuário, este cara está te esperando.

17

Brady para em seu caminho para casa para pegar o jantar (lanches do Little Chef esta noite), mas sua mãe está apagada no sofá. A TV exibe outro daqueles reality shows, um programa que oferece um bando de mulheres jovens e bonitas a um solteiro bonitão que parece ter o QI de uma lâmpada. Brady vê que Mã já comeu – mais ou menos. Na mesinha de centro há uma garrafa de Smirnoff pela metade e duas latas de NutraSlim. Chá batizado no inferno, ele pensa, mas ao menos ela está vestida: calças jeans e um agasalho da Faculdade Municipal.

Por precaução, ele desembrulha o sanduíche e passa-o para frente e para trás sob o nariz dela, mas ela só ronca e vira a cabeça para o outro lado. Ele decide comê-lo e põe o outro em sua geladeira. Quando volta da garagem, o solteiro bonitão pergunta a um dos seus brinquedinhos de foda em potencial (uma loira, claro) se ela gosta de fazer o café-da-manhã. A loira de sorriso afetado responde:
- Voce gosta de algo quente de manhã?

Segurando o prato com o sanduíche, ele olha para a mãe. Ele sabe que é possível que ele volte para casa uma noite dessas e a encontre morta. Ele podia até ajudá-la, pegar uma daquelas almofadas caídas e segurar sobre seu rosto. Não seria a primeira vez que um assassinato seria cometido nesta casa. Se fizesse isso, sua vida seria melhor ou pior?

Seu medo – inarticulado pela sua mente consciente, mas flutuando sob ela – é que *nada* mudaria.

Ele desce, dá o comando de voz para as luzes e computadores. Ele se senta na frente do Número Três e entra no Guarda-Chuva Azul da Debbie, certamente o ex-tira gordo já teria mordido a isca àquela altura.

Não havia nada.

Ele bate o punho na palma, sentindo um latejar dormente em suas têmporas que era o sinal certo para uma dor de cabeça, uma enxaqueca que poderia mantê-lo acordado a noite toda. Aspirinas não funcionavam naquelas dores quando elas vinham. Ele as chamava de Pequenas Bruxas, só que às vezes as Pequenas Bruxas eram grandes. Ele sabe que há pílulas que supostamente aliviam dores-de-cabeça como aquelas – pesquisara na internet – mas não dá para consegui-las sem receita, e Brady morre de medo de médicos. E se um deles descobrisse que ele tinha um tumor cerebral? Um glioblastoma, que a Wikipedia diz ser o pior tipo? E se tivesse sido por isto que ele tinha matado aquelas pessoas na feira de empregos?

Não seja estúpido, um glio o teria matado há meses.

Está bem, mas suponha que o médico dissesse que sua enxaqueca era um sinal de doença mental? Paranóia, esquizofrenia, algo assim? Brady aceita que *é* mentalmente doente, é claro que é, pessoas normais não atropelam multidões ou

consideram apagar o Presidente dos Estados Unidos em um ataque suicida. Pessoas normais não matam seus irmãozinhos. Homens normais não param diante de portas dos quartos de suas mães, tentando adivinhar se elas estão nuas.

Mas homens anormais não gostam de outras pessoas *sabendo* que são anormais.

Ele desliga o computador e vagueia sem rumo em volta de sua sala de controle. Ele pega a Coisa Dois, então torna a colocá-la no lugar. Mesmo ela não era uma ideia original; ladrões de carro já usavam dispositivos assim há anos. Ele não ousara usá-lo desde a última vez que usara no Mercedes da Sra. Trelawney, mas talvez fosse hora de tirar a velha Coisa Dois de sua aposentadoria, é surpreendente o que as pessoas esquecem em seus carros. Usar a Coisa Dois é um pouquinho perigoso, mas não muito. Não se fosse cuidadoso, e Brady podia ser muito cuidadoso.

Ex-policial fodido, porque ainda não mordeu a isca?

Brady esfrega as têmporas.

18

Hodges ainda não mordera a isca porque compreendia os riscos: um pot limit[22]. Se escrevesse a mensagem errada, o Sr. Mercedes poderia parar de responder. Por outro lado, se ele fizesse o que certamente o Sr. Mercedes espera – esforços tímidos e desajeitados para descobrir quem o cara é - o filho da puta conivente tentaria rodeá-lo.

A pergunta a ser respondida antes dele começar era simples: quem vai ser o peixe nesta relação, e quem vai ser o pescador?

Ele tinha de escrever alguma coisa, porque o Guarda-Chuva Azul era tudo o que ele tinha. Não podia usar nenhum de seus recursos policiais. As cartas que o Sr. Mercedes escrevera para Olivia Trelawney e o próprio Hodges eram inúteis sem um suspeito. Além disto, uma carta é só uma carta, enquanto que uma conversa pelo computador é...

- Um diálogo, - ele diz.

Só que ele precisa de uma isca. A mais deliciosa isca imaginável. Ele pode se fingir de suicida, não seria difícil, porque até muito recentemente, realmente se sentia assim. Ele tem certeza de que reflexões sobre a atração da morte manteria o Sr. Mercedes falando por um tempo, mas por quanto tempo antes do cara perceber que estava sendo manipulado? Este não era um viciado estúpido que acredita que a polícia realmente vai lhe dar um milhão de dólares e um 747 que o levará voando até El Salvador. O Sr. Mercedes é uma pessoa muito inteligente que acidentalmente é louca.

Hodges leva o bloco de anotações para o colo e vira uma nova página. No meio dela, escreve meia dúzia de palavras em letras grandes e maiúsculas:

EU TENHO DE LUDIBRIÁ-LO.

Ele circula o que escreveu, coloca o bloco de anotações no arquivo que abrira, e fecha a pasta que já estava mais volumosa. Ele se senta por um momento mais, olhando para a foto de fundo de tela de sua filha, que não tem mais cinco anos, e não mais pensa que ele é Deus.

- Boa noite, Allie.

Ele desliga o computador e vai para a cama. Não acha que vai conseguir dormir, mas consegue.

19

Ele acorda quando o relógio da mesinha de cabeceira mostra 2:19 da manhã com a resposta tão brilhante em sua mente quanto uma placa de neon em um bar. É arriscado mas certeiro, o tipo de coisa que se faz sem hesitação ou não se faz de jeito nenhum. Vai até o escritório, um fantasma grande e pálido em cuecas boxer. Liga o computador. Entra no Guarda-Chuva Azul da Debbie e clica em INICIAR.

Uma imagem aparece. Desta vez o casal de jovens está no que parece ser um tapete mágico flutuando sobre um mar infinito. A chuva prateada cai, mas eles estão secos e a salvo sob o guarda-chuva azul. Há dois botões abaixo do tapete, CADASTRE-SE AGORA à esquerda e DIGITE A SENHA à direita. Hodges clica em DIGITE A SENHA, e na caixa que aparece, digita **kermitfrog19**. Ele aperta enter e uma nova tela aparece. Nela há a mensagem:

merckill quer conversar com você!
Q uer conversar com merckill?
S N

Ele coloca o cursor sobre o S e clica. Uma caixa para sua mensagem aparece. Hodges digita rapidamente, sem hesitar.

20

Três milhas mais longe, no 49 da Rua Elm em Northfield, Brady Hartsfield não consegue dormir. Sua cabeça lateja. Ele pensa: *Frankie*. Meu irmão, que devia ter morrido quando se engasgou com aquela maçã. A vida teria sido tão mais simples se as coisas tivessem acontecido daquele jeito.

Ele pensa na mãe, que às vezes se esquecia de vestir a camisola e dormia pelada.

Mais do que tudo, ele pensa no ex-tira gordo.

Por fim, ele se levanta e sai do quarto, parando por um momento do lado de fora da porta da mãe, ouvindo-a roncar. O som mais broxante do universo, ele diz a si mesmo, mas ainda assim ele para. Então ele desce, abre a porta do porão, e a fecha detrás dele. Fica parado no escuro e diz:

- Controle. Mas sua voz está rouca demais e a escuridão continua. Ele pigarreia e tenta de novo.

- Controle.

As luzes se acendem. *Caos* liga os computadores e *Escuridão* interrompe a contagem regressiva da tela. Ele se senta na frente do Número Três. Entre a bagunça de ícones há um guarda-chuvinha azul. Ele clica, sem perceber que estava prendendo a respiração até soltá-la em um engasgo rouco.

kermitfrog19 quer conversar com você!
Você aceita conversar com kermitfrog19?
S N

Brady clica em S e se inclina para a frente. Sua expressão ansiosa se mantém por um tempo até se mesclar a confusão. Então, enquanto ele lê a curta mensagem várias vezes, a confusão se torna raiva e então pura fúria.

Já vi um monte de confissões falsas em meu tempo, mas esta é estupenda.

Estou aposentado, mas não sou estúpido.

Evidências sigilosas provam que você não é o Mercedes Assassino.

Foda-se, cuzão.

Brady sente uma vontade quase insuportável de dar um murro na tela, mas se contém. Ele se senta na cadeira, trêmulo. Seus olhos arregalados e descrentes. Passa-se um minuto. Dois. Três.

Logo eu me levanto, ele pensa. Me levanto e volto para a cama.

Mas, de que serviria? Ele não conseguiria dormir.

- Seu gordo fodido, - ele sussurra, sem perceber que lágrimas quentes começaram a vazar de seus olhos. - Seu gordo fodido e estúpido. *Fui eu! Fui eu! Fui eu!*

Evidências sigilosas provam.

Impossível.

Ele se contorce com a necessidade de machucar o ex-tira gordo, e com esta ideia, sua habilidade de pensar volta. Como ele faria aquilo? Ele considera a questão por quase meia hora, tentando e rejeitando diversos cenários. A resposta, quando vem, é elegantemente simples. O amigo do ex-tira gordo - seu único amigo, até onde Brady pode apurar - é um garoto negro com um nome branco. E o que o negrinho ama? O que a família inteira ama? O setter irlandês, é claro, Odell.

Brady se lembra de sua fantasia anterior sobre envenenar alguns galões da melhor mercadoria do Sr. Saboroso, e começa a rir. Ele vai até a internet e começa a pesquisar.

Minha devida diligência, ele pensa, e sorri.

A certa altura, ele percebe que a dor de cabeça sumiu.

ISCA ENVENENADA

1

Brady Hartsfield não precisa ir muito longe para descobrir como envenenar o amigo canino de Jerome Robinson, Odell. Ajudava Brady também ser Ralph Jones, um camarada fictício com documentos legítimos, além de um cartão Visa ilimitado, para encomendar coisas de lugares como Amazon e eBay. A maioria das pessoas não percebem como é fácil conseguir uma identidade falsa para ser usada na internet. Basta pagar as contas. Se não pagar, as coisas podem ser descobertas rapidinho.

Como Ralph Jones, ele encomenda uma lata de um quilo de Gopher-Go e dá o endereço de entregas de Ralphie, uma caixa postal não muito longe da Discount Electronix.

O princípio ativo do Gopher-Go é a estricnina. Brady procura pelos sintomas do envenenamento por estricnina na net e fica deliciado em descobrir que Odell terá uma morte horrível. Vinte minutos, mais ou menos, após a ingestão, há espasmos musculares que começam no pescoço e cabeça. Eles rapidamente se espalham para o resto do corpo. A boca se contrai em um ricto (pelo menos em humanos; Brady não sabe como seria em cães). Pode haver vômitos, mas então muito do veneno já terá sido absorvido e será tarde demais. Convulsões começam e pioram até a coluna vertebral se congelar em arco extremo. Às vezes, a espinha realmente se parte. Quando a morte vem, como um alívio, Brady tem certeza, é por asfixia. As conexões neurais encarregadas de levar oxigênio do mundo exterior aos pulmões, simplesmente desistem.

Brady mal pode esperar.

Pelo menos não seria uma espera muito longa, diz a si mesmo enquanto desliga os sete computadores e sobe as escadas. A coisa devia ser entregue na semana seguinte. O melhor jeito de se aproximar do cão, ele achava, seria em um ótimo hamburguer suculento de carne moída. Todos os cães gostam de carne moída, e Brady sabia exatamente como ia entregar o presente de Odell.

Barbara Robinson, a irmãzinha de Jerome tinha uma amiga chamada Hilda. As duas garotas gostavam de ir ao GoMart Zoney, a loja de conveniência a alguns quarteirões de distância da casa dos Robinson. Elas diziam ser por causa dos picolés de uva, mas o que elas gostavam mesmo era de ficar com os amiguinhos por lá. Eles sentavam no murinho baixo que havia atrás da loja, para o estacionamento pequeno, meia dúzia de menininhas fofocando e rindo e dividindo doces. Brady sempre as via quando dirigia o caminhão do Sr. Saboroso. Ele acena para elas e elas acenam de volta.

Todo mundo gosta do sorveteiro.

A Sra. Robinson permite que Barbara faça essas excursões uma ou duas vezes por semana (Zoney não é um ponto de venda de drogas, uma coisa que ela própria deve ter investigado), mas tinha estipulado condições para sua aprovação,

que Brady não tinha problemas em adivinhar. Barbara nunca poderia ir sozinha; ela sempre devia voltar em uma hora; ela e sua amiga devia ir com Odell. Não permitiam cachorros no GoMart, então Barbara o amarrava na maçaneta do lado de fora do banheiro enquanto ela e Hilda entravam para pegar seus picolés de uva.

Era aí que Brady – dirigindo seu carro pessoal, um indefectível Subaru – jogará para Odell o mortal X-veneno. O cão é grande; pode estrebuchar por até vinte e quatro horas. Brady espera. O pesar tem um poder transitivo que é perfeitamente descrito pela expressão *merda descendo morro abaixo*. Quanto mais dor Odell sentir, mais dor a neguinha e o irmãozão sentirão. Jerome passará sua dor ao ex-tira gordo, também conhecido por Kermit William Hodges, e o ex-tira gordo vai entender que a morte do cão é culpa *dele,* vingança por ter enviado aquela mensagem aviltante e desrespeitosa. Quando Odell morrer, o ex-tira gordo saberá.

A meio caminho para o segundo andar, ouvindo os roncos da mãe, Brady para, olhos arregalados com percepções súbitas.

O ex-tira gordo *saberá.*

E eis o problema, não é? Porque ações levam à consequências. É a razão pela qual Brady pode *fantasiar* sobre envenenar um carregamento do sorvete que vende às criancinhas, mas não *realizar* de verdade tal coisa. Não enquanto quiser manter-se voando abaixo do radar, e por ora é o que ele quer.

Por ora, Hodges não foi ainda aos seus amigos no departamento de polícia com a carta que Brady enviara. De início Brady acreditara que era porque Hodges queria manter as coisas entre os dois, talvez arriscar a rastrear o Mercedes Assassino sozinho e conseguir um pouco de glória pós-aposentadoria, mas agora ele sabe que não é isso**.** Porque o fodido Det./Ref. iria querer rastreá-lo quando pensa que Brady não é nada além de uma fraude?

Brady não consegue entender como Hodges pôde chegar àquela conclusão quando ele, Brady, mencionara a água sanitária e a rede de cabelos, detalhes jamais revelados à imprensa, mas de alguma forma ele chegara. Se Brady envenenasse Odell, Hodges chamará seus amigos da polícia. Começando com seu velho amigo, Huntley.

Pior, podia dar ao homem que Brady queria convencer a se matar, uma nova razão para viver, negando todo o *propósito* da carta cuidadosamente composta. Aquilo seria totalmente injusto. Empurrar a cadela da Trelawney pelo precipício tinha sido a maior emoção de sua vida, muito maior (por razões que ele não sabia ou se importava) do que a de matar todas aquelas pessoas com o carro dela, e ele queria fazer de novo. Levar o investigador chefe do caso a cometer suicídio... que grande triunfo seria!

Brady está parado no meio das escadas, pensando intensamente.

O gordo bastardo ainda podia fazê-lo, ele diz a si mesmo. Matar o cão podia

ser empurrãozinho que ele precisava.

Só que ele não acreditava nisto, e isto deu à sua cabeça um latejar de aviso.

Ele sentiu uma vontade súbita de descer correndo para o porão, logar no Guarda-Chuva Azul, e exigir que o ex-tira gordo lhe diga que baboseira de "evidência sigilosa" era esta que ele estava falando, para que ele, Brady, pudesse derrubá-la. Mas fazer isto seria um terrível erro. Pareceria carência, talvez até desespero.

Evidências sigilosas.

Foda-se cuzão.

Mas fui eu! Eu arrisquei minha liberdade, arrisquei minha vida*, e fui eu! Não pode me tirar o crédito! Não é justo!*

Sua cabeça latejava de novo.

Seu estúpido chupador de paus, ele pensa. De um jeito ou de outro, você vai pagar, mas não até o cão morrer. Talvez seu amigo crioulo morra também. Talvez a família crioula inteira morra. E depois deles, talvez um monte de outras pessoas. Algo que fizesse o Centro Municipal parecer um piquenique.

Ele sobe para seu quarto e deita na cama, só de cuecas. Sua cabeça dói de novo, seus braços tremem (como se *ele* tivesse ingerido estricnina). Ele ficará deitado ali agonizando até o amanhecer, a menos...

Ele se levanta e volta para o corredor. Ele fica parado do lado de fora da porta aberta do quarto da mãe por quase quatro minutos, então desiste e entra. Ele deita na cama com ela e sua dor de cabeça começa a diminuir quase que imediatamente. Talvez seja o calor. Talvez o cheiro dela... shampoo, hidratante, bebida. Talvez seja tudo.

Ela se vira para ele. Seus olhos se arregalam na escuridão.

− Oh, meu amorzinho. Está tendo uma daquelas noites?

− Sim. - Ele sente as lágrimas queimando seus olhos.

− Pequena Bruxa?

− Enorme Bruxa desta vez.

− Quer que eu o alivie? - Ela já sabe a resposta; está pressionando seu estômago. - Você faz tanto por mim, - ela diz carinhosamente. - Deixe-me fazer isto por você.

Ele fecha os olhos. O cheiro da bebida no hálito dela está muito forte. Ele não se importa, embora geralmente odiasse.

− Está bem.

− Ela cuida dele rapidamente e com maestria. Não demora muito. Nunca demora.

− Pronto, - ela diz. - Vá dormir agora, amorzinho.

Ele dorme. Quase imediatamente.

Quando acorda na luz da manhã seguinte, ela está roncando de novo, com uma mecha de cabelo grudada no canto da boca. Ele sai da cama e vai para seu próprio quarto. Sua mente está clara. E veneno contra castores a base de estricnina está a caminho. Quando chegar, ele envenenará o cão, e fodam-se as consequências. *Ao inferno* com as consequências. E quanto àqueles negros suburbanos com nomes de gente branca? Eles não eram importantes. O ex-tira gordo seria o próximo, depois que ele tivesse a chance de presenciar toda a dor de Jerome e o pesar de Barbara Robinson, e quem liga se for suicídio? O que importava era ele morrer. E depois disto...

− Algo grande, - ele diz ao vestir um par de calças jeans e uma camiseta branca simples. - Uma explosão de glória. - Só não sabia ainda que tipo de explosão seria, mas tudo bem. Ele tinha tempo, e ele precisava de algo antes. Ele precisava demolir a chamada evidência sigilosa de Hodges e convencê-lo de que ele, Brady, é realmente o Mercedes Assassino, o monstro que Hodges fracassou em prender. Ele precisa esfregar aquilo até doer. Ele também precisa, porque se Hodges acredita nesta mentira de evidência sigilosa, os outros tiras – os tiras *de verdade* – devem acreditar também. O que era inaceitável. Ele precisa...

− Credibilidade! - Brady exclama para a cozinha vazia. - Eu preciso de credibilidade!

Ele começa a fazer o café-da-manhã: ovos e bacon. Talvez o cheiro despertasse a Mã como tentador. Se não, tanto faz. Ele comia a parte dela. Estava bem faminto.

2

Mas desta vez funcionou, mas quando Deborah Ann aparece, ela ainda está amarrando o roupão e mal parece acordada. Seus olhos estão injetados de vermelho, as bochechas pálidas, e o cabelo espetado em todas as direções. Ela não sofre mais de ressaca, na verdade, seu cérebro e corpo já se acostumaram demais a bebida para isso, mas ela passa as manhãs em um estado de suave devaneio, assistindo a programas de TV e tomando antiácidos. Por volta das duas da tarde, quando o mundo começa a entrar em foco para ela, toma a primeira bebida.

Se ela lembra do que aconteceu a noite passada, ela não menciona. Mas até aí, ela nunca menciona. Nenhum dos dois falam sobre aquilo.

Também nunca falamos sobre Frankie, Brady pensa. E se falássemos, o que diríamos? Deus, que pena ele ter caído?

− Que cheiro bom, - ela diz – Tem para mim?

− Coma o quanto quiser. Quer café?

− Por favor. Com bastante açúcar. - Ela se senta à mesa e olha para a televisão no balcão. Não está ligada, mas ela olha para ela, mesmo assim. Pelo que parece a Brady, talvez ela pense que a TV está mesmo ligada.

− Você não está de uniforme, - ela diz, se referindo à camisa de botão com o bordado de Discount Electronix no bolso. Ele tinha três delas penduradas no closet. Ele próprio as passava a ferro. Como aspirar o pó e lavar a roupa deles, passar roupa não fazia parte do repertório da Mã.

− Não preciso vesti-la até as dez, - ele diz, e como se as palavras fossem um feitiço mágico, seu celular começa a tocar sobre o balcão da cozinha. Ele o pega antes que caia ao chão.

− Não atenda, amorzinho. Vamos fingir que saímos para tomar o café-da-manhã.

Era tentador, mas Brady era tão incapaz de deixar um telefone tocar quanto de desistir de seus confusos e sempre mutantes planos de algum grande ato de destruição. Ele olha para o visor e não se surpreende ao ver TONES. Anthony "Tones" Frobisher, o grande magnata da Discount Electronix (filial da Birch Hill Mall).

Ele pega o telefone e diz,

− É meu dia de entrar mais tarde, Tones.

− Eu sei, mas preciso que atenda a um chamado. Realmente, realmente preciso. - Tones não pode forçar Brady a aceitar um chamado fora de seu horário, daí a adulação - É a Sra. Rollins, e você sabe que ela dá gorjetas.

É claro que ela dá. Ela mora em Sugar Heights. A Patrulha Cibernética atende diversos chamados em Sugar Heights, e um de seus clientes – um dos clientes de Brady – era a finada Olivia Trelawney. Ele esteve em sua casa duas

vezes em chamados depois que começaram a conversar com ela sob o Guarda-Chuva Azul da Debbie, e que delícia que aquilo fora. Ver como ela estava perdendo peso. Ver como suas mãos passaram a tremer. Além disto, ter acesso ao seu computador abrira todo tipo de possibilidades.

− Eu não sei, Tones.. - mas é claro que ele vai, e não somente pela gorjeta da Sra. Rollins. É divertido passar pelo 729 da rua Lilac, pensando: Eu sou o responsável por estes portões fechados. Tudo o que eu tive de fazer para lhe dar o empurrãozinho final foi instalar aquele programinha no Mac dela.

Os computadores são maravilhosos.

− Ouça, Brady, se atender este chamado, pode tirar o dia de folga, que tal? Só devolva o Beetle e descanse até ter de pegar seu estúpido carrinho de sorvete.

− E a Freddi? Por que não manda ela? - Descaradamente provocando-o agora. Se Tones pudesse mandar Freddi ela já estaria a caminho.

− Está doente. Diz que menstruou e está morrendo de dor. É claro que é mentira. Eu sei, ela sabe e ela sabe que eu sei, mas ela me processará por assédio sexual se eu a desmacarar. Ela sabe que eu sei disto também.

Mã vê Brady sorrindo e sorri de volta. Ela ergue uma mão, fecha e move para frente e para trás. Torça as bolas dele, amorzinho. O sorriso de Brady se ampliou para uma risada. Mã pode ser uma bêbada, ela pode só cozinhar uma ou duas vezes por semana, pode ser fodidamente irritante, mas ela consegue lê-lo como um livro.

− Tudo bem, - Brady diz. - Que tal eu ir com o meu próprio carro?

− Você sabe que não posso lhe dar um subsídio de milhagem para seu veículo pessoal. - Tones diz.

− Também, é política da empresa, - Brady diz. - Certo?

− Bem... sim.

Schyn Ltda., a companhia mãe alemã da DE, acredita que os VWs da Patrulha Cibernética são uma boa propaganda. Freddi Linklatter diz que alguém que queira um cara que dirige um Beetle cor de ranho, consertando seu computador é insano, e neste ponto, Brady concordava com ela. Ainda assim, deve haver muita gente insana lá fora, por que os chamados de serviço nunca paravam.

Embora alguns dessem boas gorjetas, como Paula Rollins.

− Está bem, - Brady diz, - mas você fica me devendo.

− Obrigado, camarada.

Brady encerra a ligação sem responder “Você não é meu camarada, e ambos sabemos disto.”

3

Paula Rollins é uma loira corpulenta que vive em uma mansão estilo falso Tudor de dezesseis cômodos, três quarteirões distante da casa da finada Sra. T. Ela tem todos aqueles cômodos somente para ela. Brady não sabe exatamente qual é a dela, mas acha que ela é a segunda ou terceira ex-mulher troféu de algum ricaço, e que ela cumpria muito bem sua parte do trato. Talvez o cara estivesse muito fascinado pelas tetas dela para ter se importado em fazer um contrato pré-nupcial. Brady não se importava muito, ele só sabia que ela tinha o bastante para dar boas gorjetas e ela nunca tentava dar em cima dele. Isso é bom. Ele não tinha nenhum interesse no corpo da Sra. Rollins.

Mas ela *realmente* agarra sua mão e meio que o puxa pela porta.

− Oh... Brady! Graças a Deus!

Ela soava uma mulher sendo resgatada de uma ilha deserta depois de três dias sem comida ou água, mas ele ouve a pequena pausa antes dela dizer seu nome e vê os olhos dela baixar para lê-lo em sua camisa, ainda que ele já tivesse ido lá mais de dez vezes. (Assim como Freddi, a propósito; Paula Rollins é uma destruidora compulsiva de computadores.) Ele não se importa que ela não se lembre dele, Brady gosta de ser esquecível.

− Eu só... não sei o que está errado!

Como se a estúpida babaca alguma vez soube. A última vez que esteve ali, seis semanas atrás, era um pânico de kernel, e ela estava convencida de que um vírus tinha deletado todos os seus arquivos. Brady tirou-a gentilmente do escritório e prometeu (sem parecer muito esperançoso) fazer o que pudesse. Então ele se sentou, reiniciou o computador, e navegou um pouco antes de chamá-la e dizer que tinha conseguido consertar o problema bem a tempo. Mais meia hora, ele disse, e seus arquivos teriam realmente sido perdidos. Ela tinha lhe dado oitenta dólares de gorjeta. Ele e Mã tinham saído para jantar e dividido uma boa garrafa de champanhe.

− Me conte o que aconteceu, - Brady diz, com a seriedade de um neurocirurgião.

− Eu não fiz nada, - ela lamenta. Ela sempre lamenta. Muitos de seus chamados de clientes fazem. Não só as mulheres. Nada desmonta um executivo de primeira linha mais rápido do que a possibilidade de que tudo o que esteja em seu MacBook vá para o paraíso dos dados.

Ela o puxa pelo salão (é tão grande quanto o vagão restaurante de um Amtrak) e para seu escritório.

− Eu fiz a limpeza, nunca deixo a empregada entrar aqui... lavei as janelas, passei o aspirador de pó no chão... e quando me sentei para verificar o e-mail, o maldito computador sequer ligou!

− Uh.. Estranho. - Brady sabe que a Sra. Rollins tem uma empregada diarista

para fazer o serviço de casa, mas aparentemente a empregada é proibida de entrar no escritório. O que é uma coisa boa para ela, porque Brady já identificara o problema, e se a empregada fosse a responsável por ele, provavelmente seria demitida.

− Pode consertar, Brady? - Graças as lágrimas que lhe inundavam, os olhos grandes e azuis da Sra. Rollins estão maiores do que nunca. Brady de repente pensa em Betty Boop naqueles desenhos antigos que dava para assistir no YouTube, pensa Poop-poop-pe-doop!, e ele tem de conter uma risada.

− Eu vou tentar, - ele diz, galantemente.

− Tenho de ir à casa de Helen Wilcox, do outro lado da rua, - ela diz – mas é só por uns minutos. Há café fresco na cozinha, se quiser.

Assim dizendo, ela o deixa sozinho em sua grande casa cara, com sabe-se lá quantos objetos valiosos de jóias dando sopa no andar de cima. Ela está segura. Brady jamais roubaria de um cliente. Ele poderia ser pego. Mesmo que não fosse, quem seria o suspeito lógico? Dã. Ele não se safara de ter matado aquele bando de idiotas desempregados no Centro Municipal só para ser preso por furtar um par de brincos de diamantes dos quais não fazia ideia como se livrar.

Ele espera até que a porta dos fundos feche, então vai até o salão observá-la levar seus peitos de primeira classe para o outro lado da rua. Quando a perde de vista, volta ao escritório, se abaixa sob a mesa e conecta o fio do computador. Ela deve ter desconectado o plug para poder passar o aspirador, então se esqueceu de voltar a conectar.

A tela de senha de seu computador aparece. Ociosamente, só para matar o tempo, ele digita PAULA, e sua área de trabalho, lotada com todos os seus arquivos, aparece. Deus, as pessoas são tão burras.

Ele acessa o Guarda-Chuva Azul da Debbie para ver se o ex-policial gordo tinha postado mais alguma mensagem nova. Não tinha, mas Brady decide, no calor do momento, enviar uma mensagem ao Det./Ref. afinal. Por que não?

Ele aprendera no Colegial que pensar muito sobre o que escrever não funcionava para ele. Muitas outras ideias entravam em sua mente e começavam a se embaralhar. Era melhor só desembuchar. Fora assim que escrevera a Olivia Trelawney, inspiração súbita, bebê, e também tinha sido assim que escrevera para Hodges, embora tenha relido a mensagem do ex-tira gordo algumas vezes para se certificar de estar sendo consistente.

Ele escreve deste mesmo jeito agora, só se lembrando de manter a mensagem curta.

Como é que eu sei sobre a rede de cabelo e a água sanitária, Detetive Hodges? ESTAS SIM são evidências sigilosas porque jamais vazaram para os jornais ou TV. Você diz que não é estúpido mas ESTÁ PARECENDO

Q UE É. Acho que tanto tempo assistindo TV fez seu cérebro apodrecer.
Q UAL evidência sigilosa?
TE DESAFIO A REVELAR.

Brady relê e faz uma mudança: coloca hífens em rede de cabelo. Ele não acha que se tornará pessoa de interesse, mas sabe que, caso se torne, eles lhe pedirão para fornecer uma amostra de escrita. Ele quase deseja poder fornecer uma. Ele vestia uma máscara quando atropelou a multidão, e ele veste outra quando escreve como o Mercedes Assassino.

Ele clica em ENVIAR, então acessa o histórico de internet da Sra. Rollins. Por um momento ele para, divertido, quando vê diversos registros do site White Tie and Tails. Ele sabe o que é, porque Freddi Linklatter tinha contado: um serviço de acompanhantes masculino. Aparentemente, Paula Rollins tem uma vida secreta.

Mas então, quem não tem?

Não era problema dele. Ele deleta sua visita ao Sob O Guarda-Chuva Azul da Debbie, então abre sua caixa de ferramentas e tira uma porção de porcaria aleatória: discos de utilidade, um modem (quebrado, mas ela não vai saber disto), vários pendrives, e um regulador de voltagem que não tinha nada a ver com conserto de computadores, mas tem aparência tecnológica. Ele também tira um livro de Lee Child que fica lendo até ouvir sua cliente voltar pela porta dos fundos, vinte minutos depois.

Quando a Sra. Rollins põe a cabeça no escritório, o livro está fora de vista e Brady está guardando seu material aleatório. Ela lhe dá um sorriso ansioso.

− E aí?

− De início pareceu feio, - Brady diz, - mas identifiquei o seu problema. O switch de trimmer estava ruim, e acabou desligando seu circuito danus. Em casos assim, o computador é programado para não ligar, pois se ligar, pode perder todos os seus dados. - olhou para ela com gravidade. - A maldita coisa pode até pegar fogo. Já ouvi falar de casos assim.

− Oh... meu... querido... Deus, - ela diz, espaçando cada palavra com drama e colocando uma mão no peito. - Tem certeza que está tudo bem?

− Novo em folha, - ele diz, - pode testar.

Ele liga o computador e desvia polidamente o olhar enquanto ela digita sua senha retardada. Ela abre alguns arquivos, então se vira para ele, sorrindo. - Brady, você é um presente de Deus.

− Minha mãe dizia o mesmo até eu ter idade para comprar cerveja.

Ela ri como se fosse a coisa mais engraçada que ouvira na vida inteira. Brady ri com ela, porque teve uma visão súbita: ele usando os joelhos para prender os

ombros dela, e enfiando um facão de sua própria cozinha na boca dela que grita.

Quase podia sentir a cartilagem ceder.

4

Hodges vinha checando o site Guarda-Chuva Azul com frequência, e leu a mensagem de resposta do Mercedes Assassino apenas uns minutos após Brady clicar em ENVIAR.

Hodges está sorrindo, um grande sorriso que suaviza sua pele e o torna quase atraente. A relação deles estava oficialmente estabelecida: Hodges é o pescador, o Sr. Mercedes é o peixe. Mas um peixe astuto, ele lembra a si mesmo, um capaz de fazer um movimento súbito e puxar a linha. Ele terá de jogar cuidadosamente, puxando-o na direção do barco lentamente. Se Hodges conseguisse fazer isto, se fosse paciente, cedo ou tarde, o Sr. Mercedes concordará com um encontro. Hodges tem certeza que sim.

Porque se ele não puder me convencer a me matar, só terá outra alternativa, que é me assassinar.

A coisa mais inteligente para o Sr. Mercedes fazer seria fugir; se ele fizesse isso, seria o fim da estrada. Mas ele não fará. Ele está irritado, mas só em parte, e uma pequena parte. Hodges se pergunta se o Sr. Mercedes sabe o quão louco ele é. E se ele sabe que soltou uma interessante informação ali.

Acho que tanto tempo assistindo TV fez seu cérebro apodrecer.

Até aquela manhã, Hodges só suspeitara de que o Sr. Mercedes andara vigiando sua casa; agora ele tem certeza. O filho da puta andara pela rua, e mais do que uma vez.

Ele pega o bloco de anotações e começa a anotar possíveis mensagens de resposta. Tem de ser boa, porque seu peixe mordeu o anzol. A dor o deixa zangado mesmo que ele não saiba o que é. Ele precisa ficar muito mais zangado antes de descobrir, e isto significa arriscar-se. Hodges deve soltar a linha para o anzol se afundar mais, apesar do risco da linha quebrar. O que...?

Ele se lembra de algo que Pete Huntley disse no almoço, só uma observação de passagem, e a resposta lhe vem. Hodges escreve em seu bloco, então reescreve, então dá uma refinada. Ele lê a mensagem finalizada e decide que servirá. É curta e grossa. Há algo que você esqueceu, idiota. Algo que um falso confessor não poderia saber. Ou um confessor real, a propósito... a menos que o Sr. Mercedes verificasse sua arma assassina motorizada de cabo a rabo antes embarcar, e Hodges apostava que o cara não fizera isso.

Se estivesse errado, a linha se partiria e o peixe nadaria para longe. Mas havia um antigo ditado: quem não arrisca, não petisca.

Ele quer enviar a mensagem logo, mas sabe que é uma má ideia. Deixe o peixe nadar em volta em círculos um pouco mais com aquele velho e mau anzol em sua boca. A questão é o que fazer neste meio tempo. A TV jamais lhe

parecera menos atraente.

Ele tem uma ideia – elas lhe vem às pencas atualmente – e abre a última gaveta de sua mesa. Há uma caixa cheia dos pequenos blocos de nota que ele costumava carregar com ele quando ele e Pete faziam perguntas nas ruas. Ele jamais esperara precisar novamente de um daqueles, mas pega um agora e enfia no bolso traseiro de suas calças.

Encaixa direitinho.

5

Hodges desce metade da Estrada Harper, então começa a bater nas portas, igual aos velhos tempos. Atravessando e voltando a atravessar a rua, sem pular nenhuma casa, trabalhando seu caminho de volta. Era dia de semana, mas um número surpreendente de pessoas atende a porta. Algumas são donas de casa, mas a maioria são aposentados como ele, sortudos o bastante para terem quitado suas casas antes da recessão acabar com a economia, mas pelo menos em boa forma. Não vivendo um dia após o outro, ou mesmo uma semana após a outra, talvez, mas tendo que equilibrar o custo da comida contra o custo de todos aqueles remédios da velhice enquanto o fim do mês se aproxima.

Sua história era simples, porque simples é sempre melhor. Ele diz que houve arrombamentos alguns quarteirões adiante – garotos, provavelmente – e ele está checando se alguém, em sua própria vizinhança notara algum veículo que parecia deslocado, e que tivesse aparecido mais do que uma vez em certo período. Eles provavelmente passavam abaixo da velocidade de 30 quilômetros por hora, ele diz. Ele não precisava dizer mais nada; todos eles assistiam a programas policiais e sabem como os arrombadores agiam.

Ele mostra a eles sua identificação, que tinha APOSENTADO estampado em vermelho na diagonal do nome e dados principais abaixo de sua foto. Ele toma a precaução de dizer que não, ele não está fazendo aquilo a pedido da polícia (a última coisa que ele quer é que um dos vizinhos ligue para o Edifício Murrow, no centro, para verificar isto), e que tinha sido iniciativa dele. Afinal, ele vive na vizinhança, também, e tem interesse pessoal na segurança dos arredores.

A Sra. Melbourne, a viúva cujas flores fascinavam Odell, convidou-o para um café e biscoitos. Hodges aceita porque ela parece solitária. É sua primeira conversa real com ela, e ele rapidamente percebe que ela é excêntrica ou totalmente maluca. Apesar de articulada. Ele precisava admitir. Ela explica sobre o SUV preto que ela observara – Com janelas filmadas as quais não dava para ver nada dentro, iguais aquelas do 24 Horas – e conta a ele sobre a antena especial deles. Limpadores, ela os chama, abanando a mão para a frente e para trás para demonstrar.

− Uh-huh, - Hodges diz, - Deixe-me anotar isto. - Ele vira uma página em seu bloco e rabisca Tenho de sair daqui, na página nova.

− É uma boa ideia, - ela diz, de olhos brilhando. - Eu tenho de lhe dizer o quanto senti quando sua esposa o abandonou, Detetive Hodges. Ela o abandonou, não foi?

− Nós concordamos em discordar, - Hodges diz com uma amabilidade que não sentia.

− É tão bom conhecê-lo pessoalmente e saber que está atento. Pegue outro biscoito.

Hodges olha para o relógio, fecha o bloco e se levanta.

− Adoraria, mas é melhor eu continuar. Tenho um encontro ao meio-dia.

Ela avalia sua corpulência e diz:

− Médico?

− Quiroprático.

Ela franze o cenho, transformando seu rosto em um casca de noz com olhos.

− Pense melhor, Detetive Hodges. Estalar as costas é perigoso. Há pessoas que deitaram naquelas macas e jamais conseguiram se levantar novamente.

Ela o vê dirigir-se a porta. Enquanto ele atravessa o pórtico, ela diz

− Eu investigaria o sorveteiro, também. Esta primavera parece que ele está sempre por aqui. Acha que a Fábrica Loeb's verifica as pessoas que contratam para dirigir aqueles caminhõezinhos? Espero que sim, porque aquele parece suspeito. Ele pode ser um pedófilo.

− Tenho certeza que eles tem referências dos motoristas, mas vou investigar.

− Outra boa ideia! - ela exclama.

Hodges se pergunta o que faria se ela aparecesse com um grande gancho, como nos velhos shows de vaudeville, e tentasse puxá-lo para dentro de novo. Uma memória de infância volta a ele: a bruxa de João e Maria.

− Além disto, acabei de lembrar, andei vendo várias vans ultimamente. Elas parecem vans de entrega, tem nomes comerciais impressas nelas, mas qualquer um pode inventar um nome comercial, não acha?

− É sempre possível, - Hodges diz, descendo os degraus.

− Você devia bater no número dezessete também. - Ela aponta para o fim da rua. - É quase na Rua Hanover. Tem pessoas que chegam tarde, e tocam música alta. - Ela desliza pela porta, quase se curvando. - Pode ser um ponto de droga. Uma daquelas casas de crack.

Hodges agradece-a pela dica e atravessa a rua. O SUV preto e o cara do Sr. Saboroso, ele pensou. Além das vans de entrega cheias de terroristas da Al Qaeda.

Do outro lado da rua encontra um dono-de-casa, Alan Bowfinger:

– Só não me confunda com Goldfinger, - ele diz, e convida Hodges para sentar em uma das espreguiçadeiras no gramado na lateral esquerda de sua casa, onde há sombra. Hodges fica satisfeito em acompanhá-lo.

Bowfinger lhe diz que ganha a vida escrevendo cartões. - Me especializei naqueles ligeiramente sarcásticos. Como aqueles que, do lado de fora diz, “Feliz Aniversário! Existe alguém mais linda do que eu?” e quando o abre, há um pedaço de papel alumínio com uma rachadura partindo-o em dois.

− É? E qual a mensagem?

Bowfinger ergue as mãos, como se enfatizando-a.

− Existe sim, mas te amo mesmo assim.

− Meio maldoso, - Hodges arrisca.

− Verdade, mas termina com uma expressão de amor. Isto é o que vende os cartões. Primeiro o golpe, depois o abraço. Quanto ao seu propósito hoje, Sr. Hodges... ou devo chamá-lo de Detetive?

− Só Sr. atualmente.

− Eu não vi nada além do trânsito comum. Nada de carros passando lentamente exceto pessoas procurando endereços e o caminhão de sorvete após a saída da escola. - Bowfinger revira os olhos. - Ouviu muito da Sra. Melbourne?

− Bem...

− Ela é membro do CNIFA, - Bowfinger diz, - Significa Comitê Nacional de Investigações de Fenômeno Aéreos.

− Meteorologia? Tornados e formações de nuvens?

− Discos voadores. - Bowfinger ergue as mãos para o céu. - Ela acha que eles andam entre nós.

Hodges diz algo que jamais teria saído por entre seus lábios se ainda estivesse na ativa e conduzisse uma investigação oficial.

− Ela acha que o Sr. Saboroso pode ser um pedófilo.

Bowfinger dá risada até lágrimas escorrerem de seus olhos.

− Oh, Deus... ele diz. - Aquele cara já anda por aqui há cinco ou seis anos, dirigindo seu caminhãozinho e tocando seus sininhos. Quantas crianças você acha que ele já atacou durante todo este tempo?

− Não sei, - Hodges diz, se levantando. - Dezenas, provavelmente. - Ele estende a mão e Bowfinger a aperta. Outra coisa que Hodges descobre na aposentadoria: seus vizinhos tem histórias e personalidades. Algumas bem interessantes.

Enquanto guardava seu bloco, um olhar de alarme cruza o rosto de Bowfinger.

− O que? - Hodges pergunta, direto ao ponto.

Bowfinger aponta para o outro lado da rua e diz,

− Você não comeu o biscoito dela, comeu?

− Sim. Por que?

− Se eu fosse você, ficaria perto de um banheiro pelas próximas horas.

6

Quando ele voltou a sua casa, suas costas latejavam e seus tornozelos cantavam de dor, a luz em sua secretária eletrônica piscava. Era Pete Huntley, e parecia excitado.

− Me ligue, - ele diz. - É inacreditável. Inacreditável pra caralho.

Hodges subitamente tem a certeza irracional de que Pete e sua nova parceira Isabelle tinham afinal prendido o Sr. Mercedes. Ele sente uma grande pontada de inveja, e... loucura, mas verdade... raiva. Ele liga para Pete utilizando a discagem rápida, seu coração está martelando, mas sua chamada vai direto para o correio de voz.

− Recebi sua mensagem. - Hodges diz. - Retorne quando puder.

Desliga o telefone, então fica sentado imóvel, tamborilando os dedos na beira da mesa. Diz a si mesmo que não importa quem pegue o filho da puta, mas importa. Primeiro, certamente significará que sua correspondência com o maufeitor (engraçado como a palavra entra na cabeça) será descoberta, e isso pode colocá-lo em problemas. Mas isto não é o mais importante. A coisa mais importante é que sem o Sr. Mercedes, as coisas voltarão para onde estavam: tardes de TV e brincadeiras com a arma do pai.

Ele pega seu bloco de notas e começa a transcrever anotações de seu trabalho na vizinhança. Depois de um minuto ou dois fazendo isto, ele enfia o bloco na pasta arquivo e a fecha com força. Se Pete e Izzy Jaynes tinham pego o cara, as vans e SUVs pretos sinistros da Sra. Melbourne não significarão merda nenhuma.

Ele pensa em entrar no site Sob o Guarda-Chuva de Debbie e enviar uma mensagem ao merckill: Eles o pegaram?

Ridículo, mas estranhamente atraente.

Seu telefone toca e ele o atende, mas não é Pete. É a irmã de Olivia Trelawney.

− Oh, - ele diz, - Oi, Sra. Patterson. Como vai?

− Estou bem, - ela diz – e é Janey, lembra? Eu Janey, você Bill.

− Janey, certo.

− Você não parece muito feliz de me ouvir, Bill. - Ela estava levemente flertando com ele? Não seria bom?

− Não, não. Estou feliz por ter ligado, mas ainda não tenho nada para reportar.

− Eu não esperava que tivesse. Liguei sobre Mamãe. A enfermeira em Sunny Acres que é mais familiar com o caso dela trabalha no turno diurno no Edifício McDonald, onde minha mãe tem sua pequena suíte de quartos. Eu pedi para que ela me ligasse se mamãe ficar lúcida. Ela de vez em quando fica.

− Sim, você me disse.

− Bom, a enfermeira ligou há alguns minutos para dizer que mamãe voltou,

pelo menos por enquanto. Ela pode permanecer lúcida por um dia ou dois, então voltar a sair do ar. Ainda quer vê-la?

− Acho que sim, - Hodges disse, cuidadosamente, - mas teria de ser esta tarde. Estou aguardando uma ligação.

− É sobre o homem que roubou o carro dela? - Janey se excita. Como deveria se excitar. Hodges diz a si mesmo.

− É o que preciso descobrir. Posso lhe retornar mais tarde?

− Absolutamente. Precisa de meu número de celular?

− É.

− É, - ela diz, gentilmente zombeteira. O que o faz sorrir, apesar de seus nervos. - Ligue-me assim que puder.

− Ligarei.

Ele desliga, e o telefone toca ainda em sua mão. Desta vez é Pete, e ele parece mais excitado do que nunca.

− Billy! Tenho de voltar, estamos com ele na sala de interrogatório – IR4, a propósito, lembra como você sempre dizia que ela era sua sala da sorte? - mas eu tinha de ligar pra voce. Nós o pegamos, parceiro, fodidamente o pegamos!

− Pegou quem? - Hodges pergunta, mantendo a voz calma. O ritmo de seu coração está regular, também, mas as batidas são fortes o bastante para que sentisse em suas têmporas: whomp e whomp e whomp.

− O fodido do Davis! - Pete grita. - Quem mais?

Davis. Não o Sr. Mercedes, mas Donnie Davis, o assassino da esposa viciado em câmeras. Bill Hodges fecha os olhos de alívio. É a emoção errada a sentir, mas ele a sente assim mesmo.

Ele diz:

– Então, o corpo que o guarda florestal encontrou perto da cabana era mesmo de Sheila Davis? Tem certeza?

− Absoluta.

− Com quem você transou para que o resultado dos exames de DNA saísse tão rápido? - Quando Hodges estava na ativa, era sorte se conseguissem receber os resultados de DNA um mês após o envio das amostras, e o mais comum era que demorasse seis semanas.

− Não precisamos de DNA! Para o julgamento sim, mas -

− O que quer dizer com não precisa -

− Cala a boca e escuta, está bem? Ele simplesmente entrou vindo da rua e confessou. Sem advogado, sem justificativas vãs. Ouviu seus direitos e disse que não queria um advogado, só queria tirar aquilo do peito.

− Jesus. Tão tranquilo quanto ele estava nas entrevistas que tivemos com ele? Tem certeza que não está brincando conosco? Fazendo algum tipo de jogo longo?

Achava que era o tipo de coisa que o Sr. Mercedes tentaria fazer se o pegassem. Não só um jogo, mas um longo jogo. Não é por isto que ele tenta criar

estilos de escrita alternados em suas cartas venenosas?

− Billy, não é só a esposa dele. Lembra daquelas amantes que ele tinha? Garotas com cabelos longos e peitos inflados e nomes como Bobbi Sue?

− Claro. Que tem elas?

− Quando isto acabar, aquelas senhoras vão se ajoelhar e agradecer a Deus por ainda estarem vivas.

− Não estou entendendo.

− Turnpike Joe, Billy! Cinco mulheres estupradas e mortas em várias áreas de descanso da Interestadual entre aqui e a Pensilvania, entre 94 e 98! Donny Danvis diz que ele! Davis é Turnpike Joe! Ele está nos dando horas, e locais e descrições. E tudo encaixa. Isto... é demais para minha cabeça!

− Para a minha também, - Hodges diz, e está sendo absolutamente sincero. - Meus parabéns.

− Obrigado, mas eu não fiz nada além de ir trabalhar esta manhã – Pete ri descontroladamente. - Sinto como se tivesse ganhado na loteria.

Hodges não se sentia assim, mas pelo menos ele não tinha perdido a loteria. Ele ainda tinha um caso no qual trabalhar.

− Tenho de voltar lá, Billy, antes dele mudar de ideia.

− É, é, mas Pete? Antes de ir?

− O que?

− Arranje-lhe um defensor público.

− Ah, Billy...

− Estou falando sério. Interrogue-o até drená-lo, mas antes de começar, anuncie – para os registros – que está indicando-lhe um advogado. Pode acabar com ele antes de alguém aparecer na Murrow, mas tem de fazer isso certo. Está me ouvindo?

− É, está certo. É uma boa. Vou mandar Izzy fazer isto.

− Ótimo. Agora volte para lá. Acabe com ele.

Pete literalmente crocita. Hodges tinha lido sobre pessoas fazerem isto, mas nunca tinha visto alguém realmente fazer – exceto galos – até agora.

− Turnpike Joe, Billy! O fodido Turnpike Joe! Acredita nisto?

Ele desliga antes do ex-parceiro poder responder. Hodges fica onde está por quase cinco minutos, esperando até um tardio ataque de tremores atacá-lo. Então ele liga para Janey Patterson.

− Não era sobre o homem que queremos?

− Não, desculpe. Outro caso.

− Ah, que pena.

− É. Ainda vai comigo à casa de repouso?

− Pode apostar. Estarei esperando-a na calçada.

Antes de sair, ele verifica o site Guarda-Chuva Azul uma última vez. Nada lá, e ele não tem intenção de enviar sua mensagem cuidadosamente composta hoje.

Esta noite era melhor. Deixe o peixe sentir o anzol um pouco mais de tempo.

Ele sai de casa, sem pressentir que não voltará.

7

Sunny Acres é pomposo. Elizabeth Wharton não.

Ela está em uma cadeira de rodas, encurvada em uma postura que lembra a Hodges "O Pensador de Rodin". A luz da tarde penetra pela janela, transformando seus cabelos numa nuvem prateada tão fina quanto um halo. Do lado de fora da janela, em um gramado ondulado e perfeitamente aparado, alguns velhotes estão jogando croquet em câmera lenta. Os dias de croquet da Sra. Wharton tinham acabado. Assim como seus dias de ficar em pé. Quando Hodges a vira por último – com Pete Huntley ao seu lado e Olivia Trelawney sentada próxima a ele – ela estava encurvada. Agora ela estava quebrada.

Janey, vibrante em calças brancas ajustadas e uma camisa marinheiro riscada de azul e branco, se ajoelha ao lado dela, acariciando uma das mãos terrivelmente retorcidas da Sra. Wharton.

– Como está hoje, minha querida? - ela pergunta. - Parece melhor. - Se for verdade. Hodges fica horrorizado.

A Sra. Wharton olha para a sua filha com olhos azuis pálidos que não expressam nada, nem mesmo confusão. O coração de Hodges afunda. Ele gostou da viagem até ali com Janey, gostou de olhar para ela, gostou de conhecê-la ainda mais, e isto é bom. Significa que a viagem não foi totalmente perdida.

Então um pequeno milagre ocorre. Os olhos manchados de catarata da velha senhora se clareiam; os lábios rachados e sem batom se abrem em um sorriso.

– Olá, Janey. - Ela só conseguia erguer a cabeça um pouquinho, mas seus olhos vão até Hodges. Agora eles parecem frios. - Craig.

Graças à conversa deles na viagem, Hoges sabia quem aquele era.

– Este não é Craig, querida. É um amigo meu. Seu nome é Bill Hodges. Você já o viu antes.

– Não, acho que não... - ela se interrompe, franzindo o cenho, então diz. - Você... é um dos detetives?

– Sim, senhora. - Ele nem considerou dizer-lhe que estava aposentado. Melhor manter as coisas em uma linha reta enquanto ainda havia alguns circuitos funcionando na cabeça dela.

Seu cenho se aprofunda, criando rios de rugas.

– Vocês achavam que Livvy tinha deixado a chave no carro para aquele homem roubá-lo. Ela disse várias vezes que não, mas jamais acreditaram nela.

Hodges imita Janey, abaixando sobre um joelho ao lado da cadeira de roda.

– Sra. Wharton, eu agora sei que podíamos estar errados sobre isso.

– É claro que estavam. - Ela volta seu olhar para a filha que restara, olhando-a por baixo da estrutura ossuda de sua sobrancelha. É o único jeito que ela consegue encarar. - Onde está Craig?

– Eu me divorciei dele ano passado, Mãe.

Ela pensa naquilo, então diz.

− Antes só do que mal acompanhada.

− Concordo plenamente. Será que Bill pode lhe fazer umas perguntas?

− Não vejo porque não poderia, mas eu quero um pouco de suco de laranja. E minhas pílulas para dor.

− Eu vou procurar a sala das enfermeiras e ver se já está na hora – ela diz – Bill, tudo bem se eu...?

− Ele anui e estala dois dedos em um gesto de vá, vá. Assim que ela sai pela porta, Hodges fica em pé, passa pela cadeira de visitante, e se senta na cama de Elizabeth Wharton com as mãos espalmadas nos joelhos. Ele trouxe seu bloco de anotações, mas teme que tomar notas possa distraí-la. Os dois se olham silenciosamente. Hodges está fascinado pela nuvem prateada em volta da cabeça da velha senhora. Há sinais de que alguém da equipe penteara seu cabelo aquela manhã, mas tinha reassumido sua forma selvagem e solta nas horas seguintes. Hodges está feliz. A escoliose tinha retorcido o corpo dela em um poço de feiura, mas seu cabelo é bonito. Louco e bonito.

− Eu acho, - ele diz, - que tratamos sua filha muito mal, Sra. Wharton.

Sim, de fato. Mesmo se a Sra. T. fosse uma cúmplice involuntária, e Hodges ainda não tinha descartado totalmente a ideia de que ela tinha mesmo deixado a chave na ignição, ele e Pete tinham feito um serviço escroto. É fácil – muito fácil – ou desacreditar ou desrespeitar alguém de quem não se gosta.

− Nós fomos ofuscados por ideias preconcebidas, e por isto, sinto muito.

− Está falando de Janey? Janey e Craig? Ele bateu nela, sabe. Ela tentou fazê-lo largar as drogas que ele gostava, e ele bateu nela. Ela diz que foi só uma vez, mas eu acho que foi mais. - Ela ergue uma mão lenta e bate no nariz com um dedo pálido. - Uma mãe sabe dessas coisas.

− Não é sobre Janey. Estava falando de Olivia.

− Ele a fez parar de tomar as pílulas. Ela disse que foi porque não queria virar uma viciada em drogas como Craig, mas não era a mesma coisa. Ela precisava das pílulas.

− Está falando sobre os antidepressivos?

− As pílulas que permitiam que ela saísse. - Ela faz uma pausa, considerando. - Havia outras, também, que evitavam que ela ficasse tocando nas coisas. Ela tinha ideias estranhas, minha Livvy, mas ela era uma boa pessoa, ao mesmo tempo. Por dentro, ela era uma boa pessoa.

A Sra. Wharton começou a chorar.

Há uma caixa de lenços de papel na mesinha de cabeceira. Hodges pega alguns e oferece a ela, mas quando vê como é difícil para ela fechar a mão, ele mesmo seca seus olhos por ela.

− Obrigada, senhor. Seu nome é Hedges?

− Hodges, senhora.

− Você era o bonzinho. O outro foi muito mau com Livvy. Ela disse que ele ria dela. Ria o tempo inteiro. Ela podia ver nos olhos dele.

Seria verdade? Se fosse, ele sentia vergonha por Pete. E vergonha de si mesmo por não ter percebido.

− Quem sugeriu que ela parasse com as pílulas? A senhora se lembra?

Janey voltara com o suco de laranja e um copinho de papel com, provavelmente, a medicação contra a dor da mãe. Hodges dá lhe uma olhadela com o canto do olho e usa os mesmos dois dedos para afastá-la de novo. Ele não quer a atenção da Sra. Wharton dispersada, ou que tomasse agora qualquer pílula que pudesse confundir ainda mais suas lembrança já confusa.

Sra. Wharton está silenciosa. Então, bem quando Hodges teme que ela não responda:

− Era seu amigo por correspondência.

− Ela o conheceu sob o Guarda-Chuva Azul? Guarda-Chuva Azul da Debbie?

− Ela nunca o encontrou. Não pessoalmente.

− O que eu quis dizer foi...

− O Guarda-Chuva Azul era invenção. - Por baixo das sobrancelhas brancas, seus olhos o chamavam de perfeito idiota. - Acho que era uma coisa de computador. Frankie era seu amigo de correspondência por computador.

Ele sempre sentia um tipo de choque elétrico nas entranhas quando informaçõe novas apareciam. Frankie. Certamente não era o nome real do cara, mas os nomes tinham poder, e codinomes geralmente significam algo. Frankie.

− Ele lhe disse para parar de tomar os remédios.

− Sim, ele disse que os remédios a deixavam vulnerável. Onde está Janey? Quero minhas pílulas.

− Ela já está voltando. Tenho certeza.

A Sra. Wharton cismou com o colo por um momento.

− Frankie disse que ele tomou todos aqueles mesmos remédios, por isto que ele fizera... o que fizera. Ele disse que se sentira melhor após parar de tomá-los. Ele disse que depois de parar, soube que o que fizera era errado. Mas que ficara triste por não poder desfazer. Foi o que ele disse. E que a vida não valia a pena ser vivida. Eu disse a Livvy que ela devia parar de falar com ele. Eu disse que ele era mau. Que ele era venenoso. E ela disse...

As lágrimas voltaram.

− Ela disse que tinha de salvá-lo.

Desta vez, quando Janey entrou pela porta, Hodges anuiu para ela. Janey colocou duas pílulas azuis na boca franzida e desejosa, então lhe deu um gole de suco.

− Obrigada, Livvy.

Hodges vê Janey piscar, então sorrir.

− De nada, querida. - Ela se vira para Hodges. - Acho que devemos ir, Bill.

Ela está muito cansada.

Ele podia ver aquilo, mas ainda relutava em partir. Há um sentimento que se tem quando o interrogatório ainda não terminou. Quando pelo menos mais uma maçã está dependurada da macieira.

− Sra. Wharton, Olivia disse mais alguma coisa sobre Frankie? Porque a senhora está certa. Ele é mau. Eu quero encontrá-lo para que ele não possa ferir mais ninguém.

− Livvy jamais deixaria a chave no carro. Jamais. - Elizabeth Wharton se senta encurvada sob o feixe de sol, um parêntese humano em um roupão azul felpudo, inconsciente de estar sob uma névoa de luz prateada. O dedo se ergue de novo – admoestador. Ela diz, - Aquele cão que tínhamos nunca mais vomitou no tapete de novo. Só aquela vez.

Janey pega a mão de Hodges e murmura, Vamos embora.

Hábitos demoram a morrer, e Hodges fala a velha fórmula enquanto Janey se inclina para beijar primeiro a bochecha da mãe e então o canto da boca seca

− Obrigada pelo seu tempo, Sra. Wharton. A senhora foi muito útil.

Quando chegaram à porta, a Sra. Wharton falou claramente.

− Ela ainda não teria cometido suicídio se não fosse pelos fantasmas.

Hodges se vira. Ao seu lado, Janey Patterson está de olhos arregalados.

− Que fantasmas, Sra. Wharton?

− Um era o bebê, - ela diz. - A pobrezinha que foi morta com todos aqueles outros. Livvy ouviu o bebê aquela noite, chorando e chorando. Ela disse que o nome do bebê era Patricia.

− Na casa dela? Olivia ouviu isto em sua casa?

Elizabeth Wharton consegue dar o mais leve dos acenos, um mero afundar de queixo.

− E às vezes, a mãe. Ela disse que a mãe a acusava.

Ela olha para cima, para ele, de sua curvatura de cadeirante.

− Ela gritava, “Porque você o deixou assassinar meu bebê?” Foi isto que levou Livvy a se matar.

8

É tarde de sexta e as ruas suburbanas estão fervilhando com crianças recém-saídas da escola. Não há muitas na Estrada Harper, mas ainda há algumas, e isto dá a Brady um motivo perfeito para cruzar vagarosamente pelo número sessenta e três e dar uma espiada pela janela. Só que ele não consegue, porque as cortinas estão baixadas. E a cobertura à esquerda da casa está vazia, a não ser pelo cortador de grama. Ao invés de estar sentado em sua casa assistindo a TV, onde deveria estar, o Det./Ref. está zanzando por aí em seu velho Toyota.

Zanzando por onde? Provavelmente não importava, mas a ausência de Hodges deixa Brady vagamente inquieto.

Duas garotas trotam até a curva com dinheiro amassado nas mãos. Elas tinham sido, sem dúvida, ensinadas, tanto na escola quanto em casa, a jamais se aproximarem de desconhecidos, especialmente *homens* desconhecidos, mas quem podia ser menos desconhecido que o bom e velho Sr. Saboroso?

Ele vende uma casquinha de chocolate e uma de baunilha. Ele brinca com elas, pergunta como elas ficaram tão bonitas. Elas riem. A verdade é que uma é feia e a outra pior. Enquanto as serve e dá o troco, ele pensa no Corolla que não está lá, se perguntando se esta mudança na rotina das tardes de Hodges tem algo a ver com ele. Outra mensagem de Hodges no Guarda-Chuva Azul pode lançar dar uma pista, dar uma ideia do que o ex-tira estaria pensando.

Mesmo que não desse, Brady quer notícias dele.

– Não se atreva a me ignorar, - ele diz enquanto os sinos tilintam cantam acima de sua cabeça.

Ele cruza a Rua Hanover, estaciona no mini-shopping, desliga o motor (os sinos irritantes abençoadamente silenciam), e tira seu laptop de debaixo do banco. Ele o mantém em uma capa impermeável porque o caminhão está sempre frio e úmido. Ele o liga e entra no Guarda-Chuva Azul da Debbie, cortesia do wi-fi da cafeteria ao lado.

Nada.

– Seu fodido, - Brady sussurra. - Não se atreva a me ignorar, seu fodido.

Enquanto fecha o case do laptop, vê dois garotos parados ao lado da loja de quadrinhos, falando, olhando para ele e rindo. Com seus cinco anos de experiência, Brady acha que eles são da sexta ou sétima série com um QI combinado de 1 a 20 e um longo futuro de recebimento de seguro desemprego. Ou um futuro curto em algum país deserto qualquer.

Eles se aproximam, o de aparência mais idiota dos dois à frente. Sorrindo, Brady se inclina para fora da janela.

– Posso ajudá-los, garotos?

– Queremos saber se tem Jerry Garcia aí dentro, - O pateta dise.

– Não, - Brady diz, sorrindo mais largamente do que antes, - mas se eu

estivesse com ele, certamente o deixaria ir.

Eles pareciam tão ridiculamente desapontados que Brady quase sorriu. Ao invés, ele aponta para as calças do Pateta.

− Seu zíper está aberto, - ele diz, e quando o Pateta olha para baixo, Brady bate o dedo sob o queixo dele. Com um pouco mais de força do que intencionava... na verdade, muito mais.. mas dane-se.

− Te peguei, - Brady diz, alegremente.

Pateta sorri para mostrar que sim, ele tinha sido pego, mas há uma mancha vermelha logo abaixo de seu pomo de adão e lágrimas de surpresa inundavam seus olhos.

Pateta e o Não-Tão-Pateta assim começaram a se afastar. Pateta olhou por sobre o ombro. Seu lábio inferior faz um bico e agora ele parece um garoto da terceira série ao invés de mais um pré-adolescente que estará badernando os corredores da Escola de Ensino Médio Beal no próximo Setembro.

− Aquilo realmente doeu, - ele diz, com um tipo surpresa.

Brady está bravo consigo mesmo. Um golpe com o dedo forte o bastante para fazer o garoto chorar significa ele contar para alguém. Também significa que o Pateta e o Não-Tão-Pateta se lembrarão dele. Brady podia pedir desculpas, podia dar até rodadas de sorvetes de graça para mostrar sua sinceridade, mas então eles se lembrariam disto. É coisa pequena, mas coisas pequenas se juntam para então formar talvez uma coisa grande.

− Desculpe, - ele diz, com sinceridade. - Eu só estava brincando, filho.

Pateta lhe mostra o dedo do meio, e o Não-Tão Pateta também mostra o seu, para mostrar solidaridade. Eles entram na loja de quadrinhos, onde – se Brady conhece garotos como estes, e ele conhece – serão convidados a comprar ou sair após cinco minutos folheando as revistas.

Eles se lembrarão dele. Pateta pode até contar aos pais, e seus pais poderiam registrar uma queixa contra a empresa Loeb's. Improvável, mas não impossível, e de quem seria a culpa dele ter dado ao pescoço desprotegido do garoto Pateta um golpe forte o bastante para deixar marca, ao invés de só a pegadinha engraçada que ele tinha intenção? O ex-tira tinha tirado o equilíbrio de Brady. Ele estava fazendo-o estragar as coisas, e Brady não gostava de ficar daquele jeito.

Ele liga o motor do caminhão de sorvete. Os sinos começam a soar uma canção do auto-falante no teto. Brady vira à esquerda na Rua Hanover e volta a sua ronda diária, vendendo casquinhas e Happy Boys e Pola Bars, espalhando açúcar pela tarde e obedecendo a todos os limites de velocidade.

9

Embora houvessem muitas vaga para estacionar na Avenida Lake após as sete da noite - como Olivia Trelawney bem sabia – elas eram poucas e esparsas às cinco da tarde, quando Hodges e Janey Patterson voltaram de Sunny Acres. Mas Hodges encontra uma, três sou quatro edifícios abaixo e embora seja pequena (o carro logo atrás da vaga vazia tinha avançado um pouco), ele estaciona o Toyota nela, rapida e facilmente.

− Estou impressionada, - Janey diz. - Eu jamais conseguiria isto. Eu reprovei na baliza duas vezes.

− Você deve ter pego um instrutor exigente demais.

Ela sorri.

− Na terceira vez eu usei uma saia curta, e funcionou.

Pensando no quanto gostaria de vê-la em uma saia curta – quanto mais curta, melhor – Hodges diz:

− Na verdade, não tem segredo. Se voltar em direção à curva em um ângulo de quarenta e cinco graus, não dá para errar. A menos que o carro seja grande demais. Um Toyota é perfeito para estacionar na cidade. Não é como um... - ele para.

− Não é como um Mercedes, - ela finaliza. - Entre e tome um café comigo, Bill. Eu pago o parquímetro.

− Eu pago. De fato, eu vou pagar pelo período longo. Temos muito o que conversar.

− Você conseguiu tirar alguma coisa de minha mãe, não conseguiu? É por isto que ficou tão quieto no caminho de volta.

− Sim. E eu vou lhe contar, mas não é aí que a conversa começa. - Ele a olhava diretamente no rosto agora, e era um rosto fácil de olhar. Cristo, ele desejava ser quinze anos mais novo. Até dez. - Preciso ser honesto com você. Acho que você está com a impressão de que eu vim até aqui procurando um emprego, e não é este o caso.

− Não, - ela diz. - Eu acho que você veio porque se sente culpado sobre o que aconteceu à minha irmã. Eu simplesmente me aproveitei de você. Não me arrependo. Você foi bom com minha mãe. Gentil... muito delicado.

Ela está perto, seus olhos um azul mais escuro sob a luz da noite e muito abertos. Ele a beija antes de conseguir pensar no quão estúpido aquilo era, quão imprudente, e fica surpreso ao vê-la corresponder ao beijo, e até por a mão direita em sua nuca para fazer o contato um pouco mais instenso. Não dura mais que cinco segundos, mas parece muito mais tempo a Hodges, que não beijava assim já fazia um tempo.

Ela se afasta, passa uma mão pelo cabelo, e diz,

− Eu passei a tarde inteira querendo fazer isto. Agora vamos subir. Vou fazer

café e você pode fazer seu relatório.

Mas não houve relatório até muito mais tarde, e não houve café nenhum.

10

Ele a beija novamente no elevador. Desta vez a mão dela trava em seu pescoço, e a dele desliza pelas costas dela até as calças brancas, apalpando-a no traseiro. Ele tem consciência de sua barriga grande demais pressionada contra a barriga lisa dela, e pensa que ela se incomodará, mas quando o elevador se abre, as bochechas dela estão coradas, os olhos brilham e ela mostra todos os pequenos dentes brancos em um sorriso. Ela toma sua mão e o puxa pelo corredor entre o elevador e a porta do apartamento.

− Venha, - ela diz. - Venha, vamos fazer isto, então venha, antes que um de nós apanhe um resfriado.

Não será eu, Hodges pensa. Cada parte dele estava quente.

De início ela não consegue abrir a porta pois a mão que segura a chave treme muito. Ela ri. Ele fecha os dedos sobre os dela, e juntos, eles enfiam a chave na fechadura.

O apartamento onde pela primeira vez ele conhecera a irmã e mãe desta mulher está escuro, porque o sol já batia do outro lado do prédio. O lago tinha escurecido a um cobalto tão profundo que era quase roxo. Não havia barcos, mas ele viu um cargueiro...

− Venha, - ela diz de novo. - Venha, Bill, não me deixe na mão agora.

Então eles entraram em um dos quartos. Ele não sabe se é o de Janey ou aquele que Olivia usava em seus pernoites de quinta, e ele não se importava. A vida daqueles últimos meses – as tardes na frente da TV, as refeições congeladas, o revólver Smith & Wesson do pai – parecem tão distantes que podiam pertencer a um personagem fictício em um entediante filme estrangeiro.

Ela tenta puxar a blusa listrada estilo marinheiro pela cabeça e a enrosca na presilha do cabelo. Ela dá uma risada frustrada e abafada.

− Me ajude com esta maldita coisa, por favor.

Ele corre as mãos pela sua lateral suave – ela dá um pulinho com seu primeiro toque, por dentro da camisa. Ele estica o tecido e puxa. A cabeça dela se liberta. Ela ri até quase ficar sem fôlego. Seu sutiã é simples, de algodão branco. Ele a segura pela cintura e beija entre seus seios enquanto ela desabotoa seu cinto e solta o botão de suas calças. Ele pensa, se eu soubesse que isso poderia acontecer a esta altura da minha vida, eu teria voltado para a academia.

− Por que... - ele começa.

− Oh, cala a boca. - Ela desliza uma mão pela frente dele, puxando o zíper com a palma. As calças dele caem em volta dos sapatos em um ruído de mudança. - Guarde o papo para depois. - Ela acaricia sua ereção através da cueca e a maneja como uma alavanca, fazendo-o ofegar. - É um bom começo. Não broxe comigo, Bill, não se atreva.

Eles caem na cama, Hodges ainda de cuecas boxer, Janey de calcinha de

algodão tão simples quanto seu sutiã. Ele tenta deitá-la de costas, mas ela resiste.

− Você não vai ficar por cima, - ela diz. - Se tiver um ataque cardíaco enquanto estivermos transando, vai me esmagar.

− Se eu tiver um ataque cardíaco enquanto estivermos transando, serei o homem mais frustrado a deixar este mundo.

− Fique quieto. Só fique parado.

Ela enrosca os dedos na lateral das cuecas, enquanto ele espalma seus seios.

− Agora erga as pernas. E mantenha-se ocupado. Use os polegares um pouco, assim.

Ele consegue obedecer a ambos comandos sem problemas; sempre fora um homem de muitas tarefas.

Um momento depois ela olha para ele, um cacho de seu cabelo caído sobre um de seus olhos. Ela estica o lábio inferior e o sopra para afastá-lo.

− Fique parado. Deixa que eu faço tudo. E fique comigo. Não quero ser mandona, mas não faço sexo há dois anos, e a última vez foi horrível. Quero aproveitar. Eu mereço.

O apertado calor escorregadio dela o acolhe em um abraço cálido, e ele não consegue evitar ondular os quadris.

− Fique parado, eu disse. Da próxima vez, poderá mexer o quanto quiser, esta é minha vez.

Era difícil, mas ele faz o que ela diz.

Os cabelos dela caem sobre os olhos de novo, e desta vez ela não consegue usar o lábio inferior para soprá-lo de volta, porque ela está mordiscando-o de um jeito que ele acha que sentirá mais tarde. Ela abre ambas as mãos e esfrega-as rudemente pelos cabelos grisalhos no peito dele, então mais abaixo, ao calombo embaraçoso de seu estômago.

− Eu preciso... perder peso. - ele ofega.

− Você precisa calar a boca, - ela diz, então se move – só um pouco – e fecha os olhos. - Oh, Deus, foi fundo. E bom. Pode se preocupar com sua dieta mais tarde, está bem? - Ela começa a se mover de novo, pausa uma vez para reajustar o ângulo, então entra em um ritmo.

− Não sei quanto tempo eu posso...

− É melhor aguentar. - Os olhos dela continuavam fechados. - É melhor se segurar, Detetive Hodges. Conte números primos. Pense nos livros que gostava quando era criança. Soletre xilofone de trás para frente. Mas fique comigo. Não vou demorar muito.

Ele fica com ela o tempo suficiente.

11

Às vezes quando se sente irritado, Brady Hartsfield refaz a rota de seu maior triunfo. Fazer isto o acalma. Nesta sexta-feira ele não vai para casa após entregar o caminhão de sorvete e fazer a obrigatória piada ou duas com Shirley Orton no escritório da frente. Ao invés disto, ele dirige sua lata-velha até o centro da cidade, não gostando da trepidação da parte dianteira ou do ruído alto demais do motor. Logo ele terá de considerar o custo de um novo carro (um novo carro *usado*) contra o custo dos consertos. E o Honda da mãe precisa ainda mais desesperadamente de conserto do que seu Subaru. Não que ela atualmente dirigisse muito o Honda, o que é bom, considerando a quantidade de tempo ela passava bêbada.

Sua viagem pela ladeira da memória começa na Avenida Lake, ao passar pelas luzes brilhantes do centro, onde a Sra. Trelawney sempre estacionava seu Mercedes às noites de quinta-feira, e segue para a Rua Marlborough até o Centro Municipal. Só que esta noite ele não vai além do condomínio. Ele freia tão subitamente que o carro atrás de si quase bate em sua traseira. O motorista aperta a buzina em uma longa e ultrajada explosão, mas Brady não presta atenção. Bem podia ter sido uma sirene no outro lado do rio.

O motorista desvia dele e avança, baixando a janela do passageiro para gritar *cuzão* a plenos pulmões. Brady não presta a menor atenção a isto também.

Deve haver milhares de Toyota Corollas na cidade, e centenas deles na cor *azul*, mas quantos Toyota Corollas azuis com adesivos no parachoque dizendo APOIE A POLÍCIA LOCAL? Brady aposta que somente um, e o que inferno o ex-tira está fazendo no apartamento da velha? Porque ele está visitando a irmã da Sra. Trelawney, que agora vivia ali?

A resposta parece óbvia: o Detetive (Aposentado) Hodges está caçando.

Brady perde o interesse em reviver seu triunfo do ano passado. Ele faz um retorno ilegal (e totalmente descaracterística) agora se dirigindo à Zona Norte. Dirigindo-se para casa com um único pensamento em sua mente, acendendo e apagando como uma placa de neon.

Seu bastardo. Seu bastardo. Seu bastardo.

As coisas não estavam indo do jeito que deviam. As coisas estavam escapando a seu controle. Não estava certo.

Algo precisava ser feito.

12

Enquanto as estrelas apareciam sobre o lago, Hodges e Janey Patterson se sentam no canto da cozinha, comendo comida chinesa e bebendo chá chinês. Janey está usando um roupão felpudo branco. Hodges está de cueca e camiseta. Quando usara o banheiro após fazerem amor (ela estava enrodilhada no meio da cama, cochilando), ele subiu na balança e ficou deliciado em ver que estava dois quilos mais leve do que a última vez que se pesara. Era um começo.

− Por que eu? - Hodges diz agora. - Não leve a mal, me sinto incrivelmente sortudo, até mesmo abençoado, mas tenho sessenta e dois anos e sou obeso.

Ela beberica o chá.

− Bem, vamos pensar sobre isso, tudo bem? Em um dos antigos filmes de detetive que eu e Ollie costumávamos ver na TV quando éramos crianças, eu seria uma predadora ambiciosa, talvez uma atendente de clube noturno, que tenta encantar o rude e cínico detetive particular com seu corpo bem feito. Só que eu não sou do tipo ambiciosa, nem preciso ser, considerando o fato de ter recentemente herdado muitos milhões de dólares, e meu corpo bem feito já tenha começado a enrugar em diversos locais vitais. Como pode ter notado.

Ele não tinha. O que ele tinha notado é que ela não tinha respondido a questão. Então ele espera.

− Satisfeito?

− Não.

Janey revira os olhos.

− Eu queria poder pensar em um jeito de responder a isto de forma mais gentil do que um "homens são estúpidos" ou mais elegante do que "eu estava com tesão e queria espanar as teias de aranha". Eu não consigo pensar em muita coisa, então vamos ficar com estas. Além disto, eu me sentia atraída por você. Já faz uns trinta anos que não sou mais uma jovem debutante e muito tempo desde minha última transa. Tenho quarenta e quatro, e isto me dá o direito de buscar pelo que eu quero. Não consigo sempre, mas me permito procurar.

Ele a encara, honestamente surpreso. Quarenta e quatro?

Ela explode em riso.

− Sabe o que? Este olhar foi o melhor elogio que me fizeram em um longo, um longo tempo. E o mais honesto. Só este olhar. Então vou pressionar um pouquinho. Quantos anos você achou que eu tinha?

− Talvez quarenta. No máximo. O que me tornaria um papa-anjo.

− Oh, besteira. Se fosse você que tivesse dinheiro ao invés de mim, todo mundo acharia normal ter uma mulher mais nova. Neste caso achariam normal você dormir com uma mulher de vinte e cinco anos. - ela faz uma pausa. - Embora isso seria papar-anjo, na minha humilde opinião.

− Mesmo assim...

− Você é velho, mas não tão velho assim, e você está acima do peso, mas não tanto assim. Mas logo estará se continuar por este caminho. - ela aponta o garfo para ele. - é o tipo de honestidade que uma mulher pode ter após dormir com um homem e ainda gostar dele o bastante para dividir uma refeição com ele. Eu disse que não fazia sexo há dois anos. É verdade, mas sabe quando foi a última vez que fiz sexo com um homem de quem realmente gostava?

Ele negou com a cabeça.

− No colegial. E ele não era um homem, era um garoto do segundo ano com uma grande espinha vermelha na ponta do nariz. Mas ele era doce. Desajeitado e apressadinho. Chegou a chorar no meu ombro depois.

− Então isto não foi só... não sei...

− Uma trepada de agradecimento? Uma trepada por pena? Dê-me um pouco mais de crédito. E eis uma promessa. - Ela se inclina para a frente, o roupão se abre exibindo o vale entre seus seios. - Perca dez quilos e arrisco você por cima.

Ele não pode deixar de rir.

− Foi ótimo, Bill. Não me arrependo, e tenho uma queda por homens grandes. O garoto com a espinha no nariz tinha cerca de cem quilos. Meu ex era um varapau, e eu devia saber que nenhum bem viria dali a primeira vez que o vi. Vamos deixar assim?

− É.

− É. - ela diz, sorrindo e fica em pé. - Vamos para a sala de estar. É hora do seu relatório.

− Ou Velma.

Ele sorri. Havia um clima ótimo, e eles estavam nele.

Ela se inclina para a frente, de novo exibindo aquela excitante visão.

− Faça um perfil deste cara para mim.

− Isto nunca foi meu trabalho. Tínhamos especialistas para isto. Um no departamento e dois no departamento de psicologia da universidade estadual, a disposição como consultores.

− Faça assim mesmo. Eu pesquisei por você no Google, e me pareceu que você era tipo o melhor que havia no departamento de polícia. Zilhões de elogios.

− Eu dei sorte algumas vezes.

Soou como falsa modéstia, mas a sorte realmente desempenhava um grande papel naquilo tudo. Sorte, e estar preparado. Woody Allen estava certo: oitenta por cento do sucesso era apenas estar lá.

− Arrisque, ok? Se você fizer um bom trabalho, talvez revisitemos o quarto. - Ela enruga o nariz para ele. - A menos que você seja velho demais para uma segundinha.

Do jeito que se sentia agora, podia emendar até uma terceirinha. Houvera um bocado de noites celibatárias, que lhe davam uma conta negativa para zerar. Ou assim esperava. Parte dele, uma grande parte, ainda não conseguia acreditar que aquilo não fosse um sonho incrivelmente detalhado.

Ele dá um gole no vinho, rodeando-o na boca, dando-lhe tenho para pensar. O topo do roupão dela está novamente fechado, o que o ajuda a se concentrar.

− Está bem. Ele provavelmente é jovem, para começar. Arrisco entre vinte e trinta e cinco anos. Em parte por causa dos conhecimentos em informática, mas não inteiramente. Quando um cara mais velho assassina um monte de pessoas, os que eles geralmente vão atrás são família, colegas de trabalho, ou ambos. Então ele finaliza botando uma arma contra a própria cabeça. Dá para ver, encontrar uma razão. Um motivo. A esposa o chutou, então veio com uma ordem de restrição. O patrão o demitiu, então o humilhou botando um par de seguranças vigiando-o enquanto ele esvazia o escritório. Contas atrasadas. Dívidas de cartão de crédito. Casa inundada. Carro tomado.

− Mas e os assassinos em série? Aquele cara do Kansas não era de meia-idade?

− Dennis Rader, é. E ele era de meia-idade quando foi preso, mas só tinha trinta e poucos quando começou. Além disto, aqueles foram crimes sexuais. O Sr. Mercedes não é um criminoso sexual, e ele não é um assassino em série no sentido convencional. Ele começou com um monte de mortes, mas desde então ele se concentrou em indivíduos. - primeiro sua irmã, agora eu. E ele não veio atrás da gente com uma arma ou um carro roubado, veio?

− Não ainda, de qualquer forma. - Janey diz.

− Nosso cara é um híbrido, mas ele tem certas coisas em comum com homens jovens que matam. Ele é mais como Lee Malvo , um dos atiradores de Beltway, do que o Rader. Malvo e seu parceiro planejavam matar seis pessoas brancas por dia. Só assassinatos aleatórios. Quem quer que fosse que tivesse o azar de entrar na mira de seus revólveres, morria. Sexo e idade não importava. Eles acabaram matando dez, nada mal para um par de maníacos homicidas. Eles declararam que o motivo foi racial, e com John Allen Muhammad, o parceiro de Malvo, muito mais velho, um tipo de figura paterna, isto podia ser verdade, ou parcialmente verdade. Acho que a motivação de Malvo era muito mais complexa, um monte de coisas misturadas que ele mesmo não entendia. Se pesquisar a fundo, provavelmente descobriria que confusão sexual e repressão foram fatores mais relevantes. Acho que é o mesmo no caso do nosso cara. Ele é jovem. Inteligente. Bom em se misturar, tão bom que muitos de seus conhecidos não percebem que ele é um solitário. Quando for pego, todos dirão, "Não acredito e bla bla bla, ele era sempre tão agradável."

− Como Dexter Morgan naquela série da TV.

Hodges sabe do que ela está falando e nega enfaticamente com a cabeça. Mas não só porque a série seja baboseira da fantasiolândia.

− Dexter sabe porque faz o que faz. Nosso cara não. Ele quase certamente é solteiro. Não tem encontros. Pode ser impotente. Há uma boa chance de que ele ainda viva com a família. Se sim, provavelmente com um só dos pais. Se for o Pai, a relação é fria e distante... navios passando a noite[24]. Se é a Mãe, há uma boa chance do Sr. Mercedes ser o marido substituto. - Ele a vê começar a falar e ergue a mão. - Não significa que tenham relações sexuais.

− Talvez não, mas me diga algo, Bill. Não é preciso dormir com um cara para ter uma relação sexual com ele. Às vezes está no contato visual, nas roupas que você usa quando sabe que ele estará por perto, ou algo que faça com as mãos... tocando, chamando, acariciando, abraçando. Sexo deve sim ter algo a ver com isto. Quero dizer, a carta que ele enviou a você... a coisa sobre usar uma camisinha quando fez o que fez... - ela estremece em seu roupão branco.

− Noventa por cento daquela carta é ruído branco, mas claro, sexo está lá em algum lugar. Sempre está. Também raiva, agressão, solidão, sentimento de inadequação... mas não adianta ficar perdido em coisas assim. Isto não é traçar perfil, é analisar. O que já estava muito além da minha função, mesmo quando eu ainda tinha uma função.

− Está bem...

− Ele é perturbado. - Hodges diz simplesmente. - E é mau. Como uma maçã que parece bem no exterior, mas por dentro está preta e cheia de vermes.

− Mau, - ela diz, quase cantando a palavra. Então, quase para si mesma ao invés de para ele; - É claro que ele é mau. Ele se abateu sobre minha irmã como

um vampiro.

− Ele pode ter um tipo de emprego onde tenha contato com público, porque ele tem uma boa carga superficial de charme. Se sim, provavelmente é um emprego que paga pouco. Ele nunca é promovido porque é incapaz de combinar a inteligência acima da média com concentração a longo prazo. Suas ações sugerem que é uma criatura de impulso e oportunidade. As mortes do Centro Municipal são o exemplo perfeito. Eu acho que ele já tinha visto o Mercedes de sua irmã, mas não acho que ele sabia o que ia realmente fazer com ele até alguns dias antes da feira de emprego. Talvez não soubesse até algumas horas antes. Eu só queria conseguir descobrir como ele o roubou.

Ele se interrompe, pensando que, graças a Jerome, ele tem uma boa ideia de metade disto: a chave reserva estava provavelmente no porta-luvas o tempo inteiro.

− Eu acho que ideias de assassinatos pipocam na mente do cara tão rápido quanto cartas em um embaralhar rápido de um bom jogador. Ele provavelmente já pensou em explodir aviões, iniciar incêndios, metralhar ônibus escolares, envenenar o sistema de água, talvez assassinar o governador ou o presidente.

− Jesus, Bill!

− Neste momento ele está fixado em mim, e isto é bom. Tornará mais fácil pegá-lo. É bom por outra razão também.

− Que é...?

− Prefiro mantê-lo pensando pequeno. Mantê-lo concentrado no um-a-um. Quanto mais tempo ele passar fazendo isto, mais tempo levará para ele decidir desencadear outro show de horrores como aquele no Centro Municipal ou talvez em maior escala. Sabe o que me assusta? Ele provavelmente já tem uma lista de alvos em potencial.

− Ele não disse na carta que não tinha vontade de fazer de novo?

Ele sorri. O sorriso ilumina seu rosto inteiro.

− É, ele disse. E sabe como descobrir quando caras como ele estão mentindo? Basta seus lábios estarem se movendo. Só que no caso do Sr. Mercedes, ele escreve palavras.

− Ou se comunica com seus alvos no site Guarda-Chuva Azul. Como fez com Ollie.

− É.

− Vamos assumir que ele teve sucesso com ela porque ela era psicologicamente frágil... me perdoe, Bill, mas ele tinha motivo para acreditar que poderia ter sucesso com você pelo mesmo motivo?

Ele olha para sua taça de vinho e vê que está vazia. Ele começa a se servir de outra taça, pensa o efeito que pode ter sobre um retorno bem sucedido ao quarto, e só serve um golinho.

− Bill?

– Talvez, - ele diz. - Desde minha aposentadoria, eu estive à deriva. Mas não estou tão perdido quanto sua irmã... - Não mais, pelo menos. - e isto não é o mais importante. Não é a razão de ser das cartas, e das conversas no Guarda-Chuva Azul.

– Então o que é?

– Ele tem me observado. Este é a razão de ser. Isto o torna vulnerável. Infelizmente, também o torna perigoso para meus conhecidos. Não acho que ele saiba que tenho falado com você...

– Um pouco mais do que falado, - ela diz, erguendo as sobrancelhas como Groucho Marx.

– Mas ele sabe que Olivia tinha uma irmã, e temos de assumir que ele sabe que você está na cidade. Precisa começar a ser super-cuidadosa. Assegurar-se de que suas portas estão trancadas quando estiver aqui...

– Eu sempre faço isto.

– E não acreditar no que ouvir no interfone. Qualquer um pode dizer que é de um serviço de entregas e que precisa de assinatura. Visualmente identifique todos os visitantes antes de abrir a porta. Fique atenta aos arredores aonde quer que vá. - Ele se inclina para a frente, o gole de vinho intocado. Ele não o quer mais. - Pense grande aqui, Janey. Quando você *estiver* lá fora, fique de olho no trânsito. Não só quando estiver dirigindo, mas quando estiver a pé. Conhece o termo BOLO[25]?

– Linguajar policial para estar à procura.

– Exatamente. Quando estiver fora, vai estar BOLO de qualquer veículo que pareça estar sempre reaparecendo nas proximidades imediatas de onde estiver.

– Como aquele SUV preto da senhora, - ela diz, sorrindo, - Sra. SeiLaQuem.

Sra. Melbourne. Pensar nela coçou algum obscuro interruptor de associação no fundo da mente de Hodges, mas se foi antes dele sequer conseguir rastreá-lo, quanto mais coçá-lo.

Jerome também precisará ficar vigilante. Se o Sr. Mercedes estiver cruzando frequentemente pela casa de Hodges, deve ter visto Jerome cortando sua grama, colocando telas, limpando as calhas. Tanto Jerome quanto Janey provavelmente estavam seguros, mas “provavelmente” não era suficiente. O Sr. Mercedes é uma bomba de homicício aleatório, e Hodges tinha um curso de provocação deliberada em mente .

Janey lê sua mente.

– E ainda assim você está... como você chama? Ludibriando-o?

– É. E muito brevemente vou roubar um tempinho de seu computador para ludibriá-lo um pouco mais. Tenho uma mensagem já composta, mas estou pensando em adicionar algo. Meu parceiro resolveu um grande caso hoje, e há um jeito de eu conseguir usar esta informação.

– Que caso?

Não havia motivo para não contar a ela; estaria nos jornais amanhã, no máximo domingo.

− Turnpike Joe.

− O que matava mulheres nas áreas de descanso das rodovias? - e quando ele anuiu: - ele se encaixa em seu perfil de Sr. Mercedes?

− De jeito nenhum. Mas não há motivo para nosso cara saber disto.

− O que pretende fazer?

Hodges conta a ela.

14

Eles não precisam esperar pelos jornais do dia seguinte; a notícia de que Donald Davis, já suspeito do assassinato da esposa, tinha também confessado os assassinatos Turnpike Joe passou no jornal das onze. Hodges e Janey o assistiram na cama. Para Hodges, a segundinha tinha sido extenuante, mas sublimemente satisfatória. Ele ainda estava sem fôlego, suado e precisando de um banho, mas já fazia um longo, longo tempo desde que não se sentia tão feliz. Tão *completo.*

Quando o âncora passou para o cachorrinho preso em um cano, Janey usou o controle remoto para desligar a TV.

Está bem, pode funcionar. Mas *Deus*, é arriscado.

- Ele dá de ombros,

- Sem os recursos policiais para contar, é a melhor chance de avanço que tenho. - E está bem para ele, porque é deste jeito que ele *quer* avançar.

Ele pensa brevemente na arma improvisada, mas muito eficiente, que mantem em sua gaveta do armário, a meia argyle cheia de rolamentos de esferas. Ele imagina como seria satisfatório usar o Happy Slapper no filho da puta que usou um dos sedans de passageiro mais pesados do mundo, para passar por cima de pessoas indefesas. Aquilo provavelmente não acontecerá, mas é possível. No melhor (e pior) dos mundos, a maior parte das coisas eram.

- O que apreendeu do que minha mãe disse no final? Sobre Olivia estar ouvindo fantasmas?

- Preciso pensar mais um pouco sobre isto, - Hodges diz, mas ele já tinha pensado, e se estivesse certo, podia ter outro caminho para levar ao Sr. Mercedes. Por medo das consequências**,** ele não envolveria Jerome Robinson ainda mais do que já tinha envovido, mas se fosse investigar o que a Sra. Wharton tinha dito no final, ele talvez tivesse que fazê-lo. Ele conhecia meia dúzia de tiras com os conhecimentos em computadores que Jerome tinha e não podia ligar para nenhum deles.

Fantasmas, ele pensa. Fantasmas na máquina.

Ele se senta e põe os pés no chão.

- Se eu ainda estiver convidado para dormir aqui, o que preciso agora é de uma ducha.

- Você está. - ela se inclina e dá um cheiro na lateral do pescoço dele, sua mão levemente pousada no antebraço dele dando-lhe um arrepio agradável. - E você certamente precisa.

Quando ele termina o banho e volta a colocar as cuecas, pede a ela para ligar o computador. Então, com ela sentada ao seu lado e olhando-o atentamente, ele desliza para Sob o Guarda-Chuva Azul da Debbie e deixa uma mensagem para o **merckill**. Quinze minutos depois, e com Janey Patterson aninhada bem junto a

ele, ele dorme... e tão bem quanto não dormia desde a infância.

15

Quando Brady chega em casa após várias horas de vagar sem rumo, é tarde e há um recado na porta dos fundos: *onde está, amorzinho? Há lasanha caseira no forno*. Ele só tem de olhar para a letra frouxa e confusa para saber que ela devia estar seriamente bêbada ao escrevê-lo. Ele tira o bilhete e entra na casa.

Geralmente ele verifica como ela está assim que entra, mas desta vez, sente cheiro de fumaça e corre para a cozinha, onde uma fumaça azul flutua no ar. Graças a Deus o detector de fumaça lá está quebrado (ele vive dizendo que tem de substituí-lo e vive esquecendo, pois há muitos outros peixes a fritar). Graças também ao poderoso exaustor que tinha sugado fumaça suficiente para evitar que o resto dos detectores de fumaça da casa fossem acionados, embora eles logo fossem disparar se não entrasse ar novo. O forno estava em duzentos e cinquenta graus. Ele o desliga. Abre as janelas acima da pia, então a porta dos fundos. Há um ventilador de chão na despensa onde eles mantém os equipamentos de limpeza. Ele o liga de frente para o forno, na velocidade máxima.

Feito isto, ele finalmente vai até a sala de estar e verifica a mãe. Ela está desmaiada no sofá, usando um vestido caseiro que está aberto e franzida das coxas para baixo, ronchando tão alto e firmemente que soa como uma serra elétrica. Ele desvia os olhos e volta para a cozinha, murmurando *porra-porra-porra-porra* sob o fôlego.

Se senta à mesa de cabeça baixa, as palmas das mãos contornando as têmporas, e seus dedos enfiados profundamente nos cabelos. Por que as coisas, quando começavam a dar errado, *continuavam* a dar errado? Ele se pega pensando no slogan do Sal de Morton: “Quando chove, ele jorra.”

Depois de cinco minutos de ventilação, ele arrisca abrir o forno. Ao observar o calombo preto e fumacento lá dentro, o pouco de fome que ele podia estar sentindo a caminho de casa, desapareceu. Lavar não limparia aquela forma. Uma hora de fervura e um pacote inteiro de Bombril não limpariam aquela forma; um laser industrial provavelmente não limparia aquela forma. Aquela forma estava perdida. A única sorte era não ter chegado em casa para achar todo o corpo de bombeiros aqui e sua mãe oferecendo a eles doses de vodka.

Ele fecha o forno, ele não quer mais olhar para aquela fusão nuclear, e volta à sala para ver a mãe. Mesmo enquanto seus olhos corriam as pernas dela, ele pensava “Teria sido melhor se ela *tivesse* morrido. Melhor para ela e melhor para mim.”

Ele desce, usando os comandos de voz para ligar as luzes e a série de computadores. Ele vai até o Número Três, centraliza o cursor no ícone do Guarda-Chuva Azul... e hesita. Não por ter medo de não ter uma mensagem do

ex-tira, mas por temer que haja uma. Se houvesse, não devia ser nada que ele gostaria ler. Não do jeito que as coisas estavam indo. Sua cabeça já estava fodida, então porque fodê-la ainda mais?

Só que talvez pudesse haver uma resposta para o que o tira estava fazendo no edifício da Avenida Lake. Ele andava interrogando a irmã de Olivia Trelawney? Provavelmente. Com sessenta e dois anos, ele certamente não estava comendo ela.

Brady clica o mouse, e claro:

kermitfrog19 quer conversar com você!
Quer conversar com kermitfrog19?
SN

Brady pousa o cursor sobre o N e circula a traseira arredondada do mouse com a almofada do indicador. Desafiando a si mesmo a apertá-lo e finalizar esta coisa bem aqui bem agora. É óbvio que ele não conseguirá levar o ex-tira gordo a se suicidar do jeito que tinha feito com a Sra. Trelawney, então porque não? Não era a coisa mais inteligente?

Mas ele tinha de saber.

Mais importante, o Det./Ref. Não pode vencer.

Ele move o cursor para o S, clica e a mensagem, um tanto longa desta vez, aparece na tela.

Se não é o meu amigo da confissão falsa de novo. Eu não devia nem responder, caras como você são perda de tempo, mas como você apontou, estou aposentado e mesmo falar com um maluco é melhor do que assistir o Dr. Phil e aqueles infomerciais de fim de noite. Mais um comercial de 30 minutos de OxiClean e eu estarei tão louco quanto você, HAHAHA. Além disto, te devo agradecimentos por ter me apresentado este site, o qual de outra forma não conheceria. Eu já fiz 3 novos (e nada loucos) amigos. Um é uma senhora com uma boca deliciosamente suja!!! Então, está bem, meu "amigo", deixe-me te atualizar.

Primeiro, qualquer um que assista ao CSI poderia concluir que o Mercedes Assassino usava uma rede de cabelo e usou água sanitária na máscara de palhaço. Quero dizer, DÃ!

Segundo, se você fosse realmente o cara que roubou o Mercedes da Sra. Trelawney, teria mencionado a chave valet. É algo que não poderia ter concluído a partir dos

episódios de CSI. Então, arriscando-me a ser repetitivo, DÃ!
:-)
Terceiro (espero que esteja anotando), recebi um telefonema de meu antigo parceiro hoje. Ele pegou um cara mau, um que se especializou em confissões VERDADEIRAS. Assista ao jornais, meu amigo, e então adivinhe o que mais o cara vai confessar, mais ou menos na próxima semana.
Tenha uma boa noite, e a propósito, porque não vai incomodar a outra pessoa com suas fantasias?

Brady vagamente lembra um personagem de desenho animado, talvez Foghorn Leghorn, o grande galo com sotaque sulista, que ficava tão bravo que primeiro seu pescoço e então sua cabeça se tornava um termômetro com a temperatura subindo de ASSADO para TORRADO para EXPLOSÃO NUCLEAR. Brady quase podia sentir aquilo acontecendo a ele enquanto lê esta postagem arrogante, insultante e enfurecedora.

Chave valet?

Chave valet?

De que está falando? - ele diz, sua voz em algum lugar entre um sussurro e um gemido. - O que caralho você está *falando*?

Ele tinha tido até a audácia de adicionar um smiley!

Um *smiley!*

Brady chuta a cadeira, machucando os dedos e mandando-a rolando para outro lado do cômodo, onde bateu na parede. Então ele volta e vai de novo ao seu computador Número Três, encurvando-se sobre ele como um urubu. Seu primeiro impulso é responder imediatamente, chamar o fodido do tira de mentiroso, um idiota com Alzheimer precoce engatilhado pela gordura, um pederasta que chupava o pau de seu negrinho do jardim. Então algum resquício de racionalidade, frágil e ondulante, se faz presente. Ele pega sua cadeira de volta e acessa o site do jornal da cidade. Ele não tem nem mesmo de clicar em NOTÍCIAS DA HORA para ver o que Hodges tinha se vangloriado; está bem ali na primeira página do jornal do dia seguinte.

Brady segue as notícias criminais assiduamente, e conhece tanto o nome de Donald Davis quanto suas feições chamosamente cinzeladas. Ele sabe que os tiras vinham perseguindo Davis pelo assassinato de sua esposa, e Brady não tinha dúvida de que o homem tinha feito. Agora o idiota tinha confessado, mas não só *o assassinato dela*. De acordo com a matéria do jornal, Davis tinha também confessado os assassinatos e estupros de mais *cinco* mulheres. Resumindo, ele declarava ser o Turnpike Joe.

De início, Brady não consegue conectar isto com a mensagem prepotente do ex-tira gordo. Então lhe ocorre em um sinistro jorro de inspiração: enquanto estiver confessando seus crimes, Donnie Davis também pode assumir o Massacre do Centro Municipal. Pode ser até que já tenha confessado.

Brady rodopia em volta como um derviche[26]... uma, duas, três vezes. Sua cabeça está se partindo. Sua pulsação trombeja no peito, no pescoço, têmporas. Ele podia até senti-la na língua e gengivas.

Terá Davis dito algo sobre chave valet? Foi assim que o assunto surgiu?

Não *havia* nenhuma chave valet. - Brady diz... só que, como ele podia ter certeza disto? E se houvesse? E *se houvesse*... se eles jogassem isso em Donald Davis e tirassem de Brady Hartsfield seu grande triunfo... depois de todos os *riscos* que ele assumiu.

Ele não podia mais se conter. Se senta diante do Número Três de novo e escreve uma mensagem a **kermitfrog19**. Uma curta, mas suas mãos tremem tanto que lhe toma quase cinco minutos. Ele a envia tão logo termina, sem se incomodar em reler.

> **Você é cheio de merda, seu cuzão. Está bem, a chave não estava na ignição mas não havia nenhuma CHAVE VALET. Havia uma chave reserva no porta-luvas, e como eu destranqrei o carro É OBRIGAÇÃO SUA DESCOBRIR, SEU FODIDO. Donald Davis não cometeu este crime. Repito. DONALD DAVIUS NÃO COMETEU ESTE CRIME. Se disser às pessoas que foi ele eu te mato embora não fosse grande coisa, fodido como você é.**
> **Assinado,**
> **O VERDADEIRO Mercedes Assassino.**
> **Ps: sua mãe era uma puta, ela tomava no cu & lambia a porra das sarjetas.**

Brady desliga o computador e sobe, deixando a mãe a roncar no sofá ao invés de ajudá-la a ir para a cama. Ele toma três aspirinas, pega mais uma, então se deita na própria cama, de olhos abertos e trêmulo, até os primeiros raios de luz do sol se erguerem do Leste. Por fim ele apaga por duas horas, sono inquieto, leve e cheio de pesadelos.

16

Hodges está fazendo ovos mexidos quando Janey aparece na cozinha, na manhã de sábado em seu roupão branco, cabelos úmidos da ducha. Com eles penteados para trás de seu rosto, ela parece mais jovem do que nunca. Ele pensa de novo. Quarenta e *quatro*?

− Eu procurei por bacon, mas não achei. É claro que ainda pode ter. Minha ex diz que a maioria dos homens americanos sofrem da doença da Cegueira de Refrigerador. Não sei se há cura para isto.

Ela aponta para a prateleira do meio.

− Está bem, - ele diz. E também porque ela parece gostar; - É.

− E, a propósito, como vai o seu colesterol?

Ele sorri e diz.

− Torrada? É integral. Como você deve saber, já que foi você quem comprou.

− Uma fatia. Sem manteiga, só um pouco de geléia. O que vai fazer hoje?

− Ainda não sei. - embora ele estivesse pensando que gostaria de conversar com Radney Peeples lá em Sugar Heights e ver se ele estava em seu papel de ser Vigia. E ele precisava falar com Jerome sobre computadores. Possibilidades ilimitadas ali.

− Você checou o Guarda-Chuva Azul?

− Queria fazer primeiro o café para nós. - é verdade. Ele acordou na verdade querendo alimentar seu corpo ao invés de tentar fazer um buraco na cabeça. - Também, eu não sei sua senha.

− É Janey.

− Meu conselho? Troque. Na verdade é o conselho do garoto que trabalha para mim.

− Jerome, certo?

− O próprio.

Ele fez cerca de uma dúzia de ovos mexidos e eles comem todos, metade para cada um. Passou pela sua cabeça perguntar a ela se tinha se arrependido da noite passada, mas decide que o jeito que ela devorou o café-da-manhã respondia à pergunta.

Com os pratos na pia, eles vão até o computador e sentam-se silenciosamente por quase quatro minutos, lendo e relendo a última mensagem do **merckill**.

− Puta merda, - ela diz, por fim. - Você queria provocá-lo, e acho que conseguiu. Vê todos os erros? - ela aponta para portla-luvas e destranqrei. - Será parte do seu, como é que você chama?, máscara estilística?

− Eu acho que não, - Hodges está olhando para os erros na mensagem e sorria. Não podia evitar sorrir. O peixe estava sentindo o anzol, e afundando bem fundo. Dói. Queima. - Acho que é o tipo de coisa que você digita quando está

bravo pra caralho. A última coisa que ele esperava era ter um problema de credibilidade. Está deixando-o louco.

− Mais, - ela diz.

− Huh?

− Mais louco. Envie outra mensagem a ele, Bill. Cutuque-o mais. Ele merece.

− Está bem. - ele pensa, então digita.

17

Quando ele está vestido, ela desce para o saguão com ele e o puxa para um beijo demorado no elevador.

− Ainda não acredito que a noite passada foi real, - ele lhe diz.

− Oh, foi real. E se você jogar suas cartas direitinho, pode acontecer de novo. - Ela perscruta seu rosto com aqueles olhos azuis dela. - Mas sem promessas de compromisso a longo prazo, está bem? Vamos deixar acontecer. Um dia de cada vez.

− Na minha idade, eu levo tudo deste jeito. - As portas do elevador se abrem. Ele entra.

− Mantenha contato, cowboy.

− Manterei. - as portas do elevador começam a fechar. Ele barra com a mão. - E se lembre de manter-se BOLO, cowgirl.

Ela anui solenemente, mas ele não perde a piscada em seu olho. - Janey ficará BOLO para caralho.

− Mantenha o celular à mão, e é melhor programar o número da emergência na discagem rápida.

Ele baixa a mão. Ela lhe sopra um beijo. As portas rolam e se fecham antes dele conseguir retribuir.

Seu carro está no lugar onde ele deixara, mas o parquímetro deve ter virado antes do início do período gratuito, porque havia uma multa enfiada embaixo do limpador de para-brisa. Ele abre o porta-luvas, enfia a multa lá, e pega o celular. Ele é bom em aconselhar Janey algo que ele mesmo não faz, desde que se aposentara, ele sempre se esquecia do maldito Nokia, que era bem pré-histórico, como todo os celulares. Atualmente quase ninguém ligava mesmo para ele, mas nesta manhã ele tinha três mensagens, todas de Jerome. A segunda e terceira... uma as nove e quarenta da noite passada, outra as dez e quarenta e cinco... são questionamentos impacientes sobre onde ele está e porque não retorna as ligações. Estão na voz normal de Jerome. A primeira mensagem, deixada as seis e meia da tarde de ontem, começa com sua exuberante voz de Tyrone Feelgood Delight.

− Sinhôzim Hodges, onde tá? Preciso falá cum o sinhô - então se torna Jerome de novo. - Eu acho que sei como ele fez. Como ele roubou o carro. Me ligue.

Hodges olha as horas e decide que Jerome provavelmente ainda não tinha acordado, não em uma manhã de sábado. Ele decide dirigir até lá, com uma parada em sua casa primeiro para pegar suas anotações. Ele liga o rádio, sintoniza em Bob Seger cantando “Old Time Rock and Roll”, e canta junto: take those old records off the shelf.

18

Era um tempo mais simples antes dos aplicativos, iPads, Samsung Galaxies, e a internet mais rápida do mundo 4G, os finais de semana eram os dias mais ocupados da semana no Discount Electronix. Agora a criançada que costumava vir aqui comprar Cds ficam em casa fazendo download da discografia do Vampire Weekend no iTunes, enquanto seus pais navegam no eBay ou assistem aos programas de TV que perderam no Hulu.

Esta manhã de sábado no Shopping Birch Hill Mall, a DE está deserta.

Tones está lá na frente, tentando vender para uma senhora uma HDTV que já está obsoleta. Freddi Linklatter está nos fundos, fumando Marlboro Reds um atrás do outro e provavelmente ensaiando seus últimos discursos de direitos homossexuais. Brady está sentado em um dos computadores na fileira do fundo, um Vizio ancestral configurado para não deixar históricos de navegação ou digitação. Ele olha para a última mensagem de Hodges. Um olho, seu esquerdo, tinha iniciado um rápido e irregular tique.

Pare de mexer com minha mãe, ok? :-) Não é culpa dela que você tenha sido pego em meio a um monte de mentiras estúpidas. Pegou a chave no porta-luvas, não pegou? Tudo bem, já que Olivia Trelawney tinha as duas. A que faltava era a chave valet. Ela mantinha-a em uma caixinha magnética sob o parachoque traseiro. O VERDADEIRO Mercedes Assassino forçosamente a usou.

Eu acho que chega de responder a você, cuzão. Seu quociente de diversão está atualmente beirando zero, e eu sei de fonte segura que Donald Davis está para confessar os assassinatos do Centro Municipal. O que te deixa onde? Só vivendo em sua entediante vida de merda, eu acho. Uma outra coisa antes de eu fechar esta correspondência encantadora. Você ameaçou me matar. É um crime grave, mas sabe o que? Não me importa. Camarada, você é só mais um franguinho de merda de um cuzão. A internet está cheia deles. Q uer vir a minha casa (eu sei que sabe onde moro) e fazê-lo pessoalmente? Não? Achei mesmo que não. Deixe-me terminar com duas palavras tão simples que mesmo um merda como você srá capaz de entender.

Desapareça.

A ira de Brady é tão grande que se sente congelado no lugar. Ele também continua queimando. Ele pensa que ficará deste jeito, encurvado sobre o Vizio de merda ridiculamente posto a venda por oitenta e sete dólares e oitenta e sete centavos, até morrer congelado ou explodir em chamas ou de alguma forma fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

Mas quando uma sombra se ergue na parede, Brady descobre que, afinal consegue se mover. Ele clica para sair da mensagem do ex-tira gordo bem antes de Freddi se abaixar para espiar a tela.

- O que está olhando, Brades? Apressou-se a esconder, seja lá o que for.

- Um documentário do *National Geographic*. Chamado *Quando lésbicas atacam*.

- Seu humor, - ela diz, - podia ser excedido pela sua contagem de esperma, mas eu acho que não.

Tones Frobisher se junta a eles.

- Temos um chamado de Edgemont, - ele diz. - Qual de vocês quer atender?

Freddi diz,

- Dada a chance entre um chamado em Hillbilly Heaven e ter uma marmota enfiada no meu cu, eu escolho a marmota.

- Eu vou. - Brady diz. Ele decidira que tinha de fazer algo . Não dava para segurar.

19

A irmãzinha de Jerome e algumas amigas estão pulando corda na entrada da casa dos Robinson quando Hodges chega. Todas usam camisetas brilhantes com fotos de uma banda de garotos. Ele cruza o gramado, a pasta do caso em uma mão. Barbara se aproxima o suficiente para cumprimentar, então corre para pegar de novo a ponta da corda. Jerome, vestido em shorts e uma camiseta da Faculdade Municipal da qual arrancara as mangas, está sentando nos degraus da varanda, bebendo suco de laranja. Odell está ao seu lado. Ele diz a Hodges que os pais foram para Krogering e ele tem de ficar cuidando da irmã até eles voltarem.

− Não que ela precise de babá. Ela é muito mais independente do que nossos pais pensam.

Hodges se senta ao lado dele.

− Não corra riscos. Acredite em mim, Jerome.

− Como assim?

− Me diga primeiro porque ligou.

Ao invés de responder, Jerome aponta para o carro de Hodges, estacionado na curva de modo a não atrapalhar a brincadeira das garotas.

− De que ano é aquele carro?

− 2004. Não é de parar o trânsito, mas tinha baixa quilometragem. Quer comprá-lo?

− Eu passo. Você o trancou?

− É. - mesmo que aquela fosse uma boa vizinhança e estivesse sentado olhando-o. Força do hábito.

− Me dê sua chave.

Hodges procura em seu bolso e a entrega a ele. Jerome examina o dispositivo e anui.

− PKE, - ele diz. - Começou a ser usado durante a década de noventa, primeiro como um acessório, mas muito mais como um equipamento padrão desde a virada do século. Sabe o que significa?

Como detetive chefe do Massacre do Centro Municipal (e interrogador frequente de Olivia Trelawney), Hodges certamente sabia.

− Entrada Sem-Chaves Passiva.

− Certo. - Jerome aperta um dos dois botões no dispositivo. Na curva, as luzes de estacionamento do Toyota Hodges piscam rapidamente. - Agora está aberto. - Ele aperta outro botão. As luzes piscam de novo. - Agora está fechado. E você está com a chave. - Ele a coloca na mão de Hodges. - Tudo certo e seguro, certo?

− Baseado nesta discussão, talvez não.

− Eu conheço uns caras da faculdade que tem um clube de informática. Não

vou lhe dar os nomes deles, então não peça.

− Nem pensaria nisto.

− Eles não são caras maus, mas conhecem uns truques ilegais... hacking, clonagem, roubo de informações, coisas assim. Eles me dizem que os sistemas PKE são basicamente uma licença para roubar. Quando você aperta o botão para trancar ou destrancar seu carro, o aparelho emite um sinal de radio de baixa frequência. Um código. Se pudesse ouvi-lo, soaria mais ou menos como um sinal de fax. Entende?

− Até agora sim.

Na entrada da casa, as garotas cantam Sally-in-the-alley enquanto Barbara Robinson corre desafiadoramente para dentro e para fora do arco da corda que gira, suas pernas fortes bronzeadas aparecendo e as trancinhas balançando.

− Meus camaradas dizem que é fácil capturar este código, se tiver o dispositivo certo. Dá para modificar um controle de porta de garagem, ou um controle remoto de TV para isto, só que com algo assim, precisaria estar muito próximo. Mais ou menos 18 metros. Mas também é possível construir um, mais poderoso. Todos os componentes podem ser comprado nas lojinhas de eletrônicos da vizinhança. Custo total, cerca de cem dólares. Alcance acima de 18 metros. Vigia-se o motorista até que saia com o veículo alvo. Quando ele apertar o botão para travar o carro, você aperta o seu botão. Seu dispositivo captura o sinal e o armazena. Ele se afasta, e quando ele desaparecer, você aperta seu botão de novo. O carro destranca, e você está dentro.

Hodges olha para sua chave, então para Jerome.

− Isto funciona mesmo?

− Sim, funciona. Meu amigo diz que está mais difícil atualmente... pois os fabricantes modificaram o sistema para que o sinal mude cada vez que o botão seja apertado... mas não é impossível. Qualquer sistema criado pela mente de um homem pode ser hackeado pela mente do homem, entende?

Hodges mal o ouvia, quanto menos entendia. Ele pensava no Sr. Mercedes antes dele se tornar o Sr. Mercedes. Ele pode ter comprado um dos dispositivos desses que Jerome falou, mas é provável que ele mesmo o teria construído. E será que o Mercedes da Sra. Trelawney foi o primeiro carro no qual ele o usou? Improvável.

Tenho de checar roubos de carros no centro, ele pensa. Começando... digamos em 2007 e nos anos segintes até a primavera de 2009.

Ele tinha uma amiga no setor de arquivo, Marlo Everett, que lhe devia uma. Hodges tinha certeza que Marlo faria um levantamento não-oficial sem fazer muitas perguntas. E se ela aparecesse com muitos relatórios onde os investigadores concluíam que “o denunciante esqueceram de trancar o veículo,” ele saberá.

Em seu coração, ele já sabe.

− Sr. Hodges? - Jerome está olhando para ele um pouco incertamente.

− O que é, Jerome?

− Quando você trabalhava no caso do Centro Municipal, você não verificou essa coisa do PKE com os policiais peritos em automóveis? Digo, eles devem saber sobre isto. Não é novidade. Meus amigos dizem até que tem um nome: roubar o sinal.

− Nós conversamos com o mecânico chefe da concessionária Mercedes, e ele nos disse que uma chave havia sido usada. - Hodges diz. Aos seus próprios ouvidos, os sons da resposta pareciam fracos e na defensiva. Pior: incompetentes. O que o mecânico tinha feito (o que eles todos fazem) era assumir que uma chave havia sido usada. Uma deixada na ignição por uma senhora confusa e esquecida de quem nenhum deles gostava.

Jerome lhe dá um sorriso cínico que parece estranho e fora do lugar em seu rosto jovem.

− É o tipo de coisa que pessoas que trabalham em concessionárias não revelam, Sr. Hodges. Eles não mente, na verdade, eles só omitem até das suas próprias mentes. Como o modo como o airbag pode salvar sua vida, mas também podem levar seus óculos a atravessar os olhos, te deixando cego. As enormes taxas de capotamento de alguns SUVs. Ou o quão fácil é roupar um sinal de PKE. Mas eles devem ter relatado, certo? Digo, eles devem!

A verdade nua e crua é que Hodges não sabia. Ele devia saber, mas não sabia. Ele e Pete estavam em campo quase que constantemente, trabalhando em turnos duplos e dormindo, quando muito, cinco horas por semana. A papelada se empilhava. Se houvesse um memorando da concessionária, provavelmente tinha sido arquivado em algum lugar. Ele não arriscaria a perguntar a seu parceiro sobre aquilo, mas percebia que talvez tivesse de contar tudo a Pete logo. Isto é, se e não conseguisse descobrir tudo sozinho.

Enquanto isto, Jerome precisa saber de tudo. Porque o cara com quem Hodges está lidando é louco.

Barbara aparece correndo, suada e sem fôlego.

− Jay, posso ir com Hilda e Tonya assistir ao Regular Show?

− Claro, - Jerome diz.

Ela joga os braços ao redor dele e pressiona a bochecha contra a dele. - você nos faz panquecas, meu querido irmão?

− Não.

Ela para de abraçá-lo e se afasta.

− Você é mau. E preguiçoso.

− Por que não vai até o Zoney's comprar uns Eggos?

− Não tenho dinheiro.

Jerome tira do bolso uma nota de cinco. Isso lhe faz merecer mais um abraço.

− Ainda sou mau?

− Não, você é bom! O melhor irmão do mundo!

− Você não pode ir sozinha. - Jerome diz.

− E leve Odell, - Hodges diz.

Barbara ri.

− Sempre levavamos Odell.

Hodges observa as garotas saltitarem pela calçada com suas camisetas combinando (falando dois quilômetros por minuto e puxando a guia de Odell para frente e para trás), com uma sensação de inquietude. Ele não poderia colocar a família Robinson de quarentena, mas aquelas três garotas pareciam tão pequenas.

− Jerome? Se alguém tentar mexer com elas, acha que Odell...?

− As protegeria? - Jerome está sério agora. - Com sua vida, Sr. H. com a vida dele. O que tem em mente?

− Posso continuar a contar com sua discrição?

− *Sim sinhô!*

− Está bem, vou te contar um monte de coisas. Mas em retorno, tem de prometer me chamar de Bill de agora em diante.

Jerome pensa um pouco.

− Vai levar um tempo até eu me acostumar, mas está bem.

Hodges lhe conta quase tudo (ele omite onde passara a noite), ocasionalmente consultando suas anotações no bloco. Quando ele termina, Barbara e suas amigas retornavam do GoMart, jogando uma caixa de Eggos para frente e para trás e rindo. Elas entram e comem o lanchinho da manhã na frente da televisão.

Hodges e Jerome permanecem sentados nos degraus do pórtico e falam sobre fantasmas.

20

A avenida Edgemont parecia uma zona de guerra, mas pelo menos, por estar ao sul de Lowbriar, era na maioria uma zona de guerra *branca*, populada pelos descendentes dos lavradores sulistas do Kentucky e Tenessee que migraram para cá para trabalhar nas fábricas após a Segunda Guerra Mundial. Agora as fábricas estão fechadas, e uma grande parte da população consiste em viciados em drogas que mudaram para heroína marrom quando o Oxy ficou caro demais. Edgemont está cheio de bares, lojas de penhores, e agiotas, todos silenciosos nesta manhã de sábado. As únicas lojas abertas para negócio era uma Zoney's e o local do chamado de Brady, a Padaria Batool's.

Brady estaciona em frente, onde pode ver se alguém tentar arrombar o Beetle da Patrulha Cibernética, e carrega sua caixa de ferramentas para dentro do ambiente cheiroso. A bolota de gordura atrás do balcão discute com um cliente que balança um Visa na mão e aponta para o cartaz que diz SÓ A VISTA ATÉ O CONSERTO DO COMPUTADOR.

O computador do garoto paki[27] sofre o temido travamento de tela. Enquanto continua a monitorar o Beetle em intervalos de trinta segundos, Brady conserta o erro da Tela Travada, que consiste em apertar *alt, ctrl,* e *del* ao mesmo tempo. Isto inicia o Gerenciador de Tarefas, e Brady logo vê que o programa Explorer está no momento listado como não responsivo.

- É grave? - o garoto paki pergunta ansiosamente. - Por favor me diga que não é grave.

Em um outro dia, Brady enrolaria, não porque caras como Batool davam gorjetas, eles não davam, mas para vê-lo suar algumas gotas extras de Crisco. Mas não hoje. Aquela era só uma desculpa para sair da loja e ir ao shopping, e ele queria terminar aquilo o mais rápido possível.

- Não, já arrumei, Sr. Batool, - ele diz. Ele clica em finalizar programa e reinicia o computador do Paki Boy. Um momento depois a função de caixa registradora volta, completa com todos os ícones de quatro bandeiras de cartão.

- Você é um gênio! - Batool grita. Por um momento horrível, Brady teme que o filho da puta perfumado demais lhe dê um abraço.

21

Brady deixa Hillbilly Heaven e dirige para o norte em direção ao aeroporto. Há um Home Depot no Shopping Birch Mall onde ele quase certamente pode comprar o que quer, mas ele vai para o Complexo de Compras Skyway ao invés disto. O que ele vai fazer é arriscado, imprudente e desnecessário. Ele não quer piorar tudo comprando tudo em uma loja tão próxima a DE. Não se pode cagar onde se come.

Brady cuida de seus negócios no Garden World de Skyway e vê na hora que foi uma boa escolha. A loja é enorme, e naquela tarde de sábado de fim de primavera, está lotada de compradores. Na ilha de pesticidas, Brady joga duas latas de Gopher-Go em um carrinho de compras já carregado de itens de camuflagem: fertilizantes, folhagens, sementes e uma pá de cabo curto para jardinagem. Ele sabe que é loucura comprar pessoalmente veneno quando ele já tinha encomendado pela internet e logo estaria sendo entregue em sua caixa postal segura em alguns dias, mas não conseguia esperar. Absolutamente não podia. Ele provavelmente não conseguiria envenenar o cão da família crioula até segunda... e talvez só pudesse ser na terça ou na quarta... mas ele tinha de fazer *algo*. Ele precisava sentir que estava... como Shakespeare dissse? Tomando pé em frente a um mar de problemas.

Ele entra na fila com o carrinho de compras, dizendo a si mesmo que se a garota do caixa (outra bolota de gordura, a cidade estava cheia delas) dissesse algo sobre o Gopher-Go, mesmo algo totalmente inócuo como *Esta coisa funciona mesmo*, ele largaria tudo lá. Era muito grande a chance de ser lembrado e identificado: *Oh, sim, este é o jovem nervoso com a pazinha de jardinagem e o veneno contra marmotas.*

Ele pensa, Talvez eu devesse ter usado óculos-escuros. Não era como se ele fosse se sobressair, já que a maioria dos homens ali usava um.

Tarde demais agora. Ele deixou seus Ray-Bans em Birch Hill, em seu Subaru. Tudo o que podia fazer era ficar ali na fila do caixa e dizer a si mesmo para não suar. O que era o mesmo do que dizer a alguém para não pensar em um urso polar azul.

Eu reparei nele porque suava muito, a bolota de gordura do caixa diria (uma parenta do padeiro Batool, ao que constava a Brady) a polícia. Também porque ele estava comprando o veneno para marmota. Do tipo que tem estricnina.

Por um momento ele quase sai da fila, mas agora há pessoas atrás dele, além de a sua frente, e se ele saísse da fila, as pessoas não *notariam*? Não se perguntariam...

Uma voz veio de trás dele.

- Sua vez, camarada.

Sem opções, Brady empurra seu carrinho para frente. As latas de Gopher-Go eram gritantemente amarelas no fundo de seu carrinho; para Brady elas pareciam a cor perfeita da insanidade, e é bem como devia ser. Estar aqui *era* insano.

Então um pensamento confortador veio a ele, um tão calmante quanto uma mão gelada em uma testa febril: atropelar aquelas pessoas no Centro Municipal tinha sido ainda mais insano... mas ele se safara, não?

Sim, e ele se safaria disto. A bolota de gordura passa suas compras sob o leitor de código de barras sem nem olhar para sua cara. E nem olha para cima quando pergunta se vai pagar a vista ou com cartão.

Brady paga à vista.

Ele não é *tão* insano.

De volta ao VW (ele estacionara entre dois caminhões, onde o verde fluorescente dificilmente se destacaria), se senta atrás do volante, respirando fundo até seu coração voltar as batidas normais. Ele pensa no caminho adiante, e isto o acalma ainda mais.

Primeiro, Odell. O vira-lata terá uma morte miserável, e o ex-tira gordo saberá que é culpa dele, mesmo que os Robinsons não saibam. (De um ponto de vista puramente científico, Brady quer ver se o Det./Ref. vai assumir esta culpa. Ele acha que não.) Depois, o próprio homem. Brady lhe dará alguns dias para marinar em culpa, e quem sabe? Ele pode mesmo se suicidar no final das contas. Mas provavelmente não. Então Brady irá matá-lo, método ainda a ser determinado. E terceiro...

Uma grande ação. Algo que será lembrado por centenas de anos. A questão era, qual seria este grande gesto?

Brady dá partida no carro e sintoniza o rádio de merda do Beetle até a estação BAM-100, onde cada final de semana é um final de semana de blocos de rock. Ele pega o final de um bloco do ZZ Top e está quase apertando o botão para mudar para a KISS 92 quando sua mão congela. Ao invés de mudar de estação, ele aumenta o volume. O destino está falando com ele.

O DJ informa a Brady que a banda de garotos mais quente do momento está vindo à cidade para um único show – isso mesmo, 'Round Here tocará no MAC na próxima quinta. - O show já está quase esgotado, crianças, mas os caras legais da BAM-100 estão reservando uma dúzia de ingressos para sortear aos pares a partir de segunda, então fiquem atentos para participar das promoções...

Brady desliga o rádio. Seus olhos estão distantes, enevoados, contemplativos. O MAC é o que as pessoas na cidade chamavam o Complexo de Cultura e Arte do Meio-Oeste. Ocupa quase um quarteirão inteiro do centro e tem um auditório gigantesco.

Ele pensa, Que maneira de morrer. Oh, meu Deus, que maneira de morrer seria.

Ele se pergunta qual exatamente é a capacidade do Auditório Mingo do MAC. Três mil pessoas? Talvez quatro mil? Ele vai pesquisar esta noite na internet.

22

Hodges compra o almoço em um restaurante próximo (uma salada o invés do hambúrguer triplo que seu estômago deseja) e vai para casa. Seus excessos prazeirosos na noite passada pesavam sobre ele, e embora deva um telefonema a Janey... eles tem negócios a tratar na casa da finada Sra. Olivia Trelawney em Sugar Heights, ao que parece... ele decide que seu próximo passo na investigação seria uma soneca. Ele verifica a secretária eletrônica na sala de estar, mas o visor de MENSAGENS NOVAS mostra zero. Ele entra rapidinho no Guarda-Chuva Azul da Debbie e vê que não tem nada novo do Sr. Mercedes. Ele deita e ajusta seu relógio interno para uma hora. Seu último pensamento antes de fechar os olhos é que esqueceu o celular no porta-luvas do Toyota de novo.

Devia pegá-lo, ele pensa. Eu dei a ela ambos os números, mas ela é moderninha ao invés de antiquada, e ligará no celular se quiser falar comigo.

Então ele dormiu.

É o telefone antiquado que o acorda, e quando rola para pegá-lo, vê que seu relógio interno, que jamais o deixara na mão durante seus anos como policial, tinha também, aparentemente, se aposentado. Ele dormira por quase três horas.

− Não que ela precise de babá. Ela é muito mais independente do que nossos pais pensam.

Hodges se senta ao lado dele.

− Não corra riscos. Acredite em mim, Jerome.

− Como assim?

− Me diga primeiro porque ligou.

Ao invés de responder, Jerome aponta para o carro de Hodges, estacionado na curva de modo a não atrapalhar a brincadeira das garotas.

− De que ano é aquele carro?

− 2004. Não é de parar o trânsito, mas tinha baixa quilometragem. Quer comprá-lo?

− Eu passo. Você o trancou?

− É. - mesmo que aquela fosse uma boa vizinhança e estivesse sentado olhando-o. Força do hábito.

− Me dê sua chave.

Hodges procura em seu bolso e a entrega a ele. Jerome examina o dispositivo e anui.

− PKE, - ele diz. - Começou a ser usado durante a década de noventa, primeiro como um acessório, mas muito mais como um equipamento padrão desde a virada do século. Sabe o que significa?

Como detetive chefe do Massacre do Centro Municipal (e interrogador frequente de Olivia Trelawney), Hodges certamente sabia.

− Entrada Sem-Chaves Passiva.

− Certo. - Jerome aperta um dos dois botões no dispositivo. Na curva, as luzes de estacionamento do Toyota Hodges piscam rapidamente. - Agora está aberto. - Ele aperta outro botão. As luzes piscam de novo. - Agora está fechado. E você está com a chave. - Ele a coloca na mão de Hodges. - Tudo certo e seguro, certo?

− Baseado nesta discussão, talvez não.

− Eu conheço uns caras da faculdade que tem um clube de informática. Não vou lhe dar os nomes deles, então não peça.

− Nem pensaria nisto.

− Eles não são caras maus, mas conhecem uns truques ilegais... hacking, clonagem, roubo de informações, coisas assim. Eles me dizem que os sistemas PKE são basicamente uma licença para roubar. Quando você aperta o botão para trancar ou destrancar seu carro, o aparelho emite um sinal de radio de baixa frequência. Um código. Se pudesse ouvi-lo, soaria mais ou menos como um sinal de fax. Entende?

− Até agora sim.

Na entrada da casa, as garotas cantam Sally-in-the-alley enquanto Barbara Robinson corre desafiadoramente para dentro e para fora do arco da corda que gira, suas pernas fortes bronzeadas aparecendo e as trancinhas balançando.

− Meus camaradas dizem que é fácil capturar este código, se tiver o dispositivo certo. Dá para modificar um controle de porta de garagem, ou um controle remoto de TV para isto, só que com algo assim, precisaria estar muito próximo. Mais ou menos 18 metros. Mas também é possível construir um, mais poderoso. Todos os componentes podem ser comprado nas lojinhas de eletrônicos da vizinhança. Custo total, cerca de cem dólares. Alcance acima de 18 metros. Vigia-se o motorista até que saia com o veículo alvo. Quando ele apertar o botão para travar o carro, você aperta o seu botão. Seu dispositivo captura o sinal e o armazena. Ele se afasta, e quando ele desaparecer, você aperta seu botão de novo. O carro destranca, e você está dentro.

Hodges olha para sua chave, então para Jerome.

− Isto funciona mesmo?

− Sim, funciona. Meu amigo diz que está mais difícil atualmente... pois os fabricantes modificaram o sistema para que o sinal mude cada vez que o botão seja apertado... mas não é impossível. Qualquer sistema criado pela mente de um homem pode ser hackeado pela mente do homem, entende?

Hodges mal o ouvia, quanto menos entendia. Ele pensava no Sr. Mercedes antes dele se tornar o Sr. Mercedes. Ele pode ter comprado um dos dispositivos desses que Jerome falou, mas é provável que ele mesmo o teria construído. E será que o Mercedes da Sra. Trelawney foi o primeiro carro no qual ele o usou? Improvável.

Tenho de checar roubos de carros no centro, ele pensa. Começando...

digamos em 2007 e nos anos segintes até a primavera de 2009.

Ele tinha uma amiga no setor de arquivo, Marlo Everett, que lhe devia uma. Hodges tinha certeza que Marlo faria um levantamento não-oficial sem fazer muitas perguntas. E se ela aparecesse com muitos relatórios onde os investigadores concluíam que "o denunciante esqueceram de trancar o veículo," ele saberá.

Em seu coração, ele já sabe.

− Sr. Hodges? - Jerome está olhando para ele um pouco incertamente.

− O que é, Jerome?

− Quando você trabalhava no caso do Centro Municipal, você não verificou essa coisa do PKE com os policiais peritos em automóveis? Digo, eles devem saber sobre isto. Não é novidade. Meus amigos dizem até que tem um nome: roubar o sinal.

− Nós conversamos com o mecânico chefe da concessionária Mercedes, e ele nos disse que uma chave havia sido usada. - Hodges diz. Aos seus próprios ouvidos, os sons da resposta pareciam fracos e na defensiva. Pior: incompetentes. O que o mecânico tinha feito (o que eles todos fazem) era assumir que uma chave havia sido usada. Uma deixada na ignição por uma senhora confusa e esquecida de quem nenhum deles gostava.

Jerome lhe dá um sorriso cínico que parece estranho e fora do lugar em seu rosto jovem.

− É o tipo de coisa que pessoas que trabalham em concessionárias não revelam, Sr. Hodges. Eles não mente, na verdade, eles só omitem até das suas próprias mentes. Como o modo como o airbag pode salvar sua vida, mas também podem levar seus óculos a atravessar os olhos, te deixando cego. As enormes taxas de capotamento de alguns SUVs. Ou o quão fácil é roupar um sinal de PKE. Mas eles devem ter relatado, certo? Digo, eles devem!

A verdade nua e crua é que Hodges não sabia. Ele devia saber, mas não sabia. Ele e Pete estavam em campo quase que constantemente, trabalhando em turnos duplos e dormindo, quando muito, cinco horas por semana. A papelada se empilhava. Se houvesse um memorando da concessionária, provavelmente tinha sido arquivado em algum lugar. Ele não arriscaria a perguntar a seu parceiro sobre aquilo, mas percebia que talvez tivesse de contar tudo a Pete logo. Isto é, se e não conseguisse descobrir tudo sozinho.

Enquanto isto, Jerome precisa saber de tudo. Porque o cara com quem Hodges está lidando é louco.

Barbara aparece correndo, suada e sem fôlego.

− Jay, posso ir com Hilda e Tonya assistir ao Regular Show?

− Claro, - Jerome diz.

Ela joga os braços ao redor dele e pressiona a bochecha contra a dele. - você nos faz panquecas, meu querido irmão?

– Não.

Ela para de abraçá-lo e se afasta.

– Você é mau. E preguiçoso.

– Por que não vai até o Zoney's comprar uns Eggos?

– Não tenho dinheiro.

Jerome tira do bolso uma nota de cinco. Isso lhe faz merecer mais um abraço.

– Ainda sou mau?

– Não, você é bom! O melhor irmão do mundo!

– Você não pode ir sozinha. - Jerome diz.

– E leve Odell, - Hodges diz.

Barbara ri.

– Sempre levavamos Odell.

Hodges observa as garotas saltitarem pela calçada com suas camisetas combinando (falando dois quilômetros por minuto e puxando a guia de Odell para frente e para trás), com uma sensação de inquietude. Ele não poderia colocar a família Robinson de quarentena, mas aquelas três garotas pareciam tão pequenas.

– Jerome? Se alguém tentar mexer com elas, acha que Odell...?

– As protegeria? - Jerome está sério agora. - Com sua vida, Sr. H. com a vida dele. O que tem em mente?

– Posso continuar a contar com sua discrição?

– Sim sinhô!

– Está bem, vou te contar um monte de coisas. Mas em retorno, tem de prometer me chamar de Bill de agora em diante.

Jerome pensa um pouco.

– Vai levar um tempo até eu me acostumar, mas está bem.

Hodges lhe conta quase tudo (ele omite onde passara a noite), ocasionalmente consultando suas anotações no bloco. Quando ele termina, Barbara e suas amigas retornavam do GoMart, jogando uma caixa de Eggos para frente e para trás e rindo. Elas entram e comem o lanchinho da manhã na frente da televisão.

Hodges e Jerome permanecem sentados nos degraus do pórtico e falam sobre fantasmas.

Lágrimas a inundaram e ela não conseguiu terminar. Hodges não precisa que ela termine, porque ele sabe o que ela quer dizer. Para os arranjos.

Dez minutos depois ele está na estrada, em direção a Sunny Acres e o Memorial do Condado de Warsaw. Ele espera encontrar Janey na sala de espera da UTI, mas ela está do lado de fora, sentada no parachoque de uma ambulância estacionada. Ela entra no Toyota dele assim que para ao seu lado, e um olhar para o rosto triste e olhos injetados lhe diz tudo o que precisa saber.

Ela se controla até ele estacionar na área de visitantes, então desaba. Hodges

a abraça. Ela diz que Elizabeth Wharton faleceu às três e quinze.

Mais ou menos na hora em que eu colocava os sapatos, Hodges pensa, e estreita ainda mais o abraço.

23

Os jogos da Liga Juvenil estão a todo vapor, e Brady passa aquela tarde ensolarada de sábado no Parque McGinnis onde vários jogos diferentes acontecem em três campos. A tarde está quente e o negócio flui fácil. Muitas pré-adolescentes de cabelos com franjas tinham vindo assistir seus irmãozinhos competirem, e enquanto esperavam na fila pelos sorvetes, a única coisa que pareciam falar a respeito (a única coisa que Brady ouvia-as falando a respeito, pelo menos) era o show do 'Round Here no MAC. Parece que todas iriam. Brady decidira que ele também iria. Ele só precisava descobrir um jeito de entrar lá vestindo aquele colete especial... aquele carregado de rolamentos de esferas e blocos de explosivo plástico.

Meu baile final, ele pensa. A manchete do século.

O pensamento melhora seu humor. Assim como vender seu carregamento inteiro de sorvetes... mesmo os JuCee Stix acabam por volta das quatro horas. De volta a fábrica de sorvetes, ele entrega as chaves a Shirley Orton (que parece estar sempre lá) e pergunta se pode trocar com Rudy Stanhope, escalado para o turno da tarde de domingo. Domingos - desde que o tempo esteja bom - são dias cheios, com os três caminhões da Loeb's trabalhando não só no McGinnis, mas nos outros quatro grandes parques da cidade. Ele acompanha seu pedido com o sorriso maroto que sempre encanta Shirley.

− Em outras palavras, - Shriley diz, - você quer duas tardes seguidas.

− Me pegou, - ele explica que sua mãe quer visitar o irmão, o que significa pelo menos um pernoite, e possivelmente dois. Não há irmão, claro, e quando se trata de viagem, as únicas que sua mãe está interessada atualmente é a viagem cênica do sofá até o armário de bebidas, e então de volta ao sofá.

− Tenho certeza que Rudy concordará. Quer falar com ele?

− Se o pedido partir de você é mais fácil dele concordar.

A vaca ri, o que põe quilos de carne em um movimento perturbador. Ela faz o telefonema enquanto Brady troca o uniforme pelas suas roupas. Rudy fica feliz em abrir mão de seu turno de domingo e aceita o de Brady na terça. Isto dá a Brady duas tardes livres para vigiar o Zoney's GoMart, e duas deviam ser suficientes. Se a garota não aparecesse com o cão nem em uma nem em outra, ele avisaria que ficou doente na quarta. Se fosse necessário, mas ele não achava que levaria tanto tempo.

Depois de deixar o Loeb's, o próprio Brady faz umas comprinhas. Ele pega meia dúzia de itens que precisa... coisas como ovos, leite, manteiga e bolo de coco... então vira para o balcão de carnes e pega meio quilo de carne moída. Noventa por cento de primeira. Nada além do melhor para a última refeição de Odell.

Em casa, ele abre a garagem e descarrega tudo que comprara no Garden

World, tendo o cuidado de guardar as duas latas de veneno na prateleira mais alta. Sua mãe raramente desce ali, mas não era bom assumir riscos. Há um frigobar embaixo de sua bancada: Brady comprara-o em uma venda de garagem por sete dólares, uma pechincha. É onde guarda seus refrigerantes. Ele enfia o pacote de carne moída atrás das cocas e sodas, então guarda o resto das compras na frente. O que ele vê na cozinha, é maravilhoso: sua mãe está jogando páprica sobre uma salada de atum que realmente parece gostosa.

Ela vê o olhar dele, e ri.

- Eu queria me desculpar pela lasanha. Sinto muito por aquilo, mas eu estava tão *cansada*.

Tão bêbada, era o que estava, ele pensa, mas pelo menos ela não era um caso totalmente perdido.

Ela faz beicinho, lábios com batom.

- Dê um beijo na Mamãe, amorzinho.

Amorzinho a abraça e lhe dá um beijo demorado. O batom dela tem gosto de algo doce. Então ela lhe dá um tapa rapidamente no traseiro e lhe diz para descer e brincar com seus computadores até o jantar ficar pronto.

Brady deixa ao policial uma mensagem curta de uma só frase.

- Eu vou te foder, vovô.

Então joga *Resident Evil* até sua mãe avisar que o jantar está pronto. A salada de atum está ótima, e ele se serviu dois pratos. Ela realmente *sabia* cozinhar quando queria, e ele não diz nada ao vê-la servir-se da primeira bebida da noite, uma extra-grande para fazer fazer valer as duas ou três menores que tinha se negado desde a tarde. Lá pelas nove ela já roncava no sofá de novo.

Brady aproveita a oportunidade para usar a internet para buscar informações sobre o show da 'Round Here. Ele assiste a um vídeo no YouTube onde um bando de garotas discutem qual dos cinco garotos é o mais gostoso. O consenso é Cam, que faz a voz principal na música “Look Me in My Eyes”, uma música grudenta e enjoativa que Brady vagamente se lembrava de ter ouvido no rádio no último ano. Ele imagina aqueles rostos sorridentes despedaçados por rolamentos de esferas, aquelas calças jeans idênticas em farrapos e chamas.

Mais tarde, depois dele ajudar a mãe a se deitar e certificar-se de que ela estava totalmente apagada, ele pega a carne moída, coloca em uma tigela, e mistura duas xícaras de Gopher-Go. Se não for o suficiente para matar Odell, ele passará por cima do maldito vira-lata com o caminhão de sorvete.

Este pensamento o faz dar uma risadinha.

Ele coloca a carne moída envenenada em um saquinho e volta a guardar no frigobar, tendo o cuidado de esconder por trás das latas de refrigerante de novo. Ele também toma o cuidado de lavar bem ambas as mãos e a tigela que usou

para misturar com muita água quente e sabão.

Aquela noite, Brady dorme bem. Sem dores de cabeça e sem sonhos com o irmão morto.

24

Hodges e Janey estão em uma sala onde era permitido usar o celular, no hall do hospital, e lá começaram os preparativos para os ritos de morte.

Ele é quem contata a funerária (Soames, o mesmo que lidara com os ritos de passagem de Olivia Trelawney) e se certifica de que o hospital já está pronto para liberar o corpo quando o carro fúnebre chegar. Janey, usando seu iPad, com a eficiência casual que Hodges invejava, baixa um formulário de obituário do jornal da cidade. Ela o preenche rapidamente, ocasionalmente murmurando coisas para si mesma; uma vez Hodges a ouve murmurar a frase *in lieu of flowers*[28]. Depois de enviar o obituário ao jornal por e-mail, ela tira de sua bolsa a agenda de contatos da mãe e começa a fazer ligações aos poucos amigos que restavam à velha senhora. Ela é calorosa com eles, e calma, mas também rápida. Sua voz titubeia somente uma vez, ao falar com Althea Greene, a enfermeira e companhia mais próxima da mãe, por quase dez anos.

Por volta das seis horas - mais ou menos a mesma hora em que Brady Hartsfield chega em casa para ver a mãe dando o toque final na salada de atum... a maioria dos nomes da letra *T* já tinham sido contatados e os da letra *i*, seriam os próximos. Às dez para as sete, o carro funerário, um Cadillac branco, passa pela entrada do hospital e dirige-se aos fundos. Os caras lá dentro sabem onde ir; já estiveram ali muitas e muitas vezes antes.

Janey olha para Hodges, o rosto pálido, a boca tremendo.

- Não sei se posso...

- Eu cuido disto.

A transação foi como qualquer outra, de verdade; ele deu ao agente funerário e seu assistente um atestado de óbito assinado, eles lhe deram um recibo. Ele pensa, parece que estou comprando um carro. Quando volta ao saguão do hospital, espia Janey lá fora, mais uma vez sentada no parachoque da ambulância. Ele senta perto dela e segura sua mão. Ela aperta bem forte seus dedos. Eles observam o carro funerário branco até perdê-lo de vista. Então ele a leva de volta para seu carro e eles dirigem os dois quarteirões até o Holiday Inn.

Henry Sirois, um homem gordo com um aperto de mão úmido, aparece às oito. Charlotte Gibney aparece uma hora depois, tendo um sobrecarregado carregador diante de si e reclamando sobre o serviço terrível em seu vôo. E os bebês que choravam, ela diz... nem queira saber. Eles não querem, mas ela diz mesmo assim. Ela é tão magra quanto o irmão é gordo, e olha Hodges com um olhar lacrimoso e suspeito. Escondendo-se ao lado de Tia Charlotte está sua filha Holly, uma solteirona, aproximadamente da idade de Janey, mas sem nada da aparência desta. Holly Gibney jamais fala em voz alta e parece ter problemas em estabelecer contato visual.

− Eu quero ver Betty, - Tia Charlotte anuncia, após um abraço breve e seco na sobrinha. Como se ela pensasse que a Sra. Wharton estaria deitada no salão do motel, com lírios na cabeça e cravos nos pés.

Janey explica que o corpo já foi transportado para a Casa Funerária Soames na cidade, onde os restos mortais de Elizabeth Wharton serão cremados na tarde de quarta, após um velório na terça, e uma cerimônia breve e não-denominacional na manhã de quarta.

− Cremação é coisa de gente bárbara. - Tio Henry declara. Tudo o que estes dois dizem soa como uma declaração.

− É o ela queria. - Janey fala baixo e polidamente, mas Hodges observa suas bochechas ficarem vermelhas.

Ele pensa que pode haver problemas, talvez uma exigência para ver um documento escrito especificando cremação ao invés de enterro, mas eles recuam. Talvez se lembrem de todos os milhões que Janey herdara da irmã... dinheiro que é de Janey para dividir. Ou não. Tio Henry e Tia Charlotte podiam até mesmo estar considerando todas as visitas que não fizeram a irmã mais velha durante seus anos de sofrimento final. As visitas que a Sra. Wharton recebera naqueles dias eram só de Olivia, a quem Tia Charlotte não menciona pelo nome, somente chamando-a por "Aquela com problemas." E é claro que havia Janey, ainda machucada pelo seu casamento abusivo e divórcio rancoroso, que esteve lá no fim.

Os cinco fazem uma refeição tardia no restaurante quase deserto do Holiday Inn. Dos autofalantes acima, Herb Alpert se gaba. Tia Charlote come uma salada e reclama do molho, que pedira à parte.

− Eles podem colocar em uma molheira, mas molho engarrafado do supermercaddo ainda é engarrafado do supermercado, - ela anuncia

Sua filha resmungona pede algo que soa como *sneezebagle hellbum*. Acaba sendo um x-burguer, bem feito. Tio Henry escolhe fettuccini alfredo e o engole com a eficiência de um poderoso aspirador de pó, finas gotas de suor aparecem em sua testa ao chegar a linha final. Ele mata o resto do molho que sobra com um pedaço de pão amanteigado.

Hodges é quase o único que puxa conversa, recontando histórias de seus dias no Serviço Guarda Vigilante. O emprego é fictício, mas as histórias são, em sua maioria, verdadeiras, adaptadas de seus anos como policial. Ele lhes fala sobre o ladrão que foi pego tentando se espremer por uma janela do porão e perdera suas calças nos esforços para se libertar (o que faz Holly sorrir um pouco); o garoto de doze anos que ficara atrás da porta do seu quarto e surpreendera um invasor da casa com golpes de taco de beisebol; a governanta que roubara várias peças de jóias de sua empregadora só para deixá-las cair de suas roupas de baixo enquanto servia o jantar. Havia também histórias mais sombrias, muitas delas, mas estas ele manteve para si mesmo.

Após a sobremesa (a qual Hodges passou, a glutonice do Tio Henry servindo como um exemplo natural diminuidor de apetite), Janey convida os recém-chegados a ficarem na casa de Sugar Heights a partir de amanhã, e os três se retiram para seus quartos, já pagos. Charlotte e Henry parecem animados pela possibilidade de inspecionar em primeira mão o modo como a outra metade vive. E quanto a Holly... quem poderia saber?

Os quartos dos recém-chegados ficavam no primeiro andar. O de Janey e Hodges no terceiro. Ao chegarem às portas lado a lado, ela pergunta se ele não poderia dormir com ela.

- Sem sexo. - ela diz. - Eu jamais me senti menos sexy em minha vida. Basicamente, só não quero ficar sozinha.

Tudo bem por Hodges. De qualquer forma, ele duvida que conseguisse transar, mesmo que ela quisesse. Seu estômago e músculos da perna ainda doíam da noite passada... e, ele lembra a si mesmo, na noite passada, ela tinha feito quase todo o serviço. Uma vez que estavam embaixo das cobertas, ela se aninhou a ele. Ele mal podia acreditar no calor e firmeza dela. A *existência* dela. Ele realmente não sentia desejo naquele momento, mas achava bom que a velha senhora tenha tido a cortesia de morrer depois deles terem transado, e não antes. Não era muito gentil, mas era verdade. Corinne, sua ex, costumava dizer que homens nasciam com uma sensibilidade de merda.

Ela apoia a cabeça no ombro dele.

− Estou feliz que tenha vindo.

− Eu também. - verdade absoluta.

− Acha que eles sabem que estamos na cama juntos?

Hodges reflete.

− Tia Charlotte sabe, mas ela pensaria que sabe mesmo que não estivéssemos.

− E tem certeza disto porque você é um policial trein...

− Correto. Vá dormir, Janey.

Ela vai, mas quando ele acorda às primeiras horas da manhã, precisando usar o banheiro, ela está sentada perto da janela, olhando para o estacionamento e chorando. Ele põe uma mão sobre o ombro dela.

Ela olha para cima.

− Eu o acordei, sinto muito.

− Não, esta é a hora costumeira de meu xixi das três da madrugada. Você está bem?

− Sim. É. - ela sorri, então limpa os olhos nas mãos fechadas, como uma criança. - Só me odiando por ter mandado mamãe para Sunny Acres.

− Mas ela queria ir, você disse.

− Sim. Ela queria. Isso não muda o que sinto. - Janey olha para ele, olhos desolados e brilhando com lágrimas. - Também odiando a mim mesma por

deixar Olivia com todo o trabalho pesado enquanto eu estava na California.

− Como um detetive treinado, eu deduzo que você estava tentando salvar seu casamento.

Ela lhe dá um arremedo de sorriso.

− Você é um cara bom, Bill. Vá usar o banheiro.

Quando ele volta, ela está encolhida na cama de novo. Ele passa o braço em volta dela e eles dormem de conchinha pelo resto da noite.

25

Bem cedo na manhã de domingo, antes de tomar seu banho, Janey mostra a ele como usar seu iPad. Hodges acessa o Guarda-Chuva Azul da Debbie e vê que tem uma mensagem nova do Sr. Mercedes. É curta e grossa: **Eu vou te foder, vovô.**

− É, mas me diga como você realmente se sente, - ele diz, e se surpreende ao ver-se rindo.

Janey sai do banheiro enrolada em uma toalha, rodeada de vapor como um efeito especial de Hollywood. Ela pergunta a ele sobre o que estava rindo. Hodges mostra a mensagem a ela. Ela não acha tão engraçado.

− Espero que saiba o que está fazendo.

Hodges também. De uma coisa tinha certeza: quando voltasse para casa, ele tiraria do cofre a Glock .40 que usava na ativa e voltaria a carregá-la consigo. O Happy Slapper não parecia mais suficiente.

O telefone ao lado da cama dupla toca. Janey atende, conversa brevemente, e desliga.

− Era Tia Charlotte. Ela sugere que a Turma da Diversão se encontre para o café-da-manhã em vinte minutos. Eu acho que ela está ansiosa em chegar em Sugar Heights para começar a contar a prataria.

− Está bem.

− Ela também achou que a cama era muito dura, e teve de tomar antialérgico por causa dos travesseiros mofados.

− Uh-hu. Janey, o computador da Olivia ainda está na casa de Sugar Heights?

− Sim. No cômodo que ela usava como escritório.

− Pode trancar este cômodo para que eles não entrem lá?

Ela para no meio do ato de prender o sutiã, por um momento congela naquela pose, cotovelos para trás, um arquétipo de fêmea.

− Ao inferno com isto, eu vou dizer a eles para não entrarem lá. Não vou ser intimidada por aquela mulher. E Holly? Consegue entender alguma cosia do que ela diz?

− Eu achei que ela tinha pedido um sneezebagel[29] para o jantar. - Hodges admitiu.

Janey se joga na cadeira onde tinha chorado na noite passada, só que agora ela ria.

− Querido, você é um detetive muito mau. Que neste sentido significa bom.

− Quando o funeral estiver concluído, e eles tiverem ido embora...

− Quinta, no máximo, - ela diz. - Se eles ficarem mais, terei de matá-los.

− E nenhum juri do mundo a condenaria. Quando eles forem embora, eu quero levar meu amigo Jerome lá para dar uma olhada no computador. Eu o

levaria antes, mas...

− Eles cairiam matando em cima dele. E de mim.

Hodges, pensando nos olhos brilhantes e inquisitivos de Tia Charlotte, concorda.

− A coisa do Guarda-Chuva Azul já não terá sido deletada? Achei que desaparecia cada vez que se sai do site.

− Não é no Guarda-Chuva Azul da Debbie que estou interessado. E sim nos fantasmas que sua irmã ouvia a noite.

26

Enquanto caminhavam para o elevador, ele pergunta a Janey algo que o vinha incomodando desde que ela ligara na tarde de ontem.

− Você acha que as perguntas sobre Olivia provocaram o derrame de sua mãe?

Ela dá de ombros, parecendo infeliz.

− Não dá para saber. Ela era muito idosa... pelo menos sete anos mais velha que a Tia Charlotte, eu acho... e a dor constante a debilitou muito. - Então, relutantemente: - Pode ter contribuído.

Hodges corre uma mão pelos cabelos penteados apressadamente, bagunçando-os de novo.

− Ah, Jesus.

O elevador chega ao andar Eles entram. Ela se vira par ele e agarra ambas as mãos. Sua voz é rápida e urgente.

− Mas vou lhe dizer uma coisa. Se eu tivesse de fazer tudo de novo, eu faria. Minha mãe teve uma vida longa. Ollie, por outro lado, merecia mais alguns anos. Ela não era terrivelmente feliz, mas ela estava bem até aquele bastardo cair sobre ela. Aquele... lunático. Roubar o carro dela e usá-lo para matar oito pessoas e ferir não sei mais quantas, não era suficiente para ele, era? Não. Ele tinha de roubar a mente dela.

− Então vamos em frente.

− É claro que vamos. - as mãos dela apertam as dele. - Ele é *nosso,* Bill. Ouviu isso? Ele é *nosso*!

Ele não teria parado de qualquer forma, o instinto de caça falava fundo nele, mas a veêmencia da resposta dela foi boa de ouvir.

A porta do elevador se abre. Holly, Tia Charlotte e o Tio Henry os esperavam no saguão. Tia Charlotte observa-os com inquisitivos olhos de corvo, provavelmente procurando pelo o que o ex-parceiro de Hodges chamava de aparência de foda recente. Ela pergunta porque demoraram tanto, então, sem esperar a resposta, diz a eles que o bufê de café-da-manhã parece pobre. Se estavam esperando pedir um omelete, estão sem sorte.

Hodges pensa que Janey Patterson tem diante de si vários dias muito longos.

27

Como o dia anterior, o domingo é brilhante e ensolarado. Como o dia anterior, por volta das quatro da tarde, Brady já tinha vendido todo o estoque, pelo menos duas horas antes da hora do jantar se aproximar e os parques começarem a esvaziar. Ele pensa em ligar para casa para descobrir o que mãe queria para o jantar, então decide pegar comida para viagem no Long John Silver's para surpreendê-la. Ela adorava o Langostino Lobster Bites.

Mas acabou que o surpreendido foi o próprio Brady.

Ele entra na casa pela garagem, e sua saudação... *Ei, mãe, cheguei!*... morre em seus lábios. Desta vez ela se lembrou de desligar o forno, mas o cheiro da carne que ela fritara para seu almoço ainda pairava no ar. Da sala de estar vinha um som abafado de batidas e um estranho choro engasgado.

Há uma frigideira em uma das bocas frontais do fogão. Ele olha e vê crostas de hamburguer queimado se erguendo como pequenas ilhas vulcânicas de uma película de gordura endurecida. No balcão há uma garrafa meio vazia de Stoli e um pote de maionese, que é tudo o que ela usa em seus hambúrgueres.

Os pacotes de comida para viagem caem de sua mãos. Brady nem repara.

Não, ele pensa. Não pode ser.

Mas é. Ele abre a porta da geladeira e lá, na prateleira de cima, está o pacote de carne envenenada. Só que agora só havia metade.

Ele encara-o estupidamente, pensando. Ela nunca mexe em meu frigobar. *Nunca*. É *meu*!

Isto é seguido por outro pensamento; Como você sabe que ela não mexe na sua ausência? Pelo que você saiba, ela remexe em suas gavetas e vasculha embaixo do colchão.

Aquele choro engasgado vem de novo. Brady corre para sala de estar, chutando uma das sacolas do Long John Silver para baixo da mesa da cozinha e deixando a porta da geladeira aberta. Sua mãe está sentada tensa e ereta no sofá. Ela veste o pijama de seda azul. A parte de cima está coberta de vômito e sangue. A barriga está inchada, forçando os botões; é a barriga de uma mulher com sete meses de gravidez. Seus cabelos contornam o rosto extremamente pálido em um emaranhado louco. As narinas estão coalhadas de sangue. Os olhos injetados. Ela não o vê, ou assim ele acha de início, mas então ela estende as mãos.

- Mãe! *Mãe!*

Sua ideia inicial era dar tapinhas em suas costas, mas ele olha para o hambúrguer quase totalmente comido na mesinha de centro, perto dos restos do que devia ter sido um perfeitamente enorme screwdriver[30], e sabe que tapinhas nas costas não farão nenhum bem. A coisa não está engasgada na garganta. Se ao

menos fosse só isso.

O som de batidas que ele ouvira quando entrou, recomeça quando os pés dela começam a bater para cima e para baixo no chão. Como se estivesse marchando no lugar. As costas dela se arqueiam. Seus braços se erguem totalmente. Agora ela está simultaneamente marchando e sinalizando que o lance do jogo foi válido. Um pé se estica e chuta a mesinha de centro. Seu copo de screwdriver cai.

- Mãe!

Ela se joga novamente contra as almofadas do sofá, então para a frente. Seus olhos agonizantes o encaram. Ela gorgoleja algo abafado que pode ou não pode ter sido o nome dele.

O que se faz com vítimas de envenenamento? Dava-se ovos crus? Coca-cola? Não, Coca era boa para estômago enjoado, e ela já estava muito além disto.

Tenho de enfiar os dedos na garganta dela, ele pensa. Para fazê-la vomitar tudo.

Mas então os dentes dela começaram a executar sua própria marcha e ele puxa a mão de volta, pressionando a palma sobre a própria boca. Ele vê que ela já tinha mordido o lábio inferior até quase arrancá-lo; era dali que vinha o sangue que empapava sua camiseta. Um pouco do sangue, pelo menos.

− *Brayvie!* - Ela gorgoleja em um fôlego entrecortado. O que segue é gutural, mas compreensivo. - Cham... em...encia!

Chame a Emergência.

Ele vai até o telefone e o ergue da base antes de perceber que não pode fazer aquilo. Pensa nas perguntas irrespondíveis que se seguiriam. Ele o coloca de volta na base e se volta para ela.

− Porque foi fuçar lá embaixo, Mãe? Por que?

− *Brayvie! Em...encia!*

− Quando você comeu? Há quanto tempo?

Ao invés de responder, ela começa a marchar de novo. Sua cabeça cai para trás e seus olhos inchados observam o teto por um segundo ou dois antes da cabeça vir para a frente de novo. As costas dela não se moviam; era como se sua cabeça estivesse montada sobre rolamentos. O som gorgolejante volta... o som de água tentando passar por um ralo parcialmente entupido. A sua boca se abre e ela vomita de novo. Cai em seu colo com um jato quente, e oh, meu Deus, metade é sangue.

Ele pensa em todas as vezes que desejara sua morte. Mas eu nunca quis que fosse assim, ele pensa. Nunca assim.

Uma ideia se acende em sua mente como uma única chama brilhante em um oceano tempestuoso. Ele pode encontrar um jeito de curá-la na internet. Tudo se achava na internet.

− Eu vou cuidar disto, - ele diz. - mas tenho de descer por uns minutos. Você... apenas espere aqui, Mãe. Tente...

Ele quase diz. *Tente relaxar.*

Ele corre para a cozinha, para a porta que leva à sala de controle. Lá embaixo ele vai encontrar como ajudá-la. E mesmo que não encontre, ele não precisa assistir a sua morte.

28

A palavra para ligar as luzes é *controle*, mas embora ele fale três vezes, o porão continua na escuridão. Brady percebe que o programa de voz não está funcionando porque ele não soa como ele mesmo, o que não é de se surpreender? Não é a porra de surpresa nenhuma!

Ao invés disto, ele usa o interruptor, e desce, primeiro fechando a porta - e os sons bestais que vinham da sala de estar - atrás de si.

Ele nem tenta acionar por voz sua fila de computadores, apenas liga o Número Três com o botão atrás do monitor. A contagem regressiva para o Apagamento Total aparece e ele a interrompe digitando sua senha. Mas ele não procura por antídotos para veneno; é tarde demais para aquilo, e agora que está sentado aqui, neste lugar seguro, ele se permite admitir esta verdade.

Ele também sabe como aconteceu. Ela estava bem ontem, ficou sóbria tempo suficiente para fazer um belo jantar para eles, então ela tirou o atraso hoje. Ficou bêbada, então decidiu que era melhor comer algo para neutralizar o goró antes de seu amorzinho chegar em casa. Não achou nada na geladeira ou armário que agradasse ao seu paladar. Oh, mas digamos... e aquele frigobar na garagem? Refrigerantes não lhe interessariam, mas quem sabe houvesse salgadinhos? Só que o que achou era ainda melhor, um pacote cheio de carne moída fresca.

Isso fez Brady pensar em um velho ditado : “O que puder dar errado, vai dar errado.” Era o Princípio de Peter? Ele procura online para descobrir. Após alguma investigação, ele descobre que não é o Princípio de Peter, mas a Lei de Murphy. Chamada assim por causa de Edward Murphy. O cara construía partes de avião. Quem diria?

Ele navega por outros sites - bem poucos - e joga um pouco de Paciência. Quando há uma batida particularmente forte lá em cima, ele decide ouvir um pouco de música em seu iPod. Algo animado. The Staple Singers, talvez.

E enquanto “Respect Yourself” toca no centro de sua cabeça, ele entra no Guarda-Chuva Azul da Debbie para ver se há alguma mensagem do ex-policial gordo.

29

Quando já não pode mais adiar, Brady sobe novamente. A noite havia caído. O cheiro de hambúrguer queimado quase se fora, mas o cheiro de vômito ainda estava forte. Ele vai até a sala de estar. Sua mãe está no chão, perto da mesinha de centro, que agora está caída. Os olhos dela estão voltados para o teto. Seus lábios estão recuados em um grande esgar. As mãos estão fechadas em garras. Ela está morta.

Brady pensa, Por que teve de descer até a garagem quando teve fome? Oh, Mãe, mamãe, o que em nome de Deus a possuiu?

O que quer que *pudesse* dar errado, *dará* errado, ele pensa, e então, olhando para a bagunça que ela fez, ele se pegunta se eles tem limpa carpetes na casa.

É culpa do Hodges. Tudo volta a ele.

Ele lidará com o velho Det./Ref., e logo. Mas agora, tinha um problema ainda mais urgente. Ele se senta para considerá-lo, ocupando a poltrona que usava nas ocasiões em que assistia à TV com ela. Ele percebe que ela jamais assistirá a outro reality show. É triste... mas também tem um lado engraçado. Ele imagina Jeff Probst enviando flores com um cartão escrito *De todos os seus camaradas do* Survivor, e então, ele tem de rir.

O que ele faria com ela? Os vizinhos não sentiriam sua falta porque ela nunca tivera nada com eles, chamava-os de gentalha. Ela não tem amigos, também, nem mesmo do tipo amizade de bar, porque ela só bebia em casa. Uma vez, em um raro momento de auto-avaliação**,** ela lhe disse que não ia a bares porque eles estavam cheios de bêbados como ela.

- Por isto que você não provou aquela merda e parou, não é? - ele pergunta ao corpo. - Estava fodidamente bêbada demais.

Ele queria ter um freezer grande. Se tivessem, ele poderia enfiar o corpo lá. Ele viu isto em um filme uma vez. Não se atrevia a colocá-la na garagem; de certa forma, parecia público demais. Ele imaginava que podia enrolá-la em um tapete e colocá-la no porão, ela certamente caberia sob a escada, mas como ele poderia trabalhar, sabendo que ela estava lá? Sabendo que, mesmo por dentro de um rolo de tapete, seus olhos estavam encarando?

Além disto, o porão era lugar *dele*. Sua sala de controle.

No fim, ele percebe que só há uma coisa a fazer. Ele a agarra sob os braços e arrasta-a para as escadas. Na hora que chegam lá, as calças do pijama dela tinham deslizado, revelando o que ela às vezes chama (*chamava*, ele se lembra) sua periquita. Uma vez, com ela na cama enquanto ela estava lhe dando alívio para uma dor particularmente forte, ele tentou tocar sua periquita e ela estapeou sua mão para longe. Forte. Não faça isto *jamais*, ela disse. Foi daí que você *veio*.

Brady puxa-a pelas escadas, um degrau por vez. As calças do pijama caem

até o tornozelo e se amontoam ali. Ele se lembra como ela tinha feito aquela marcha com os pés. Que horror. Mas, igual à coisa sobre Jeff Probst enviando flores, tinha um lado engraçado, embora não era o tipo de graça que desse para explicar as pessoas. Era tipo Zen.

Passa pelo corredor. Para o quarto dela. Ele se endireita, piscando com a dor em sua lombar. Deus, ela era tão *pesada*. Era como se a morte a tivesse estufado com algum tipo misterioso de carne.

Não importa. Acabe com isso.

Ele sobe as calças dela, fazendo-a decente de novo... tão decente quanto um cadáver de pijama sujo de vômito pode ficar... e a ergue até a cama, gemendo quando novas pontadas de dor atacaram suas costas. Quando ele se endireita desta vez, pode sentir a coluna estalar. Ele pensa em tirar a roupa de dormir dela e substituir por algo limpo... uma das camisetas Extra-Grandes que às vezes ela usa para dormir, talvez... mas aquilo significaria erguer e manipular mais vezes o que agora eram somente quilos de carne silenciosa dependurando-se de cabides de ossos. E se ele desse um mau jeito nas costas.

Ele podia pelo menos tirar a parte de cima, onde caíra a maior parte da sujeira, mas então teria de olhar para os peitos dela. Estes, ela o deixava tocar, mas só de vez em quando. Meu garoto bonito, ela dizia nessas ocasiões. Correndo os dedos pelos seus cabelos ou massageando seu pescoço onde as enxaquecas se instalavam, abaixavam-se e ficavam rosnando. Meu lindo amorzinho.

No fim ele acaba por só cobri-la com o edredom, cobrindo-a inteiramente. Especialmente aqueles olhos arregalados e sem expressão.

Sinto muito, Mãe. - ele diz, olhando para baixo, para a forma sob as cobertas. - Não foi culpa sua.

Não. É culpa do ex-policial gordo. Brady comprou o Gopher-Go para envenenar o cão, mas só como um modo de atingir Hodges e mexer com sua mente. Agora é a cabeça de Brady que está uma bagunça. Sem falar na sala de estar. Ele tem um monte de trabalho a fazer ali, mas há algo a fazer antes.

30

Ele toma recontrole de novo, e desta vez o comando de voz funciona. Ele não perde tempo, só senta em frente ao Número Três e loga no Guarda-Chuva Azul da Debbie. Sua mensagem a Hodges é breve e objetiva.

Eu vou matá-lo.
Você nem verá de onde eu vim.

VOZES DOS MORTOS

1

Na segunda, dois dias depois da morte de Elizabeth Wharton, Hodges está mais uma vez sentado no Restaurante Italiano do DeMasio. A última vez que esteve ali, fora para almoçar com seu antigo parceiro. Desta vez é para jantar. Suas companhias são Jerome Robinson e Janelle Patterson.

Janey o elogia pelo terno, que já lhe cai melhor mesmo que só tenha perdido alguns quilos (e a Glock que ele carregava no quadril quase não aparecia). É do novo chapéu que Jerome gosta, um fedora marrom, comprado por Janey em um impulso aquele dia mesmo, e dado de presente a ele com alguma cerimônia. Porque ele era um detetive particular agora, ela disse, e todos os detetives particulares deviam ter um chapéu fedora que pudesse puxar sobre um dos olhos.

Jerome experimenta e lhe dá o ângulo pefeito.

– O que acha? Eu pareço o Bogie[31]?

– Odeio decepcioná-lo, - Hodges diz, - Mas Bogie era causcasiano.

– Tão caucasiano que quase brilhava, - Janey completa.

– Esqueci disto. - Jerome joga o chapéu de volta para Hodges, que o coloca sob a cadeira, lembrando a si mesmo de não esquecê-lo ao sair. Ou pisar nele.

Ele fica satisfeito quando seus dois convidados para jantar se dão bem logo de cara. Jerome... uma mente velha em um corpo de jovem, Hodges sempre pensa... faz a coisa certa tão logo a tolice do chapéu se acaba, tomando uma das mãos de Janey entre as suas duas e dizendo-lhe que sente muito por sua perda.

– Ambas, - ele diz. - Eu sei que perdeu sua irmã também. Se eu perdesse a minha, eu seria o cara mais triste do mundo. Barb é um pé no saco, mas morro de amor por ela.

Ela agradece com um sorriso. Porque Jerome ainda é muito novo para uma taça de vinho, todos pedem chá gelado. Janey pergunta a ele sobre seus planos para a faculdade, e quando Jerome menciona a possibilidade de Harvard, ela rola dos olhos e diz "Um homem de Hah-vad! Oh, meu Deeeus.

– Sinhozim Hodges vai tê de achá outro garoto pra cortar o gramado! - Jerome exclama, e Janey ri tanto que tem de cuspir um pedaço de camarão em seu guardanapo. O que a faz corar, mas Hodges fica feliz de ouvir aquela gargalhada. A maquiagem cuidadosamente aplicada não conseguia esconder completamente a palidez de suas bochechas, ou os círculos escuros sob os olhos.

Quando ele pergunta o que a Tia Charlotte, Tio Henry e Holly a resmungona estão achando da grande casa em Sugar Heights, Janey põe as mãos em volta da cabeça como se sentisse uma monstruosa dor de cabeça.

– Tia Charlotte me ligou seis vezes hoje. Não estou exagerando. Seis. A primeira foi para me dizer que Holly acordou no meio da noite, sem saber onde estava, e teve um ataque de pânico. Tia C disse que ela estava quase chamando

uma ambulância quando Tio Henry finalmente conseguiu acalmá-la falando com ela sobre a NASCAR. Ela é louca por corrida de stock car. Nunca perde uma na TV, pelo que sei. Jeff Gordon é seu ídolo. - Janey franze o nariz. - Vai entender.

− Quantos anos tem Holly? - Jerome pergunta.

− Acho que a minha idade mais ou menos, mas ela sofre de um certo... retardo emocional, acho que pode-se dizer.

Jerome considera em silêncio, então diz:

− Ela provavelmente precisa reconsiderar Kyle Busch.

− Quem?

− Não importa.

Janey diz que Tia Charlotte ligou para divagar sobre a conta de luz, que devia ser enorme; para confidenciar que os vizinhos parecem muito metidos; para anunciar que hà um número horrivelmente grande de fotos e toda aquela arte moderna não é de seu agrado; para apontar (embora soasse como outro anúncio) que se Olivia achava que todos aqueles abajures eram de cristais falsos, ela teria quase certamente levado-os para os limpadores. A última chamada tinha sido a pior. Tio Henry queria que Janey soubesse, sua tia disse, que ele pensara a respeito e ainda não era tarde demais para mudar sua opinião sobre a cremação. Ela disse que a ideia deixara seu irmão muito chateado... ele chamara de funeral viking... e Holly não podia nem discutir, porque lhe causara horror.

− A partida deles na quinta está confirmada, - Janey disse, - e eu já estou contando os minutos. - ela aperta a mão de Hodges, e diz, - Mas há uma notícia boa, Tia C diz que Holly gostou muito de você.

Hodges sorri.

− Deve ser minha semelhança com Jeff Gordon.

Janey e Jerome pedem sobremesa. Hodges, sentindo-se virtuoso, não. Então, depois do café, vai direto aos negócios. Ele trouxera duas pastas com e, e estende uma para cada um de seus convidados.

− Todas as minhas anotações. Eu as organizei o melhor que pude. Quero que as tenha caso algo aconteça comigo.

Janey parece assustada. - O que mais ele disse a você naquele site?

− Nada de mais, - Hodges diz. A mentira sai de forma suave e convincente. - É só uma precaução.

− Tem certeza? - Jerome pergunta.

− Absolutamente. Não há nada definitivo nestas anotações, mas não significa que não fizemos progresso. Eu vejo um caminho de investigação que pode... eu repito pode... nos levar ao cara. Enquanto isto, é importante que vocês dois continuem muito atentos ao que acontece ao redor de vocês, o tempo inteiro.

− BOLO como loucos, - Janey diz.

− Certo. - ele se vira para Jerome. - E ao que, especificamente vocês devem

estar atentos?

A resposta foi rápida e certeira.

− Veículos repetidos, especialmente aqueles dirigidos por homens jovens, digamos entre vinte e cinco e quarenta. Embora eu ache que quarenta é velho demais. O que lhe torna praticamente ancião, Bill.

− Ninguém gosta de engraçadinhos, - Hodges diz, - A experiência vai lhe ensinar isso daqui um tempo, jovenzinho.

Elaine, a recepcionista, se aproxima para perguntar como estavam. Eles dizem a ela que estava tudo bem, e Hodges pede mais café.

− Já trago, - ela diz. - Você parece muito melhor do que a última vez que o vi, Sr. Hodges. Se não se importa de eu dizer.

Hodges não se importava. Ele *se sentia* melhor que a última vez que estiver aqui. Mais leve que a perda de quatro ou cinco quilos poderia trazer.

Quando Elaine se foi e o garçom já tinha servido mais café, Janey se inclinou na mesa com os olhos fixos nos dele.

− Que caminho? Nos conte.

Ele começa a falar de Donald Davis, que havia confessado o assassinato não só da esposa, mas de outras mulheres em áreas de descanso ao longo das rodovias do Meio-Oeste. Logo o encantador Sr. Davis estará na penitenciária estadual, onde ele sem dúvida passará o resto de sua vida.

Hodges já tinha visto tudo isto antes.

Não era tão ingênuo para acreditar que cada homicídio estava solucionado, mas mais frequentemente do que não, assassinatos *deixam* marcas. Algo (um certo corpo conjugal em um certo poço de cascalho abandonado, por exemplo) vem à tona. Como se houvesse uma força universal em curso, estalando dedos poderosos, sempre tentando consertar o que havia de errado. Os detetives designados para um caso de homicídio liam relatórios, interrogavam testemunhas, grampeavam telefones, estudavam evidências forenses... e esperavam que esta força fizesse a sua parte. Quando acontecia (*se* acontecia), um caminho se delineava. Geralmente levava direto ao responsável, o tipo de pessoa que o Sr. Mercedes se referia em suas cartas como um *maufeitor*.

Hodges pergunta a seus convidados de jantar,

− E se Olivia Trelawney *realmente* ouvia fantasmas?

2

No estacionamento, em pé próximos ao Jeep Wranger que seu pais lhe deram de presente de 17 anos, Jerome diz a Janey que foi um prazer conhecê-la, e a beija na bochecha. Ela parece surpresa e feliz.

Jerome se volta para Hodges.

− Está tudo certo, Bill? Precisa de algo amanhã?

− Só que veja aquela coisa sobre a qual falamos, para estar pronto quando verificarmos o computador de Olivia.

− Deixa comigo.

− Bom. E não esqueça de mandar meus cumprimentos a seu pai e mãe.

Jerome sorri.

− Sabe o que mais, eu cumprimentarei meu pai. Quanto à mãe... - Tyrone Feelgood Delight faz uma breve aparição – Vô ficá bem longe daquela sinhá p'la próxima semana ou mais.

Hodges ergue a sobrancelha.

− Está brigado com sua mãe? Não parece coisa sua.

− Não, ela só está ranzinza. E eu até entendo o motivo. - Jerome dá uma risada.

− Do que está falando?

− Oh, cara. Tem esse show no MAC quinta à noite. Esta banda estúpida chamada 'Round Here. Barb e sua amiga Hilda e algumas de suas outras amigas estão loucas para vê-los, embora eles sejam tão insossos quanto pudim de baunilha.

− Quantos anos tem sua irmã? - Janey pergunta.

− Nove. Quase dez.

− Pudim de baunilha é o que garotas desta idade gostam. Acredite em uma ex-garota de onze anos doida pelos Bay City Rollers. - Jerome parece confuso, e ela ri. - Se soubesse quem eles são, eu perderia todo meu respeito por você.

− De qualquer forma, nenhuma delas jamais foram em um show ao vivo antes, certo? Digo, além de Barney ou Vila Sésamo on ice ou algo assim. Então elas insistiram e insistiram... insistiram até comigo... e finalmente as mães se reuniram e decidiram que, como era uma matinê, as garotas podiam ir, mesmo que fosse dia da semana e elas tivessem aula, contanto que uma delas fosse junto. Elas literalmente tiraram no palitinho, e minha mãe perdeu.

Ele balançou a cabeça. Seu rosto está sério, mas os olhos brilham.

− Minha mãe no MAC com três ou quatro mil garotas de idades entre oito e quatorze anos, gritando o tempo todo. Preciso explicar porque estou querendo ficar fora do caminho dela?

− Aposto que ela vai se divertir. - Janey diz. - Ela provavelmente gritava por Marvin Gaye ou Al Green não faz muito tempo.

Jerome sobe em seu Wrangler, dá um aceno final, e arranca para Lowbriar. O que deixa Hodges e Janey parados ao lado do carro de Hodges, em uma noite de quase verão. Uma lua nova tinha se erguido sobre o viaduto que separava a parte mais afluente da cidade de Lowtown.

− Ele é um bom garoto, - Janey diz. - Você tem sorte de tê-lo por perto.

− É, - Hodges diz. - Tenho mesmo.

Ela tira o fedora da cabeça dele e coloca na sua, dando-lhe um ângulo pequeno, mas provocante.

− E agora, Detetive? Sua casa?

− Está dizendo o que eu espero que esteja dizendo?

− Não quero dormir sozinha, - ela fica na ponta dos pés e devolve o chapéu. - Se eu precisar render meu corpo para fazer isto acontecer, acho que farei.

Hodges aperta o botão que destranca o carro e diz,

− Que nunca digam que eu falhei em tirar proveito de uma dama em perigo.

− Você é tão cavalheiro, senhor, - ela diz, então completa. - Graças a Deus. Vamos lá.

3

Foi melhor desta vez porque eles se conheciam um pouco mais. A ansiedade havia sido substituída pela volúpia. Quando termminaram de fazer amor, ela vestiu uma de suas camisas (tão grande que seus seios desapareceram completamete e a barra ia até abaixo de seus joelhos) e explorou a pequena casa dele. Ele a seguiu um pouco ansioso.

Ela deu o veredicto após retornarem ao quarto.

N− Nada mal para a casa de um solteirão. Sem pratos sujos na pia, sem fios de cabelo na banheira, sem filmes pornô em cima da TV. Eu até vi uns dois vegetais na geladeira, o que lhe rendeu pontos bônus.

Ela pega duas latas de cerveja na geladeira e toca a dela com a dele.

− Eu jamais esperei trazer outra mulher aqui, - Hodges diz. - Exceto talvez, minha filha. Nos falamos por telefone e e-mail, mas Allie não me visita há vários anos.

− Ela ficou do lado da mãe no divórcio?

− Acho que sim. - Hodges nunca pensou naqueles exatos termos. - Se ficou, ela provavelmente teve razão.

− Você deve estar sendo duro demais consigo mesmo.

Hodges dá um gole na cerveja. O gosto é muito bom. Ao beber de novo, o pensamento lhe ocorre.

− Tia Charlotte tem este número, Janey?

− De jeito nenhum. Não é por isto que eu quis vir ao invés de voltar para o condomínio, mas estaria mentindo se dissesse que não passou pela minha cabeça. - ela olhou para ele com seriedade. - Você irá na cerimônia na quarta? Diga que virá. Por favor. Preciso de um amigo.

− É claro. Irei no velório também, na terça.

Ela pareceu surpresa, mas agradavelmente surpresa.

− Isso parece para o alto e avante.

Não para Hodges, não parecia. Ele estava em modo completo de investigação agora, e ir ao funeral de alguém envolvido em um caso de assassinato, mesmo que indiretamente, é procedimento padrão policial. Ele não acredita de verdade que o Sr. Mercedes aparecerá nem no velório, nem na cerimônia de cremação na quarta, mas não estava fora de questão. Hodges não lera os jornais hoje, mas algum repórter alerta bem podia ter ligado a Sra. Wharton e Olivia Trelawney, a filha que cometera suicídio após seu carro ser usado como arma fatal. Tal conexão não seria exatamente novidade, mas dava para dizer o mesmo sobre as aventuras de Lindsay Lohan com drogas e álcool. Hodges pensa que pode ter havido pelo menos uma notinha na lateral da página do jornal.

− Eu quero estar lá. - ele diz. - E as cinzas?

– O agente funerário chama-as de *cremains*[32], ela diz, e enruga o nariz do jeito que faz quando zomba de seu *é*. - Isso é nojento ou o que? Parece algo que se põe no café. O lado bom é que não terei de brigar com a Tia Charlotte e o Tio Henry por elas.

– Não, não terá. Vai haver uma recepção?

Janey suspira.

– Tia C insiste. Então a cerimônia será às dez, seguida por um almoço na casa em Sugar Heights. Enquanto estivermos comendo sanduíches e contando nossas histórias favoritas de Elizabeth Wharton, a funerária cuidará da cremação. Eu vou decidir o que fazer com as cinzas depois dos três terem partido na quinta. Eles jamais terão sequer que olhar para a urna.

– É uma boa ideia.

– Obrigada, mas eu receio pelo almoço. Não pela Sra. Greene e o resto dos poucos amigos de minha mãe, mas *por eles*. Se Tia Charlotte surtar, Holly é capaz de desabar. Você virá ao almoço também, não virá?

– Se me deixar tirar essa camiseta que está usando, faço tudo o que você quiser.

– Neste caso, deixe-me ajudá-lo com os botões.

4

Não muitos quilômetros distante de onde Kermit William Hodges e Janelle Petterson estão deitados juntos na casa da Estrada Harper, Brady Hartsfield está sentado em sua sala de controle. Esta noite, ele está em sua bancada de trabalho ao invés de estar nos computadores. Sem fazer nada.

Ali perto, caído em meio a um monte de pequenas ferramentas, pedaços de fios, e componentes de computadores, está o jornal de segunda, ainda enrolado dentro de sua camisinha de plástico. Ele o trouxe quando voltou da Discount Electronix, mas só por força do hábito. Ele não tinha interesse nas notícias. Tinha outras coisas para pensar. Como pegar o tira. Como entrar no show do 'Round Herer no MAC vestindo seu colete suicida cuidadosamente construído. Se ele realmente fosse fazê-lo, é claro. Por ora, tudo parecia só um monte de trabalho. Uma longa corda para roer. Um montanha alta a escalar. Um... um...

Mas ele não conseguia pensar em outros eufemismos. Ou seriam metáforas?

Talvez, ele pensa sombriamente, eu só devesse me matar agora e acabar com tudo isso. Me livrar desses pensamentos horríveis. Estas imagens do inferno.

Imagens como a da sua mãe, por exemplo, convulsionando no sofá após comer a carne envenenada que era para o cão da família Robinson. Mãe com os olhos saindo das órbitas e a parte de cima do pijama coberta de vômito... como aquela imagem ficaria no álbum de fotos da família?

Ele precisava pensar, mas há um furacão em sua cabeça, um grande Katrina categoria cinco, e tudo estava voando.

Seu velho saco de dormir Boy Scout está estendido no chão do porão, em cima do colchão de ar que ele tirou da garagem. O colchão de ar tinha um pequeno vazamento. Brady supôs que podia substituí-lo se fosse continuar a dormir aqui embaixo pelo resto de vida que lhe restava. E onde mais *podia* dormir? Ele não conseguia forçar-se a usar a cama no segundo andar, não com a mãe deitada morta na cama do outro lado do corredor, talvez já apodrecendo sob as cobertas. Ele ligara o ar-condicionado em refrigeração máxima, mas não tinha ilusões sobre isso funcionar. Ou por quanto tempo. Nem dormir no sofá da sala de estar era uma opção. Ele limpara o máximo que conseguira, e virara as almofadas, mas ainda cheirava ao vômito dela.

Não, tinha de ser aqui embaixo, seu lugar especial. Sua sala de controle. É claro que o porão tem sua própria história desagradável; foi onde seu irmãozinho morrera. Só que *morrera* era um pouco de eufemismo, e era um pouco tarde demais para aquilo.

Brady pensa em como usara o nome de Frankie quando mandara mensagens para Olivia Trelawney sob o Guarda-Chuva Azul da Debbie. Era como se Frankie estivesse vivo de novo por um tempinho. Só que quando a vaca da

Trelawney morrera, Frankie morrera com ela.

Morrera de novo.

- Eu nunca gostei mesmo de você, - ele diz, olhando na direção do pé da escada. É uma voz estranhamente infantil, alta e trêmula, mas Brady não nota. - E eu tive. - ele pausa. - *Nós* tivemos de fazê-lo.

Ele pensa em sua mãe, e como ela era bonita naquela época.

Aquela velha época.

5

Deborah Ann Hartsfield era uma daquelas raras ex-líderes de torcida que, mesmo após engravidarem, conseguiam voltar ao corpo que tinham quando dançavam e pulavam com pompons em fileira sob as luzes das noites de sexta: alta, em forma, cabelo cor de mel. Durante os primeiros anos de casamento, ela não tomava mais que uma taça de vinho no jantar. Para que beber em excesso quando a vida era tão boa sóbria? Ela tinha seu marido, ela tinha sua casa na Zona Norte da cidade... não exatamente um palácio, mas era um começo... e ela tinha dois garotos.

Quando sua mãe enviuvou, Brady tinha oito anos e Frankie, três. Frankie era uma criança franzina, e um pouco lerdo. Brady, por outro lado, era bonito e inteligente. Além disto, era tão encantador! Ela o adorava, e Brady sentia o mesmo por ela. Eles passavam longa tardes de sábado aninhados juntos no sofá, debaixo das cobertas, assistindo a filmes antigos e bebendo muito chocolate quente, enquanto Norm trabalhava na garagem e Frankie engatinhava ao redor no tapete, brincando com blocos de montar ou um caminhãozinho de bombeiro que ele gostava tanto a ponto de lhe dar um nome: Sammy.

Norm Hartsfield trabalhava como técnico de rede elétrica para a Companhia Elétrica Central States. Ganhava um bom salário escalando postes, mas tinha os olhos focados em coisas maiores. Talvez estivesse distraído com uma destas coisas, ao invés do que estava fazendo aquele dia, na lateral da Rodovia 51, ou talvez ele só tenha perdido um pouco do equilíbrio e tentara se apoiar no lugar errado para recuperá-lo. Não importa a razão, o resultado foi letal. Seu parceiro já estava fazendo o relatório de que tinham encontrado o defeito e o reparo estava quase terminado, quando ouviu um som rascante. Eram vinte mil volts da eletricidade da CSP atingindo o corpo de Norm Hartsfield. O parceiro olhou para cima bem a tempo de ver Norm cambalear para fora do cesto, e mergulhar da altura de 12 metros para o chão, com a mão esquerda derretida e a manga da camisa de seu uniforme em chamas.

Viciados em cartões de crédito, como a maioria dos americanos médios quando o século chegava ao fim, os Hartsfield não tinham mais do que dois mil dólares guardados. Era muito pouco, mas havia uma boa apólice de seguro, e a CSP pagou mais setenta mil dólares, em troca da assinatura de Deborah Ann em um documento absolvendo a companhia de qualquer culpa no assunto da morte de Norman Hartsfield. Para Deborah Ann, aquilo parecia um balde cheio de dinheiro. Ela pagou a hipoteca da casa e comprou um carro novo. Nunca lhe ocorreu que alguns baldes só enchem uma vez.

Ela trabalhava como cabeleireira quando conheceu Norm, e voltou aos negócios após sua morte. Seis meses mais ou menos após sua viuvez, ela começou a sair com um homem que conheceu um dia no banco - somente um

executivo junior, ela disse a Brady, mas ele tinha o que ela chamava de *perspectivas*. Ela o trouxe para casa. Ele bagunçou o cabelo de Brady e chamou-o de *campeão*. Ele bagunçou o cabelo de Frankie e chamou-o de *pequeno campeão*. Brady não gostou dele (ele tinha grandes dentes, como um vampiro em filmes de terror), mas não mostrou seu desgosto. Ele já tinha aprendido a usar o rosto feliz e manter seus sentimentos para si mesmo.

Uma noite, antes de levar Deborah Ann para jantar fora, o namorado disse a Brady "Sua mãe é encantadora e você também." Brady sorriu e disse "obrigado" e esperou que o namorado se envolvesse em um acidente de carro e morresse. Num dia em que a mãe não estivesse com ele. O namorado com dentes assustadores não tinha direito de tomar o lugar do pai.

Aquele era o lugar de Brady.

Frankie engasgou com a maçã no meio de *The Blues Brothers*[33]. Era para ser um filme engraçado. Brady não via o que tinha de tão engraçado nele, mas sua mãe e Frankie gargalharam o filme inteiro. Sua mãe estava feliz e toda arrumada porque ela ia sair com o namorado. Daqui a pouco a babá chegaria. A babá era uma ambiciosa estúpida que sempre fuçava na geladeira para ver o que havia de bom para comer, assim que Deborah Ann saía, curvando aquele traseiro gordo.

Havia duas tigelas de petiscos na mesinha de centro; uma com pipoca e na outra, fatias de maçã salpicadas com canela. Em certa parte do filme, pessoas começavam a cantar na igreja e um Irmão dava piruetas por todo o caminho até a nave. Frankie estava sentado no chão e morrendo de rir enquanto o Irmão gordo fazia suas piruetas. Quando ele puxou ar para rir um pouco mais, sugou um pedaço da fatia de maçã polvilhada com canela garganta abaixo. Aquilo o fez parar de rir. Ao invés disto, começou a se contorcer e apertar o pescoço.

A mãe de Brady gritou e o agarrou pelos braços. Ela apertou-o, tentando fazer o pedaço de maçã ser cuspido. Não adiantou. O rosto de Frankie ficou vermelho. Ela pos os dedos na boca dele até a garganta, tentando alcançar o pedaço de maçã. Não conseguiu. Frankie começou a perder a cor vermelha.

- Oh, meu querido Jesus, - Deborah Ann gritou, e correu para o telefone. Enquanto o erguia, gritou para Brady, - Não fique aí sentado como um cuzão! Bata nas costas dele!

Brady não gostou dela ter gritado com ele, e sua mãe jamais o chamara de cuzão antes, mas ele bateu nas costas de Frankie. Ele bateu *forte*. O pedaço de maçã não saiu. Agora o rosto de Frankie estava ficando azul. Brady teve uma ideia. Ele pegou Frankie pelos tornozelos e deixou Frankie de cabeça para baixo a ponto do cabelo de Frankie roçar o tapete. O pedaço de maçã não saiu.

- Pare de ser um pirralho, Frankie, - Brady disse.

Frankie continuava a respirar, um tipo de respiração, ele fazia sonzinhos assoviantes de passagem de ar, de qualquer modo... quase até a ambulância

chegar. Então ele parou. Os socorristas entraram. Vestiam roupas pretas com bordados amarelos nas jaquetas. Eles fizeram Brady ir até a cozinha, para que Brady não visse o que faziam, mas sua mãe gritou e mais tarde, ele viu sangue no tapete.

Mas não viu fatia de maçã.

Então todo mundo, exceto Brady saiu na ambulância. Ele se sentou no sofá e comeu pipoca e assistiu à TV. Não *The Blue Brothers; The Blue Brothers* era estúpido, só um bando de gente cantando e correndo por aí. Ele achou um filme sobre um cara doido que sequestrava um bando de crianças em um ônibus escolar. Era bem legal.

Quando a babá gorda chegou, Brady disse.

− Frankie engasgou com fatia de maçã. Há sorvete no congelador. De baunilha. Coma o quanto quiser. - Talvez, ele pensou, ela comesse tanto sorvete que teria um ataque do coração e ele teria de ligar para a emergência.

Ou só deixaria a vadia estúpida deitada ali. Aquilo seria provavelmente melhor. Ele podia vê-la.

Deborah Ann finalmente voltou para casa, às onze horas. A babá gorda tinha feito Brady ir para a cama, mas ele não estava dormindo, e quando desceu de pijamas, sua mãe o abraçou bem forte. A babá gorda perguntou como estava Frankie. A babá gorda estava cheia de falsa preocupação. Brady sabia que era falsa porque ele não estava preocupado, então porque a babá gorda se importaria?

− Ele vai ficar bem, - Deborah Ann disse, com um grande sorriso. Então, quando a babá gorda saiu, ela começou a chorar como doida. Ela pegou seu vinho na geladeira, mas ao invés de se servir em um copo, ela bebeu direto do gargalo.

− Ele pode não ficar bem, - disse a Brady, secando vinho do queixo. - Está em coma. Sabe o que é isto?

− Sim. Como naquela série médica.

− Isso. - ela se abaixou em um joelho, para que ficassem cara-a-cara. Tê-la tão perto - cheirar o perfume que ela colocara para o encontro que acabou não acontecendo - lhe deu uma sensação no estômago. Era estranho, mas bom. Ele manteve os olhos na coisa azul nas pálpebras dela. Era estranho, mas bom.

− Ele ficou muito tempo sem respirar até os socorristas conseguirem fazer o ar passar. O médico no hospital disse que mesmo que ele saia do coma, haverá dano cerebral.

Brady pensava que Frankie já tinha dano cerebral - ele era horrivelmente estúpido, carregando por aí aquele caminhãozinho de bombeiro o tempo todo - mas não disse nada. Sua mãe vestia uma blusa que exibia um pedaço das tetas. Aquilo lhe deu uma sensação estranha no estômago também.

− Se eu te disser algo, promete jamais contar a ninguém? A ninguém mesmo?

Brady prometeu. Ele era bom em manter segredos.

− Talvez seja melhor que ele morra mesmo. Porque se ele acordar com dano cerebral, não sei o que faremos.

Então ela o apertou contra si e seu cabelo roçou a lateral de seu rosto e o cheiro de seu perfume ficou muito forte. Ela disse:

− Graças a Deus não foi você, amorzinho. Graças a Deus por isto.

Brady retribuiu o abraço, pressionando seu peito contra suas tetas. Ele teve uma ereção.

Frankie acordou *mesmo*, e claro, com dano cerebral. Ele jamais fora esperto (Puxou ao pai, Debora Ann disse certa vez), mas comparado ao que era agora, ele era um gênio naqueles dias pré-fatias de maçã. Ele demorara a aprender a usar o banheiro, tinha quase três anos e meio, e agora estava de volta às fraldas. Seu vocabulário ficou reduzido a não mais que uma dúzia de palavras. Ao invés de andar ele se arrastava pela casa em um cambalear manco. Às vezes, ele caía súbita e profundamente no sono, mas só durante o dia. De noite, ele tendia a vagar, e antes de começar estes safaris noturnos, geralmente tirava as fraldas. Às vezes ele ia para a cama da mãe. Mas frequentemente ele ia para a cama de Brady, que acordava para ver que sua cama estava ensopada e Frankie o encarava com um amor apalermado, assustador.

Frankie tinha de fazer acompanhamento médico. Sua respiração nunca consertou. Em dias bons, era um assoviar úmido, em dias ruins, quando ele tinha suas gripes frequentes, um latido chacoalhante. Ele não mais podia comer comidas sólidas; suas refeições tinha de ser passadas no processador e ele comia em um cadeirão. Beber de um copo estava fora de cogitação, então ele voltara aos copinhos com bico.

O namorado do banco sumira faz tempo, e a babá gorda não durou também. Ela disse que sentia muito, mas não podia lidar com Frankie do jeito que estava agora. Por um tempo Deborah Ann tinha a enfermeira em tempo integral vindo ajudá-la, mas a enfermeira em tempo integral acabou custando mais dinheiro que Deborah Ann ganhava no salão de cabeleireiro, então ela despediu a enfermeira e saiu do emprego. Agora eles viviam das economias. Ela começou a beber mais frequentemente, mudando de vinho para vodka, que ela chamava de *um sistema de entrega mais eficiente*. Brady sentava no sofá, tomando Pepsi. Eles observavam Frankie engatinhar em volta pelo tapete com seu caminhãozinho de bombeiros nas mãos e seu copinho de bico azul, também cheio de Pepsi, na outra.

Está sumindo como as calotas polares, - Deborah Ann dizia, e Brady não precisava mais perguntar a ela a que se referia. - E quando acabar, vamos estar na rua.

Ela procurou um advogado (no mesmo mini-shopping onde Brady, anos depois, golpearia um garoto no pescoço) e pagou cem dólares por uma consulta.

Ela levou Brady com ela. O nome do advogado era Greensmith. Ele vestia um terno barato e ficava lançando olhares às tetas de Deborah Ann.

Posso dizer o que aconteceu, - ele disse. - Já vi isso antes. Aquele pedaço de maçã deixou espaço suficiente para mante-lo respirando. Que pena que você tentou enfiar os dedos na garganta dele, só isso.

Eu estava tentando tirá-lo! - Deborah Ann disse, indignada.

− Está sumindo como as calotas polares, - Deborah Ann dizia, e Brady não precisava mais perguntar a ela a que se referia. - E quando acabar, vamos estar na rua.

Ela procurou um advogado (no mesmo mini-shopping onde Brady, anos depois, golpearia um garoto no pescoço) e pagou cem dólares por uma consulta. Ela levou Brady com ela. O nome do advogado era Greensmith. Ele vestia um terno barato e ficava lançando olhares às tetas de Deborah Ann.

− Posso dizer o que aconteceu, - ele disse. - Já vi isso antes. Aquele pedaço de maçã deixou espaço suficiente para mante-lo respirando. Que pena que você tentou enfiar os dedos na garganta dele, só isso.

− Eu estava tentando tirá-lo! - Deborah Ann disse, indignada.

− Eu sei, qualquer boa mãe faria o mesmo, mas você acabou empurrando-o mais fundo, e bloqueou totalmente a passagem de ar. Se um dos socorristas tivesse feito isto, teria um caso. Algumas centenas de milhares de dólares, pelo menos. Talvez quinhentos mil. Já vi isso antes. Mas foi você. E você disse a eles o que fez, não disse?

Deborah Ann admitiu que sim.

− Eles o entubaram?

Deborah Ann disse que sim.

− Está bem, eis o seu caso. Eles o fizeram respirar, mas ao fazê-lo, empurraram aquela maçã ruim ainda mais fundo. - Ele se endireitou, passando os dedos pela camisa branca ligeiramente amarelada, e espiou as tetas de Deborah Ann de novo, talvez só para se certificar de que elas não tinham saído do sutiã e fugido. - Logo, dano cerebral.

− Então você pegará o caso?

− Claro, se você pagar pelos cinco anos em que se arrastará pelas cortes. Porque o hospital e suas seguradoras lutarão em todo passo do caminho. Já vi isto antes.

− Quanto?

Greensmith disse um valor, e Deborah Ann saiu do escritório, segurando a mão de Brady. Eles se sentaram no Honda dela (naquela época novo) e ela chorou. Quando aquela parte acabou, ela disse a ele para ligar o rádio enquanto ela cuidava de outro assunto. Brady sabia o que o outro assunto era: uma garrafa de seu eficiente sistema de entrega.

Ela revivera seu encontro com Greensmith muitas vezes nos anos seguintes,

sempre terminando com o mesmo pronunciamento amargo:

- Eu paguei cem dólares que não podia dispor para um advogado vestindo um terno da Men's Wearhouse, e tudo o que descubro é que não posso pagar a briga contra as grandes companhias de seguro para receber o que me é devido.

O ano que se seguiu durou cinco anos. Havia um monstro sugador de vidas na casa, e o nome do monstro era Frankie. Às vezes, quando ele derrubava alguma coisa ou acordava Deborah Ann de um cochilo, ela o espancava. Uma vez ela perdera tanto o controle que batera na lateral da cabeça dele, derrubando-o ao chão em um rodopio de olhos revirados. Ela o ergeu, o abraçou, chorou e disse que sentia muito, mas havia limite ao que uma mulher conseguia suportar.

Ela fazia bicos no salão de cabeleireiros como ajudante sempre que podia. Nestes dias, ela ligava para a escola de Brady dizendo que ele estava doente para que ele pudesse cudiar do irmãozinho. Às vezes, Brady pegava Frankie mexendo em coisas que não devia mexer (ou coisas que pertenciam a Brady, como o seu Atari Arcade), e então ele batia nas mãos de Frankie até Frankie chorar. Quando os choramingos começavam, Brady tinha de lembrar a si mesmo de que não era culpa de Frankie, ele tinha um dano cerebral daquela maldita, não, aquela *fodida* fatia de maçã, e ele era então engolfado por uma onda de culpa, raiva e pesar. Ele pegava Frankie no colo e o embalava e dizia que sentia muito, mas havia um limite para o que um homem podia aguentar. E ele *era* um homem. A Mãe dizia: o homem da casa. Ele tinha ficado craque em trocar as fraldas de Frankie, mas quando era cocô (não, era *merda*, não cocô, era *merda*), ele às vezes beliscava as pernas de Frankie e gritava com ele para ficar parado, maldição, fique parado. Mesmo quando Frankie *estava* parado. Deitado lá com Sammy, o caminhão de bombeiro abraçado ao seu peito e olhando para o teto com seus grandes olhos estúpidos e com dano cerebral.

Aquele ano foi cheio de às vezes.

Às vezes ele amava Frankie e o beijava.

Às vezes ele o chacoalhava e dizia Isto é sua culpa, vamos morar na rua e é sua culpa.

Às vezes, ao colocar Frankie para dormir após um dia no salão de beleza, Deborah Ann via hematomas nos braços e pernas do garoto. Uma vez em sua garganta, que tinha cicatriz da traqueostomia que os socorristas tinham feito. Ela nunca comentava sobre os hematomas.

Às vezes, Brady amava Frankie. Às vezes ele o odiava. Geralmente, ele sentia a mesma coisa ao mesmo tempo, e isto lhe dava dor de cabeça.

Às vezes (a maioria das vezes quando estava bêbada), Deborah Ann reclamava da sua droga de vida.

- Eu não consigo assistência do municipio, do estado, ou do maldito governo federal, e por que? Porque ainda temos muito do seguro e do acordo, é por isto. Alguém se importa que tudo esteja acabando e nada esteja entrando? Não.

Quando o dinheiro acabar e estivermos vivendo em um abrigo ou na Avenida Lowbriar, *então* eu poderei pedir assistência, e isto não é irônico.

Às vezes, Brady olhava para Frankie e pensava, Você está *atrapalhando*. Você está *atrapalhando,* Frankie, você está no maldito fodido caralho de *camiiiinho*.

Às vezes – frequentemente – Brady odiava a merda da porra do caralho do mundo inteiro. Se houvesse um Deus, como os caras de domingo diziam na TV, então Ele não devia levar Frankie para o céu, para que sua mãe pudesse voltar a trabalhar em tempo integral e eles não tivessem de ir morar na rua? Ou ir morar na Avenida Lowbriar, onde sua mãe disse que não havia nada além de negros viciados em drogas com armas? Se houvesse um Deus, porque ele deixara Frankie engasgar com aquele fodido pedaço da maçã em primeiro lugar? E então deixara-o acordar com dano cerebral, que estava indo de ruim para fodida e malditamente *pior*. Não havia Deus. Bastava olhar para Frankie se arrastando pelo chão com o maldito Sammy em uma mão, então se erguendo e mancando um pouco antes de desistir e voltar a se arrastar, para saber que a ideia de um Deus era ridícula para caralho.

Finalmente Frankie morrera. Aconteceu rápido. De certa forma foi como atropelar aquelas pessoas no Centro Municipal. Não houve premeditação, só a realidade agigantando-se de que algo precisava ser feito. Quase podia ser chamado de acidente. Ou destino. Brady não acreditava em Deus, mas acreditava em destino, e às vezes, o homem da casa tinha de agir como a mão direita do destino.

Sua mãe estava fazendo panquecas para o jantar. Frankie brincava com Sammy. A porta do porão estava aberta porque Deborah Ann comprara dois fardos de papel higiênico barato na Chapter 11 e eles o guardavam lá. Os banheiros precisavam ser abastecidos, então ela pediu para Brady descer e pegar alguns. Suas mãos estavam cheias quando ele voltou, então ele deixou a porta do porão aberta. Ele achou que a Mãe a fecharia, mas quando desceu, após ter colocado papel higiênico nos dois banheiros de cima, ainda estava aberta. Frankie estava na porta, empurrando Sammy pelo linóleo e fazendo sons de *rrrrr*. Ele usava calças vermelhas que inchavam-se com o volume das fraldas triplas. Ele estava se aproximando cada vez mais da porta aberta e dos degraus, mas Deborah Ann ainda não se movia para fechá-la. Nem pediu a Brady, que agora arrumava a mesa, para fazê-lo.

– Rrrr-rrrr, - disse Frankie. - Rrr-rrr.

Ele empurrava o caminhão de bombeiro. Sammy rolou para a beira da porta do porão, bateu contra o batente, e lá parou.

Deborah Ann deixou o forno. Ela foi até a porta do porão. Brady pensou que ela se abaixaria para pegar o caminhão para devolver à Frankie, mas ela não o fez. Em vez disto, ela chutou. Houve um baixo som de batidas enquanto ele quicava nos degraus, todo o caminho até o fim da escada.

− Ops, - ela disse. - Sammy caiu e quebrou. - Sua voz era inexpressiva.

Brady se aproximou. Isto era interessante.

− Por que fez isto, Mãe?

Deborah Ann colocou as mãos nos quadris, a espátula contra um lado deles. Ela disse.

− Porque eu estou tão cansada de ouvi-lo fazer esse barulho.

Frankie abriu a boca e começou a balbuciar.

− Pare, Frankie, - Brady disse, mas Frankie não parou. O que Frankie fez foi engatinhar até o primeiro degrau para espiar a escuridão lá embaixo.

Na mesma voz neutra, Deborah Ann dissse,

− Acenda a luz, Brady. Para que ele possa ver Sammy.

Brady acendeu a luz e espiou por cima de seu irmão balbuciante.

− É, - ele diz. - Lá está ele. Bem no fim da escada. Vê, Frankie?

Frankie engatinou um pouco mais, ainda balbuciando. Ele olhou para baixo. Brady olhou para sua mãe. Deborah Ann Hartsfieldd deu um mínimo aceno, quase imperceptível. Brady não pensou. Ele simplesmente chutou a bunda com fralda tripla e Frankie foi para baixo em uma série de cambalhotas desajeitadas que fizeram Brady pensar nos Irmão gordo piruetando pela nave da igreja. Na primeira cambalhota, Frankie continuou a balbuciar, mas na segunda volta, sua cabeça bateu na quina de um dos degraus e o balbucio parou de vez, como se Frankie fosse um rádio e alguém o tivesse desligado. Foi horrível, mas teve um lado engraçado. Ele rolou de novo, pernas voando frouxamente para ambos os lados, em forma de Y. Então ele bateu de cabeça no chão do porão.

− Oh, meu Deus, Frankie caiu! - Deborah Ann gritou. Ela largou a espátula e correu escada abaixo. Brady a seguiu.

O pescoço de Frankie estava quebrado, mesmo Brady podia dizer isto, porque estava toda mole nas costas, mas ele ainda estava vivo. Respirava por roncos curtos. Sangue saía de seu nariz. Mais sangue escorria da lateral de sua cabeça. Seus olhos se moviam para frente e para trás, mas nada mais se movia. Pobre Frankie. Brady começou a chorar. Sua mãe chorava também.

− O que devemos fazer? - Brady perguntou. - O que faremos, Mãe?

− Vá lá em cima e me traga uma almofada do sofá.

Ele fez o que ela pediu. Quando voltou a descer, Sammy o Caminhão estava pousado sobre o peito de Frankie.

− Tentei fazê-lo segurar, mas ele não consegue. - Deborah Ann disse.

− É, - Brady disse. - Ele provavelmente está paralisado. Pobre Frankie.

Frankie olhou para cima, primeiro para a mãe e então para o irmão.

− Brady, - ele disse.

− Vai ficar tudo bem, Frankie, - Brady disse, e estendeu a almofada.

Deborah Ann a pegou e a colocou sobre o rosto de Frankie. Não levou muito tempo. Então pediu para Brady subir de novo e colocar a almofada de volta no

sofá e pegar um pano úmido.

− Desligue o fogo enquanto estiver lá em cima, - ela disse. - As panquecas estão queimando. Posso sentir o cheiro.

Ela lavou o rosto de Frankie para limpar o sangue. Brady achou muito doce e maternal. Anos depois, ele percebeu que ela também estava se certificando de que não houvesse fios ou fibras da almofada no rosto de Frankie.

Quando Frankie estava limpo (embora ainda houvesse sangue no cabelo), Brady e a mãe se sentaram nos degraus do porão, olhando para ele. Deborah Ann tinha o braço em volta dos ombros de Brady.

− Melhor chamar a emergência, - ela disse.

− Está bem.

− Ele empurrou Sammy forte demais e Sammy caiu lá embaixo. Então ele tentou ir buscá-o e perdeu o equilíbrio. Eu estava fazendo panquecas e você estava colocando papel higiêncio nos banheiros de cima. Você não viu nada. Quando desceu ao porão, ele já estava morto.

− Está bem.

− Repita para mim.

Brady repetiu. Ele era um aluno nota 10, e bom em decorar coisas.

− Não importa o que lhe perguntem, jamais diga nada além disto. Não adicione nada, e não mude nada.

− Está bem, mas posso dizer que você estava chorando?

Ela sorriu. Ela beijou sua testa e bochecha. Então ela beijou-o em cheio nos lábios.

− Sim, amorzinho, pode dizer isto.

− Ficaremos bem agora?

− Sim. - não havia dúvida na voz dela. - Ficaremos bem.

Ela tinha razão. Houve poucas perguntas sobre o acidente e nenhuma muito incisiva. Eles fizeram um funeral. Foi bonito. Frankie estava em um caixão pequeno como ele, vestindo um terno. Ele não parecia ter dano cerebral, parecia estar só adormecido. Antes de fecharem o caixão, Brady beijou o rosto do irmão e enfiou Sammy, o Caminhão de Bombeiros, ao lado dele. Coube direitinho.

Aquela noite, Brady teve a primeira de suas dores de cabeça realmente más. Ele começou a pensar que Frankie estava embaixo de sua cama, e aquilo tornou a dor ainda pior. Ele foi até o quarto da mãe e deitou com ela. Ele não disse que estava com medo de Frankie estar debaixo de sua cama, só que sua cabeça doía tanto que ele achava que ia explodir. Ela o abraçou e o beijou e ele se aninhou contra ela forte-forte-forte. Era gostoso aninhar-se. Diminuía a dor de cabeça. Eles adormeceram e no dia seguinte eram só os dois e a vida ficou melhor. Deborah Ann conseguiu seu antigo emprego de volta, mas não houve mais namorados. Ela disse que Brady era o único namorado que ela queria agora. Eles jamais conversaram sobre o acidente de Frankie, mas às vezes, Brady sonhava

com ele. Ele não sabia se sua mãe também sonhava ou não, mas ela bebia muita vodka, tanta que eventualmente acabou perdendo o emprego de novo. Mas tudo bem, porque nesta época ele já tinha idade suficiente para trabalhar. Ele não lamentou não ir para a faculdade, também.

Faculdade era para pessoas que não sabiam que eram espertas.

6

Brady volta dessas memórias - um devaneio tão profundo que é quase como hipnose – para descobrir que tem um monte de plástico rasgado no colo. De início ele não sabe de onde veio. Então olha para o jornal sobre a bancada e compreende ter rasgado o invólucro com os dedos enquanto pensava em Frankie.

Ele joga os plásticos na lixeira, então pega o jornal e olha vagamente para as manchetes. Petróleo ainda jorrando no Golfo do México e executivos da British Petroleum berrando que estão fazendo o melhor que podem e as pessoas estão sendo rudes com eles. Nidal Hasan, o psiquiatra cuzão que abriu fogo na base do Exército de Fort Hood no Texas, será denunciado amanhã ou depois. (Você devia ter um Mercedes, Nidal-querido, Brady pensa). Paul McCartney, o ex-Beatle que a mãe de Brady costumava chamar de Velhos Olhos Spaniel, está sendo condecorado pela Casa Branca. Por que será, Brady às vezes se pergunta, que pessoas com tão pouco talento ganham muito de tudo? Apenas mais uma prova que o mundo está mesmo louco.

Brady decide levar o jornal à cozinha e ler a coluna política. Aquilo e a cápsula de melatonina pode ser suficiente para fazê-lo domir. No meio caminho da escada, ele vira o jornal para ver o que está abaixo da dobra e congela. Há uma foto de duas mulheres, lado a lado. Uma é Olivia Trelawney. A outra é bem mais velha, mas a semelhança é indiscutível. Especialmente aqueles lábios finos de cadela.

MORRE A MÃE DE OLIVIA TRELAWNEY diz a manchete. Logo abaixo: *Protestou contra o "Tratamento Injusto" recebido pela Filha, Alegou que a Cobetura da Imprensa "Destruiu sua vida".*

Seguia-se uma notícia de dois parágrafos, na verdade somente uma desculpa para trazer a tragédia do ano anterior (Se quiser usar aquela palavra, Brady pensa - meio depreciativamente) de volta à primeira página de um jornal impresso que está lentamente sendo estrangulado até a morte pela internet. Leitores são referenciados ao obituário na página vinte e seis, e Brady, agora sentado à mesa da cozinha, rapidamente vai até a página. A nuvem de melancolia atordoada que o rodeava desde a morte da mãe tinha sido varrida para longe em um instante. Sua mente funciona rapidamente, ideias se juntam, então se separam, para então se juntar de novo, como peças em um quebra-cabeças. Ele está familiarizado com o processo e sabe que continuará até que se conectem de novo com um clique de finalização e apareça uma imagem clara.

ELIZABETH SIROIS WHARTON, 87 anos, faleceu pacificamente em 29 de Maio de 2010, no Hospital Memorial do Condado de Warsaw. Ela nasceu em 19 de Janeiro de 1923, filha de Marcel e Catherine Sirois. Deixa irmão, Henry Sirois, irmã, Charlotte Gibney, sobrinha, Holly Gibney, e uma filha, Janelle Patterson.

Elizabeth era viúva de Alvin Wharton, e perdera recentemente outra filha, Olivia. Visitação privada será das 10 da manhã à 1 da tarde na Casa Funerária Soames, em 1 de Junho, terça-feira, seguido por um serviço memorial na Casa Funerária Soames na Quarta-feira, 2 de Junho. Depois do serviço, uma recepção para amigos próximos e familiares se dará no 729 da Lilac Drive, em Sugar Heights. A família pede que não sejam enviadas flores, mas sugere que sejam feitas doações ou para a Cruz Vermelha Americana ou para o Exército da Salvação, as instituições de caridade favoritas da Sra. Wharton.

Brady lê tudo isto cuidadosamente, com várias questões relacionadas na mente. Será que o ex-tira gordo vai estar no velório? No serviço memorial? Na recepção? Brady aposta que em todos os três. Procurando pelo *maufeitor*. Procurando por *ele*. Porque era o que os tiras faziam.

Ele lembra da última mensagem que mandou a Hodges, o bom e velho Det./Ref. agora ele sorri e diz em voz alta:

− Você não me verá se aproximar.

− Certifique-se de que ele não veja, - Deborah Ann Hartsfield diz.

Ele sabe que ela não está ali de verdade, mas quase pode vê-la sentada do outro lado da mesa onde estava, vestindo uma saia lápis preta e a blusa azul que ele mais gostava, a que era tão transparente que dava para ver o fantasma de sua roupa de baixo através dela.

− Porque ele estará procurando por você.

− Eu sei, - Brady diz. - Não se preocupe.

− É claro que me preocupo, - ela diz. - Tenho de me preocupar. Você é meu amorzinho.

Ele volta a descer e se mete em seu saco de dormir. O colchão inflável vazando assobia. A última coisa que ele faz antes de desligar as luzes através do comando de voz, é programar o alarme de seu iPhone para as seis e meia. Amanhã será um dia cheio.

Tirando as luzinhas vermelhas que indicavam o modo de descanso de seus computadores, a sala de controle do porão está completamente escura. Debaixo das escadas, sua mãe fala.

− Estou esperando por você, amorzinho, mas não me faça esperar muito.

− Estarei logo aí, Mãe. - Sorrindo, Brady fecha os olhos. Dois minutos depois, está roncando.

7

Janey não sai do quarto até as oito na manhã seguinte. Ela veste a mesma calça social da noite anterior. Hodges ainda está de cuecas boxer, ao telefone. Ele faz um gesto com o dedo para ela, um que significa tanto *bom dia* quanto *só um minuto.*

− Não é grande coisa, - ele diz, - só uma daquelas coisas que incomodam. Se puder checar, eu realmente ficarei grato. - ele ouve. - Não, não quero aborrecer Pete com isso, e nem você vai querer. Ele já está super ocupado com o caso de Donald Davis.

Ele ouve um pouco mais. Janey se empoleira no braço do sofá, aponta para seu relógio, e murmura, O velório! Hodges anui.

− Está certo, - ele diz ao telefone. - Vamos dizer entre o verão de 2007 e a primavera de 2009. Na área da Avenida Lake no centro da cidade, onde tem todos aqueles condomínios chiques. - ele pisca para Janey. - Obrigado, Marlo, você é uma boneca. E eu prometo que não vou me tornar um tio, está bem? - Ouve, anui. - Está bem. É. Tenho de ir, mas mande meus cumprimentos a Phil e as crianças. Nos vemos em breve. Almoço. É claro que eu pago. Certo. Tchau.

Ele desliga.

− Você precisa se vestir rápido, - ela diz, - então me levar de volta para apartamento para que eu possa passar a maldita maquiagem para podermos ir à funerária. Também pode ser divertido trocar de roupa de baixo. Quão rápido consegue vestir seu terno?

− Rápido. E você não precisa de maquiagem.

Ela revira os olhos.

− Diga isto a Tia Charlotte. Ela está totalmente na patrulha da foda recente. Agora continue, e traga uma lâmina. Pode se barbear lá em casa. - ela volta a olhar para o relógio. - Não durmo até tão tarde há cinco anos.

Ele vai para o quarto e se veste. Ela o pega na porta, vira-o na sua direção, coloca as mãos nas bochechas dele, e o beija na boca.

− Sexo bom é o melhor remédio para dormir. Acho que tinha esquecido disto.

Ele a ergue do chão com um abraço. Ele não sabe quanto tempo aquilo irá durar, mas enquanto dure, ele quer cavalgá-lo como um pônei.

− E use seu chapéu, - ela diz, olhando para o rosto dele e sorrindo. - Eu fiz bem em comprá-lo. Aquele chapéu é *você.*

8

Eles estavam felizes demais e com pressa demais de chegar à funerária antes dos parentes infernais para serem cautelosos, mas mesmo em alerta vermelho eles quase certamente não teriam visto nada que despertasse sinais de alerta. Já havia mais do que vinte carros estacionados no mini-shopping na intersecção da Estrada Harper e Rua Hanover, e o Subaru cor de barro de Brady Hartsfield é o menos chamativo do terreno. Ele escolhera sua vaga cuidadosamente para que a rua do ex-tira estivesse bem no meio de seu retrovisor. Se Hodges for no velório da velha senhora, ele descerá a ladeira e virará à esquerda na Hanover.

E lá ia ele, um pouco depois das oito e meia – um pouco mais cedo do que Brady esperava, já que o velório não começaria antes das dez e a casa funerária só ficava a vinte minutos de distância. Quando o carro virou à esquerda, Brady se surpreendeu também ao ver que o tira não estava sozinho. Tinha como passageira uma mulher, e embora Brady só tenha tido um rápido vislumbre, foi suficiente para identificá-la como a irmã de Olivia Trelawney. Ela estava com o visor baixado para que pudesse olhar no espelhinho enquanto penteava os cabelos. A dedução óbvia era que ela passara a noite na casa de solteiro do ex-tira gordo.

Brady está estupefato. Por que, em nome de Deus, ela faria isso? Hodges é *velho*, ele é *gordo*, ele é *feio*. Ela não pode realmente ter feito sexo com ele, pode? A ideia é impossível de acreditar. Então ele pensa em como sua mãe aliviava suas piores dores, e percebe – com relutância – que quando se tratava de sexo, nada era inacreditável. Mas a ideia de Hodges transando com a irmã de Olivia Trelawney é enfurecedora (não só porque podia-se dizer que havia sido Brady quem tinha juntado os dois). Hodges devia estar sentado na frente da televisão e pensando em se suicidar. Sem ânimo nem para aproveitar um pote de vaselina e sua própria mão direita, muito menos uma loira de boa aparência.

Brady pensa, Ela provavelmente ficou na cama e ele no sofá.

Esta ideia pelo menos parecia lógica, e o fez sentir-se melhor. Ele achava que Hodges podia ter feito sexo com uma loira de boa aparência se realmente quisesse... mas teria de pagar por isso. A puta provavelmente cobraria taxa extra por excesso de peso, ele pensa, e ri ao dar partida no carro.

Antes de sair do estacionamento, ele abre o porta-luvas, tira a Coisa Dois, e a deposita sobre o banco do passageiro. Ele não a tinha usado desde o ano passado, mas a usaria hoje. Provavelmente não na funerária, por que ele duvidava que estivessem indo direto para lá. Cedo demais. Brady acha que eles irão parar no condomínio da Avenida Lake, e não é necessário que ele os siga até lá, só que ele estaria lá quando eles voltassem. Ele sabe exatamente o que faria.

Seria como nos velhos tempos.

Em um semáforo no centro da cidade, ele liga para Tones Frobisher na

Discount Electronix e diz que não pode ir trabalhar hoje. Provavelmente não iria a semana inteira. Apertando as narinas com o nó dos dedos para dar à voz um tom anasalado, ele informa a Tones que está gripado. Pensa no show do 'Round Here no MAC na quinta a noite, e o colete suicida, e imagina-se completando *na próxima semana eu não terei gripe, eu só estarei morto*. Ele desliga, deposita o telefone próximo à Coisa Dois, e começa a rir. Ele vê uma mulher na alameda próxima, toda arrumada para o trabalho, encarando-o. Brady, que agora ri tão forte que lágrimas escorrem pelo seu rosto e ranho escorre de seu nariz, lhe mostra o dedo do meio.

9

− Você estava falando com sua amiga no Departamento de Arquivo? - Janey pergunta.

− Marlo Everett, é. Ela sempre chega cedo. Pete Huntley, meu ex-parceiro, jurava que era porque ela nunca vai para casa.

− Que tipo de historinha você contou a ela?

− Que alguns de meus vizinhos mencionaram um cara mexendo em carros para ver se estavam destrancados. Eu disse que parecia me lembrar de uma onda de roubo de carros no centro alguns anos atrás, o reponsável jamais foi preso.

− Uh-hu, e aquilo que você falou de não se tornar um tio, o que era?

− Tios são policiais reformados que não conseguem se desligar do trabalho. Eles ligam para que Marlo pesquise placas de carros que lhes parecem suspeitos por um motivo ou outro. Ou talvez eles detenham um cara que pareça errado, dão uma de policial durão para cima deles e pede por identificação. Então eles ligam para Marlo verificar o nome por mandatos e processos.

− E ela se importa?

− Bem, ela reclama pela falta de um formulário preenchido, mas não acho que se importe. Um velhote chamado Kenny Shays denunciou um seis-cinco alguns anos atrás – é comportamento suspeito, novo código desde 11 de Setembro. O cara que ele deteu não era um terrorista, mas um fugitivo que matou a família inteira no Kansas em 1987.

− Uau. Ele ganhou uma medalha?

− Nada mais que um "Bom Garoto", que era tudo o que ele queria. Ele morreu cerca de seis meses depois. - Se matou com um tiro é o que Kenny Shays fez, puxando o gatilho antes que o câncer de pulmão pudesse avançar.

O celular de Hodges toca. Está abafado porque ele mais uma vez o colocou no porta-luvas. Janey o procura e o estende a ele com um sorriso levemente irônico.

− Ei, Marlo, que rapidez. O que achou? Alguma coisa? - Ele ouve, concordando com o que ouve e dizendo uh-huh e tudo sem perder a concentração no trânsito pesado da manhã. Ele agradece e desliga, mas quando tenta devolver o Nokia para Janey, ela nega com a cabeça.

− Coloque-o no bolso. Alguém mais pode querer falar com você. Eu sei que é um conceito estranho, mas tente manter isso em mente. O que ela descobriu?

− A partir de setembro de 2007 houve mais de uma dúzia de invasões a veículos no centro. Marlo diz que pode ter havido muito mais, porque as pessoas que não perdem nada de valor tendem a não denunciar roubo de carros. Alguns nem percebem que aconteceu. O último relatório foi registrado em março de 2009, menos de três semanas antes do Massacre do Centro Municipal. Era o

nosso cara, Janey. Tenho certeza. Estamos fazendo o caminho inverso agora, e isto significa que estamos nos aproximando.

− Bom.

− Acho que vamos encontrá-lo. Se acontecer, seu advogado – Schron – vai ao centro para por Pete Huntley a par da situação. Ele faz o resto. Ainda concordamos com isto, não?

− Sim. Mas até lá, ele é *nosso*. Ainda concordamos com *isto*, não?

− Absolutamente.

Ele atravessava a Avenida Lake agora, e há uma vaga em frente ao prédio da finada Sra. Wharton. Quando sua sorte está mandando, ela está mandando. Hodges estaciona, se perguntando quantas vezes Olivia Trelawney teria usado esta mesma vaga.

Janey olhava ansiosamente para seu relógio enquanto Hodges alimentava o parquímetro.

− Relaxe, - ele diz. - Temos bastante tempo.

Quando ela se dirigiu à porta, Hodges apertou o botão TRAVAR em sua chave eletrônica. Ele não pensa sobre isto, mas é o que pensa o Sr. Mercedes, mas hábito é hábito. Ele guarda a chave no bolso e se apressa para alcançar Janey e poder segurar a porta para ela.

Ele pensa, estou me tornando um namoradinho.

Então ele pensa, E daí?

10

Cinco minutos depois, um Subaru cor de barro atravessa a Avenida Lake. Ele diminui tanto a velocidade que quase para ao passar ao lado do Toyota de Hodges, então Brady liga sua seta esquerda e entra no estacionamento pago do outro lado da rua.

Há várias vagas vazias nos primeiro e segundo andares, mas elas são internas e inúteis para ele. Ele encontra o que quer no terceiro andar, quase deserto: uma vaga do lado leste da garagem, com visão direta para a Avenida Lake. Ele estaciona, anda até a mureta de concreto e espia a rua e o Toyota de Hodges. Ele calcula a distância em cerca de cinquenta e quatro metros. Com nada no caminho para bloquear o sinal, é mamão com açúcar para a Coisa Dois.

Com tempo suficiente, Brady volta ao carro, liga o iPad e investiga o site do Complexo de Cultura e Arte do Meio-Oeste. O Auditório Mingo é o maior da instalação. Talvez seja, Brady pensa, porque ele é provavelmente a única parte do MAC que faz dinheiro. A orquestra sinfônica da cidade toca lá no inverno, além disto há apresentações de balé e palestras e merdas artísticas do tipo, mas de Junho a Agosto, o Mingo é quase exclusivamente dedicado à música pop. De acordo com o site, ao 'Round Here se seguirá uma estelar Cavalgada de Música de Verão, incluindo os Eagles, Sting, John Mellencamp, Alan Jackson, Paul Simon e Bruce Springsteen. Soava bem, mas Brady acha que as pessoas que comprassem ingressos para todos os shows se decepcionarão. Só haverá um único show no Mingo neste verão, um curto que será finalizado com o grito rebelde de “Morram, seus Filhos da Puta Inúteis.”

O site informa que a capacidade total do auditório é quatro mil e quinhentas pessoas.

Também diz que os ingressos para o 'Round Here já estão esgotados.

Brady liga para Shirley Orton na fábrica de sorvete. Mais uma vez tapando o nariz com os dedos, ele lhe diz que é melhor deixar Rudy Stanhope de sobreaviso para as tardes daquela semana. Ele diz que tentará ir na quinta ou sexta, mas era melhor que ela não contasse com ele: estava gripado.

Como ele esperava, a palavra “gripe” alarma Shirley.

- Não chegue nem perto deste lugar até que possa me mostrar um relatório de alta médica dizendo que não é contagioso. Não pode vender sorvete para crianças se estiver gripado.

- Eu sei, - Brady diz através de narinas tapadas – Be desculpe, Shirley. Acho que peguei da binha bãe. Tive de colocá-la na caba. - era tão engraçado que seus lábios começaram a formigar.

- Bem, cuide-se...

- Tenho de ir, - ele diz, - e corta a linha antes que outro jorro de risada histérica lhe escapasse. Sim, ele tivera de colocar a mãe na cama. E sim, era a

gripe. Não a gripe suína, ou a gripe aviária, mas uma nova espécie chamada gripe da marmota. Brady uiva e golpeia o painel de seu Subaru. Ele golpeia tão forte que sua mão dói, o que o faz rir ainda mais forte.

A crise continua até seu estômago doer e ele sentir vontade de vomitar. Só começa a acalmar quando vê a porta de entrada do prédio do outro lado da rua se abrir.

Brady pega a Coisa Dois e desliza o comutador. A luz de "pronto" brilha em amarelo. Ele ergue a anteninha. Sai de seu carro, sem rir agora, e se aproxima da mureta de concreto de novo, tendo o cuidado de ficar nas sombras do pilar de suporte mais próximo. Ele coloca o dedão na chave seletora e coloca a Coisa Dois em um ângulo baixo – mas não aponta para o Toyota. Ele aponta para Hodges, que está tirando algo do bolso das calças. A loira está perto dele, vestindo a mesma calça social que usava de manhã, mas com sapatos e bolsa diferente.

Hodges tira a chave.

Brady aperta a chave seletora da Coisa Dois e a luz amarela se torna verde significando que está em funcionamento. Os faróis do carro de Hodges piscam. No mesmo instante, a luz verde da Coisa Dois dá uma piscada rápida. Tinha interceptado o código PKE do Toyota e o armazenou, assim como tinha feito com o código do Mercedes da Sra. Trelawney.

Brady usava a Coisa Dois há quase dois anos, roubando PKEs e destravando carros para que pudesse furtar coisas de valor de dentro deles, tipo dinheiro. Os lucros destas ações eram irregulares, mas a excitação nunca diminuía. Seu primeiro pensamento ao encontrar a chave reserva no porta-luvas do Mercedes da Sra. Trelawney (estava em um saquinho plástico junto com o manual do proprietário e a licença) era roubar o carro e guiá-lo loucamente pela cidade afora. Curtir um pouco só pelo prazer de fazê-lo. Talvez fatiar os bancos estofados. Mas algum instinto lhe disse para deixar as coisas como estavam. Que o Mercedes poderia servir a um propósito maior. Como acabou servindo.

Brady entra no carro e volta a guardar a Coisa Dois em seu próprio porta-luvas. Ele está bastante satisfeito com o trabalho daquela manhã, mas a manhã ainda não tinha acabado. Hodges e a irmã de Olivia estarão no velório. Brady tinha seus próprios assuntos para cuidar. O MAC já devia estar aberto àquela hora, e ele queria dar uma olhada. Ver como era a segurança. Verificar onde as câmeras eram instaladas.

Brady pensa "Eu vou achar um jeito. Estou no embalo."

Também, ele precisará ficar online para conseguir um ingresso para o show de quinta. Dia cheio, cheio, cheio.

Ele começa a assoviar.

11

Hodges e Janey Patterson entraram no salão Descanso Eterno da Casa Funerária Soames às quinze para as dez, e graças à insistência dela em se apressar, foram os primeiros a chegar. A metade de cima do caixão estava aberta. A parte de baixo estava coberta com um tecido de seda azul. Elizabeth Wharton estava usando um vestido branco polvilhado com florzinhas azuis que combinavam com o tecido. Os olhos etavam fechados. As faces estavam rosadas.

Janey apressa-se para descer o corredor entre duas fileiras de cadeiras dobráveis, olha brevemente para a mãe, então volta. Seus lábios tremem.

- Tio Henry pode chamar a cremação de ritual pagão se ele quier, mas esta merda de caixão aberto é o verdadeiro ritual pagão. Ela não parece minha mãe, ela parece um animal empalhado.

- Então por que...

- Foi o acordo que eu fiz para calar a boca do Tio Henry sobre a cremação. Deus nos ajude se ele olhar por baixo do tecido e vir que o caixão é feito de papelão pintado de cinza para parecer metal. Para que possa... você sabe...

- Eu sei, - Hodges diz, e lhe dá um abraço de um braço só.

Os amigos da falecida começaram a chegar, a primeira foi Althea Greene, enfermeira de Wharton, e a Sra. Harris, que fora governanta. Às dez e vinte mais ou menos (educadamente atrasada, Hodges pensa), Tia Charlotte chega de mãos dadas com o irmão. Tio Henry a leva até o corredor, olha rapidamente para o corpo, então recua. Tia Charlotte olha fixamente para o rosto voltado para cima, então se abaixa e beija a morta nos lábios. Em voz quase inaudível ela diz,

- Oh irmã, oh, irmã. - Pela primeira vez desde que a conheceu, Hodges sente algo mais além de irritação por ela.

Então há um pouco de barulho, conversas em voz baixa, poucas risadas. Janey percorre os grupos, falando com todo mundo (não há mais do que uma dúzia de pessoas, do tipo que a filha de Hodges chamaria de velhotes), fazendo sua diligência. Tio Henry se junta a ela, e na ocasião em que Janey cambaleia – ao tentar consolar a Sra. Greene – ele passa o braço em volta de seus ombros. Hodges fica contente diante daquilo. O sangue chama, ele pensa. Em momentos como este, quase sempre ele chama.

Ele era o estranho ali, então decide tomar um pouco de ar. Ele fica em pé, próximo à entrada por uns momentos, analisando os carros estacionados do outro lado da rua, procurando por um homem sentado sozinho em um deles. Não vê nenhum, e se dá conta que não viu Holly, a resmungona também.

Ele anda a passos lentos rumo à área de estacionamento para visitantes e lá está ela, empoleirada no último degrau. Ela veste um vestido singularmente inapropriado, à altura das canelas. Seu cabelo está preso em tufos inapropriados,

aos lados da cabeça. Para Hodges, parecia a Princesa Léia, após um ano de dieta estilo Karen Carpenter[34].

Ela vê sua sombra no asfalto, tem um sobressalto, e esconde algo atrás da mão. Ele se aproxima, e o objeto escondido acaba se revelando um cigarro fumado pela metade. Ela lhe dá um olhar estreito e preocupado. Hodges pensa no olhar de um cão que já apanhou muito com um jornal por mijar embaixo da mesa da cozinha.

- Não conte à minha mãe. Ela acha que eu parei.

- Seus segredos estão seguros comigo, - Hodges diz, pensando que Holly certamente tem idade suficiente para não se preocupar mais com a desaprovação da Mamãe sobre o que provavelmente era seu único hábito ruim. - Posso me sentar com você?

- Não devia estar lá dentro com Janey? - Mas ela se move mais para o lado para lhe dar espaço.

- Só saí para um pouco de ar fresco. Com exceção da Janey, eu não conheço ninguém ali.

Ela olha para ele com a curiosidade aberta de uma criança.

- Você é amante de minha prima?

Ele fica embaraçado, não pela pergunta mas pelo fato perverso de que o faz querer rir. Ele meio que deseja ter deixado-a em paz para fumar seu cigarro ilícito.

- Bem, - ele diz, - somos bons amigos. Deixemos assim.

Ela dá de ombros e solta fumaça pelas narinas.

– Tudo bem por mim, eu acho que uma mulher deve ter os amantes que quiser. Eu mesma não tenho. Homens não me interesam. Não que eu seja lésbica. Não pense isso. Eu escrevo poesia.

– É mesmo?

– Sim. - e sem pausa, como se falasse da mesma coisa. - Minha mãe não gosta de Janey.

– Sério?

– Ela acha que Janey não devia ter ficado com todo o dinheiro de Olivia. Ela diz que não é justo. Provavelmente não é mesmo, mas não me importo.

Ela está mordiscando o lábio de um jeito que dá à Hodges uma sensação inquieta de déjà vu, e só leva um segundo para perceber o motivo: Olivia Trelawney fazia a mesma coisa durante as entrevistas com os políciais. O sangue chama. Ele quase sempre chama.

– Você não entrou, - ele disse.

– Não, e não vou entrar, e ela não pode me forçar. Eu nunca vi pessoalmente uma pessoa morta, e não vou começar agora. Me daria pesadelos.

Ela apaga o cigarro na lateral do degrau, sem esfregá-lo, mas esfaqueando-o até as fagulhas voarem e o filtro se despedaçar. Seu rosto era tão pálido quanto

uma garrafa de leite, ela começara a tremer (seus joelhos praticamente batiam), e se ela não parasse de morder aquele lábio, ia cortá-lo.

- Esta é a pior parte, - ela diz, e não estava mais murmurando. De fato, se sua voz não parasse de se elevar, logo ela estaria gritando. - Esta é a pior parte, é a pior parte, *é a pior parte!*

Ele passa um braço em volta de seus ombros trêmulos. Por um momento a vibração aumenta para um tremor de corpo inteiro. Ele sinceramente espera que ela fuja (talvez se demorando somente o bastante para chamá-lo de molestador e dar-lhe um tapa na cara). Então os tremores diminuem e ela até pousa a cabeça no ombro dele. Ela respira muito rápido.

− Você está certa, - ele diz. - Esta é a pior parte. Amanhã será melhor.

− O caixão estará fechado?

− Sim. - ele dirá a Janey que terá de fechá-lo, a menos que queira que a prima fique sentada com os carros de novo.

Holly olha para ele com o rosto nu. Ela não tem nenhuma maldita coisa a seu favor, Hodges pensa, nem um único traço de inteligência, nem um pingo de charme. Ele se arrependerá deste mau-julgamento, mas por ora, ele se vê mais uma vez pensando em Olivia Trelawney. Em como a imprensa a tinha tratado e como os policiais a tinham tratado. Inclusive ele.

− Promete que estará fechado?

− Sim.

− Promessa *dupla*?

− Juramento de mindinho, se quiser. - Então, ainda pensando em Olivia e o no veneno de computador que o Sr. Mercedes jogou contra ela. - Está tomando sua medicação, Holly?

Seus olhos se arregalaram.

− Como sabe que eu tomo Lexapro? *Ela te contou?*

− Ninguém me contou. Ninguém precisava. Eu era um detetive. - ele aperta o braço ao redor dos ombros dela um pouco e dá um chacoalhão pequeno e amigável. - Agora responda à minha pergunta.

− Estão na minha bolsa. Não tomei hoje, porque... - ela dá um risinho pequeno e estridente. - Porque me faz querer mijar.

− Se eu pegar uma garrafa d'água, você toma agora?

− Sim. Por você. - De novo aquele olhar nu, o olhar de uma criancinha avaliando um adulto. - Eu gosto de você. É um cara legal. Janey tem sorte. Eu nunca tive sorte na vida. Nunca tive um namorado.

− Vou trazer um pouco d'água. - Hodges diz, e fica em pé. Na esquina do prédio, ele olha para trás. Ela está tentando acender outro cigarro, mas é difícil porque os tremores voltaram. Ela segura o isqueiro Bic descartável com ambas as mãos, como um atirador na mira da polícia.

No lado de dentro, Janey pergunta onde ele estava. Ele lhe diz, e pergunta se

o caixão pode estar fechado no dia seguinte, no serviço memorial.

- Acho que é a única maneira de trazê-la aqui para dentro. - ele diz.

Janey olha para sua tia, agora no centro do grupo de mulheres idosas, todas falando animadamente.

- Aquela cadela nem notou que Holly não estava aqui, - ela diz. - Sabe, eu acabo de decidir que o caixão nem vai estar aqui amanhã. Vou falar com o diretor da funerária lá nos fundos, e se a Tia C não gostar, azar dela. Diga isso a Holly, está bem?

O diretor funeral que pairava discretamente aos fundos, mostra a Hodges na sala ao lado, onde as bebidas e os salgadinhos foram arrumados. Ele pega uma garrafa de água Dasani e leva para a área de estacionamento. Ele dá o recado de Janey e se senta com Holly até ela tomar uma de suas pilulazinhas brancas da felicidade. Quando ela o engole, sorri para ele.

- Eu gosto mesmo de você.

E, usando aquela capacidade esplêndida e treinada de policial dizer uma mentira convincente, Hodges responde calorosamente,

- Gosto de você também, Holly.

12

O Complexo de Cultura e Arte do Meio-Oeste, também chamado de MAC, é chamado de "o Louvre do Meio-Oeste" pelos jornais e pela Câmera de Comércio local (os residentes do meio-oeste chamavam de "o Loovah"). A instalação cobre vinte e quatro mil metros quadrados de um terreno privilegiado no centro e é dominado por um edifício circular que parece a Brady o OVNI gigantesco que aparece no final de *Contatos Imediatos de Terceiro Grau*. O Auditório Mingo.

Ele vagueia até a área de carga, que está cheia como um formigueiro em um dia de verão. Caminhões entravam e saíam, e trabalhadores descarregavam todos os tipos de coisa, incluindo – estranho mas verdade – o que parece um pedaço de uma roda gigante. Também há pedaços de cenário (ele acha que é assim que se chamam) mostrando uma noite estrelada e uma praia de areias brancas com casais caminhando de mãos dadas à beira da água. Os trabalhadores, ele nota, usam todos crachás funcionais pendurados no pescoço ou pendurados nas camisas. Nada bom.

Há uma guarita de segurança guardando a entrada da área de carga, o que não era nada bom também, mas Brady vai até lá, de qualquer jeito, pensando Quem não Arrisca, Não Petisca.

Há dois guardas. Um está dentro, devorando um bagel enquanto monitora meia dúzia de telas de vídeo. O outro sai para interceptar Brady. Usa óculos escuros. Brady consegue ver seu próprio reflexo nas lentes, com um grande e gordo sorriso de deus-que-interessante em seu rosto.

− Posso ajudá-lo, senhor?

− Só queria saber o que está acontecendo, - Brady diz. Ele aponta. - Parece uma roda gigante!

− Vai haver um grande show aqui na noite de quinta. - o guarda diz. - A banda está promovendo seu novo álbum. Beijos no meio do caminho, acho que é o nome.

− Cara, eles vão lotar isso aqui, não vão? - Brady se espanta.

O guarda ronca.

− Quanto menos eles cantam, maior é o palco. Sabe o que? Quando Tony Bennett veio cantar aqui ano passado, era só ele. Não tinha nem banda. A Sinfônica Municipal tocou para ele. Aquilo foi um show. Não havia crianças gritando. Música de verdade. Que conceito, hã?

− Acho que não posso me aproximar para dar uma olhadinha. Talvez tirar uma foto com meu celular?

− Não. - o guarda olhava-o bem de perto. Brady não gostou daquilo. - De fato, você nem deveria estar aqui. Então...

− Entendi, entendi. - Brady diz, sorrindo mais. Hora de ir. Não há nada ali

para ele, de qualquer forma; se eles tem dois caras a serviço agora, é capaz de haver mais de uma dúzia na noite de quinta. - Obrigado por vir falar comigo.

− Sem problemas.

Brady lhe faz um sinal de positivo. O segurança valentão recua, mas permanece no umbral da guarita, observando-o se afastar.

Ele caminha ao longo de um grande e quase vazio estacionamento que estará totalmente lotado na noite do show do 'Round Here. Seu sorriso se apaga. Ele reflete sobre as estúpidas cabeças de turbantes que bateram com aviões no World Trade Center nove anos atrás. Ele pensa (sem o menor traço de ironia), Eles arruinaram tudo para o resto de nós.

Uma caminhada de cinco minutos o leva a uma fileira de portas onde a platéia entraria na quinta a noite. Ele tem de pagar cinco dólares "taxa sugerida de doação" para entrar. O saguão é um fosso cheio de eco atualmente cheio de amantes da cultura e grupos de estudantes. Logo a frente há uma lojinha de lembranças. À esquerda há um corredor que leva ao Auditório Mingo. É tão largo quanto uma rua de mão dupla. No meio dele há um poste de cromo com uma placa escrito: NÃO PERMITIDOS: BOLSAS, SACOLAS, CAIXAS E MOCHILAS.

Também não havia detector de metais. É possível que ainda não os tenham instalado, mas Brady tinha quase certeza que eles não instalariam. Haveria mais de quatro mil pessoas se empurrando para poder entrar, e os detectores de metal apitando e soando pelo local todo criaria um trânsito digno de pesadelo. Haveria *mucho* guardas de segurança, mas, todos eles tão desconfiados e oficiosos como o cuzão de óculos de sol lá de fora. De fato, *qualquer* homem sem uma filha pré-adolescente com maria chiquinhas a reboque chamaria atenção ali.

Poderia vir até aqui um minuto, senhor?

É claro que ele poderia detonar o colete ali mesmo, e então mataria uma centena ou mais, mas não era o que queria. O que ele queria era ir para casa, procurar na Net, achar o nome da música mais famosa do 'Round Here, e apertar o botão no meio dela, quando as pequenas franguinhas estivessem gritando na mais alta voz, perdendo suas pequenas cabeças de franguinhas.

Mas os obstáculos são formidáveis.

Em pé lá no saguão, entre os aposentados com guias de visitação e colegiais respirando pela boca, Brady pensa, eu queria que Frankie estivesse vivo. Se estivesse, eu o traria ao show. Ele seria exatamente estúpido o suficiente para se divertir. Eu até deixaria ele trazer Sammy, o caminhão de bombeiro. O pensamento o encheu de uma tristeza profunda e completamente autêntica, que frequentemente lhe tomava quando pensava em Frankie.

Talvez eu devesse só matar o ex-tira gordo, e a mim mesmo, e me dar por satisfeito.

Esfregando as têmporas, onde uma de suas dores de cabeça tinha começado

a se formar (e agora não havia Mãe para aliviá-la), Brady vagueia pelo saguão em direção a Galeria de Arte Harlow Floyd, onde um grande banner dizia JUNHO É O MÊS DO MANET!

Ele não sabia exatamente quem fora Manet, provalmente outro velho sapo pintor como van Gogh, mas algumas das pinturas eram ótimas. Ele não ligava muito para natureza morta (porque em nome de Deus alguém gastaria tanto tempo pintando um melão?), mas alguns dos outros possuía uma violência quase feroz. Um mostrava um toureiro morto. Brady o observa por quase cinco minutos com as mãos fechadas atrás de si, ignorando as pessoas que se acotovelavam ou que olhavam por cima de seu ombros para dar uma olhada. O toureiro não está mutilado nem nada assim, mas o sangue que esguicha de seu ombro esquerdo parece mais real do que o sangue em todos os filmes violentos que Brady via, e ele via muitos. Aquilo o acalma, o limpa e quando finalmente volta a se mover, ele pensa: Tem de haver um jeito de fazer isto.

No calor do momento ele olha para a lojinha de lembranças e compra uma porção de merdas do 'Round Here. Quando ele sai, dez minutos depois, carregando uma sacola com EU TIVE UM ATAQUE NO MAC impresso na lateral, ele olha novamente na direção do corredor que leva ao Mingo. Dali a duas noites, aquele corredor se tornará um emaranhado de garotas risonhas, se empurrando, loucamente excitadas, a maioria acompanhadas por pais sofredores. Deste ângulo ele consegue ver que a extremidade direita do corredor havia sido separada do resto por cordas de veludo. Na frente deste mini-corredor improvisado há outra placa em outro poste cromado.

Brady a lê e pensa, Oh, meu Deus.

Oh... meu... *Deus!*

13

No apartamento que costumava pertencer à Elizabeth Wharton, Janey chuta os saltos altos e afunda no sofá.

− Graças a Deus acabou. Não parece ter durado mil anos?

− Dois mil, - Hodges diz. - Você parece precisar de uma soneca.

− Eu dormi até as oito, - ela protesta, mas para Hodges, soou fraco.

− Ainda assim, pode ser uma boa ideia.

− Considerando o fato de que vou ter de jantar com meus parentes hoje em Sugar Heights, você pode até ter razão detetive. Você está dispensado do jantar, a propósito. Acho que eles querem falar sobre a comédia preferida de todos, Os milhões de Janey.

− Não me surpreenderia.

− Eu vou dividir a herança da Ollie com eles. Meio a meio.

Hodges começa a rir, ele para quando percebe que ela fala sério.

Janey eleva suas sobrancelhas.

− Não concorda com isso? Talvez ache que insignificantes três e meio milhões não serão suficiente para me valer até a velhice?

− Eu acho que seria, mas... é seu. Olivia o legou a você.

− Sim, e o testamento é irrefutável, o advogado Schron me assegurou isto, mas isto não significa que Ollie estava em seu juízo perfeito quando o fez. Sabe disto. Você a viu, falou com ela. - Ela massageava os pés através das meias. - Além disto, se eu der metade a eles, vou vê-los dividir. Pense na diversão.

− Tem certeza que não quer que eu vá com você hoje?

− Não esta noite, mas amanhã, definitivamente. Amanhã eu não vou conseguir enfrentar sozinha.

− Pego voce as nove e quinze. A menos que queira dormir de novo lá em casa.

− Tentador, mas não. Esta noite vai ser diversão exclusivamente familiar. Só um a coisa antes de você sair. Muito importante. - ela remexe na bolsa em busca de um bloco de notas e uma caneta. Ela escreve, então arranca a página e a entrega a ele. Hodges vê dois grupos de números.

Janey diz.

− O primeiro abre os portões da casa de Sugar Hill. O segundo desativa o alarme. Quando você e seu amigo Jerome estiverem trabalhando no computador da Ollie na quinta de manhã, estarei levando Tia Charlotte, Holly e Tio Henry para o aeroporto. Se o cara mexeu no computador do jeito que você acha que ele mexeu... e se o programa ainda estiver lá... não acho que posso aguentar. - Ela olha para ele suplicantemente. - Entendeu? Diga que entendeu.

− Entendi, - Hodges diz. Ele ajoelha ao lado dela como um homem pronto para pedir uma mocinha em casamento como nos livros açucarados que sua ex-

esposa gostava. Parte dele sentia-se absurda. O resto não.

− Janey, - ele diz.

Ela olha para ele, tentando sorrir, mas sem conseguir.

- Sinto muito. Por tudo. Sinto tanto, tanto. - não era só nela que ele pensava, ou em sua finada irmã, que tinha tantos problemas e causava tantos problemas. Ele pensava naqueles que estavam no Centro Municipal, especialmente na mulher com o bebê.

Quando ele fora promovido a detetive, seu mentor era um cara chamado Frank Sledge. Hodges pensava nele como um cara idoso, mas na época Sledge era quinze anos mais novo do que Hodges é agora. *Jamais deixe-me ouvi-lo chamá-los de vítimas,* Sledge disse a ele. *Este tipo de merda é restrita a cuzões e novatos. Lembre-se de seus nomes. Chame-os pelos nomes.*

As Crays, ele pensa. Elas eram as Crays. Janice e Patricia.

Janey o abraça. A respiração dela faz cócegas em sua orelha quando ela fala, causando arrepios e quase uma ereção.

- Vou voltar à California quando tudo isto acabar. Não posso ficar aqui. Gosto demais de você, Bill, e se eu ficar aqui, poderia provavelmente me apaixonar por você, mas não vou fazer isto. Preciso começar do zero.

- Eu sei. - Hodges recua e a segura pelos ombros para poder olhá-la no rosto de novo. É um lindo rosto, mas hoje aparentava a idade que tinha. - Tudo bem.

Ela remexe na bolsa de novo, desta vez procurando lenço de papel. Depois de secar os olhos, ela diz:

- Você conquistou alguém hoje.

- Ahn?... - então ele entende. - Holly.

- Ela o acha maravilhoso. Me disse isso.

- Ela me lembra Olivia. Falar com ela me fez pensar em uma segunda chance.

- De fazer a coisa certa?

- É.

Janey enruga o nariz para ele e sorri. "*É.*"

14

Brady vai às compras aquela tarde. Ele vai com o Honda da finada Deborah Ann Hartsfield, porque tem o porta-malas maior. Ainda assim, um dos itens quase não cabe na traseira. Ele pensa em parar no Speedy Postal a caminho de casa para ver se já chegara o Gopher-Go encomendado, usando o nome de Ralph Jones, mas tudo aquilo parecia ter acontecido há milhares de anos de distância, e realmente, de que serviria? Aquela parte de sua vida estava acabada. Logo o resto também estará, e que alívio.

Ele guarda o maior item comprado na garagem. Então entra na casa, e após uma pequena pausa na cozinha para cheirar o ar (não havia ainda cheiro de podridão, pelo menos ainda), ele desce para sua sala de controle. Fala a palavra mágica que liga a fileira de computadores, mas só por hábito. Ele não tem vontade de entrar no site Guarda-Chuva Azul da Debbie, porque não tem mais nada a dizer ao ex-tira gordo. Aquela parte de sua vida também tinha acabado. Ele olha para o relógio, vê que são quase três e meia da tarde, e calcula que o ex-tira gordo tem agora menos de vinte horas de vida.

Se você realmente estiver fodendo dela, Detetive Hodges, Brady pensa, melhor aproveitar enquanto ainda pode.

Ele abre o cadeado da porta do armário e entra em um cheiro seco e vagamente oleoso de plástico caseiro. Ele olha para as caixas de sapato cheias de explosivo e escolhe a do sapato Mephisto que usava agora – presente de natal do último ano que a mãe lhe dera. Da prateleira mais alta, pega a caixa de sapato cheia de celulares. Leva um deles e a caixa de areia explosiva para a bancada no meio da sala e começa a trabalhar, colocando o celular na caixa e ligando-o a um detonador simples movido à pilhas AA. Ele liga o celular para certificar-se de seu funcionamento, então o desliga de novo. A chance de alguém discar aquele número descartável por engano e explodir sua sala de controle era pequena, mas para que arriscar? As chances de sua mãe encontrar aquela carne envenenada e fritá-la para o almoço também eram pequenas, e olhe *o que* aconteceu.

Não, este bebê vai ficar desligado até as dez e vinte da manhã do dia seguinte. Seria quando Brady caminharia até o estacionamento nos fundos da Casa Funerária Soames. Se houver alguém ali, Brady dirá que pensou que podia cortar caminho pelo estacionamento até a próxima rua, onde havia uma parada de ônibus (o que era verdade, ele tinha verificado no MapQuest). Mas ele não achava que haveria alguém. Eles todos estariam lá dentro, para o serviço memorial, chorando uma tempestade.

Ele usará a Coisa Dois para destravar o carro do ex-tira gordo e colocará a caixa de sapatos no assoalho atrás do banco do motorista. Trancará o Toyota de novo e voltará para o próprio carro. Para esperar. Para observá-lo passar. Para

deixá-lo chegar ao próximo cruzamento, onde Brady teria certeza que ele, Brady, estaria relativamente seguro de destroços. Então...

- Ca-bum! - Brady diz. - Eles precisarão de uma caixa de sapatos para enterrá-lo.

Era bem engraçado, e ele ria enquanto voltava para ao closet para pegar seu colete suicida. Ele passa o resto da tarde desmontando-o. Brady não precisaria mais do colete.

Ele tinha uma ideia melhor.

15

Quarta-feira, 2 de Junho de 2010 é um dia quente e sem nuvens. Ainda era primavera, de acordo com o calendário, e as escolas locais que ainda tinham aula, mas isto não mudava o fato de que era um perfeito dia de verão no coração da América.

Bill Hodges, vestido de terno, mas abençoadamente sem gravata, está em seu escritório, repassando uma lista de furtos em carros que Marlo Everett lhe enviara por fax. Ele tinha impresso um mapa da cidade, e colocava um ponto vermelho em cada local de crime. Ele se vê gastando muita sola de sapato no futuro, dependendo do resultado da verificação do computador de Olivia, mas era bem possível que algumas das vítimas dos furtos mencionassem ver um veículo similar. Porque o Sr. Mercedes, *tinha* de observar os donos de seus veículos-alvo. Hodges tinha certeza. Ele tinha de certificar-se de que estivessem longe antes dele usar seu dispositivo para destravar os carros.

Ele os observava do jeito que me observou, Hodges pensa.

Isto rapidamente lhe trouxe algo a mente – uma breve fagulha de associação que se apagou antes de poder ver o que iluminava. Tudo bem; se houver mesmo algo ali, voltará. Enquanto isto, ele continua verificando os endereços e fazendo pontinhos vermelhos. Ele tinha vinte minutos antes de colocar a gravata e ir buscar Janey.

Brady Hartsfield está na sala de controle. Sem dor de cabeça hoje, e seus pensamentos, que com frequencia se bagunçavam, estão claros como as várias imagens de tela do *The Wild Bunch* em seus computadores. Ele tinha removido os blocos de explosivos plásticos de seu colete suicida, desconectando-os cuidadosamente de seus fios detonadores. Alguns blocos tinham ido para uma almofada vermelho vivo onde havia impresso ESTACIONAMENTO DE BUNDA. Ele tinha enfiado mais dois, re-moldados em cilindros com fios detonadores conectados, dentro de uma bolsa de sonda uretral Urinesta. Feito isto, ele cuidadosamente cola um adesivo à bolsa, que comprou-o ontem, junto com uma camiseta, na loja do MAC. O adesivo dizia “Fã número 1 da 'Round Here”. Ele verifica o relógio. Quase nove. O ex-tira gordo agora tem uma hora de meia de vida. Talvez menos.

O antigo parceiro de Hodges, Pete Huntley está em uma das salas de interrogatório, não porque tivesse alguém para interrogar, mas porque ficava longe do barulho da manhã e do fluxo de pessoas entrando e saindo. Ele tinha anotações a revisar. Tinha uma conferência com a imprensa às dez, para falar sobre as recentes revelações sombrias que Donald Davis tinha feito, e não queria estragar tudo. O assassino do Centro Municipal – Sr. Mercedes – era a coisa mais distante de sua mente naquele momento.

Em Lowtown, atrás de uma certa loja de penhores, armas eram compradas e vendidas por pessoas que achavam não estarem sendo vigiadas.

Jerome Robinson está em seu computador, ouvindo sons em um site chamado "Sounds Good To Me". Ele ouve uma mulher rindo histericamente. Ouve um homem assoviando "Danny Boy." Ouve um homem gargalhar e uma mulher, aparentemente nos estertores de um orgasmo. Eventualmente encontra o áudio que quer. O título é simples: BEBÊ CHORANDO.

No andar de baixo, a irmã de Jerome, Barbara vem correndo da cozinha, acompanhada bem de perto por Odell. Barbara veste uma saia de lantejoulas, tamancos azuis desajeitados e uma camiseta que mostra uma adolescente bonita. Abaixo de seu sorriso brilhante e penteado caprichado tem a legenda: EU AMO CAM PARA SEMPRE! Ela pergunta à mãe se aquele modelito parece infantil demais para o show. Sua mãe (talvez se lembrando do que vestira em seu primeiro show) sorri e diz que está perfeito. Barbara pergunta se pode usar os brincos de símbolo da paz da mãe. Sim, é claro. Batom? Bem... está bem. Sombra? Não, desculpe. Barbara dá uma risada de não-custa-tentar e abraça a mãe com extravagância.

- Mal posso esperar por amanhã, - ela diz.

Holly Gibney está no banheiro da casa em Sugar Heights, desejando poder faltar ao serviço do memorial, mas sabe que sua mãe jamais permitiria. Se protestasse dizendo que não se sentia bem, a resposta da mãe seria a mesma desde a infância de Holly: *o que as pessoas irão pensar*. E se Holly protestasse dizendo que não se *importava* com o que as pessoas pensam, ela jamais veriam novamente aquelas pessoas (exceto Janey) em suas vidas? Sua mãe a olharia como se Holly estivesse falando em um idioma estrangeiro. Ela toma seu Lexapro, mas suas entranhas se embolam enquanto ela escova os dentes e ela o vomita em seguida. Charlotte grita para perguntar se ela está quase pronta. Holly grita de volta dizendo que está quase. Ela dá descarga na privada e pensa, pelo menos o namorado de Janey vai estar lá. Bill. Ele é legal.

Janey Patterson está se vestindo cuidadosamente no apartamento de sua mãe: meias escuras, saia preta, jaqueta preta sobre uma blusa profundamente azul. Ela pensa em como disse a Bill que provavelmente se apaixonaria por ele se ficasse ali. Era uma enorme distorção da verdade, porque ela já estava apaixonada por ele. Ela tem certeza que um psiquiatra sorriria e diria que é algo relacionado a figura paterna. Se for, Janey sorriria de volta e lhe diria que aquilo era besteira freudiana. Seu pai era um contador careca que mal estava lá mesmo quando estava lá. E uma coisa se podia dizer de Bill Hodges: ele *estava* lá. É o que ela gostava nele. Ela também gostava do chapéu que tinha lhe comprado. Aquele fedora Philip Marlowe. Ela olha para o relógio e vê que já são nove e quinze. Melhor ele chegar logo.

Se se atrasar, eu o mato.

16

Ele não se atrasa e está usando aquele chapéu. Janey lhe diz que está bonito. Ele lhe diz que ela está mais do que bonita. Ela sorri e o beija.

- Vamos acabar com isso, - ele diz.

Janey torce o nariz e diz,

- *É*.

Eles seguem para a funerária, onde são novamente os primeiros a chegar. Hodges a acompanha até o salão Descanso Eterno. Ela olha em volta e anui em concordância. Programas da cerimônia foram distribuídos sobre os assentos de cadeiras dobráveis. O caixão se fora, substituído por uma mesa vagamente semelhante a um altar com diversas flores da primavera. Brahms tocava, quase baixo demais para ser ouvido, pelo sistema de som do salão.

- Tudo bem? - Hodges pergunta.

- Ficará. - ela dá uma respiração profunda, e repete o que disse vinte minutos antes: - Vamos acabar com isto.

São basicamente as mesmas pessoas do dia anterior. Janey recebe-os à porta. Enquanto cumprimenta, distribui abraços e diz as coisas certas, Hodges fica por perto, mas avalia o tráfego lá fora. Não vê nada que o deixe em alerta, nem um certo Subaru cor de barro que passa por lá, sem diminuir a velocidade.

Um Chevy alugado com um adesivo da Hertz ao lado do para-brisa entra na área de estacionamento. Tio Henry aparece, precedido por sua barriga gentilmente balouçante. Tia Charlotte e Holly o seguem, Charlotte com a mão em uma luva branca agarrava o cotovelo da filha. Para Hodges, Tia Charlotte parecia uma matrona escoltando um prisioneiro – provavelmente um viciado em drogas – à delegacia da cidade. Holly estava ainda mais pálida que ontem, se é que era possível. Ela usava o mesmo vestido frouxo disforme, e já tinha mordiscado a maior parte de seu batom.

Ela dá um sorriso trêmulo à Hodges. Hodges estende a mão e ela a agarra com um pânico firme, até Charlotte empurrá-la para o Salão dos Mortos.

Um clérigo jovem, da igreja que a Sra. Wharton frequentara até estar doente demais para sair aos domingos, serviu como mestre de cerimônias. Ele lê a previsível passagem de Provérbios, a que fala da mulher virtuosa. Hodges podia concordar que a morta valia mais do que rubis, mas tinha suas dúvidas sobre ela ter passado muito tempo fiando linho. Ainda assim, era poético, e lágrimas corriam soltas quando o clérigo acabou. O cara podia ser jovem, mas suficientemente esperto para não tentar endeusar alguém que mal conhecia. Ao invés disto, ele convida aqueles com lembranças preciosas da finada Elizabeth a se aproximarem. Muitos se aproximam, começando por Althea Greene, a enfermeira, e terminando pela filha. Janey fala de forma calma, breve e simples.

- Eu queria ter tido mais tempo com ela. - finaliza.

17

Brady estaciona na esquina às dez e cinco e toma o cuidado de habilitar o parquímetro até a aparecer a bandeirinha verde com MAX. Afinal, só bastou um tíquete de estacionamento para pegar o Filho da Puta. Do banco traseiro ele pega uma sacola de pano. Impresso na lateral está KROGER e REUTILIZÁVEL! SALVE UMA ÁRVORE! Dentro está a Coisa Dois, sobre uma caixa de sapatos Mephisto.

Ele vira a esquina e caminha energicamente, passando pela Casa Funerária Soames, apenas um cidadão em uma caminhada matinal. Seu rosto está calmo, mas seu coração marteta como um britadeira. Ele não vê ninguém do lado de fora do salão funeral, e as portas estão fechadas, mas ainda há uma possibilidade de que o ex-tira gordo não esteja entre os enlutados. Ele pode estar em um salão lateral, vigiando por suspeitos. Buscando por *ele*, em outras palavras. Brady sabe disto.

Quem não arrisca, não petisca, amorzinho, sua mãe murmura. É verdade. Além disto, ele julga que o risco é mínimo. Se Hodges estiver comendo a cadela loira (ou querendo), ele não vai sair do seu lado.

Brady vira na última esquina, dá meia-volta e toma o caminho da casa funerária sem hesitar. Ele consegue ouvir uma música abafada, uma merda tipo clássica. Visualiza o Toyota de Hodges estacionado perto da cerca dos fundos, estacionado de ré para possibilitar fuga rápida após o final da cerimônia. A viagem final do velho Det./Ref., Brady pensa. Vai ser uma bem curta, amigo.

Ele caminha por trás do maior de dois carros funerários, e uma vez que ele o esconde da visão de qualquer um que estivesse olhando pela janela dos fundos da funerária, ele pega a Coisa Dois da sacola de compras e puxa a antena. Seu coração bate mais rápido do que nunca. Algumas vezes – poucas vezes – seu dispositivo não funcionava. A luz verde piscava, mas o carro não destravava. Alguma pane aleatória no programa do microchip.

Se não funcionar, basta deslizar a caixa de sapatos por baixo do carro, sua mãe o avisa.

É claro. Aquilo também funcionaria, *quase* tão bem, mas não seria tão elegante.

Ele aperta o botão. A luz verde pisca. Assim como os faróis do Toyota. Sucesso!

Ele se dirige ao carro do ex-tira gordo como se tivesse todo o direito do mundo de estar ali. Abre a porta de trás, tira a caixa de sapatos da sacola, liga o celular, e coloca a caixa no assoalho atrás do assento do motorista. Fecha a porta e segue pela rua, forçando-se a caminhar lenta e firmemente.

Quando já virava a esquina do prédio, Deborah Ann Hartsfield fala de novo.

Não está esquecendo nada, amorzinho?

Ele para. Pensa de novo. Então se vira na esquina do prédio e aponta a antena pequena da Coisa Dois para o carro de Hodges.

Os faróis piscam e o carro volta a travar.

18

Depois das recordações e de um momento de reflexão silenciosa (para aproveitar como quiserem), o clérigo pede ao Senhor para abençoá-los, guardá-los e lhes dar paz. Roupas farfalham, programas são enfiados em bolsas e bolsos de jaqueta. Holly parece bem até meio caminho da porta, então seus joelhos dobram. Hodges se adianta, com velocidade surpreendente para um homem grande, e a segura por sob os braços antes da queda. Os olhos dela reviram e por um momento quase ficando completamente brancos. Então voltam ao lugar e entram em foco. Ela vê Hodges e sorri fracamente.

− Holly, pare com isto! - sua mãe diz com firmeza, como se a filha tivesse proferido uma profanidade inapropriada ao invés de quase desmaiar. Hodges pensa que prazer seria estapear Tia C bem no meio de suas fuças empoadas. Poderia acordá-la, ele pensa.

− Estou bem, Mãe. - Holly diz. Então, para Hodges – Obrigada.

Ele diz,

− Você tomou seu café da manhã, Holly?

− Ela comeu aveia, - Tia Charlotte anuncia. - Com manteiga e açúcar mascavo. Eu mesma preparei. Às vezes, você gosta de chamar atenção, não é, Holly? - Ela se vira para Janey. - Por favor, não se incomode, querida. Henry é inútil em coisas assim, e eu não consigo acompanhar estas pessoas até a saída sozinha.

Janey pega o braço de Hodges.

− Eu nem esperava que pudesse.

Tia Charlotte lhe dá um sorriso tenso. O sorriso de Janey em resposta é brilhante, e Hodges conclui que a decisão dela em abrir mão de metade da herança é igualmetne brilhante. Uma vez feito, ela jamais terá de voltar a ver esta mulher desagradável. Ela não teria nem de atender aos telefonemas.

Os enlutados saem para a luz do sol. Na saída do salão houve conversas sobre o quão adorável foi a cerimônia, e então as pessoas começaram a se afastar, dando a volta para o estacionamento dos fundos. Tio Henry e Tia Charlotte fazem o mesmo, com Holly entre eles. Hodges e Janey seguem juntos. Ao chegarem aos fundos da funerária, Holly subitamente se liberta dos seus responsáveis e corre para Hodges e Janey.

− Deixa eu ir com vocês. Quero ir com vocês.

Tia Charlotte, lábios pressionados até desaparecerem, assoma-se atrás de sua filha.

− Eu já aguentei o bastante de seus siricoticos por hoje, senhorita.

Holly a ignora. Ela agarra a mão de Hodges em um aperto gelado

− Por favor, por favor.

− Tudo bem por mim, - Hodges diz, - Se Janey não se imp...

Tia Charlote começa a soluçar. O som é desagradável, o choro rouco de um corvo em um milharal. Hodges lembra dela encurvada sobre a Sra. Wharton, beijando seus lábios frios, e uma súbita e desagradável possibilidade lhe ocorre. Ele tinha feito um julgamento errado de Olivia; ele podia estar fazendo um julgamento errado de Charlotte Gibney também. Há mais nas pessoas além da superfície, afinal.

− Holly, você nem conhece este homem!

Janey coloca uma mão mais morna nos pulsos de Hodges.

− Por que não vai com Charlotte e Henry, Bill? Há bastante espaço. Pode ir no banco de trás com Holly. - Ela volta a atenção para a prima. - Tudo bem assim?

− Sim! - Holly ainda agarrava a mão de Hodges. - Seria bom!

Janey se volta para o tio.

− Tudo bem para você?

− Claro. - ele dá a Holly um tapinha jovial no ombro. - Quanto mais pessoas, melhor.

− Tudo bem, dê a ela bastante atenção. - Tia Charlotte diz. - É o que ela gosta. Não é Holly? - ela começa a andar para o estacionamento sem esperar por uma resposta, saltos batendo uma mensagem em código morse de ultraje.

Hodges olha para Janey.

− E o meu carro?

− Eu o dirijo. Me dê as chaves. - E quando ele o faz – Só há mais uma coisa que preciso.

− É?

Ela arranca o fedora da cabeça dele, coloca na sua própria, e dá o correto ângulo despreocupado sobre a sobrancelha esquerda. Ela enruga o nariz para ele e diz, - *É.*

19

Brady tinha estacionado na rua acima da funerária, seu coração batia mais forte que nunca. Ele segurava o celular. O número do celular conectado à bomba na traseira do Toyota está escrito em seu punho.

Ele vê os enlutados se espalharem pelo caminho. O ex-tira gordo é impossível perder de vista; em seu terno preto ele parece grande como uma casa. Ou um carro funerário. Em sua cabeça há um chapéu antiquado ridículo, do tipo que se vê policiais usando em filmes em preto e branco nos anos 50.

Pessoas se dirigem aos fundos, e após um tempo, Hodges e a cadela loira também vão para aquele lado. Brady supõe que a cadela loira estará com ele quando o carro explodir. O que tornará uma varrida limpa... a mãe e ambas as filhas. Tinha a elegância de uma equação onde todas as variáveis estavam calculadas.

Carros começam a sair, todos se movendo em sua direção porque era o caminho que se pegava quando se ia para Sugar Heights. O sol brilhava no para-brisa, o que não ajudava, mas não tinha como confundir o Toyota do ex-tira gordo quando aparece no início da rua da casa funerária, para rapidamente virar em sua direção.

Brady nem mesmo olha para o Chevy alugado do Tio Henry quando passa por ele. Toda sua atenção está focada no carro do ex-tira gordo. Enquanto o carro se afasta, ele sente uma decepção momentânea. A cadela loira deve ter ido com os parentes, porque não há ninguém mais no Toyota além do motorista. Brady só vê de relance, mas mesmo com o brilho do sol, o chapéu do ex-tira gordo é inconfundível.

Brady disca um número.

Eu disse que você nem me veria chegando. Não disse, seu cuzão?

Ele aperta ENVIAR.

20

Quando Janey estica a mão para ligar o rádio, um celular começa a tocar. O último som que ela faz na terra – todo mundo devia ter tal sorte – é uma risada. Idiota, ela pensa afetuosamente, você o esqueceu de novo. Ela abre o porta-luvas. Há um segundo toque.

Mas o som não vem do porta-luvas, o som vem da trasei....

Não há som, pelo menos não que ela ouça, só a sensação momentânea de uma mão forte empurrando o assento do motorista. Então o mundo fica branco.

21

Holly Gibney, também conhecida por Holly, a Resmungona, pode ter problemas mentais, mas nem as drogas psicotrópicas que toma, nem os cigarros que fuma escondido, a tinham deixado fisicamente lerda. Tio Henry pisa no freio e ela voa do Chevy alugado enquanto a explosão ainda reverbera.

Hodges está logo atrás dela, correndo rápido. Há uma punhalada de dor em seu peito e ele acha que pode estar tendo um infarto. Parte dele realmente espera que seja verdade, mas a dor vai embora. Os pedestres se comportam do jeito que se comportam quando um ato de violência faz um buraco no mundo que eles anteriormente subestimavam. Alguns se jogavam na calçada e cobriam a cabeça. Outros congelavam no lugar, como estátuas. Alguns poucos carros paravam; a maioria acelerava e se afastava imediatamente dos arredores. Um destes foi um Subaru cor de barro.

Enquanto Hodges corre atrás da prima mentalmente instável de Janey, a última mensagem do Sr. Mercedes lhe vem à mente em um rufar cerimonioso de tambores: *Eu vou matá-lo. Você não me verá chegando. Eu vou matá-lo. Você não me verá chegando. Eu vou matá-lo. Você não me verá chegando.*

Ele dobra a esquina, derrapando nas solas escorregadias de seus sapatos muito usados, e quase derruba Holly, que tinha parado com os ombros caído e a bolsa balançando de uma mão. Ela olha para o que sobrou do Toyota de Hodges. A carroceria tinha explodido dos eixos e queimava furiosamente em uma pilha de cacos de vidro. O banco traseiro havia caído para o lado a seis metros de distância, seu encosto despedaçado pegava fogo. Um homem que cambaleava como bêbado atravessava a rua, segurando a cabeça que sangrava. Uma mulher estava sentada na curva em frente a uma loja de presentes cujas vitrines foram quebradas, e por um momento selvagem ele pensa que é Janey, mas esta mulher veste um vestido verde e ela tem cabelos grisalhos e é claro que não é Janey, não pode ser Janey.

Ele pensa, É culpa minha. Se eu tivesse usado a arma do meu pai há duas semanas, ela estaria viva.

Ainda havia muito de policial dentro dele para afastar esta ideia (embora com bastante dificuldade). Uma claridade fria e chocante emergia para substituí-la. Isto *não* era sua culpa. Era culpa do filho da puta que plantou a bomba. O mesmo filho da puta que atropelou a multidão de desempregados com um carro roubado no Centro Municipal.

Hodges vê um único sapato de salto alto preto em uma poça de sangue, vê um braço arrancado em uma manga fumegante caído na sarjeta como o lixo que alguém jogou, e sua mente entra em ação. Tio Henry e Tia Charlotte estarão aqui em breve, o que significava que ele não tinha muito tempo.

Ele pega Holly pelo ombro e a vira para ele. O cabelo dela se solta do penteado de Princesa Leia e cai ao redor de seu rosto. Os olhos arregalados olham diretamente a ele. Sua mente – mais fria de que nunca – sabe que ela não é útil a ele do jeito que está agora. Ele dá um tapa em seu rosto, então no outro. Não são tapas fortes, mas suficientes para fazer as pálpebras piscarem.

Pessoas gritavam. Buzinas soavam, e um par de alarmes de carros soavam. Ele podia sentir o cheiro da gasolina, borracha queimada e plástico derretido.

− Holly. Holly. Me ouça.

Ela está olhando, mas estará ouvindo? Ele não sabe e não há tempo de descobrir.

− Eu a amava, mas não pode dizer a ninguém. Não pode dizer a ninguém que eu a amava. Talvez no futuro, mas não agora. Entendeu?

Ela faz que sim com a cabeça.

− Eu preciso do número de seu celular. E posso precisar de você. - A mente fria dele espera que não precise, que a casa em Sugar Heights esteja vazia esta tarde, mas ele não acha que estará. A mãe de Holly e o tio terão de sair, pelo menos por um tempo, mas Charlotte não vai querer que a filha vá com eles. Porque Holly tem problemas mentais. Holly é delicada. Hodges se pergunta quantos ataques de nervos ela teve, e se tinha havido tentativas de suicídios. Estes pensamentos cruzaram sua mente como estrelas cadentes, lá em um momento, sumiu no outro. Não havia tempo para a delicada condição mental de Holly.

− Quando sua mãe e tio forem à polícia, diga a eles que não precisa que ninguém fique com você. Diga-lhes que ficará bem sozinha. Pode fazer isto?

Ela concorda, embora fosse quase certeza que ela não fazia ideia do que ele estava falando.

− Alguém vai lhe ligar. Pode ser eu, ou um jovem chamado Jerome. Jerome. Vai se lembrar do nome?

Ela concorda, então abre a bolsa e pega um estojo de óculos.

Isto não está funcionando, Hodges pensa. As luzes estão acesas, mas não tem ninguém em casa. Ainda assim, ele tinha de tentar. Ele agarra seus ombros.

− Holly, eu quero pegar o cara que fez isto. Eu quero fazê-lo pagar. Vai me ajudar?

Ela concorda, com o rosto inexpressivo.

− Diga, então. Diga que vai me ajudar.

Ela não diz. Ao invés disto, tira um par de óculos escuros do estojo, e os coloca como se não houvesse um carro incendiado na rua e o braço de Janey na sarjeta. Como se não houvesse pessoas gritando e o som de sirenes que já se aproximavam. Como se fosse um dia na praia.

Ele a chacoalha levemente. Preciso do número de seu celular.

Ela anui em concordância, mas não diz nada. Ela fecha a bolsa e se volta para o carro incendiado. O maior desespero que ele já sentiu atravessa o corpo

de Hodges, deixando-o de estômago embrulhado e bagunçando os pensamentos que estavam, pelo espaço de trinta ou quarenta segundos, perfeitamente claros.

Tia Charlotte aparece correndo pela esquina com seu cabelo – quase todo preto, mas com as raízes brancas – voando por trás dela. Tio Henry a segue. Seu rosto queixudo está pálido exceto pelas manchas vermelhas nas bochechas, como um palhaço.

− Charlie, pare! - Tio Henry grita. - Acho que vou ter um infarto.

A irmã não dá atenção. Ela agarra o cotovelo de Holly, vira-a e a abraça ferozmente, esmagando o nariz nada pequeno de Holly entre os seios.

− NÃO OLHE! - Charlotte berra, olhando. - NÃO OLHE, QUERIDA, NÃO OLHE PARA LÁ!

− Não consigo respirar, - Tio Henry anuncia. Ele se senta na calçada e abaixa a cabeça. - Deus, espero que não esteja morrendo.

Mais sirenes tinham se juntado à primeira. Pessoas começavam a se aproximar para poderem dar uma olhada mais de perto ao carro destruído que queimava na rua. Algumas tiravam fotos com os celulares.

Hodges pensa, Explosivo suficiente para explodir um carro. Quanto mais ele tem?

Tia Charlotte ainda mantinha Holly em um abraço apertado, murmurando para ela não olhar. Holly não lutava para se soltar, mas tinha uma mão para trás. Havia algo nela. Embora soubesse que provavelmente era uma ilusão otimista, Hodges esperava que fosse para ele. Ele pega o que ela estende. É o estojo onde seus óculos escuros estavam. Seu nome e endereço estão gravados em letras douradas.

Também havia um número de telefone.

22

Hodges pega seu Nokia do bolso interno do paletó, consciente enquanto o abre que ele provavelmente seria mais plástico derretido e cabos incendiados no porta luvas de seu Toyota assado, se não fosse pela insistência gentil de Janey.

Ele liga para Jerome, na discagem rápida, rezando para que o garoto atenda, e ele atende.

− Sr. Hodges? Bill? Acho que acabei de ouvir uma grande explo...

− Cala a boca, Jerome. Só ouça. - Ele descia pela calçada coberta de cacos de vidro. As sirenes estavam mais próximas agora, logo estariam aqui, e tudo o que ele tinha para continuar, era pura intuição. Isto é, a menos, que sua mente subconsciente já estivesse fazendo conexões. Já acontecera antes; ele não ganhara todo aquele reconhecimento de bobeira.

− Estou ouvindo. - Jerome diz.

− Você não sabe nada sobre o caso do Centro Municipal. Não sabe nada sobre Olivia Trelawney ou Janey Patterson. - É claro que os três haviam jantado juntos no DeMasios's, mas ele não achava que os policiais levariamm aquilo muito longe, se é que iriam descobrir.

− Não sei nada. - Jerome diz. Não há desconfiança ou hesitação em sua voz. - Quem vai perguntar? A polícia?

− Talvez mais tarde. Primeiro será seus pais, por causa desta explosão que você ouviu, foi meu carro. Janey estava dirigindo. Nós trocamos no último minuto. Ela... morreu.

− Cristo, Bill, você precisa comunicar a polícia. Contar a seu ex-parceiro!

Hodges se lembra dela dizendo Ele é nosso. Ainda concordamos com isto, certo?

Certo, ele pensa. Ainda concordamos totalmente com isto, Janey.

− Ainda não. Neste momento eu vou deixar rolar, e preciso que me ajude. O saco de merda matou-a, eu quero o pescoço dele, e eu vou tê-lo. Vai me ajudar?

− Sim. - Nenhuma argumentação estilo Quanto problema isso poderia me trazer. Nada de Isto pode me deixar fora de Harvard para sempre. Nem um Prefiro ficar fora disto. Apenas Sim. Deus abençoe Jerome Robinson.

− Você tem de entrar no site Guarda-Chuva Azul da Debbie em meu lugar e enviar ao cara que fez isto uma mensagem. Se lembra de meu nome de usuário?

− Sim. Kermitfrog19. Deixe-me pegar pap...

− Não dá tempo. Basta lembrar do tom principal. E só envie daqui a uma hora. Ele tem de saber que não enviei antes da explosão. Ele tem de saber que estou vivo.

Jerome diz,

− Manda.

Hodges manda, e corta a ligação sem se despedir. Ele desliza o telefone para

o bolso das calças, junto com o estojo dos óculos de sol de Holly.

Um caminhão de bombeiros vira a esquina, seguido por duas viaturas de polícia. Eles passam em alta velocidade pela Casa Funerária Soames, onde o agente funerário e o clérigo da cerimônia de Elizabeth Wharton estão agora em pé na calçada, fazendo sombra sobre os olhos com as mãos contra o brilho do sol e as chamas do carro.

Hodges ainda tem muito o que falar, mas há algo mais importante a fazer primeiro. Ele tira o paletó, se abaixa e cobre o braço na sarjeta. Sente lágrimas pinicando seus olhos e se esforça por retê-las. Ele pode chorar depois. Naquele momento, lágrimas não se encaixam na história que tem para contar.

Os policiais, dois jovens trabalhando sozinhos, saem do carro. Hodges não os conhece.

− Oficiais, - ele diz.

− Temos de pedir-lhe que saia da área, senhor. - um deles diz, - mas se testemunhou o ocorrido – ele aponta para os restos queimados do Toyota. - Preciso que fique por perto para que alguém colha seu depoimento.

− Eu não só vi, eu devia estar lá dentro. - Hodges tira a carteira e abre-a para mostrar a carteira que o identificava como policial com o APOSENTADO impresso na diagonal em vermelho. - Até o último outono, meu parceiro era Pete Huntley. Vocês deviam chamá-lo com urgência.

Um dos policiais diz,

− O carro era seu, senhor?

− É.

O primeiro policial diz,

− Então quem estava dirigindo?

23

Brady chega em casa bem antes do meio-dia com todos os seus problemas resolvidos. O velho Sr. Benson do outro lado da rua está em pé no gramado.

- Ouviu isso?

- Ouvi o que?

- Grande explosão em algum lugar do centro. Muita fumaça, mas agora acabou.

- Eu estava com o rádio muito algo, - Brady diz.

- Eu acho que aquela velha fábrica de tintas explodiu, é o que acho. Eu bati na porta de sua mãe, mas acho que ela tá dormindo. - Seus olhos piscaram com o que omitia: *caindo de bêbada.*

- Acho que ela deve estar, - Brady diz. Ele não gosta da ideia do vizinho xereta ter feito aquilo. A ideia de boa vizinhança de Brady Hartsfield era não ter vizinhança nenhuma. - Tenho de ir, Sr. Beeson.

- Meus cumprimentos a sua mãe.

Ele destranca a porta, entra e a tranca atrás de si. Cheira o ar. Nada. Ou... talvez quase *nada*. Talvez o mais leve odor desagradável, como o cheiro de resto de frango deixado por dias demais na lixeira embaixo da pia.

Brady sobe até o quarto dela. Baixa as cobertas, expondo o rosto pálido e os olhos arregalados. Eles já não o incomodavam tanto, e daí que o Sr. Beeson seja um xereta? Brady só precisa segurar a barra por mais poucos dias, então *foda-se* o Sr. Beeson. Foda-se os olhos arregalados, também. Ele não a matou; ela mesma o fez. Do jeito que o ex-tira gordo devia ter se matado, e daí que não tinha? Ele agora se fora, então *foda-se* o ex-tira gordo. O Det está definitivamente Ref. descanse em paz, Detetive Hodges.

- Consegui, Mãe. - ele diz. - Eu acabei com ele. E você me ajudou. Só em minha mente, mas... - Só que ele não tem certeza disto. Talvez fosse realmente a Mãe que o lembrara de trancar as portas do ex-tira gordo de novo. Ele não estava lembrando daquilo na hora.

- De qualquer forma, obrigado, - ele termina desajeitadamente. - Obrigado por tudo. E sinto muito que esteja morta.

Os olhos o encaravam.

Ele estende a mão para eles, tentando usar a ponta dos dedos para fechar os olhos do jeito que as pessoas às vezes fazem nos filmes. Funciona por uns segundos, então eles se abrem de novo, como persianas quebradas, e ela volta a encará-lo. O olhar de você-me-matou-amorzinho.

É broxante, e Brady puxa de novo a coberta por sobre seu rosto. Ele desce e liga a TV, pensando que pelo menos uma das emissoras locais estariam mostrando cenas ao vivo da explosão, mas nenhuma delas estava. Muito irritante.

Eles não sabem reconhecer um carro bomba quando um explode debaixo de seus narizes? Aparentemente não. Aparentemente Rachael Ray fazendo seu fodido bolo de carne favorito era mais importante.

Ele desliga a caixa idiota e corre para a sala de controle, dizendo *caos* para ligar os computadores e *escuridão* para interromper o programa suicida. Faz uma dancinha, balançando os punhos acima da cabeça e cantando o que lembrava Ding Dong A Bruxa está morta, só mudando *bruxa* por *tira*. Ele pensa que o fará sentir-se melhor, mas não. Entre o enxerido do Sr. Beeson e os olhos arregalados da mãe, seu bom humor – a sensação pela qual ele *tinha batalhado*, o sentimento que ele *merecia* – desaparecera.

Não importa. Há um show se aproximando, e ele tem de se preparar. Ele se senta na grande bancada. Os rolamentos de esferas que estiveram dentro de seu colete suicida, estão agora em três potes de maionese. Próximo a eles há uma caixa de sacos de acondicionamento de alimentos, tamanho grande. Ele começa a enchê-la (mas não muito) com os rolamentos de aço. O trabalho o acalma e seu bom humor começa a voltar. Então, bem quando ele estava quase terminando, um barco a vapor assobia.

Brady olha para cima, franzindo o cenho. Era o som programado para soar quando chegasse uma mensagem no site Guarda-Chuva Azul, mas era impossível. A única pessoa com quem ele vinha se comunicando via Guarda-Chuva Azul era Kermit William Hodges, vulgo ex-tira gordo, vulgo o permanentemente reformado detetive.

Ele aproxima a cadeira, empurrando com os pés, e encara o Número Três. O ícone do Guarda-Chuva Azul exibe um número 1 em um pequeno círculo vermelho. Ele encara, de olhos e bocas arregalados, a mensagem na tela.

Kermitfrog19 quer conversar com você!
Q uer conversar com kermitfrog19?
S N

Brady gostaria de acreditar que esta mensagem fora enviada a noite passada ou esta manhã, antes de Hodges e a puta loira saírem de casa, mas não pode. Ele acabou de ouvi-la chegar.

Invocando toda a sua coragem – porque isto era muito mais assustador do que olhar para os olhos mortos da mãe – ele clica S e lê:

Sentiu minha falta.
:-)
E eis algo para se lembrar, cuzão: eu sou como o seu espelho retrovisor. Sabe, OBJETOS ESTÃO MAIS PERTO DO Q UE APARENTAM.

Eu sei como você entrou no Mercedes dela, e não foi usando a chave valet. Mas você acreditou quando eu disse, não acreditou? Claro que acreditou. Porque você é um cuzão.
Eu tenho uma lista dos outros carros que você invadiu entre 2007 e 2009.
Eu tenho outra informação que não quero compartilhar neste momento, mas eis algo que eu VOU COMPARTILHAR: é MALFEITOR, e não MAUFEITOR.
Por que estou te dizendo isto? Porque eu não vou mais te pegar e te entregar à polícia. Por que eu faria isto? Não sou mais um policial.
Eu vou matá-lo.
Te vejo em breve, garotinho da mamãe.

Mesmo em seu estado de choque e descrença, era para aquela última linha que Brady continuava voltando os olhos.

Ele anda até o closet em pernas que parecem feitas de pau. Uma vez lá dentro e com as portas fechadas, ele grita e bate os punhos nas prateleiras. Ele matara outra pessoa, e não o tira, e isto é o pior. Provavelmente, a cadela loira. A cadela loira usando o chapéu do Det./Ref. por alguma razão estranha que somente outra loira entenderia.

Uma coisa ele *tinha* certeza: esta casa não era mais segura. Hodges provavelmente estava blefando sobre estar perto, mas poderia não estar. Ele sabe sobre o Número Dois. Ele sabe sobre as invasões aos carros. Ele sabe outra coisa também. E...

Te vejo em breve, garotinho da mamãe.

Ele tinha de dar o fora dali. Logo. Mas tinha de fazer algo primeiro.

Brady volta lá pra cima e entra de novo no quarto da mãe, mal olhando para a forma sob os cobertas. Ele entra no banheiro e remexe nas gavetas da vaidade dela até encontrar seu Lady Shave. Então se põe a trabalhar.

24

Hodges está na sala de interrogatório número 4 de novo – IR4, sua sala da sorte – mas desta vez, está do lado errado da mesa, encarando Pete Huntley e a nova parceira de Pete, uma beldade de longos cabelos ruivos e olhos de um cinza sombrio. O interrogatório é amigável, mas não muda o fato básico: seu carro havia sido explodido e uma mulher morrera. Outro fato é que um interrogatório é um interrogatório.

- Isto tem alguma coisa a ver com o Mercedes Assassino? - Pete pergunta. - O que acha, Billy? Digo, é o mais provável, não acha? Já que a vítima era irmã de Olivia Telawney?

Lá estava: a vítima. A mulher com quem ele dormira após chegar a um ponto de sua vida, onde pensara que jamais dormiria com alguém novamente. A mulher que o fizera rir e lhe dera conforto, a mulher que era sua parceira na sua última investigação, de um jeito que Pete Huntley jamais fora. A mulher que torcia o nariz e zombava dele dizendo *é*.

Não me deixe nunca pegá-lo chamando-os de vítimas, Frank Sledge lhe dissera, nos velhos tempos... mas por ora ele tinha de relevar.

- Não vejo como possa ter, - ele disse suavemente. - Eu sei o que parece, mas às vezes, um cigarro é só um cigarro e uma coincidência é só uma coincidência.

- Como você... - Isabelle Jaynes começa, então balança a cabeça. - Esta é a pergunta errada. *Por que* você a conhecia? Você estava investigando sozinho o caso do Centro Municipal? - bancando o tio em grande escala é o que ela não diz, talvez em respeito a Pete. Afinal, é o velho amigo de Pete que estavam interrogando, este homem barrigudo em amarrotadas calças sociais, camisa suja de sangue, a gravata que ele tinha posto esta manhã agora afrouxada até metade do grande peito.

- Posso tomar um copo d'água antes de começarmos? Ainda estou abalado. Ela era uma boa pessoa.

Janey era muito mais que isto, mas a parte fria de sua mente, que estava – pelo menos por ora – mantendo a parte estourada em uma gaiola, lhe diz que é o caminho certo a seguir. A rota que o levará ao resto de sua história do jeito que uma rampa estreita de entrada leva a uma rodovia de quatro mãos. Pete se levanta e sai. Isabelle não diz nada até ele voltar, só observa Hodges com aqueles olhos sombrios cinzentos.

Hodges bebe metade do copo de papel de um gole, então diz,

– Está bem. Isso remonta ao almoço que tivemos no DeMasio, Pete. Lembra?

– Claro.

− Eu lhe perguntei sobre os casos nos quais trabalhávamos... os grandes, digo... quando eu me aposentei, mas o que eu realmente estava interessado era no Massacre do Centro Comercial. Acho que você percebeu.

Pete não diz nada, mas sorri de leve.

− Se lembra de eu ter lhe perguntado sobre a Sra. Trelawney? Especificamente se ela dizia a verdade sobre não ter uma chave reserva?

− Uh-hu.

− O que eu realmente estava me perguntando era se lhe tratamos com justiça. Se estávamos ofuscados pelo que ela era.

− O que quer dizer com o que ela era? - Isabelle pergunta.

− Um pé no saco. Inquieta, arrogante e suscetível. Para dar uma pequena perspectiva, mude o foco um minuto e pense em todas as pessoas que acreditavam em Donald Davis quando ele clamava ser inocente. Por que? Porque ele não era inquieto, arrogante e suscetível. Ele podia realmente bancar o marido arrasado e assombrado, além de ser bonitão. Eu o vi no Canal 6 uma vez, e a âncora loira bonitona estava praticamente espremendo as coxas ao lado dele.

− Isto é nojento, - Isabelle diz, mas com um sorriso.

− É, mas é verdade. Ele era encantador. Olivia Trelawney, por outro lado, era a antítese de encantadora. Então eu comecei a imaginar se ao menos demos uma chance justa à história dela.

− Nós demos. - Pete disse, categoricamente.

− Talvez tenhamos dado. De qualquer forma, aqui estou, aposentado, com muito tempo disponível. Muito tempo mesmo. E um dia... logo antes de eu chamá-lo para almoçar, Pete... eu disse a mim mesmo, Digamos que ela estivesse dizendo a verdade. Se for o caso, onde estava a chave reserva? E então... isto foi depois do almoço... eu entrei na Internet e comecei a fazer pesquisas. E sabe o que descobri? Uma buginganga tecnológica chamada “roubo de sinal”

− O que é isto? - Isabelle pergunta.

− Ah, cara, - Pete diz. - Você acha mesmo que algum gênio de computador roubou o código do carro dela? Então só por acaso ele encontrou a chave reserva guardada no porta luva ou embaixo do banco? A chave reserva que ela esqueceu que tinha? Isto é um completo absurdo, Bill. Especialmente em se tratando daquela mulher cuja foto poderia ilustrar o termo “mimada” no dicionário.

Com calma, como se não tivesse usado seu paletó para cobrir o braço arrancado da mulher que ele amava, há não mais do que três horas, Hodges resume o que Jerome descobriu sobre o “roubo de sinal”, representando-o como sua própria pesquisa. Ele lhe diz que foi até o apartamento da Avenida Lake para conversar com a mãe de Olivia Trelawney (“Se é que ela estava viva ainda... eu não tinha certeza”) e descobrira que a irmã de Olivia, Janelle, morava lá. Ele deixa de fora a visita à mansão em Sugar Heights e sua conversa com Radney

Peeple, o guarda da Segurança Vigilante, porque aquilo poderia levar a perguntas que ele se sentiria altamente tentado a responder. Eles descobrirão com o tempo, mas ele estava mais perto do Sr. Mercedes agora, sabia que estava. Um pouco de tempo era só o que precisava.

Assim esperava.

− A Sra. Patterson me disse que sua mãe estava em uma casa de repouso há cerca de trinta milhas daqui. Sunny Acres. Ela se ofereceu para ir lá comigo e me apresentar. Para eu poder fazer algumas perguntas.

− Por que ela faria isto? - Isabelle pergunta.

− Porque ela achava que nós podíamos ter acuado a irmã dela, e que isto fora a causa do suicídio.

− Besteira, - Pete diz.

− Não vou discutir com você sobre isto, mas pode entender o pensamento, certo? E a esperança de esclarecer a negligência que a irmã sofreu?

Pete gesticula para ele continuar. Hodges continua, depois de terminar sua água. Ele quer sair dali. O Sr. Mercedes já pode ter lido a mensagem de Jerome. Se for o caso, ele pode fugir. Tudo bem para Hodges. Um homem que foge é um alvo mais fácil do que um homem que se esconde.

− Eu interroguei à velha senhora e não obtive nada. Tudo o que consegui foi aborrecê-la. Ela teve um derrame e morreu logo depois. - Ele suspira. - A Sra. Patterson... Janelle... ficou inconsolável.

− Ela também ficou zangada com você? - Isabelle pergunta.

− Não. Porque ela também tinha concordado com a ideia. Então, quando sua mãe morreu, ela não conhecia ninguém na cidade exceto a enfermeira de sua mãe, que também já está com o pé na cova. Eu lhe dei meu número de telefone, e ela me ligou. Disse que precisava de ajuda, especialmente com um bando de parentes voando para cá que ela mal conhecia, e eu fiquei feliz por ajudar. Janelle escreveu o obituário. Eu cuidei dos outros arranjos.

− Por que ela estava em seu carro quando explodiu?

Hodges explica sobre a crise de nervos de Holly. Ele não menciona Janey se apropriando de seu novo chapéu no último momento, não porque fosse desestabilizar sua história, mas porque doía muito.

- Está bem, - Isabelle diz. - Você conhece a irmã de Olivia Trelawney, de quem gostava o suficiente para chamar pelo primeiro nome. A irmã facilita a sessão de perguntas com a mãe. A mãe tem um treco e morre, talvez porque reviver tudo aquilo a deixou agitada demais. A irmã explode após o funeral... no seu carro... e você não vê uma conexão ao Mercedes Assassino?

Hodges estende a mão.

− Como este cara saberia que eu estava fazendo perguntas? Eu não coloquei um anúncio no jornal. - Ele se volta para Pete. - Eu não contei para ninguém, nem para você.

Pete, claramente ainda mau-humorado com a ideia de que seus sentimentos pessoais tivessem interferido no tratamento à Olivia Trelawney, parece obstinado. Hodges não liga muito, porque, era exatamente o que tinha acontecido.

− Não, você só me sondou sobre o assunto, no almoço.

Hodges dá a ele um grande ricto, que faz seu estômago se dobrar sobre si mesmo como um origami.

− Ei, - ele diz, - foi convite meu, não foi?

− Quem mais haveria de querer explodir seu carro? - Isabelle pergunta. - Está na lista negra do papai noel?

− Se eu tivesse de adivinhar. Eu apostaria na Família Abbascia. Quantos daqueles sacos de merda a gente capturou naquela negociação com armas em 04, Pete?

− Mais de uma dúzia, mas...

− É, e prendemos mais dois deles, mais um ano depois. Acabamos com eles, e Fabby, o Narigudo disse que nos pegaria.

− Billy, os Abbascias não pegam mais ninguém. Fabrizio está morto, seu irmão em um hospício onde pensa ser Napoleão Bonaparte ou algo assim, e o resto está na cadeia.

Hodges lhe dá um olhar.

− Está bem, - Pete diz, - nós nunca conseguimos pegar todas as baratas, mas isso ainda é loucura. Com todo respeito, amigo, você é só um aposentado. Fora de combate.

− Certo. O que significa que eles poderiam ir atrás de mim sem criar uma tempestade de fogo. Você, por outro lado, ainda tem um distintivo dourado preso à carteira.

− A ideia é ridícula, - Isabelle diz, e cruza os braços sob os seios como se para dizer que aquilo encerrava o caso.

Hodges dá de ombros.

− Alguém tentou me explodir, e não posso acreditar que o Mercedes Assassino de alguma forma captou uma vibração paranormal de que eu estava fuçando no Caso da Chave Desaparecida. Mesmo que tivesse, porque ele viria atrás de mim? O que ele ganharia com isto?

− Bom, ele é louco. - Pete diz. - Que tal isto para começar?

− Claro, mas eu repito – como ele saberia?

− Não faço ideia. Ouça, Billy, está escondendo alguma coisa? Qualquer coisa?

− Não.

− Eu acho que está, - Isabelle diz. Ela ergue a cabeça. - Ei, você não estava dormindo com ela, estava?

Hodges desvia o olhar para ela.

− O que acha, Izzy? Olhe para mim.

Ela sustenta seu olhar por um momento, então desvia. Hodges mal acredita no quão perto ela chegou. Intuição feminina, ele pensa, e provavelmente uma boa coisa que eu não tenha perdido mais peso, ou passado Grecin 2000 no cabelo.

− Ouça, Pete. Eu quero descansar. Ir para casa, tomar uma cerveja e tentar tirar isto da cabeça.

− Você jura que não está escondendo nada? Isto é entre eu e você, agora.

Hodges deixa passar sua última chance de ser sincero sem um processo. - Nadinha.

Pete diz a ele para manter contato; eles vão querê-lo amanhã ou na sexta para um depoimento formal.

− Sem problemas. E Pete? No futuro imediato eu daria uma vasculhada no carro antes de sair dirigindo, se eu fosse você.

Na porta, Pete passa um braço sobre os ombros de Hodges e lhe dá um abraço.

− Sinto muito por isto, - ele diz. - Sinto muito pelo que aconteceu e por todas estas perguntas.

− Tudo bem. Está fazendo seu trabalho.

Pete aperta o abraço e sussurra no ouvido de Hodges. - Você está escondendo algo. Acha que ando tomando pílulas de estupidez?

Por um momento, Hodges repensa suas opções. Então se lembra de Janey dizendo Ele é nosso.

Ele toma Pete pelos braços, olha-o diretamente no rosto, e diz

− Eu estou tão estupefato com isto quanto você. Acredite.

25

Hodges atravessa o saguão da Divisão de Detetives, retribuindo os olhares curiosos e perguntas que se seguiam, com um rosto impassível que só se quebrou uma vez. Cassie Sheen, com quem ele trabalhava sempre que Pete estava de férias, diz,

− Olhe para você. Ainda vivo, e mais feio do que nunca.

Ele sorri.

− Se não é Cassie Sheen, a Rainha do Botox. - ele ergue um braço e zomba em um movimento de defesa quando ela ameaça jogar um peso de papel nele. Parecia tudo real e falso ao mesmo tempo. Como uma daquelas brigas de garotas na TV à tarde.

No saguão, havia uma fileira de cadeiras próximas às máquinas de refrigerante e salgadinhos. Sentada em duas das cadeiras estão Tia Charlotte e Tio Henry. Holly não está com eles, e Hodges instintivamente toca o estojo de óculos no bolso das calças. Ele pergunta a Tio Henry se está se sentindo melhor. Tio Henry diz que sim, e agradece. Ele se vira para Tia Charlotte e pergunta como ela está.

− Estou bem. É com Holly que estou preocupada. Acho que ela está se culpando, porque a razão... você sabe.

Hodges sabe. A razão pela qual Janey estava dirigindo o carro dele. É claro que Janey estaria lá de qualquer forma, mas ele duvidava que isto mudasse o modo como Holly se sentia.

− Eu queria que você conversasse com ela. Vocês tem uma conexão, de alguma forma. - Os olhos dela tinham um brilho desagradável. - Do jeito que você tinha uma conexão com Janelle. Deve haver algo em você.

− Eu falo com ela. - Hodges diz, e ele o fará, mas Jerome falará com ela primeiro. Desde que o número do estojo de óculos funcionasse. Pelo que ele sabia, aquele número tocaria em... onde era? Cincinnati? Cleveland?

− Espero que não tenhamos de identificá-la, - Tio Henry diz. Em uma mão ele segura um copo de isopor de café. Ele mal o tocou, e Hodges não ficou surpreso. O café do departamento de polícia é notório. - Como poderíamos? Ela explodiu em pedaços.

− Não seja idiota, - Tia Charlotte diz. - Eles não nos querem para isto. Eles não podem.

Hodges diz,

− Se ela já alguma vez tirou impressões digitais, a maioria das pessoas já, eles a reconhecerão por elas. Eles podem lhes mostrar fotografias das roupas ou jóias.

− Como saberíamos de suas jóias? - Tia Charlotte grita. Um policial que pegava um refrigerante se vira para olhar para ela. - E eu mal notei a roupa

dela!

Hodges acha que ela tinha reparado o preço de cada tecido, mas não comenta.

− Eles podem ter outras perguntas. - Algumas sobre ele. - Não deve demorar.

Há um elevador, mas Hodges escolhe as escadas. Um andar abaixo, ele se recosta contra a parede, olhos fechados, e toma ar meia dúzia de vezes, entrecortado. As lágrimas escorrem. Ele as limpa na manga. Tia Charlotte expressou preocupação com Holly... uma preocupação que Hodges compartilhava... mas nenhum pesar pela sobrinha que explodira em pedaços. Ele achava que o maior interesse da Tia Charlotte em Janey neste momento é o que aconteceria a toda aquela adorável fortuna que Janey herdara da irmã.

Espero que ela tenha deixado como doação a um hospital veterinário, ele pensa.

Hodges se senta com um grunhido sem fôlego. Usando um dos degraus como apoio, deposita o estojo de óculos e, de sua carteira, uma folha dobrada com dois conjuntos de números escritos.

26

− Alô? - A voz é suave, hesitante. - Alô, quem é?

− Meu nome é Jerome Robinson, senhora. Acho que Bill Hodges disse que eu poderia ligar.

Silêncio.

− Senhora? - Jerome está sentado em frente ao computador, segurando seu celular Android quase que fortemente o bastante para quebrar a estrutura. - Sra. Gibney?

− Estou aqui. - era quase um suspiro. - Ele disse que queria pegar a pessoa que matou minha prima. Houve uma terrível explosão.

− Eu sei, - Jerome diz. No andar de baixo, Barb começa a tocar seu novo disco do 'Round Here pela milésima vez. Beijos no meio do caminho, se chama. Ainda não tinha enlouquecido-o, mas a loucura se aproximava a cada vez que ela tocava.

Enquanto isto, a mulher do outro lado da linha tinha começado a chorar.

− Senhora? Sra. Gibney? Eu sinto muito pela sua perda.

− Eu mal a conhecia, mas ela era minha prima e era boa para mim. Assim como o Sr. Hodges. Sabe o que ele me perguntou?

− Não, uh-hu.

− Se eu tinha tomado meu café da manhã. Não acha de extrema consideração?

− Claro que sim. - Jerome diz. Ele ainda não conseguia acreditar que a mulher alegre e cheia de vida com quem tinha jantado estava morta. Ele se lembrava do modo como os olhos dela brilhavam quando ela ria e como ela zombava do jeito de Bill dizer é. Agora ele está ao telefone com uma mulher que não conhecia, uma mulher muito estranha, pelo som da voz. Falar com ela era como desarmar uma bomba. - Senhora, Bill me pediu para ir até aí.

− Ele virá com você?

− Ele não pode agora. Tem outras coisas para fazer.

Mais silêncio, e então, em uma voz tão baixa que mal se conseguia ouvir. Holly pergunta.

− Você é bonzinho? Porque eu tenho medo das pessoas. Muito medo.

− Sim, senhora, eu sou bonzinho.

− Eu quero ajudar o Sr. Hodges. Quero ajudá-lo a pegar o homem que fez isto. Ele deve ser louco, não acha?

− Sim, - Jerome diz. No andar de baixo outra música começa e duas garotinhas... Barbara e sua amiga Hilda... soltam gritinhos de alegria quase alto demais para estraçalhar vidros. Ele pensa nas três ou quatro mil Barbs e Hildas gritando em uníssono na noite de amanhã, e agradece a Deus que aquela incumbência tenha cabido à sua mãe.

− Pode vir, mas não sei como deixá-lo entrar, - ela diz. - Meu tio Henry acionou o alarme quando saiu, e eu não sei o código. Acho que trava o portão também.

− Eu já tenho tudo resolvido, - Jerome diz.

− Quando virá?

− Posso chegar aí em meia hora.

− Se falar com o Sr. Hodges, diz uma coisa a ele?

− Claro.

− Diga a ele que estou triste, também. - ela faz uma pausa. - E eu estou tomando meus Lexapro.

27

No final daquela tarde de quarta, Brady deu entrada em um gigantesco Motel 6 perto do aeroporto, usando um dos cartões de crédito em nome de Ralph Jones. Ele tinha uma maleta e uma mochila. Na mochila há uma única muda de roupas, que era tudo o que precisava para as poucas horas de vida que lhe restava. Na maleta está a almofada ESTACIONAMENTO DE BUNDA, a sacola da sonda uretral, uma fotografia emoldurada, vários detonadores domésticos (ele esperava só precisar de um, mas era bom ter alguns reforços), a Coisa Dois, vários sacos de acondicionamentos de alimentos cheios de rolamentos de esferas, e explosivo suficiente para mandar tanto o motel quanto o estacionamento adjacente pelos ares. Ele volta ao Subaru, tira o maior item (com algum esforço; ele mal cabe), carrega para o quarto, e o encosta na parede.

Ele se deita na cama. Sua cabeça parece estranha contra o travesseiro. Nua. E, de certa forma, meio sexy.

Ele pensa, Eu tive uma fase de má sorte, mas saí dela e ainda estou em pé.

Ele fecha os olhos. Logo está roncando.

28

Jerome estaciona seu Wrangler com o nariz quase tocando o portão da 729 Lilac Drive, salta e aperta o interfone. Ele tem uma razão para estar lá caso alguém da patrulha de segurança de Sugar Heights o pare para questioná-lo, mas só vai funcionar se a mulher lá dentro confirmar, e ele não tem certeza de poder contar com aquilo. Sua conversa recente com aquela senhora sugeria que ela não batia muito bem das bolas. Em todo caso, ninguém o para, e após um momento ou dois em pé ali, tentando parecer pertencer à vizinhança - esta é uma daquelas ocasiões em que ele se sentia especialmente preto - Holly atende.

− Sim? Quem é?

− Jerome, Sra. Gibney. Amigo de Bill Hodges?

Uma pausa tão longa que ele está a ponto de apertar o botão de novo quando ela diz.

− Você tem o código do portão?

− Sim.

− Está bem. E se é amigo do Sr. Hodges, acho que pode me chamar de Holly.

Ele pressiona o código e o portão abre. Ele entra com o carro e observa o portão fechar às suas costas. Até agora, tudo bem.

Holly está na porta da frente, espiando-o por uma das janelas laterais como uma prisioneira em uma área de visitação de segurança máxima. Ela usa um casaco doméstico sobre os pijamas, e seu cabelo está bagunçado. Um curto cenário de pesadelo cruza a mente de Jerome: Quando os caras da segurança chegarem, ela o acusará de ser um ladrão. Ou um estuprador com fetiche por pijamas de flanelas.

A porta está trancada. Ele aponta para ela. Por um momento, Holly só fica ali como um robô sem bateria. Então ela solta o ferrolho. Um bip agudo começa a soar quando Jerome abre a porta e ela recua vários passos, cobrindo a boca com ambas as mãos.

− Não me arrume problemas! Eu não quero problemas!

Ela está duas vezes mais nervosa que ele, e isto acalma a mente de Jerome. Ele digita o código no alarme e aperta ALL SECURE. O bip para.

Holly colapsa em uma ornada cadeira entalhada que parece ter custado o suficiente para pagar um ano em uma boa faculdade (embora talvez não Harvard), com os cabelos pendurados em volta do rosto em mechas úmidas.

− Oh, este é o pior dia de minha vida, - ela diz. - Pobre Janey. Pobre, pobre Janey.

− Eu sinto muito.

− Mas pelo menos, não é minha culpa. - Ela olha para cima, para ele com um frágil desafio, digno de pena. - Ninguém pode me dizer que é culpa minha. Eu não fiz nada.

− É claro que não fez. - Jerome diz.

Isso soa empolado, mas ela sorri um pouquinho, então talvez esteja tudo bem.

− O Sr. Hodges está bem? Ele é um homem muito, muito, muito bom. Mesmo que minha mãe não goste dele. - Ela encolhe os ombros. - Mas de quem ela gosta?

− Ele está bem, - Jerome diz, embora duvide que isto seja verdade.

− Você é *preto*, - ela diz, olhando para ele de olhos arregalados.

Jerome olha para as mãos.

− Sou mesmo, não sou?

Ela explode em estrépitos de riso histérico.

− Desculpe. Isto foi rude. Tudo bem que você seja preto.

− Preto é legal, - Jerome diz.

− É claro que é. Totalmente legal. - ela fica em pé, mordisca o lábio inferior, então estende a mão com uma óbvia força de vontade. - Toca aqui, Jerome.

Ele aperta sua mão. A mão dela está pegajosa. É como balançar a pata de um animal pequeno e tímido.

− Precisamos nos apressar. Se minha mãe e Tio Henry chegarem e o pegarem aqui, estarei encrencada.

Você? Jerome pensa. E o garoto negro?

− A mulher que vivia aqui também era sua prima, certo?

− Sim. Olivia Trelawney. Eu não a vejo desde a faculdade. Ela e minha mãe nunca se deram bem. - Ela olha para ele com solenidade. - Tive de largar a faculdade. Eu tive problemas.

Jerome aposta que sim. E ainda tem. Ainda assim, há algo nela que ele gosta. Sabe Deus o que. Certamente não é a risada irritante como unhas arranhando um quadro negro.

− Você sabe onde o computador dela fica?

− Sim. Vou lhe mostrar. Pode ir rápido?

Melhor eu poder, Jerome pensa.

29

O computador da finada Olivia Trelawney era protegido por senha, o que é idiota, porque quando ele vira o teclado, ele vê OTRELAW escrito lá com um canetão.

Holly, em pé no umbral da porta e remexendo a gola de seu casaco nervosamente para cima e para baixo, murmura algo que ele não entende.

− Hã?

− Perguntei o que você está procurando.

− Saberá quando eu descobrir. - ele abre a janela de busca e digita BEBÊ CHORANDO no campo de busca. Sem resultados. Ele tenta CHORO DE CRIANÇA. Nada. Ele tenta GRITO DE MULHER. Nada.

− Pode estar oculto. - Desta vez ele a ouve claramente porque sua voz está bem perto de seu ouvido direito. Ele se sobressalta, mas Holly não nota. Ela está inclinada com as mãos nos joelhos do casaco, olhando para o monitor de Olivia. - Tente ARQUIVO DE AUDIO.

Era uma boa ideia, então ele o faz. Mas não acha nada.

− Está bem, - ela diz. - vá até PREFERÊNCIAS DE SISTEMA e procure por SOM.

− Holly, tudo o que esta função faz é controlar as entradas e saídas. Coisas assim.

− Bem, dã. Tente mesmo assim. - Ela tinha parado de mordiscar os lábios.

Jerome tenta. Sob "saída", o menu listava CONTROLES DE SOM, FONES DE OUVIDO e DRIVER DE SOM LOG ME IN. Sob "entrada", havia MICROFONE INTERNO e CONECTAR. Nada que ele não esperasse.

− Mais ideias? - ele pergunta a ela.

− Abra EFEITOS DE SOM. Ali, à esquerda.

Ele se vira para ela.

− Ei, você entende disto, não entende?

− Eu fiz um curso de computação. Em casa. Pelo Skype. Era interessante. Vá, busque por EFEITOS DE SOM.

Jerome faz, e pisca diante do que vê. Além de SAPO, VIDRO, PING, POP E RONROM – os suspeitos habituais – havia um item listado como SUSTOS.

− Nunca vi este.

− Nem eu. - Ela ainda não o olhava direto no rosto, mas seu aspecto tinha mudado radicalmente. Ela puxa uma cadeira e se senta ao lado dele, puxando o cabelo para trás da orelha. - E eu conheço os programas MAC de trás para frente.

− Exibida, - Jerome diz, e ergue uma mão.

Ainda olhando para a tela, Holly dá um tapa, em cumprimento.

− Toque, Sam.

Ele ri.

−*Casablanca.*

− Sim. Vi este filme setenta e três vezes. Tenho um diário de filmes. Escrevo tudo o que vejo. Minha mãe diz que é TOC[35].

−*A vida* é um TOC, - Jerome diz.

Sem sorrir, Holly responde,

- Anda.

Jerome clica em SUSTOS e aperta enter. Das caixinhas de som estéreo em ambos os lados do computador de Olivia, um bebê começa a se lamentar. Holly não se altera; ela não agarra o ombro de Jerome até a mulher berrar. Por que você deixou matarem meu bebê?

− Caralho! - Jerome grita, e agarra a mão de Holly. Ele nem pensa a respeito, e ela não se afasta. Eles encaram o computador como se ele tivesse dentes e tivesse dado uma mordida.

Há um momento de silêncio, então o bebê recomeça a chorar. A mulher grita de novo. O programa dá três ciclos, então para.

Holly finalmente olha diretamente para ele, com olhos tão abertos que parecem a ponto de saltar das órbitas.

− Você sabia que isto ia acontecer?

− Jesus, não. - Sabia que aconteceria algo, ou Bill jamais teria mandado-o ali, mas aquilo? - Pode descobrir alguma coisa sobe o programa, Holly? Tipo, quando foi instalado? Se não der, tudo b...

− Afaste-se.

Jerome é bom com computadores, mas Holly toca o teclado como um piano. Após alguns minutos de busca, ela diz.

− Parece que foi instalado em primeiro de Julho do ano passado. Um monte de coisa foi instalada nesta data.

− Pode ter sido programado para tocar em certos horários, certo? Três ciclos e então fecha?

Ela lhe dá um olhar impaciente.

− É claro.

Então como não continua a tocar? Digo, vocês estão hospedados aqui. Teriam ouvido.

Ela mexe no mouse como louca e mostra a ele algo mais.

− Eu já vi isto. É um programa escravo, escondido nos contatos de e-mail dela. Aposto que Olivia não sabia que estava aqui. É chamado Espelho. Não dá para usá-lo para ligar um computador – pelo menos ao que eu saiba – mas se ele estiver ligado, pode rodar qualquer coisa de seu próprio computador. Abrir arquivos, ler e-mails, ver histórico de buscas... ou desativar programas.

− Como, após a morte dela. - Jerome diz.

− Ooough, - Holly franze o cenho.

− Porque o cara que o instalou, deixaria isto? Por que não deletá-lo completamente?

− Não sei. Talvez ele tenha esqueciddo. Eu esqueço coisas o tempo inteiro. Minha mãe diz que eu esqueceria minha própria cabeça se não estivesse grudada no pescoço.

− É, a minha diz o mesmo. Mas quem é ele? De quem estamos falando?

Ela pensa a respeito. Ambos pensam. E depois de cerca de cinco segundos, falam ao mesmo tempo.

− O técnico de informática dela, - Jerome diz, ao mesmo tempo que Holly diz – O cara que conserta o computador para ela.

Jerome começa a mexer nas gavetas da mesa do computador de Olivia, procurando por um panfleto de propaganda de serviços de computador, uma nota fiscal quitada, ou um cartão comercial. Devia haver pelo menos um destes, mas nada. Ele se ajoelha e engatinha para debaixo da mesa. Nada lá também.

− Olhe na geladeira, - ele diz. - Às vezes, pessoas penduram coisas lá, com pequenos ímãs.

− Há muitos ímãs, - Holly diz, - mas nada na geladeira exceto um cartão do agente imobiliário e um da companhia de Segurança Guarda Vigilante. Acho que Janey deve ter retirado todo o resto. Provavelmente jogou fora.

− Há um cofre?

− Acho que sim, mas porque minha prima colocaria o cartão comercial do cara da informática no cofre? Não é como se valesse dinheiro, ou coisa assim.

− Verdade, - Jerome diz.

− Se estivesse aqui, estaria perto do computador. Ela não o esconderia, digo, ela escreveu a senha bem debaixo do maldito teclado.

− Meio burro, - Jerome disse.

− Totalmente. - Holly de repente parece perceber como estão próximos. Ela se levanta e volta ao umbral da porta. Ela começa a remexer na gola do casaco de novo. - O que vai fazer agora?

− Acho melhor ligar para o Bill.

Ele tira o celular, mas antes de conseguir ligar, ela diz seu nome. Jerome olha para ela, parada lá no umbral da porta, parecendo perdida em suas roupas confortáveis e relaxadas.

− Deve haver zilhões de caras da informática na cidade, - ela diz

Não zilhões, mas muitos. Ele sabe disto e Hodges também sabe, porque foi Jerome que lhe contou.

30

Hodges ouve cuidadosamente a tudo o que Jerome tem para dizer. Ele gosta dos elogios que Jerome faz à Holly (e espera que Holly goste também, se estiver ouvindo), mas se sente amargamente desapontado de que não haja nada indicando quem era o Jack Informático que consertava a máquina de Olivia. Jerome acha que pode ser porque Janey tinha jogado fora o cartão de visita do Jack Informático. Hodges, que tinha a mente treinada para suspeitar, achava que o Sr. Mercedes pode ter se assegurado de que Olivia não *tivesse* um cartão. Só que não fechava. Não se *pedia* um cartão, caso o cara trabalhasse bem? E não manteria a mão? A menos que...

Ele pede a Jerome para passar para Holly.

− Alô? - tão fraco que ele teve de se esforçar para ouvi-la.

− Holly, há alguma agenda de contatos no computador de Olivia?

− Só um minuto. - ele ouve sons de digitação abafados. Quando ela volta, a voz está confusa. - Não.

− Isto não parece estranho?

− Um pouco.

− Será que o cara que instalou os ruídos de susto pode ter deletado a lista de contatos dela?

− Oh, claro. Facilmente. Estou tomando meus Lexapro, Sr. Hodges.

− Que bom, Holly. Pode me dizer se Olivia usava muito o computador?

− Claro.

− Deixe-me falar com Jerome enquanto você procura.

Jerome volta e diz que sente muito por não terem encontrado mais coisas.

− Não, não, você foi ótimo. Quando mexeu na mesa, encontrou alguma agenda de endereços física?

− Uh-hu, mas muitas pessoas não se incomodam mais com elas... acabam mantendo todos os contatos nos computadores e celulares. Sabe disto, não sabe?

Hodges acha que devia saber, mas o mundo se movia rápido demais para ele, atualmente. Ele nem mesmo sabia como programar seu gravador de DVD.

− Espere, Holly quer falar com você de novo.

− Você e Holly estão se dando bem, não?

− Estamos bem. Aqui está ela.

− Olivia tinha todo tipo de programas e sites favoritos. - Holly diz. - Ela usava muito o Hulu e Huffpo. E seu histórico de busca... parece que ela passava mais tempo online do que eu, e eu fico muito online.

− Holly, porque uma pessoa que realmente depende de seu computador não tem um cartão de visita a mão?

− Porque o cara veio aqui e o tirou após a morte dela, - Holly disse de

pronto.

− Talvez, mas pense no risco... especialmente com o serviço de vigilancia da vizinhança ainda de olho nas coisas. Ele teria de saber o código do portão, o código do alarme... e mesmo assim, ele precisaria da chave da casa... - ele se interrompe.

− Sr. Hodges? Ainda está aí?

− Sim. E me chame de Bill.

Mas ela não o faria. Talvez não conseguisse.

− Sr. Hodges, ele é um gênio do crime? Como nos filmes de James Bond?

− Eu acho que ele só é louco. - e porque ele é louco, o risco pode não importar para ele. Veja o risco que ele assumiu no Centro Municipal, atacando aquela multidão de pessoas.

Ainda não parecia fazer sentido.

− Devolva a Jerome de novo, por favor.

Ela devolve, e Hodges diz a ele que é hora de sair antes da Tia Charlotte e Tio Henry voltarem e o flagrarem brincando no computador com Holly.

− O que vai fazer, Bill?

Ele olha para a rua, onde o crepúsculo tinha começado a aprofundar as cores do dia. Era quase sete horas – Vou dormir um pouco. - ele diz.

31

Antes de ir para a cama, Hodges passa quatro horas na frente da TV, assistindo a programas que entram bem pelos seus olhos, mas se desintegram antes de chegarem ao cérebro. Ele tenta não pensar em nada, porque é como se abre a porta para a ideia certa entrar. A ideia certa sempre chega como resultado da conexão certa, e *há* uma conexão esperando para ser feita; ele sente. Talvez mais do que uma. Ele não deixará Janey entrar em seus pensamentos. Mais tarde, sim, mas por hora tudo do que ele podia fazer era refletir.

O computador de Olivia Trelawney era o x da questão. Estava infestado de sons assustadores, e o suspeito mais provável era o cara da TI. Então porque ela não tinha o cartão dele? Ele podia ter deletado os contatos dela à distância, e Hodges apostava que era o que tinha feito, mas ele teria invadido a casa dela para roubar a porra de um *cartão de visitas* depois que ela morreu?

Ele recebe uma ligação de um repórter do jornal. Então outra do cara do Canal 6. Depois uma terceira chamada de alguém da mídia. Hodges desliga seu telefone. Ele não sabe quem divulgou o número de seu celular, mas espera que a pessoa tenha sido bem paga pel informação.

Algo mais profundo continuava vindo à sua mente, algo que não tinha nada a ver com nada: *Ela pensa que eles andam entre nós.*

Uma olhadinha em suas anotações lhe permite apontar quem tinha dito aquilo a ele: o Sr. Bowfinger, o escritor de cartões. Ele e Bowfinger estavam sentados em cadeiras no gramado, e Hodges se lembra de ter gostado da sombra. Isso tinha sido quando ele ainda estava rascunhando o caso, procurando por qualquer um que pudesse ter visto um veículo suspeito passando pela rua.

Ela acha que eles estão entre nós.

Bowfinger falava da Sra. Melbourne do outro lado da rua. A Sra. Melborne que fazia parte de uma organização de malucos por OVNIs chamada CNIFA, o Comitê Nacional de Investigações de Fenômenos Aéreos.

Hodges decide que é só um daqueles ecos, como um trecho de música pop, que pode começar a ressoar em um cérebro superestressado. Ele se despe, vai para a cama, e então, Janey vem. Janey enrugando o nariz e dizendo *é*, e pela primeira vez desde a infância, ele realmente chora até pegar no sono.

Ele acorda nas primeiras horas da manhã de quinta, dá uma mijada, começa a voltar para a cama, e para, de olhos arregalados. O que estivera procurando – a conexão – está subitamente lá, grande como a vida.

Você não se incomoda em guardar um cartão de visita se não *precisa* de um.

Digamos que o cara não fosse autônomo, dono de um pequeno negócio em sua própria casa, mas alguém que trabalhasse para uma *empresa*. Se fosse este o caso, podia ligar para o número da empresa todas as vezes que precisasse dele

porque seria algo fácil de lembrar, como 555-9999, ou fossem lá os número que soletrassem COMPUTADOR.

Se ele trabalhasse para uma empresa, faria os atendimentos de chamados em um carro da empresa.

Hodges volta para a cama, certo de que o sono lhe escaparia desta vez, mas não.

Ele pensa, *se ele tinha explosivo suficiente para explodir meu carro, ele deve ter mais*.

Então ele dorme de novo.

E sonha com Janey.

BEIJOS NO MEIO DO CAMINHO

1

Hodges acorda às seis da manhã, na quinta-feira e faz para si mesmo um grande café da manhã com dois ovos, quatro fatias de bacon, quatro fatias de torrada. Ele não queria, mas se forçou a comer cada pedaço, dizendo a si mesmo que era combustível para o corpo. Pode ser que tivesse uma chance de comer novamente naquele dia, mas era mais provável que não. Tanto no chuveiro como quando mastigava seu caminho resolutamente em meio ao café da manhã (ninguém para cuidar de seu regime agora), um pensamento continuava a lhe ocorrer, o mesmo com o qual fora dormir na noite anterior. Era como uma assombração.

Quanto explosivo ele tinha?

O que levava a outras considerações desagradáveis. Tipo como o cara – o *maufeitor* – iria usá-lo. E quando.

Ele acaba por decidir: hoje é o último dia. Ele quer rastrear o Sr. Mercedes sozinho, e confrontá-lo. Matá-lo? Não, não isto (*provavelmente* não isto), mas cobri-lo de pancadas seria *excelente*. Por Olivia. Por Janey. Por Janice e Patricia Cray. Por todas as outras pessoas que o Sr. Mercedes matou, massacrou e mutilou no Centro Municipal no ano passado. Pessoas tão desesperadas por empregos que se levantaram no meio da noite para esperar em uma neblina cheia de umidade pela abertura das portas para uma chance de emprego. Vidas perdidas. Esperanças perdidas. *Almas* perdidas.

Então sim, ele quer o filho da puta. Mas se não conseguisse pegá-lo hoje, ele entregaria a coisa toda a Pete Huntley e Izzy Jaynes e aguentaria as consequências... o que, ele sabe, podia custar alguns dias na cadeia. Não importava. Ele já tinha muita coisa na consciência, mas achava que podia aguentar um pouco mais de peso. Mas não outro assassinato em massa. Aquilo destruiria o que restava dele.

Ele decide se permitir até as oito horas daquela noite; aquele seria o prazo final. Ele podia, naquelas treze horas, fazer tanto quanto Pete e Izzy. Provavelmente mais, porque não seria restrito a rotina ou protocolo de procedimentos. Hoje ele carregaria o M&P .38 de seu pai. E o Happy Sapper... ele também.

O Slapper vai no bolso frontal direito de seu casaco esportivo, o revólver sob o braço esquerdo. Em seu escritório, ele pega o arquivo do Sr. Mercedes – está bem grosso agora – e o traz de volta à cozinha. Enquanto o lê de novo, usa o controle remoto para ligar a TV do balcão e sintoniza o jornal das sete no Canal 6. Ele fica quase aliviado em ver que um guindaste havia capotado próximo ao lago, quase afundando um barco cheio de produtos químicos. Ele não queria o lago mais poluído do que já estava (como se fosse possível), mas o vazamento

tinha colocado a explosão local do carro bomba a um segundo plano. Aquelas eram as boas notícias. As ruins eram que ele era identificado como detetive, agora reformado, antes o investigador chefe da força-tarefa do do Massacre do Centro Municipal, e a mulher morta na explosão do carro havia sido identificada como a irmã de Olivia Trelawney. Ainda havia a foto dele e Janey em pé em frente à Casa Funerária Soames, tirada sabe-se lá por quem.

− A polícia não está dizendo que há uma conexão ao massacre em massa do ano passado no Centro Municipal, - o repórter dizia com gravidade, - mas vale ressaltar que o prepetrador daquele crime ainda não foi pego. Em outra notícia de crime, é esperado que Donald Davis seja denunciado...

Hodges não dá uma merda para Donald Davis. Desliga a TV e retorna às anotações ao seu bloco amarelo de anotações. Ele ainda o está guardando quando o telefone toca... não o celular (embora hoje ele estivesse carregando-o), mas aquele fixo na parede. É Pete Huntley.

− Você acorda com os passarinhos, - Pete diz.

− Ótimo trabalho de detetive. Como posso ajudá-lo?

− Tivemos uma conversa interessante ontem com Henry Sirois e Charlotte Gibney. Sabe, os tios de Janelle Patterson?

Hodges aguarda o golpe.

− A conversa da tia foi especialmente fascinante. Ela acha que Izzy estava certa, e você e a Patterson eram muito mais do que só conhecidos. Ela acha que vocês eram amigos muito íntimos.

− Diga o que está insinuando, Pete.

− Estavam fazendo aquilo. Afogando o ganso. Escondendo o salame. Fazendo o canguru pern...

− Eu acho que entendi. Deixe-me dizer uma coisa sobre a tia Charlotte, está bem? Se ela visse uma foto de Justin Bieber conversando com a Rainha Elizabeth, ela diria que o Beeb estava comendo ela. “Dava para ver nos olhos deles,” ela diria.

− Então você não estava.

− Não.

− Eu aceitarei isto com certa reserva... em nome dos velhos tempos... mas eu ainda quero saber o que está escondendo. Porque sinto pelo cheiro.

− Leia meus lábios: não... escondo... nada.

Silêncio do outro lado da linha. Pete está esperando que Hodges fique incomodado e quebre isto, por um momento esquecendo-se de que fora ele quem lhe ensinara aquele truque.

Por fim ele desiste.

- Acho que está cavando seu próprio túmulo, Billy. Meu conselho é que largue a pá antes de estar fundo demais para conseguir sair.

− Obrigado, parceiro. Sempre bom aprender lições de vida as sete e quinze

da manhã.

− Eu quero interrogá-lo de novo esta tarde. E desta vez é possível que eu tenha de ler seus direitos antes.

O aviso Miranda, é o que queria dizer.

− Feliz por poder ajudar. Me ligue no celular.

− Sério? Desde que se aposentou, não o carrega.

− Hoje estou carregando. - Sim, de fato. Porque pelas próximas doze ou quatorze horas, ele estará totalmente desaposentado.

Ele finaliza a chamada e volta às suas anotações, umedecendo a ponta de seu dedo indicador cada vez que virava a página. Ele circula um nome: Radney Peeples. O cara do Serviço Guarda Vigilante com quem conversara em Sugar Heights. Se Peeples estiver fazendo metade de seu trabalho, ele pode ser a chave para identificar o Sr. Mercedes. Mas não há chance de que ele não se lembre de Hodges, não depois de Hodges tê-lo pressionado pela sua identificação funcional e então feito aquele interrogatório. E ele saberá que hoje Hodges é notícia grande. Há tempo para pensar sobre como resolver o problema; Hodges não quer ligar para o Vigilante até o horário comercial normal. Porque a chamada tem de parecer de rotina, comum.

O próximo telefonema que recebe, em seu celular desta vez, é de Tia Charlotte. Hodges não fica surpreso em ouvi-la, mas também não fica contente.

− Eu não sei o que fazer! - ela grita. - Você tem de me ajudar, Sr. Hodges!

− Não sabe o que fazer sobre o que?

− *O corpo! O corpo* de Janelle! Eu não sei nem onde *está*!

Hodges ouve um bip e vê que tem outra chamada.

− Sra. Gibney, tenho outra ligação e preciso atendê-la.

− Não vejo porque você não pode...

− Janey não vai a lugar algum, então aguarde. Eu retorno sua ligação.

Ele a corta no meio de um guincho de protesto e atende Jerome.

− Achei que você poderia precisar de um chofer hoje, - Jerome diz. - Considerando sua atual situação.

Por um momento Hodges não entende sobre o que o garoto está falando, então se lembra que seu Toyota ficou reduzido a pedaços torrados. O que restara dele estava agora sob custódia do Departamento de Polícia Forense, onde mais tarde homens em jalecos brancos se debruçarão para determinar que tipo de explosivo foi usado para explodi-lo. Ele viera para casa de taxi. Ele irá precisar de uma carona. E, ele percebe, Jerome pode ser útil em mais de um jeito.

− Isto seria bom, - ele diz, - mas e a escola?

− Estou com média de 3.9, - Jerome diz, pacientemente, - Também estou trabalhando a União dos Cidadãos e dando monitoria nas aulas de computação para crianças sem recursos. Eu posso faltar um dia. E eu já falei com meu pai e mãe. Eles só me pediram para perguntar a você se alguém mais ia tentar lhe

explodir.

− Na verdade, isto não está fora de questão.

− Espere um segundo. - de forma abafada, Hodges ouve Jerome gritar – Ele diz que ninguém vai.

Apesar de tudo, Hodges teve de sorrir.

− Estarei aí super-rápido, - Jerome diz.

− Vê se não leva multa por velocidade. Nove horas está bom. Use o tempo para praticar suas habilidades de interpretação.

− Sério? Que papel eu vou interpretar?

− Assistente de advogado - Hodges diz. - E obrigado, Jerome.

Ele desliga, vai para o escritório e liga o computador, procura por um advogado local chamado Schron. É um nome incomum e ele encontra sem problemas. Ele anota a firma e o primeiro nome de Schron, que por acaso era George. Então ele volta para a cozinha e liga para a Tia Charlotte.

− Hodges, - ele diz. - Voltei.

− Eu não gosto que batam o telefone na minha cara, Sr. Hodges.

− Não mais do que eu gosto da senhora dizendo ao meu ex parceiro que eu estava trepando com sua sobrinha.

Ele ouve um arquejo chocado, seguido de silêncio. Ele quase espera que ela desligue. Quando ela não desliga, ele lhe diz o que ela precisa saber.

− Os restos mortais de Janey estará no Necrotério do Condado de Huron. A senhora não conseguirá retirá-lo hoje. Provavelmente nem amanhã. Eles precisarão fazer uma necrópsia, o que é absurdo dada a causa da morte, mas é protocolo.

− Você não entende! Eu tenho reserva de voos!

Hodges olha pela janela da cozinha e conta lentamente até cinco.

− Sr. Hodges? Ainda está ai?

− Do modo como eu vejo, a senhora tem duas opções, Sra. Gibney. Uma é ficar aqui e fazer a coisa certa. A outra é usar sua reserva, voar para casa, e deixar a cidade fazer pela senhora.

Tia Charlotte começa a choramingar.

− Eu vi pelo jeito que você olhava para ela, e pelo jeito que ela olhava para você. Tudo o que fiz foi responder às perguntas da policial.

− E com grande eloquência, sem dúvidas.

− Com o que?

Ele suspira. - Vamos deixar para lá. Sugiro que a senhora e seu irmão visitem o Necrotério do Condado pessoalmente. Não ligue antes, deixe-os verem seus rostos. Fale com o Dr. Galworthy. Se Galworthy não estiver lá, fale com o Dr. Patel. Se pedir a eles pessoalmente de maneira educada... se puder pedir numa boa... eles lhes darão toda ajuda possível. Mencione meu nome. Eu os conheço desde o final da década de 90.

− Temos de deixar Holly de novo, - Tia Charlotte diz. - Ela está trancada em seu quarto. Ela está usando o notebooke não quer sair.

Hodges percebe que está puxando o cabelo e se obriga a parar.

− Quantos anos tem sua filha?

Uma longa pausa – Quarenta e cinco.

− Então você provavelmente não será processada por não contratar uma babá. - Ele tenta suprimir o restante, mas não consegue. - Pense no dinheiro que vai economizar.

− Eu não posso pedir que entenda a situação de Holly, Sr. Hodges. Além de mentalmente instável, minha filha é muito sensível.

Hodges pensa: deve ser por isto que você é especialmente difícil para ela. Desta vez ele consegue não dizer.

− Sr. Hodges?

− Ainda estou aqui.

− O senhor não sabe se Janelle deixou um testamento, sabe?

Ele desliga o telefone.

2

Brady passa um longo tempo no chuveiro do motel com as luzes apagadas. Ele gosta do calor uterino e o som constante e ritmado da água que caía. Ele também gosta da escuridão, e é bom que ele goste, porque logo ele terá toda a que quiser. Ele gostaria de acreditar que ocorreria uma terna reunião mãe-e-filho – talvez até uma do tipo mãe-e-amante – mas em seu coração ele não acreditava. Ele pode fingir, mas... não.

Só escuridão.

Ele não está preocupado com Deus, ou com a perspectiva de passar a eternidade sendo lentamente tostado pelos seus crimes. Não há paraíso nem inferno. Qualquer um com meio cérebro sabe que estas coisas não existem. Que cruel seria um ser supremo ter feito um mundo tão fodido como este? Mesmo se o Deus vingativo dos televangelistas e padres pedófilos realmente existisse, como este arremessador de trovões seria capaz de culpar Brady pelas coisas que ele tinha feito? Tinha sido Brady Hartsfield a pegar a mão do pai e enroscá-la no fio elétrico que o eletrocutou? Não. Tinha sido ele a enfiar aquela fatia de maçã pela garganta do Frankie? Não. Tinha sido ele a ficar falando e falando e falando sobre como o dinheiro estava acabando e eles acabariam vivendo em um abrigo para sem-tetos? Não. Tinha sido ele a fritar o hambúrguer e dizer, *Coma, Mã, está delicioso?*

Ele podia ser culpado por revidar ao mundo que o tornara o que ele era?

Brady achava que não.

Ele pensa nos terroristas que derrubaram o World Trade Center (ele pensa muito frequentemente neles). Aqueles palhaços realmente pensaram que iam para o paraíso, onde viveriam em um tipo de eterno hotel de luxo sendo servidos por maravilhosas jovens virgens. Bem engraçado, e a melhor parte? Eles foram vítimas de sua própria piada... não que eles soubessem. O que eles tiveram foi uma visão momentânea daquelas janelas e um último brilho de luz. Depois daquilo, eles e as milhares de vítimas apenas se foram. Puff. Tchau-tchau, pica-pau. Lá se foram, assassinos e vítimas, da mesma forma, lá se foram para dentro do grande nada universal que rodeia um solitário planeta azul e todos os seus habitantes descuidadamente agitados. Todas as religiões mentem. Cada preceito moral é uma ilusão. Cada estrela é uma miragem. A verdade é a escuridão, e a única coisa que importa é fazer uma diferença antes de adentrá-la. Cortar a pele do mundo e deixar uma cicatriz. Afinal, isto é a história: tecido cicatrizado.

3

Brady se veste e se dirige a uma farmácia 24 horas perto do aeroporto. Ele vê no espelho do banheiro que o barbeador elétrico de sua mãe deixara muito a desejar; seu crânio precisava de mais manutenção. Ele compra lâminas descartáveis e creme de barbear. Ele pega mais pilhas, porque elas nunca são demais. Também pega um par de óculos de leitura de um expositor. Ele escolhe um de armação fina porque lhe dá um ar intelectual. Ou pelo menos ele achava.

Em seu caminho até o caixa, ele para em um expositor em cartolina com a foto dos quatro bem apessoados garotos da 'Round Here. O cartaz dizia: PREPARE-SE PARA O GRANDE SHOW DE 3 DE JUNHO! Só que alguém tinha riscado o 3 DE JUNHO e escrito HOJE embaixo.

Embora Brady geralmente usasse camisetas M – ele sempre fora magro – pega uma tamanho extra grande e joga no resto das compras. Não havia necessidade de pegar fila; cedo assim, ele era o único cliente.

- Vai ao show hoje? - a garota do caixa pergunta.

Brady lhe dá um grande sorriso. - Claro que eu vou.

Em seu caminho de volta ao motel, Brady começa a pensar em seu carro. Começa a *se preocupar* com seu carro. O disfarce de Ralph Jone estava bom, mas o Subaru estava em nome de Brady Hartsfield. Se o Det./Ref. descobre seu nome e o denuncia, aquilo poderia ser um problema. O motel é bem seguro... eles não pedem mais a placa do carro, só pedem a carteira de motorista... mas o documento do carro não.

O Det-Ref não está perto, Brady diz a si mesmo. Ele estava só tentando assustá-lo.

Só que talvez não. Este Det. em específico resolvera muitos casos antes de se aposentar, e algumas daquelas habilidades ainda pareciam estar lá.

Ao invés de ir diretamente ao Motel 6, Brady roda até o aeroporto, valida o tíquete do estacionamento, e deixa o Subaru no estacionamento de longo prazo. Ele precisará dele esta noite, mas por enquanto, ficaria bem ali.

Ele olha para o relógio. Dez para as nove. Onze horas até o início do show, ele pensa. Talvez doze horas até a escuridão. Podia ser menos; podia ser mais. Mas não *muito* mais.

Ele coloca os novos óculos e carrega suas aquisições os dois quilômetros da volta ao motel, assoviando.

4

Quando Hodges abre sua porta da frente, a primeira coisa que Jerome vê é o .38 no coldre do ombro.

− Você não vai atirar em ninguém com isto, vai?

− Duvido. Pense nisto como meu amuleto da sorte. Era do meu pai. E eu tenho permissão para portá-lo, se é o que lhe preocupa.

− O que me preocupa, - Jerome diz, - é se ele está carregado ou não.

− É claro que está. O que você acha que vou fazer se tiver de usá-lo? Atirá-lo?

Jerome suspira e bagunça sua massa de cabelos escuros.

− Isto está ficando sério.

− Quer desistir? Se quiser, pode. Neste exato momento. Eu ainda posso alugar um carro.

− Não, tudo bem. É com você que estou preocupado. O que tem embaixo dos seus olhos não são sacolas, são malas.

− Vou ficar bem. Hoje é meu limite, de qualquer forma. Se não conseguir pegar este cara até o anoitecer, vou até meu ex parceiro e lhe conto tudo.

− Quanto problema isto vai lhe trazer?

− Não sei e não quero saber.

− Quanto problema eu vou ter?

− Nenhum. Se eu não pudesse garantir isto, você estaria na segunda aula de álgebra agora.

Jerome lhe dá um olhar de pena.

− Álgebra já era há quatro anos. Diga o que posso fazer.

Hodges diz. Jerome está animado, mas indeciso.

− Mês passado, você nunca poderá contar isto a meus pais, um bando de nós tentou entrar no Punch e Judy, aquele clube dançante no centro? O cara na porta nem olhou para meu lindo RG falso, só me mandou sair da fila e ir tomar um milkshake.

Hodges diz,

− Não fico surpreso. Seu rosto é de dezessete anos, mas felizmente para mim, sua voz tem pelo menos vinte e cinco. - Ele entrega a Jerome um pedaço de papel com um número de telefone escrito. - Faça a ligação.

Jerome diz à recepcionista que atende no Serviço Guarda Vigilante que ele é Martin Lounsbury, um assistente na firma Canton, Silver, Makepeace e Jackson. Ele diz que atualmente está trabalhando com George Schron, um associado junior designado para arrematar alguns fios soltos em relação a propriedade da finada Olivia Trelawney. Uma das pontas soltas tem a ver com o computador da Sra. Trelawney. Seu trabalho do dia era localizar o especialista em informática que consertava esta máquina, e parece possível que um dos empregados da

Vigilância na área de Sugar Heights pudesse ajudá-lo a localizar o cavalheiro. Hodges faz um círculo com o dedão e o indicador para indicar a Jerome que está indo bem, e lhe entrega um bilhete.

Jerome lê e diz,

− Uma das vizinhas da Sra. Trelawney, a Sra. Helen Wilcox, mencionou um Rodney Peeples? - ele ouve, então acena. - Radney, entendo. Que nome interessante. Talvez ele pudesse me ligar, se não for muito incômodo? Meu chefe é meio tirano, e eu estou realmente na mira de um revólver aqui. - Ele escuta. - Sim? Oh, isto é ótimo. Muito obrigado. - Ele dá à recepcionista o número de seu celular e o número fixo de Hodges, então desliga e seca um suor de mentirinha de sua testa. - Que bom que acabou. Whoo!

− Você se saiu bem. - Hodges assegura.

− E se eles ligarem para a Canton, Silver, e Seiláoque para checar? E descobrir que eles nunca ouviram falar de um Martin Lounsbury?

− O trabalho dela é repassar recados, não investigá-los.

− E se o cara Peeples investigar?

Hodges não acha que ele o fará. Ele acha que o nome Helen Wilcox o impedirá. Quando ele falou com Peeples aque dia, ao lado de fora da mansão de Sugar Heights, Hogdes captou uma forte vibração de que a relação de Peeples com Helen Wilcox era mais do que apenas platônica. Talvez um pouquinho mais, talvez muito mais. Ele acha que Peeples dará a Martin Lounsbury o que ele quer para ser deixado em paz

− O que faremos agora? - Jerome pergunta.

O que eles fazem é algo que Hodges passara pelo menos metade de sua carreira fazendo.

− Esperamos.

− Quanto tempo?

− Até Peeples ou algum outro empregado da segurança ligar. - Porque naquele momento o Serviço Guarda Vigilante parecia sua melhor pista. Se não desse em nada, eles teriam de ir até Sugar Heights e começar a interrogar os vizinhos. Não era algo que quisesse fazer, dado seu recente status de celebridade.

Enquanto isto, ele se pega pensando de novo no Sr. Bowfinger, e na Sra. Melbourne, a mulher meio doida que morava do outro lado da rua. Com sua conversa de SUVs pretos misteriosos e seu interesse em discos voadores, a Sra. Melbourne podia ser um peculiar personagem secundário em um antigo filme de Alfred Hitchcock.

Ela acha que eles estão entre nós, Bowfinger dissera, fazendo com as sobrancelhas um gesto ondulante, e porque em nome de Deus aquilo continuava voltando à mente de Hodges?

É dez para as dez quando o celular de Jerome toca. O trechinho de Hells Bells do AC/DC assusta os dois. Jerome checa o visor.

− Diz NÚMERO PRIVADO. O que faço, Bill?

− Atenda. É ele. E lembre-se de quem você é.

Jerome atende e diz, - Alô, aqui é Martin Lounsbury. - Ouve. - Oh, olá, Sr. Peeples. Muito obrigado por ter retornado.

Hodges rabisca em um papel em branco e o empurra pela mesa. Jerome lê rapidamente.

− Uh-huh... sim... a Sra. Wilcox falou muito bem de você. Muito bem mesmo. Mas meu trabalho tem a ver com a finada Sra. Trelawney. Não conseguimos finalizar os trâmites de seu testamento até inventoriarmos seu computador, e... sim. Eu sei que já faz mais de seis meses. Terrível como essas coisas se arrastam, não é? Tivemos um cliente ano passado que realmente teve de apelar para cupons de alimentação, mesmo que tivesse setenta mil dólares para receber.

Não exagere, Jerome. Hodges pensa. Seu coração trombeja no peito.

− Não, não é nada disto. Eu só preciso do nome do camarada que trabalhava para ela. O resto é com meu patrão. - Jerome ouve, sobrancelhas juntas. - Não pode? Oh... que pen...

Mas Peeples está falando de novo. O suor na sobrancelha de Jerome não é mais imaginário. Ele estende a mão pela mesa, pega a caneta de Hodges, e começa a rabiscar. Enquanto escreve, mantem uma constante corrente de uh-huhs e está bem e entendo. Finalmente:

− Ei, isto é ótimo. Ótimo mesmo. Tenho certeza que o Sr. Schron pode se virar com isto. Você foi de grande ajuda, Sr. Peeples. Então eu só vou... - ele ouve um pouco mais. - Sim, é uma coisa horrível. Eu acredito que o Sr. Schron está lidando com alguns... uh... aspectos disto enquanto conversamos, mas não sei de na... ah, você fez? Uau! Sr. Peeples você foi ótimo. Sim, eu vou mencionar isto. Eu certamente irei. Obrigado, Sr. Peeples.

Ele corta a conexão e leva as mãos às têmporas, como se para acalmar uma dor de cabeça.

− Cara, isto foi intenso. Ele queria falar sobre o que aconteceu ontem. E para dizer que devia dizer aos parentes de Janey que os Vigilantes ajudariam no que pudessem.

− Que ótimo, tenho certeza de que ele vai receber um “Bom Garoto” em seu prontuário, mas...

− Ele também dise que conversou com o cara do carro que explodiu. Ele viu sua fotografia no jornal esta manhã.

Hodges não fica surpreso e naquele momento não se importa.

− Ele lhe deu um nome? Diga que tem um nome.

− Não do cara da informática, mas ele me deu o nome da empresa onde ele trabalha. Chama Patrulha Cibernética. Peeples diz que eles dirigem por aí Beetles verdes. Ele diz que vão o tempo inteiro para Sugar Heights, e é impossível não

vê-los. Ele andou vendo uma mulher e um homem dirigindo por lá, ambos provavelmente na casa dos vinte anos. Ele disse que a mulher tinha pinta de sapatão.

Hodges nunca nem considerara a ideia de que o Sr. Mercedes pudesse ser na realidade uma Sra. Mercedes. Ele achava que era tecnicamente possível, e seria um final perfeito para um livro da Agatha Christie, mas aquilo era a vida real.

− Ele disse a aparência do cara?

Jerome nega com a cabeça.

− Venha ao meu escritório. Pode pilotar o computador enquanto eu dou uma de co-piloto.

Em menos de um minuto eles estavam olhando para uma fileira de três Beetles VW verdes com PATRULHA CIBERNÉTICA escrito na lateral. Não é uma empresa independente, mas parte de uma cadeia chamada Discount Electronix com uma loja grande na cidade. Localizada no Shopping Birch Hill.

− Cara, eu já fiz compras lá. - Jerome diz. - Comprei várias coisas lá. Videogames, peças de computador, alguns DVDs em promoção.

Abaixo da foto dos Beetles há uma legenda dizendo CONHEÇA OS ESPECIALISTAS. Hodges se inclina por sobre o ombro de Jerome e clica no link. Três fotos aparecem. Uma é de uma garota de rosto estreito, com cabelo louro curto. O número dois é um cara barrigudo vestindo óculos estilo John Lennon e parecendo muito sério. O número três é um cara genericamente bem apessoado com cabelos castanhos bem penteados e um sorriso aberto. Os nomes abaixo eram FREDDI LINKLATTER, ANTHONY FROBISHER e BRADY HARTSFIELD.

− E agora? - Jerome pergunta.

− Agora nos colocamos a caminho. Só tenho de pegar algo antes.

Hodges entra no quarto e digita o código do pequeno cofre do closet. Dentro, junto com algumas apólices de seguro e outros documentos financeiros, há um montinho de cartões laminados presos com elástico como o que ele atualmente carregava na carteira. Policiais municipais recebiam novas identificações a cada dois anos, e cada vez que recebia uma, ele guardava o antigo ali. A diferença crucial é que nenhum dos antigo tinha APOSENTADO impresso em vermelho na diagonal. Ele tira o que expirou em Dezembro de 2008, remove o ID atual da carteira, e substitui pelo que tirou do cofre. É claro que usá-lo é um crime – Lei estadual 190.25, se fazer passar por um oficial de polícia, um delito Classe E punível com multa de 25.000 dólares, cinco anos de prisão, ou ambos – mas ele estava longe de se preocupar com tais coisas.

Enfia sua carteira de volta no bolso, começa a fechar o cofre, então repensa. Há algo mais que ele pode querer: um pequeno estojo de couro que parece o tipo de coisa que um viajante contumaz poderia usar para guardar o passaporte. Também era de seu pai.

Hodges o guarda no bolso com o Happy Slapper.

5

Depois de barbear seu crânio e colocar seus novos óculos. Brady vai até a recepção do Motel 6 e paga por mais uma noite. Depois volta ao quarto e desdobra a cadeira de rodas que comprara na quarta. Custou caro, mas dane-se. Dinheiro não era mais um problema para ele.

Ele coloca a almofada ESTACIONAMENTO DE BUNDA recheada de explosivos no assento da cadeira, então desfaz a costura do bolso na traseira e insere muitos outros blocos de seu explosivo plástico caseiro. Cada bloco estava montado com um fio de detonação exposto. Ele junta os fios de conexão com um clipe de metal. As pontas estão descascadas até o cobre, e esta tarde ele as trança em um único fio mestre.

O verdadeiro detonador será a Coisa Dois.

Um a um, ele cola com fita os saquinhos cheios de rolamentos de esferas embaixo do assento da cadeira de roda, usando pedaços cruzados de fita para mantê-los no lugar. Quando termina, ele senta ao pé da cama, observando solenemente o seu trabalho. Ele realmente não tem ideia se conseguirá levar esta bomba ambulante para dentro do Auditório Mingo... mas ele também não fazia ideia de que conseguiria escapar do Centro Municipal após tudo aquilo. E tinha funcionado, talvez isto também funcionasse. Afinal, desta vez ele não tinha de escapar, e isto já significava meia batalha ganha. Mesmo que eles dêem uma de espertos e tentem pegá-lo, o corredor estará lotado de pessoas, e sua pontuação será muito mais alta que oito.

Vou explodir tudo, Brady pensa. Explodir tudo, e foda-se, Detetive Hodges. Foda-se muito.

Ele deita na cama e pensa em se masturbar. Talvez ele devesse aproveitar enquanto ainda tinha um pinto. Mas antes mesmo de desabotoar a calça, ele cai no sono.

Na mesa de cabeceira ao seu lado há uma fotografia emoldurada. Frankie sorri nela, segurando no colo Sammy, o caminhão de bombeiro.

6

São quase onze da manhã quando Hodges e Jerome chegam ao Shopping Birch Hill. Há muitos lugares para estacionar e Jerome larga o Wrangler em uma vaga bem em frente à Discount Electronix, onde todas as vitrines exibiam grandes placas de LIQUIDAÇÃO. Uma garota adolescente está sentada na calçada na frente da loja, joelhos juntos e pés afastados, encurvada estudiosamente sobre um iPad. Um cigarro queima entre os dedos de sua mão esquerda. Só quando eles se aproximam é que Hodges vê que há um pouco de grisalho no cabelo da adolescente. Seu coração afunda.

− Holly? - Jerome diz, ao mesmo tempo que Hodges diz – O que diabos está fazendo aqui?

− Eu tinha certeza que você descobriria, - ela diz, apagando a bituca e ficando em pé. - mas estava começando a me preocupar. Ia ligar para você se não chegassem até as onze e meia. Estou tomando meus Lexapro, Sr. Hodges.

− Você já disse, e fico contente de ouvir isto. Agora responda a minha pergunta e me diga o que está fazendo aqui.

Os lábios dela tremem, e embora ela consiga sustentar o olhar dele no início, logo baixa o olhar para seus tamancos. Hoges não se surpreende por tê-la confundido com uma adolescente antes, porque de tantas formas diferentes ela ainda era uma, seu crescimento atrofiado por inseguranças e pela tensão de manter o equilíbrio no curto-circuito emocional na qual vinha vivendo a vida inteira.

− Está bravo comigo? Por favor não fique bravo comigo.

− Não estamos bravos, - Jerome diz – Só surpresos.

Chocados, na verdade. Hodges pensa.

− Passei a manhã no meu quarto, pesquisando as empresas de informática locais, mas como pensamos, há centenas delas. Mãe e Tio Henry saíram para falar com pessoas. Sobre Janey, acho. Acho que haverá outro funeral, mas odeio pensar sobre o que haverá no caixão. Me dá vontade de chorar sem parar.

E sim, grandes lágrimas rolaram pelo rosto dela. Jerome passa um braço ao seu redor. Ela lhe dá um olhar tímido e cheio de gratidão.

- Às vezes é difícil pensar quando minha mãe está por perto. É como se ela criasse uma interferência na minha cabeça. Acho que isto me faz parecer louca.

− Para mim não, - Jerome diz. - Eu sinto o mesmo em relação à minha irmã. Especialmente quando ela fica ouvindo aquele CD daquela maldita boy band.

− Quando eles partiram e a casa silenciou, tive uma ideia. Voltei ao computador de Olivia e revirei seu e-mail.

Jerome tá um tapa na testa.

− Merda! Nem me passou pela cabeça olhar o e-mail dela.

− Não se preocupe, não havia nenhum. Ela tinha três contas: Mac Mail,

Gmail e AO-Hell; mas todas as três pastas estavam vazias. Talvez ela mesma tenha deletado, mas não acho que tenha sido isso porque...

− Porque a área de trabalho dela e seu HD estavam cheios de coisas – Jerome diz.

− Isso mesmo. Ela tinha A ponte do rio Kwai em seu iTunes. Eu nunca assisti. Acho que vou arriscar.

Hodges dá uma olhada para dentro da Discount Electronix. Com o sol brilhando na vitrine é impossível dizer se alguém os observava. Ele se sentia exposto ali, como um inseto em uma rocha.

− Vamos andar um pouco, - ele diz, e os leva em direção à Sapataria Savoy, Barnes & Noble, e a Lojinha Feliz de Frozen Yogurt.

Jerome diz,

− Vamos Holly, desembucha. Está me deixando doido.

Aquilo a faz sorrir, o que a faz parecer mais velha. Mais da idade que tinha. E quando estavam distantes das vitrines da Discount Electronix, Hodges se sentiu melhor. Era óbvio a ele que Jerome estava feliz de vê-la, e ele também (mais ou menos, a contragosto), mas era humilhante pensar que ele fora passado para trás por uma dependente de Lexapro neurótica.

− Ele esqueceu de tirar seu programa de SUSTOS, então eu pensei que talvez tivesse esquecido de esvaziar também a caixa de SPAMS dela, e eu tinha razão. Ela tinha uns quarenta e-mails da Discount Electronix. Alguns eram avisos de promoções, como as que estão tendo agora, embora eu aposte que os DVDs que eles tenham não são muito bons, são provavelmente coreanos ou algo assim... e alguns eram cupons de 20% de desconto. Ela também tinha cupons de 30% de desconto. Os cupons de 30% eram para seus próximos chamados à Patrulha Cibernética. - Ela encolhe os ombros. - E aqui estou eu.

Jerome a encara.

− Só isso? Só uma olhada na caixa de SPAMS dela?

− Não fique tão surpreso, - Hodges diz. - Tudo o que bastou para capturar o Filho de Sam foi um tíquete de estacionamento.

− Eu fiz umas pesquisas enquanto esperava por vocês, - Holly diz. - O site deles diz que há somente três técnicos na Patrulha Cibernética, e os três carros verdes estão aí. Então acho que o cara está estrabalhando hoje. Vai prendê-lo, Sr. Hodges? - ela estava mordendo o lábio de novo. - E se ele resistir? Não quero me machucar.

Hodges está pensando freneticamente. Três técnicos em informática na Patrulha Cibernética: Frobisher, Hartsfield, e Linklatter, a magrela loira. Ele tinha quase certeza de que seria Frobisher ou Hartsfield, e qualquer um dos dois não estaria preparado para ver kermitfrog19 entrar por aquelas portas. Mesmo que o Sr. Mercedes não corra, ele não conseguirá esconder o choque inicial do reconhecimento.

− Vou entrar. Vocês dois ficam aqui.

− Vai sem reforços? - Jerome pergunta – Jesus, Bill. Não acho que seja muito intelig...

− Vou ficar bem, eu tenho o elemento surpresa a meu favor, mas se eu não voltar em dez minutos, ligue para a emergência. Entendeu?

− Sim.

Hodges aponta para Holly.

− Você, fique perto de Jerome. Chega de investigações solitárias. - olha quem fala, ele pensa.

Ela concorda com a cabeça, e Hodges se afasta antes deles envolverem-no em maiores discussões. Ao se aproximar das portas da Discount Electronix, ele desabotoa o casaco esporte. Sentir peso da arma de seu pai contra as costelas é reconfortante.

7

Enquanto observam Hodges entrar na loja de eletrônicos, uma pergunta ocorre a Jerome.

− Holly, como chegou aqui? Taxi?

Ela nega com a cabeça e aponta para o estacionamento. Lá, estacionado três fileiras abaixo do Wrangler de Jerome, há um Mercedes sedan cinzento.

− Estava na garagem. - Ela nota a surpresa boquiaberta de Jerome e imediatamente fica na defensiva. - Eu sei dirigir, sabe. Tenho uma carteira de motorista válida. Nunca me envolvi em um acidente, e eu tenho Seguro de Direção Segura. Da Allstate. Sabia que o homem que faz o comercial da Allstate na TV era o presidente em 24 Horas?

− Aquele é o carro...

Ela franze o cenho, confusa.

− Qual o problema, Jerome? Estava na garagem e as chaves estavam em uma tigela no saguão. Qual o grande problema?

Os amassados se foram, ele nota. Os faróis e para-brisa haviam sido trocados. Parecia novinho em folha. Não dava para dizer que havia sido usado para matar pessoas.

− Jerome? Acha que Olivia se importaria?

− Não, - ele diz. - Provavelmente não. - ele está imaginando aquela lataria coberta de sangue. Pedaços de tecido rasgado pendurado do para-choque dianteiro.

− Ele não queria funcionar no começo, sem bateria, mas ela tinha um daqueles aparelhos portáteis e eu sabia usá-la porque meu pai tinha uma. Jerome, se o Sr. Hodges não prender ninguém, podemos ir na lojinha de frogurt?

Ele mal a ouvia. Ainda encarava o Mercedes. Ela o recuperou, ele pensa. Bem, é claro que recuperou. Era propriedade dela, afinal. Ela até tinha mandado reformar. Mas ele apostava que ela não tinha dirigido ele de novo. Se houvesse fantasmas.. fantasmas de verdade... estariam ali. Provavelmente gritando.

− Jerome? Planeta Terra chamando.

− Huh?

− Se tudo acabar bem, vamos tomar frogurt? Eu estava sentada ao sol e esperando por vocês e estou com muito calor. Eu pago. Eu realmente gosto de sorvete, mas...

Ele não ouve o resto. Está pensando “Sorvete”.

O clique em sua mente é tão alto que ele literalmente estremece, e de uma só vez ele sabe porque um dos rostos da Patrulha Cibernética no computador de Hodges lhe parecera familiar. A força some de suas pernas e ele se inclina contra um dos corrimãos para evitar cair.

− Oh, meu Deus. - ele diz.

− Qual o problema? - ela chacoalha o braço dele, mordendo freneticamente o lábio. - Qual o problema? Se sente mal, Jerome?

Mas de início ele só consegue repetir:

− Oh, meu Deus.

8

Hodges acha que a Discount Electronix do Birch Mall parece uma empresa a quem resta menos de três meses de vida. Muitas das prateleiras estão vazias, e o estoque que restava tinha uma aparência desconsolada, negligenciada. Quase todos os clientes estão no departamento de Entretenimento Doméstico, onde placas rosa shocking anunciavam UAU! QUEIMA DE DVDs! TODOS OS FILMES COM 50% DE DESCONTO! ATÉ OS BLUE-RAYS! Embora haja dez caixas, somente três estão abertos, operados por mulheres em jalecos azuis com o logo amarelo da DE. Duas dessas mulheres olham pela vitrine; a terceira está lendo *Crepúsculo*. Um par de outros empregados vagam pelas prateleiras, fazendo muito de nada.

Hodges não quer nenhum deles, mas vê dois ou três que *realmente* quer. Anthony Frobisher, aquele de óculos de John Lennon, está conversando com um cliente com uma cesta de compras cheia de DVDs com desconto em uma mão e um bolo de cupons na outra. A gravata de Frobisher sugere que ele pode ser o gerente da loja, além de Patrulheiro Cibernético. A garota de rosto estreito com o cabelo louro encardido está nos fundos da loja, sentada diante de um computador. Há um cigarro atrás de sua orelha.

Hodges anda até o centro da área da QUEIMA DE DVDs. Frobisher olha para ele e ergue um dedo para dizer *já te atendo*. Hodges sorri e lhe dá um sinalzinho de *sem pressa*. Frobisher volta ao cliente com os cupons. Nenhum sinal de reconhecimento. Hodges anda até os fundos da loja.

A loira encardida olha para cima para ele, então de volta à tela do computador que está usando. Nada de reconhecimento ali também. Ela não está usando uma camiseta da Discount Electronix; a dela diz QUANDO EU QUISER MINHA OPINIÃO, EU A DOU A VOCÊ. Ele vê que ela está jogando uma versão de Pitfall!, uma versão mais tosca que fascinara sua filha Alison vinte e cinco anos atrás. Tudo que vai, volta, Hodges pensa. Um conceito muito zen, com certeza.

A menos que tenha uma pergunta sobre computadores, fale com Tones, - ela diz. - Eu só cuido dos consertos**.**

− Tones seria Anthony Frobisher?

− Sim. O Sr. Maravilhoso ali, de gravata.

− Você deve ser Freddi Linklatter. Da Patrulha Cibernética.

− É. - ela pausa o Harry Pittfall em um salto sobre uma serpente enroscada para lhe dar uma olhada mais de perto. O que ela vê é a identificação policial de Hodges, com o dedão estrategicamente posicionado para esconder a validade.

− Ooooh, - ela diz, e estende as mãos com os pulsos raquíticos juntos. - Eu sou má, uma garota má, e eu mereço algemas. Chicoteie-me, me bata, faça-me

assinar cheques sem fundos.

Hodges sorri brevemente e guarda a identificação.

− O terceiro membro de seu grupo feliz não é Brady Hartsfield? Não estou vendo ele.

− Não veio hoje pois está gripado. Ela disse. Quer saber o que eu acho?

− Manda.

− Acho que ele finalmente teve de internar aquela velha mãe dele na reabilitação. Ele diz que ela bebe e ele tem de cuidar dela quase o tempo todo. Que é provavelmente porque ele nunca teve uma namô. Sabe o que é isto , não?

− Acho que sim.

Ela o examina com interesse claro e mordaz.

− Brady está encrencado? Não ficaria surpresa. Ele é um pouco, sabe... esquisito.

− Eu só queria falar com ele.

Anthony Frobisher – Tones – se junta a eles.

− Posso ajudá-lo, senhor?

− Ele é policial. - Freddi diz. Ela dá a Frobisher um largo sorriso que expõe pequenos dentes que precisam ser escovados. - Ele descobriu sobre o laboratório de metanfetamina nos fundos.

− Cala a boca, Freddi.

Ela faz um gesto extravagante de lábios selados, finalizando com o torcer de uma chave invisível, mas não volta ao jogo.

No bolso de Hodges, seu celular toca. Ele o desliga com o dedão.

− Eu sou o Detetive Bill Hodges, Sr. Frobisher. Tenho algumas perguntas a fazer para Brady Hartsfield.

− Ele faltou hoje, está gripado. O que ele fez?

− Tones é um poeta e não sabe, - Freddi Linklatter oberva. - Embora seus pés mostrem, porque eles são Longfel...

− Cala a boca, Freddi. Pela última vez.

− Pode me dar o endereço dele, por favor?

− É claro. Vou buscá-lo para você.

− Posso me descalar por um minuto? - Freddi diz.

Hodges concorda. Ela aperta uma tecla no computador. Pitfall Harry é substituído por uma planilha entitulada FUNCIONÁRIOS DA LOJA.

− Pronto, - ela diz. - Quarenta e cinco, Rua Elm. Fica na...

− Zona Norte, sim. - Hodges diz. - Obrigado. Ambos foram muito úteis.

Quando saía, Freddi Linklatter o chama

− Aposto que é algo com aquela mãe. Ele é louco por ela.

9

Hodges mal tinha saído para o sol forte quando Jerome quase o ataca. Holly vem logo atrás. Ela parara de morder os lábios e passara a roer as unhas, que pareciam tremendamente judiadas.

− Eu liguei prá voce, - Jerome diz. - Por que não atendeu?

− Eu estava interrogando-o. Porque está todo agitado?

− Hartsfield estava lá?

Hodges fica surpreso demais para responder.

− Oh, é ele. - Jerome diz. - Tem de ser ele. Você tinha razão sobre ele estar vigiando-o, e eu sei como. É como aquela história de Hawthorn sobre a carta roubada. Esconder-se a plenas vistas.

Holly para de mastigar as unhas tempo suficiente para dizer.

− Poe escreveu esta história. Não ensinam nada a vocês crianças?

Hodges diz,

− Devagar, Jerome.

Jerome respira fundo.

− Ele tem dois empregos, Bill. Dois. Ele só deve trabalhar aqui até meio-dia ou algo assim. Depois disto, ele trabalha para a Loeb's.

- Loeb's? É a...

É, a fábrica de sorvete. Ele dirige o caminhão do Sr. Saboroso. Aquele com os sininhos. Eu comprei coisas dele, minha irmã também. Todas as crianças compram. Ele passa muito tempo no nosso lado da cidade. *Brady Hartsfield é o sorveteiro!*

Hodges percebe que ele ouvira aqueles sininhos alegres e badalantes mais do que muito ultimamente. No alto de sua depressão, afundado em sua La-Z-Boy, assistindo à TV a tarde (e às vezes brincando com a arma que agora está em suas costelas), parece que todos os dias. Ouvira e ignorara, porque só crianças prestam verdadeira atenção ao sorveiteiro. Exceto que alguma parte mais profunda de sua mente não ignorou-o *completamente*. Era a parte profunda que continuava voltando a Bowfinger, e seu comentário satírico sobre a Sra. Melbourne.

Ela acha que eles estão entre nós, Sr. Bowfinger diz, mas não era sobre alienígenas vindos do espaço que a Sra. Melbourne tinha estado preocupada no dia em que Hodges a tinha questionado; tinha sido com SUVs pretos, e quiropráticos, e as pessoas na Rua Hanover que tocavam músicas em volume alto tarde da noite.

Também com o homem do Sr. Saboroso.

Ele tem uma aparência suspeita, ela dissera.

Nesta primavera, ele parece estar sempre *por aqui,* ela dissera.

Uma pergunta terrível aflora em sua mente, como uma das cobras que sempre estão se arrastando esperando por Pitfall Harry: se ele tivesse prestado atenção à Sra. Melbourne ao invés de descartá-la como maluca inofensiva (do jeito que ele e Pete tinham descartado Olivia Trelawney), Janey estaria viva? Ele achava que não, mas jamais saberia com certeza, e ele achava que aquela pergunta ia assombrá-lo por muitas noites insones nas semanas e meses que estavam por vir.

Talvez por anos.

Ele olha para o estacionamento... e lá vê um fantasma. Um fantasma *cinzento*.

Ele se volta para Jerome e Holly, agora um do lado do outro, e não precisa nem perguntar.

− É, - Jerome diz. - Holly dirigiu-o até aqui.

− A licença e a revisão estão um pouquinho vencidas, - Holly diz. - Por favor não fique bravo comigo, está bem? Eu precisava vir. Queria ajudar, mas eu sabia que se eu só ligasse, você diria não.

− Não estou bravo. - Hodges diz. De fato, ele não sabia o que ele estava. Sentia como se tivesse adentrado um mundo de sonhos onde todos os relógios andavam para trás.

− O que fazemos agora? - Jerome pergunta. - Chamamos a polícia?

Mas Hodges ainda não está pronto para abrir mão. O jovem na figura pode ter um caldeirão de loucura fervendo por trás de seu rosto neutro, mas Hodges já tinha encontrado seu quinhão de psicopatas e sabe que quando são pegos de surpresa, a maioria estoura como bolhas de sabão. Eles só são perigosos aos desavisados e sem suspeitas, como as pessoas que foram despedaçadas esperando uma chance de empregos naquela manhã de abril de 2009.

− Vamos você e eu dar uma volta até a casa do Sr. Hartsfield, - Hodges diz. - E vamos nele. - ele aponta para o Mercedes cinzento.

− Mas... se ele vir o carro se aproximar, não vai reconhecê-lo?

Hodges sorri como um tubarão, um sorriso que Jerome nunca vira antes.

− Eu certamente espero que sim. - Ele estende a mão. - Pode me dar a chave, Holly?

Ela cerrou os lábios judiados.

− Sim, mas eu vou também.

− De jeito nenhum. - Hodges diz. - Perigoso demais.

− Se é perigoso demais para mim, é perigoso demais para você. - Ela não olhava diretamente para ele, e seus olhos continuamente desviavam do rosto dele, mas a voz era firme. - Você pode me forçar a ficar, mas se fizer, vou chamar a polícia e darei o endereço de Brady Hartsfield assim que vocês sairem.

− Você não sabe o endereço dele, - Hodges diz. O protesto soou frágil até

para ele mesmo.

Holly não respondeu, o que foi uma espécie de cortesia. Ela nem precisava entrar na Discount Electronix e perguntar à loira encardida; agora que eles tinham o nome dele, ela podia provavelmente buscar por Hartsfield em seu iPad infernal.

Porra.

− Tudo bem, pode vir. Mas eu dirijo, e quando chegarmos lá, você e Jerome vão ficar no carro. Algum problema com isso?

− Não, Sr. Hodges.

Desta vez os olhos dela fitaram o rosto dele por três segundos inteiros. Pode ter sido um passo avante. Com Holly, ele pensa, quem poderia saber.

10

Por causa de drásticos cortes no orçamento que ocorreram no ano anterior, a maior parte dos carros patrulha da cidade eram feitas por um só policial. Não era este o caso de Lowtown. Em Lowtown cada viatura contava com uma dupla, a dupla ideal continha pelo menos uma pessoa de cor, porque em Lowtown as minorias são maioria. Ao meio-dia no dia 3 de Junho, os oficiais Laverty e Rosario cruzam a Avenida Lowbriar cerca de oitocentos metros após o viaduto onde Bill Hodges uma vez impedira alguns valentões de roubarem um garoto menor. Laverty é branco. Rosario é Latina. Porque a viatura deles é CPC 54, eles são conhecidos no departamento como Toody e Muldoon por causa dos policiais da antiga série chamada *Carro 54, Onde está você?* Amarilis Rosario as vezes diverte seus camaradas cavaleiros azuis no esquadrão dizendo, “Ooh, ooh, Toody, Tenho uma ideia!” Soava extremamente fofo em seu sotaque dominicano, e sempre rendia gargalhadas.

Mas em patrulha, ela é a Sra. Vamos direto aos Negócios. Ambos eram. Em Lowtown era preciso.

− Os garotos da esquina me lembram dos Anjos Azuis em um programa da TV que eu vi uma vez, - ela diz agora.

− Sim?

− Eles nos vêem chegando, fogem como se tivesse ensaiado. Veja, lá se vai outro.

Enquanto se aproximam do cruzamento da Lowbriar com Strike, um garoto em uma jaqueta grossa do Cleveland Cavaliers (grande demais e totalmente supérflua naquele dia) subitamente vira correndo a esquina onde vinha caminhando calmamente e desce a Strike correndo. Ele parece ter treze anos.

− Talvez ele tenha acabado de lembrar que é dia de aula, - Laverty diz.

Rosario ri.

- Até parece, esse.

Agora eles se aproximam da esquina da Lowbriar com a Avenida Martin Luther King. MLK é a outra grande área de ghetto e desta vez quase meia dúzia de garotos da esquina decidem que todos tem assuntos a tratar em outro lugar.

− Aquilo é formação de voo, certo, - Laverty diz. Ele ri, embora não fosse engraçado. - Ouça, onde quer comer?

− Vamos ver aquele trailer na Randolph, - ela diz. - Estou com vontade de comer taco.

− Señor Taco então, - ele diz, - mas sem feijões, está bem? Ainda temos quatro horas neste car... huh. Veja, Rosie. Que estranho.

Mais a frente, um homem está saindo pela porta da frete de uma loja com uma grande caixa de flor. É estranho porque não se trata de uma floricultura; é a Loja de Penhores King Virtue. Também é estranho porque o homem parece

caucasiano e eles estavam agora na parte mais negra de Lowtown. Ele se aproxima de uma van Econoline branca encardida, que está parada diante de uma calçada rebaixada: multa de vinte dólares. Mas Laverty e Rosario estão com fome, já decidiram comer tacos com aquele molho picante legal que o Señor Taco deixa no balcão, e eles podiam deixar passar. Provavelmente teriam deixado passar.

Só que.

Com David Berkowitz, foi uma multa de estacionamento. Com Ted Bundy, foi um farol traseiro quebrado. Hoje uma caixa de floricultura com dobras mal feitas foi tudo o que bastou para mudar o mundo. Enquanto o cara procura pelas chaves de sua velha van (nem mesmo o Imperador Ming dos Mongos deixaria seu veículo destrancado em Lowtown), a caixa escorrega. O fundo dela se abre e algo desliza parcialmente de seu interior.

O cara segura e o enfia de novo na caixa, antes que caia na rua, mas Jason Laverty passara duas temporadas no Iraque, e conhece um lançador RGP quando vê um. Ele liga o giroflex e para o carro atrás do cara, que olha em volta com uma expressão surpresa.

− Vai pela direita. - ele grita para a parceira. - Salte!

Eles voam porta afora, duas Glocks empunhadas apontando para o céu.

− Largue a caixa, senhor! - Laverty grita. - Largue a caixa e ponha as mãos na van! Incline-se para frente. Agora!

Por um momento o cara – ele tem cerca de quarenta anos, pele cor de oliva, ombros largos – abraça a caixa da floricultura mais forte contra o peito, como um bebê, mas quando Rosie Rosario baixa sua arma e a aponta para seu peito, ele larga a caixa. Ela se abre completamente e revela o que Laverty vagamente identifica como um lançador de granadas antitanques Hashim, de fabricação Russa.

− Puta merda! - Rosario diz, e então – Toody, Toody, tenho uma ideia...

− Oficiais, abaixem suas armas.

Laverty mantém seu foco na cara do lançador de granadas, mas Rosario se vira e vê um caucasiano de cabelos grisalhos em uma jaqueta azul. Ele usa um fone de ouvido e tem sua própria Glock. Antes que ela possa lhe perguntar qualquer coisa, a rua está cheia de homens de uniformes azuis, todos correndo para a Loja de Penhores King Virtue. Um carrega um aríete Stinger, do tipo que policiais chamam um bebê derrubador de portas. Ela vê ATF escrito nas costas das jaquetas, e subitamente tem aquele inconfundível sensação de pisei-na-merda.

− Oficiais, baixem suas armas. Agente James Kosinsky. ATF.

Laverty diz,

− Talvez você possa nos deixar primeiro colocar uma algemas nele? Apenas perguntando.

Agentes da ATF se amontoavam dentro da loja de penhores como compradores de natal na Black Friday da Walmart. Uma multidão se junta do outro lado da rua, ainda atônita demais pelo tamanho da força policial ali presente para começar a xingar. Ou tacar pedras, a propósito.

Kosinsky suspira.

− Façam como quiser, - ele diz. - O cavalo saiu do celeiro.

− Não sabíamos que estavam agindo aqui. - Laverty diz. Enquanto isto, o Cara do Lançador de Granadas já tinha tirado as mãos da van e com elas para trás pressionadas juntas. Era bem evidente que não era seu primeiro rodeio. - Ele estava destravando a van e eu vi aquilo saindo da caixa. O que eu devia fazer?

− O que fez, é claro. - De dentro da loja de penhores veio um som de vidro quebrado, gritos, e então o som alto do aríete trabalhando. - Agora que estão aqui, porque não joga o Sr. Cavelli ali na traseira de sua viatura e entram? Vejam o que pegamos.

Enquanto Laverty e Rosario escoltam seu prisioneiro até a viatura, Kosinsky repara na placa.

− Então, - ele diz. - Qual dos dois é Toody e quem é o Muldoon?

11

Enquanto a força de ataque da ATF, liderados pelo Agente Kosinsky, começa seu inventário da cavernosa área de estocagem atrás da humilde fachada da King Virtue, um Mercedes sedan cinzento está virando a curva em frente ao número 49 da Rua Elm. Hodges está ao volante. Hoje Holly está no banco da frente, porque, ela alega (com pelo menos um pouco de lógica), o carro é mais dela do que deles.

– Alguém está em casa, - ela indica. - Há um Honda Civic caindo aos pedaços na entrada.

Hodges nota a aproximação claudicante de um homem idoso, vindo da casa do outro lado da rua.

– Eu vou falar agora com o Sr. Cidadão Preocupado. Vocês dois, mantenham a boca fechada.

Ele abaixa a sua janela.

– Posso ajudar, senhor?

– Eu pensei que talvez eu pudesse ajudar vocês. - o senhor idoso diz. Seus olhos brilhantes estão ocupados inventoriando Hodges e seus passageiros. Além do carro, o que não surpreende Hodges. É um carro bonito. - Se está procurando por Brady, está sem sorte. Aquele na entrada é o carro da Sra. Hartsfield. Há semanas não mexem nele. Acho que já nem liga mais. Talvez a Sra. Hartsfield tenha saído com ele, porque não a vi hoje. Geralmente eu a vejo, quando ela vem aqui fora pegar as correspondências. - Ele aponta para a caixa de correio ao lado da porta de número 49. - ela gosta dos catálogos. A maioria das mulheres gosta. - Estende uma mão nodosa. - Hank Beeson.

Hodges o cumprimenta brevemente, então exibe sua identificação policial, tendo o cuidado de manter o dedão sobre a data de validade.

– Prazer em conhecê-lo, Sr. Beeson, eu sou o Detetive Bill Hodges. Pode me dizer que tipo de carro o Sr. Hartsfield dirige? Marca e modelo?

– É um Subaru marrom. Não posso ajudá-lo como o modelo ou o ano. Todos estes carros japoneses parecem iguais para mim.

– Uh-huh. Tenho de pedir-lhe para voltar para sua casa agora, senhor. Pode ser que precisemos fazer mais perguntas mais tarde.

– Brady fez algo errado?

– É só rotina, - Hodges diz. - Volte a entrar em sua casa, por favor.

Ao invés de obedecer, Beeson se abaixa mais para olhar para Jerome.

– Não é meio jovem para ser policial?

– Sou aprendiz, - Jerome diz. - Melhor fazer o que o Detetive Hodges disse, senhor.

– Estou indo, estou indo. - Mas ele olha para o trio outro olhar de cima abaixo. - Desde quando os policiais da cidade andam por aí dirigindo Mercedes?

Hodges não tem resposta para isto, mas Holly sim. - É um veículo apreendido em operações contra mafiosos. Ficamos com as coisas deles. Podemos usá-las quando quisermos, porque somos policiais.

− Bem, é. Certo. Parece razoável. - Beeson parece parcialmente satisfeito e parcialmente confuso. Mas ele volta para dentro de casa, onde ele logo aparece para eles de novo, desta vez vigiando pela janela da frente.

− Só federais podem ficar com veículso apreendidos. - Hodges diz moderadamente.

Holly ergue a cabeça parcialmente na direção de seu observador, e então há um leve sorriso em seus lábios gastos.

− Acha que ele sabe disto? - Quando nenhum deles responde, ela volta aos negócios. - O que fazemos agora?

− Se Hartsfield estiver em casa, vou fazer uma prisão civil. Se não estiver, mas a mãe estiver, vou interrogá-la. Vocês fiquem no carro.

− Não acho que seja uma boa ideia, - Jerome diz, mas pela expressão em seu rosto – Hodges podia ver pelo retrovisor – ele sabe que sua objeção será negada.

− É a única que eu tenho, - Hodges diz.

Ele sai do carro. Antes de fechar a porta, Holly se inclina para ele e diz:

− Não há ninguém em casa. - Ele não diz nada, mas ela anui como se ele tivesse dito. - Não consegue sentir?

Na verdade, ele conseguia.

12

Hodges avança pela entrada, notando as cortinas fechada nas grandes janelas frontais. Ele olha brevemente para o Honda e não vê nada digno de nota. Ele tenta abrir a porta do passageiro. Ela abre. O ar de dentro está quente e rançoso, com um vago cheiro de bebida alcoólica. Ele fecha a porta, sobe os degraus da varanda, e toca a campainha. Ouve-a ressoar dentro da casa. Ninguém atende. Tenta de novo, então bate. Ninguém em casa. Ele soca a porta com os punhos, muito consciente do fato do Sr. Beeson do outro lado da rua ainda o observar. Ninguém atende.

Ele anda até a garagem e espia por uma das janelas na porta alta. Algumas ferramentas, um frigobar, nada mais.

Ele tira o celular e liga para Jerome. Este quarteirão da Rua Elm está muito parado, e ele pode ouvir – vagamente – o toque do AC/DC quando a chamada é recebida. Ele vê Jerome atender.

− Peça a Holly para verificar em seu iPad os arquivos de impostos sobre imóveis do dono do número 49 da Rua Elm, ela consegue?

Ele ouve Jerome perguntar a Holly.

− Ela diz que verá o que pode fazer.

− Bom. Eu vou dar a volta de novo. Fique na linha. Vou falando com você em intervalos de trinta segundos. Se passar mais de um minuto sem me ouvir, ligue para a emergência.

− Você quer mesmo isto, Bill?

− Sim. Certifique-se de que Holly saiba da importância de conseguir o nome. Não quero ela fique inquieta.

− Ela está bem. - Jerome diz. - Já está digitando. Apenas mantenha contato.

− Pode contar com isto.

Ele caminha entre a garagem e a casa. O quintal dos fundos é pequeno, mas bem mantido. Há um canteiro de flores circular no meio. Hodges se pergunta quem as mantém, a Mãe ou o Filhinho. Ele sobe três degraus de madeira até a varanda dos fundos. Há uma porta de tela com outra porta de vidro por dentro. A primeira porta está destrancada. A outra não.

− Jerome? Só verificando. Tudo tranquilo.

Ele espia pelo vidro e vê uma cozinha. Há alguns pratos e copos no escorredor na pia. Um pano de prato bem dobrado está dependurado em um gancho. Há dois descansos de prato na mesa. Não havia um terceiro, o do Papai Urso, o que encaixava no perfil que ele tinha rascunhado em seu bloco amarelo de anotações. Ele bate, então esmurra. Ninguém atende.

− Jerome? Verificando. Tudo tranquilo.

Ele baixa o telefone na varanda e tira o estojinho de couro, satisfeito por ter se lembrado de trazê-lo. Dentro estão as ferramentas de arrombar portas do pai –

três varetas prateadas com ganchos de tamanhos variados nas extremidades. Ele seleciona a média. Boa escolha; desliza facilmente. Ele gira um pouco, primeiro para um lado, depois para outro, sentindo o mecanismo. Estava a ponto de pausar para falar com Jerome de novo quando a vareta enrosca. Ele gira, rápido e forte, do jeito que o pai tinha lhe ensinado, ouve um clique quando o botão da tranca se liberta pelo lado de dentro da porta. Enquanto isto, seu telefone começa a tocar. Ele atende.

− Jerome? Tudo tranquilo.

− Você me assustou, - Jerome diz. - O que está fazendo?

− Arrombando a porta para entrar.

13

Hodges entra na cozinha de Hartsfield. O cheiro o atinge na hora. É fraco, mas está lá. Segurando o celular com a mão esquerda e o .38 do pai na mão direita, Hodges segue o faro primeiro até a sala de estar – vazia, embora o controle da TV e a pilha de catálogos na mesa de centro o faça crer que aquele era um sofá onde a Sra. Hartsfield passava bastante tempo – e então sobe as escadas. O cheiro fica mais forte enquanto sobe. Ainda não é um fedor, mas estava quase lá.

Há um pequeno corredor no alto da escada com uma porta à direita e duas à esquerda. Ele revista o quarto da direita primeiro. É um quarto de hóspedes que parecia não receber hóspedes há um longo tempo. É tão estéril quanto um cinema.

Ele fala com Jerome de novo antes de abrir a primeira porta à esquerda. É dali que vem o cheiro. Ele respira fundo e entra rápido, em alerta até ter certeza de que não há ninguém atrás da porta. Ele abre o closet – a porta é do tipo que se dobra em uma dobradiça central – e afasta as roupas. Ninguém.

− Jerome? Verificando.

− Há alguém aí?

Bem... mais ou menos. O edredom da cama de casal havia sido puxado sobre um formato inconfundível.

− Espere.

Ele olha embaixo da cama e não vê nada além de um par de chinelos, um par de sapatos cor de rosa, uma meia de algodão sem par, e algumas bolas de poeira. Ele puxa a coberta e lá está a mãe de Brady Hartsfield. A pele tem a palidez de cera, com um leve tom esverdeado sob a pele. A boca está arreganhada. Os olhos, áridos e vidrados, tinham se assentado em suas órbitas. Ele ergue um braço, flexiona levemente, deixa-o cair. O Rigor Mortis já tinha se desenvolvido e agora se fora.

− Ouça, Jerome. Encontrei a Sra. Hartsfield. Ela está morta.

− Oh, meu Deus. - A voz de Jerome, geralmente adulta falha na última palavra. - O que você está...

− Espere um pouco.

− Você já disse isso.

Hodges coloca o celular na mesa de cabeceira e puxa a coberta até os pés da Sra. Hartsfield. Ela está usando um pijama azul. A parte de cima está manchada com o que parece ser vômito e um pouco de sangue, mas não há tiro visível ou marca de cortes. O rosto está inchado, mas não há marcas ou hematomas no pescoço. O inchaço é só a marcha lenta da decomposição. Ele levanta a camisa do pijama o suficiente para ver a barriga dela. Como o rosto, está levemente inchada, mas ele apostava que eram gases. Ele se inclina mais para perto da

boca dela, olha dentro e vê o que esperava: fluídos coagulados sobre a língua e no espaço entre a gengiva e bochechas. Ele acha que ela ficou bêbada, comeu sua última refeição, e apagou como uma estrela do rock. O sangue pode ser da garganta. Ou úlcera supurada do estômago.

Ele pega o celular e diz,

− Ele pode tê-la envenenado, mas é mais provável que ela tenha feito sozinha.

− Bêbada?

− Provavelmente. Sem uma necrópsia, não dá para saber.

− O que quer que façamos?

− Fiquem aí.

− Ainda não chamamos a polícia?

− Ainda não.

− Holly quer falar com você.

Há um momento de silêncio, então ela está na linha, clara como um sino. Parece calma. Mais calma que Jerome, na verdade.

− O nome dela é Deborah Hartsfield. Deborah com H.

− Bom trabalho. Devolva o celular ao Jerome.

Um segundo depois, Jerome diz.

− Espero que saiba o que está fazendo.

Eu não sei, ele pensa enquanto revista o banheiro. Perdi a cabeça e a única maneira de consegui-la de volta é acabar com isto. Você sabe disto.

Mas ele pensa em Janey lhe dando aquele chapéu novo – seu charmoso fedora de detetive particular – e sabe que não pode. Que não vai.

O banheiro está vazio... ou quase. Há um pouco de cabelo na pia. Hodges vê mas não nota. Ele está pensando na diferença crucial entre morte acidental e assassinato. Assassinato seria ruim, porque matar membro próximo da família é geralmente como um maluco de verdade começa sua corrida final. Se foi um acidente ou suicídio, ainda podia haver tempo. Brady podia estar escondido em algum lugar, tentando decidir o que fazer em seguida.

O que é perto demais do que eu estou fazendo, Hodges pensa.

O último quarto do andar de cima é do Brady. A cama está desfeita. A mesa está atulhada de livros, a maioria de ficção científica. Há um poster do Exterminador do futuro na parede, com Schwarzenegger usando óculos escuros e exibindo uma metralhadora futurista.

Eu voltarei, Hodges pensa, olhando para ele.

− Jerome? Verificando.

− O cara do outro lado da rua ainda está nos observando. Holly acha que devíamos entrar.

− Ainda não.

− Quando?

− Quando eu tiver certeza que este lugar está vazio.

Brady tinha seu próprio banheiro. Tão arrumado quanto o armário de um soldado em dia de inspeção. Hodges dá um olhar superficial, então volta a descer. Há uma pequena área na sala de estar, com espaço suficiente para uma pequena mesa. Sobre ela há um laptop. Uma bolsa está pendurada pela alça no encosto da cadeira. Na parede há uma grande fotografia emoldurada da mulher lá de cima e uma versão adolescente de Brady Hartsfield. Eles estão em alguma praia com os braços em volta um do outro e as bochechas pressionadas juntas. Sorrisos idênticos de um milhão de dólares. Parece mais foto de namorados do que de mãe e filho.

Hodges olha com fascínio para o Sr. Mercedes em seus tenros dias. Não há nada em seu rosto que sugira tendências homicidas, mas é claro que quase nunca há. A semelhança entre eles é bem fraca, quase somente no formato do nariz e cor do cabelo. Ela era uma mulher bonita, realmente tinha um tipo de beleza, mas Hodges achava que o pai de Brady não era bonito. O garoto na foto parece... comum. Um garoto por quem alguém passaria pela rua sem olhar duas vezes.

E provavelmente ele gostava disto. Hodges pensa. Ser o Homem Invisível.

Ele volta à cozinha e desta vez vê uma porta ao lado do fogão. Ele abre e olha para a escada que descia até a escuridão. Ao perceber que lançava uma sombra que poderia ser vista por alguém estivesse lá embaixo, Hodges se move para o lado enquanto tateia em busca do interruptor de luz. Ele o encontra e volta ao umbral, de arma em punho. Vê uma bancada. Por trás dela, prateleiras da altura da cintura que percorriam o contorno do cômodo inteiro. Em uma delas havia uma série de computadores. O faz pensar no Controle de Missão no Cabo Canaveral.

- Jerome? Verificando.

Sem esperar por uma resposta, ele desce com a arma em uma mão e o celular em outra, perfeitamente consciente de que aquela era uma perversão grotesca do que seria um procedimento policial padrão. E se Brady estiver sob a escada com sua própria arma, pronto para atirar nos tornozelos de Hodges e explodir seus pés? Ou suponha que seja uma armadilha? Ele podia fazer isto, Hodges sabia muito bem disto.

Ele não tropeça em nenhuma fiação, e vê que o porão está vazio. Há um armário de porta aberta, mas nada guardado lá. Só vê prateleiras vazias. Em um canto há um monte de caixas de sapato. Elas também parecem vazias.

A mensagem, Hodges pensa, ou Brady matou sua mãe ou voltou para casa e encontrou-a morta. Em qualquer caso, ele fugiu. Se ele *realmente* tinha explosivos, deviam ter estado naquelas prateleiras do armário (possivelmente nas caixas de sapato) e ele os levou junto.

Hodges sobe de nnovo. É hora de trazer para dentro seus novos parceiros. Ele não quer envolvê-los mais profundamente do que já estão envolvidos, mas há

aqueles computadores lá embaixo. Ele não sabe merda nenhuma de computadores.

Entrem pelos fundos, - ele diz. - A porta da cozinha está aberta.

14

Holly entra, funga e diz,

− Ugh. É a Deborah Hartsfield?

− Sim. Tente não pensar nisto. Desçam aqui. Eu quero que vejam algo.

No porão, Jerome corre a mão sobre a bancada.

− Seja lá o que ele for, é superorganizado.

− Vai chamar a polícia, Sr. Hodges? - Holly está mordiscando os lábios de novo. - Você provavelmente vai e eu não posso impedi-lo, mas minha mãe vai ficar tão brava comigo. Além disto, não parece justo, dasde que fomos nós que descobrimos quem ele é.

− Eu ainda não decidi o que eu vou fazer, - Hodges diz, embora ela estivesse certa; não parecia nada justo. - Mas eu certamente gostaria de saber o que há naqueles computadores. Podia ajudar a me decidir.

− Ele não vai ser como Olivia, - Holly diz. - Ele deve ter uma senha *malditamente forte*.

− Jerome escolhe aleatoriamente um dos computadores (por acaso, o Número Seis de Brady; não havia muita coisa ali) e aperta o botão na traseira do monitor. É um Mac, mas o carrilhão não toca. Brady odeia aquele carrilhão animado, e tinha desativado em todos os computadores.

− O Número Seis pisca em cinza, e o ícone de inicialização começa a girar. Após cinco segundos mais ou menos, o cinza se torna azul. Deveria ser a tela de senha, mesmo Hodges sabia aquilo, mas ao invés disto, um grande 20 aparece na tela. Então 19, 18 e 17.

Ele e Jerome olham perplexos.

− Não, não! - Holly quase grita. - Desligue isto!

Quando nenhum deles se move de imediato, ela pula para a frente e aperta o botão de ligar atrás do monitor de novo, mantendo-o apertado até a tela apagar. Então ela solta um suspiro e até sorri.

− Minha nossa! Foi por pouco!

− O que você acha que ia acontecer? - Hodges pergunta. - Que estava programado para explodir, ou algo assim?

− Talvez ele apenas travasse – Holly diz. - mas aposto que era um programa suicida. Se a contagem regressiva chegar a zero, este tipo de programa deleta os dados. Todos os dados. Talvez só neste computador, mas em todos se estiverem em rede. O que eles provavelmente estão.

− Então como pará-lo? - Jerome pergunta. - Comando de teclado?

− Talvez. Talvez voice-ac?

− Voz o que?

− Ativado por voz, - Jerome lhe diz. - Brady diz Bebezinho da Mamãe ou calcinhas e a contagem regressiva para.

Holly ri tapando a mão, então dá a Jerome um empurrãozinho no ombro.
− Você é bobo. - ela diz.

15

Eles se sentam à mesa da cozinha com a porta traseira aberta para deixar entrar ar fresco. Hodges tinha um cotovelo em um dos descansos de prato e suas sobrancelhas estão cobertas pela mão. Jerome e Holly ficam em silêncio deixando-o pensar. Enfim ele ergue a cabeça.

− Eu desisto. Não quero, e se fosse algo só entre Hartsfield e eu, eu provavelmente não desistiria. Mas tenho de levar vocês dois em consideração.

− Não faça isto por minha causa, - Jerome diz. - Se vê um caminho a seguir, eu fico ao seu lado.

É claro que fica, Hodges pensa. Pode pensar que sabe o que está arriscando, mas não sabe. Quando se tem dezessete anos, o futuro é estritamente teórico.

E quanto a Holly... de início ele teria dito que ela era um tipo de tela de cinema humano, com cada pensamento que passasse sua cabeça projetado em tamanho grande no rosto, mas neste momento ela estava imperscrutável.

− Obrigado, Jerome, só... - só que isto é difícil. Desistir era tão difícil, e seria a segunda vez que teria de abrir mão do Sr. Mercedes.

Mas.

− Não somos só nós, sabe? Ele pode ter mais explosivos, e se ele usar em uma multidão... - ele olha diretamente a Holly. - do jeito que usou o Mercedes de sua tia Olivia em uma multidão, seria culpa minha. Não posso arriscar.

Falando cuidadosamente, enunciando cada palavra como se para compensar uma vida de murmúrios, Holly diz.

− Ninguém além de você pode pegá-lo.

− Obrigado, mas não. - ele diz, gentilmente. - A polícia tem recursos. Eles começarão rastreando o carro, completo com placa e tudo. Não posso fazer isto.

Soa bem, mas ele não acredita que seja bem o bastante. Quando não assumia riscos insanos como os do Centro Municipal, Brady era um dos espertos. Ele teria se livrado do carro em algum lugar... talvez em um estacionamento do centro, talvez em um dos estacionamentos do aeroporto, talvez em um daqueles infindáveis estacionamentos de shopping centers. Seu carro não era nenhum Mercedes-Benz; era um despretensioso Subaru cor de merda, e não será encontrado da noite para o dia. Eles ainda podiam estar procurando por ele semana que vem. E se realmente o encontrassem, Brady não estaria nas redondezas.

− Ninguém além de você, - ela insiste. - E só com nossa ajuda.

− Holly...

− Como pode desistir? - ela grita com ele. Ela fecha uma mão em punho e bate na própria testa, deixando uma marca vermelha. - Como pode? Janey gostava de você? Ela era sua namorada! Agora ela está *morta*! Como a mulher lá

em cima! Ambas, *mortas*!

Ela vai bater em si mesma de novo e Jerome segura sua mão.

− Não, - ele diz. - Por favor, não se bata. Faz eu me sentir terrível.

Holly começa a chorar. Jerome a abraça desajeitadamente. Ele é preto e ela branca, ele tem dezessete e ela mais de quarenta, mas para Hodges, Jerome parece um pai consolando sua filha após ela voltar da escola chorando porque ninguém a chamou para o baile.

Hodges olha para o pequeno mas bem mantido quintal dos Hartsfield. Ele também se sentia terrível, e não só por conta de Janey, embora fosse ruim suficiente. Ele sentia-se terrível pelas pessoas no Centro Municipal. Ele se sentia terrível pela irmã de Janey, em quem ele tinha se recusado a acreditar, que tinha sido destruída pela imprensa, e quem fora levada ao suicídio pelo homem que vivia nesta casa. Ele até se sentia terrível por sua falha em dar atenção à Sra. Melbourne. Ele sabe que Pete Huntley o livraria daquilo, e aquilo o fazia sentir-se pior. Por que? Porque Pete não é tão bom no serviço como ele, Hodges, ainda era. Pete nunca será, nem mesmo em seu melhor dia. Um cara suficientemente bom, e trabalha duro, mas...

Mas.

Mas mas *mas*.

Aquilo não mudava nada. Ele tinha de entregar o caso, mesmo que se sentisse morrendo por dentro. Quando empurrava tudo o mais para o lado, só restava uma coisa: Kermit William Hodges é um cachorro morto. Brady Hartsfield está por aí. Pode ser que haja pistas nos computadores... algo a indicar onde ele esteja agora, quais são seus planos, ou ambos... mas Hodges não pode acessá-los. Nem pode justificar continuar retendo o nome e a descrição do homem que executara o Massacre do Centro Municipal. Talvez Holly esteja certa, talvez Brady Hartsfield consiga fugir e cometa alguma nova atrocidade, mas kermitfrog19 está sem opções. A única coisa que lhe restava, era proteger Jerome e Holly se pudesse. Àquela altura, pode ser que nem conseguisse isso. O xereta do outro lado da rua os tinha visto, afinal.

Ele sai pela varanda e abre seu Nokia, o qual ele tinha usado mais hoje do que em todo o período de sua aposentadoria.

Ele pensa Isso tudo não é uma merda?, e liga para Pete Huntley em discagem direta.

16

Pete atende no segundo toque.

– *Parceiro!* - ele grita exuberantemente. Há uma balbúrdia de vozes no fundo, e o primeiro pensamento de Hodges é que Pete está em um bar qualquer, a caminho de ficar totalmente bêbado.

– Pete, preciso falar com você sobre...

– Sim, sim, eu vou comer todo o corvo que quiser, só não agora. Quem lhe ligou? Izzy?

– Huntley! - Alguém grita. - O Chefe chega em cinco minutos! Com a imprensa! Onde está o maldito PIO?

PIO, Relações Públicas da Polícia. Pete não está em um bar e não está bêbado, Hodges pensa. Ele só está putamente feliz.

– Ninguém me ligou, Pete. O que há?

– Você ainda não sabe? - Pete ri. - Simplesmente a maior apreensão de armas da história da cidade. Talvez a maior na história dos Estados Unidos. Centenas de M2 e metralhadoras HK91, lançadores de mísseis, porra de canhões de laser, caixas de Lahti L-35s novinhos em folha. AN-9s russas ainda oleadas... há suficiente aqui para armar duas milícias do leste europeu. E a munição! Cristo! Está armazenada em pilhas de dois andares. Se a fodida loja de penhores tivesse se incendiado, toda a Lowtown teria ido pelos ares!

Sirenes. Ele ouve sirenes. Mais gritos. Alguém está berrando para outro alguém ir pegar aqueles cavaletes.

– Que loja de penhores?

– King Virtue Pawn & Loan, ao sul da MLK. Sabe onde fica?

– Sim...

– E adivinha quem é o dono? - Mas Pete está excitado demais para lhe dar uma chance de adivinhar. - Alonzo Moretti! Sacou?

Hodges não sacou.

– Moretti é afilhado de Frabrizio Abbascia, Bill! Fabby o Narigudo! Está começando a entender agora?

De início não estava, porque quando Pete e Isabelle o interrogaram, Hodges simplesmente pescara o nome de Abbascia de seu arquivo mental de velhos casos onde alguém pudesse ter algo contra ele... e houve vários daqueles ao longo dos anos.

– Pete, o dono da King Virtue deve ser negro. Todas as empresas lá pertencem a negros.

– O caralho que é. O nome de Bertonne Lawrence está na placa, mas a loja é alugada, Lawrence é fachada, e ele está revelando tudo. Sabe o melhor? Parte da apreensão se deve a nós, porque um par de patrulheiros a desbaratou mais ou menos uma semana antes do ATF conseguir prender os caras. Cada detetive no

departamento está aqui. O Chefe está a caminho, e ele tem uma caravana de imprensa maior do que o Desfile de Dia de Ação de Graças da Macy's. De jeito nenhum os federais iriam levar a melhor nessa! De jeito nenhum! - desta vez a risada dele era quase louca.

Cada detetive do departamento, Hodges pensa. O que deixava o que para o Sr. Mercedes? Nada.

− Bill, eu tenho de ir. Isto... cara, isto é incrível.

− Claro, mas primeiro me diga o que isso tem a ver comigo.

− O que você disse. A explosão de seu carro foi vingança. Moretti tentando pagar a dívida de sangue do avô. Além dos rifles, metralhadoras, granadas, pistolas e outros tipos de armamentos, há pelo menos uma dúzia caixas de Hendricks Chemicals Detasheet. Sabe o que é isto?

− Explosivo de borracha. - Agora ele começava a entender.

− É. Detonado com detonadores de chumbo, e já sabemos que este foi o tipo usado para explodir o seu carro. Não tivemos ainda resposta da análise química do explosivo, mas quando tivermos, vai ser o Detasheet. Pode contar com isso. Você é um filho da puta de sorte, Bill.

− Está certo, - Hodges diz. - Eu sou.

Ele pode imaginar a cena do lado de fora da King Virtue: policiais e agentes da ATF por todo canto (provavelmente ainda discutindo sobre jurisdição), e mais chegando o tempo inteiro. Lowbriar interditada, provavelmente a Avenida MLK também. Multidão de curiosos se juntando. O Chefe de Polícia e outros grandões variados a caminho. O prefeito não perderá a chance de fazer um discurso. Além de todos os repórteres, equipes de TV e vans de transmissão ao vivo. Pete está cheio de excitação, e Hodges ia mesmo se lançar a uma longa e complicada história sobre o Massacre do Centro Municipal e uma sala de bate-papo virtual chamada Guarda-Chuva Azul da Debbie, uma mãe morta - que provavelmente bebeu até morrer - e um técnico de informática fugitivo?

Não, ele decide. Não vou.

O que ele faz é desejar boa sorte a Pete e encerrar a ligação.

17

Quando volta à cozinha, Holly não está mais lá, mas ele ainda a ouve. Holly a Resmungona tinha se transformado na Holly, a Pregadora Evangélica, ao que parecia. Certamente, a voz dela tinha aquela cadência especial deus-todo-poderoso, pelo menos naquele momento.

− Estou com o Sr. Hodges, e seu amigo Jerome, - ela diz. - Eles são meus amigos, Mamãe. Tivemos um agradável almoço juntos. Agora estamos visitando alguns pontos turísticos, e esta noite teremos um agradável jantar juntos. Estamos conversando sobre Janey. Eu posso fazer isto se eu quiser.

Mesmo em sua confusão sobre a situação atual e sua tristeza frequente sobre Janey, Hodges se anima com o som de Holly enfrentando Tia Charlotte. Ele não tem certeza se é a primeira vez, mas por Deus, parece ser.

− Quem ligou para quem? - ele pergunta a Jerome, acenando para ela.

− Holly ligou, mas foi ideia minha. Ela tinha desligado o telefone para que a mãe não ligasse para ela. Ela não queria ligar até eu dizer que a mãe podia chamar a polícia.

− E daí que eu peguei, - Holly dizia agora. - Era o carro de Olivia e não é como se eu tivesse roubado. Voltarei esta noite, Mamãe. Até lá, me deixe em paz!

Ela volta para a cozinha parecendo afogueada, desafiante, anos mais jovem e realmente bonita.

− Você é demais, Holly, - Jerome diz, e ergue sua mão para um cumprimento.

Ela o ignora. Seus olhos – ainda faíscando – estão fixos em Hodges.

− Se você chamar a polícia e eu me meter em encrenca, eu não ligo. Mas a menos que já tenha ligado, não devia. Eles não vão encontrá-lo. Nós podemos. Eu sei que podemos.

Hodges percebe que se pegar o Sr. Mercedes for importante para mais alguém na terra, além dele, esta pessoa seria Holly Gibney. Talvez pela primeira vez em sua vida ela fazia algo importante. E junto com outros que gostavam dela e a respeitavam.

− Eu vou segurar o assunto um pouco mais. Em grande parte porque os policiais estão ocupados com outro assunto esta tarde. A parte engraçada... ou talvez a parte irônica... é que eles pensam que tem a ver comigo.

− Do que está falando. - Jerome pergunta.

Hodges olha para o relógio e vê que já são duas e vinte. Eles já estavam aqui há tempo demais. - Vamos voltar para minha casa. Posso lhes contar no caminho, e então podemos repassar isto mais uma vez. Se não aparecer nada, vou ter de ligar de novo para o meu parceiro. Não vou arriscar outro show de horrores.

Embora o risco já estivesse lá, e ele podia ver em seus rostos que Jerome e Holly sabiam tão bem quanto ele.

− Eu entrei naquele pequeno escritório ao lado da sala de estar para ligar para minha mãe, - Holly diz. - A Sra. Hartsfield tinha um laptop. Se vamos para sua casa, quero levá-lo.

− Por que?

− Pode ser que descubra como acessar aqueles computadores. Ela pode ter escrito as senhas ou os comandos de voz.

− Holly, isto não parece provável. Caras mentalmente doentes como Brady fazem de tudo para esconder o que são de todo mundo.

− Eu sei disto, - Holly diz. - É claro que eu sei. Porque eu sou mentalmente doente, e eu tento esconder.

− Ei, Hol, pare com isto, - Jerome tenta pegar a mão dela. Ela não o deixa. Ela pega os cigarros do bolso.

− Eu sou e eu sei que sou. Minha mãe sabe também, e ela mantém um olho em mim. Ela me vigia. Porque quer me proteger. A Sra. Hartsfield faria o mesmo. Ele era filho dela, afinal.

− Se a Linklatter lá da Discount Electronix estiver certa, - Hodges diz, - a Sra. Hartsfield devia passar grande parte do tempo caindo de bêbada.

Holly replica,

− Ela podia ser uma bêbada funcional. Tem alguma ideia melhor?

Hodges desiste.

− Está bem, leve o laptop. Que inferno.

− Não ainda, - ela diz. - Em cinco minutos. Eu quero fumar um cigarro, lá na varanda.

Ela sai da casa. Ela se senta e acente o cigarro.

Através da porta de vidro, Hodges pergunta:

− Quando foi que se tornou tão assertiva, Holly?

Ela não se vira para responder.

− Acho que foi quando eu vi pedaços da minha prima queimando pela rua.

18

Às quinze para as quatro daquela tarde, Brady deixa o quarto do Motel 6 para tomar um pouco de ar fresco e vê um Chicken Coop no outro lado da rodovia. Ele atravessa e pede sua última refeição: um Clucker Delight com molho extra e salada de repolho. Aquela parte do restaurante está quase deserta, e ele leva sua bandeja até uma mesa perto da janela para poder se sentar sob o sol. Logo não haverá mais nada daquilo para ele, então ele bem devia aproveitar um pouco enquanto pode.

Ele come devagar, pensando em todas as vezes que levara para casa comida para viagem do Chicken Coop, e como sua mãe sempre pedia por um Clucker com salada dupla. Ele pedira a refeição sem nem pensar a respeito. Isto lhe trouxe lágrimas aos olhos, e ele as enxuga com um guardanapo de papel. Pobre Mãe!

O sol está bom, mas seus benefícios são efêmeros. Brady acha que a escuridão traria benefícios ainda mais duradouros. Não precisaria mais ouvir os discursos lesbo-feministas de Freddi Linklatter. Não precisaria mais ouvir Tones Frobisher explicar porque ele não podia sair para atender chamados por causa de suas RESPONSABILIDADES COM A LOJA, quando na verdade era porque ele não sabia distinguir uma pane de HD nem se ela lhe mordesse o pinto. Não mais sentiria seus rins congelando enquanto dirigia o caminhão do Sr. Saboroso em Agosto com os freezers no máximo. Não mais batidas no painel do Subaru quando a radio saísse de estação. Não mais pensar nas calcinhas de renda de sua mãe e longas, longas coxas. Não mais fúria por ser ignorado e subestimado. Sem mais dores de cabeça. E não mais noites de insônia, porque depois de hoje tudo seria sono, o tempo inteiro.

Sem sonhos.

Quando termina sua refeição (ele come tudo), Brady esvazia a mesa, limpa uma mancha de molho com outro guardanapo, e joga seu lixo. A garota no balcão pergunta se estava tudo bem. Brady diz que estava, se perguntando o quanto daquele frango e molho e biscoitos e salada de repolho terão a chance de serem digeridos antes da explosão esmigalhar seu estômago e espalhar o que restara por todo o canto.

Eles se lembrarão de mim, ele pensa, enquanto fica na beira da rodovia, esperando por uma pausa no trânsito para poder voltar ao motel. A maior pontuação do mundo. Vou entrar para a historia. Fica contente por não ter matado o ex-tira gordo. Hodges tinha de estar vivo para o que acontecerá esta noite. Ele deveria lembrar. Ele deveria viver com aquilo.

De volta ao quarto, ele olha para a cadeira de rodas e o saco para urina cheio de explosivos sobre a almofada ESTACIONAMENTO DE BUNDA recheada de explosivos. Ele quer chegar cedo ao MAC (mas não cedo *demais*; a última coisa

que ele quer é se expor mais do que já estará exposto somente por ser um homem sozinho e ter mais que treze anos), mas ainda há um tempinho. Ele trouxera seu laptop, por nenhum motivo particular, só por hábito, e agora ele se alegra. Ele o abre, conecta ao WiFi do motel, e entra no Guarda-Chuva Azul da Debbie. Lá ele deixa uma última mensagem - um tipo de apólice de seguro.

Com isto feito, ele volta ao estacionamento de longo prazo do aeroporto e retira seu Subaru.

19

Hodges e seus dois aprendizes de detetive chegam à Estrada Harper um pouco antes das três e meia. Holly dá uma olhada superficial ao redor, então leva o laptop da finada Sra. Hartsfield para a cozinha e o liga. Jerome e Hodges ficam parados, ambos esperando que não houvesse tela de senha... mas é claro que havia.

− Tente o nome dela, - Jerome diz.

Holly tenta. O Mac chacoalha a tela: não.

− Está bem, tente Debbie, - Jerome diz. - Ambos, com ie no final e somente i.

Holly afasta uma mecha de cabelo castanho cor de rato dos olhos para que ele pudesse ver claramente sua irritação.

− Encontre algo para fazer, Jerome, está bem? Eu não quero você olhando por cima de meu ombro. Odeio isto. - Ela desvia a atenção para Hodges. - Posso fumar aqui? Espero que possa. Me ajuda a pensar. Cigarros me ajudam a pensar.

Hodges passa um pires para ela.

− O alarme de incêncio está ligado. Jerome e eu estaremos no escritório. Dê um grito se achar algo.

Pequenas chances disto, ele pensa. Pequenas eram as chance de qualquer coisa, na verdade.

Holly não presta atenção. Ela acende o cigarro. Tinha deixado de lado a voz de fervorosa de pastora evangélica e voltara a resmungar.

− Espero que ela tenha deixado uma dica. Tenho esperança por dica. Esperança por dica é o que Holly tem.

Oh, cara. Hodges pensa.

No escritório, ele pergunta a Jerome se tem alguma ideia do tipo de pista que ela pode estar falando.

− Depois de três tentativas, alguns computadores dão uma dica de senha. Para refrescar sua memória caso tenha esquecido. Mas só se foram programados.

Da cozinha vem um grito intenso e não murmurado.

− *Merda! Merda Dupla! Merda Tripla!*

Hodges e Jerome olham um para o outro.

− Acho que não tem, - Jerome diz.

20

Hodges liga seu próprio computador e diz a Jerome o que quer: uma lista de todos os eventos públicos para os próximos sete dias.

- Eu posso fazer isto, - mas talvez seja melhor dar uma olhada nisto.

- O que?

- É uma mensagem. No Guarda-Chuva Azul da Debbie.

- Abra. - as mãos de Hodges estão fechadas em punhos, mas enquanto ele lê o último recado do **merckill**, elas lentamente se abrem. A mensagem é curta, e embora não fosse de ajuda imediata, continha um raio de esperança.

> **Adeus, OTÁRIO.**
> **PS: Aproveite seu final de semana, eu sei que aproveitarei**

Jerome diz,

− Acho que você recebeu uma carta de despedida, Bill.

Hodges também achava, mas não se importava. Ele se concentrava no PS. Ele sabe que pode ser um despiste, mas se não for, eles ainda tinham algum tempo.

Da cozinha veio um cheiro de fumaça de cigarro e outro grito doloroso de merda.

− Bill? Eu acabei de ter um pensamento ruim

− Sobre o que?

− O show desta noite. Aquela banda de garotos, 'Round Here. No Mingo. Minha irmã e minha mãe estarão lá.

Hodges pensa a respeito. O auditório Mingo tem capacidade para milhares, mas o público daquela noite será oitenta porcento feminino... mamães e filhinhas pré-adolescentes. Haverá alguns homens do público, mas quase todos estarão acompanhando filhas e as amigas das filhas. Brady Hartsfield é um cara de boa aparência de cerca de trinta anos, e se ele tentar ir sozinho ao show, se sobressairá como um dedão ferido. Na América do século vinte e um, qualquer homem solteiro em um evento primariamente designado a garotinhas, atrai atenção e suspeita.

Além disto: **Aproveite seu final de semana, eu sei que aproveitarei.**

− Acha que eu devia ligar para a Mãe e dizer-lhe para manter as garotas em casa? Jerome parece desanimado diante da ideia. - Barb provavelmente jamais falará comigo novamente. Além disto, há sua amiga Hilda e algumas outras...

Da cozinha:

− Oh, sua coisa maldita! Desista!

Antes de Hodges conseguir responder, Jerome diz:

– Por outro lado, ele parece mesmo ter algo planejado para o final de semana, e hoje ainda é quinta. Ou será que ele só quer que a gente pense isto?

Hodges tende a achar que a provocação é real.

– Procure aquela foto de Hartsfield na Patrulha Cibernética de novo, por favor. A que aparece quando clicamos em CONHEÇA OS ESPECIALISTAS.

Enquanto Jerome faz aquilo, Hodges liga para Marlo Everett na seção de Arquivos da Polícia.

– Ei, Marlo, Bill Hodges de novo... sim, muita agitação em Lowtown, Pete me contou. Metade da força está lá, certo?... uh-huh... bem, eu não lhe atrapalharei muito. Sabe se Larry Windom ainda é o chefe de segurança do MAC? Sim, isto mesmo. O Romper-Stomper[36]. Claro. Espero.

Enquanto espera, ele diz a Jerome que Larry Windom se aposentou prematuramente porque o MAC lhe oferecera o trabalho pelo dobro do salário que ganhava como detetive. Não que este fosse o único motivo para Windom pendurar a chuteira após vinte anos de serviço. Então Marlo voltou. Sim, Larry ainda estava no MAC. Ela tinha até o número do telefone do escritório do MAC. Antes dele poder se despedir, ela lhe pergunta se há algum problema. - Porque vai haver um grande show lá hoje. Minha sobrinha vai. Ela é doida por aqueles babacas.

– Tudo bem, Marls. Só alguns assuntos antigos.

– Diga a Larry que gostaríamos que ele voltasse, - Marlo diz. - O esquadrão está morto. Não há nenhum detetive a vista.

– Farei isto.

Hodges liga para a Segurança do MAC, se identifica como Detetive Bill Hodges, e pergunta por Windom. Enquanto espera, ele olha para Brady Hartsfield. Jerome tinha dado zoom na foto até que preenchesse a tela inteira. Hodges está fascinado pelos olhos. Na versão diminuída, e ao lado dos dois colegas de empresa, aqueles olhos pareciam suficientemente agradáveis. Com a foto preenchendo a tela, no entanto, aquilo mudava. A boca sorria; os olhos não. Os olhos eram neutros e distantes. Quase mortos.

Besteira, Hodges diz a si mesmo (ralha consigo mesmo). Este é um caso clássico de ver algo que não está lá, baseado em conhecimentos recentemente adquiridos... como uma testemunha de roubo a banco dizendo eu achei mesmo que ele parecia suspeito, mesmo antes que sacasse aquela arma.

Soava bem, soava profissional, mas Hodges não acreditava. Ele acha que os olhos que o olhavam da tela, eram os olhos de um sapo escondido sob uma rocha. Ou sob o abrigo de um guarda-chuva azul.

Então Windom está na linha. Ele tem o tipo de voz trombejante que o faz querer segurar o telefone cinco centímetros longe de seu ouvido enquanto fala com ele, e ele continua o mesmo velho gritalhão. Queria saber tudo sobre a grande apreensão daquela tarde. Hodges lhe diz que foi uma super-apreensão,

certo, mas que não sabia muito mais que isto. Ele lembra a Larry que estava reformado.

Mas.

− Com tudo isto acontecendo, - ele diz, - Pete Huntley meio que me forçou a ligar a você. Espero que não se importe.

− Jesus, não. Eu queria tomar uma bebida com você, Billy. Falar dos velhos tempos agora que ambos saímos. Sabe, para jogar conversa fora.

− Seria bom. - Inferno puro é o que seria.

− Como posso ajudá-lo?

− Vai ter um show aí hoje. Pete disse. Uma dessas bandas de garotos. Do tipo que as garotinhas adoram.

− Iy-yi-yi elas adoram sempre? Já estão fazendo filas. E cantando. Alguém grita o nome de um daqueles garotos, e todas gritam. Mesmo se ainda estiverem atravessando o estacionamento, elas gritam. É como se voltasse a Beatlemania de antigamente, só que, do que eu ouvi, esta banda nem chega aos pés dos Beatles. Há alguma ameaça de bomba, ou coisa assim? Diga que não. As garotas vão me matar e as mães comerão o que sobrar.

− O que eu tenho é que talvez um molestador de crianças apareça por lá esta noite. É um cara muito mau, Larry.

− Nome e descrição? - Curto e grosso, sem firulas. O cara que saíra da força policial porque era um pouco rápido demais com os punhos. Problemas de controle de raiva, na linguagem do psiquiatra do departamento. Romber-Stomper, na linguagem dos colegas.

− Seu nome é Brady Hartsfield. Envio um e-mail com a foto prá voce. - Hodges olha para Jerome, que anui e faz um círculo com o polegar e o dedo indicador. - Ele tem aproximadamente trinta anos. Se o vir, me ligue antes, então o detenha. Seja cauteloso. Se ele tentar resistir, domine o filho da puta.

− Com prazer, Billy. Vou divulgar estas informações para meus rapazes. Alguma chance de que ele esteja com um... sei lá... uma barba? Uma adolescente ou alguém ainda mais jovem?

− Improvável, mas não impossível. Se o vir na multidão, Lar, tem de pegá-lo de surpresa. Ele pode estar armado.

− Quais as chances dele realmente estar neste show? - Ele parecia mesmo esperançoso, o que era típico de Larry Windom.

− Não muitas. - Hodges acreditava mesmo nisto, e não só por causa da pista que Hartsfield deixou no Guarda-Chuva Azul sobre o final de semana. Ele tinha de saber que em um público só de garotas, não havia jeito dele passar despercebido. - Em qualquer caso, dá para entender porque o departamento não pode enviar os tiras, certo? Com tudo aquilo acontecendo em Lowtown?

− Não preciso deles, - Windom diz. - Tenho quarenta e cinco caras hoje, a maior parte deles policiais reformados. Sabemos o que estamos fazendo.

– Eu sei que sabem, - Hodges diz. - Lembre, me ligue primeiro. Nós, os aposentados não temos muito o que fazer, e temos de nos divertir com o que conseguimos.

Windom ri.

– Eu concordo com você nisto. Me mande a foto. - ele dita o endereço de e-mail, que Hodges anota e entrega a Jerome. - Se o virmos, o agarraremos. Depois disto, a presa é sua... Tio Bill.

– Vai se foder, Tio Larry. - Hodges diz. Ele desliga e se volta a Jerome.

– A imagem acabou de ir para ele, - Jerome diz.

– Bom. - Então Hodges diz algo que o assombrará pelo resto de sua vida. - Se Hartsfield for tão inteligente quanto eu penso que ele é, ele não vai passar nem perto do Mingo esta noite. Acho que sua mãe e irmã estão seguras se forem. Se ele tentar explodir o show, os rapazes de Larry o pegarão antes de passar pela porta.

Jerome sorri.

– Ótimo!

– Veja o que mais consegue achar. Se concentre em sábado e domingo, mas não deixe a os outros dias da semana de lado, porque...

– Porque o fim de semana começa na sexta-feira. Entendido.

Jerome se põe a trabalhar. Hodges vai até a cozinha para verificar como Holly está. O que vê o deixa gelado. Próximo ao laptop afanado há uma carteira vermelha. A identidade de Deborah Hartsfield, cartões de crédito, e recibos estão espalhados na mesa. Holly, já em seu terceiro cigarro, segura um MasterCard e o analisa através de uma névoa de fumaça azul. Ela lhe dá um olhar que é tanto amedrontado quanto desafiador.

– Só estou tentando encontrar a maldita senha dela! A bolsa dela estava pendurada no encosto da cadeira, e a carteira estava lá, bem por cima, então eu coloquei no bolso. Porque as vezes, pessoas mantem suas senhas nas carteiras. Especialmente mulheres. Eu não queria o dinheiro dela, Sr. Hodges. Eu tenho meu próprio dinheiro. Eu ganho uma mesada.

Uma mesada, Hodges pensa. Oh, Holly.

Os olhos dela estão marejados de lágrimas e ela volta a morder os lábios.

– Eu jamais roubaria.

– Está bem, - ele diz. Ele pensa em dar tapinhas na mão dela e decide que naquele momento poderia ser uma má ideia. - Eu entendo.

Ah, Jesus, qual o grande problema? Junto a toda merda que ele vinha fazendo desde que aquela maldita carta passara pela sua caixa de correspondência, surrupiar a carteira de uma mulher morta era peixe pequeno. Quando tudo isto viesse à tona – e certamente viria – Hodges diria que havia sido ele quem tinha pego.

Mas Holly, enquanto isto, não tinha terminado.

− Eu tenho meu próprio cartão de crédito, e eu tenho dinheiro. Tenho até conta em banco. Eu compro jogos e aplicativos para meu iPad. Compro roupas. Brincos também, dos quais eu gosto. Tenho sessenta e seis pares. E compro meus próprios cigarros, embora eles agora estejam bem caros. Sabia que na cidade de Nova york, um maço de cigarros custa onze dólares? Eu tento não ser um fardo porque não posso trabalhar e ela diz que eu não sou, mas eu sei que sou...

− Holly, pare. Guarde isso para seu terapeuta, se é que tem um.

− É claro que eu tenho um. - Ela exibe um sorriso para a teimosa tela de senha do laptop da Sra. Hartsfield. - Eu sou maluca, não notou?

Hodges escolhe ignorar isto.

− Eu estava procurando por um pedaço de papel com a senha escrito, - ela diz, - mas não encontrei. Então eu tentei o número do Seguro Social dela, primeiro direito depois ao contrário. Mesma coisa com os cartões de crédito. Tentei até os códigos de segurança do cartão de crédito.

− Mais alguma ideia?

− Algumas. Me deixe só. - Ao sair da sala, ela diz: - Desculpe pela fumaça, mas ela realmente me ajuda a pensar.

21

Com Holly trabalhando na cozinha e Jerome fazendo o mesmo no escritório. Hodges segue para a poltrona da sala de estar, e olha para a tela apagada da TV. É um lugar ruim para estar, talvez o pior lugar. A parte lógica de sua mente entende que tudo o que acontecera era culpa de Brady Hartsfield, mas sentar-se na poltrona La-Z-Boy onde passara tantas tardes ociosas, entupidas de TV, sentindo-se inútil e alheio com o eu essencial que subestimara durante toda a sua vida de trabalho, a lógica perdia o poder. O que tomava seu lugar era uma ideia aterrorizante: ele, Kermit William Hodges, tinha cometido o crime de executar trabalho policial escroto, e tinha ajudado e encorajado o Sr. Mercedes ao fazê-lo. Eles eram os participantes de um reality show chamado *Bill e Brady matam algumas damas.* Porque, quando Hodges olha para trás, vê que a maioria das vítimas haviam sido mulheres: Janey, Olivia Trelawney, Janice Cray e sua bebê, Patricia... além de Deborah Hartsfield, que pode ter sido envenenada ao invés de ter envenenado a si mesma. E, ele pensa, sem falar Holly, que provavelmente sairia de tudo aquilo mais maluca do que no início se não conseguisse quebrar aquela senha... ou se *realmente* conseguisse e não houvesse nada no computador da Mamãe que pudesse ajudá-los a encontrar o Filhinho. E de verdade, quão provável era aquilo?

Sentar aqui nesta poltrona, sabendo que devia se levantar, mas ainda assim, incapaz de se mover, Hodges pensa que seu próprio histórico destrutivo com mulheres vinha de muito antes. Sua ex-esposa era sua ex por um motivo. Anos de quase-alcolismo era parte disto, mas para Corinne (que também gostava de uma ou três bebidinhas e provavelmente ainda gosta), não a maior parte. Era a frieza que primeiro invadira as frestas do relacionamento e acabara por congelá-lo totalmente. Era o modo como ele a mantinha afastada, dizendo a si mesmo que era para o próprio bem dela, porque muito do que fazia era nojento e deprimente. Como deixara evidente, de tantas formas diferentes – algumas grandes, algumas pequenas – que em uma corrida entre ela e o emprego, Corinne Hodges sempre viria em segundo. Quanto à sua filha... bem, Jesus. Allie nunca esquecia de enviar a ele um cartão de natal e um de aniversário (apesar de ter parado com os de Dia dos Namorados há uns dez anos), e ela raramente deixava de ligar nas noites de sábado, mas ela não vinha vê-lo há alguns anos. O que realmente dizia tudo o que era preciso sobre como ele tinha fodido aquela relação também.

Sua mente se volta ao modo como ela era bonita quanto criança, com aquelas sardas e o cabelo vermelho... sua pequena cenourinha. Ela sempre corria para ele, quando ele chegava em casa e pulava sem nenhum medo, sabendo que ele soltaria o que quer que estivesse segurando para pegá-la. Janey mencionara ter

sido louca pelo Bay City Rollers, e Allie tinha tido seus próprios favoritos, seus cantorezinhos chicletes. Ela comprara seus discos com sua própria mesada, pequenos com o grande buraco no centro. De quem eram? Ele não lembrava, só sabia que uma das músicas falava sem parar sobre cada passo que você der, e cada movimento que fizer[37]. Era Bananarama ou os Thompsons Twins? Ele não se lembrava, mas sabia que jamais a tinha levado a um show, embora Corrie possa ter levado-a para ver a Cyndi Lauper.

Pensar sobre Allie e seu amor pela música pop faz outro pensamento surgir, um que o fez se endireitar na poltrona, com as mãos se cerrando sobre os apoios acolchoados da La-Z-Boy.

Ele teria deixado *Allie* ir ao show desta noite?

A resposta era absolutamente não. De jeito nenhum.

Hodges verifica o relógio e vê que estão perto das quatro horas. Ele se levanta, querendo ir ao escritório dizer a Jerome para ligar para a mãe e lhe dizer para manter aquelas garotas longe do MAC, não importava o quanto ficassem bravas e choramingassem. Ele tinha avisado ao Larry Windom para tomarem precauções, mas fodam-se as precauções. Ele jamais teria colocado a vida de Allie nas mãos de Romper-Stomper. *Nunca*.

Antes de dar dois passos em direção ao escritório, Jerome grita:

- Bill! Holly! Venham aqui! Acho que encontrei uma coisa.

Eles ficam atrás de Jerome, Hodges olhando por sobre seu ombro esquerdo e Holly pelo ombro direito. Na tela do computador de Hodges há um artigo de imprensa.

SYNERGY CORP., CITYBANK E 3 REDES DE RESTAURANTES PARTICIPARÃO DO MAIOR DIA DA CARREIRA DESTE VERÃO NO EMBASSY SUITES

PARA DIVULGAÇÃO IMEDIATA. Pessoas que buscam vagas no setor administrativo e veteranos militares devem comparecer ao maior Dia da Carreira do ano, neste Sábado, 5 de Julho de 2010. Este evento contra a recessão, ocorrerá no Embassy Suites do centro da cidade, 1 Synergy Square. Pedimos cadastro prévio, mas não é obrigatório. Estarão disponíveis centenas de empregos interessantes e bem-remunerados no Citibank, no McDonalds local, Burger King e Chicken Coop, veja a lista dos demais no site www.synergy.com. Empregos disponíveis na área de atendimento a clientes, retenção, segurança, manutenção hidráulica e elétrica, contabilidade, análise financeira, telemarketing, operadores de caixa. Os participantes contarão com orientadores profissionais treinados e seminários úteis em todas as salas de conferência. Tudo gratuito. As portas abrem às 8 da manhã. Traga seu currículo e se vista para o sucesso. Lembre que o cadastro antecipado pode acelerar o processo e melhorar as suas chances de encontrar aquele emprego de seus sonhos.

JUNTOS VENCEREMOS ESTA RECESSÃO.

- O que acha? - Jerome pergunta.

- Eu acho que é isto. - Uma enorme onda de suspiros de alívio atravessa Hodges. Não era o show daquela noite, ou uma casa noturna lotada, ou o jogo de beisebol da liga junior do Groundhogs-Mudhen de amanhã. Era essa coisa no Embassy Suites. Tinha de ser, era perfeito demais para ser qualquer outra coisa. Havia método na loucura de Brady Hartsfield: para ele, alfa era igual a omega.

Hartsfield queria terminar sua carreira com um assassínio em massa nos mesmos moldes que começara, matando os desempregados da cidade.

Hodges se vira para ver como Holly estava encarando aquilo, mas Holly tinha saído da sala. Ela voltara para a cozinha, sentando-se a frente do computador de Deborah Hartsfield e encarava a tela de senha. Seus ombros estão caído. No pires ao lado dela, um cigarro havia queimado até o filtro, deixando um grande rolo de cinzas.

Desta vez ele se arrisca a tocá-la.

− Está tudo bem, Holly. A senha não importa mais porque agora temos o local. Vou contatar meu antigo parceiro daqui a umas horas, quando a coisa de Lowtown tiver diminuído um pouco, e lhe contarei tudo. Eles alertarão a vigilância sobre Hartsfield e seu carro. Se não pegá-los antes da manhã de sábado, o pegarão antes que se aproxime da feira de empregos.

− Não há nada que possamos fazer hoje?

− Estou pensando nisto. - Há uma coisa, embora seja um chute tão longe que praticamente não era chute nenhum.

Holly diz,

− E se você estiver errado sobre ser o dia da carreira? E se o que ele planeja é explodir um cinema hoje?

Jerome entra na cozinha.

− É quinta-feira, Hol, e ainda muito cedo para os grandes lançamentos de verão. A maior parte dos cinemas estarão vazios.

− O show então, - ela diz. - Talvez ele não saiba que só haverá garotas lá.

− Ele saberia, - Hodges diz. - Ele é uma criatura de improviso, mas isso não faz dele um estúpido. Ele terá feito pelo menos algum tipo de planejamento prévio.

− Posso tentar só mais um pouquinho vencer esta senha? Por favor?

Hodges olha para o relógio. Quatro e dez.

− Claro. Até quatro e meia, tudo bem?

Um brilho de barganha iluminou os olhos dela.

− Quinze para as cinco?

Hodges nega com a cabeça.

Holly suspira:

− Acabou meu cigarro mesmo.

− Estas coisas a matarão, - Jerome diz.

Ela dá a ele um olhar seco.

− Sim, faz parte do charme deles.

23

Hodges e Jerome dirigem ao pequeno shopping center no cruzamento da Harper e Hanover para comprar um maço de cigarros para Holly e lhe dar um pouco da privacidade que ela obviamente queria.

De volta ao Mercedes cinzento, Jerome joga os cigarros de uma mão para outra e diz,

− Este carro me dá arrepios.

− A mim também, - Hodges teve de admitir. - Mas não pareceu incomodar Holly, pareceu? Sensível como ela é.

− Acha que ela ficará bem? Depois disto tudo terminar, digo.

Uma semana antes, talvez até dois dias, Hodges teria dito algo vago e politicamente correto, mas ele e Jerome tinham passado por muita coisa desde então.

− Por um tempo, - ele diz. - Então... não.

Jerome suspira do jeito que pessoas fazem quando seus próprios enevoados pontos de vista são confirmados.

− Caralho.

− É.

− E agora.

− Agora a gente volta, entrega os pregos de caixão à Holly, e deixa ela fumar um. Então empacotamos o que ela tirou da casa dos Hartsfield, eu os levo até o Birch Hill Mall. Você volta com Holly para Sugar Heights em seu Wrangler, então vai para casa.

− E apenas deixo Mãe e Barb e as amigas irem naquele show?

Hodges solta uma respiração.

− Se lhe fizer sentir mais tranquilo, diga a sua mãe para não ir.

− Se eu fizer isto, vou ter de contar tudo. - Ainda jogando os cigarros de uma mão para outra. - Tudo o que fizemos hoje.

Jerome é um garoto brilhante e Hodges não precisava confirmar aquilo. Ou lembrá-lo que eventualmente tudo virá à tona de qualquer forma.

− O que você vai fazer, Bill?

− Vou voltar a Zona Norte. Estacionar o Mercedes um quarteirão ou dois antes da casa dos Hartsfield, só por precaução. Vou devolver o laptop e carteira da Sra. Hartsfield, então vigiarei a casa. Caso ele decida voltar.

Jerome parece duvidar.

− A sala do porão parece ter sido totalmente esvaziada. Quais as chances?

− Vagas e poucas, mas é tudo o que tenho. Até que Pete assuma o caso.

− Você realmente queria pegar o cara, não queria?

− Sim. - Hodges diz, e suspira. - Eu queria muito.

24

Quando eles voltam, a cabeça de Holly está sobre a mesa e escondida entre os braços. Os conteúdos bagunçados da carteira de Deborah Hartsfield era um cinto de asteróides a sua volta. O laptop está congelado e ainda parado na teimosa tela de senha. De acordo com um relógio na parede, são vinte para as cinco.

Hodges teme que ela proteste diante de seus planos de levá-la de volta para casa, mas Holly apenas se endireita na cadeira, abre o maço novo de cigarros, e lentamente retira um. Ela não está chorando, mas parece cansada e desanimada.

- Você fez o que podia, - Jerome diz.

- Eu sempre faço o que posso, Jerome. E nunca é suficiente.

Hodges pega a carteira vermelha e começa a devolver os cartões de crédito às divisórias. Eles provavelmente não estão na mesma ordem que a Sra. Hartsfield costumava guardá-los, mas quem ia notar? Ela é que não.

Havia fotos em uma sanfona de envelopes transparentes, e ele passa por elas, ociosamente. Há uma da Sra. Hartsfield em pé, ombro a ombro com um cara de ombros largos, corpulento em um sobretudo azul de trabalho – o ausente Sr. Hartsfield, talvez. Há uma da Sra. Hartsfield em pé com um bando de senhoras sorridentes no que parece ser um salão de beleza. Há um de um garotinho gordinho segurando um caminhão de bombeiro – Brady com três ou quatro anos, provavelmente. E mais uma, a mesma que a Sra. Hartsfield mantinha na parede de seu escritório tamanho grande, em uma versão do tamanho da carteira: Brady e a mãe com as bochechas coladas.

Jerome aponta para a foto e diz,

- Sabe do que isto me lembra um pouco? Demi Moore e aquele cara, o Ashton Kutcher.

- Demi Moore é morena, - Holly diz, com voz objetiva. - Exceto em *G.I. Jane*[38], onde ela estava quase careca, porque estava em treinamento para ser um SEAL. Vi este filme três vezes, uma no cinema, uma em vídeo, e uma em meu iTunes. Bem legal. Sra. Hartsfield é loira. - Ela considera e então completa: - Era.

Hodges retira a foto do visor da carteira para olhar mais de perto e a vira. Cuidadosamente escrito atrás, está *Mãe e seu Amorzinho, Praia Sand Point, Agosto de 2007*. Ele tamborila a foto contra o lado de sua palma uma vez ou duas, quase a guarda, então a entrega a Holly, com o lado da foto para baixo.

– Tente isto.

Ela franze o cenho para ele.

– Tentar o que?

– Amorzinho.

Holly digita a palavra, aperta ENTER... e solta um grito de alegria totalmente

atípico de Holly. Porque eles entraram. Bem assim.

Não havia nada de importante na área de trabalho dela... uma agenda, uma pasta com o nome de RECEITAS FAVORITAS e outra de nome EMAILS SALVOS; uma pasta de recibos de transações online (ela parecia pagar a maior parte de suas contas desta forma); e um álbum de fotografias (a maioria de Brady em várias idades). Havia muitos programas de TV em seu iTunes, mas somente um álbum de música: Alvin e os Esquilos Celebram o Natal.

− Cristo, - Jerome diz. - Não digo que ela merecesse morrer, mas...

Holly lhe dá um olhar de censura.

− Não tem graça, Jerome. Não faça piadas disto.

Ele ergue as mãos.

− Desculpe, desculpe.

Hodges busca rapidamente os e-mails salvos e não vê nada interessante. A maioria parecia ser das antigas amigas de escola da Sra. Hartsfield, que a chamavam de Debs.

− Não há nada aqui sobre Brady, - ele diz, e olha para o relógio. - Temos de ir.

− Não tão rápido, - Holly diz, e abre a página de busca. Ela digita BRADY. Há muitos resultados (a maioria no arquivo de receitas, algumas etiquetadas como Favoritas do Brady), mas nada digno de nota.

− Tente AMORZINHO, - Jerome sugere.

Ela o faz e consegue um resultado – um documento escondido bem fundo em seu HD. Holly clica. Lá há os tamanhos das roupas de Brady, também uma lista de todos os presentes de Natal e de aniversário que ela comprara para ele nos últimos dez anos, presumivelmente para não repetir-se. Ela gravara o número de Seguro Social dele. Há uma cópia escaneada da carteira de motorista dele, seu cartão de seguro do carro, e registro de nascimento. Ela listara os colegas de trabalho na Discount Electronix e na Fábrica de Sorvete Loeb's. Próximo ao nome de Shirley Orton há uma anotação que teria feito Brady rir histericamente: Me pergunto se é namorada dele?

− Que merda é essa? - Jerome pergunta. - Ele é um homem adulto, pelo amor de deus!

Holly sorri sombriamente.

− O que eu disse. Ela sabia que ele não batia bem.

No finalzinho do arquivo AMORZINHO, há uma pasta chamada PORÃO.

− Aqui está, - Holly diz. - Tem de ser aqui. Abra, abra, abra!

Jerome clica em PORÃO. O documento dentro tem menos de dez palavras.

Controle = luzes
Caos?? Escuridão??
Por que não funciona comigo?

Eles olham para a tela por um tempo sem falar. Por fim, Hodges diz,

- Eu não entendo. Jerome?

Jerome balança a cabeça.

Holly, aparentemente hipnotizada por esta mensagem da mulher morta, fala uma única palavra, quase baixa demais para ouvir:

- Talvez... - ela hesita, mordiscando os lábios, e então diz de novo. - Talvez.

25

Brady chega ao Complexo de Cultura e Arte do Meio-Oeste um pouco após as seis da tarde. Embora o show esteja programado para começar dali a mais de uma hora, o extenso estacionamento já está três quartos cheio. Grandes filas se formavam do lado de fora das portas que abriam para o saguão, e elas ficavam maiores a cada minuto. Garotinhas berravam a plenos pulmões. Provavelmente aquilo significava que estavam felizes, mas para Brady, soavam como fantasmas em uma mansão abandonada. Era impossível olhar para a multidão crescente e não lembrar aquela manhã de Abril no Centro Municipal. Brady pensa, se ele tivesse um Humvee ao invés desta caixa de bosta japonesa, podia atropelá-las a setenta quilômetros por hora, matar cinquenta ou mais daquele jeito, então apertar o botão e explodir o resto até a estratosfera.

Mas ele não tem um Humvee, e por um momento, não tem nem certeza do que fazer em seguida... não pode ser visto enquanto faz seus preparativos finais. Então, no canto mais fastado da área de estacionamento, ele vê um enorme trailer. Sem o carro que o puxava, estacionado sobre os eixos. Ao lado há uma roda gigante e uma placa onde se lia EQUIPE DE APOIO DO 'ROUND HERE. É um dos caminhões que ele tinha visto na área de carga durante seu reconhecimento. Mais tarde, após o show, o carro seria reconectado e dirigido de volta à área de carga, mas agora parecia deserto.

Dirige para trás do trailer, que tem pelo menos quinze metros de largura e esconde seu Subaru completamente do estacionamento efervescente. Tira os óculos falsos do porta-luvas e os coloca. Sai e dá uma caminhada de reconhecimento para se certificar que o trailer está mesmo tão deserto quanto parece. Quando fica satisfeito, volta ao Subaru e tira trabalhosamente a cadeira de rodas do porta-malas. Não é facil. O Honda teria sido melhor, mas ele não confiava no motor que precisava de manutenção. Ele coloca a almofada ESTACIONAMENTO DE BUNDA no assento da cadeira, e conecta o cabo que se salientava do centro do primeiro O de ESTACIONAMENTO aos cabos dependurados dos bolsos laterais, onde havia mais blocos de explosivos plásticos. Outro fio, conectado a um bloco plástico no bolso traseiro, suspende-se de um buraco que ele tinha aberto no estofado do encosto.

Suando profusamente, Brady começa a unificação final, trançando núcleos de cobre e embrulhando pontos de conexão expostas com tiras pré-cortadas de fita isolante que tinha colocado na frente da camiseta enorme do 'Round Here que comprara aquela manhã na farmácia. A camiseta exibia o mesmo logotipo da roda gigante que havia no trailer. Acima havia as palavras BEIJOS NO MEIO DO CAMINHO. Abaixo, dizia EU AMO CAM, BOYD, STEVE, E PETE!

Após dez minutos de trabalho (com pausas ocasionais para espiar pela quina do trailer para se certificar de que ainda tinha este canto do estacionamento só

para ele), uma teia de fios conectados repousa sobre o assento da cadeira de rodas. Não havia jeito de conectar os fios no saco de urina, pelo menos não que ele pudesse descobrir por ora, mas tudo bem, Brady não tinha dúvidas de que eles também explodiriam.

Não que ele soubesse com certeza, de uma maneira ou de outra.

Ele volta ao Subaru mais uma vez e tira uma versão maior e emoldurada da fotografia que Hodges já havia visto: Frankie segurando o Sammy, o caminhão de bombeiros e sorrindo seu sorriso drogado de onde-caralhos-eu-estou. Brady beija o vidro e diz,

- Eu amo você, Frankie. Você me ama?

Ele finge que Frankie diz sim.

- Quer me ajudar?

Ele finge que Frankie diz sim.

Brady volta à cadeira de rodas e senta-se sobre a almofada ESTACIONAMENTO DE BUNDA. Agora o único fio a mostra é o fio mestre, pendurado à frente do assento da cadeira de rodas entre suas coxas abertas. Ele o conecta à Coisa Dois e dá uma respiração profunda antes de apertar o botão de ligar. Se a eletricidade das pilhas AA vazasse... mesmo um pouquinho...

Mas não vazam. A luzinha amarela de funcionamento se acende, e só. Em algum lugar, não muito longe, mas em um mundo diferente, garotinhas gritam de felicidade. Logo, muitas delas serão vaporizadas; muitas outras perderão braços e pernas e gritarão de verdade. Oh, bem, pelo menos elas ouvirão um pouco da música de sua banda favorita antes da super explosão.

Ou talvez não. Ele sabe bem o plano arriscado que estava colocando em funcionamento; nem o roteirista estúpido mais sem talento de Hollywood inventaria algo assim. Brady se lembra da placa no corredor que levava ao auditório: NADA DE SACOLAS, BOLSAS, CAIXAS OU MOCHILAS. Ele não tinha nada daquilo, mas tudo o que bastava era um segurança de olhos atentos observar aquele único fio solto. Mesmo que não acontecesse, uma busca superficial aos bolsos de armazenamento da cadeira de rodas revelariam o fato de que era uma bomba ambulante. Brady tinha colado uma flâmula em um daqueles bolsos, mas não tinha nem tentado fechá-los.

Isto não o perturba. Ele não sabe se isto fazia dele confiante ou só fatalista, e achava que não importava. Afinal, confiança e fatalismo eram quase a mesma coisa, não? Ele se safara do atropelamento daquelas pessoas no Centro Municipal, e quase não tinha planejado aquilo também – só uma máscara, uma rede de cabelo, e um pouco de água sanitária matadora de DNA, ele nunca realmente esperara escapar, e neste caso suas expectativas eram realmente zero. Em um mundo onde não se liga a mínima, ele estava a ponto de se tornar o último a importar.

Ele desliza a Coisa Dois para baixo de sua camiseta grande. Há uma pequena

protuberância, e ele consegue ver um tênue brilho da luzinha amarela de luz de funcionamento através do fino algodão, mas ambos, a protuberância e o brilho desaparecem quando ele coloca a foto de Frankie no colo. Estava pronto para ir.

Seus óculos falsos deslizam até a ponta do nariz suado. Brady os empurra de volta ao lugar. Entortando levemente o pescoço, ele consegue ver seu reflexo no retrovisor do passageiro do Subaru. Careca e de óculos, ele não se parecia nada com seu antigo eu. Primeiro, ele parecia doente – pálido e suado com círculos escuros sob os olhos.

Brady corre a mão no topo de sua cabeça, sentindo a pele suave onde os cabelos ainda não tinham tido a chance de voltar a crescer. Então ele tira a cadeira de rodas do ponto onde tinha estacionado seu carro e começa a rolar lentamente pela grande área de estacionamento, em direção à multidão crescente.

26

Hodges fica preso no trânsito e não chega a Zona Norte antes das seis da tarde. Jerome e Holly ainda estão com ele; ambos querem participar do que vai acontecer, apesar das consequências, e já que parecem compreender quais podem ser aquelas consequências, Hodges decide que não podia recusá-los. Não que tivesse muita escola; Holly não divulgaria o que ela sabe. Ou o que acha que sabe.

Hank Beeson está do lado de fora da casa e atravessa a rua antes de Hodges poder parar o Mercedes de Olivia Trelawney na entrada dos Hartsfield. Hodges suspira enquanto abaixa a janela do motorista.

− Eu realmente gostaria de saber o que está acontecendo, - o Sr. Beeson diz. - Tem algo a ver com aquela bagunça em Lowtown?

− Sr. Beeson, - Hodges diz, - Agradeço sua preocupação, mas precisa voltar à sua casa e...

− Não, espere, - Holly diz. Ela está inclinada ao centro do painel do Mercedes de Olivia Trelawney para que possa olhar para o rosto de Beeson. - Diga-me como é a voz do Sr. Hartsfield. Preciso saber como é a voz dele.

Beeson parece perplexo.

− Igual a voz de todo mundo, acho. Porque?

− É baixa? Sabe, barítono?

− Tipo aqueles cantores de ópera gordos? - Beeson ri. - Diabos, não. Que tipo de pergunta é esta?

− Nem muito alta ou aguda?

Para Hodges, Beeson diz,

− Sua parceira é louca?

Só um pouco, Hodges pensa.

− Apenas responda à pergunta, senhor.

− Não baixa, nem alta e aguda. Normal! O que está acontecendo?

− Sem sotaque? - Holly persiste. - Como... hum... sulista? Ou da Nova Inglaterra? Ou talvez do Brooklyn?

− Não, eu disse. A voz dele parece a de todo mundo.

Holly se endireita no banco, aparentemente satisfeita.

Hodges diz,

− Volte para casa, Sr. Beeson. Por favor.

Beeson bufa, mas recua. Ele para ao pé dos degraus de sua casa para dar um olhar por sobre o ombro. É um que Hodges já vira muitas vezes, aquele que diz eu pago seu salário, cuzão. Então ele entra, batendo a porta com força por trás de si, para certificar-se que eles entenderam seu ponto de vista. Logo ele reaparece mais uma vez na janela com os braços dobrados sobre o peito.

- E se ele ligar para a polícia para perguntar o que estamos fazendo aqui? -

Jerome perguntou, do banco de trás.

Hodges sorri. Um sorriso nervoso, mas genuíno.

− Que tenha boa sorte com isto esta noite. Vamos.

Enquanto lidera-os em fila indiana ao longo do caminho estreito entre a casa e a garagem, verifica o relógio. Seis e quinze. Ele pensa, Como o tempo voa quando a gente está se divertindo.

Eles entram na cozinha. Hodges abre a porta do porão e estende a mão para interruptor de luz.

− Não. - Holly diz. - Deixe apagado.

Ele olha para ela inquisitivamente, mas Holly tinha se virado para Jerome.

− Você precisa fazer isto. Sr. Hodges é velho demais e eu sou uma mulher.

Por um momento, Jerome não entende, então entende.

− Controle igual a luzes?

Ela aquiesce. Seu rosto está tenso e indeciso.

− Deve funcionar se sua voz se parecer um pouco com a dele.

Jerome passa pelo umbral da porta, pigarreia auto-conscientemente, e diz,

− Controle.

O porão permanece às escuras.

Hodges diz,

− Você tem uma voz naturalmente baixa. Não barítono, mas baixa. É por isto que parece mais velho do que é ao telefone. Veja se consegue falar um pouquinho mais alto.

Jerome repete a palavra, e as luzes do porão se acendem. Holly Gibney, cuja vida não vinha sendo exatamente uma serie humorística de TV, ri e bate palmas.

27

São seis e vinte quando Tanya Robinson chega ao MAC, e se junta à fila de veiculos que chegavam, ela desejaria ter dado ouvidos aos pedidos insistentes das garotas para que saíssem para o show há mais de uma hora. A área de estacionamento já está três quartos cheias. Homens de vestes cor de laranja direcionavam o trânsito. Um deles acena para ela ir à esquerda. Ela obedece, dirigindo com cuidado lento porque tinha emprestado o Tahoe de Ginny Carver para o safari daquela noite, e a última coisa que queria era meter-se em um acidente. Nos assentos atrás dela, as garotas – Hilda Carver, Betsy DeWitt, Dinah Soctt e sua própria filha, Barbara – estão literalmente balançando de excitação. Elas tinham enchido o cd player do Tahoe de Cds do 'Round Here (entre todas elas, devia haver uns seis), e elas gritavam "Oh, eu *amo* esta música!" cada vez que uma nova canção começava. É barulhento e estressante e Tanya se surpreende ao perceber que estava achando meio divertido.

− Cuidado com o deficiente, Sra. Robinson, - Betsy diz, apontando.

O deficiente é magro, pálido, careca e parecia flutuar em sua camiseta larga. Ele segurava o que parecia ser uma fotografia emoldurada em seu colo, e podia também ver um daqueles sacos de sonda uretral. Uma tristonha flâmula do 'Round Here balançava de um dos bolsos laterais da cadeira de rodas. Pobre homem, Tanya pensa.

− Talvez devessemos ajudá-lo, - Barbara diz. - Ele está indo terrivelmente devagar.

− Deus abençoe seu coração bondoso, - Tanya diz, - Deixa eu achar um lugar para estacionar, e se ele ainda não tiver ainda chegado ao prédio quando voltarmos, a gente oferece ajuda.

Ela estaciona o Tahoe emprestado em uma vaga livre e desliga o motor com um suspiro de alívio.

− Cara, olhem as filas. - Dinah diz. - Deve haver zilhões de pessoas aqui.

− Nem tanto, - Tanya diz. - mas está cheio mesmo. Mas eles logo abrirão as portas. E temos bons lugares, então não se preocupe.

− Você está com os ingressos, Mãe?

Tanya ostensivamente verifica na bolsa.

− Estão bem aqui, querida.

− E podemos comprar lembrancinhas?

− Uma cada, e nada que custe mais de dez dólares.

− Eu trouxe meu próprio dinheiro, Sra. Robinson. - Betsy diz ao saírem do Tahoe. As garotas estão um pouco nervosas pela multidão crescente fora do MAC. Elas se amontoam, suas quatro sombras se tornando um montinho escuro sob o forte sol de fim de tarde.

− Claro que tem, Bets, mas deixa que eu pago, - Tanya diz. - Agora ouçam,

garotas. Eu quero que me dêem seu dinheiro e celulares, por segurança. Às vezes tem trombadinhas nestes grandes eventos públicos. Eu devolvo tudo quando estivermos em segurança em nossos assentos, mas nada de mandar mensagens ou fazer ligações após o show começar... entenderam?

− Podemos tirar uma foto cada uma, Sra. Robinson? - Hilda pergunta.

− Sim. Uma cada.

− Duas! - Barbara pede.

− Está bem, duas. Mas apressem-se.

Cada uma tira duas fotos, prometendo enviá-la por e-mail às demais mais tarde. Tanya tira algumas dela mesma com as quatro garotas juntas e abraçadas pelos ombros. Ela acha que estão adoráveis.

− Está bem, senhoras, entreguem-me o dinheiro e os celulares.

− As garotas entregam mais ou menos trinta dólares e seus celulares coloridos. Tanya guarda tudo em sua bolsa e tranca a van de Ginny Carver com o botão do alarme. Ela ouve o ruído satisfatório do travamento das portas... um som que significa segurança e tranquilidade.

− Agora ouçam, suas mocinhas loucas. Ficaremos de mãos dadas até chegarmos a nossos assentos, está bem? Não ouvi o ok de vocês.

− Okaaaay! - as garotas gritam, e juntam as mãos. Elas estão vestindos seus melhores jeans justos e os melhores sapatos. Todas vestiam camisetadas da 'Round Here, e o rabo de cavalo de Hilda havia sido amarrado com uma fita de seda onde se lia EU AMO CAM em letras vermelhas.

− E vamos nos divertir, certo? O melhor dia de nossas vidas, certo? Deixe-me ouvi-las dizendo okay.

− OKAAAYYY!

Satisfeita, Tanya as leva em direção ao MAC. É uma longa caminhada por entre as carrocinhas de pipoca e amendoim quente, mas nenhuma delas parece se importar. Tanya olha para o homem careca na cadeira de rodas e o vê chegando ao fim da fila preferencial. Aquela estava bem menor, mas ainda a deixava triste ver todas aquelas pessoas aleijadas. Então a cadeira de rodas começa a se mover. Estavam deixando os deficientes entrarem primeiro, e ela acha que é uma boa ideia. Que deixassem todos ou quase todos se assentarem em sua seção preferencial antes que o estouro da boiada começasse.

Quando o grupo de Tanya chega ao fim da fila normal mais curta de (que ainda assim estava muito longa), ela vê o cara magro e careca se impulsionar pela rampa, e pensa como seria mais fácil para ele se tivesse uma daquelas cadeiras motorizadas. Ela se pergunta sobre a foto que ele trazia no colo. Algum parente amado que morreu? Provavelmente era isto.

Pobre homem, ela pensa de novo, e envia uma breve prece em agradecimento a Deus, pelos seus dois filhos serem saudáveis.

− Mãe? - Barbara diz.

− Sim, querida?

− Melhor dia de todos, certo?

Tanya Robinson aperta a mão da filha

− Pode apostar!

Uma garota começa a cantar “Beijos no meio do caminho” em uma voz clara e doce. O sol, baby, o sol brilha quando você olha para mim... A lua, baby, a lua brilha quando você está por perto...

Mais garotas se juntam.

− *Seu amor, seu toque, só um pouquinho nunca é suficiente... eu quero te amar do meu jeito...*

Logo a música soava pela tarde quente em milhares de vozes fortes. Tanya fica contente em juntar sua voz, e depois da maratona musical que viera do quarto de Tanya nestas últimas duas semanas, ela sabe as letras de cor.

Impulsivamente, ela se abaixa e beija o topo da cabeça da filha.

Melhor dia do mundo, ela pensa.

28

Hodges e seus detetives juniores estão parados no meio da sala de controle de Brady, olhando para a fila de computadores desligados.

− Primeiro Caos, - Jerome diz. - Então Escuridão, certo?

Hodges pensa, parece algo do Livro das Revelações.

− Acho que sim, - Holly diz. - Pelo menos era a ordem que ela tinha escrito. - Para Hodges, ela diz. - Ela estava ouvindo, vê? Aposto que ela ouvia muito mais do que ele imaginava. - Ela volta de novo para Jerome. - Uma coisa. Muito importante. Não perca tempo se conseguir que caos os ligue.

− Certo. O programa suicida. Só que e se eu ficar nervoso e minha voz ficar estridente e fina como a do Mickey Mouse?

Ela começa a responder, então vê o brilho nos olhos dele.

− Ra ra ra. - Mas ela sorri a contragosto. - Anda logo, Jerome. Seja Brady Hartsfield.

Ele só precisa dizer caos uma vez. Os computadores ligam, e os números começam a contagem regressiva.

− Escuridão!

Os números continuam a diminuir.

− Não grite, - Holly diz. - Jesuis!

16. 15. 14.

− Escuridão.

− Acho que baixou a voz de novo. - Hodges diz, tentando não parecer tão nervoso quanto se sentia.

12. 11.

Jerome limpa a boca. - E-escuridão.

− Gaguejou. - Holly observa. Talvez não de forma útil.

8. 7. 6.

− Escuridão.

5.

A contagem regressiva desaparece. Jerome solta um suspiro cheio de alívio. O que substitui os números é uma série de fotografias a cores de homens em velhas roupas de Velho Oeste, atirando e sendo atingidos. Uma tinha sido batida enquanto ele e seu cavalo atravessavam uma parede de vidro.

− Que tipo de descanso de tela são esses? - Jerome pergunta.

Hodges aponta para o Número Cinco de Brady.

− Aquele é William Holden, então acho que devem ser cenas de um filme.

− The Wild bunch, - Holly diz. - Dirigido por Sam Peckinpah. Eu só o vi uma vez. Me deu pesadelos.

Cenas de um filme, Hodges pensa, olhando para as caretas e os tiros. Também cenas do interior da cabeça de Brady Hartsfield.

− E agora?

Jerome diz,

− Holly, você começa com o primeiro. Eu começo no último. Nos encontramos no meio.

− Parece um bom plano, - Holly diz. - Sr. Hodges, posso fumar aqui?

− Porque diabos não poderia? - ele diz, e vai até a escada do porão observá-los trabalhar. Ao fazer isto, ele esfrega distraidamente o vazio abaixo de sua clavícula esquerda. Aquela dor irritante voltara. Ele deve ter distendido um músculo correndo pela rua após a explosão de seu carro.

29

O ar condicionado no saguão do MAC atingem Brady como um tapa, causando arrepios em seu pescoço e braços suados. A parte principal do corredor está vazia, porque o público normal ainda não tinha sido liberado, mas o lado dirieto, onde estavam as faixas de veludo e uma placa escrito ACESSO PREFERENCIAL há uma fila de cadeiras de rodas que se movem lentamente em direção a área de revista e o auditório logo atrás.

Brady não gostava do modo como aquilo estava se desenrolando.

Ele pensara que todo mundo se acotovelaria ao mesmo tempo, como no jogo dos Cleveland Indians que ele fora quando tinha dezoito anos, e os caras da segurança ficariam estupefatos, só dando a todos um olhar alheio e deixando-os passar. A equipe do show deixando os aleijados e os malucos entrarem primeiro era algo que devia ter previsto, mas não.

Há mais de dez homens e mulheres em uniformes azuis com bordados marrons nos ombros escrito SEGURANÇA DO MAC, e por ora eles não tinham nada a fazer além de verificar os deficientes rolando lentamente por eles. Brady nota com frieza crescente que, embora não checassem bolsos de armazenamento em *todas* as cadeiras de rodas, eles de fato checavam os bolsos em algumas delas... uma a cada três ou quatro, e às vezes, duas seguidas. Quando os aleijados passavam pela segurança, organizadores vestidos com camisetas do 'Round Here os direcionavam à seção preferencial do auditório.

Ele sempre soubera que podia ser parado pela segurança, mas acreditara que ainda podia levar muitos fãs jovens do 'Round Here com ele, caso isso acontecesse. Outra decisão ruim. Cacos de vidro poderiam matar alguns daqueles que estivessem muito próximos às portas, mas seus corpos também serviriam de um escudo para a explosão.

Merda, ele pensa. Eu só matei oito no Centro Municipal. Acho que mesmo assim, consigo fazer mais.

Ele rola adiante, a foto de Frankie em seu colo. A beira da moldura encostada contra a chave seletora. No minuto que aqueles seguranças se inclinassem para revirar os bolsos laterais da cadeira de roda, Brady apertaria uma mão na foto, a luz amarela se tornaria verde, e a eletricidade correria pelos detonadores aninhados no explosivo caseiro.

Só falta uma dúzia de cadeiras de rodas até chegar à sua. Ar gelado sopra em sua pele quente. Ele pensa no Centro Municipal, e como o carro pesado da cadela Trelawney pulou e estremeceu ao passar por cima das pessoas, após derrubá-las. Como se estivesse tendo um orgasmo. Ele lembra do ar emborrachado dentro da máscara, e como ele gritara com deleite e triunfo. Gritara até ficar tão rouco que mal podia falar e teve de dizer a mãe e a Tones Frobisher na DE que estava com laringite.

Agora faltavam só dez cadeiras de rodas entre ele e a revista. Um dos guardas – provavelmente o chefe de segurança, já que parecia o mais velho e era o único usando um quepe – tira a mochila de uma garota jovem que era tão careca quanto Brady. Ele explica algo a ela, e lhe dá um recibo.

Eles vão me pegar, Brady pensa friamente. Eles vão, então prepare-se para morrer.

Ele *está* preparado. Já faz um tempo que está preparado.

Oito cadeiras de rodas entre ele e a revista. Sete. Seis. É como a contagem regressiva de seus computadores.

Então a cantoria começa lá fora, inicialmente abafada.

O sol, baby, o sol brilha quando você olha para mim... A lua, baby...

Quando chegam ao refrão, o som enche até parecer um coro de catedral: garotas cantando a plenos pulmões.

QUERO TE AMAR DO MEU JEITO... VAMOS VIAJAR PELA ESTRADA DA PRAIA...

Naquele momento, a porta principal balança e se abre. Algumas garotas gritam; a maioria continua a cantar, e mais alto do que nunca.

SERÁ UM NOVO DIA... EU TE DAREI BEIJOS NO MEIO DO CAMINHO.

Garotas usando camisetas do 'Round Here e as primeiras maquiagens de suas vidas, os pais (a maioria mães) lutando para manterem-se em pé e em contato com suas pirralhas. A faixa de veludo entre a parte principal do corredor e a zona de preferenciais é arrancada e jogada ao chão. Uma garota gorda de doze ou treze anos com a bunda do tamanho de Iowa é empurrada em cima da cadeira de rodas à frente de Brady, e a garota dentro dela, que tem uma rostinho animado e bonito e próteses nas pernas, quase cai.

- Ei, cuidado! - a mãe da cadeirante grita, mas a cadela gorda em jeans extra grantes já se fora, acenando uma flâmula do 'Round Here em uma mão e seu ingresso na outra. Alguém esbarra na cadeira de Brady, a fotografia sacoleja em seu colo, e por um frio segundo, ele pensa que todos vão explodir em um flash branco e um estouro de rolamentos de esferas Quando nada acontece, ele ergue a foto o suficiente para espiar embaixo, e vê que a luzinha ainda brilha em amarelo.

Esta foi por pouco, Brady pensa, e sorri.

Devido a esta confusão feliz no corredor, todos os agentes de segurança que revistam os cadeirantes, exceto um, correm para fazer o que podem com este novo fluxo de adolescentes cantoras malucas. A única agente que fica no lado dos cadeirantes do corredor, é uma mulher jovem, e ela passa a liberar as cadeiras sem um segundo olhar. Enquanto Brady se aproxima, ele vê o cara no comando. Honcho de Chapéu, em pé no canto mais afastado do corredor, quase diretamente oposto. Sessenta e três anos, mais ou menos, fácil de ver, porque ele é bem mais alto que as garotas, e seus olhos não param de se mover. Em uma

mão ele segura um pedaço de papel, que ele olha a cada momento.

− Mostre seus ingresso e vão, - a agente de segurança diz à garota cadeirante bonita e a mãe. - Porta à direita.

Brady vê algo interessante. O cara da segurança alto de chapéu agarra um cara de vinte e poucos anos que parece estar desacompanhado e o tira da multidão.

− Próximo! - a segurança feminina o chama. - Não segure a fila!

Brady rola para a frente, pronto para empurrar a foto de Frankie contra a chave seletora da Coisa Dois se ela demonstrasse o mais leve interesse pelos bolsos laterais da cadeira de rodas. O corredor está agora cheio de parede a parede com garotas cantando, e sua pontuação será bem mais alta do que trinta. Se tiver de ser no corredor, tudo bem.

A segurança feminina aponta para a fotografia.

- Quem é este, querido?

− Meu garotinho, - Brady diz com um sorriso triste. - Ele morreu em um acidente, ano passado. O mesmo que me deixou... - ele aponta para a cadeira. - Ele adorava o 'Round Here, mas nunca ouviu o novo álbum. Agora ele vai ouvir.

Ela fica comovida, mas não comovida demais para demonstrar simpatia; seus olhos suavizam.

− Sinto muito pela sua perda.

− Obrigado, senhora, - Brady diz, pensando. Sua puta estúpida.

− Continue em frente, senhor, então siga a direita. Encontrará as duas seções de cadeirantes a meio caminho do auditório. Excelente vista. Se precisar de ajuda para descer a rampa, é um pouco íngreme, procure um dos ajudantes que usam faixas amarelas nos braços.

− Tudo bem, - Brady diz, sorrindo a ela. - Tenho ótimos freios neste bebê.

− Que bom! Aproveite o show.

− Obrigado, senhora. Eu vou aproveitar sim. Frankie também.

Brady desliza em direção à entrada principal. De volta a área de revista, Larry Windom, conhecido pelos seus colegas policiais como Romper-Stomper, liberta o jovem que decidiu, no calor do momento, usar o ingresso da sobrinha quando ela ficou doente de mononucleose. Ele não parecia nada com o cara da foto que Bill Hodges lhe enviou.

O auditório tinha platéia estilo stadium, o que deixa Brady deliciado. A forma de tigela concentrará a explosão. Ele pode imaginar os pacotes de rolamentos de esferas colados sob seu assento explodindo. Com sorte, ele achava, atingiria também a banda, além da audiência.

Música pop soava de falantes no teto, mas as garotas que preenchiam os assentos e entupiam os corredores abafava-a com suas próprias vozes jovens e fervorosas. Luzes rodopiavam para frente e para trás sobre a multidão. Frisbees voavam. Um par de bolas de praia de tamanho gigante voavam em volta. A

única coisa que surprende Brady é não haver sinal da roda gigante e toda aquela merda de praia no palco. Porque eles teriam trazido se não pretendiam usá-la?

Um ajudante com faixa amarela no braço tinha acabado de posicionar a garota bonita com próteses nas pernas, e se aproxima para oferecer ajuda a Brady, mas Brady o dispensa. O ajudante lhe dá um sorriso e um tapinha no ombro ao passar por ele para ajudar outra pessoa. Brady desliza sozinho até a primeira de duas seções reservadas aos cadeirantes. Ele para perto da garota bonita com as pernas falsas.

Ela se vira para ele com um sorriso.

− Não é excitante?

Brady sorri de volta, pensando, Você não sabe da missa a metade, sua cadela aleijada.

30

Tanya Robinson olha para o palco e pensa no primeiro show da sua vida... foi um da banda The Temptations... e como Bobby Wilson a beijara bem no meio da música “My Girl.” Tão romântico.

Ela foi distraída deste pensamentos pela filha, que balançava seu braço.

− Veja, Mãe, lá está o deficiente. Lá com os outros cadeirantes. - Barbara aponta para a esquerda e algumas fileiras abaixo. Lá os assentos haviam sido removidos para dar espaço a duas fileiras de cadeiras de rodas.

− Eu o vejo, Barb, mas não é educado apontar.

− Espero que ele se divirta, você não?

Tanya sorri para a filha.

− Claro que sim, querida.

− Pode nos devolver nossos celulares? Precisamos deles para o início do show.

Para tirarem fotos com ele, é o que acha Tanya Robinson... porque já faz um longo tempo desde que estivera em um show de rock. Ela abre a bolsa e retira os celulares coloridos. Surpreendentemente, as garotas apenas os seguram. Por ora, estavam ocupadas demais olhando em volta para fazer ligações ou enviar mensagens de texto. Tanya dá um beijo rápido no topo da cabeça de Barb, e volta a se sentar, perdida no passado, pensando no beijo de Bobby Wilson. Não fora o primeiro, mas fora o primeiro verdadeiramente bom.

Ela esperava que, quando a hora chegasse, Barb tivesse a mesma sorte.

31

− Ai meu Jesusinho Cristinho, - Holly diz, e bate na testa com as costas da mão. Ela terminara com o Número Um de Brady... não havia muita coisa lá... e passara ao Número Dois.

Jerome ergue os olhos do Número Cinco, que parecia ser exclusivamente dedicado a jogos, a maioria do tipo Grand Theft Auto e Call Of Duty.

− O que?

− É que de vez em quando eu cruzo com alguém que é mais fodido da cabeça do que eu, - ela diz. - Isto me anima. O que é terrível, eu sei que é, mas não consigo evitar.

Hodges se levanta dos degraus com um gemido e se aproxima para olhar. A tela está cheia de pequenas fotos. Elas parecem inocentes, não muito diferentes do tipo que ele e seus amigos costumavam babar em Adam e Spicy Leg Art no final dos anos cinquenta. Holly aumenta três delas e as ordena em fila. Lá estava Deborah Hartsfield vestindo um roupão transparente. E Deborah Hartsfield vestindo um baby-doll. E Deborah Hartsfield em um conjunto de lingerie de renda cor de rosa.

− Meu Deus, é a mãe dele, - Jerome diz. Seu rosto expressa repulsa, diversão e fascínio. - E parece ter sido posada.

Parecia a Hodges também.

− Sim, - Holly diz. - Freud explica. Porque está esfregando o ombro, Sr. Hodges?

− Distendi um músculo, - ele diz. Mas estava começando a se preocupar com aquilo.

Jerome olha para a tela do Número Três, volta a analisar as fotos da mãe de Brady Hartsfield de novo, então dá uma nova olhada.

− Uou, - ele diz – Dá uma olhada nisto, Bill.

Pousado no canto esquerdo inferior da área de trabalho do Número Três está o ícone do Guarda-Chuva Azul.

− Abra, - Hodges diz.

Ele abre, mas o arquivo está vazio. Não há nada enviado, e como eles agora sabem, todas as correspondências trocadas no Guarda-Chuva Azul da Debbie vão diretamente ao paraíso dos dados.

Jerome se senta diante do Número Três.

− Este deve ser seu computador principal, Hols. Tem de ser este.

Ela se junta a ele.

− Eu acho que os outros são só fachada... para ele poder fingir que está no comando da Enterprise ou algo assim.

Hodges aponta para um arquivo de nome 2009.

− Vamos ver este.

Um clique de mouse revela um sub-arquivo chamado CENTRO MUNICIPAL. Jerome abre-o e eles olham para uma longa lista de histórias sobre o que acontecera lá em Abril de 2009.

− O álbum de recortes da imprensa do cuzão, - Hodges diz.

− Vasculhe totalmente este, - Holly diz a Jerome – Comece com o HD.

Jerome abre.

− Oh, cara, olha para esta merda. - Ele aponta para um arquivo chamado EXPLOSIVOS.

− Abra! - Holly diz, balançando-o pelo ombro. - Abra, abra, abra!

Jerome abre, e revela outro sub arquivo cheio. Gavetas dentro de gavetas, Hodges pensa. Um computador realmente não passa de uma escrivaninha vitoriana, completa com compartimentos secretos.

Holly diz,

− Ei, caras, olhem para isto. - Ela aponta. - Ele baixou o Livro de Receitas do Anarquista inteiro do BitTorrent. É ilegal!

− Dã, - Jerome diz, e ela lhe dá um soco no braço.

A dor no ombro de Hodges está pior. Ele volta para os degraus e se senta pesadamente. Jerome e Holly, debruçados sobre o Número Três, não notam seu afastamento. Ele coloca as mãos nas coxas (minhas coxas gordas, ele pensa, minhas coxas muito gordas) e começa a respirar curta e lentamente. Ele só pensa que pode piorar aquela noite tendo um ataque cardíaco em uma casa onde entrara ilegalmente com um menor de idade e uma mulher que estava longe de ser certa da cabeça. Uma casa onde a pinup daquele assassinozinho de merda estava morta no andar de cima.

Por favor, Deus, ataque cardíaco não. Por favor.

Ele dá mais respiradas longas. Ele sufoca um arroto e a dor começa a ceder.

Com a cabeça baixa, ele se pega olhando entre as escadas. Algo brilha lá à luz das lâmpadas fluorescentes do teto. Hodges se ajoelha e engatinha para ver o que é. Descobre que é um rolamento de esfera de aço inox, maior do que aquelas no Happy Slapper, pesada em sua mão. Ele olha para o reflexo distorcido de seu rosto na superfície curva, e uma ideia começa a crescer. Só que não exatamente nascia; ela vinha à tona, como o corpo apodrecido de alguém que se afogou.

Mais além, abaixo das escadas há um saco de lixo verde. Hodges se arrasta até ele com a esfera de aço presa à mão, sentindo as teias de aranha penduradas da lateral do degrau acariciarem seu cabelo ralo e testa crescente. Jerome e Holly estão conversando animadamente, mas ele não presta atenção.

Ele agarra o saco de lixo com a mão livre e começa a sair de debaixo da escada. Uma gota de suor lhe cai no olho esquerdo, pinicando enquanto ele piscava para afastá-la. Ele senta no degrau de novo.

− Abra o e-mail dele, - Holly diz.

− Deus, você é mandona, - Jerome diz.

− Abra, abra, abra!

Claro que é, Hodges pensa, e abre o saco de lixo. Há pedaços de fios dentro, e o que parece ser uma placa de circuito queimada. Estão no topo de uma vestimenta cor cáqui que parece uma camisa. Ele afasta os pedaços de fios, pega a vestimenta e a levanta. Não uma camisa, mas um colete de lenhador, do tipo com muitos bolsos. A costura havia sido desfeita em mais de doze locais. Ele enfia a mão dentro de um destes cortes, tateia em volta, e puxa mais dois rolamentos de esferas. Não era um colete de lenhador, pelo menos não mais. Fora customizado.

Agora era um colete suicida.

Ou era. Brady descarregara por alguma razão. Porque seus planos mudaram para a coisa do Dia da Carreira de sábado? Tinha de ser. Os explosivos estavam provavelmente em seu carro, a menos que ele já tenha roubado outro. Ele...

− Não! - Jerome grita. Então berra. - *Não! Não, não*, *OH DEUS, NÃO!*

− Por favor, não deixe ser... - Holly choraminga. - Não deixe ser isto.

Hodges solta o colete e corre para eles para ver o que estavam vendo. É um e-mail de um site chamado FanTastic, agradecendo ao Sr. Brady Hartsfield pela sua compra.

Pode baixar seu ingresso e imprimi-lo agora mesmo. Não serão permitidas sacolas, bolsas ou mochilas neste evento. Obrigado por comprar no FanTastic, onde todos os melhores assentos de todos os grandes shows estão à distancia de um clique.

Embaixo disto: **'ROUND HERE AUDITÓRIO MINGO Complexo de Cultura e Arte do Meio-Oeste 3 DE JUNHO DE 2010 19 HORAS.**

Hodges fecha os olhos. É a porra do show, no final das contas. Cometemos um erro compreensível... mas imperdoável. Por favor, Deus, não deixe-o entrar. Por favor, Deus, faça a equipe do Romper-Stomper pegá-lo antes que passe pela porta.

Mas mesmo aquilo seria um pesadelo, porque Larry Windom está com a impressão de que procura um molestador de crianças, não um maluco homem-bomba. Se ele localizar Brady e tentar imobilizá-lo com sua costumeira falta de graça de mão-pesada...

− Falta quinze para as sete, - Holly diz, apontando para o relógio digital do Número Três de Brady. - Ele ainda pode estar na fila, mas provavelmente já está lá dentro.

Hodges sabe que ela está certa. Com tantas crianças indo, devem ter liberado a entrada por volta das seis e meia.

− Jerome, - ele diz.

O garoto não responde. Ele olha para o recibo do ingresso na tela do computador, e quando Hodges põe a mão no ombro de Jerome, é como tocar

uma estátua.

− Jerome.

Lentamente, Jerome se volta. Os olhos imensos.

− Fomos tão estúpidos, - ele suspira.

− Ligue para sua mãe. - a voz de Hodges está calma, e ele nem precisava esforçar-se para mantê-la assim, pois estava em choque profundo. Ele continuava vendo aquele rolamento de esfera. E o colete rasgado. - Ligue agora. Diga para pegar Barbara e as outras garotas e darem o fora dali, imediatamente.

Jerome tira o celular do clip do cinto e liga para a mãe. Holly o encara com os braços cruzados fortemente sobre os seios e os lábios mastigados caídos em uma careta.

Jerome espera, murmura uma maldição, então diz:

− Tem de sair daí, Mãe. Pegue as garotas e vá embora. Não me ligue para fazer perguntas, só vá. Não corra, mas saia daí!

Ele finaliza a chamada e diz a eles o que já sabiam.

− Correio de voz. Tocou vezes demais, então ela não está usando-o, nem desligado. Não entendo.

− E sua irmã? - Hodges diz. - Ela deve ter um celular.

Jerome está discando o número da irmã antes dele terminar de falar. Ouve para o que parece a Hodges como um século, embora saiba que deve ter sido só quinze segundos. Então ele diz,

− Barb! Porque infernos não atende? Você e a Mãe, e as outras garotas tem de sair daí! - ele finaliza a chamada. - Não entendo. Ela sempre carrega o celular, a coisa praticamente é grudada à mão dela, e ela devia pelo menos sentilo vibr...

Holly diz,

− Oh, bosta. - Mas não era suficiente para ela. - Caralho!

Eles se viram para ela.

− Qual o tamanho desta casa de shows? Quantas pessoas cabem lá dentro?

Hodges tenta relembrar o que sabia do Auditório Mingo.

− Assentos para quatro mil. Não sei se tem pista, não lembro desta parte de seu código de segurança.

− E para este show, quase só há garotas, - ela diz. - Garotas com celulares praticamente grudadas a elas. A maioria delas conversando enquanto esperam pelo início do show. Ou mandando mensagens de texto. - Os olhos dela estavam imensos com desânimo. - São as operadoras. Estão sobrecarregadas. Tem de continuar tentando, Jerome. Tem de continuar tentando até conseguir.

Ele aquiesce entorpecidamente, mas olha para Hodges.

− Devia ligar para seu amigo. Aquele no departamento de segurança.

− Sim, mas não daqui. Do carro. - Hodges olha para o relógio de novo. Dez para as sete. Vamos para o MAC.

Holly bate um murro nos dois lados de seu rosto.

−*Sim!* - ela diz, e Hodges se pega lembrando do que ela disse mais cedo. - *Eles* não podem pegá-lo. *Nós* podemos.

Apesar de seu desejo de confrontar Hartsfield... enrodilhar suas mãos em volta do pescoço de Hartsfield e ver os olhos do bastardo se esbugalharem e sua respiração parar... Hodges espera que ela esteja errada sobre aquilo. Porque se dependesse só deles, já podia ser tarde demais.

32

Desta vez, Jerome vai ao volante e Hodges no banco de trás. O Mercedes de Olivia Trelawney inicia devagar, mas uma vez que o motor de doze cilindradas começa a roncar, dispara como um foguete... e com as vidas de sua mãe e irmã em risco, Jerome dirige ondulando de rua a rua e ignorando as buzinas de protesto dos carros a sua volta. Hodges estima que consigam chegar ao MAC em vinte minutos. Se o garoto não os matasse, é claro.

− Ligue para o cara da segurança. - Holly diz do banco de passageiro. - Ligue para ele, ligue para ele, ligue para ele!

Enquanto Hodges retira o Nokia do bolso da jaqueta, ele instrui Jerome a pegar a saída City.

− Não tente me co-pilotar, - Jerome diz. - Apenas faça a ligação. E rápido.

Mas quando tenta acessar a memória do telefone, a porra do Nokia dá um ruído fraco e apaga. Quando fora a última vez que o carregara? Hodges não conseguia lembrar. Ele não conseguia lembrar o número do escritório de segurança também. Ele devia ter escrito em seu bloco de anotações ao invés de depender do celular.

Maldita tecnologia, ele pensa... mas de quem era a culpa realmente?

− Holly. Disque 555-1900 e me dê seu celular. O meu morreu. - Mil e novecentos é o número do departamento. Ele pode pedir o número de Windom a Marlo de novo.

− Está bem, qual é o código de área? Meu celular está em...

Ela se interrompe quando Jerome ultrapassa um caminhão de carga diretamente para um SUV na mão contrária, piscando os faróis e gritando,

− Saia do caminho! O SUV desvia e Jerome derrapa o Mercedes passando quase colado ao outro veículo.

− ...em Cincinnati, - Holly completa. Ela parece tão gelada quanto um sorvete.

Hodges, pensando que seria bom tomar um pouco das drogas que ela toma, recita o código de área. Ela disca e lhe estende o telefone por sobre o encosto do banco.

− Departamento de Polícia, com quem quer falar?

− Preciso falar com Marlo Everett no setor de Arquivo, e rápido.

− Sinto muito, senhor, mas vi a Sra. Everett ir embora há uma hora.

− Você tem o celular dela?

− Senhor, não tenho permissão para passar este tipo de informação ou...

Ele não tinha a menor vontade de iniciar uma discussão consumidora de tempo que provavelmente seria infrutífera, e desliga no momento em que Jerome ondula para a Saída City, a noventa quilômetros.

− Qual o enrosco, Bill? Porque não está...

− Cala a boca e dirija, Jerome, - Holly diz. - Sr. Hodges está fazendo o que pode.

A verdade é, ela realmente não quer que eu contate ninguém, Hodges pensa. Porque para ela, deveria ser nós, e somente nós. Uma ideia maluca lhe vem, que Holly está usando algum tipo de merda psíquica para se assegurar de que continue eles, e somente eles. E bem poderia. Baseado no modo como Jerome estava dirigindo, eles estariam no MAC antes de Hodges conseguir contatar qualquer autoridade.

Uma parte fria de sua mente está pensando que será melhor assim. Porque não importa quem Hodges consiga contatar, Larry Windom é o homem encarregado do Mingo, e Hodges não confia nele. Romper-Stomper sempre fora um estourado, um cara violento, e Hodges duvidada que ele tivesse mudado.

Ainda assim, tinha de tentar.

Ele devolve o celular de Holly e diz,

− Não consigo operar esta coisa. Ligue para o Auxílio a Lista e...

− Tente minha irmã de novo, primeiro. - Jerome diz, e dita o número.

Holly disca o número de Barbara, o polegar tão rápido que é um borrão. Ouve. Correio de voz.

Jerome praguejа e acelera. Hodges somente pode esperar que haja um anjo guiando sobre o ombro dele.

− Barbara! - Holly grita. Nada de murmúrios agora. Você e sei lá quem estiver com você, tirem seus traseiros daí agora mesmo! Imediatamente! Pronto! - Ela desliga. - Agora o que? Auxílio a Lista, você diz?

− É. Consiga o número do Departamento de Segurança do MAC, dique e me devolva o celular. Jerome, pegue a saída 4A.

− 3B é a saída do MAC.

− Para ir pela frente. Nós vamos pelos fundos.

− Bill, se minha mãe e irmã se machucarem....

− Elas não vão se machucar. Pegue a 4A. - a discussão de Holly com o Auxilio a Lista já durou muito. - Holly, qual o problema?

− Não há um número direto para o Departamento de Segurança. - ela disca o número, ouve, e lhe dá o telefone. - Tem de ser transferido pela linha principal.

Ele pressiona o iPhone de Holly no ouvido com força suficiente para machucar. Ele toca. E toca. E toca mais um pouco.

Quando eles passam pelas Saídas 2A e 2B, Hodges consegue ver o MAC. Está aceso como uma jukebox, o estacionamento é um mar de carros. Sua chamada finalmente é atendida, mas antes que pudesse falar uma palavra, uma robótica voz feminina começa a lhe dar um sermão. Ela recita lenta e cuidadosamente, como se dirigindo a alguém que não tivesse o inglês como língua nativa.

− Alô, e obrigada por ligar para o Complexo de Cultura e Arte do Meio-Oeste, onde tornamos a vida melhor e todas as coisas são possíveis.

Hodges escuta, com o celular de Holly espremido contra o ouvido e o suor rolando pelo seu rosto e pescoço. É sete e seis. O bastardo não fará antes do show começar, ele diz a si mesmo (ele está realmente rezando), e shows de rock sempre atrasam.

− Lembre, - a voz robótica diz docemente, - dependemos de seu suporte, e ingressos da estação para a Sinfônica Municipal e a Série Playhouse deste outono já estão disponíveis para venda. Não somente com desconto de cinquenta por cento...

− O que há? - Jerome grita, ao passarem pela 3A e 3B. A próxima parte está escrito SAÍDA 4A – SPICER BOULEVARD ½ MILHA. Jerome tinha jogado a Holly seu próprio celular e Holly está tentando primeiro Tanya, e então Barbara de novo, sem resultado.

− Estou ouvindo a porra de uma propaganda gravada, - Hodges diz. Ele está esfregando o vazio do ombro de novo. Aquela dor é como um dente infeccionado. - Vá para a direita ao fim da rampa. Vire a direita a cerca de um quarteirão acima. Talvez dois. No McDonalds, de qualquer forma. - Embora o Mercedes estivesse agora a cento e vinte quilômetros por hora, o som do motor ainda era um ronronar regular.

− Se ouvirmos uma explosão. Vou ficar louco. - Jerome diz, objetivamente.

− Só dirija, - Holly diz. Um cigarro Winston apagado jaz entre seus dentes. - Se não bater, estaremos bem. - Ela voltou ao número de Tanya. - Vamos pegá-lo. Vamos pegá-lo. Vamos pegá-lo.

Jerome lança-lhe um olhar.

− Holly, você é louca.

− Só dirija. - ela repete.

− Você também pode usar seu cartão MAC para obter dez por cento de desconto em restaurantes selecionados e lojas do comércio local - a voz robótica informa a Hodges.

Então, por fim, ela vai ao assunto.

− Não há ninguém no escritório principal para receber sua ligação agora. Se sabe o número do ramal que quer, pode discar este número a qualquer momento. Se não, por favor, ouça atentamente, porque nosso menu de opções mudou. Para ligar para o Escritório Avery Johns Drama, disque 10. Para ligar para Belinda Dean Box, disque 11. Para a Sinfônica Municipal...

Oh, querido Jesus, Hodges pensa, é a porra do catálogo da Sears. E em ordem alfabética.

O Mercedes pula e sacoleja quando Jerome pega a saída 4A e dispara pela ladeira curva. A luz vermelha até o fundo.

− Holly, como está aí do seu lado?

Ela fala com o celular ainda no ouvido

− Tudo bem se correr. Se quiser nos matar, vai devagar.

Jerome afunda o acelerador, o Mercedes de Olivia Trelawney dispara por entre quatro vias de trânsito, os pneus cantando. Há uma batida quando eles batem nos divisores de concreto. Buzinas soam em protesto. Do canto do olho, Hodges vê um caminhão subir na calçada para desviar deles.

− Para falar com Serviço de Cenários e Mobiliários, disque...

Hodges dá um murro no teto do Mercedes.

− O que aconteceu com os FODIDOS SERES HUMANOS?

No momento em que os arcos dourados do McDonalds apareceram à direita, a voz robótica diz a Hodges que ele pode falar com o Departamento de Segurança discando 32.

Ele o faz. O telefone toca quatro vezes, então é atendiddo. O que ele ouve o faz se perguntar se tinha enlouquecido.

− Alô, e obrigado por ligar para o Complexo de Cultura e Arte do Meio-Oeste, - a voz robótica diz cordialmente. - Onde tornamos a vida melhor e todas as coisas são possíveis.

33

− Por que o show está demorando para começar, Sra. Robinson? - Dinah Scott pergunta. - Já passa dez minutos das sete horas.

Tanya pensa em lhes contar sobre o show do Stevie Wonder que ela fora quando estava no colegial, um que estava marcado para começar as oito e só começara às nove e meia, mas decidiu que seria contraproducente.

Hilda está franzindo o cenho para o celular

− Eu ainda não consigo ligar para Gail, - ela reclama. - Todos os circuitos estão...

As luzes começam a diminuir antes dela conseguir terminar. Isto provoca gritos selvagens e ondas de aplausos.

− Oh, Deus, Mamãe, estou tão animada! - Barbara suspira, e Tanya fica muito comovida ao ver os olhos da filha cheios de lágrimas. Um cara em uma camiseta da BAM-100 - CARAS BONZINHOS aparece. Um foco de luz o segue até o centro do palco.

− Olá, pessoal! - ele grita. - Como estão esta noite?

Uma nova onda de barulho assegura-lhe que a multidão está muito bem. Tanya vê as duas fileiras de cadeirantes também aplaudirem. Exceto o cara careca. Ele só está sentado lá. Provavelmente não quer largar a fotografia, Tanya pensa.

− Estão prontas para Boyd, Seteve e Pete? - o DJ convidado pergunta.

Mais gritos e berros.

− E estão prontas para um pouco de CAM KNOWLES?

As garotas (a maioria das quais ficariam totalmente paralisadas na presença de seu ídolo) gritam em delírio. Elas estão prontas, sim. Deus, elas estão prontas. Elas podiam morrer ali.

− Em alguns minutos vocês vão ver um show que farão cair seus olhos, mas agora, senhoras e senhores... e especialmente vocês, garotas... preparem-se para o... 'ROUND HEEERRRREEE!!!

A audiência fica em pé, e quando as luzes do palco escurecem totalmente, Tanya entende porque as garotas tinham de ter seus celulares. No seu tempo, todo mundo segurava fósforos ou isqueiros. Estes garotos seguram seus celulares no alto, a luz combinada de todas aquelas telinhas lançando um brilho lunar pálido em volta do ambiente do auditório.

Como elas sabiam fazer estas coisas? Ela se pergunta. Quem lhe dizia? A propósito, que *nos* disse?

Ela não conseguia lembrar.

As luzes do palco se tornam uma brilhante fornalha vermelha. Naquele momento, uma chamada finalmente se infiltra entre a linha embaralhada de operadoras e o celular de Barbara Robinson vibra em sua mão. Ela o ignora.

Atender ligações era a última coisa no mundo que queria fazer naquele momento (uma primeira vez de sua jovem vida), e ela não poderia ouvir a pessoa do outro lado - provavelmente seu irmão - mesmo que atendesse. Os ruídos dentro do Mingo diminuíam... e Barb adorava. Ela acena seu celular vibrando para frente e para trás acima da cabeça em grandes arcos. Todo mundo fazia o mesmo, até mesmo sua mãe.

O cantor principal do 'Round Here, vestido nos jeans mais justos que Tanya Robinson jamais vira, corre para o palco. Cam Knowles afasta uma onda tempestuosa de cabelos louros e começa a cantar “You Don't Have to Be Lonely Again.”

A maioria da platéia permanece em pé, segurando alto os celulares. O show tinha começado.

34

O Mercedes vira no Boulevard Spicer e em uma estrada afluente com placas onde se liam ENTREGAS MAC e SOMENTE FUNCIONÁRIOS. Menos de um quilômetro adiante, há um portão automático. Está fechado. Jerome para perto de um pilar com um interfone. A placa diz IDENTIFIQUE-SE PARA ENTRAR.

Hodges diz,

− Diga-lhes que é da polícia.

Jerome baixa a janela e aperta o botão. Nada acontece. Ele aperta de novo e desta vez, segura apertado. Hodges tem um pensamento pesadelesco: Quando a campainha de Jerome for finalmente atendida, será a feminina voz robótica, oferecendo dezenas de novas opções.

Mas desta vez, é realmente um humano que atende e um nada amigável. - Esta área está fechada.

− Polícia, - Jerome diz. - Abra o portão.

− O que você quer?

− Eu acabei de dizer. Abra o maldito portão. É uma emergência.

O portão começa a se abrir, mas ao invés de avançar, Jerome aperta o botão de novo.

− Você é da segurança?

− Zelador chefe - a voz partida retorna. - Se quer a segurança, tem de ligar para o Departamento de Segurança.

− Não há ninguém lá. - Hodges diz a Jerome. - Eles estão no auditório, todos eles. Apenas vá.

Jerome vai, mesmo com o portão ainda não completamente aberto. Ele raspa a lateral reformada do Mercedes.

− Talvez eles o peguem, - ele diz. - Eles têm a descrição dele, então talvez eles já o tenham pego.

− Eles não pegaram, - Hodges diz. - Ele está lá dentro.

− Como você sabe?

− Ouça.

Eles não conseguiam ouvir a música de verdade, mas com a janela do motorista ainda abaixada, eles podiam ouvir uma progressão ribombante de som grave.

− O show começou. Se os homens de Windom tivesse barrado um cara com explosivos, eles teriam cancelado o show e estariam evacuando o edifício.

− Como ele pôde entrar? - Jerome pergunta, e golpeia o volante. - Como? - Hodges pode ouvir o terror na voz do garoto. Tudo por causa dele. Tudo por causa dele.

− Não faço ideia. Eles tinham a foto dele.

Logo à frente, há uma larga rampa de concreto que levava direto à área de

carga. Meia dúzia de roadies[39] estão sentados em amplificadores e fumando, seu trabalho finalizado por ora. Havia uma porta aberta levando aos fundos do auditório, e através dela, Hodges podia ouvir música crescente a progressão de graves. Há outro som, também: milhares de garotas gritando de felicidade, todas sentadas no ponto x.

Como Hartsfield entrara já não importava mais a menos que ajudasse a encontrá-lo, e como em nome de Deus eles fariam isto naquele auditório escuro cheio de milhares de pessoas?

Enquanto Jerome estaciona no fim da rampa, Holly diz:

− De Niro cortou um moicano. Pode ser algo assim.

− Do que está falando? - Hodges pergunta enquanto sai do banco de trás. Um homem de uniforme cáqui veio até a porta aberta para encontrá-los.

− Em Taxi Driver, Robert De Niro faz o papel de um cara louco chamado Travis Bickle, Holly explica enquanto os três correm para o zelador. - Quando ele decide assassinar o político, raspa a cabeça para poder se aproximar sem ser reconhecido. Raspa tudo, exceto uma faixa no meio, por isso é chamado Moicano. Brady Hartsfield provavelmente não fez isto, faria-o parecer muito esquisito.

Hodges se lembra dos restos de cabelo na pia do banheiro. Não eram da cor brilhante (e provavelmente tingida) do cabelo da mulher morta. Holly pode ser doida, mas ele acha que ela estava certa quanto a isto; Hartsfield tinha ficado careca. Ainda assim, Hodges não vê como mesmo isso pudesse ter sido suficiente, porque...

O zelador chefe se aproxima.

− O que acontece?

Hodges tira a identificação policial e exibe rapidamente, o polegar de novo estrategicamente posicionado.

− Detetive Bill Hodges. Qual seu nome, senhor?

− Jamie Gallison. - Seus olhos desviaram para Jerome e Holly.

− Eu sou sua parceira, - Holly diz.

− Eu sou aprendiz, - Jerome diz.

Os ajudantes observavam. Alguns apressadamente escondem cigarros que podiam conter algo um pouco mais forte do que tabaco. Pela porta aberta, Hodges consegue ver luzes trabalhadas iluminando a área de armazenamento cheia de equipamentos e placas de cenários pintados.

− Sr. Gallison, temos um sério problema, - Hodges diz. - Preciso que chame aqui Larry Windom, urgente.

− Não faça isto, Bill. - Mesmo em sua angústia crescente, ele percebe que é a primeira vez que Holly o chama pelo primeiro nome.

Ele a ignora.

− Senhor, eu preciso que ligue para ele de seu celular.

Gallison nega com a cabeça.

− Os caras da segurança não carregam celulares no trabalho, porque toda vez que temos um desses grandes shows... grande shows infantis, digo, é diferente com adultos... os circuitos entopem. Os seguranças carregam...

Holly está cutucando o braço de Hodges.

− Não faça isto. Você o assustará e ele detonará. Eu sei que vai.

− Ela pode ter razão, - Jerome diz, e então (talvez relembrando seu status de aprendiz) emenda, - Senhor.

Gallison está olhando para eles com alarme.

− Assustar quem? Detonar o que?

O olhar de Hodges continua fixo no zelador.

− Eles carregam o que? Walkie-talkies? Radios?

− Radios, sim. Eles tem... - ele aponta para a própria orelha. - Sabe, coisas que parecem um aparelho para surdez. Como os que o FBI e o Serviço Secreto usam. O que está acontecendo? Diga que não é uma bomba. - E, sem gostar do que vê no rosto de Hodges, pálido e suado, - Cristo, é isto?

Hodges passa por ele em direção à cavernosa área de armazenamento. Além da profusão de adereços, painéis, e suportes em formato de sótão, há uma área de carpintaria e uma de figurinos. A música está mais alta do que nunca, e ele começa a ter problemas para respirar. A dor irradiava abaixo de seu braço esquerdo e seu peito parecia bem pesado, mas a cabeça estava clara.

Brady tinha, ou ficado careca ou estava com o cabelo bem curto, e tingido. Ele pode ter usado maquiagem para escurecer a pele, ou lentes de contato coloridas, ou óculos. Mas mesmo com tudo isto, ele ainda seria um homem solteiro em um show cheio de garotinhas. Após o alerta que disparara para Windowm, Hartsfield ainda teria atraído atenção e suspeita. E havia todo aquele explosivo. Holly e Jerome sabiam a respeito, mas Hodges sabia mais. Havia também os rolamentos de esferas de aço, provavelmente um carregamento delas. Mesmo que ele não tivesse sido barrado na porta, como poderia Hartsfield entrar com tudo aquilo? A segurança era realmente tão fraca ali?

Gallison agarra seu braço esquerdo e quando ele o chacoalha, Hodges sente a dor subir até as têmporas.

− Eu mesmo vou. Aviso ao primeiro cara da segurança que eu vir e lhe peço para chamar o Windom aqui pelo rádio para falar com você.

− Não, - Hodges diz. - Você não fará isto, senhor.

Holly Gibney é a única deles a enxergar com clareza. Sr. Mercedes está lá dentro. Com uma bomba, e só pela graça de Deus ainda não tinha detonado. Era tarde demais para a polícia e tarde demais para a segurança do MAC. Era tarde demais para ele também.

Mas.

Hodges se senta em um caixote vazio.

− Jerome, Holly. Venham aqui.

Eles se aproximam. Jerome está de olhos arregalados, quase em pânico. Holly está pálida, mas externamente calma.

− Ficar careca não seria suficiente. Ele tinha de parecer inofensivo. Eu acho que sei como ele fez isto, e se estou certo, eu sei onde ele está.

− Onde? - Jerome diz. - Diga-nos. Vamos pegá-lo. Nós vamos.

− Não será fácil. Ele vai estar em alerta vermelho o tempo todo, sempre checando seu perímetro pessoal. E ele lhe conhece, Jerome. Você comprou sorvete daquele maldito caminhão do Sr. Saboroso. Você me disse.

− Bill, ele vendeu sorvete para milhares de pessoas.

− Certo, mas quantas pessoas negras há na Zona Leste?

Jerome fica em silêncio, e agora era ele que mordia os lábios.

− Qual o tamanho da bomba? - Gallison pergunta. - Talvez eu possa soar o alarme de incêndio?

− Só se quiser centenas de pessoas mortas. - Hodges diz. Está ficando progressiamente difícil falar. - No minuto em que ele sentir o perigo, ele explodirá o que tem. Quer isto?

Gallison não responde, e Hodges se vira para os dois sócios improváveis que Deus - ou algum destino excêntrico - tinha decidido que estaria com ele esta noite.

− Nós não podemos arriscar com você, Jerome, e nós certamente não podemos arriscar comigo. Ele me vigiava muito antes de eu saber que ele estava vivo.

− Eu chegarei por trás, - Jerome diz. - Sem ele ver. No escuro, sem nada além das luzes do palco, ele não me verá.

− Se estiver onde eu acho que está, suas chances de fazer isto seriam meio a meio, no máximo. Não é suficiente.

Hodges se vira para a mulher de cabelos grisalhos e rosto de uma adolescente neurótica.

− Tem de ser você, Holly. Agora ele deve estar com o dedo no gatilho, e você é a única que pode chegar perto sem ser reconhecida.

Ela cobre sua boca judiada com uma mão, mas não é suficiente, e ela junta a outra. Seus olhos estão imensos e úmidos. Deus nos ajude, Hodges pensa. Não é a primeira vez que ele tem este pensamento em relação a Holly Gibney.

− Só se você vier comigo, - ela diz, por entre os dedos – Talvez assim...

− Não posso, - Hodges diz. - Estou tendo um ataque cardíaco.

− Oh, ótimo, - Gallison geme.

− Sr. Gallison, há uma área para deficientes aqui? Deve haver, certo?

− Sim. No meio do auditório.

Não somente ele entrara com os explosivos, Hodges pensa, mas ele está perfeitamente posicionado para atingir o máximo de pessoas.

Ele diz:
− Ouçam, vocês dois. Não me façam dizer duas vezes.

35

Graças à apresentação do DJ convidado, Brady tinha relaxado um pouco. A merda de parque de diversões que vira sendo descarregada durante sua viagem de reconhecimento, está fora do palco, ou suspensa acima dele. As primeiras quatro ou cinco músicas da banda eram só para esquentar. Logo o cenário apareceria vindo do lado do palco ou de cima, porque o trabalho principal da banda, a razão pela qual eles estavam ali, era vender seu mais recente trabalho. Quando as garotas - a maioria em seu primeiro show de música pop - virem aquelas luzes piscantes brilhantes, a roda gigante e a praia ao fundo, elas perderiam suas cabecinhas adolescentes. Era naquela hora, *bem* naquela hora que ele acionaria a chave seletora da Coisa Dois, e adentraria a escuridão em uma bolha dourada de toda aquela felicidade.

O cantor principal, aquele com aquele cabelo todo, está de joelhos, finalizando uma musiquinha xarope. Ele mantém a última nota, com a cabeça baixa, debulhando seu traseiro bicha de tanta emoção. Ele é um cantor de merda e provavelmente já a caminho de uma overdose de drogas fatal, mas quando ergue a cabeça e pergunta, *Como estão se sentindo aí?*, a audiência evidentemente enlouquece.

Brady olha em volta, como faz a cada poucos segundos - verificando seu perímetro, bem como Hodges disse que ele faria - e seus olhos se fixam em uma garotinha negra sentada algumas fileiras à sua direita.

Eu a conheço?

Quem você está procurando? - a garota bonita de prótese nas pernas grita por sobre a introdução da próxima música. Ele mal a ouve. Ela sorri para ele, e Brady pensa que ridículo é para uma garota com pernas postiças sorrir de alguma coisa. O mundo a tinha fodido enormemente, e como aquilo merecia mesmo um pequeno sorriso, quanto mais um sorrisão de rosto inteiro? Ele pensa, Ela provavelmente está drogada.

- Um amigo meu! - Brady grita em resposta.

Pensando, Como se eu tivesse algum.

Como se.

36

Gallison leva Holly e Jerome para... bem, para algum lugar. Hodges se senta no caixote, de cabeça baixa e mãos plantadas nas coxas. Um dos ajudantes se aproxima de forma hesitante, e se oferece para chamar uma ambulância para ele. Hodges agradece, mas recusa. Ele não acredita que Brady conseguiria ouvir a sirene de uma ambulância que se aproximasse (ou qualquer outra coisa) acima do som que o 'Round Here estava produzindo, mas não arriscaria. Arriscar era o que o trouxera a esta situação, com todo mundo no Auditório Mingo, inclusive a mãe e irmã de Jerome em perigo. Ele preferiria morrer a arriscar mais alguma coisa, e era melhor que morresse antes de ter de explicar esta bagunça de merda.

Só que aí... ele pensava em Janey. Quando pensava em Janey, rindo e baixando o fedora surrupiado em um ângulo perfeitamente provocante, sabe que se fosse preciso, faria tudo novamente, do mesmo jeito.

Bem... a maior parte. Tendo uma segunda chance, ele teria dado mais atenção à Sra. Melbourne.

Ela pensa que eles estão entre nós, Bowfinger dissera, e os dois riram daquilo, mas a piada era sobre eles, não é? Porque a Sra. Melborune estava certa. Brady Hartsfield *era* mesmo um alien, e ele estava entre eles o tempo todo, consertando computadores e vendendo sorvetes.

Holly e Jerome desapareceram, Jerome carregando o .38 que pertencera ao pai de Hodges. Hodges tinha grandes dúvidas sobre enviar um garoto a um auditório lotado com uma arma carregada. Sob circunstâncias comuns, ele era um garoto ajuizado, mas talvez não fosse tão ajuizado com a mãe e irmã em perigo. Mas Holly precisava ser protegida. *Lembre-se que você é somente o reforço*, Hodges disse ao garoto antes de Gallison os levar para longe, mas Jerome não concordara. Ele não sabia nem que o garoto o escutara.

Em qualquer caso, Hodges tinha feito tudo o que podia. A única coisa que restava era ficar sentado ali, lutando contra a dor, tentando manter o fôlego e esperar por uma explosão que rezava para que não acontecesse.

37

Holly Gibney tinha sido internada duas vezes em sua vida, uma na sua adolescência e outra quando já tinha mais de vinte anos. O psiquiatra que ela encontrara depois (em sua vulga *maturidade*) rotulara estas férias forçadas de *quebras de realidade*, que não eram boas mas ainda melhores que *quebras psicóticas*, das quais muitas pessoas jamais retornavam. Holly mesmo tinha um nome mais simples para estas tais quebras. Elas eram suas *loucuras totais*, como oposto ao estado de *loucura moderada* no qual vivia seu dia a dia.

A *loucura total* de seus vinte anos tinha sido causada por um chefe, na firma imobiliária de Cincinnati, chamada Frank Mitchell Fine Homes e Estates. Seu chefe era Frank Mitchell, Jr., um homem bem vestido, com o rosto de uma truta inteligente. Ele insistia que o trabalho dela era abaixo do padrão, que seus colegas a detestavam, e a única forma dela continuar na firma seria se ele continuasse encobrindo-a. O que ele faria caso ela dormisse com ele. Holly não queria dormir com Frank Mitchell, Jr. E ela não queria perder o trabalho. Se perdesse o trabalho, poderia perder seu apartamento, e ter de voltar a morar com seu pai senhor certinho e mãe controladora. Ela finalmente resolvera o conflito chegando mais cedo um dia e destruindo o escritório de Frank Mitchell, Jr. Fora encontrada em seu prório cubículo, enrodilhada em um canto. As pontas de seus dedos estavam ensanguentadas. Ela as tinha mastigado como um animal tentando escapar de uma armadilha.

A causa de sua primeira loucura total, fora Mike Sturdevant. Fora ele a cunhar o maldoso apelido de Jibba-Jibba.

Naqueles dias, como novata no colegial, Holly não queria nada mais do que passar despercebida, de lugar a lugar, com os livros abraçados sobre seus recém-nascidos seios e os cabelos emoldurando seu rosto cheio de espinhas. Mas mesmo então ela tinha problemas que eram muito maiores do que acne. Problemas de ansiedade. Problemas de depressão. Problemas de insônia.

Pior de tudo, *stimming*.

Stimming era o termo para auto-estimulação, que soava como masturbação, mas não era. Era movimento compulsivo, geralmente acompanhado de fragmentos de diálogos auto-direcionados. Morder as próprias unhas e mordiscar o próprio lábio eram formas brandas de *stimming*. *Stimmers* mais extravagantes acenavam as mãos, e batiam no peito e rosto, ou faziam movimentos circulares com os braços, como se erguendo pesos invisíveis.

Desde os oito anos, as crises de Holly consistiam em passar os braços em volta dos ombros e tremer toda, murmurando para si própria, com muitas caretas faciais. Isto durava cinco ou dez segundos, e então ela simplesmente continuava com o que estava fazendo antes... ler, costurar, atirar em cestas na estrada com o

pai. Ela mal tomava conhecimento do que fazia, a menos que sua mãe visse e lhe dissesse para parar de tremer e fazer caretas, pois as pessoas ficariam assustadas.

Mike Sturdevant era um dos machos de comportamento atrofiado que viam o colégio como a melhor época de suas vidas. Ele era um veterano, e - muito como Cam Knowles - um garoto de aparência divina: ombros largos, quadris estreitos, pernas longas, e cabelos tão louros que formavam um tipo de halo. Ele estava no time de futebol (é claro) e saía com a mais popular das líderes de torcida (é claro). Ele vivia em um nível totalmente diferente da hierarquia colegial de Holly Gibney, e sob circunstâncias normais, ela jamais teria atraído sua atenção. Mas ele a notou, porque um dia, em seu caminho para o refeitório, ela teve um de seus episódios de *stimming*.

Mike Sturdevant e alguns de seus amigos do time de futebol estavam por acaso passando naquele momento. Eles pararam para encará-la - esta garota que abraçava-se sozinha, tremendo, e fazendo uma careta que fazia a boca cair e tornava os olhos pequenas frestas. Uma série de pequenos sons inarticulados - talvez palavras, talvez não - saíam por entre seus dentes cerrados.

O que você está tagarelando? - Mike lhe perguntara.

Holly relaxou o aperto nos ombros, encarando-o em franca surpresa. Ela não sabia o que ele estava dizendo; só que ele estava-a encarando. Todos os amigos estavam encarando-a. E rindo.

Ela olhou para ele.

− O que?

− Tagarelando! - Mike gritou. - Jibba-jibba-tagarela!

Os outros repetiram enquanto ela corria em direção à cafeteria, de cabeça baixa, trombando nas pessoas enquanto passava. Daquele momento em diante, Holly Gibney ficou conhecida pelo corpo estudantil do Colégio de Walnut Hills como Jibba-Jibba, e assim continuou até o recesso de natal. Foi quando sua mãe a encontrou nua, enrodilhada na banheira, dizendo que jamais voltaria a Walnut Hills de novo. Se a mãe tentasse forçá-la, ela disse, ela se mataria.

E lá estava! Loucura total.

Quando ela melhorou (um pouco), foi para uma escola diferente, onde as coisas foram menos estressantes (um pouquinho menos). Não precisou voltar a ver Mike Sturdevant de novo, mas ainda tinha sonhos nos quais corria por um corredor infinito do colégio - às vezes vestindo somente roupas de baixo - enquanto as pessoas riam dela, e chamavam-na Jibba-Jibba.

Ela pensa naqueles queridos dias de colégio enquanto ela e Jerome seguem o zelador chefe pelos corredores de salas abaixo do Auditório Mingo. Era como seria a aparência de Brady Hartsfield, ela decide, como Mike Sutrdevant, só que careca. O que ela esperava que Mike estivesse atualmente, onde quer que ele estivesse. Careca... gordo... diabético... afligido por uma esposa enervante e filhos

ingratos...

Jibba-Jibba, ela pensa.

Eu vou dar-lhe o troco, ela pensa.

Gallison os leva através do setor de carpintaria e figurinos, passa por um amontoado de vestiários, então descem um corredor largo o bastante para transportar cenários completos desmontados. O corredor terminava em um elevador de carga com as portas mantidas abertas. Música pop feliz bombava lá em cima. A música atual é sobre amor e dança. Nada com o que Holly possa se identificar.

− É melhor não ir pelo elevador. - Gallison diz, - ele vai para os fundos do palco e não dá para chegar ao auditório por lá sem passar pela banda. Ouça, aquele cara está mesmo tendo um ataque cardíaco? Vocês são mesmo policiais? Vocês não parecem policiais. - Ele olha para Jerome. - Você é jovem demais. - Então para Holly, sua expressão ainda mais duvidosa. - E você é...

− Esquisita demais? - Holly completa.

− Eu não ia dizer isto. - talvez não, mas era o que ele estava pensando. Holly sabe; uma garota que certa vez fora chamada de Jibba-Jibba, sempre sabe.

− Estou chamando a polícia, - Gallison diz. - Os verdadeiros policiais. E se isto for alguma espécie de brincadeira...

− Faça o que precisar, - Jerome diz, pensando Por que não? Deixe-o chamar a Guarda Nacional se quiser. Isto vai acabar, de um jeito ou de outro, nos próximos minutos. Jerome sabe, e ele pode ver que Holly também sabe. A arma que Hodges lhe deu estava em seu bolso. Parecia pesada e estranhamente quente. Além do rifle de ar comprimido que tivera aos nove ou dez anos (presente de aniversário que ganhou, contra a vontade da mãe), ele nunca portara uma arma antes, e esta parecia viva.

Holly aponta para o elevador.

− E aquela porta? - E quando Gallison não responde de imediato: - Nos ajude. Por favor. Talvez não sejamos policiais de verdade, talvez tenha razão sobre isto, mas há realmente um homem muito perigoso na platéia esta noite.

Ela respira profundamente e diz palavras que mal pode acreditar, mesmo que saiba que são verdadeiras.

− Senhor, somos tudo o que o senhor tem.

Gallison repensa, então diz.

− As escadas os levarão ao Auditório Esquerdo. É uma longa distância. No topo, há duas portas. A da esquerda vai para fora. A da direita abre para o auditório, perto do palco. Aquela distância, a música vai estourar os seus tímpanos.

Tocando o punho da arma em seu bolso, Jerome pergunta,

− E exatamente onde é a seção de deficientes?

38

Brady conhece *mesmo* ela. Ele *conhece*.

De início, ele não entende, é como uma palavra que trava na ponta da língua. Então, quando a banda começa uma música qualquer sobre amor na pista de dança, ele percebe. A casa na Alameda Teaberry, onde o garotinho de estimação de Hodges vive com a família, um ninho de negros com nomes brancos. Exceto pelo cachorro. O nome dele é Odell, um nome negro com certeza, e Brady quisera matá-lo... só que acabara matando sua mãe.

Brady lembra do dia em que o negrinho viera correndo até o caminhão do Sr. Saboroso, e seus tornozelos ainda estavam verdes da grama cortada do ex-policial gordo. E a irmã gritando, *Me compra um de chocolate! Por favooooor?*

O nome da irmã é Barbara, e lá está ela, grande como a vida e duas vezes mais feia. Ela está sentada duas fileiras acima, à direita com as amigas e uma mulher que deve ser mãe dela. Jerome não estava com elas, e Brady estava selvagemente feliz por isto. Que Jerome vivesse, tudo bem.

Mas sem a irmã.

Ou a mãe.

Deixe-o sentir como é.

Ainda olhando para Barbara Robinson, seu dedo paira abaixo da foto de Frankie e pousa sobre a chave seletor da Coisa Dois. Ele acaricia-o através do tecido fino da camiseta, do mesmo jeito que lhe era permitido - em poucas afortunadas ocasiões - acariciar os mamilos da mãe. No palco, o cantor principal do 'Round Here faz um espacate que deve ter lhe esmagado as bolas (supondo que ele tenha alguma) naqueles jeans apertados que ele veste, então pula de pé e se aproxima da beira do palco. Garotas gritam. Garotas estendem a mão para tocá-lo, as mãos acenando, as unhas - pintadas nas cores do arco-iris - brilhando sob a iluminação.

Ei, vocês gostam de parque de diversões? – Cam grita.

Elas gritam que gostam.

Gostam de festivais?

Elas gritam que *amam* festivais.

Já foram beijadas no meio do caminho?

Os gritos são completamente delirantes agora. A audiência está de pé de novo, as luzes dançantes mais uma vez percorrendo a multidão. Brady não consegue mais ver a banda, mas não importa. Ele já sabe o que está por vir, porque estava lá na área de descarga.

Baixando a voz para um murmúrio íntimo e amplificado, Cam Knowles diz,

- Bem, vocês vão receber este beijo esta noite.

Música de parque de diversões começa... um sintetizador Korg programado para tocar música calliope. O palco é subitamente banhado em um rodopio de luz: laranja, azul, vermelho, verde, amarelo. Há um suspiro de surpresa quando a cenografia do caminho começa a descer. Ambos, o carrossel e a roda gigante já estão girando.

ESTE É O NOME DA MÚSICA TÍTULO DE NOSSO NOVO ÁLBUM, E NÓS REALMENTE ESPERAMOS QUE GOSTEM! Cam berra, e os outros instrumentos se erguem em torno do synth.

- *O deserto chora em todas as direções*, - Cam Knowles entoa. - *Como a eternidade, você é minha infecção.* - Para Brady ele parecia Jim Morrison após uma lobotomia prefrontal. Então ele grita em júbilo: - *O que é a minha cura, pessoal?*

A audiência sabe, e ruge as palavras enquanto a banda continua a total vapor.

BABY, BABY, VOCÊ TEM O AMOR QUE EU PRECISO... VOCÊ E EU, COMBINAMOS DIREITINHO... ISSO NUNCA ME ACONTECEU ANTES...

Brady sorri. É o sorriso beatífico de um homem perturbado que, até que enfim, se encontra em paz. Ele olha para baixo, para o brilho amarelado da luz de funcionamento, se perguntando se viveria tempo suficiente para vê-la se tornar verde. Então ele olha de volta para a negrinha, que está em pé, batendo palma e rebolando o rabo.

Olhe para mim, ele pensa. Olhe para mim, Barbara. Eu quero ser a última coisa que você vê.

39

Barbara desvia o olhar das maravilhas do palco tempo suficiente para ver se o homem careca na cadeira de roda estava se divertindo tanto quanto ela. Ele tinha se tornado, por razões que ela não compreendia, *o seu* homem da cadeira de rodas. Porque ele lhe lembrava alguém? Certamente não podia ser isto, podia? A única pessoa deficiente que conhecia era Dustin Stevens, da escola, e ele ainda estava no segundo ano. Ainda assim, havia *algo* familiar no deficiente homem careca.

Esta noite toda estava sendo como um sonho, e o que via agora parecia um sonho também. De início, pensa que o homem na cadeira de rodas está acenando para ela, mas não. Ele está sorrindo... e ele está lhe dando o dedo do meio. De início ela não pode acreditar, mas era isto mesmo.

Há uma mulher se aproximando dele, e atrás dela... talvez isto tudo fosse mesmo um sonho, porque parecia...

- Jerome? - Barbara puxa a manga da blusa de Tanya para tirar sua atenção do palco. - Mãe, aquele ali não é...

Então tudo aconteceu.

40

O primeiro pensamento de Holly é que Jerome podia ter ido na frente no final das contas, porque o homem careca e de óculos na cadeira de rodas não estava, pelo menos não naquele momento, nem mesmo olhando para o palco. Ele estava virado para o lado e encarava alguém na seção central, e pareceu a ela que aquele filho da puta estava realmente mandando alguém se foder com o dedo. Mas era tarde demais para trocar de lugar com Jerome, mesmo que fosse ele quem estivesse com o revólver. O homem tinha a mão embaixo da fotografia emoldurada em seu colo e ela temia terrivelmente que ele estivesse a ponto de detonar, só restavam alguns segundos.

Pelo menos ele está no setor de deficientes, ela pensa.

Ela não tem um plano, o máximo de planejamento que Holly costuma fazer é qual tipo de lanche podia preparar para assistir a certo filme, mas daquela vez, sua mente problemática está clara, e quando ela alcança o homem que eles procuravam, as palavras que saem de sua boca parecem exatamente corretas. *Divinamente* correta. Ela tem de se curvar para gritar e ser ouvida acima da batida amplificada da banda e dos gritos delirantes das garotas da audiência.

- *Mike? Mike Sturdevant, é você?*

Brady é retirado de sua contemplação de Barbara Robinson, surpreso, e enquanto o faz, Holly gira a meia amarrada que Bill Hodges tinha lhe dado – o Happy Slapper dele – com força potencializada pela adrenalina. Ele descreve um arco curto e forte e se conecta à cabeça careca de Brady bem acima da têmpora. Ela não consegue ouvir o som que faz, acima da cacofonia combinada entre banda e fãs, mas vê uma seção do crânio, pequena como uma xícara de chá, afundar. As mãos dele se erguem, a que estava escondida, esbarra na foto de Frankie derrubando-a ao chão, onde o vidro se quebra. Seus olhos estão meio que olhando para ela, só que agora estavam revirados nas órbitas, de forma que só apareciam as metades inferiores das íris.

Perto de Brady, a garota das próteses encara Holly, chocada. Assim como Barbara Robinson. Ninguém mais prestava atenção. Estavam em pé, aplaudindo e dançando e cantando junto.

EU QUERO TE AMAR DO MEU JEITO... VAMOS VIAJAR PELA RODOVIA QUE LEVA À PRAIA...

A boca de Brady se abre e fecha, como a boca de um peixe que acabou de ser tirado de um rio.

SERÁ UM NOVO DIA... EU LHE DAREI BEIJOS NO MEIO DO CAMINHO!

Jerome pousa uma mão sobre o ombro de Holly e grita para ser ouvido.

- *Holly! O que é aquilo sob a camiseta dele?*

Ela o escuta... ele está tão perto que ela consegue sentir o hálito quente em sua bochecha a cada palavra - mas é como uma daquelas transmissões de rádio

sintonizadas tarde da noite, algum DJ ou gritador gospel do outro lado do país.

- Toma um presente da Jibba-Jibba, Mike, - ela diz, e o golpeia de novo, exatamente no mesmo lugar, só que mais forte, aprofundando o buraco no crânio. A pele fina se abre e o sangue jorra, primeiro em jatos, e então em uma cascata, inundando o pescoço abaixo até colorir sua camiseta azul do 'Round Here em um roxo lamacento. Desta vez a cabeça de Brady se vira totalmente até o ombro direito e ele começa a tremer e remexer os pés. Ela pensa, Como um cão que sonha em caçar coelhos.

Antes de Holly poder bater nele de novo... e ela realmente queria fazê-lo... Jerome agarra sua mão e a gira para ele.

- Ele se foi, Holly! Ele se foi! O que está fazendo?

- Terapia, - ela diz, e então a força some de suas pernas. Ela senta no chão. Seus dedos relaxam na extremidade do nó do Happy Slapper, e ele cai ao lado de um sapato.

No palco, a banda continua a tocar.

Uma mão agarra o seu braço.

− Jerome? *Jerome*!

Ele se volta de Holly, e da figura caída de Brady Hartsfield para ver sua irmãzinha, seus olhos arregalados de incredulidade. Sua mãe está logo atrás dela. Em seu atual estado hiperagitado, Jerome não se surpreende, mas ao mesmo tempo, sabe que o perigo não acabou.

− O que você fez? - uma garota grita. - O que você fez com ele?

Jerome olha para o outro lado e vê uma garota - sentada em uma cadeira de rodas - estender a mão para Hartsfield. Jerome grita,

− *Holly! Não a deixe fazer isto!*

Holly pula em pé, tropeça, e quase cai em cima de Brady. Com certeza teria sido a última queda de sua vida, mas ela consegue recuperar o equilíbrio e agarra as mãos da cadeirante. Mal havia forças nela, e ela sente uma momentânea pena. Ela se curva e grita para ser ouvida.

− *Não toque nele! Ele tem uma bomba, e eu acho que está armada!*

A cadeirante se afasta. Talvez tenha entendido; talvez ela só estivesse com medo de Holly, que parecia ainda mais selvagem do que o usual.

Os tremores e convulsões de Brady se intensificam. Holly não gosta daquilo, pois ela pode ver algo, uma tênue luzinha amarela, sob a camiseta dele. Amarelo significa problemas.

− Jerome? - Tanya diz. - O que está fazendo aqui?

Um ajudante se aproxima.

- Desobstruam o corredor! - ele grita mais alto que a música. - Precisam liberar o caminho, pessoal!

Jerome agarra os ombros da mãe. Ele a puxa para si até colarem suas testas.

− Vocês precisam sair daqui, Mãe. Pegue as garota e saiam. Agora. Leve o ajudante com você. Diga que sua filha está enjoada. Por favor, não faça perguntas.

Ela o olha nos olhos e não faz perguntas.

− Mãe? - Barbara começa. - O que... - o resto se perde no som da banda e no acompanhamento da platéia que canta em coro. Tanya pega Barbara pelo braço e se aproxima do ajudante. Ao mesmo tempo ela gesticula para que Hilda, Dinah e Betsy venham até ela.

Jerome se volta para Holly. Ela se curva sobre Brady, que continua a ter espasmos, enquanto a tempestade cerebral explode dentro de sua cabeça. Seus pés sapateiam, como se, mesmo inconsciente, ele realmente estivesse curtindo aquela batida gostosa do 'Round Here. Suas mãos voavam inutilmente em volta, e quando uma delas se aproxima da tênue luzinha amarela sob a camiseta. Jerome

a rebate como o defesa de um jogo de futebol em um lance certeiro.

− Eu quero sair daqui. - a cadeirante geme – estou com medo.

Jerome concordava... ele também queria sair dali, e ele estava morto de medo - mas por ora, ela precisava ficar onde estava. Brady estava bloqueando a saída, e eles não se arriscariam a movê-lo. Não ainda.

Holly sai à frente de Jerome, como geralmente ela saía

. - Você tem de ficar quieta agora, querida, - ela diz à cadeirante. - Acalme-se e aproveite o show. - Ela pensa no quão mais simples seria se ela tivesse conseguido matá-lo ao invés de só despachar seu cérebro de demente para o Peru. Ela se pergunta se Jerome atiraria em Hartsfield se ela lhe pedisse. Provavelmente não. Que pena. Com todo aquele barulho, era provável que ninguém ouvisse.

− Está louca? - a garota cadeirante pergunta, espantada.

− As pessoas vivem me perguntando isto, - Holly diz, e – muito cautelosamente – começa a erguer a camiseta de Brady. - Segure as mãos dele. - diz a Jerome.

− E se eu não conseguir.

− Então atire no filho da puta.

A audiência superlotada está de pé, dançando e aplaudindo. As bolas de praia estão voando de novo. Jerome dá um rápido olhar para trás e vê sua mãe levando as garotas para a saída, o ajudante acompanhava-as. Ganhamos uma, ele pensa, então volta ao trabalho que tem em mãos. Ele agarra as mãos inquietas de Brady e as segura juntos. Os pulsos estão escorregadios de suor. É como segurar um par de peixes que se debatem.

− Eu não sei o que está fazendo, mas seja rápida. - ele grita para Holly.

A luz amarela vem de um dispositivo plástico que parece um controle remoto de TV modificado. Ao invés de números de botões de canais, há uma chave seletora branca, do tipo que controla a luz em um cômodo. Está na posição central. Há um cabo saindo do dispositivo. Ele segue para baixo da bunda do homem.

Brady solta um grunhido e subitamente há um cheiro ácido. Ele esvaziara a bexiga. Holly olha para a bolsa da sonda em seu colo, mas não parece estar conectada a nada. Ela a segura e a estende à garota cadeirante.

− Segura isto.

− Eca, é mijo, - a cadeirante diz, e então: - Não é mijo. Há algo aqui dentro. Parece areia.

− Solte isto. - Jerome tem de gritar para ser ouvido acima da música. - Coloque no chão. Gentilmente. - e diz para Holly – Vai logo com isto!

Holly está estudando a luzinha amarela. E a pequena protuberância branca da chave seletora. Ela podia empurrá-lo para a frente ou para trás e não ousava fazer nem um, nem outro, porque não sabia qual posição era ligado e qual era

desligado.

Ela ergue a Coisa Dois de seu lugar de descanso, sobre o estômago de Brady. É como pegar uma serpente cheia de veneno, e lhe exige toda a coragem.

− Segure as mãos dele, Jerome, só segure as mãos dele.

− Ele está escorregadio, - Jerome geme.

Nós já sabíamos disto, Holly pensa. Um filho da puta escorregadio. Um filho da puta escorregadio.

Ela vira o dispositivo, ordenando às mãos para não tremerem e tentando não pensar nas quatro mil pessoas que não fazem nem ideia de que suas vidas estão nas mãos da pobre perturbada Holly Gibney. Ela olha para a tampa da pilha. Então, prendendo a respiração, ela desliza-a e larga no chão.

Dentro, há duas pilhas AA. Holly engancha uma unha na beirada de uma delas e pensa, Deus, se o Senhor está aí, por favor, faça isto funcionar. Por um momento ela não consegue mover o dedo. Então, uma das mãos de Brady se liberta do aperto de Jerome e lhe dá um tapa na lateral da cabeça.

Holly se sobressalta e a pilha que ela cutuca, sai do compartimento. Ela espera que o mundo exploda, e quando não explode, ela vira novamente o controle remoto. A luz amarela tinha se apagado. Holly começa a chorar. Ela agarra o cabo mestre e o puxa da Coisa Dois.

− Pode soltá-lo ag... - ela começa, mas Jerome já tinha soltado. Ele a abraçava tão forte que ela mal podia respirar. Holly não se importava. Ela devolve o abraço.

A platéia está aplaudindo selvagemente.

− Eles acham que estão aplaudindo a música, mas eles na verdade, estão aplaudindo a gente, - ela consegue suspirar no ouvido de Jerome. - Eles apenas não sabem ainda. Agora me solte, Jerome. Está abraçando muito forte. Me solte antes que eu desmaie.

42

Hodges ainda está sentado no caixote da área de armazenamento, e não está sozinho. Há um elefante sentado sobre seu peito. Algo está acontecendo. Ou o mundo está se acabando para ele, ou ele está se acabando para o mundo. Ele acha que é o último. É como se estivesse dentro de uma câmera, e a câmera estivesse voltando em um daquelas cenas de trás para a frente. O mundo estava brilhante como nunca, mas ficando menor, e havia um círculo crescente de escuridão em volta dele.

Ele se segura com toda a força de sua vontade, esperando por uma explosão ou por explosão nenhuma.

Um dos roadies se curva sobre ele e lhe pergunta se está bem.

Seus lábios estão ficando azuis, - o roadie lhe informa. Hodges o afasta com um aceno. Ele precisa ouvir.

Música e aplausos e gritos felizes. Nada mais. Pelo menos não ainda.

Segure-se, ele diz a si mesmo. Segure-se.

- O que? - o roadie pergunta, se curvando de novo. - O que?

- Eu tenho de me aguentar, - Hodges suspira, mas agora ele mal consegue sussurrar. O mundo tinha encolhido até o tamanho de uma moeda brilhante de um dólar. Então tudo fica embotado, não porque ele perde a consciência, mas porque alguém está vindo em sua direção. É Janey, caminhando de forma lenta e ondulante. Ela está usando o chapéu fedora inclinado de forma sexy sobre um olho. Hodges se lembra do que ela dissera quando ele perguntara-lhe como podia ter tanta sorte de acabar em sua cama: eu não me arrependo... podemos deixar assim?

É, ele pensa. *É*. Ele fecha os olhos, e cai do caixote como Humpty[40] caindo do muro.

O roadie o agarra mas só consegue suavizar a queda, não impedi-la. Os outros roadie se juntam.

- Quem sabe Primeiros Socorros? - pergunta o que segurou Hodges.

Um roadie com um longo rabo de cavalo grisalho dá um passo a frente. Ele usa uma camiseta desbotada de Judas Coyne, e seus olhos estão vermelhos brilhantes. - Eu conheço, cara, mas tô muito louco.

- Tente mesmo assim.

O roadie de rabo de cavalo cai de joelhos.

- Eu acho que este cara está com o pé na cova, - ele diz, mas se põe ao trabalho.

Lá em cima, 'Round Here começa uma nova música, para os gritos e suspiros de suas admiradoras femininas. Estas garotas se lembrarão desta noite pelo resto de suas vidas. A música. A excitação. As bolas de praia voando sobre a

multidão que dançava. Elas lerão sobre a explosão que fora evitada nos jornais, mas para os jovens, tragédias que não acontecem não passam de sonhos.

As lembranças: elas são a realidade.

43

Hodges acorda em um quarto de hospital, surpreso ao ver que ainda estava vivo, mas nem um pouco surpreso ao ver seu antigo parceiro sentado na cadeira ao lado da sua cama. Seu primeiro pensamento é que Pete - de olhos fundos, precisando se barbear, o colarinho da camisa erguido quase a ponto de furar sua garganta - parece pior do que Hodges se sentia. Seu segundo pensamento é Jerome e Holly.

− Eles conseguiram? - ele murmura. Sua garganta está seca até os ossos. As máquinas que o cercam começam a emitir bips e resmungos. Ele se deita de costas de novo, mas seus olhos não desviam do rosto de Pete Huntley. - Eles conseguiram?

− Eles conseguiram, - Pete diz. - A mulher diz que seu nome é Holly Gibney, mas eu acho que ela é Xena, a Princesa Guerreira. Aquele cara, o criminoso...

− O maufeitor, - Hodges diz. - Ele chama a si mesmo de maufeitor.

− Neste momento ele não chama a si mesmo de nada, e os médicos dizem que seus dias de pensar provavelmente acabaram para sempre. Gibney acabou com ele. Ele está em coma profundo. Função cerebral mínima. Quando você se recuperar, pode visitá-lo. Ele está a três portas daqui.

− Onde estou? Em County?

− Na UTI do Kiner.

− Onde estão Jerome e Holly?

− No centro da cidade. Respondendo a uma caralhada de perguntas. Enquanto isto, a mãe da Xena está andando em círculos e ameaçando liberar sua própria sanha assassina, se não pararmos de incomodar sua filha.

Um enfermeira se aproxima e diz a Pete que ele deve sair. Ela diz algo sobre os sinais vitais do Sr. Hodges e ordens médicas. Hodges ergue a mão para ela, embora com muito esforço.

− Jerome é menor de idade e Holly tem... problemas. É tudo culpa minha, Pete.

− Oh, nós sabemos disto. - Pete diz. - Sim, sabemos mesmo. Isto dá todo um novo significado à palavra desaposentar. O que, em nome de Deus você achou que estava fazendo, Billy?

− O melhor que eu pude, - ele diz, e fecha os olhos.

Ele flutua. Pensa em todas aquelas vozes juvenis, cantando junto com a banda. Eles foram para casa. Eles estão bem. Ele se apega àquele pensamento até que o sono o afoga.

A PROCLAMAÇÃO

ESCRITÓRIO DO PREFEITO

Considerando que, Holly Rachel Gibney e Jerome Peter Robinson descobriram um plano para cometer um ato de Terrorismo no Auditório Mingo adjacente ao Complexo de Cultura e Arte do Meio-Oeste; e

Considerando que, ao perceber que se informassem à Equipe de Segurança do MAC poderiam levar o dito Terrorista a detonar seu dispositivo explosivo de grande poder, dito dispositivo explosivo acompanhado por muitos quilos de rolamentos de esferas, correram ao Auditório Mingo; e

Considerando que eles confrontaram o dito Terrorista pessoalmente, correndo grande risco; e

Considerando que eles subjugaram o dito Terrorista e evitaram grandes perdas de vidas e ferimentos; e

Considerando que prestaram a este Município e um grande serviço heróico.

Portanto, Eu, Richard M. Tewky, Prefeito, agora condecoro Holly Rachel Gibney e Jerome Peter Robinson com a Medalha de Serviço, a mais alta honraria deste Município, e proclamo que todos os Serviço Municipais devem ser isentos de cobrança a eles pelo período de 10 (dez) anos; e

Portanto, reconhecendo que alguns atos estão acima de qualquer recompensa, agora agradecemos a eles do fundo de nossos corações.

Em função da verdade,

Registro minha assinatura e

O selo da cidade

Richard M. Tewky

Prefeito.

MERCEDES AZUL

1

Em um dia quente e ensolarado no final de Outubro de 2010, um Mercedes sedan estaciona em uma vaga vazia no Parque McGinnis, onde Brady Hartsfield, não muito tempo atrás, vendia sorvetes nos jogos da liga juvenil. Ele estaciona ao lado de um pequeno Prius. O Mercedes, antes cinzento, tinha sido pintado de azul bebê, e um segundo round de reformas tinha removido um longo risco da lataria, ao lado do motorista, feito quando Jerome dirigiu para a área de carga nos fundos do Auditório Mingo, sem que o portão estivesse totalmente aberto.

Holly está ao volante hoje. Ela parece dez anos mais jovem. Seu cabelo - antigamente longo, grisalho e desalinhado – era agora uma massa brilhante preta, cortesia de uma visita a um Salão de Beleza Classe A, recomendado a ela por Tanya Robinson. Ela acena para o dono do Prius, que está sentado em uma mesa na área de piquenique, não muito distante das quadras de jogos.

Jerome sai do Mercedes, abre o porta-malas, e pega um cesto de piquenique.

− Jesus Cristo, Holly, - ele diz. - O que trouxe aqui? O jantar de Ação de Graças?

− Eu queria ter certeza de que haveria suficiente para todo mundo.

− Sabe que ele está de dieta, não sabe?

− Você não está. - ela diz. - Você está em fase de crescimento. Além disto, há uma garrafa de champanha, então vê se não deixa cair.

Do bolso, Holly tira uma caixa de Nicorette e joga um pedaço em sua boca.

− E como está indo isto? - Jerome pergunta enquanto eles caminham pelo declive.

− Eu chego lá, - ela diz. - As sessões de hipnose funcionam mais que os chicletes.

− E se o cara lhe disser que você é uma galinha e a fizer sair cacarejando pelo consultório dele?

− Em primeiro lugar, meu terapeuta é uma mulher. Segundo, ela não faria isto.

− Como você sabe? - Jerome diz. - Você estaria, tipo, hipnotizada.

− Você é um idiota, Jerome. Só um idiota iria querer vir de ônibus com toda esta comida.

− Graças à proclamação, não pagamos passagem. Eu gosto de coisas gratuitas.

Hodges, ainda usando o terno que vestira naquela manhã (embora a gravata ainda estivesse em seu bolso), vem ao encontro deles, movendo-se devagar. Ele não pode sentir o marcapasso tiquetaqueando em seu peito - lhe disseram que eram bem pequenos atualmente - mas ele o sente ali, fazendo seu trabalho. Às vezes, ele o imagina, e no olhar de sua mente, sempre parece uma versão menor do dispositivo de Hartsfield. Só que este supostamente pararia uma explosão ao

invés de causar uma.

− Crianças, - ele diz. Holly não é criança, mas ela é quase duas décadas mais jovem que ele, e para Hodges aquilo quase a tornava uma. Ele tenta pegar a cesta de piquenique, mas Jerome a afasta.

− Nada disto, - ele diz. - Eu carrego. Seu coração.

− Meu coração está bem, - Hodges diz, e de acordo com seu último checkup, isto é verdade, mas ele ainda não conseguia acreditar. Ele tinha ideia de que qualquer um que sofria um ataque das coronárias sentia-se do mesmo jeito.

− E parece bem mesmo, - Jerome diz.

− Sim. - Holly concorda. - Graças a Deus que comprou roupas novas. Você parecia um espantalho da última vez que o vi. Quando perdeu de peso?

− Quinze quilos, - Hodges diz, e o pensamento que seguiu, Eu queria que Janey pudesse me ver agora, envia uma pontada através de seu coração eletronicamente regulado.

− Chega de Vigilantes do Peso, - Jerome diz. - Hols trouxe champanha. Eu quero saber se temos um motivo para brindar. Como foi esta manhã?

− O DA não vai seguir com o processo. Retiraram todas as acusações. Billy Hodges está livre.

Holly se joga em seus braços e lhe dá um abraço. Hodges devolve o abraço e a beija no rosto. Com seu cabelo curto e o rosto totalmente revelado - pela primeira vez desde a infância, embora ele não saiba disto - ele consegue ver a semelhança entre ela e Janey. O que o machuca e ao mesmo tempo o faz sentir-se bem ao mesmo tempo.

Jerome ataca de Tyrone Feelgood Delight. - Sinhôzim Hodges, tá livre até que enfim! Livre por fim! Santo Deus todo Poderoso, está livre por fim!

− Pare de falar assim, Jerome, - Holly diz. - É infantil. - Ela pega a garrafa de champanha da cesta de piquenique, junto com três copos plásticos.

− O advogado do distrito me acompanhou até a câmara do Juíz Daniel Silver, um cara que ouviu meu testemunho muitas vezes em meus dias de policial. - Hodges diz. - Ele me deu um sermão de dez minutos e me disse que meu comportamento descuidado tinha posto milhares de vidas em risco.

Jerome estava indignado.

− Que ultraje! Você é a razão pela qual as pessoas ainda estão vivas.

− Não, - Hodges diz baixinho. - Você e Holly são esta razão.

− Se Hartsfield não tivesse lhe contatado em primeiro lugar, os tiras ainda não saberiam quem ele era. E todas aquelas pessoas estariam mortas.

Isto podia ser verdade, ou não, mas em sua própria mente, Hodges está bem com o desenlace das coisas no Mingo. O que ele não estava ok, e nunca estaria, é Janey. Silver o acusara de desempenhar um papel decisivo na morte dela, e ele acha que pode ser verdade. Mas ele não tinha dúvidas de que Hartsfield teria matado mais gente, se não no show, no Dia da Carreira no Embassy Suites, ou

em outro lugar. Ele tinha pego gosto pela coisa. Então há uma difícil equação aqui: a vida de Janey em troca da vida de todos aqueles outros hipotéticos. E se tivesse sido o show naquela realidade alternativa (mas bem possível), duas das vítimas teriam sido a mãe de Jerome e sua irmã.

− Qual foi sua resposta? - Holly pergunta. - O que você respondeu a ele?

− Nada. Quando o levam para o pau de arara, a melhor coisa a fazer é esperar pelo açoite de boca calada.

− Foi por isto que não ganhou uma medalha como nós, não foi? - ela pergunta. - E porque não estava na proclamação. Aqueles merdas estavam punindo-o.

− Acho que sim, - Hodges diz, embora não achasse que fosse uma punição. A última coisa que queria no mundo, era ter uma medalha no pescoço ou ter a chave da cidade. Ele fora um policial por quarenta anos. Aquilo era a chave da cidade.

− Que pena, - Jerome diz. - Você não poder pegar ônibus de graça.

− Como estão as coisas na Avenida Lake, Holly? Assentando?

− Melhores, - Holly diz. Ela está soltando a rolha da garrafa de champanha com a delicadeza de um cirurgião. - Estou dormindo a noite toda de novo. Também estou passando em consulta com a Dra. Leibowitz duas vezes por semana. Ela está sendo de grande ajuda.

− E como vão as coisas com sua mãe? - Isto, ele sabe, é um assunto delicado, mas sente que deve abordar, só desta vez. - Ela ainda a liga cinco vezes por dia, lhe implorando para voltar para Cincinnati?

− Ela diminuiu para duas vezes por dia, - Holly diz. - Assim que acorda, um pouco antes de dormir. Ela está solitária. E eu acho que teme mais por si mesma do que por mim. É difícil mudar de vida quando se é velho.

Nem me diga, Hodges pensa.

− Este é um conceito muito importante, Holly.

− A Dra. Leibowitz diz que hábitos são difíceis de serem mudados. É difícil para mim desistir de fumar, e é difícil para minha Mãe aprender a viver sozinha. Também perceber que não tenho de ser aquela garota de quatorze anos encolhida na banheira pelo resto de minha vida.

Eles ficaram em silêncio por um tempo. Um corvo voa baixo pelo campo de beisebol e crocita alegremente.

A ruptura de Holly com sua mãe foi possível por causa do testamento de Janelle Patterson. O grosso de suas posses - que Janey tinha herdado de outra vítima de Brady Hartsfield - passou para o Tio Henry Sirois e a tia Charlotte Gibney, mas Janey também deixara meio milhão de dólares a Holly. Estava em um fundo de investimentos administrado pelo Sr. George Schron, o advogado que Janey tinha herdado de Olivia. Hodges não fazia ideia de quando Janey tinha feito. Ou porque tinha feito. Ele não acreditava em premonições, mas...

Mas.

Charlotte tinha se oposto totalmente a mudança de Holly, alegando que sua flha não estava pronta para viver sozinha. Dado que Holly tinha quase cinquenta anos, era o mesmo que dizer que ela jamais estaria. Holly acreditava que estava, e com a ajuda de Hodges, ela tinha convencido Schron que ficaria bem.

Ser a heroína que tinha sido entrevistada pelas maiores redes de TV sem dúvida tinha ajudado com Schron. Mas não ajudara com a mãe; de certa forma, era o status de Holly como heroina que desacreditava ainda mais a senhora. Charlotte jamais aceitaria completamente a ideia de que sua filha precariamente equilibrada tinha desempenhado papel fundamental (talvez o papel principal) na prevenção de um massacre em massa de inocentes.

Pelos termos do testamento de Janey, o apartamento condomínio com a fabulosa vista para o lago seria dividido igualitariamente entre Tia Charlotte e Tio Henry. Quando Holly perguntara se podia viver lá, pelo menos no início, Charlotte tinha recusado terminantemente. Seu irmão não conseguiu convencê-la a mudar de ideia. Fora Holly que conseguira aquilo, dizendo que queria ficar na cidade, e que se sua mãe não lhe desse o apartamento, ela encontraria um em Lowtown.

− Na pior parte de Lowtown, - ela dissera. - Onde comprarei tudo a dinheiro vivo, os quais exibirei ostensivamente.

Aquilo funcionara.

O tempo de Holly na cidade - o primeiro período extenso que ela passava longe da mãe - não fora fácil, mas sua psiquiatra lhe dera bastante apoio, e Hodges a visitava frequentemente. Mais importante que tudo, Jerome a visitava frequentemente, e Holly era uma convidada ainda mais frequente na casa dos Robinson na Alameda Teaberry. Hodges acreditava que era onde a verdadeira cura acontecia, não no divã da Dra. Leibowitz. Barbara tinha passado a chamá-la de Tia Holly.

− E você, Bill? - Jerome pergunta. - Algum plano?

− Bem, - ele diz, sorrindo, - Me ofereceram um emprego no Serviço Guarda Vigilante, que tal?

Holly bate palmas e pula para cima e para baixo no banco de piquenique como se fosse uma criança.

− Vai aceitar?

− Não posso, - Hodges diz.

− Coração? - Jerome pergunta.

− Não. Você tem de ser registrado, e o Juíz Silver me disse que minhas chances de ser registrado e as chances dos Judeus e Palestinos se unirem para construir a primeira estação espacial religiosa unificada são mais ou menos iguais. Meus sonhos de conseguir uma licença como investigador particular são igualmente improváveis. No entanto, um fiador que conheço há anos me

ofereceu um emprego em tempo parcial como agente de cobrança e para este eu não preciso de registro. Posso fazer de casa, pelo computador.

− Eu podia ajudá-lo, - Holly diz. - Com a parte do computador, digo. Não quero realmente rastrear ninguém. Uma só vez foi suficiente.

− E Hartsfield? - Jerome diz. - Alguma novidade, ou tá na mesma?

− Na mesma, - Hodges diz.

− Não me importa, - Holly diz. Ela soava desafiante, mas pela primeira vez desde que chegara ao McGinnis Park, ela mordiscava os lábios. - Eu faria novamente. - Ela fecha os punhos. - De novo e de novo e de novo!

Hodges segura um daqueles punhos o acaricia até ela relaxar e abri-los, Jerome faz o mesmo com o outro.

− É claro que faria, - Hodges diz. - Por isto o prefeito lhe deu uma medalha.

− Sem contar com as viagens gratuitas de ônibus e entrata franca no museu, - Jerome completa.

Ela relaxa, pouco a pouco. - Porque eu andaria de ônibus, Jerome? Eu tenho um monte de dinheiro investido, e o Mercedes da Prima Olivia. É um carro maravilhoso. E de tão baixa quilometragem!

− Sem fantasmas? - Hodges pergunta. Ele não está brincando sobre isto; está honestamente curioso.

Por um longo tempo ela não responde, só olha para o grande sedan alemão estacionado ao lado do pequeno japonês de Hodges. Por fim ela para de mordiscar os lábios.

− Havia fantasmas no início, - ela diz, - e eu pensei que ia vendê-lo. Em vez disto eu o pintei. Foi minha ideia, não da Dra. Leibowitz. - Ela olha para eles, cheia de orgulho. - Eu nem pedi a ela.

− E agora? - Jerome ainda segurava sua mão. Ele passara a amar Holly, mesmo ela sendo difícil como era. Ambos passaram a amá-la.

− Azul é a cor do esquecimento, - ela diz. - Eu li uma vez em um poema. - ela se interrompe. - Bill, porque está chorando? Está pensando na Janey?

Sim. Não. Ambos.

− Estou chorando porque estamos aqui, - ele diz. - Em um lindo dia de outono que parece verão.

− A Dra. Leibowitz diz que chorar é bom, - Holly diz em tom objetivo. - Ela diz que lágrimas lavam as emoções.

− Ela pode estar certa sobre isto. - Hodges está pensando em como Janey vestira seu chapéu. Como ela lhe dava o ângulo perfeito. - Agora nós vamos beber um pouco de champanha ou não?

Jerome segura a garrafa enquanto Holly serve. Eles brindam.

− A nós, - Hodges diz.

Eles repetem. E bebem.

2

Em uma noite chuvosa de Novembro de 2011, uma enfermeira segue apressada pelo corredor da Clínica de Traumatismos e Danos Cerebrais da Região dos Lagos, um anexo do Memorial John M. Kiner, o principal hospital da cidade. Há meia dúzia de casos de caridade no TBI, inclusive um infame... embora sua infâmia já tenha começado a ser esquecida com o passar do tempo.

A enfermeira teme que o neurologista chefe da clínica já tenha partido, mas ele ainda está na sala dos médicos, trabalhando em prontuários médicos.

− Melhor me acompanhar, Dr. Babineu, - ela diz. - É o Sr. Hartsfield. Ele acordou. - Aquilo o fez erguer os olhos, mas o que a enfermeira diz em seguida o faz levantar-se apressadamente. - Ele falou comigo.

− Depois de dezessete meses? Extraordinário. Tem certeza?

A enfermeira está corada de excitação.

− Sim, doutor, absolutamente.

− O que ele disse?

− Ele diz que está com dor de cabeça. E chamou pela mãe.

14 de Setembro de 2013.

Notas

1. Conga-line: Pessoas em fila única executando a dança conga, dança surgida em Cuba e popularizada nos Estados Unidos nas décadas de 40 e 50. (Fonte: Wikipedia)

2. Faixa de pano para carregar os bebês amarrados junto ao corpo da mãe. (N. T.)

3. "Tramp Stamp" é um termo pejorativo que se refere à tatuagens que mulheres fazem no cóccix. Pejorativamente chamadas de selo de vadias, denotando que as mulheres que as fazem são promíscuas. (N. T.)

4. A palavra original usada é "perk", como forma aliterada de "perp". Perp significa perpetrador de um crime, Perk signfica "privilégio". Por conta da forma que o Sr. Mercedes utiliza esta palavra de forma errônea repetidas vezes ao longo do livro, o Det. Hodges chega a algumas deduções relevantes. Para a tradução, resolvi usar a alteração de maufeitor/malfeitor, já que perk/perp ficaria intraduzível. (N.T.)

5. Turnpike: pedágio (N.T.)

6. Desafortunado, por ter o primeiro nome "Kermit", que é o nome original do sapo Caco, personagem do programa Os Muppets, apaixonado pela porquinha Miss Piggy. Daí o kermit+frog(sapo)19. (N. T.)

7. Alusão as palavras picture e pitcher que, em inglês soam quase iguais, mas são escritas de forma diferente, significando coisas diferentes. Assim como perk/perp. (N. T.)

8. Cereais matinais em formato de pequenas argolas. (N. T.)

9. Naturólogo americano, famoso na década de 60, que propunha dietas naturais. (N. T.)

10. Famoso jogador de futebol americano. Indicado ao Hall da Fama do Futebol em 1971. (N. T.)

11. Trocadilho do nome do jogador com a palavra Titties (tetinhas) (N. T)

12. Abreviação de District Attorney: Promotora pública (N.T.)

13. An heir and a spare: quando na realeza a coroa vai (geralmente) ao filho mais velho, o herdeiro; o reserva seria o irmão, a próxima criança que ascenderá ao trono se algo acontecer ao herdeiro principal. (N. T.)

14. Padrão argyle é um padrão de xadrez escocês, formado por losangos. (N. T)

15. Kunta Kinte é o personagem central do romance "Raízes: A Saga de uma Família Americana" escrita pelo autor norte-americano Alex Haley, e que virou uma minissérie de televisão, baseada no livro, chamada Raízes. (Fonte: Wikipedia)

16. Em computação, phishing, termo oriundo do inglês (fishing) que quer dizer pesca, é uma forma de fraude eletrônica, caracterizada por tentativas de adquirir

dados pessoais de diversos tipos; senhas, dados financeiros como número de cartões de crédito e outros dados pessoais. O ato consiste em um fraudador se fazer passar por uma pessoa ou empresa confiável enviando uma comunicação eletrônica oficial. Isto ocorre de várias maneiras, principalmente por email, mensagem instantânea, SMS, dentre outros. Como o nome propõe (Phishing), é uma tentativa de um fraudador tentar "pescar" informações pessoais de usuários desavisados ou inexperientes. (Fonte: Wikipedia)

17. "Meu ódio será tua herança", é um western estadunidense de 1969, dirigido por Sam Peckinpah e estrelado por William Holden, Ernest Borgnine e Robert Ryan, entre outros. (Fonte: Wikipedia)

18. Blue box foi um equipamento desenvolvido por John Draper que gerava tons nas frequências necessárias para comunicar-se com a central telefônica e controlar o destino das ligações sem depositar moedas. O equipamento conseguia isto fazendo o operador pensar que o usuário havia desligado, e então passando a emular tons de operador. O dispositivo logo tornou-se popular entre os nerds da Califórnia. Sua utilização aumentou consideravelmente na década de 1970. (Fonte: Wikipedia

19. Philip Marlowe é um personagem de ficção criado pelo escritor Raymond Chandler para protagonizar um série de histórias de detetive. Marlowe é beberrão, tem uma atitude contemplativa e filosófica. Ele gosta de xadrez e poesia. O detetive não teme riscos físicos nem de usar violência quando necessário. Moralmente correto, ele encontra em suas aventuras várias "mulheres fatais" (femme fatale) como Carmen Sternwood de The Big Sleep. (Fonte: Wikipedia)

20. HAL 9000 (Heuristically programmed ALgorithmic computer, ou Computador Algorítmico Heuristicamente Programado em tradução livre) é um personagem ficcional da série Odisséia Espacial, de Arthur C. Clarke, e foi imortalizado pela adaptação cinematográfica feita por Stanley Kubrick do primeiro volume da mesma, 2001: A Space Odyssey, de (1968). (Fonte: Wikipedia)

21. Na história The Red Headed League (A liga dos cabeças-vermelhas), Sherlock Holmes toma ciência da impressionante história da Liga e faz algumas pesquisas iniciais. De volta à Rua Baker, ele precisa de tempo para pensar, muito profundamente sobre o mistério e diz a Watson, "É problema o bastante para três cachimbos, e eu peço para que não fale comigo por cinquenta minutos." Em outras palavras, ele precisa do tempo que leva para fumar três cachimbos para resolver o mistério. (N. T.)

22. O pot-limit é um tipo de poker popular na Europa e nos jogos online. É muito semelhante ao pôquer no-limit. A aposta mínima é estruturada como no pôquer com limite e a aposta máxima é a quantia de dinheiro no pote. Muitos jogam o pot-limit porque acham as versões no-limit e pot-limit muito divertidas, mas acham que o pot-limit é menos perigoso do que o no-limit. É fato que se aposta menos dinheiro, uma vez que os jogadores não podem extrapolar o valor do

pote. Por isso, se quiser um jogo um pouco menos arriscado do que o NL, o pot-limit é a melhor opção. (N. T.)

23. Lee Boyd Malvo (mais conhecido como John Lee Malvo ou Malik Malvo; Kingston, Jamaica, 18 de fevereiro de 1985) é um assassino jamaicano-americano condenado que, junto com John Allen Muhammad, cometeu assassinatos em conexões com os ataques de franco-atiradores em Beltway na Área Metropolitana de Washington, durante um período de três semanas, em outubro de 2002. (Fonte: Wikipedia)

24. "ships passing in the night": expressão que geralmente se refere a duas pessoas que se encontram por um curto espaço de tempo, trocam algumas palavras, depois seguem seus caminhos separados, sem voltar a se encontrar novamente. (N. T.)

25. Be On the LOokout = estar à procura, estar alerta (N. T.)

26. religioso muçulmano (N. T.)

27. Termo rude para se referir a paquistaneses ou seus descendentes. (N. T.)

28. Expressão significa "ao invés de flores", geralmente usada em obituários para indicar que a famíia do falecido sugere que ao invés de flores, os que comparecerem façam doações do dinheiro que seria gasto com elas para instituições de caridade, dando um fim mais nobre ao dinheiro. (N. T.)

29. Sneeze: espirro + bagel: um tipo de pão. É engraçado, pois soa como "pão de ranho". (N. T.)

30. Nome do drink que se obtém da mistura de vodka com suco de laranja. (N. T.)

31. Menção ao ator Humphrey Bogart que interpretou diversos detetives no cinema. (N. T.)

32. Junção de cremation = cremação + remains = restos. (N. T.)

33. The Blues Brothers (Os Irmãos Cara-de-Pau) é um filme estadunidense do ano de 1980 do gênero comédia musical, dirigido por John Landis. Estrela o filme a dupla John Belushi e Dan Aykroyd, famosos comediantes do programa de TV "Saturday Night Live" e que depois fariam carreira de sucesso no cinema. Nos quadros musicais muitas canções R&B e soul, interpretadas por grandes nomes: James Brown, Cab Calloway, Aretha Franklin, Ray Charles e John Lee Hooker. Adicionalmente apresenta a banda "The Blues Brothers", com performances musicais dos dois comediantes e que continuou a se apresentar após o filme, variando os membros e apesar da morte de John Belushi, dois anos depois do lançamento nos cinemas. (Fonte: Wikipedia)

34. Ela e seu irmão, Richard Carpenter, formaram a dupla The Carpenters. Karen sofria de anorexia nervosa e faleceu aos 32 anos em função das complicações decorrentes dessa doença. Ela é lembrada por muitos artistas como uma das melhores cantoras de todos os tempos. Madonna e K.D. Lang, entre outros, citaram-na como influência musical. (Fonte: Wikipedia)

35. Transtorno Obsessivo Compulsivo. (N. T.)

36. Nome pelos quais são conhecidos skinheads australianos, que referencia os coturnos que muitos usam; também o nome de um filme de 1992 sobre a cultura skinhead australiana e sua força destruidora (no Brasil, Skinheads - A força Branca) (N. T.)

37. Trecho da música Every breath you take, da banda The Police. (N. T.)

38. Até o Limite da Honra, filme de 1997. (N. T.)

39. Roadie (do Inglês, Road, estrada, + a terminação diminutiva ie): assistente de palco, termo com origem da sua função principal que era estar sempre nas estradas, durantes as grandes turnês de músicos norte-americanos, que viajam grandes distâncias em caravanas de ônibus leito. Atualmente, os roadies são indispensáveis em concertos e turnês pelo mundo inteiro e são quem executam toda parte pré-produção de um show, preparando inclusive o palco para o concerto. (fonte: Wikipedia)

40. Humpty Dumpty é um personagem de uma rima enigmática infantil, melhor conhecido no mundo anglófono pela versão de Mamãe Gansa na Inglaterra. Ele é retratado como um ovo antropomórfico, com rosto, braços e pernas. Este personagem aparece em muitas obras literárias, como Alice Através do Espelho de Lewis Carroll, e também nas histórias em quadrinhos, como na revista Fábulas da Vertigo/DC Comics. (Fonte: Wikipedia)

NOTA DO AUTOR

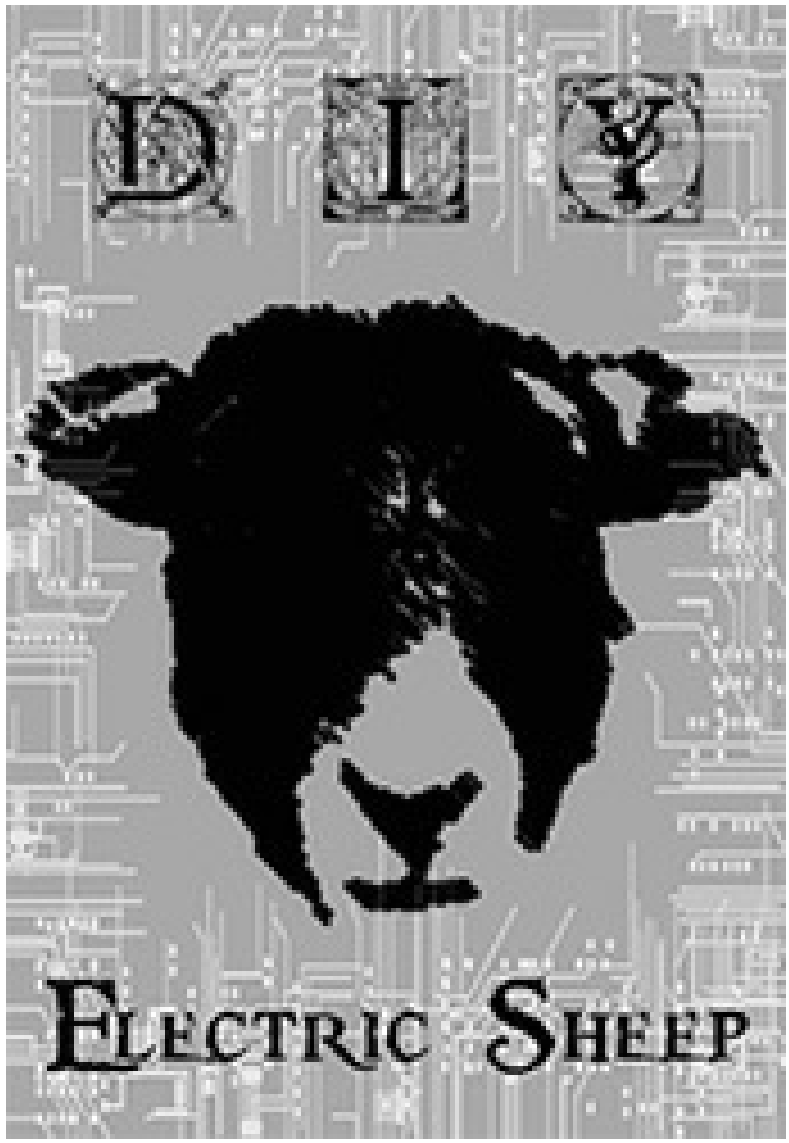
Embora existam mesmo coisas como o "roubo de sinal" (como os de PKE), seria impossível fazê-lo com qualquer um dos carros mencionados no livro, incluindo os Mercedes-Benz SL500 fabricados antes da era de chaves eletrônicas, os SL500s, como todos os Benzes, são carros de alta-performance com características de segurança também de alta performance.

Agradeço a Russ Dorr e Dave Higgins, que me deram assistência na pesquisa. Também a minha esposa, Tabitha, que sabe mais sobre celulares do que eu, e a meu filho, o escritor Joe Hill, que me ajudou a resolver alguns problemas que Tabby identificou. Pelas partes que acertei, agradeço à minha equipe de assistentes. Pelo que errei, culpem minha incapacidade de compreensão.

Nan Graham da Scribner fez seu habitual impecável trabalho de edição, e meu filho Owen executou uma valiosa segunda revisão. Meu agente, Chuck Verril, é um fã dos Yankees, mas eu o adoro mesmo assim.

Prestigiem o autor: leu o ebook e gostou da história? Compre a obra quando for lançada no Brasil.

Tradução e revisão inicial:



D.I.Y. - Electric Sheep
Feita de fãs, para fãs!

Indice

MERCEDES CINZENTO
DET./REF.
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
SOB O GUARDA-CHUVA AZUL DA DEBBIE
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14

15
16
17
18
19
20
ISCA ENVENENADA
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
VOZES DOS MORTOS
1
2
3

4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
BEIJOS NO MEIO DO CAMINHO
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12

13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
A PROCLAMAÇÃO
ESCRITÓRIO DO PREFEITO
MERCEDES AZUL
1
2
Notas